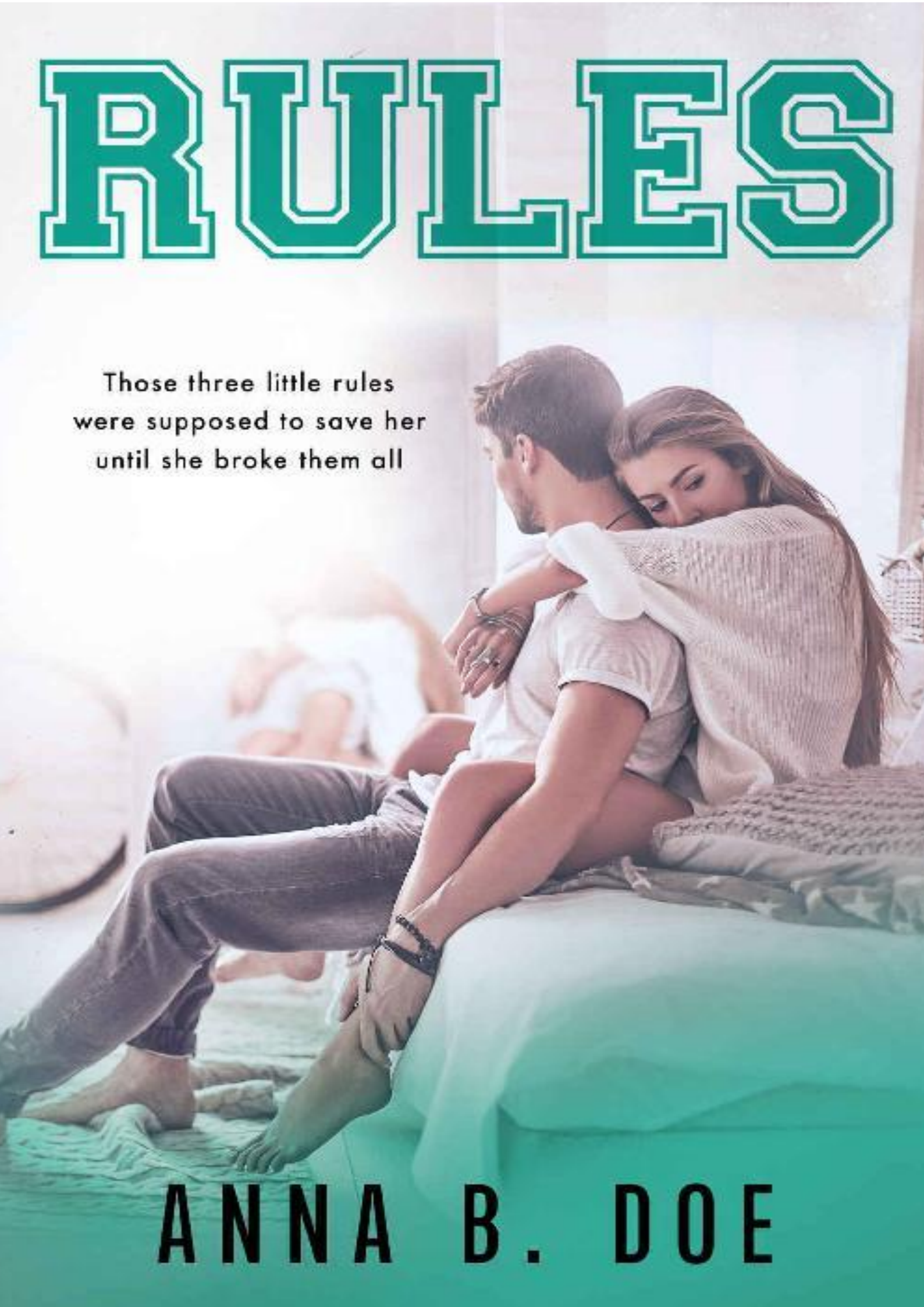
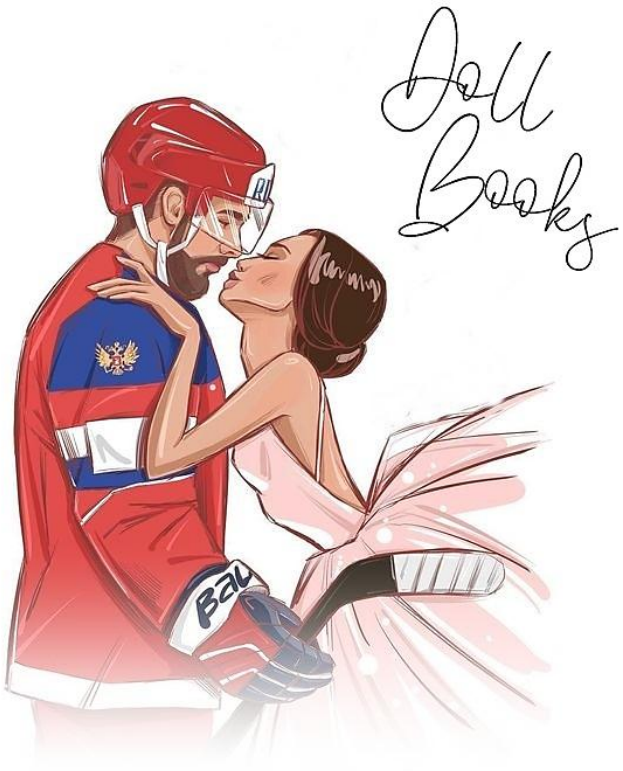
RULES



Those three little rules
were supposed to save her
until she broke them all

ANNA B. DOE



TRADUÇÃO: VANESSA

REVISÃO INICIAL: PRI

REVISÃO FINAL: ANA CLAUDIA

LEITURA FINAL: JESSICA

CONFERENCIA: IRIS

FORMATAÇÃO: IRIS

RULES

ANNA B. DOE

Playlist

Lady Gaga – Million Reasons

Lady Gaga – Till It Happens To You

James Arthur – Safe Inside

James Arthur – Heroes

Bandit Heart – Don't Let Me Go

Demi Lovato – Sorry Not Sorry

Sam Smith – Too Good At Goodbyes

Shawn Mendes – Bad Reputation

Rascal Flatts – Here Comes Goodbye

Plumb – Don't Deserve You

Celine Dion – Fade Away

Pink & Chris Stapleton - Love Me Anyway

Jillian Jacqueline - Hate Me

Lauren Daigle – You Say

Lauren Daigle – Rescue

Faouzia - Bad Dream

I Am They - Scars

RULES

ANNA B. DOE

RULES
ANNA B. DOE

Somos feitos de todos aqueles que nos construíram e nos quebraram.

— Atticus Poetry, Love Her Wild

RULES

ANNA B. DOE



ANNA B. DOE

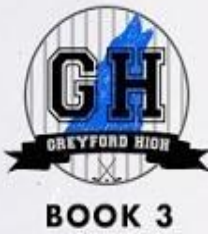
RULES

ANNA B. DOE

Para meus leitores.
Sou grata por cada um de vocês.
Seu amor e apoio significam o mundo para mim, e eu não estaria aqui sem vocês.
Este livro é para vocês!

RULES

ANNA B. DOE



BOOK 3

RULES

ANNA B. DOE

Último ano.
Três meninas. Três caras.
Verdade e consequência.
Confiança quebrada e corações despedaçados.
Inocência perdida e novas experiências.
Mais um ano antes de fugir.
Mais um ano para salvá-la.
A contagem regressiva começa.

Quando Maximillian Sanders se mudou para Greyford, ele tinha três objetivos: consertar o relacionamento quebrado com sua irmã, mantê-la segura e entrar em uma faculdade da divisão um, jogando hóquei. Lá, ele conhece a garota que quebra seu coração e vira seu mundo de cabeça para baixo, e é sua melhor amiga que ajuda a juntar as peças.

Brook Taylor aprendeu da maneira mais difícil que, para sobreviver a esse mundo feio, ela precisava viver de acordo com suas próprias regras. Então ela conhece Max e, pela primeira vez, é tentada a quebrá-las. Ele está fora dos limites, e ela tem um plano que não inclui um jogador de hóquei quente.

Ele diz que a quer, mas ela pode ver a verdade em seus olhos. Ela deveria ter apenas seguido suas regras e guardado seu coração.

Essas três pequenas regras deveriam salvá-la, até que ela quebrou todas.



BOOK 3

Nota da Autora

Querido leitor,

Bem-vindos de volta ao mundo de Greyford High! Estou muito feliz em compartilhar esse romance final com você. Escrever este livro me levou ao inferno emocional e mental, mas eu amo essa história.

Dito isto, eu queria destacar algumas coisas antes que Brook e Max o levem na jornada que é Rules. E quando digo Rules, quero dizer realmente regras, porque dizer que este livro é uma história de amor simplesmente não serve. Brook e Max, individualmente e juntos, são muito mais do que eu imaginava quando comecei a escrever esse mundo totalmente novo. E para você experimentá-lo adequadamente, precisará voltar ao início.

Originalmente, eu queria começar o Rules onde Habits - que é a história de Andrew e Jeanette - parou, mas logo percebi que, se eu fizer dessa maneira, não lhes farei justiça, e Brook e Max merecem que sua história seja contada completamente e sinceramente, sem esconder nada. É por isso que Rules está acontecendo paralelamente a Habits e, além disso, ocorre durante a maior parte do último ano do ensino médio. Era inevitável, já que Jeanette e Max não são apenas irmãos, mas também são gêmeos, e assim suas histórias se entrelaçam completamente. É por isso que haverá uma certa porcentagem deste livro que pode parecer algo que você leu. Provavelmente você leu Habits. Não pense que eles tomam a maior parte do livro - certamente não. E mesmo os capítulos recontados por Brook e/ou por Max têm sua própria voz pessoal, que você não ouviu ao ler Habits. Todas as partes deste livro foram cuidadosamente colocadas em uma determinada ordem para levá-lo a essa jornada que, espero, faça você sentir por

esses dois. Suas experiências passadas são o que faz de Brook e Max as pessoas que são, as pessoas que você conhece se leu os livros anteriores da série.

Eu também gostaria de salientar que este livro trata especificamente de alguns tópicos bastante pesados e, portanto, não é apropriado para pessoas com menos de 18 anos de idade.

Com isso dito, eu realmente espero que você goste desta história.

Com amor,

Anna

Prólogo

BROOK

Olhando pela janela a paisagem que passa, sinto a picada familiar nos meus olhos. Lágrimas quentes e quebradas enchem minhas pálpebras, mas eu não as deixo deslizar.

Inclinando a cabeça para trás, pisco furiosamente algumas vezes, determinada a mantê-las afastadas.

Não choro há anos. Nenhuma única lágrima. Mesmo quando estava no meu nível mais baixo, eu conseguia segurar. Manter minhas emoções sob controle tornou-se como apagar a luz. Um toque de um botão, era o suficiente para desligar meus sentimentos e empurrá-los para longe.

Até agora.

Engolindo o nó na garganta, fecho os olhos com força.

Por que elas não param?

Eu preciso que elas parem.

Eu fungo quando uma lágrima solitária desliza pela minha bochecha. Com raiva, a afasto, mas não adianta. O resto logo segue.

Puxando minhas pernas no assento, eu as abraço no meu peito. Eu inclino meu queixo nos joelhos e finalmente desisto.

Estou cansada. Tão cansada de sempre lutar contra demônios invisíveis. Contra mim mesma. Cansada de sempre ter que ser forte.

Eu não sou tão forte.

A força que mostro ao mundo é apenas uma ilusão. Bravura. É uma máscara que uso para me proteger das pessoas ao meu redor.

Eu não posso mais fazer isso. É muito.

Algumas coisas permanecem as mesmas, não importa de onde você vem. Como o fato de que toda história tem dois lados. E o único que importa é o escrito pelos vencedores. As cidades são como histórias. Divididas ao meio, e só existe uma metade que importa. E essa metade não é minha.

Acho que você já pode imaginar de que lado eu pertenço.

Eu sou a garota do lado errado das pistas.

Eu sou a garota inútil.

Lixo branco.

Eu sou tudo isso e muito mais.

Desde tenra idade, a vida me ensinou a rolar com os socos.

Como sobreviver sozinha.

Por que quando você vem de onde eu venho, essa é a única coisa que você pode fazer.

Sobreviver.

E eu fiquei boa nisso. Depois de um tempo, é isso.

Porque no começo eu tentei - esperava realmente - acreditar que a vida é justa.

Não é.

Que você poderia superar isso.

Você não pode.

Que as pessoas são boas e aqueles que estão mais próximos de você irão amá-la e protegê-la acima de tudo.

Eles não vão.

Que os contos de fadas existem e todo mundo acabará recebendo seus felizes para sempre.

Nós não vamos.

A vida é uma filha da puta traidora, e a esperança é apenas uma ilusão. E mais cedo ou mais tarde, a realidade a alcançará e mostrará como é realmente feia.

Algumas pessoas continuam esperando que os contos de fadas sejam reais.

Eu não.

Não mais.

Desde que me lembro, minha vida foi um maldito pesadelo. Eu tentei resistir, tentei me elevar acima, mas isso me derrubou no chão. Repetidamente. Roubando-me tudo o que eu considerava querido.

Tudo o que importava.

E eu não era ingênua o suficiente para acreditar que havia realmente uma saída.

Então, quando minha vida desmoronou, fiz a única coisa que sabia para me proteger. Eu construí as paredes, empurrando todo mundo para fora.

Um sinal de “Deixando Greyford” passa, e eu o vejo se misturar ao fundo, outro soluço saindo dos meus pulmões.

Eu criei as regras, três regras de ouro para me manter viva.

Três regras de ouro para *sobreviver*.

E então... então eu quebrei todas elas.

E agora, estou pagando o preço.

Capítulo Um

BROOK

31 DE OUTUBRO

— Bem, isso foi interessante. — Eu me inclino contra a parede ao lado de Jeanette em pé estoicamente em sua fantasia de Mulher Maravilha com uma garrafa de água na mão. Amelia tentou chamar ela para se juntar a nós na pista de dança em várias ocasiões, mas Jeanette não era divertida.

— Eu pensei que você o rasgaria de novo com certeza, — diz ela, nem mesmo olhando para mim, seu tom quase tão alegre como um coração sem batida.

— Qual seria o objetivo? — Eu aceno minha mão, tomando o último gole do meu drink cor-de-rosa. — Derek foi inflexível em acertar as coisas, e não importa o quanto Lia repita que o odeia, todos sabemos que ela está mentindo. Está machucada, e a última coisa que quero ver é o sofrimento dela mais do que já sofre. Além disso, todos sabemos que nada aconteceu.

Algumas semanas atrás, Lia descobriu que sua paixão eterna se tornou o melhor amigo de sua inimiga, nos últimos meses, um namorado que estava basicamente nu na varanda da frente beijando outra garota. Ferida além da crença, ela fugiu, sem lhe dar uma chance de explicar. Ela deveria ter? Não sou a melhor pessoa para responder a essa pergunta quando se trata de perdoar e esquecer, mas o que sei é que Derek está tentando. Tem tentado desde que ela fugiu e se fechou para todos.

— Você acha que ela o perdoará?

Eu olho para os dois em pé peito a peito na pista de dança. As faíscas voam entre eles enquanto empurram e puxam, seus lábios se movendo rapidamente.

— Eu acho que ela está pronta para ouvir. — Eu digo com um encolher de ombros.

Sim, Amelia é minha melhor amiga, mas nem eu sei o que está escondido nessa cabeça dura dela. Ela é uma daquelas pessoas raras que é genuinamente boa. Uma amiga carinhosa, com uma alma pura e inocente, compreensiva e perdoadora, mas ficou muito magoada com o que aconteceu.

— Eu só espero que uma vez que tome sua decisão, ela cumpra. — Meus olhos se voltam para o rosto de Jeanette, uma carranca profunda entre as sobrancelhas enquanto ela olha por cima do meu ombro. — Eu não quero ver mais ninguém se machucar.

Mesmo sabendo que não deveria, não posso evitar. Inclinando minha cabeça para o lado, olho por cima do ombro, meu olhar pousando nele.

Maximillian Sanders.

Pobre menino rico.

Quente jogador de hóquei.

Garoto quase ruim.

E o irmão gêmeo de Jeanette.

Meu estômago revira desconfortavelmente, me fazendo perceber que bebi muito mais do que estou acostumada a beber - o que é parte da razão pela qual estou aqui conversando sobre coisas aleatórias com

Jeanette, em vez de deixar a festa ou me esconder em algum canto escuro.

Mentirosa.

Essa é a história que estou contando de qualquer maneira.

Ele está parado nas sombras, as costas pressionadas contra a parede, os olhos colados ao casal balançando na pista de dança. Mesmo com a distância entre nós e as luzes fracas, noto sua mão apertada firmemente em torno da garrafa de cerveja que está segurando.

Sempre tentando ser o mocinho.

O herói.

Eu quero vomitar na ironia. O cara é um poser[1], se eu já vi um. Ele é cheio de contradições, a aparência e a maneira como age são tão diferentes que é difícil para mim envolver minha mente em torno dele. É difícil descobrir isso. *Para entendê-lo.*

A partir do momento em que meus olhos pousaram nele, eu não o aguentava mais. Isso não é dizer muito, já que não suporto muitas pessoas. Eu simplesmente não sou uma pessoa do povo. Gosto da minha solidão e silêncio. Sou uma observadora quieta. Sempre olhando, parada à margem, mas nunca realmente participando. E algo nele não se sente bem comigo.

Vestindo todo preto com sua jaqueta de couro, botas de motoqueiro e Ducati preta, você pensaria que ele é algum tipo de rebelde.

Um garoto mau.

Mas assim que ele abre a boca, surgem contradições. E o que ele fez esta noite prova isso.

[1] É alguém que finge ser o que não é, sem atitude.

Maximillian Sanders é como Lia.

Um cara legal, um bom amigo que coloca as outras pessoas em primeiro lugar sem pensar em si mesmo.

Ou simplesmente estúpido, porque o que ele fez hoje à noite não pode ser descrito de outra maneira.

Você pode pensar que sou dura, mas sou realista. Ninguém, e eu quero dizer ninguém, é tão bom. Tão altruísta. Incluindo Max.

Sua mandíbula aperta. A mão enrolada no gargalo da garrafa aperta com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos quando ele a leva aos lábios e dá um longo gole.

Observo sua garganta trabalhar enquanto engole, minha boca fica seca quando uma gota cai no canto de seus lábios e começa a deslizar para baixo, apenas para ser pega pelo golpe rápido de sua língua.

Forçando meu olhar para longe dele, eu me viro e olho para o que ele está assistindo. Lia e Derek, se beijando no meio da pista de dança como se suas vidas dependessem disso.

Algo feio envolve meu interior, deixando um gosto amargo na minha boca. Levanto o copo aos meus lábios, mas não há nada que possa lavar a acidez.

— Vou pegar mais. — Digo por cima do ombro, mas Jeanette não está lá. Ela já está caminhando em direção ao irmão.

MAX

— Você gosta dela. — O olhar atento da minha gêmea perfura dentro de mim. Mesmo se não tivéssemos essa conexão gêmea estúpida ou o que você quiser chamar, ela é tão irritante que é difícil ignorá-la.

— Eu faço. — Meus olhos não saem da pista de dança improvisada no meio da sala. Embora devessem, porque olhar para ela em seus braços é um tipo especial de tortura que gosto de me submeter. Se não por outra razão, então me lembrar que ela pertence a ele agora. Sempre pertenceu. — Mas não da maneira que você pensa.

— Certo. — Ela bufa, o que é deixa claro o suficiente que não acredite em mim. E ela não deveria, porque estou cheio de merda.

Eu dou de ombros, sem dizer nada. Realmente não me importo com o que ela pensa que sabe. O que alguém pensa que sabe. A única coisa que importa para mim é que ela é feliz, mesmo que seja com um cara que não sou eu.

Tomando um longo gole da garrafa de cerveja, deixo o zumbido se espalhar pelo meu corpo. Graças a Deus, Jeanette se ofereceu para ser nossa motorista pela noite, porque não sei se conseguiria sobreviver sem álcool.

Afinal, não é todo dia que um cara ajuda outro cara a conquistar a garota que ele gosta.

A primeira vez que conheci Amelia Campbell, foi como se eu tivesse conhecido um anjo. Havia algo ao seu redor. Eu realmente não sei, mas tudo que podia ver era luz, perfeição e inocência. Ela era tudo de bom e puro neste mundo, colocado em uma pessoa, e eu queria uma parte disso para mim. Queria tocá-la, estar perto dela, protegê-la.

No começo, era inocente, mas quanto mais eu a conhecia, mais gostava dela. E não importa quantas vezes disse a mim mesmo para esquecê-la e colocar distância entre nós antes que alguém - principalmente eu - se machucasse, simplesmente não conseguia.

E quando Derek estragou tudo, por uma fração de segundo, pensei em entrar, mas no final não consegui. Não porque eu não gostava dela, mas porque sabia que não importa o quanto ela gosta de mim, Amelia ainda ama Derek.

Mesmo quando ele está agindo como um idiota. Mesmo quando ele estragou tudo. Inferno, mesmo nos últimos dez anos, quando ele deixou seu amigo intimidá-la, ela ainda o amou.

Então, não importa o quanto isso me revoltou por dentro, eu fiz o que era certo para Amelia. Mesmo que isso significasse ajudar Derek a elaborar um plano para contar a verdade do que realmente aconteceu e recuperar sua namorada.

A garota dele, não a sua. Dele. Talvez se eu repetir essas palavras o suficiente, minha mente se recupere.

O flash de gengibre chama minha atenção, bem a tempo de ver Lia e Derek sair da sala.

A cerveja que acabei de engolir tem um gosto engraçado na garganta e sinto meu peito apertar dolorosamente.

— Max...

Jeanette chega para me tocar, mas eu me afasto. Jogando minha cabeça para trás, forço o que resta da cerveja. — Pense o que quiser. Vou encontrar algo para beber.

E é exatamente isso que eu faço. Afasto todos os pensamentos de Amelia e Derek da minha cabeça e me concentro na festa. Uno-me aos caras do time e atiramos na merda, falando de hóquei e meninas enquanto jogava beer pong.

Eu nem tenho certeza de quanto tempo passa ou quantas cervejas tomei, mas o mundo está girando e tenho certeza que estou vendo em dobro, mas estou me divertindo e aquela sensação desconfortável que

estava me assombrando antes se foi. Não há aperto no meu peito. Nada está me impedindo de respirar. Sem pensamentos sombrios passando pela minha mente.

Caras riem quando outra bola entra no meu copo. Pegando o copo de volta, sinto um pouco da cerveja escorregar pelo meu queixo. Abaixo o copo e o coloco de volta na mesa, limpando o queixo com as costas da mão. De alguma forma, no processo, eu perco o equilíbrio, e teria caído de bunda se não fosse por um dos meus companheiros de equipe atrás de mim.

— Você deve ir mais devagar, Sanders.

Balanço minha cabeça teimosamente. — Não, estou bem, cara. Eu só preciso ir no banheiro.

Aceno para ele quando se oferece para me ajudar e tropeço para fora da sala.

O corredor está mais silencioso, e a mudança repentina na luz escurece minha visão. Agarrando a parede para recuperar meu equilíbrio, fecho os olhos até que as manchas pretas desapareçam antes de continuar andando.

O banheiro do térreo está sempre cheio, então subo aos tropeços as escadas, onde sei que Drew não permite que as pessoas vaguem.

Parece uma eternidade antes de eu chegar ao topo. Abro todas as portas que passo até encontrar o banheiro.

Eu mijo e, enquanto lavo minhas mãos, olho para o meu reflexo no espelho. Há dois de mim, e meu eu bêbado acha engraçado porque começo a rir, o som quase frenético ecoando nos ladrilhos.

Embora seja o Dia das Bruxas, optei por um moletom com capuz Wolves e jeans escuro. Ajudar Derek com seu plano, não me deixou tempo para fazer compras de fantasias. Meu cabelo escuro está

despenteado, há um restolho claro cobrindo minha mandíbula. Minhas pupilas estão dilatadas, olhos vidrados com círculos escuros embaixo deles.

Basicamente, estou uma bagunça.

Jogando água no meu rosto, espero que me ajude a ficar sóbrio. Não sou eu quem dirige, mas sei que Jeanette vai me rasgar se ela me ver assim.

O mais apresentável possível no momento, saio, apenas para colidir com um corpo fora do banheiro.

A pessoa, muito menor que eu, tropeça no impacto. Eu tento evitar que ela caia, mas como estabelecemos anteriormente, meus reflexos são uma merda quando estou bêbado, então nós dois acabamos caindo no chão em uma confusão de membros.

— Uff...

— Me descul... — Eu tento me apoiar no meu antebraço, mas, ao mesmo tempo, ela tenta abaixar a mão para poder empurrar para cima. Nossas mãos se unem, me fazendo perder o equilíbrio e cair para a frente.

Eu pego um flash de cabelos loiros com pontas azuis e rosa. Maquiagem pesada e levemente borrada no rosto. Seus olhos se arregalam quando bato nela. Tento evitar o impacto, mas não adianta. Meu corpo cai sobre o dela, muito menor e mais macio, expulsando o ar de seus pulmões. Seus lábios se separam assim como os meus pousam nos dela.

Um toque.

Apenas um toque.

Isso é tudo.

Apenas um toque, mas não posso deixar de sentir como seus lábios são macios.

Faz muito tempo desde que eu beijei uma garota. Tanto tempo que eu esqueci como era bom.

Correndo minhas mãos sobre suas curvas suaves, sinto a seda de sua pele sob minhas palmas ásperas. Beijar aqueles lábios aveludados com perfume sexy e feminino me envolve.

A imagem de Lia entra no meu cérebro. Ela está beijando Derek agora? Mas assim que a pergunta se forma, eu a empurro para trás.

É tão fodido. Pensar em uma garota e ter outra nos meus braços. Errado em tantos níveis. Imperdoável. Especialmente porque a garota em que estou pensando não é alguém que eu possa ter. Não é alguém que possa pensar em ter. Porque ela nunca foi minha para começar.

Irritado e com raiva de mim mesmo, eu deslizo meus lábios nos dela.

Um castigo e uma distração.

Tentando.

Questionando.

Esses olhos grandes, de alguma forma familiares, ficam ainda mais arregalados, mas eu posso sentir seus lábios tremerem debaixo dos meus, e então eles retornam meu beijo.

Lentamente, tão assustadoramente devagar, ela esfrega a boca contra a minha e parece o céu. Eu gemo alto, o movimento suave é o único convite que preciso.

Minha língua desliza através de seus lábios entreabertos, encontrando a dela e roubando um gemido suave de algum lugar no fundo de sua garganta enquanto língua encontra língua.

Eu desembaraço minhas mãos das dela furiosamente. Colocando nas suas bochechas, minhas pálpebras se fecham. Inclino a cabeça para que minha língua possa deslizar mais fundo em sua boca.

Não há requinte em meu toque.

Apenas pura. Porra. Necessidade.

Suas mãos seguram meus quadris, me puxando para baixo enquanto ela arqueia, corpo encontrando corpo. Meu pau reage ao toque, ficando mais duro no meu jeans. Com cada impulso da minha língua em sua boca, ela arqueia em meu toque, nossas metades inferiores se juntando enquanto jeans esfrega contra jeans.

O beijo quebra quando a cabeça dela cai para trás, seus seios roçando no meu peito com uma forte inspiração.

Não desanimando nem um pouco, deixo minha boca arrastar por sua mandíbula e seu pescoço, lambendo e mordiscando sua carne macia. Mel e flores silvestres dominam meus sentidos enquanto eu escovo meu nariz na coluna de seu pescoço.

Suas mãos correm pelas minhas costas, sentindo meus músculos tensos sob seus dedos, sobre meus ombros e pescoço até que se enrosquem nos meus cabelos, me puxando para trás para outro beijo selvagem.

Línguas esmagadas juntas.

Dentes colidindo.

Bocas devorando.

Selvagem.

Livre.

Tudo consumindo.

O beijo dela me liberta e me aterra ao mesmo tempo.

Minha penitência e salvação, todas embrulhadas em uma menina pequena, eu nem tenho certeza de que sei quem é.

Suas unhas arranham minha pele, me fazendo assobiar quando minha virilha encontra a dela.

— Sim, exatamente assim... — Corro minhas mãos pelos lados dela, sentindo as curvas suaves. Agarrando os globos redondos de sua bunda, fricciono nossos quadris juntos, sentindo sua gostosura mesmo através das camadas que nos separam.

— M-mais...

Nossos movimentos são frenéticos quando tentamos sentir mais um do outro. Uma das minhas mãos desliza por baixo da blusa dela, tocando sua barriga macia, roçando a parte inferior do peito, sentindo seu peso na palma da mão antes de eu apertá-lo com firmeza.

Ela murmura algo incompreensível, suas mãos arranhando minhas costas. E é preciso tudo em mim para não arrancar nossas roupas e me perder em seu corpinho apertado.

— Puxa, Lia, você está me deixando louco...

Meus quadris continuam se apertando contra os dela, a mão soltando seu sutiã para que eu possa deslizar meus dedos sob o material e agarrar sua carne macia sem barreiras. Meus dedos apertam seu mamilo, o bico reagindo ao meu toque instantaneamente.

E então suas mãos empurram contra o meu peito.

— O que...

Eu tropeço para trás, caindo de bunda quando ela rapidamente balança de volta aos seus pés. Levo um momento para levantar a cabeça, porque minha mente está girando. Talvez seja o álcool ainda

correndo em minhas veias ou talvez seja porque aqueles beijos fervorosos me privaram de oxigênio por muito tempo.

Meus olhos estreitam quando tento ver claramente. A peruca loira está torta. O batom vermelho dela manchando a boca por causa dos nossos beijos. Sua boca pressionada em uma linha fina.

Desagrado? Raiva? Desistência?

Que porra se eu soubesse. Nem tenho certeza do que fiz de errado. Em um momento estávamos moendo um contra o outro e no próximo...

— Porra...

A realização do que fiz me atinge como um acidente de trem. Esfrego minha mão no rosto, tentando envolver minha cabeça em torno de como eu poderia ser tão estúpido em... não, apenas não.

De repente completamente sóbrio, me forço a levantar o olhar e realmente olhar para ela. Olhar para o *rosto* dela. Olhos que pareciam um tanto familiares apenas momentos atrás - um par de esmeraldas profundas e verdes em campo - são como um soco no meu estômago, me fazendo dobrar.

— B-Brook. — Eu gaguejo, olhando para ela, completamente estupefato. *Que diabos eu fiz?* — Eu estou...

Todo o seu corpo está tenso, o rosto duro enquanto ela olha para mim. Momentos atrás, estava derretendo em meus braços, e agora posso ver as paredes se fechando ao seu redor.

— Isso... — Ela mexe o dedo entre nós dois, uma expressão fria e séria no rosto. — nunca aconteceu.

Ela balança a cabeça por cima e, sem me dar uma chance de explicar, não que eu saiba o que dizer para deixar isso remotamente correto, se vira e se afasta.

Outro golpe frustrado no meu rosto deixa manchas vermelhas na ponta dos dedos. O batom dela. Minha mão forma um punho e, quando ela cai, eu me deixo socar o chão, aproveitando a picada que atravessa minha mão pelo impacto.

— Porra, apenas... porra!

Capítulo Dois

MAX

— Sanders. — Quando ouço meu nome ser chamado, levanto minha cabeça e encontro o reflexo do treinador no espelho. — Meu escritório. Agora.

Alguns dos caras me dão olhares cautelosos antes de voltarem aos seus representantes. Endireitando-me da estocada, solto os pesos das mãos e agarro minha toalha, limpando o rosto suado.

A temporada de hóquei está em pleno andamento agora, e o treinador está trabalhando duro conosco. Ginásio antes das aulas, tempo no gelo depois. Não que nos importemos. Todo mundo aqui sabe o que está em jogo, e se quisermos ir aos playoffs e jogar no Ice Globe Tournament, temos que estar da melhor forma possível.

Não tenho certeza do que o treinador quer de mim; não é que ele tenha o hábito de nos pedir para passar no escritório dele. Se ele pedir, é porque precisa de algo ou vai nos deixar um pouco de sua mente. E como tenho certeza de que não estraguei nada... acho que vou descobrir em breve.

Saindo da academia, eu ando pelo corredor e bato uma vez levemente em sua porta aberta. — Treinador?

— Feche a porta. — Diz secamente. — Sente.

Ele está passando alguns papéis na frente dele, mal me olhando. Um pouco nervoso, eu seco minhas mãos suadas contra meu short de nylon antes de entrar e fazer o que ele pediu.

Dobrando minha estrutura alta em uma das duas cadeiras em frente a ele, espero. Parece uma eternidade, o silêncio na sala quase ensurdecedor. Quando finalmente termina, ele olha através de outra pilha de papéis e coloca um na minha frente antes de se recostar na cadeira e cruzar os braços sobre o peito.

— Gostaria de explicar?

Engulo o nó na garganta antes que meus olhos caiam, olhando para o papel. As palavras estão embaçadas, as letras se misturam como sempre, mas até eu sei o que é isso.

— Treinador?

— Não me teste, Sanders! — Ele rosna. O treinador se inclina para frente, seus olhos perfurando os meus. Ele está furioso. — Por que um dos meus jogadores iniciantes está falhando não em uma, não em duas, mas em *três* de suas aulas?

Eu me encolho com suas palavras. Quero dizer, eu sabia que não era o melhor aluno, mas isso.... Não é de surpreender que ele esteja chateado.

— Eu não ouvi uma resposta!

— É só que... — Eu começo, mas realmente, o que há para dizer. Sou péssimo aluno? Meu cérebro gosta de misturar palavras para não entender nada do que leio, ou tento? Minha irmã está agindo de novo de maneira estranha, então eu realmente não posso pedir ajuda a ela, e é a única que entende como meu cérebro fodido funciona? A única que sabe como colocar alguma coisa nesse meu crânio grosso para que eu possa obter notas decentes o suficiente para passar.

Tudo isso é apenas um monte de desculpas que o treinador não comprará, então nem tento.

— Apenas o quê?

— Nada. — Eu balanço minha cabeça. — Farei melhor.

— Você está melhor. Está se destacando em matemática e física, mas suas notas de idioma e história são uma merda. Eu conversei com seus professores. Eles concordaram em fazer um teste na tarde de quarta-feira. Se você não passar...

— Eu vou passar. — Digo rapidamente, sem deixá-lo terminar a frase.

Nós dois sabemos o que está em jogo.

Não passar não é uma opção.

Sem notas. Sem hóquei. Sem campeonato. Não há jogo no próximo nível.

Um círculo vicioso faz a bile subir na minha garganta. Se eu pudesse jogar sem me preocupar com as notas. Mas a vida não funciona assim.

— Você está melhor. — Ele repete e me dá outro olhar severo. — Vou conversar com o orientador e conseguir um tutor ou...

— Isso não é necessário.

— Sanders... — Ele passa a mão pelos cabelos grisalhos.

— Eu estou bem, sério. Vou pedir ajuda à Janette. Foram apenas algumas semanas loucas e...

Olhos escuros focam nos meus por um tempo, até que ele finalmente cede.

— Espero que você saiba o que está fazendo.

Você e eu, treinador. Você e eu, ambos.

Então ele volta para seus papéis, me dispensando. — Leve sua bunda para a biblioteca. Vou dispensar você dos treinos para que possa estudar mais.

— Sim, treinador.

— Não me decepcione. — Sua voz rouca faz meu corpo inteiro ficar tenso.

Apenas o que eu precisava. Mais pressão. Como se meu futuro pendurado por um fio não fosse suficiente.

Capítulo Três

BROOK

— Isso parece impressionante, Brook. — O comentário repentino me surpreende, me fazendo pular na cadeira. A aula não começa por mais uma hora, então pensei em ter um pouco de paz e sossego.

Eu me viro, encarando a mulher mais velha. — Sra. Brown, você me assustou.

Seus lábios se abrem em um sorriso de desculpas, tornando as rugas ao redor de seus lábios e olhos mais proeminentes.

— Sinto muito, minha querida. Eu pensei que você me ouviu. Não fui tão quieta quando cheguei aqui.

Olhando por cima do ombro, vejo sua bolsa e um par de sacolas plásticas colocadas sobre a mesa.

— Acho que estava longe. — Dou de ombros, voltando para a tela em que estava trabalhando. Inclino minha cabeça para o lado, observando-a criticamente.

Passos suaves se aproximam e, embora eu queira esconder minha pintura para que ela não possa vê-la, supero o desejo.

A Sra. Brown para logo atrás de mim, suas mãos enrugadas tocando meus ombros. Meu corpo inteiro fica tenso com a proximidade dela, mas afasto a sensação desconfortável.

Escolhi essa aula porque parecia uma maneira fácil de obter créditos e sempre gostei de rabiscar para passar o tempo. Ao contrário

de minhas crenças, aprendi rápido o suficiente. A Sra. Brown pode parecer uma senhora velha e frágil, mas ela é tudo menos isso. Quando se trata de arte, ela tem uma política sem sentido. Se você está aqui, você está aqui para trabalhar.

E, como se vê, não sou tão ruim.

Não estou tentando me enganar, acreditando que poderia haver algo mais nas minhas habilidades. Não estou sonhando em ser descoberta e me tornar uma artista famosa.

Isso, minha arte e horas roubadas antes do início das aulas do dia, é algo que pertence apenas a mim. E quando você vem do lado errado das ruas, coisas que são apenas suas são difíceis de encontrar e ainda mais difíceis de manter, então você as mantém por uma vida preciosa.

A Sra. Brown me ajudou a transformar esses rabiscos em algo mais. Algo que nem eu posso negar parecer de tirar o fôlego.

De tirar o fôlego e pessoal.

Tão pessoal que ela é a única que eu deixo ver, e até isso com relutância. Acho que você não pode esconder o que está trabalhando se a pessoa permite que use o espaço e os materiais dela de graça. Sempre que você quiser, não menos. Ela está tentando me convencer a participar de competições, divulgar minha arte, mas minha resposta é sempre a mesma. De jeito nenhum. De jeito nenhum eu estou mostrando isso para mais alguém.

É pessoal.

É meu.

Vindo da parte mais profunda e mais escura de mim.

Uma parte que eu não deixo ninguém ver.

Vulnerável e nua, é assim que me sinto toda vez que ela assiste a um dos meus projetos.

Eu tentei separá-lo. Separando minha arte da minha experiência, da minha vida, mas quando pinto, meu cérebro se desliga e minha mão tem vontade própria. Não há como saber o que me espera uma vez que dou um passo para trás e realmente vejo a tela na minha frente.

— Isso é tão... — Ela para, e eu posso imaginar seus olhos cor de âmbar observando todas as linhas, todas as cores. Pesando. Analisando isso. — Angustiante.

Irritado é mais parecido.

— Essa é uma maneira de dizer. — eu concordo.

— Ele está apaixonado por ela?

Eu olho para a cena pintada na tela. A maneira como a tinta preta se mistura com diferentes tons de cinza e vermelho.

Um cara solitário à margem, sua postura rígida enquanto seus olhos ficam colados à garota parada no meio da sala. Ela está cercada por pessoas, pessoas sem rosto e sem nome, que não significam nada porque ele a está observando, mas ela não o vê. Nem sequer o olha.

Dou de ombros, sem me preocupar em dizer nada quando a tela está dando a resposta alta e clara.

— Está nos olhos dele. — Continua ela, ainda focada na pintura. — Oh, ser jovem e apaixonado.

Seu suspiro sonhador me faz uma carranca. — E isso é algo para suspirar? Ela partiu o coração dele.

Brook Taylor, sempre a realista.

— *Melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado.*

— Alfred Tennyson. — Reviro os olhos. — Romântico britânico. Perdão por não compartilhar seu entusiasmo.

A Sra. Brown olha para mim com olhos curiosos. — Você já se apaixonou, Brook?

— Não posso dizer que sim, senhora.

O amor é apenas um obstáculo. Isso o torna fraco e vulnerável. Você se abre para as pessoas verem, mesmo que seja apenas um vislumbre, e elas encontrarão pontos fracos para explorar. Pessoas machucam pessoas. E aqueles que estão mais próximos de você têm mais poder para fazê-lo.

Um pequeno sorriso ondula seus lábios quando ela olha para mim. Não sei o que ela acha tão engraçado, mas não ligo o suficiente para perguntar.

— Um dia você vai, e então entenderá. — A mão dela dá um aperto em meu ombro, olhos claros olhando nos meus. — O amor funciona de maneiras misteriosas, Brook. Alguns têm a sorte de encontrar seu amor eterno na primeira tentativa, mas o resto de nós precisa trabalhar para isso. Nos apaixonamos por pessoas diferentes, apenas para descobrir que elas não são certas para nós. Mas no momento eles estavam certos. Todo mundo que entra na sua vida está lá por uma razão. Todo mundo. Não esqueça disso. Pode tentar resistir, pode fugir, mas o amor a encontrará e fará com que você caia.

O silêncio se estende entre nós, suas palavras pairando no ar. Não tenho certeza de como passamos de citar um poeta para... o que quer que seja. Engulo em seco, tentando pensar em palavras para dizer, mas aparentemente ela está bem com o meu silêncio. Dando-me outro sorriso suave, ela dá um passo para trás, as mãos caindo ao lado do corpo.

— Eu vou me arrumar para a aula. Você não fique muito tempo.

Assentindo, eu a assisto ir embora, e somente quando tenho certeza que ela se foi volto meu olhar para a tela.

Quando comecei, eu não tinha uma forma de *arte* chamada. Simplesmente desenho o que me vem, principalmente com lápis e papel. Não é como se tivesse dinheiro extra para gastar em materiais de arte extravagantes, mas aqui a Sra. Brown me desafiou a experimentar técnicas diferentes, usar mídias diferentes.

Eu tentei de tudo - carvão, têmpera, óleo, tintas. Mas quando a Sra. Brown nos mostrou o trabalho da artista pop australiana Loui Jover, eu sabia o que queria fazer. Suas pinturas lavadas com tinta nas páginas antigas dos livros eram impressionantes. As cores misturadas com tinta nessas páginas parecem dar vida às palavras.

Dando cara a eles.

Dando-lhes emoções.

Levei um tempo para pegar o jeito. Você pensaria que algo tão básico seria simples; só que estaria errado. Mas todo o esforço valeu a pena.

Registro a conversa murmurada do outro lado da porta entreaberta. Suspirando, tiro a lona do cavalete e a levo para a sala dos fundos para que possa secar adequadamente. De volta à sala de aula, limpo minha mesa e pego minhas coisas. Ainda preciso devolver um livro à biblioteca antes do início da aula.

Os alunos estão se misturando no corredor. Há mais deles do que eu esperava, mas quando checo meu telefone - o dinossauro de um telefone flip - percebo que é muito tarde. Não é como se fosse a primeira vez ou a última que fiquei na sala de arte por muito mais tempo do que o esperado.

Suspirando, corro através da massa de pessoas, cabeça baixa, mãos enfiadas nos bolsos da minha jaqueta de couro enquanto avanço pelo corredor.

Quando chego à biblioteca, a porta grossa se fecha atrás de mim e o cheiro de livros assalta meus sentidos. Eu paro no meu caminho e inspiro o cheiro familiar, deixando-o tomar conta de mim.

A biblioteca sempre foi meu porto seguro. Desde tenra idade, eu entrava furtivamente, escondendo-me entre as prateleiras e tentava encontrar uma fuga entre as páginas dos livros. Não havia algo que eu não leria, ficção ou não ficção; contanto que pudesse mergulhar em mundos imaginários, estava feliz.

Afinal, não importava o quanto as coisas ficassem ruins nos livros, havia duas certezas: você teria um final feliz ou não, mas pelo menos sabia que não era real.

A vida real era diferente. Não havia certezas. Não há garantias de um feliz para sempre. E, na maioria das vezes, quando você acha que as coisas não podem piorar, está se enganando. A vida lhe dá um soco no estômago, apenas para lembrá-lo de quem é o chefe.

— Bom dia, senhora Moore. — Eu sussurro, aproximando-me do balcão.

— Brook. — Ela se vira, oferecendo-me um sorriso. — Veio para pegar mais livros para sua aula de arte?

A senhora Moore é uma mulher peculiar. Ela está com cinquenta e poucos anos, mas parece e se veste como alguém com metade da idade dela. Seu cabelo selvagem é colorido de uma cor vermelha brilhante que combina com o tom do batom. Seu nariz é perfurado e ela tem alguns brincos em cada uma das orelhas. A maioria deles ela mesmo furou. Hoje está usando um de seus vestidos boêmios coloridos sobre uma calça marrom, e grandes molduras de plástico estão no nariz.

A maioria dos devoradores de livros provavelmente ficaria indignada com o fato de eu estar rasgando livros, mas não vejo dessa maneira e, felizmente, nem nossa bibliotecária escolar. Ela é quem me ajuda a encontrar livros gastos ou já danificados para eu usar em meus projetos de arte. Eles provavelmente seriam jogados fora, e devolvo a vida deles.

— Não, eu estou devolvendo esse. — Dou a ela o livro que estava carregando em meus braços.

— *Foi com o vento.* — Ela ri levemente, lendo o título. — Isso faz com que seja a oitava vez que você o lê desde que esteve aqui?

Provavelmente como a décima segunda, mas quem está contando?

Um simples encolher de ombros é minha única resposta. O que há para dizer? Gosto da Sra. Moore e da Sra. Brown, mas isso não muda quem eu sou. Não gosto de falar muito. Falar significa compartilhar e não compartilho. Porque sempre há uma chance de você compartilhar demais e, uma vez que as palavras saem, não pode recuperá-las.

— Acho que vou pegar algo novo antes do início das aulas.

Ela assente. — Leve o seu tempo, querida.

Andando pelo corredor do meio, olho para a esquerda e para a direita. Eu já sei onde está tudo, mas ler as pequenas etiquetas nas estantes de livros me ajuda a descobrir o que estou com vontade de ler.

Quando estou prestes a dar uma guinada na linha da biografia, uma figura solitária sentada no canto esquerdo da seção de estudo - um espaço relativamente grande no meio da biblioteca, onde você pode encontrar mesas para estudar em paz - pega minha atenção. Não é incomum encontrar alguém aqui antes do início das aulas, mas algo nele chama minha atenção.

Ele está debruçado sobre um livro, com as mãos em concha no rosto enquanto os dedos esfregam lentamente a tensão em suas têmporas.

Cabelo preto é uma bagunça na cabeça, como se estivesse passando os dedos por ele. A tensão em seu corpo é tão forte que posso senti-la por todo o espaço vazio que nos separa.

Como se pudesse me sentir olhando, seu corpo fica mais rígido. Como em câmera lenta, ele se endireita na cadeira, os olhos tempestuosos se fixando nos meus.

O Band-Aid rasga, abrindo uma ferida oca que pensei ter curado.

Uma semana. É quanto tempo se passou desde o "*incidente*", como eu o chamo. Consegui evitá-lo por uma semana inteira, mas agora aqui estamos, cara a cara mais uma vez. E percebo que tudo o que venho dizendo a mim mesma nos últimos sete dias, - que não importa, que *ele* não importa porque ele não me possui, não tem nenhum poder, que meu orgulho é a única coisa que foi abalada, nada mais e nada menos - é um monte de porcaria.

As írises cinzas se arregalam quando ele me vê, e estou temporariamente enraizada neste local. O ar é sugado do espaço, fazendo minha pele formigar em consciência. Ainda sinto seus lábios nos meus, do jeito que eles me devoravam como se fosse morrer se parasse de me beijar. Suas mãos calejadas correndo pelas minhas pernas, seu hálito quente na minha pele. O nome da minha melhor amiga caindo de seus lábios.

Max abre a boca para dizer algo, mas antes que ele possa formar palavras, eu me afasto e corro.

Tanta coisa para manter a calma.

Capítulo Quatro

MAX

Eu me levanto tão repentinamente que a cadeira atrás de mim cai no chão, um *estrondo* alto enchendo a sala silenciosa.

Me encolho ao nível do barulho, minha cabeça latejando em sintonia com o eco, mas ignoro completamente a favor de correr atrás dela.

— Brook, espere!

Ela nem se vira para me reconhecer, mas isso não me impede de ir atrás dela.

Uma semana.

Ela está fazendo o possível para me ignorar por uma semana inteira.

Nenhuma vez olhando para mim ou me dando uma chance de explicar e dizer o quanto sinto muito.

Isso estava terminando agora.

Eu tenho tentado me concentrar nos estudos desde que o treinador me expulsou da prática, e parece que minha cabeça vai explodir. Nada faz sentido, nenhuma palavra. A dor de cabeça que estava sentindo antes cresceu para proporções épicas. Literalmente, qualquer coisa é melhor que isso.

Apenas quando acho que ela se foi há muito tempo, couro preto chama minha atenção. Dando um passo para trás, olho para ela.

— Por que você correu?

Ela me dá um olhar fugaz antes de voltar a observar a prateleira.

— Eu não estava correndo.

— Pareceu-me isso.

— Bem, parecia errado. — Ela me interrompe friamente, desviando o olhar de mim, com o queixo erguido.

Na semana passada, ela nem sequer olhou para mim. E está fazendo meu sangue ferver de irritação. Sim, eu errei, mas ela nem me deu a chance de explicar, porra. Se tivesse, talvez as coisas fossem diferentes. Talvez...

Esfrego a mão no rosto, a culpa pelo que aconteceu ainda me comendo.

Com quem diabos eu estou brincando?

Nós estamos na garganta um do outro desde o começo. Eu nunca entendi qual é o problema dela comigo. Sou um cara simpático, extrovertido e amigável. Nunca tive problemas para fazer amigos, não como Jeanette, e nunca conheci uma pessoa que me desgostasse tão abertamente como Brook Taylor.

Mas mais do que isso, eu nunca a entendi.

Brook Taylor é um enigma.

Ela é tão fria e impassível. O completo oposto de sua melhor amiga, Lia. Brook é irritadiça e mal-humorada. A escuridão para a luz de Lia. Ela mal fala com alguém e, quando o faz, é para dizer algum comentário sarcástico antes de enfiar o nariz em um dos livros que carrega. Brook age alta e poderosa, você pensaria que ela é uma garota rica que tem um pau na bunda. Só eu sei que isso não está nem perto da verdade.

Suspirando, corro meus dedos pelos meus cabelos, fazendo uma bagunça ainda maior, não que eu me importe.

— Brook…

Como uma palavra, um nome, carrega tanta tensão e arrependimento?

Ela também deve ouvir, porque me interrompe antes que eu possa dizer mais alguma coisa. — Eu vi você estudando e não queria interromper. Além disso, vim aqui para pegar um livro e depois vou para a sala de aula.

Olho para ela, tentando ver se ela está dizendo a verdade, mas é difícil quando a pessoa não está olhando nos seus olhos.

Seu dedo desliza sobre as lombadas do livro até que ela finalmente se acomoda. Puxando para fora, embala a capa dura no peito.

— Encontrou o que estava procurando?

A velha Brook? Ela me diria para cuidar dos meus próprios assuntos antes de ir embora.

A nova Brook? Ela apenas dá de ombros.

Eu odeio esse movimento tímido de seus ombros.

A campainha de aviso toca, assustando a nós dois.

Ela engole em seco. — Devemos ir para a aula.

Suspirando, eu aceno para ela. — Você vai. Eu tenho que acompanhar alguns estudos.

Sua cabeça se levanta, os olhos me encarando, e ela olha um pouco. Não tenho certeza do que está procurando, mas seja o que for, ela encontra ou desiste porque assente e vai embora.

Minha respiração engata quando Brook passa por mim, cuidando para que seu corpo não escove contra o meu de passagem.

Eu fecho meus olhos, esperando seus passos suaves recuarem. Meus dedos correm pelo meu cabelo, puxando os fios em frustração.

A última coisa que quero é voltar para a mesa e estudar, mas se eu nem tentar, posso pendurar meus patins neste momento, porque não há como jogar na sexta-feira.

Expirando alto, eu controlo minhas emoções e me viro, determinado a fazer as coisas. Somente quando o faço, encontro Brook ainda de pé lá.

Apenas a alguns passos de distância de mim.

Ela está olhando ao longe, mordiscando o lábio inferior.

Olhos verdes encontram os meus quando estou de frente para ela.

O silêncio se estende entre nós até que parece explodir de toda a tensão no ar.

Ela limpa a garganta. — Precisa de alguma ajuda?

Capítulo Cinco

BROOK

O que diabos há comigo? Por que eu pensei que isso era uma boa ideia? Obviamente, não pensei, porque se tivesse, saberia que há um desastre escrito por toda parte. Mas olhando para o rosto cansado e frustrado, o cabelo despenteado de todas as vezes que ele passa os dedos, bolsas escuras sob os olhos, eu não podia simplesmente deixá-lo em paz. Não quando eu sabia, ou pelo menos supunha, como tudo isso é difícil para ele. *Porque* isso é tão difícil para ele.

Sim, Maximillian Sanders me dava nos nervos. Eu nem vou tentar negar isso. Desde a primeira vez que o vi, ele me esfregou da maneira errada. Acho que é por causa da maneira como finge ser algo que claramente não é. O personagem de menino mau que ele está tentando apresentar ao mundo é besteira, se eu já vi isso.

Quando a Srta. Rodriguez nos juntou para trabalhar no projeto espanhol no começo do ano, pensei que ele era apenas um daqueles atletas preguiçosos. Não interessado em estudar e se colocar no trabalho, mas apenas esperando que outra pessoa pegue a folga enquanto espera para receber o crédito no final. Acontece que eu estava errada, porque quanto mais trabalhamos, mais começo a perceber pequenas coisas.

Como o fato de que suas sobrancelhas sempre franzem quando ele está tentando ler. Ele murmura e xinga baixinho, provavelmente nem sabe que está fazendo isso em voz alta. Sua mão esfrega as têmporas ou entre as sobrancelhas de vez em quando, tentando aliviar a tensão. Sem contar o tempo que ele precisa para realmente terminar de ler o

material, apenas para erguer os olhos para os meus e, por um segundo, eu poder ver desespero e pavor brilhar em suas írises cinzas antes que ele imediatamente as mascare.

O cara estava lutando, mas é claro, ele não deixou ninguém saber disso.

— Então... — Eu acenei na direção da linha do tempo e ajudei-o a desenhar em um pedaço de papel, levando-o a continuar resumindo as informações pelas quais passamos enquanto as produzíamos. Meus dedos cobriam as pequenas notas que escrevemos, deixando apenas uma coisa em aberto para ele se concentrar - a Batalha de Gettysburg.

Não era preciso ser uma pessoa particularmente inteligente para perceber com o que está lutando. A leitura não era o ponto mais forte, mas, quando apresentada da maneira certa, ele não apenas conseguia, mas entendia os conceitos rapidamente. Ler o livro não era apenas frustrante para ele, mas também chato; portanto, quando trabalhamos juntos, lia o material e resumia. Mapas mentais e cronogramas parecem ajudar também. Palavras-chave cuidadosamente escolhidas, datas importantes, lugares e pessoas organizadas de maneira visual, facilmente compreensível e organizada foram a chave para ele.

O único problema era que ele precisava de ajuda para chegar a um ponto em que estudar sozinho fosse fácil. E não estamos falando de alguém que faria tudo e apenas entregasse os materiais, mas de alguém para sentar com ele e ajudá-lo a fazer os materiais, enquanto resumia e explicava audivelmente a importância disso ou daquilo e como ele se encaixa na imagem maior.

Eu o ouvia atentamente enquanto ele me contava tudo sobre essa batalha em particular, balançando a cabeça em sinal de encorajamento.

Estamos trabalhando nisso há um tempo. As marcas de preocupação foram apagadas do rosto dele, e ele não esfregou o rosto nas últimas cinco perguntas, então eu considero isso uma vitória.

Uma vez que as palavras desaparecem, ele levanta a cabeça, o grande sorriso em seus lábios me cegando.

Eu sempre soube que Max era bonito. Com seu cabelo preto bagunçado e olhos cinzentos penetrantes cercados por cílios grossos, ninguém sã e com dois olhos bons podia negar.

Ele diz alguma coisa, mas a única coisa em que minha mente pode se concentrar é a maneira como seus lábios rosados se movem tão perto que, se eu me inclinasse um pouco para a frente, poderia prová-los.

Surpresa, pisco, mas isso não muda nada.

Ele ainda está aqui.

Tão no meu espaço pessoal que posso sentir o cheiro do sabão em sua pele, misturando-se com algum tipo de desodorante ou perfume e algo que é simples. Tão perto que eu posso sentir sua respiração mentolada tocando minhas bochechas. Tão perto que posso sentir o calor do corpo dele que está quase, mas não completamente, tocando o meu.

— Brook? — Ele olha para mim, confuso e cansado. — Eu não entendi direito?

Balançando a cabeça para sair do meu estado atordoado, eu sorrio. — Não, é perfeito. Você vai acertar isso.

Ele ri nervosamente e eu posso sentir aquele ruído suave e rouco nos meus ossos. — Não sei como agir, mas me sinto mais pronto agora do que há uma hora atrás.

Já faz uma hora?

Minha cabeça se levanta, olhando para o relógio na parede. Sim, quase uma hora inteira.

Uma mão quente cobre a minha, me deixando tensa. Eu olho, encontrando aqueles olhos prateados me encarando. Um sorriso caloroso e fácil enrola seus lábios, fazendo minha respiração parar e minha pele formigar.

— Sério, obrigado. Eu não seria capaz de fazer isso sem a sua ajuda.

O nó se forma na minha garganta, mas eu o engulo. Puxando minha mão de debaixo da dele, fecho meus livros.

Ir. Eu preciso ir.

Meu corpo sente falta de seu calor quase assim que desaparece, mas eu ignoro o protesto e continuo me movendo. Trabalhando em pegar minhas coisas e jogar tudo na minha mochila, levanto-me rapidamente, passando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Não é nada. — Eu forço um sorriso. — Eu provavelmente deveria ir. A próxima aula está prestes a começar, e não posso perder.

— Oh... — Ele olha para o relógio na parede. — Próxima aula. Certo. Deixe-me apenas...

Mas não espero que ele termine. Não lhe dou a chance de fazer a coisa certa, algo que um cara como Max faria. Não porque é esperado dele, mas porque ele é realmente um cara legal. Irritantemente legal.

Mas não posso confiar nisso.

Confiar nele.

Por que caras como ele? Eles servem apenas como um lembrete do que uma garota como eu nunca pode ter.

Então simplesmente me viro e vou embora.

— Onde você esteve a manhã toda? — Lia pergunta enquanto desliza para a mesa atrás da minha.

Mal levanto o olhar do livro que tenho lido. — Por aí.

— Você nunca perde uma aula. Nem mesmo quando está doente. Como na última vez que tive que arrastá-la de volta para casa e colocá-la na cama porque estava queimando.

Sim, isso seria eu.

Mas por que eu pularia as aulas? Não é como se tivesse algo melhor para fazer ou para onde ir. As pessoas odeiam ir à escola, acham que é chato e inútil, mas eu daria tudo para ficar mais alguns minutos.

A escola é segura ou o mais segura possível no mundo de hoje. Mas também é a minha fuga. Se estou aqui, não preciso estar *lá*. E essa é a única coisa que importa.

Suspirando, fecho o livro e encaro minha melhor amiga. Não é como se eu fosse fazer alguma leitura de qualquer maneira.

Conheço Amelia desde o ensino fundamental e, embora tenha tentado resistir, sua bondade e seu grande coração acabaram me conquistando. Ela é uma daquelas pessoas puras e inocentes que não veem as trevas e o mal no mundo. Essa é uma das razões pelas quais ela sempre foi um alvo tão fácil de acertar, o que resultou em sua intimidação por anos. Tentei protegê-la o máximo que pude, o que certamente, não era muito. Mas ofereci a ela outra coisa - minha amizade.

Então, desde que me lembro, somos nós duas contra o mundo.

Isto é, até agora.

Lia enfia uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha. Não importa como ela tente domá-lo, hoje é uma trança lateral, sempre parece que seu cabelo tem uma mente própria. Sardas adornam sua pele de marfim. Olhos de chocolate cercados por longos cílios escuros - a única maquiagem que essa garota usa é um ou dois golpes de rímel e brilho labial - olham para mim com expectativa, esperando minha explicação.

— Se você quer saber, eu estava na biblioteca.

Um pequeno cenho aparece entre as sobrancelhas. — Fazendo o que?

— Estudando. Eu estava estudando na biblioteca. — Reviro os olhos. — Puxa, o que há com as vinte perguntas?

— Sem motivo. — Ela desvia o olhar, brincando com a ponta da trança.

Eu a encaro, esperando.

Se ela tem algo a dizer, é melhor dizer.

— Ok, você tem agido de forma estranha ultimamente, e eu só queria ter certeza de que está bem.

— Estou bem, Lia. Realmente.

— Você me diria se algo estivesse errado? — Aqueles olhos de cervo se aproximam de mim, esperando minha resposta.

Engulo em seco. Minha língua sai para molhar meus lábios secos.

Essa é a coisa sobre Lia. Ela é tão legal que se importa com as pessoas e sabe o que? Essa menina faria qualquer coisa por eles. Mas há algumas coisas que estão além do imaginável. Coisas que ela não entenderia. Coisas que *não consegue* entender porque é muito vigiada.

E eu queria mantê-la assim. Sou egoísta e quero que minha amiga não saiba, para que eu possa desfrutar da luz dela sem ter que me preocupar com o fato de Lia conhecer minha escuridão.

Ela vem de um ambiente diferente do meu. Uma família estável e inteira que se ama e se importa. E não importa o quanto ela tente entender, não importa o quanto tente me puxar, me proteger da minha própria vida, me proteger de mim mesma, ela não pode. Porque estou longe demais para isso.

Então, como sempre, faço a única coisa que sei para que ela fique protegida e não se preocupe, porque é a última coisa que quero - minto.

— Claro.

Lia olha para mim, olhando na minha cara enquanto pesa minhas palavras. É algo que eu notei ela fazendo cada vez mais ultimamente. É como se soubesse. Sabe que estou mentindo para ela, mas nunca me diz. Eu acho que em algum nível ela entende. Entende minha necessidade de separar nossa amizade de todo o resto. O último fio de esperança e bondade a que me apego, então ela me deixa.

— Ei, sardas. E aí?

Suas palavras me tiram do nosso concurso de encarar. Pego meu livro, enfiando o nariz entre as páginas, mas não leio uma palavra. Pelo canto do olho, eu posso vê-lo perto. Max para na mesa dela, sorrindo para ela enquanto conversam.

Ele puxa a ponta da trança dela, um movimento que poderia ser considerado fraterno, se não fosse pela ternura gravada em seu rosto.

Ele olha para ela da mesma maneira que no primeiro dia de aula. O carro de Lia quebrou e ele foi quem parou para ajudá-la e, eventualmente, a trouxe para a escola. Eu sabia que ela estaria atrasada. Estávamos conversando no telefone quando isso aconteceu,

então quando a porta da sala se abriu no meio da aula, levantei meu olhar esperando ver minha melhor amiga. Que erro isso tinha sido. Porque lá estava ele, o garoto mais bonito que já vi na minha vida. Alto e vestido de preto, seu cabelo escuro bagunçado. Sua risada profunda encheu a sala, fazendo os pelos finos da minha nuca subirem, fazendo meu coração bater mais rápido. Ele sorriu, olhos leves e gentis, olhando para alguém.

Olhando para ela, minha melhor amiga.

— Ei, Brook. — Sua voz profunda me tira do meu passeio pela estrada da memória. Seus dedos roçam a borda da minha mesa, chamando minha atenção. Lentamente, levanto o olhar do livro, por que o que mais há para fazer? Ele está parado lá. Esperando. E não parece que vai me deixar em paz tão cedo.

Eu tenho tentado evitá-lo desde que sai da biblioteca. Até cheguei a me fechar na sala de arte durante o intervalo do almoço, apenas para que não tivesse que estar com ele.

Com qualquer um deles.

— Você desapareceu tão repentinamente mais cedo que eu não tive chance... — Ele para pôr um batimento cardíaco, aqueles penetrantes olhos prateados olhando nos meus. — Obrigado. Pela ajuda hoje. Eu realmente gostei disso.

Eu posso sentir os olhos curiosos de Lia em mim. Em nós. Saltando entre Max e eu como se ela estivesse assistindo uma partida de tênis. Tentando descobrir do que diabos Max está falando.

Fechando-a, fechando os *dois*, abro meu livro novamente.

— Não precisa agradecer.

Ele fica por lá mais um pouco, mas quando percebe que a única coisa que vai recebe é o silêncio, ele desiste e vai para o seu lugar, me dando exatamente o que eu queria.

Então, por que me sinto tão vazia?

Capítulo Seis

BROOK

— Onde você pensa que está indo?

Eu levanto minha cabeça, assustada com sua voz rouca. Não achei que ela estivesse em casa. Se soubesse, provavelmente teria agarrado minhas coisas e escapado o mais silenciosamente possível. A última coisa que queria fazer era cruzar com minha mãe.

Especialmente quando está nesse humor. O que ela estava desde que perdeu o emprego e o namorado não faz muito tempo. É o que acontece quando seu namorado é seu chefe e você o pega transando com sua nova conquista no escritório. Mais uma vez, nada de novo. Ela e Bob vêm fazendo isso nos últimos três anos. Não sei por que eles se incomodam quando é sempre o mesmo. Ele fode de um lado, ela descobre, faz uma cena, ele a despede, ela se fecha em casa bebendo e ficando chapada mais do que costuma fazer, até que ele volte rastejando e implorando perdão. Então, tudo ficará bem por um tempo, até que o mesmo círculo antigo comece novamente.

Algumas pessoas são autodestrutivas há tanto tempo que se torna parte de quem são. Josephine Taylor não é exceção.

Seu pequeno corpo está curvado no feio sofá marrom que tem tantos buracos hoje em dia que quando alguém se senta, apenas cai no chão. Ela segura a garrafa na mão e dá um longo gole. A julgar pelo líquido límpido, é vodka, a bebida preferida dela. Seus cabelos escuros e manchados de cinza estão oleosos por estar a dias sem lavá-los, sua

maquiagem manchada embaixo dos olhos. Ela parece uma bagunça, mas não é que isso seja algo particularmente estranho ou novo.

— Sair. — Eu digo secamente, deslizando meus tênis nos meus pés.

— E toda essa bagunça? — Ela olha ao redor da sala, absorvendo tudo. — Você não pode ir!

A sala está um chiqueiro. Pratos e garrafas sujos estão por toda parte. Cinzeiros cheios e invólucros esfarelados do McDonald's estão espalhados por toda a pequena mesa de café e o velho piso de carpete. Mas essa não é a pior parte. A pior parte é o cheiro. Ela fechou todas as janelas e persianas há quatro dias e não as abriu desde então. O cheiro de cigarro, restos de comida e suor humano obsoleto torna impossível respirar dentro.

Irritada com o comentário idiota dela, coloco minha jaqueta de couro e puxo o zíper antes de me virar para olhá-la novamente. Mesmo do outro lado da sala e com ela sentada iluminada apenas pela luz da velha caixa de metal que deveria ser uma TV, posso ver seus olhos escuros brilhando. Ela está bêbada. Novamente. Provavelmente alta demais, a julgar pelo leve cheiro doce de maconha ainda pairando no ar.

Meu coração aperta dolorosamente, mas eu empurro como sempre faço. Eu sei quem ela é. Sei que nunca vai mudar, ainda assim... A garotinha que presumi que morreu há muito tempo ressurge de seu esconderijo em algum lugar no fundo do meu coração. Uma garotinha que quer o amor de sua mãe. E toda vez que a vejo assim, essa pequena parte de mim que eu nem sabia que ainda existe morre novamente.

— Bem, e quanto a isso? — Eu cerro meus dentes. — Tire sua bunda preguiçosa do sofá e faça você mesma.

Com essas palavras, eu me viro e saio em disparada.

— Vai, vai, vai! — Lia canta ao meu lado, pulando de pé. É o seu primeiro jogo desde que ela e Derek se uniram oficialmente, e ela está muito animada torcendo pelos Wolves. Se eu não a amasse tanto, provavelmente a consideraria irritante.

— Calma, garota pompom! — Eu envolvo meus dedos em torno de seu cotovelo e a puxo para baixo. — Você vai arrancar o olho de alguém.

— Derek me pediu para vir e torcer por ele. — Lia cora carmesim, sentando-se novamente. — Ele disse algo sobre não terem líderes de torcida.

— Por que eles precisam delas quando têm você? — Eu brinco.

— A única coisa que falta é uma saia ultracurta e pompons. — Acrescenta Jeanette, nós duas compartilhando um sorriso de conhecimento sobre a cabeça de Lia antes de percebermos com quem estamos conversando, abruptamente voltando a olhar para o jogo acontecendo no gelo.

A irmã gêmea de Max, Jeanette, e se você acha que eu não me dou bem com ele.... Bem, meu "relacionamento" por falta de uma palavra melhor, com ela é ainda pior. Linda com sua pele verde-oliva, cabelo preto curto e aqueles olhos cinzentos penetrantes, ela é a epítome da privilegiada, cheia de si mesma, vadia fria. Lia tentou me garantir que Jeanette não é tão ruim, mas minha amiga acreditaria em um ladrão tentando se passar como um sem-teto e os convidaria para sua casa, então não tenho certeza se a opinião dela é relevante. De qualquer maneira, dizer que Jeanette e eu não podemos nos suportar seria um eufemismo. Mas, de alguma forma, acabamos unidas repetidamente.

Como hoje, por exemplo. Lia me pediu para ir com ela para este jogo, mas nenhuma vez mencionou que Jeanette também estava indo.

Eu pude ver que Jeanette estava surpresa quando cheguei, mas tentamos ser legais para não ferir os sentimentos de Lia.

Empurrando os pensamentos dela para fora da minha mente, assisto nosso goleiro prontamente parar o disco que foi disparado em sua direção. O jogo é transferido de volta para o centro, dois caras se enfrentando no meio. A tensão que eles olham um para o outro é palpável. O segundo período está lentamente chegando ao fim e ainda não há pontuação para nenhum dos times.

Observando daqui, parece que leva uma eternidade, mas provavelmente leva apenas alguns segundos antes que um dos caras se aposse do disco. A multidão geme alto em protesto enquanto vemos o cara de camisa verde e amarela patinar.

Todo mundo começa a se mover de uma só vez, o gelo é uma bagunça de camisas brancas e verdes. Os Wolves cercam o pobre garoto no momento em que ele tenta fazer um passe para um de seus colegas de equipe, mas o disco é interceptado por Hill, que passa direto para Sanders.

Eu nunca me interessei por esportes. Não tinha tempo nem dinheiro para isso, mas tenho que admitir que estou realmente gostando de hóquei. É um jogo rápido, sem disparates e agressivo.

Max vai para a rede, mas no último segundo um cara o acerta de lado, fazendo-o tropeçar.

Desta vez é Jeanette que se levanta, gritando com raiva, mas eu não ouço uma palavra. Meu coração desacelera, a respiração fica presa na garganta, e assisto seu corpo gigante cair para a frente em câmera lenta. Posso ver as mãos dele se moverem, e de alguma forma, no último momento, ele não recupera o equilíbrio de maneira tão graciosa, mas o disco se foi. O babaca está voando sobre o gelo com o disco a reboque, mas um borrão branco o rouba dele e empurra o cara para o vidro.

Andrew e Derek jogam o disco por um tempo, esperando sua abertura. E então vem. Andrew finge atirar para Derek quando ele atira para o outro lado. Para Sanders, esperando claro, perto da rede. Max coloca seu taco no disco e vira em um movimento rápido, e é só ele e o goleiro.

Max levanta o taco e você pode sentir o zumbido de excitação se espalhar pelos fãs do Wolves enquanto o disco voa.

A luz vermelha brilha quando a campainha toca.

Pegue isso, vadia.

O Wolves acabou vencendo por 2-1. Foi um jogo difícil, mas os caras conseguiram marcar o último gol alguns segundos antes da campainha marcar o fim do terceiro período.

Eu ainda não conseguia tirar da minha mente a imagem do corpo de Max voando pelo ar. Já vi como jogadores de hóquei agressivos podem ser. Tropeçar um no outro com um graveto, empurrando o taco, *acidentalmente* acotovelar um ao outro, e nem considere o que acontece quando as luvas se soltam. Mas algo sobre isso, hoje, foi diferente. Só de pensar nisso, mesmo agora depois de vê-lo jogar o último período mais forte do que nunca, não consigo evitar.

Desde o momento em que Maximillian Sanders entrou em Greyford, foi uma dor na minha bunda. Ele é muito grande, muito alegre, muito invasivo, muito... tudo. Ele invadiu esta cidade, esta escola e ele me *vê*.

Sempre que está por perto, quando seus olhos cinzentos se concentram em mim, parece que todo o ar é sugado para fora do espaço e fica muito difícil respirar.

Isso mexe com a minha cabeça. Meu corpo congela e minha respiração fica presa nos meus pulmões toda vez que ele está por perto, então eu faço a única coisa que sei para ficar invisível - eu luto, com *ele*, com minha atitude e sarcasmo de vadia. Mas quanto mais mesquinha sou, mais insistente ele se torna.

Max luta contra meus olhares frios e facadas geladas com piadas e o sorriso descontraído em seus lábios, nenhuma vez recuando.

Isso me irrita.

Enfurece-me realmente.

Isso me *emociona*.

Ao mesmo tempo, amo e odeio a pequena faísca que ele incendeia toda vez que nos encaramos.

Aqueles olhos tentadores de cor esfumaçada me desafiam. Me desafiam a quebrar minhas regras e sair do esconderijo. Mas eu não posso fazer isso. Não posso ceder porque sei muito bem o preço que você deve pagar quando as regras são violadas.

Elas foram *criadas* por esse mesmo motivo.

E ainda...

— Brook? — Lia acena com as mãos na frente do meu rosto, tirando-me dos meus pensamentos. Estávamos lá fora, esperando os caras saírem. Lia queria ver Derek, apesar de terem chegado aqui em carros separados, pois os caras tinham que estar na pista cedo para se preparar para o jogo.

— Sim?

— Para onde você foi? Parecia que perdemos você por algo.

— Só pensando. — Dou de ombros. — E aí?

— Você ainda não vai à festa hoje à noite?

Todo fim de semana há uma grande festa na casa de Andrew Hill. Ele é o grandalhão de Greyford. Seu pai é um advogado chique e o futuro prefeito de nossa cidade, da qual sua família é dona de metade. Garotas querem transar com ele; caras querem ser ele.

Era uma vez, não seríamos apanhadas nem mortas na companhia dele. Ele costumava intimidar Amelia quando éramos mais jovens, mas as coisas mudaram ultimamente. Foi *ele* quem pediu desculpas por seu comportamento e pediu outra chance a Derek. E como ele é o melhor amigo de Derek e Lia namora com Derek, não é como se pudéssemos nos livrar do cara.

— Não posso. Desculpe.

Lia me observa com cuidado, esperando que eu explique, mas como sempre, não dou mais a ela.

Ser amiga dela já é difícil o suficiente, porque exige quebrar minhas regras. Não são muitas, mas são a chave da minha sanidade.

1: Não forme laços.

Minha *segurança*.

2: Não baixe a guarda.

Minha *liberdade*.

3: NÃO, em hipótese alguma, se apaixone.

Mas não ser amiga dela nunca foi uma opção. Ela tem ar ao seu redor. Quando estou com ela, posso respirar. Quando estou com ela, parece que todos os meus pedaços fodidos e quebrados estão lentamente remendados juntos.

Eu não estou me enganando. Há tanta coisa que ela pode curar e mesmo assim... nunca estarei inteira novamente. As peças podem ser consertadas, mas as cicatrizes sempre ficam. Irregulares e feias.

Danificada.

— Ok. — Lia sorri suavemente. — Próxima vez.

—Da próxima vez. — Eu concordo suavemente.

Mentira, é tudo mentira.

Ultimamente, tenho perdido muitas coisas. Felizmente, Lia ainda não percebeu. Entre Derek, estudar e todas as outras merdas, ela está ocupada. Eu fico por aí apenas o suficiente para que ela não fique desconfiada, enquanto me retiro lentamente.

Então os caras saem. Lia pula nos braços de Derek como se não o visse há *dias,* em vez de minutos. Ele a beija profundamente nos lábios, sua bolsa caindo do ombro pelo impacto do corpo dela colidindo com o dele.

Desviando o olhar, para não vomitar com a demonstração de afeto excessivamente entusiasmada, pego Andrew e Max saindo, alguns dos outros jogadores seguindo atrás deles.

Jeanette os vê também e começa a correr, mas de repente diminui a velocidade. É como se alguém puxasse a trela e a fizesse parar. É um jeito estranho.

Finalmente, eles se encontram no meio do caminho, e eu a vejo olhando cuidadosamente sobre o corpo de seu irmão, provavelmente procurando qualquer tipo de desconforto. Seus dedos se contraem com a necessidade de tocá-lo, mas ela se contém. Não sei ao certo qual é o acordo com os dois. Eles se amam; está claramente escrito em todo o rosto e óbvio até para alguém como eu, que mal teve qualquer conexão

com o sentimento, mas são tão desconfortáveis um com o outro que é quase doloroso assistir.

Mais caras saem do prédio. Eles estão brincando e gritando. Alguns são recebidos por seus amigos e familiares. Alguns permanecem no grupo, provavelmente discutindo o jogo.

Meus olhos examinam o estacionamento, olhando para todas as pessoas reunidas em grupos, e a constante sensação de solidão que carrego como uma segunda pele se intensifica tanto que parece que vou sufocar.

Que diabos estou fazendo aqui?

É claro que eu não pertenço.

Eu nunca pertenci, e nunca vou.

Eu posso ouvir as risadas de Lia. Vejo Max alcançar sua irmã e puxá-la para um abraço de urso que ela finge odiar, mas ao mesmo tempo, inspira um pouco mais profundamente quando está em seus braços, para que ela possa se agarrar ao seu perfume familiar. Até Andrew não está sozinho. Duas garotas andam ao seu lado, e ele jogou as mãos sobre os ombros, puxando-as para mais perto.

O que você está fazendo aqui? Você não entendeu? Ninguém te quer; ninguém nunca vai.

Meu intestino aperta, mas ignoro a sensação desagradável na boca do estômago.

 # 1: Não forme laços.

 # 2: Não baixe a guarda.

 # 3: NÃO se apaixone.

Eu canto essas três pequenas linhas repetidamente na minha cabeça. Elas têm sido meu guia há tanto tempo. Minha linha de vida. Ou seja, enquanto eu vivia com elas. Agora são um lembrete. Um lembrete da dor que está enterrada dentro de mim. A dor que estou tentando ignorar, fugir, enquanto ao mesmo tempo sei que me alcançará eventualmente.

— Estou indo. — Murmuro para ninguém em particular, e então vou embora.

Capítulo Sete

MAX

— Os vencedores estão aqui, bebê! — O grito alto de Derek ecoa pela casa enquanto o time inteiro entra em uma mansão já montada em Hill. Parece que todo o corpo discente de Greyford High está aqui. Não sei ao certo como ele faz isso, mas Andrew sempre manda bem. Ele nem está em casa e, quando chegamos aqui, a festa já está acontecendo.

— Wolves! Wolves! — A multidão canta enquanto passamos, através da massa de pessoas. Eles aplaudem e aplaudem, alguns chegam até a nos dar os parabéns pela última vitória. Foi difícil, mas conseguimos avançar.

Meu lado ainda está doendo pelo golpe que sofri no segundo período, mas perder não era uma opção. Drew não me desculparia se eu fizesse isso.

Copos cheios de cerveja são passados para nós assim que entramos na sala de estar. Hill pula para a mesa de café e as pessoas ficam quietas.

— Esta temporada é a nossa temporada, e quem quer que esteja no nosso caminho, prepare-se para receber suas bundas! — Andrew levanta o copo no ar, o líquido derramando do movimento repentino, mas ninguém parece se importar com isso, a multidão ruge de acordo. Eu também levanto meu copo com o resto deles antes de beber o que resta nele.

— Agora, vamos festejar, idiotas!

Mais gritos são ensurdecidos pela música que toca no volume máximo. Sem mais incentivo, as pessoas começam a se misturar, dançando e bebendo.

— Cara, isso foi um tiro. — A mão de Drew desliza sobre meus ombros, me puxando para mais perto. O cara já está zumbido e acabamos de chegar aqui. — Estamos ganhando muito isso.

— Esse é o plano!

Chegar ao torneio do globo de gelo e, finalmente, vencê-lo é o objetivo. À medida que a temporada avança, os olheiros da faculdade estarão observando de perto as equipes que chegarão aos playoffs. Ganhar o torneio não se resume apenas aos direitos de se gabar; isso também significa garantir uma vaga em uma das faculdades da divisão um, o que pode levar a uma carreira na NHL. E esse é o jogo final.

Eu sabia que não iria para nenhuma faculdade chique com base nas minhas notas, então precisava disso. O hóquei na faculdade e, eventualmente, o hóquei profissional eram o meu futuro, e desde que comecei a jogar pelo Greyford Wolves, acreditei que poderia alcançar esse futuro. Não que meu time antigo não fosse bom. Eles eram, mas há algo em estar com esses caras que me faz sentir que todas as peças do quebra-cabeça finalmente se encaixaram.

— Cara, por que seu copo está vazio? — Drew balança a cabeça, incrédulo. — Nós não podemos ter isso.

Olhando em volta, ele vê quem ele está procurando. Assobiando alto, chama a atenção do cara e quando ele se vira, eu posso ver que é um dos novatos do time.

— Pegue um, sim?

O cara foge como se sua bunda estivesse pegando fogo, e nós viramos para conversar com os caras que ainda estão na sala de estar.

Empurrando todos os outros pensamentos, eu me permito me divertir. Nós atiramos na merda por um tempo, mas depois alguns dos caras são arrastados por suas namoradas ou por possíveis ficantes. Eu fico com Luke e James, dois dos meus companheiros de equipe. Eles queriam jogar sinuca na sala de jogos, mas quando vi Derek e Lia sentados no sofá, decidi contra.

Aceitei o fato de Lia estar com Derek agora, mas ainda não estava pronto para ficar com o casal feliz mais do que o necessário. Estar na escola com eles, vê-los dar as mãos e beijar nos corredores ou no meio das aulas já era bastante difícil; procurar propositadamente fora da escola seria idiota.

Virando-me, vou para o bar e me sento. Quase consigo sentir minhas costelas suspirar de alívio quando a pressão é retirada delas.

O novato em pé atrás do bar vem até mim e peço um uísque duplo. Eu precisava de algo mais forte para sobreviver hoje à noite.

A banqueta ao lado da minha range quando alguém se senta. — Como você está indo?

Eu levanto meu olhar para encontrar o de Jeanette, meu dedo ainda circulando distraidamente pela borda do copo de cristal.

— Já estive melhor. — Dou de ombros, o movimento me fazendo estremecer um pouco. Talvez eu devesse ter tomado os remédios que o médico me ofereceu. Mas em um esporte de contato difícil como o hóquei, depender muito de remédios para dor pode resultar em viciação, e não estava tendo isso, então recusei.

— Você não parece bem. — A desaprovação é óbvia em seu tom. — Esse golpe foi brutal.

— É hóquei.

Eu bagunço seu cabelo de brincadeira, rindo de seu rosto sombrio. Jeanette afasta minha mão, fazendo uma careta para mim.

— Pare de fazer merda assim!

Jeanette sempre apoiou meu amor pelo hóquei, participando de todos os meus jogos e torcendo por anos, mas ela nunca entendeu. Alega que é muito violento, muito perigoso. Como minha moto. Ou como ela gosta de chamar, minha *moto demoníaca.*

Rindo levemente, bagunço seu cabelo mais uma vez. Só porque eu posso. Gosto de irritá-la. Hoje em dia, parece que é a única reação que posso tirar dela. Mas é melhor do que ter que enfrentar a versão fria e fechada da minha irmã. Desde que nos mudamos, ela tem sido assim, e não gosto nem um pouco. Nós estávamos próximos antes. Eu quero isso de volta. Quero minha gêmea de volta.

— Você está agindo como uma criança de cinco anos, Max! — Jeanette protesta, seus lábios fazendo beicinho.

Balanço a cabeça, ouvindo seu discurso, quando algo sobre o ombro dela chama minha atenção. Demoro um pouco para perceber o que é, porque a sala está escura e há muitas pessoas aqui, mas então eu vejo. Um flash de frescor na escuridão.

Minha garganta se fecha, o gosto amargo enche minha boca. Eu sei que deveria desviar o olhar, mas é como se ela me segurasse, e toda vez que a vejo, não posso me virar.

As costas de Lia estão pressionadas contra a frente de Derek e ele está ajudando-a a se mover ao ritmo da música, seus corpos juntos. As mãos dele percorrem a pele dela, os lábios mordiscando a carne macia do pescoço dela.

— Max? — A voz confusa de Jeanette rompe a névoa em minha mente. Ela está conversando comigo, mas eu a estava ignorando, apenas ouvindo o som do meu coração ecoando em meus ouvidos.

Engolindo o que resta no meu copo, pulo de pé.

— Eu tenho que sair daqui. — Digo, olhando para todos os lugares, menos para eles.

— Max... — Eu a ouço chamando novamente, mas já estou indo embora, porque se ficar aqui mais um segundo, vou sufocar.

Quando saí da festa, não tinha um destino em mente. Só queria fugir. Afastar da multidão. Afastar de todo o barulho. Eu precisava de espaço. Precisava de um tempo sozinho para poder respirar. Então entrei no carro de Jeanette e dirigi.

Eu teria dado qualquer coisa para poder andar de moto. Sentir o ronronar do motor entre as minhas coxas. Sentir o vento frio morder minha pele enquanto corro pelas estradas vazias e curvas, a adrenalina zunindo em minhas veias. Não há nada igual, nada que possa corresponder à pressa que sinto toda vez que deslizo no banco de couro.

Infelizmente, eu estava sem sorte. Está frio e chuvoso em Michigan, com neve a qualquer instante, então tive que estacionar minha moto na garagem até a primavera. Tentei prolongá-lo o máximo que pude, mas nem eu era burro em andar de moto nas estradas molhadas e geladas, então o SUV de Jeanette teria que servir.

Esfregando a mão no rosto, suspiro alto, um sopro branco de ar indicando que estou sentado aqui há muito mais tempo do que eu esperava.

Meus olhos se concentram no bar do outro lado da rua. É pequeno, como o resto dos edifícios nesta parte da cidade. Mesmo nublado na escuridão da noite, você pode ver que a cor está descascando das paredes e as janelas estão tão sujas que é difícil perceber o que está acontecendo lá dentro.

O último dos clientes saiu alguns minutos atrás com a última foda, mas a luz fraca ainda está acesa lá dentro. Uma sombra se move pelo espaço escuro de forma eficiente, limpando e fechando antes que ela possa ir para casa.

De alguma forma, ultimamente, sempre encontro meu caminho de volta para cá.

Meu caminho de volta para ela.

Não sei porque. Não sei como. Eu só faço.

Foco meu olhar, examinando o estacionamento e a rua quase vazios. Não é como se eu esperasse muita atividade às duas da manhã, mas quando estou aqui, sempre tomo muito cuidado. Observando por cima do ombro de vez em quando, meus sentidos mudavam porque, embora eu não esperasse problemas, não sou burro o suficiente para acreditar que não vai me encontrar.

Aqui não.

A porta se abre e eu posso ouvi-la dar um adeus suave antes que ela se feche atrás dela.

Altura de começar.

Observando-a cuidadosamente se afastar, espero até que a distância entre nós seja grande o suficiente para que não me veja atrás. Saindo do carro, deixo a porta fechar suavemente atrás de mim. Fechando-a, ponho a chave no bolso e puxo meu capuz por cima da cabeça enquanto sigo atrás cuidadosamente para que ela não me veja.

Porque tenho certeza que, se Brook Taylor descobrir, ela ficará com as minhas bolas.

Eu me encolho com o pensamento, mas mesmo isso não me atrasa.

Ninguém deve andar por aqui sozinho, especialmente não uma garota.

Sim, as ruas estão quase vazias a essa hora, mas não completamente. E a multidão que sai não é uma multidão com a qual você gostaria de mexer. As luzes da rua são poucas e distantes entre si, e as que funcionam brilham com tão pouca intensidade que não ajudam muito na visibilidade. Mas isso não parece deter Brook. Ela caminha rapidamente, a cabeça baixa, a mochila pendurada no ombro.

Essa é a constante dela.

A vida dela.

Eu sigo, mantendo uma distância segura entre nós dois, até que ela alcança outro dos prédios sombrios e desmoronados que é sua casa.

Porque a última coisa que quero é que ela saiba que estou seguindo-a.

Que eu a tenho seguido.

Por semanas.

Porque, embora Brook Taylor não precise de um salvador, preciso que ela seja minha redenção.

MAX

ANTES – ANO SENIOR

— Eu acho que devemos incluí-lo na apresentação, — Brook insiste teimosamente do outro lado da mesa. — Faz parte da tradição deles.

Suspirando, frustrado, olho para as anotações à minha frente, mas as palavras rabiscadas tornam minha dor de cabeça ainda pior. Esfregando as têmporas, tento trabalhar como sempre faço. Respiro fundo, enquanto minha mente desembaraça as letras e as rearranja em algo que você deve ler, mas hoje não está ajudando. Talvez seja porque é em espanhol?

Foda-se se eu sei.

— Olha, Sanders, se você não quiser, eu mesmo posso trabalhar nesse projeto e não precisamos passar por isso novamente. Eu farei a apresentação e darei suas anotações para que você saiba qual parte terá que apresentar à classe...

Apenas o pensamento de apresentar qualquer coisa deixa meu estômago enjoado, mas eu o empurro.

— Não é demais. — Eu a paro, minha mão cobrindo a dela para chamar sua atenção, mas ela a afasta como se meu toque a queimasse. Algo brilha em seus olhos verdes, apenas por um segundo, mas depois desaparece, escondido sob a máscara que ela mostra ao mundo.

— Desculpe. — Eu sorrio me desculpando. — Minha cabeça dói como uma cadela hoje. Podemos fazer isso outra hora?

Mais como nunca, mas não é como se eu tivesse uma escolha. Na última escola particular que Jeanette e eu frequentamos na Califórnia,

meus professores sempre me combinavam com minha irmã, e ela sabia o que fazer. Por aqui, eles não se importam com essas coisas. Tentei conversar em particular com a Sra. Rodrigues sobre mudar de parceira, mas ela estava decidida. Disse algo sobre sair da minha zona de conforto e ampliar meus horizontes. O que ela não sabia era que isso estava tão fora da minha zona de conforto que poderia ser um truque de chapéu.

Toda a minha vida Jeanette esteve lá, me ajudando com estudos e tarefas de leitura. Ajudando-me a entender o que está escrito nas páginas de todos os livros didáticos, porque para mim sempre parece que as palavras estão tentando escapar das páginas.

Algumas semanas atrás, Brook disse que Jeanette é a gêmea inteligente, enquanto eu sou bonito, e ela não estava longe da verdade. Doeu, mas eu joguei com calma, como sempre faço. Como eu venho fazendo há anos. Não sou idiota; sei disso, mas palavras... palavras e eu nunca nos demos bem. É frustrante, olhar para a página, tentar se concentrar, tentar *entender*, mas não obter sucesso. Então, não importa quantas vezes minha irmã me garanta que eu não sou burro, às vezes me pergunto se ela está errada e todo mundo está certo. Talvez eu seja estúpido. Outros jovens de dezessete anos sabem ler e entender as palavras escritas na página.

Brook abre a boca, mas pensa melhor. Seus olhos percorrem meu rosto por um tempo. Não tenho certeza do que ela vê, o que está procurando.

Desconfortável, mudo de lugar. — Eu não estou tentando cagar em você e te fazer escrever todo o trabalho. Prometo. Vamos para casa, encontrar mais material que possamos usar e nos encontraremos aqui na sexta-feira para discutir o assunto. Tudo bem?

Ela me olha mais um pouco antes de finalmente concordar.

— Mas terá que ser na próxima semana, talvez segunda-feira. — Brook pensa sobre isso, depois assente. — Sim, segunda-feira.

Então ela começa a juntar suas coisas, me dispensando completamente.

Minhas sobrancelhas sulcam. — O que há de errado com sexta-feira?

Isso me irrita, o jeito que ela pode me desligar como se eu nem estivesse lá. Não tenho certeza do que fiz para ela me odiar tanto, mas por algum motivo ela odeia. Desde o primeiro dia, Brook Taylor me atacou ou me ignorou completamente. E embora não entenda o problema dela comigo, a levaria à raiva em qualquer dia da semana, em vez do ombro frio que ela geralmente me dá.

Ela ri sem humor. — Você tem prática, como hoje, e eu tenho lugares para estar, estrela.

— Como onde?

Quase todas as coisas dela já estão naquela mochila gasta que ela sempre carrega por cima do ombro, então eu faço o mesmo, rapidamente pegando minhas coisas porque sei que ela vai correr assim que o zíper for puxado.

— Como se fosse da sua conta, Sanders.

— É quando você está desistindo deste projeto que devemos trabalhar juntos.

Palavras. Erradas.

Por que eu sempre digo a coisa errada quando se trata dessa garota?

Sua cabeça se levanta, a fúria fumegando naqueles olhos do campo. Ela veste sua jaqueta de couro grande demais e desliza a mochila por cima do ombro.

— Estou trabalhando em torno de sua agenda de hóquei, Sanders. — Ela diz. — Não vamos esquecer isso, vamos? Vejo você na segunda-feira.

Essas últimas palavras ela joga por cima do ombro enquanto se afasta. Já está na porta quando eu saio atrás dela.

— Brook, espere! — Eu grito atrás dela.

A bibliotecária me lança um olhar sujo, mas eu a ignoro. Agarrando minha mochila ainda aberta, corro atrás da garota que está fugindo.

— Brook!

O ar frio da noite me atinge assim que estou fora da biblioteca. Pode ser o início de outubro, mas você pode sentir a nitidez no ar assim que o sol se põe.

Eu vejo um pequeno corpo correndo em direção ao ponto de ônibus, então corro atrás dela. — Brook!

— O que você quer agora, Sanders? — Ela pergunta, sem se virar.

— Deixe-me levá-la para casa. — Ofereço. — É tarde e está escurecendo lá fora.

Ela para pôr um segundo, rindo. É uma de suas risadas pretensiosas e sem humor que é tão parecida com ela. A risada que irrita o inferno fora de mim. Acho que não a ouvi rir, nenhuma vez, de verdade.

E eu quero isso.

Eu quero a risada dela.

Algo real que ela não mostra ao resto do mundo.

Paro no meu caminho, assustado com o pensamento. Brook e eu estamos na garganta um do outro desde que me mudei para cá. Ela está presa em seu próprio mundinho, se escondendo de tudo, exceto Lia. *Talvez*. E sou o oposto completo dela. Um cara descontraído e aberto que gosta de conhecer novas pessoas e expandir meus horizontes.

Tudo o que ela evita.

Tudo o que ela tem medo.

— Vá para casa, Sanders.

Suas palavras me tiram do transe, e começo a espreitar atrás dela, raiva e determinação ardendo em minhas veias. — Estou te levando para casa.

— Estou pegando o ônibus.

— Está tarde.

— Não é a primeira vez que faço isso e não será a última. Vá para casa ou encontre alguém para jogar como cavaleiro de armadura brilhante. Eu não preciso ser salva.

Ela me afasta e continua seu caminho, me dispensando mais uma vez, mas desta vez sou mais rápido. Minha mão envolve seu pulso, puxando-a para trás.

— Acho que não.

Seus lábios se abrem, surpresa brilhando em seus olhos, mas um piscar de olhos e a máscara de indiferença estão de volta no lugar.

— Deixe-me ir. — Ela range entre os dentes.

Um canto dos meus lábios se inclina em um sorriso. — Sem chance.

A Brook legal me irrita, mas eu posso trabalhar com esse lado dela.

— Deixe-me. Ir.

— Estou te levando para casa.

— Estou pegando um ônibus.

— Brook... — eu digo em um aviso.

— Max.

Nós olhamos um para o outro com expectativa, fogo encontrando gelo, esperando para ver quem vai quebrar primeiro. Mas de jeito nenhum eu vou recuar neste.

Ela tenta tirar sua mão do meu agarre, mas meu poder sobre ela é forte. Eu posso vê-la estremecer, então afrouxo meu aperto um pouco. A última coisa que quero fazer é machucá-la, não importa o quão teimosa ela esteja sendo.

— Eu te levo para casa ou vou te seguir até lá. É a sua escolha.

Os lábios dela estão firmes. A próxima vez que tenta afastar a mão, eu a deixo ir. Ela coloca o braço perto do peito, esfregando a picada.

— Tudo bem. — Ela murmura teimosamente, virando-se. — Adapte-se.

— Bem.

— *Tudo bem.*

Para os espectadores, provavelmente parecemos duas crianças difíceis de cinco anos. Mas me recuso a ceder. Não é apenas porque é ela - embora eu esteja mentindo se dissesse que ela não me intriga - mas é algo que faria por qualquer garota. O mundo está cheio de idiotas prontos para atacar a qualquer momento, e ninguém vai se machucar

porque eu não pude gastar dez minutos para levá-las para casa em segurança.

Andando atrás dela, eu a acompanho até em casa. Porque, é claro, ela não planejava pegar o ônibus em primeiro lugar. Teimosa como uma mula, essa. Mantenho uma distância saudável entre nós, sabendo que entraremos em outra briga se chegar mais perto, e eu cansei de lutar por esta noite. Não estava mentindo quando disse anteriormente que minha cabeça está doendo. O pulsar firme ainda está presente atrás das minhas têmporas.

Brook tenta me ignorar. Ela provavelmente pensou que eu desistiria depois de um tempo, mas sem chance. Sinto seus olhares persistentes de vez em quando, geralmente quando ela está virando uma esquina, então parece acidental caso eu a pegue olhando para mim.

Mas eu os vejo.

Assim como eu a vejo.

Andamos em silêncio um pouco.

Ruas barulhentas, amplas e brilhantes estreitam-se lentamente, ficando mais escuras e silenciosas à medida que avançamos. As luzes são mais fracas, mais afastadas. As pessoas aqui ficam em multidões menores, todas olhando em volta, cansadas.

Edifícios são degradados. O que antes eram lojas fechadas ou em péssimas condições deveriam estar. As casas são menores, construídas tão perto que você provavelmente pode espiar na sala de estar do seu vizinho se olhar pela janela. Ruas negligenciadas.

Engulo em seco, me sentindo fora do lugar. E, embora não mude nada, entendo por que Brook não queria que eu a trouxesse para casa.

Mesmo que minhas roupas sejam neutras - jeans e camiseta pretos, jaqueta de couro e Doc Martens - eu me destaquei. Minha Ducati preta

não ajudaria muito em se misturar. Não nas ruas onde carros enferrujados, com mais de 15 anos de idade, predominam.

Finalmente, depois de mais de meia hora andando, Brook para em frente a um prédio. Apenas mais um em uma fileira de branco outrora que agora é um prédio cinza com cores descascando. Os trilhos da varanda estão enferrujados e tenho certeza de que posso ver mais do que duas janelas quebradas reparadas com fita adesiva.

Ela inclina a cabeça para o lado e eu tomo um momento para me satisfazer. A massa de cabelos castanhos claros puxados em um rabo de cavalo alto com franja cobrindo sua testa. Ligeiramente ondulado e natural, com alguns fios caindo e emoldurando seu rosto fino. Seus olhos verdes são profundos, cercados por cílios grossos e escuros. Sua pele está pálida e há um pó de sardas quase invisíveis cobrindo seu nariz e bochechas. E depois há os lábios dela, carnudos e rosados. Lábios que imploram para ser beijados.

Devorados.

O que quer que ela queira fazer ou dizer, ela pensa melhor. Virando as costas para mim, entra no prédio sem dizer uma palavra.

Encostando-me à árvore próxima, espero um pouco para ver se talvez ela volte, mas quando não volta, vejo a noite e volto.

Pelas ruas estreitas e escuras, com pessoas assustadoras persistentes, volto à luz do que sei.

Longe do mundo de Brook e de volta ao meu.

Mas mesmo estando longe, não consigo parar de pensar, não consigo parar de me perguntar...

Como ela faz isso?

Como ela sobrevive entre pisar na linha entre escuridão e luz e ainda permanece sã?

Capítulo Oito

BROOK

AGORA

Meu coração bate mais rápido dentro do meu peito, minha pele formiga em consciência, enquanto eu ando pelas ruas silenciosas e escuras, minha cabeça enterrada no cachecol grosso de lã em volta do meu pescoço.

Ele está me seguindo. Novamente. Eu sei disso há um tempo, mas ainda não fiz nada quanto a isso. Não mostrei de nenhuma maneira que sabia.

Eu provavelmente deveria ter feito algo assim que percebi o que ele estava fazendo, mas acho que sou uma otária por punição.

Nem tenho certeza de quanto tempo ele está fazendo isso. Desde o começo? Eu sabia que era uma má ideia deixá-lo me seguir para casa depois que terminamos nossa primeira sessão de estudo, mas foi isso ou deixá-lo me levar - não estou me enganando pensando que alguma vez tive a chance de voltar para casa sozinha. Quando Max coloca algo nessa cabeça dura dele, ninguém tira - e na época, fazê-lo me seguir parecia o menor dos dois males. Agora mesmo? Eu não tenho tanta certeza.

Então, uma noite, quando estava voltando para casa do trabalho, senti alguém me observando. É uma sensação estranha, apenas uma pontada de consciência na base do meu pescoço. Então comecei a prestar mais atenção ao meu entorno, tentando parecer o mais imperturbável possível, para não revelá-lo. Quando você mora na minha

parte da cidade, se acostuma a manter todos os seus sentidos abertos. Sempre olhando por cima do ombro, mas com cuidado o suficiente para que outras pessoas não notem você fazendo isso.

Ele era bom, vou dar crédito por isso. Levei um tempo para perceber que era ele, mas quando o fiz, fiquei furiosa. Estava tão perto de me virar e deixá-lo saber o que eu pensava dele e de suas perseguições, mas no último momento, mudei de ideia. Queria ver quanto tempo ele conseguiria.

E agora, semanas depois, aqui estamos.

Eu pensei que ele desistiria por agora. Que me levaria para casa com segurança algumas vezes e aplacaria seu complexo de herói ou o que diabos precisava aplacar e então ele pararia de fazê-lo. Obviamente, o subestimei porque ele ainda me segue. E ultimamente mais do que o habitual.

Desacelerando meus passos ao me aproximar do prédio, discuto o que fazer. Eu não poderia continuar assim, não depois de tudo o que aconteceu. Essa é uma das principais razões pelas quais fico longe da escola, mantendo-me na biblioteca ou no estúdio de arte quando não estou na sala de aula. Não posso estar ao lado dele.

No entanto, aqui estou eu.

Deixando-o me seguir. Fingindo que não sei para que eu possa ter pelo menos uma pequena parte dele para mim.

Louca por punição, é isso que sou.

Mas há muito que se pode tomar antes que tudo se torne demais.

Eu paro na frente da escada. Inclinando a cabeça para trás, olho para o céu escuro e sem estrelas. O vento está soprando forte, sacudindo os galhos de uma árvore próxima. Um calafrio percorre meu

corpo quando o ar frio passa pela minha jaqueta de couro e uma blusa grossa. Um relâmpago ao longe colore o céu.

A tempestade está quase aqui. Eu deveria entrar. Deveria continuar fingindo como tenho feito, mas não posso mais. Não posso continuar fazendo isso comigo mesma.

— Você não precisa fazer isso, sabe?! — Eu digo baixinho, minhas costas ainda viradas para ele.

Calmaria é a única coisa que me cumprimenta e, por uma fração de segundo, duvido de mim mesma. Talvez nunca tenha sido ele me seguindo, mas algo assustador. Talvez...

Há uma ligeira mudança, e eu posso ouvir os passos se aproximando. — E o que você acha que eu estou fazendo?

— Me seguindo para casa. — Inclino minha cabeça para o lado, pensando. — Embora eu não tenha certeza se é porque você tem um complexo de herói ou tendências perseguidoras.

Ele ri, o som quase inaudível com o uivo do vento.

— Talvez eu estivesse simplesmente na vizinhança. Já pensou nisso?

— Oh, sério? — Me viro para encará-lo. Ele está parado perto, mais perto do que eu pensava, e embora a proximidade dele me irrite, não dou um passo para trás. Levantando minha sobrancelha em questão, pergunto: — E o que um garoto rico faz neste bairro algumas vezes por semana?

Olhos cinzentos estreitam, e eu posso sentir sua irritação. Estou chamando-o de idiota e ele sabe disso. As crianças ricas só vêm a este lado da cidade quando não são boas, e não importa o quão nervoso e irritado Max esteja agindo ultimamente, eu nunca, nem por um

momento, pensei que ele se envolveria em alguma merda obscura como usar drogas.

— Há quanto tempo você sabe?

Dou de ombros, puxando minha jaqueta mais apertada ao meu redor. Os dias estão lentamente ficando mais frios, e em breve será inverno em Michigan. Esta noite está mais fria do que o normal, já que o céu está prestes a se abrir. Há uma pressão no ar e você pode sentir o cheiro da chuva.

— Por um tempo.

— Por que não disse nada?

Trovões atingem a distância, seguidos por raios ofuscantes. Por uma fração de segundo, eu posso ver seu rosto, luz e sombra acentuando suas maçãs do rosto proeminentes e mandíbula quadrada.

E o olhar em seus olhos... Deus, aqueles olhos.

Meu corpo inteiro estremece, só que desta vez não tem nada a ver com o frio e tudo a ver com Max.

Íris cinza escuro parecem sem fundo quando me engolem. E pela toca do coelho eu vou de bom grado. Sei que devo desviar o olhar, quebrar nosso concurso de encarar e apenas correr, mas seus olhos me colaram no local.

— Vai chover. — Finalmente afirmo, quebrando o silêncio. — Eu deveria entrar e você deveria ir para casa.

Começo a me virar, mas ele agarra meu pulso, me puxando de volta. Meu corpo inteiro balança com o movimento antes de esbarrar no dele. Um choque elétrico corre através de mim, fazendo meu corpo zumbir em consciência.

Max levanta a mão, indo para segurar minha bochecha. Nossos olhos se encontram e meus músculos ficam tensos quando seus dedos roçam na minha bochecha antes que eu consiga virar minha cabeça para o lado.

Rejeitando seu toque.

Rejeitando-o.

— Não... — Eu imploro baixinho. — Apenas não...

Fechando os olhos, engulo em seco, implorando a ele silenciosamente para deixar isso passar. *Deixe-me* ir e vá embora. Afaste-se para que eu possa consertar a ferida aberta que ele infligiu novamente.

MAX

— Não... — ela implora em voz baixa, nem mesmo olhando para mim enquanto faz isso. — Apenas não...

— Não o que, Brook? — Eu pergunto, irritado.

Com raiva mesmo.

Dela.

De mim.

De toda essa situação.

O jeito que ela se afastou do meu toque é como um tapa no meu rosto. E eu mereço, oh, eu mereço. Mas me daria um tapa em qualquer dia da semana por causa disso.

Seu corpo está tenso sob o meu toque, mas não consigo deixa-la ir, e por todas as suas palavras, ela não se afasta.

— Você sabe muito bem o quê! — Ela grita com raiva, virando-se para olhar para mim.

Bom.

Irritada é melhor do que triste.

Quando há raiva, há esperança de que algo possa ser feito. A indiferença é o que você precisa ter medo, porque, uma vez lá, nada pode ser feito para salvar a situação.

— Não, eu não sei! — Eu grito. — Eu deveria esquecer, lembra? Você queria agir como se nada tivesse acontecido quando nós dois sabemos muito bem que aconteceu. Mas é isso que você faz. Você evita as merdas, fingindo que nunca aconteceu.

— Não se atreva a colocar isso em mim! — Seu dedo me apunhala no meio do meu peito, fogo queimando intensamente em seus olhos verdes. — Não fui eu quem te chamou pelo nome do seu melhor amigo. Não sou eu quem está apaixonada pelo seu melhor amigo, mas como não posso tê-lo, aceitarei qualquer prêmio de consolação que conseguir. Isso é tudo com você, amigo.

Bem, merda, quando ela coloca assim...

Outro aplauso de trovões, desta vez mais perto. — Você nunca foi um prêmio de consolação, Brook. — Eu digo, concentrando-me no rosto dela. Sua pele de marfim, muito mais clara e delicada que a minha. E aqueles olhos de gato que sempre observam, vendo tudo.

— Okay, certo. Diga isso a alguém que não estava lá. Talvez ele acredite em você.

Ela puxa a mão do meu alcance, e desta vez eu a deixei. Uma gota de chuva cai na minha bochecha, e a sinto cair lentamente.

— É verdade.

Brook ri, mas não há um traço de diversão no tom. Ela balança a cabeça, uma tristeza que eu não notei antes evidente em seu rosto. O fogo que estava queimando intensamente em seus olhos agora estava completamente extinto.

— Você não pode ver seu rosto quando olha para ela, mas eu não sou cega.

Mais gotas caem até uma verdadeira tempestade, e Brook e eu estamos encharcados em segundos.

Eu corro meus dedos pelo meu cabelo molhado, puxando as pontas em frustração. Essa garota... essa garota teimosa, teimosa. — E como é isso? — Eu grito com a chuva e o vento.

Ela olha para longe de mim, mordiscando seu lábio inferior. O lábio carnudo aparece de volta e sua garganta mexe enquanto ela engole.

Parece horas antes que ela me olhe novamente. Estou com frio, frustrado e com raiva, mas não há como sair antes de receber algum tipo de resposta.

Sim, eu estraguei tudo, mas foi ela que nem me deixou explicar. Não me deixou pedir desculpas.

— Como se ela fosse o seu mundo inteiro. — Brook olha para mim, finalmente olha para mim e, pela primeira vez, eu gostaria que ela não tivesse. — Você olha para ela com os olhos de um homem apaixonado.

Estou sem palavras. Atordoado em silêncio. Não porque suas palavras me surpreendem; não fazem. O que me surpreende é o vazio nos olhos dela.

Renúncia.

Ela não espera minha resposta, mas usa essa oportunidade para entrar.

E fico na chuva, olhando para a porta fechada, muito tempo depois que ela se foi.

Capítulo Nove

BROOK

— Bom dia, Brook! Sente-se.

Murmuro incoerentemente algo que deve soar como uma saudação enquanto tomo uma das duas cadeiras disponíveis no lado oposto da mesa. Minha mochila desliza com um *baque* suave, e eu tenho que cobrir minha boca para abafar o bocejo.

Depois de tudo o que aconteceu, não consegui adormecer. Minha mente continuava indo e voltando - repetindo o que aconteceu com Max na noite da festa de Halloween e na noite passada. Mistura do passado e do presente tão apertada que me manteve acordada até a primeira luz da manhã espiar pela minha janela. Nesse ponto, desisti e saí da cama.

Josephine não estava em lugar algum. Se fôssemos uma família normal, eu tentaria ligar e descobrir onde ela está, mas nosso relacionamento está longe de ser comum e ela ficar fora ou até mesmo passar dias a fio não é algo incomum. Foi o mais longe que pude lembrar, e sempre fiquei aliviada e *agradecida* quando ela não estava por perto. Minha mãe é uma bagunça, e eu não tenho tempo ou força para suas besteiras. Especialmente depois da noite passada.

Ela estava no limite ultimamente mais do que o habitual. Eu não tinha certeza se era a separação, perda de emprego ou falta de dinheiro. Talvez todos os três se misturassem, ou poderia ser algo completamente diferente. De qualquer maneira, eu não me importei.

Fiquei fora do caminho dela o máximo possível, só estando em casa quando era absolutamente necessário. Preferindo a escola, Lia…

inferno, até meu trabalho é melhor do que estar em casa. E é sobre esse lugar desprezível que estamos falando.

Paga dinheiro. Dinheiro que você precisará quando tudo estiver dito e feito. Dinheiro que você pode precisar mais cedo ou mais tarde.

— Desculpe, eu estava tentando lidar com essa bagunça aqui, mas parece impossível. — Diz Jenkins, sorrindo em tom de desculpa.

— Sem problemas.

A senhorita Jenkins é nova em nossa escola. Ela veio no começo deste ano. No final dos seus vinte anos, ela tinha acabado de sair da faculdade e tinha alguma necessidade louca de ajudar todos ao seu redor. Acho que isso a fez boa em seu trabalho como conselheira, mas eu não precisava de conselhos ou ajuda.

Fui convocada para o escritório do conselheiro no ano passado, assim como todos os juniores. Conversamos sobre notas e faculdades. Eu levei o programa como o resto da minha classe, obtendo notas bastante decentes também, mas era inflexível quanto a não ir para a faculdade. A faculdade era cara. E sim, eu poderia solicitar uma bolsa de estudos; no papel, era a candidata perfeita, mas não queria dinheiro por pena de ninguém. Já me cansei disso. Pena, não dinheiro.

A senhorita Jenkins tentou falar comigo em algumas ocasiões diferentes desde que chegou aqui também, mas eu lhe disse o que disse ao nosso conselheiro anterior. A faculdade não está nas cartas para mim. Ela acenou com a cabeça em compreensão, escuros, longos dreadlocks balançando com o movimento e roçando sua pele cor de café antes de sugerir algo local.

Eu ri na cara dela.

Não havia como eu ficar nesta cidade. Não para a faculdade, nem para qualquer outra coisa.

Apenas mais alguns meses. Então eu posso começar de novo. Em algum lugar longe, muito longe daqui.

— Por que você precisava de mim, senhorita Jenkins? — Eu pergunto, querendo terminar com esse dia, inferno, esta semana inteira, embora mal tenha começado.

Eu a assisto embaralhar os arquivos em sua mesa antes que ela puxe um deles triunfantemente, abrindo-o sobre tudo o que está espalhado na superfície. Ela examina o arquivo, ganhando algum tempo. Tenho certeza que sabe o que há dentro desde que ela escreveu e estamos jogando esse jogo há um tempo.

Suspirando, ela se inclina na cadeira, olhos castanhos se aproximando de mim. — Ainda pensa que a faculdade não é para você? Tenho certeza que poderíamos encontrar algo...

Cruzo os braços sobre o peito, dando-lhe um olhar duro que transmite mais do que palavras jamais puderam.

— Eu imaginei isso. — Ela fecha o arquivo, os cotovelos cavando nele enquanto ela inclina a cabeça nas mãos. — Que tal outra coisa? Talvez...

— Senhorita Jenkins, com todo o respeito...

Eu começo, mas ela me ignora.

— Talvez um programa de verão ou escola noturna? Ou talvez eu possa ajudá-la a encontrar um concurso de arte.

Pulo nas minhas pernas, com raiva. — A senhora Brown te colocou nisso? Ela mostrou minha arte?

Suas mãos caem quando ela se afasta surpreendida pela minha explosão. Geralmente estou quieta e desinteressada. Minha melhor arma é o silêncio, não a raiva.

— Claro que não!

— Eu disse a ela que não estou interessada! Minha arte é minha, não para as outras pessoas olharem.

— Brook... — Ela vem ao redor da mesa, o braço estendido como se estivesse se aproximando de um animal ferido. — Sra. Brown não me mostrou nada. Ela só mencionou que tem uma aluna talentosa que reluta em mostrar seu trabalho, e notei que você estuda arte desde o primeiro ano.

— Sim, certo. — Eu não acredito nela. Nenhuma palavra. A Sra. Brown sempre me incentiva a mostrar minhas coisas, a me candidatar a uma competição ou outra. Minha resposta é sempre a mesma, mas ela nunca desiste. E agora isso? — Deixe isso em paz. Meus planos depois do ensino médio são meus. Eles não dizem respeito a você ou a mais ninguém.

Com essas palavras, pego minhas coisas e atravesso aqueles poucos passos que separam as cadeiras da porta de seu minúsculo escritório. Abro a porta com força e saio, apenas para encontrar alguém.

Rapidamente, como se eu estivesse queimada, me afasto, meus olhos passando do peito duro coberto pela camisa preta macia para os olhos prateados.

Ótimo. Exatamente o que eu preciso.

— Brook, você está bem?

— Ótima, — Murmuro, passando por ele. Meu corpo roça no dele, o espaço tão apertado que posso sentir cada músculo duro esfregando contra mim. Um choque elétrico faz meu corpo tremer de consciência.

Mesmo semanas depois...

Meu coração dói no meu peito. Eu posso empurrá-la de volta por um tempo, mas ela sempre volta. Essa dor maçante e oca.

É o que acontece quando você quebra as regras. Você se queima.

Eu não sei disso.

Fui eu quem estabeleceu as regras para me proteger, apenas para acabar com todas elas. Paguei meu preço por duas delas e, em pouco tempo, sei que também terei de fazê-lo pela terceira.

BROOK

ANTES – OITO ANOS DE IDADE

— Sua pirralha ingrata! — Suas unhas cravam na minha pele, tirando sangue. Eu assobio baixinho, incapaz de segurá-lo. — Sabe quantos problemas você acabou de me fazer passar? Meu chefe me passou de novo e ele pegou todas as minhas dicas porque eu tinha que sair do trabalho cedo para vir buscá-la!

— Mamãe, dói! — Eu choro baixinho, correndo atrás dela. Ela está marchando desde que saímos do escritório da enfermeira, me puxando atrás dela. Minhas pernas curtas e trêmulas mal conseguiam acompanhar.

Não me senti bem esta manhã. Um minuto eu estava muito quente, o outro tremendo. Quando olhei no espelho quebrado acima da pia do banheiro, pude ver claramente que minhas bochechas estavam coradas, mas não consegui ficar em casa. O namorado da mamãe estava em nossa casa e eu não queria ficar sozinha com ele. Os olhares que estava

me dando fez minha pele arrepiar. Então, mesmo doente, prefiro estar na escola.

Mas quando cheguei lá, me senti ainda pior. Eu estava sonolenta, estava ficando cada vez mais difícil me concentrar, e minha barriga começou a rolar desconfortavelmente até que finalmente vomitei minhas entranhas no meio da lanchonete da escola. Uma professora me levou ao consultório da enfermeira, e não importa o quanto implorei para ela não ligar para minha mãe e que eu ficaria bem se desse um cochilo rápido, ela não ouviria.

Mamãe se vira abruptamente, me fazendo colidir com ela. Antes que possa ganhar a minha posição, há uma *lufada* de ar, seguido de um sonoro *tapa*. Eu suspiro, as lágrimas parando abruptamente quando a dor se espalha pela minha bochecha, colorindo-a de vermelho brilhante.

Ela se inclina para mim, olhos arregalados e vermelhos olhando nos meus, seu hálito de álcool tocando minha pele e me deixando mais enjoada do que antes. — Lágrimas não vão te salvar! Pare de chorar e se mexa.

Minha mão cobre minha bochecha queimada, minha cabeça ainda virou para o lado do impacto. Não é a primeira vez que ela me dá um tapa, longe disso. Mas ela nunca fez isso em público. Eu podia ouvir algumas pessoas suspirando. Sinto os olhares apontados em nossa direção.

Nenhuma pessoa parou.

Nenhuma pessoa olhou duas vezes.

Todos eles continuaram com suas próprias vidas como se nada tivesse acontecido.

Engoli o soluço que queria escapar. A única coisa que faria é irritar ainda mais a mamãe, e isso não me traria nada de bom.

Eu sempre me perguntava se as coisas seriam diferentes se me abrisse para alguém, se falasse sobre minha mãe. Se eu dissesse a eles o que está acontecendo. E agora, finalmente, tive minha resposta.

Por todos os seus defeitos, ela estava certa.

Josephine Taylor estava completamente, inegavelmente certa.

Ninguém se importa com garotinhas brancas como eu.

Alguns provavelmente pensam que eu mereço.

Ninguém viria em meu socorro.

Escovando as lágrimas da minha bochecha com as costas da minha mão, fungo suavemente. Virando-se, ela continua se afastando, me puxando atrás dela.

Bem, eu não preciso deles.

Não preciso de ninguém para me salvar.

Eu vou fazer isso sozinha.

Eu estou bem sozinha.

Capítulo Dez

MAX

AGORA

Olho para as costas de Brook enquanto ela foge, a cabeça baixa, cabelos escuros caindo e escondendo o rosto.

Sempre escondida.

Sempre tentando ficar invisível.

Desamparado, olho entre a forma em retirada e a porta aberta para o escritório do conselheiro. Eu quero ir atrás dela, mas a senhorita Jenkins já me viu, então não há como escapar da nossa reunião.

— Bom dia, Max. — Ela oferece um sorriso fraco.

— Bom dia. — Devolvo a saudação, meus olhos voltando para o corredor, embora eu saiba que Brook já se foi. — Ela está bem?

Ela olha para o corredor, pensativa. — Acredito que sim. Algumas pessoas estão determinadas a fazer tudo sozinhas. Brook é uma delas. — Afastando o que aconteceu neste escritório apenas momentos antes, ela olha para mim, seus lábios se abrindo em um sorriso convidativo. — Entre.

Relutantemente, eu a sigo para dentro, fechando a porta atrás de mim.

— Você queria me ver? — Eu pergunto, apertando meu corpo em uma cadeira pequena.

Jenkins está sentada em frente a mim, cruzando as mãos na pilha de arquivos que estão sobre a mesa.

— Sim, eu queria. — Ela sorri gentilmente, mas não deixo esse sorriso me enganar. Ela me chamou aqui por um motivo, e seja qual for esse motivo, tenho certeza de que não vou gostar. — Seu treinador me procurou não faz muito tempo, preocupado com suas notas.

Meu sangue vira gelo.

Merda. Eu disse a ele que cuidaria disso. Eu cuidei. *Não foi?*

O meu pomo de adão balança quando eu engulo. — Foi resolvido. Passei nos meus testes.

— Mhmm... — Minhas mãos ficam suadas quando ela olha através dos arquivos até que finalmente puxa um para fora. — Você decidiu para qual faculdade está indo?

— Enviei algumas solicitações. — Digo sem compromisso.

Tentei fazer o que meu último conselheiro escolar me disse para fazer - deixar meus horizontes abertos e me inscrever em diferentes. Divisão um e dois.

Dinheiro não era um problema para minha família, mas apenas as faculdades da primeira divisão com um grande time de hóquei podiam me levar um passo mais perto do meu objetivo - jogar na NHL.

E aquelas faculdades, as que eu esperava entrar, queriam todo o pacote.

Ainda existe o Torneio Globo de Gelo.

Eu só esperava que meu desempenho estelar no gelo superasse meu histórico acadêmico de merda e que eles se arriscassem.

— Algum lugar específico que você gostaria de ir?

— Desde que eles tenham um ótimo programa de hóquei... — Deixo o resto da frase no ar. Eu não acho que ela quer saber que não dou a mínima para a escola e só quero continuar jogando.

Ela assente, seus olhos examinando o que eu suponho ser meu arquivo.

O que diabos é tão interessante sobre isso?

— Bem, eu posso ver que suas notas melhoraram. — Em outras palavras, eu não estava mais reprovando. Bom, isso é bom. Por um segundo, ela me preocupou que estivesse falhando em algo, novamente. — Tenho certeza de que uma das escolas dos seus sonhos chegará em breve.

— Esperemos.

— Mas se você sentir que tudo está se tornando demais...

— Não está. — Eu digo rapidamente, terminando com esta conversa. Nem sei qual era o sentido disso. — Por que me chamou aqui se minhas notas foram boas o suficiente para me qualificar para jogar?

— Se se tornar... — Ela persiste teimosamente. — Você é mais que bem-vindo a vir aqui. Esta porta está sempre aberta.

— Eu vou manter isso em mente. — Concordo rapidamente. Qualquer coisa para sair daqui. — Se é isso, eu tenho que fazer alguns trabalhos de casa antes da minha primeira aula.

Jenkins mantém meu olhar por mais alguns segundos antes de finalmente concordar. — Claro. Espero que você tenha um ótimo dia. E boa sorte com seu jogo na quinta-feira! Vai, Wolves!

— Obrigado. — Murmuro rapidamente enquanto pego minhas coisas e corro antes que ela mude de ideia. — Você também.

Andando pelos corredores movimentados, aceno para algumas pessoas que conheço, mas não paro para conversar. O treinador e a Sra. Rayan, minha professora de sala de aula, chegaram a um acordo. Em vez de ir à sala de aula todas as manhãs, posso ir à biblioteca e usar o tempo para acompanhar alguns estudos até que a temporada termine.

Então é para onde eu vou. Já estava atrasado desde que o treinador me disse que a srta. Jenkins queria me ver depois do treino, então agora vou ter que me pôr em dia o dia todo. Mentalmente, reviso a lista de coisas que precisavam ser feitas.

Terminar a lição de matemática. OK.

Começar a trabalhar no meu trabalho de biologia. OK.

Acompanhar a leitura em inglês. Caramba. OK.

E a mais temida: descobrir o que diabos vou fazer com o meu futuro. OK.

Provavelmente há mais que devem ser adicionados a essa lista, mas esses foram os mais prementes. E só posso fazer algumas coisas de uma só vez antes de enlouquecer.

Passando a mão pelo meu cabelo úmido, sinto minha garganta fechar, dificultando a respiração. Uma camada de suor cobre minha pele, fazendo minhas mãos ficarem úmidas. A pressão para me destacar - manter minhas notas, vencer jogos, levar o troféu para casa e entrar em uma faculdade da primeira divisão - está tirando o melhor de mim. Está acontecendo cada vez mais ultimamente também. Com apenas alguns meses antes da formatura, a pressão é tão alta que está mexendo com minha cabeça.

Paro no meu caminho, tirando um minuto para me recompor antes de ir à biblioteca e, quando o faço, algo no canto do olho chama minha atenção.

Alguém.

Espreitando através de uma pequena fenda na porta, eu a encontro em frente a uma tela, completamente alheia ao mundo exterior.

Eu sabia que Brook era uma artista. Os restos de tinta geralmente adornam as pontas dos dedos e, ocasionalmente, acabam também no rosto. Mas nunca a vi trabalhar.

Até agora.

Ela está sozinha na silenciosa sala de aula, mas mesmo que não estivesse, não notaria mais ninguém. É assim que ela está imersa em sua arte.

Seus olhos estão concentrados no que está trabalhando, uma carranca profunda cruzando sua testa. A massa de cabelos castanhos é puxada para cima em algum tipo de torção ou coque ou qualquer outra coisa em cima de sua cabeça, mas um fio teimoso escorregou livre, ondulando contra sua bochecha.

Uma mulher que deveria ser branca, mas na realidade coberta de tinta, a bata está sobre os ombros. Engole sua delicada silhueta e cai bem abaixo dos joelhos.

Não vejo o que ela está trabalhando porque seu perfil está voltado para mim. Se eu me mudasse, provavelmente poderia ver, mas isso também significaria que ela saberia que estou aqui. Assistindo. Ainda não estou pronto para isso. Brook é uma daquelas pessoas sempre tensas, cuidadosas com o que dizer e como agir diante das pessoas. Com medo de que ela revele demais. Encontrá-la assim, em seu

elemento e alheia ao mundo exterior, é uma oportunidade única e quero apreciá-la ao máximo.

Fazendo alguns toques aqui e ali, Brook dá um passo para trás. Mordiscando a ponta do pincel, ela observa sua tela enquanto eu a observo. Do jeito que ela está, com o queixo erguido. Seus olhos observam toda a pintura, observando lentamente todos os detalhes.

O que ela vê? Ela é uma daquelas artistas peculiares e autoconscientes que questionam tudo, não deixando ninguém ver seu trabalho até que considere apresentável?

As pontas dos dedos estão cobertas de tinta cinza e preta. A mecha de cabelo roçando em sua bochecha deve tê-la irritado ou fez cócegas, porque ela a afasta e, no processo, deixa uma mancha de tinta em sua bochecha.

Aproximando-me, me inclino contra a moldura da porta.

— Não é o mais saudável dos hábitos alimentares, eu diria. — Quebro o silêncio.

Brook pula, assustada com a minha presença.

— Jesus Cristo! — Sua mão atira no peito, pressionando contra o coração enquanto ela se vira para olhar para mim. — Você me assustou, Max!

Sorrindo timidamente, coço a parte de trás da minha cabeça. — Desculpe? — Eu ofereço fracamente.

— Não venha com 'me desculpe'! — Brook grita, e antes que eu possa vê-la chegando, algo está voando na minha cabeça.

Se eu fosse outra pessoa, me esconderia ou seria atingido na cabeça porque, caramba, a mira dela é boa, mas não sou de assustar facilmente. Em vez de me esquivar, como qualquer pessoa sã faria,

minha mão levanta, agarrando a coisa que ela jogou na minha cabeça com força na palma da mão.

Abrindo os dedos, olho para baixo. — Tubo de tinta? Sério, Brook? Violenta demais?

Olhos verdes se estreitam para mim do outro lado da sala. — Viu.

Sem outra palavra, ela se vira de costas, me excluindo. Mas ainda não estou pronto para ir, então entro na sala de aula, deixando a porta se fechar atrás de mim. Consigo ouvir a voz de aviso do treinador no fundo da minha mente, lembrando-me o que está em jogo e não estragar tudo, mas não consigo me controlar. Eu já estou atrasado, então mais alguns minutos não farão diferença.

— Isso se chama talento natural, Bobinha.

Ela revira os olhos para mim, sem se incomodar com uma resposta. — O que você está fazendo aqui, Sanders? A pista de hóquei é ali.

De volta a Sanders, entendi.

A irritação pinica na parte de trás do meu pescoço. Parece que a cada passo que dou com essa garota, ela dá dois passos para trás.

— Mantendo o controle sobre mim, Taylor?

Ela ri com seu riso fingido que dia 'você realmente pensa que é a merda'. — Você só pode esperar que sim.

— Na verdade, eu estava indo para a biblioteca.

— Esta é a sala de arte. — Aponta Brook, entediada.

— Eu posso ver isso. — *Não brinca, Sherlock.* Não importa o quanto eu queira dizer isso em voz alta, mantenho o comentário para mim mesmo. Andando mais perto dela, olho ao redor da sala. Janelas grandes do chão ao teto que deixam a luz natural iluminar o espaço.

Bancos, cavaletes vazios e o cheiro de tintas e óleos enchem a sala. É o oposto completo da pista de hóquei, que serve apenas como mais um lembrete de quão diferentes nós dois somos.

No entanto, aqui está você de novo.

Ela olha por cima do ombro, cansada. — O que você pensa que está fazendo?

— A luz está boa aqui. — Continuo, ignorando a pergunta dela. — Muito melhor do que uma biblioteca sombria.

Olhos verdes estreitos me seguem sem piscar, e justamente quando acho que vou olhar o que ela está escondendo naquela tela, ela a gira para que fique oculta novamente.

— Você não vai ficar aqui.

Eu não estava planejando, mas agora que ela disse isso...

— Vamos lá! Você fará o que quiser e eu vou estudar.

Realmente, seria tão ruim assim? A última vez que eu estava surtando, tentando, mas falhando miseravelmente, em me concentrar nos estudos, Brook foi quem me ajudou a passar por isso. Não havia uma pessoa, exceto Jeanette - não meus pais, professores ou amigos - que conseguia entender como meu cérebro funcionava. Nenhuma pessoa que poderia me ajudar quando o pânico e as palavras confusas se tornaram tão impressionantes que minha cabeça explodiu. Mas de alguma forma Brook entendeu. Sem eu ter que dizer nada, ela entendeu. Sabia o que fazer; ela sabia como me ajudar.

— De jeito nenhum. — Brook balança a cabeça decisivamente. — Você segue seu caminho, e eu vou ficar aqui e terminar isso.

— E a sala de aula?

— Mantendo o controle sobre mim, Sanders? — Ela joga minhas palavras de volta para mim.

— Você nem saberá que estou aqui.

— Não.

— Por favor, Brook. — Atiro no meu, o que Anette chama, sorriso arranca calcinha na sua direção. — A biblioteca é abafada, dificultando a concentração e preciso fazer essa merda.

Ela olha para mim por um tempo, seus lábios pressionados em uma linha apertada, expressão fria. Ilegível. Eu seguro seu olhar, deixando-o preenchê-la enquanto pego o meu.

Há algo sobre Brook Taylor que chama minha atenção, e não importa quanto tempo ou quão duro eu a olhe, sempre há algo mais para ver, algo mais para descobrir sobre a garota que guarda todos os seus segredos dentro dela. Algo nela me chama, e não consigo desviar o olhar, mesmo que quisesse. E quando me sinto ansioso e inquieto, todas as obrigações e expectativas tornam impossível respirar, estar na presença dela faz com que tudo fique em segundo plano.

— Tudo bem. — Ela finalmente diz, quebrando o silêncio. — Mas é melhor você ficar do seu lado da sala e ficar quieto. Eu tenho que terminar isso.

Capítulo Onze

BROOK

O que diabos aconteceu comigo? Eu deveria ter dito não. Firme e sem desculpas. Tenho que terminar esta peça e não preciso de distrações. E Max é a maior distração de todas. Especialmente depois de tudo o que aconteceu no sábado à noite.

Seus olhos cinza feridos ainda me assombram. Eu posso vê-los claramente em minha mente. Amplo, magoado e cheio de tristeza.

Mordiscando meu lábio, espio por cima da borda da tela.

Fiel à sua palavra, Max ficou do seu lado da sala, deixando distância suficiente entre nós. Ele está sentado no chão com uma prancheta apoiada nos joelhos dobrados, as costas encostadas na parede. Quando concordei e deixá-lo ficar, pensei que seria o suficiente manter distância entre nós dois. Pensei que seria capaz de ignorá-lo e fazer minhas próprias coisas, mas aparentemente não.

A presença dele é tão forte. Esmagadora, realmente. É como se ele sugasse todo o ar desta sala e o enchesse de tensão. Grossa e intensa.

O silêncio ensurdecedor nubla o espaço, pior do que qualquer barulho jamais poderia ser, todas as coisas não ditas entre nós tornando quase insuportável estar em sua companhia. Mas trazer tudo isso à tona não nos fará nenhum bem, então não faz sentido dizer nada.

Max precisa de alguém para ancorá-lo, guiá-lo para que ele não fique louco enquanto estuda, e por algum motivo estranho e fodido, ele acha que eu sou a única pessoa que pode fazer isso. Não importa o

quão confusos e loucos meus sentimentos sejam pelo cara, não posso dizer não a ele. Não quando se trata disso.

— Você está fazendo um buraco na minha testa. — Ele murmura, sem tirar o olhar do que quer que esteja trabalhando. — Pensando em maneiras divertidas de me matar?

— Não se iluda. — Reviro os olhos. — Eu me perdi um pouco nos pensamentos, só isso.

Voltando meu olhar para a tela, eu encaro as esferas prateadas olhando de volta para mim.

Eu estava tão imersa no meu trabalho que nem ouvi quando ele se aproximou. A única coisa pela qual posso agradecer é que minha estação está voltada para que ninguém possa ver no que estou trabalhando. Propositadamente. Porque se ele visse... Um tremor percorre todo o meu corpo. E as pessoas se perguntam por que estou relutante em mostrar meu trabalho ao mundo.

É tão pessoal. Tão... Notável. Isso poderia revelar meus segredos e desejos mais profundos e sombrios, e não estou pronta para isso. Eu nunca estarei pronta para isso.

— Perdida em pensamentos sobre mim? — Sua risada leve faz minha cabeça estalar.

Eu estreito meus olhos, olhando para ele através de pequenas fendas. — Se não calar a boca, vou encontrar algo mais pesado que um tubo de tinta para jogar em você.

Max olha em volta como se estivesse realmente contemplando minha resposta. — Nah, eu acho que estou bem. — Recostando-se na parede, ele inclina o queixo na minha direção. — No que você está trabalhando?

Nada agora que você está aqui. Mas não posso dizer isso em voz alta. — Não é da sua conta.

Ele ri de novo, o som ecoando na sala vazia. Minha pele se arrepia porque parece que a voz dele está tocando a minha pele e minha respiração fica presa nos pulmões.

Por que de repente é tão difícil respirar?

— Eu poderia ter adivinhado isso.

O que diabos isso significa?

— Adivinhado o quê? — Eu pergunto, estreitando os olhos para ele.

— Que você é um *desses* artistas.

— E que tipo de artistas são *esses* artistas?

Este tipo está falando a sério?

— Você sabe o tipo. — Ele encolhe os ombros. — Secretos. Obcecados com perfeição. Autocrítica ao ponto de que nada supera suas expectativas.

Desta vez, não posso deixar de rir. — Cara, você não poderia estar mais errado se realmente tentasse.

— Não? — Ele me olha com curiosidade, desafio brilhando naquelas íris loucas de luz. — Então me mostre no que você está trabalhando.

— Tente essa psicologia reversa com outra pessoa, Sanders. Não estou lhe mostrando no que estou trabalhando, mas não tem nada a ver com perfeição ou com a autocrítica.

Mais como minha autopreservação.

Se ele visse o que eu estava pintando, ele saberia, e nunca poderá descobrir.

Tirando a prancheta do colo, ele se levanta e lentamente começa a caminhar em minha direção. Escuro, medonho e letal. Ele para apenas atrás da tela, aqueles olhos penetrantes olhando nos meus.

— O que você está escondendo?

— Nada.

Apenas minha alma. Mas é claro, eu não digo isso em voz alta.

Não sei quanto tempo ficamos assim, olhos nos olhos, esperando para ver quem será a primeira pessoa a recuar. O primeiro a quebrar.

Ele está tão perto, muito perto mesmo. Inspiro profundamente, tentando segurar a respiração para não ser afetada pelo cheiro dele. Uma mistura de sabão, apenas um pouco de colônia e algo que é simples. Picante e intoxicante, ele me envolve e faz minha cabeça girar.

Por que ele está tão perto?

Se eu estendesse minha mão, seria capaz de tocar seu corpo. Uma barba leve e com poucos dias está cobrindo sua mandíbula, e meus dedos coçam para tocá-lo. Sentir sua textura embaixo das pontas dos meus dedos, traçar os lábios carnudos.

Meus próprios lábios se separam, a boca fica seca, enquanto a memória de sua boca na minha me assalta do nada. Gentil, mas imponente. Um arrepio percorre meu corpo, meus dentes cravando na carne macia do meu lábio inferior e sugando-o.

Os olhos de Max caem, olhando para minha boca. O pomo de adão dele balança quando engole, a ponta da língua disparando para umedecer os lábios.

Se é possível, parece que ele está ainda mais perto do que estava antes, nossas respirações quentes se misturando no espaço entre nós. Meu coração está batendo loucamente, tão loucamente que eu não

ficaria surpresa se ele pulasse da caixa torácica. O batimento cardíaco ecoando no meu sangue, na minha mente, me deixando tonta.

Estou tão imersa neste momento, tão imersa *nele*, que não ouço a porta se abrir.

— Ei, Brook! Eu só queria... — Lia entra tempestuosa lá dentro, mas para quando nos vê de pé tão perto um do outro. A única barreira entre nós é a tela que eu tenho tentado esconder dele. Nós pulamos para trás, como duas crianças pegas fazendo algo travesso. — Oh, me desculpe, eu não... eu vou...

Ela começa a andar para trás, mas tropeça na mochila de Max. Ela teria caído se não fosse por seus reflexos rápidos.

Sempre o herói.

— Estávamos apenas... — Max começa, mas para de repente, sem palavras. Ele coça a nuca e, se não me engano, acho que consigo ver suas bochechas corarem.

A bile sobe na minha garganta quando meu coração, que estava batendo como louco apenas alguns segundos atrás, começa a cair livremente até a boca do estômago.

Lia olha para mim, mas eu viro minha cabeça, incapaz de encará-la.

— Max estava saindo.

Pressionando meus lábios em uma linha apertada, dou as costas para eles e começo a limpar, ignorando completamente os dois. Talvez se eu fizer isso, a culpa e algo mais, algo mais profundo e mais feio que eu tenho medo de citar, desapareçam.

— Então... você e Max?

— Huh? — Trazendo meu nariz para fora do livro, deslizo meu dedo entre as páginas para marcar onde parei antes de olhar para Lia. Ela está sentada em sua mesa, mas está completamente virada para mim, me olhando com expectativa.

Só posso imaginar quanto tempo ela está sentada assim, esperando que eu preste atenção nela enquanto estava imersa no mundo de *Jane Eyre*.

Olhos de chocolate se estreitam para mim, mas seu pequeno ato difícil é arruinado quando uma mecha brilhante de cabelo cai de seu coque bagunçado diretamente em seu rosto. Frustrada, ela o afasta. — Não continue fingindo que não me ouviu. Eu sei que você fez.

Bem, valeu a pena tentar.

— Há Max e depois eu.

Ela revira os olhos exageradamente. — Oh, por favor. Quem você está tentando enganar?

Dou de ombros com indiferença, olhando pela janela o sol descendente colorindo o céu em laranja e rosa. Meus dedos coçam para pegar meus pincéis e tintas, mas todos os suprimentos estão na escola e não há como capturar algo assim com um lápis, então olho pela janela, tentando memorizar essa beleza com meus olhos sozinhos, e espero poder recriá-lo mais tarde.

Quando Lia não obtém uma resposta, ela continua. — O que aconteceu hoje? Por que ele estava na sala de arte?

— Ele estava passando quando me viu. Não sei por que ele parou, mas pensou que seria mais fácil se concentrar em estudar na sala de arte do que na biblioteca abafada. Queria que ele fosse embora, mas não queria ser rude.

— Desde quando Brook Taylor se preocupa em não ser rude? — Lia desafia.

Eu a encaro. — Desde quando Amelia Campbell se tornou tão intrometida?

— Touché.

— Em minha defesa, tentei jogar um tubo de tinta nele.

Sobrancelhas pálidas se levantam. — Tentou? Como você *tenta* jogar um tubo de tinta em alguém?

— Ok, — eu admito. — Talvez eu *tenha* jogado nele.

Eu olho para ela, e nós duas caímos na gargalhada. Não faz muito tempo, Lia provavelmente manteria suas opiniões para si mesma, mas ultimamente, ela se tornou mais aberta. Acho que devemos agradecer ao Derek por isso. Desde que começaram a namorar, ela está mais confiante.

Lola, o Charles Spaniel de seis anos de idade de Lia, levanta a cabeça, os olhos castanhos piscando o sono. Ela não parece divertida com nossas travessuras a julgar por seu rosto sério e sua você-é-real face.

Quando nossas risadas cessam, ela se enrola novamente, suspirando alto.

Rainha do drama, se eu já vi uma. Esse cão possui mais atitude do que algumas pessoas, e na maioria das vezes parece que ela sabe e entende tudo.

Lia se vira na cadeira, voltando a trabalhar na lição de casa ou no que quer que esteja fazendo. Acho que nossa conversa terminou, mas quando estou prestes a fazer uma dança feliz interna e abrir meu livro para continuar lendo, as palavras dela me impedem.

— Pelo que vale a pena, acho que vocês dois formariam um bom casal.

Suspirando, deixo minha cabeça cair para trás. — Lia...

Um aspecto não tão bom dela e Derek estarem juntos é que agora ela tem essa necessidade de ver todo mundo feliz e em casal. Não me interpretem mal; eu amo a garota, mas felizes para sempre não se destina a todos.

— Brook. — Ela chama meu nome da mesma maneira. — Você é minha melhor amiga e quero vê-la feliz. Eu acho que Max poderia fazer isso.

— Na maioria das vezes eu quero estrangular o cara. Como isso me faz feliz?

Se esse não é um pensamento bastante distorcido, não sei o que é.

Lia olha por cima do ombro, seus olhos castanhos brilhando de malícia. — Seus olhos brilham toda vez que vocês brigam. Eu acho que ele te dá uma surra como ninguém mais pode, e você realmente gosta de dar-lhe um tempo difícil. Vocês dois me lembram um velho casal.

Balanço a cabeça. — Você é louca.

— Talvez sim. — Ela encolhe os ombros de brincadeira. — Talvez não. Acho que vamos ver.

Não havia nada para ver. Nossa briga era exatamente isso, briga. Max me irrita com seu ato de mocinho, e ele não suporta meu sarcasmo e impasse. Não há nada escondido por baixo de tudo. Sem química, sem

tensão sexual. Nada. Mas ela não conseguia ver isso, porque era cega demais para qualquer coisa e qualquer pessoa, exceto Derek.

Cega demais para ver que Maximillian Sanders, com toda a sua bondade, se apaixonou por ela, mas não fará nada a respeito, porque ele se importava mais com a felicidade dela do que com a dele.

Eu fiquei com Lia por mais um tempo, nós duas fazendo nossas próprias coisas. Muito concentradas em nosso trabalho para prestar atenção uma a outra. Isso é o que eu amava em nossa amizade; é natural. Fácil. Nós duas sabemos o que a outra precisa e podemos passar horas juntos sem realmente conversar uma com a outra. Nossos silêncios são confortáveis. Apenas o fato de estarmos juntas é consolo suficiente.

Eu gostaria de poder ter ficado lá, mas o mundo real chamou. Tinha o turno da noite no Joe's Drink n 'Drive - eu sei, chique, mas os mendigos não podem escolher - e Lia estava saindo com Derek e alguns de seus amigos.

Ela tentou me convencer a ir com ela e Jeanette, mas desta vez eu não cedi. Não podia. Não importa o quanto eu odiava meu trabalho, tinha que tomar todos os turnos extras que conseguisse para economizar dinheiro suficiente. Quando chegar a hora, vou precisar. O problema é que eu não poderia dizer nada a Lia. Não sobre o trabalho, e definitivamente não sobre o meu jogo final.

Eu nunca tive um bom relacionamento com minha mãe, mas com os anos isso só piorou. Ela se tornou cada vez mais abusiva com o tempo,

e nem estou me referindo a abuso físico, embora ela ainda me desse um tapa de vez em quando, mas abuso emocional. Eu nunca sou boa o suficiente, inútil e não amável, indesejável. Parei de contar o número de vezes que ela me disse que desejava ter se livrado de mim quando teve a chance. Ficar bêbada e chapada só piorava as coisas, e ela aproveitava todas as chances que tinha.

No começo, doeu. Doeu tanto que chorava até dormir na maioria das noites. Eu não queria aceitar. Tentei me convencer de que ela melhoraria, que não importa o que dissesse, no fundo ela não quis dizer isso. É todo o álcool falando; ela me ama. Que mãe não amaria seu filho? Então veio a raiva. Palavras más foram trocadas mais de uma vez por dia; brigas eram constantes e intensas. Mas quando toda essa raiva culminou, eu estava cansada, cansada de brigas, cansada da raiva e lágrimas, então pechinchei. Tanto comigo como com ela. Porque talvez se eu estivesse melhor, talvez se desse a ela o que queria, ela me daria o que eu preciso tão desesperadamente - minha mãe e seu amor. Só que nunca fez.

Na época eu não entendi, mas depois descobri o que era - cinco estágios do luto. Algo que as pessoas passam quando perdem alguém que amam ou algo que muda a vida lhes acontece. Eu? Eu estava de luto pela mãe que nunca tive. Aceitando a constante solidão e vazio.

E eu sabia que, se quisesse sobreviver, tinha que me colocar em primeiro lugar. Tive que me distanciar dela e não desistir, não pedir sua aprovação, porque nunca vou conseguir.

Josephine Taylor pensa em uma pessoa e apenas uma pessoa - ela mesma.

Então eu fiz uma promessa, uma promessa para mim mesma, que quando eu tiver idade suficiente, vou embora. Muito, muito longe, fora de seu alcance e nunca mais voltarei. Prefiro passar minha vida sozinha do que implorar que alguém me ame novamente. Não serei aquela

garotinha desesperada, esperando por restos de atenção que alguém jogará em meu caminho. Eu mereço mais.

Eu sou mais.

Amelia me mostrou isso. Ela e sua família. Eu não planejei conhecê-la, não planejei fazer amizade com Lia. A única coisa que eu queria era ajudá-la, mas uma vez que o fiz, ela não quis se soltar. Se tornou minha melhor amiga. Me deixou meditar, me deixou ficar com raiva e atacar, nenhuma vez desistindo de mim.

— É isso que a família faz, Brook. — Ela sorriu aquele doce e inocente sorriso dela. — Eles não desistem um do outro. Você ficou do meu lado, e agora eu vou ficar do seu lado. Família não desiste de família.

Eu nunca tive família e, olhando para trás, acho que queria testá-la. Ver quanto tempo ela ficaria comigo. Ela ainda gostaria que eu fosse sua amiga, sua *família,* se não pertencesse ao seu mundinho perfeito?

Acontece que eu estava errada, e ela estava certa. Lia ficou do meu lado, através do bem e do mal. Ela e toda a sua família me adotaram como um deles. Eles me fizeram abrir meu coração e deixá-los entrar. Eu queria resistir, mas eles eram persistentes, quebrando muro após muro que eu ergui até finalmente me render, mesmo sabendo que, no final, eu ainda faria o que precisava para me salvar. Iria embora e nunca mais voltaria.

Josephine Taylor não me amava, não me queria, mas eu sabia que ela não me deixaria em paz. Ela odiava me receber, mas ficaria muito infeliz sozinha para me deixar ficar.

Meu turno no Joe's se arrastou mais do que o habitual. As noites de quinta-feira eram mais movimentadas do que o resto da semana. Eu acho que porque para algumas pessoas o fim de semana começava cedo. Segui os movimentos, fazendo minhas próprias coisas e sem causar problemas.

Quando o relógio bateu uma hora, fiquei mais do que feliz em pegar minhas coisas e ir para casa. Todo o meu corpo doía com o trabalho, e eu mal podia esperar para cair na cama. Amanhã tinha que estar na escola, depois havia um jogo de hóquei que Lia me convenceu a frequentar, e depois tenho que voltar ao Joe's para outro turno.

Pelo menos estarei na minha cama em breve.

Enquanto caminho em direção ao meu prédio, viro a esquina e paro abruptamente quando vejo duas sombras por perto. Pressionando-me contra a parede de tijolos para que eles não me vejam, equilibro minha respiração antes de dar uma espiada.

Eu nem tenho certeza por que fiz isso. Normalmente, apenas mantenho minha cabeça baixa e sigo com pressa, mas algo nesses dois despertou meu interesse.

Um homem e uma mulher na escuridão perto do meu prédio. Ainda não deveria haver nada incomum sobre eles...

Felizmente, não me viram. Eles estão muito focados no que estão discutindo em vozes abafadas, mas acaloradas.

O homem agarra a mulher pelo antebraço, inclinando-se para o rosto dela. Ele está de costas para mim, então não consigo ver seu rosto, apenas sua forma sombria e imponente. Ele está vestindo um terno, caro pela aparência também.

Que diabos está acontecendo aqui?

Ela puxa o braço para fora do toque dele, seus cabelos e corpo inteiro balançando com o movimento e revelando seu rosto.

Josephine?

Sua boca começa a se mover rapidamente, e o que ela está dizendo a ele o faz tropeçar para trás em choque. Mesmo daqui eu posso ver aquele brilho louco e bêbado em seus olhos castanhos.

Que diabos está acontecendo aqui?

Ela continua falando, o dedo cutucando o cara no peito dele e, quando termina, se vira e se afasta.

Em estado de choque, meu coração batendo rapidamente, fico escondida, olhando para o cara desconhecido parado na escuridão. Eu não sei quem ele é ou como eles estão conectados, mas o que ela lhe disse deve ter sido muito ruim para obter esse tipo de reação.

O que diabos você está fazendo agora, Josephine?

Capítulo Doze

MAX

Música alta e o zumbido familiar da multidão ocupam a arena de hóquei. Estamos jogando em nosso território, o mar de camisas brancas e azuis enchendo as arquibancadas, superando em muito as cores do nosso rival. A torcida deles é tão alta que é quase ensurdecedora. Eu jogo há anos e, com o tempo, me tornei bom em desviar todos os ruídos e distrações, concentrando-me no gelo debaixo das minhas lâminas, o disco deslizando sobre a superfície branca, meus companheiros de equipe ao meu redor. Mas hoje algo dificultava a entrada na zona.

Concentrando-me à noite, minha respiração pesada e meu coração batendo rapidamente, lavo a boca, meus olhos nem uma vez se afastando da ação que acontece no gelo.

— Últimos minutos, pessoal. — O treinador nos dá uma rápida olhada antes de voltar o olhar para a ação. — Pronto para encerrar isso?

Este jogo tem sido mais cansativo do que esperávamos, nossos oponentes nos dando uma boa luta. No momento, está empatado, mas ainda há tempo suficiente para resolvermos isso.

King, Hill e eu trocamos um olhar antes de ficar de pé. Solto meus músculos, ignorando a dor que já está se instalando, enquanto espero o treinador nos dar o sinal e então partimos.

Nos encontramos no centro para o confronto. Eu dou um olhar duro para o cara à minha frente, enquanto as provocações e a conversa de lixo de costume se espalham pelo gelo.

O disco cai, os dois lançando-o de uma só vez.

— Droga! — Amaldiçoo quando vejo o cara de camisa vermelha patinando para longe com o disco na ponta do taco.

Tomando um segundo para avaliar a situação, vejo uma abertura e agarro. Patinando rápido, eu o intercepto em pouco tempo. Piscando-lhe um sorriso, eu roubo o disco logo abaixo do nariz dele.

Tome isso, filho da puta.

O clarão branco do canto dos meus olhos chama minha atenção. *Bem na hora.*

Era como se o cara possuísse algum tipo de bússola interior ou alguma merda. Não importava o que pensávamos um do outro ou que merda acontecesse entre nós fora do gelo, dentro, clicávamos perfeitamente. Tão perfeitamente que seria assustador se não terminasse em gols que levariam nossa equipe à vitória.

Não perdendo uma oportunidade, envio o disco voando direto para Derek. Ele pega sem esforço e dispara para o gol, enquanto eu atrapalho o cara que o seguiu e o afasto.

A equipe rapidamente alcança, formando uma barreira entre Derek e nossos oponentes, uma manobra em que estamos trabalhando há algumas semanas.

Vamos lá, cara. Eu canto em minha mente.

O grande relógio na parede chama minha atenção. Segundos passam devagar.

Um gol. É tudo o que precisamos. Apenas mais um gol.

O cara que estive afastando de Derek tenta me empurrar com força. Eu mantenho minha posição, meu taco disparando para frente e

fazendo-o cair exatamente quando um suspiro coletivo se espalha pela arena, seguido por um silêncio absoluto.

Faço uma curva rápida, bem a tempo de ver Derek plantar a cara no gelo.

— Porra!

Tudo ao meu redor para e eu também. Meu coração está batendo freneticamente contra a caixa torácica, a respiração presa na garganta. Trocamos olhares preocupados, olhos arregalados e ansiosos me cumprimentando atrás de cada viseira enquanto os segundos passam em um silêncio mortal. Esperamos que Derek saia dessa e se levante, mas isso não acontece.

Parece uma eternidade, embora eu tenha certeza de que não demora mais que alguns segundos para os treinadores começarem a gritar. Isso me comove. Lutando através de corpos imóveis que me cercam, corro em direção a Derek.

Mas eu não sou o único. Porque Hill também está lá, luvas e tacos no chão, as mãos enroladas no pescoço do sujeito, segurando-o no gelo. Andrew empurra o cara para o vidro com tanta força que choca com o impacto, seu punho se conectando com o rosto do sujeito repetidamente, sangue derramando na superfície de cristal.

Treinador e médico caem no gelo assim que vejo Derek começar a se mexer. Respiro aliviado ao vê-lo se levantar lentamente. O treinador e o médico vão até ele, ajudando-o a se sentar direito. Meus olhos disparam entre meus dois companheiros de equipe e, no último segundo, mudo de direção.

Andrew ainda está brigando com o cara, e se ele não parar logo, causará alguns danos sérios, tanto ao cara quanto à nossa equipe.

Assim que estou perto dele, envolvo minhas mãos em torno de seu torso e me afasto.

— Pare com essa merda agora, Hill. — Eu cerro meus dentes. O cara está resistindo como um touro bravo.

— Deixe-me ir, Sanders.

— De jeito nenhum. — Eu o puxo, desta vez com mais força, separando as mãos de Hill do cara. Ele desliza pelo vidro e cai no gelo. Um de seus olhos está completamente fechado, um hematoma roxo já se formando. — Derek precisa de nós, e se você continuar com essa merda, só será expulso do jogo. Como podemos vencer então?

Nesse momento, um árbitro decide parar ao lado de nosso pequeno grupo, desaprovando com olhar, sem perder nada.

— Importa-se de explicar o que diabos aconteceu aqui?

Suspirando, jogo a cabeça para trás e, se não estivesse com o capacete, provavelmente arrancaria o cabelo.

Bem, porra. Isso pode ficar pior?

BROOK

— O jogo foi brutal. — Jeanette suspira, inclinando-se na cadeira.

Após o golpe de Derek, Lia insistiu em ir até o vestiário e, por algum motivo, eles a deixaram entrar. Ela ficou com ele, mas Jeanette queria voltar ao jogo, mesmo que fosse apenas para ver os segundos finais, que é basicamente a única coisa que conseguimos ver.

Andrew foi jogado no banco pelo restante do período, deixando Max e o resto dos lobos para terminar o jogo. Felizmente, eles conseguiram marcar e vencer.

— Pelo menos eles venceram. — Dou de ombros, olhando em volta, meu estômago enjoado.

Não sei ao certo o que estou procurando, mas esse sentimento está me incomodando desde que chegamos à arena, e não importa o quanto tentei afastar, não consegui, mas é claro que não encontrei qualquer coisa.

Você está em um jogo de hóquei, Brook. Recomponha-se.

Assim que o jogo terminou, as pessoas começaram a sair, então decidimos esperar um pouco até não termos que romper a multidão. O Zamboni já estava no gelo, brilhando sobre a superfície.

— *Este* jogo. — Jeanette concorda. — Mas Derek estará fora por um tempo, então, a longo prazo, não é realmente uma vitória.

Sem saber o que dizer, eu simplesmente aceno. Nunca fui uma fanática por esportes, e para ser honesta, nem iria a todos esses jogos se Lia não me convidasse.

Abro a boca, mas antes que eu possa fazer alguma pergunta, os familiares formigamentos na base do meu pescoço surgem. Lentamente, deixo meus olhos vasculharem a pista meio vazia, procurando algo, *alguém*.

Eu conhecia o sentimento. É o mesmo que tenho quando Max está me seguindo para casa, ainda que diferente. Eu tive isso durante o jogo - a sensação de que alguém está me observando - mas, devido ao número de pessoas na arena, não conseguia identificar exatamente a pessoa que estava olhando para mim. Agora, com menos pessoas

preenchendo o espaço, as chances são melhores de que encontre quem estiver me dando arrepios.

Pelo canto do olho, posso ver Jeanette franzindo a testa para mim. — Está tudo bem?

Meu corpo inteiro estremece, mas eu consigo oferecer a ela um aceno de cabeça. — Por que não estaria?

— Você acabou de fazer uma cara estranha, só isso.

Desta vez, eu me viro e realmente olho para ela, mas ela desaparece quando vejo um homem me encarando por cima do ombro.

Ele é alto, mas não é por isso que se destaca. É o terno de três peças que está vestindo. Quem diabos veste um terno para um jogo de hóquei no ensino médio?

Nossos olhos se encontram. Ele está muito longe de mim para ver claramente seus traços, mas eles devem ser claros. Azul ou verde, talvez? Seus lábios se abrem quando nos olhamos através da distância. Tremores percorrem todo o meu corpo, seu olhar me deixa desconfortável por algum motivo, mas, ao mesmo tempo, não posso querer interromper o contato.

Ele provavelmente tem a idade de Josephine, se não for mais velho, mas é aí que todas as semelhanças param. Seus cabelos escuros salpicados de cinza estão bem cortados, mandíbula forte, barbeada. Algumas rugas estão ao redor dos olhos e da boca, mas, caso contrário, ele parece muito bom para a idade.

— Quem é o cara? — A voz de Jeanette me quebra de qualquer feitiço que eu estava sob.

Nunca vi o homem, mas com base em como ele se veste... — Eu acho que é o pai de Andrew.

Jeanette se vira completamente para ver melhor, mas o cara já virou as costas para nós e está saindo com o resto da multidão. Algo que devo fazer se pretendo fazer meu turno.

— Ele estava olhando em nossa direção durante o jogo. — Diz Jeanette, de frente para mim.

Isso chama minha atenção. — Ele estava?

— Eu o vi olhando aqui algumas vezes. — Ela para, olhando para mim com cuidado. — Você o conhece?

— Você está brincando, certo? — Eu rio sem humor.

Não há como o Sr. Hill me deixar limpar seu banheiro, muito menos qualquer outra coisa. Os Hills possuem metade da cidade e, se os rumores são verdadeiros, o pai de Andrew é o futuro prefeito de Greyford.

Por que diabos ele estaria olhando para uma garotinha branca do lado errado das trilhas?

De jeito nenhum, não há como.

Capítulo Treze

MAX

— Ei, cara. — Eu aperto Derek no ombro antes de me sentar no sofá à sua frente. — Como você está indo?

Eu queria dar uma olhada nele assim que cheguei, mas os caras me arrastaram para a sala de jogos para experimentar um novo jogo, e depois que me convenceram a jogar beer pong, disseram que seria melhor deixar Derek negociar com Andrew enquanto ele estava de bom *humor*. Tentei apontar que Derek havia acabado de sofrer uma concussão e não precisava lidar com mais coisas, mas eles simplesmente me dispensaram e me arrastaram pelo resto do caminho.

— Dói como uma cadela. — Derek faz uma careta. — Eu acho que os remédios estão começando a desaparecer lentamente.

Olhando para ele, noto uma camada de suor na testa e a palidez de sua pele. Além disso, não há muitas indicações de que algo tenha acontecido, mas eu poderia apostar que seu corpo ficou muito machucado.

Às vezes, quando você joga hóquei, nem percebe o quanto está ferido até tirar todo o estofamento e realmente olhar seu corpo por um momento. Derek estava com todo o equipamento quando caiu. As almofadas tomaram parte do espancamento, mas eu só podia imaginar como ele estaria por trás de tudo. Até o mais insignificante dos jogos resulta em uma contusão estranha aqui ou ali. Uma queda como a dele...

— Provavelmente. — Eu concordo com uma careta minha. — Quão ruim?

— Agora? — Ele esfrega a mão no rosto. — Provavelmente oito em dez.

Droga. Eu seguro o estremecimento. *Isso tinha que ser algum machucado desagradável que ele tinha.*

— Pedi a Lia que me desse um pouco de água para que eu possa tomar mais remédios antes mesmo de tentar tirar minha bunda deste sofá e ir para casa.

— Você deveria ter ido para lá em primeiro lugar.

Ele encolhe os ombros. — Não é como se eu pudesse dormir de qualquer maneira. Além disso, pelo menos assim, fico com Lia por mais um tempo.

Suas palavras são como um soco no estômago, e antes que eu possa tentar reunir meus pensamentos, lá está ela, como apenas uma menção de seu nome a convocou na carne. Ela vem como um turbilhão, as bochechas rosadas e cabelos bagunçados.

Ela nem me vê, preocupada, olhos escuros colados a um cara.

O cara dela.

Dói, saber que há alguém em sua vida que vem primeiro. Alguém que sempre virá primeiro. Minha garganta fecha, e de repente está muito quente. Sufocando.

— Eu consegui encontrar este na despensa. — Ela bufa, dando-lhe a garrafa. — Você pensaria que haveria mais de uma garrafa de água escondida nesta enorme casa de burro, mas parece que a única coisa que Hills bebe é cerveja e bebida.

Eu puxo a gola da minha camisa, desconfortavelmente assistindo eles interagirem. Lia desliza no assento ao lado de Derek, tomando cuidado para não causar nenhum desconforto. Uma das mãos dela é colocada casualmente na coxa dele, enquanto a outra passa por uma pequena bolsa pendurada em seu ombro até que ela encontra uma pequena garrafa com analgésicos.

Limpando a garganta, ofereço fracamente: — Pelo menos é uma boa bebida.

Lia se vira, um sorriso brincando nos lábios. — Max! Eu não te vi. Quando você chegou aqui?

— Alguns minutos atrás. — Inclino meu queixo na direção de Derek. — Eu vim verificar King. Teria feito isso antes, mas os caras me pararam assim que cheguei aqui. O que me lembra…

Olho em volta, meus olhos percorrendo a sala procurando cabelos curtos e pretos, mas não os encontrando. É verdade que está escuro e a sala está cheia de pessoas, mas ainda assim… — Onde está Jeanette? Ela disse que iria procurar você.

Desistindo de procurar, volto minha atenção para Lia e Derek a tempo de vê-los trocar um olhar preocupado.

— Alguma coisa errada? — Eu pergunto, ficando de pé.

Meu coração está batendo rápido enquanto meus olhos vasculham o quarto escuro em busca de minha irmã, a preocupação nos meus ossos.

Onde diabos ela está?

Jeanette não gostava de ir a festas como essas, mas veio porque eu pedi. Não importa o quanto ela não goste, se eu pedisse, ela viria. Por mim.

— *Você prometeu que faria um esforço.*

As palavras que disse a ela mais cedo hoje à noite voltam para me assombrar, e eu me sinto como um pau gigante. Quando vou aprender? A necessidade de dar um soco em algo é forte, e tenho que cerrar os punhos para segurar a raiva.

Você está cometendo o mesmo erro que você já cometeu. Repetidamente.

Minha respiração está difícil, e os espaços curtos e pesados parecem tão altos que é difícil pensar.

— Max... — Mão macia envolve meu pulso, me trazendo de volta para aqui e agora. — Max, você está bem?

Piscando os olhos algumas vezes, vejo o rosto preocupado de Lia perto do meu. Se eu não estivesse tão preocupado com Jeanette, levaria um momento para apreciar tê-la tão perto, mas não hoje.

— Eu tenho que encontrar Jeanette. — Grito.

Olhando por mais alguns segundos para Lia, movo meu olhar por cima do ombro, encontrando os olhos de Derek, tentando transmitir o quanto isso é importante para mim. — Onde você a viu pela última vez?

Eles trocam outro olhar antes que Lia finalmente suspire, soltando minha mão. — Eu acho que ela foi ao banheiro.

Concordo com a cabeça, o grande nó de preocupação que está pesadamente no meu peito afrouxando um pouco. — Eu vou checá-la. — Digo, e sem outro olhar para trás, começo a me mover através da multidão, as mesmas palavras cantando em minha mente uma e outra vez.

Este não é o primeiro ano. Ela está bem. Ela tem que ficar bem.

— Jeanette! — Eu grito, assim que vejo sua cabeça escura espreitando para fora da sala.

Alívio lava sobre mim instantaneamente.

Ela está bem.

Eu tenho procurado por ela nos últimos quinze minutos, começando do térreo e subindo, verificando todos os quartos ao longo do caminho. Poderia ter falado sobre algumas coisas que gostaria de não ter, mas até saber onde estava minha irmã, não me importei com o que ou quem interrompi.

— Max. — Ela sussurra, um pequeno sorriso brincando nos lábios. — Eu estive procurando por você!

— Engraçado, porque eu estou procurando por *você*. — Tento parecer legal, como se ela não tivesse tirado dez anos da minha vida desaparecendo assim e trazendo de volta memórias. — Lia me disse que você desapareceu em algum lugar.

— Bem, eu tive que usar o banheiro e, como o andar de baixo estava lotado, subi. — Jeanette encolhe os ombros. — Acho que estou pronta para ir para casa.

Eu reviro os olhos para ela brincando. Não queria que ela soubesse o quanto estava preocupado. Isso só a faria se preocupar comigo, e essa é a última coisa que eu precisava.

— Você estava pronta para ir para casa desde antes de chegarmos aqui. — Eu afago o cabelo dela. — Vou pegar minhas coisas.

Somente quando eu dou as costas para ela me permito exalar lentamente, meu batimento cardíaco finalmente retornando ao seu

ritmo normal. Mas quando não ouço seus passos seguindo atrás, olho por cima do ombro.

— Jeanette? Você está bem?

Mesmo na penumbra do corredor, vejo que o rosto dela está pálido, olhos cinzentos engolidos por íris.

— Sim, eu estou bem. Só cansada.

Concordo com a cabeça, mas continuo a observá-la por mais um tempo. Procurando por sinais. Qualquer tipo de sinal que eu possa ter perdido na primeira vez, mas fico de mãos vazias.

Ela parece bem, mas parecia bem antes, quando era qualquer coisa menos bem.

Estou perdendo algo de novo?

Eu engulo em seco; o alívio que senti apenas alguns segundos atrás se foi.

Estamos tão machucados que não consigo ver a dor dela?

Naquela noite não consegui dormir por merda alguma. Meu cérebro estava brincando comigo. Toda vez que fechava os olhos, via o rosto de Jeanette. Memórias do que aconteceu misturando-se a todos os cenários possíveis do que está acontecendo agora. O que eu poderia estar perdendo porque o fato é que Jeanette e eu não somos as mesmas crianças que éramos antes.

Como gêmeos, compartilhamos um vínculo mais forte do que a maioria dos irmãos, mas esse vínculo foi tão abalado que quase não se

sustenta por um fio. E não importa o que eu faça, não parece suficiente para reparar os danos causados.

Quando os primeiros raios de sol começaram a aparecer pela minha janela, desisti de dormir completamente e me levantei.

É sábado de manhã e, embora eu provavelmente pudesse ter me dado mais algumas horas de sono, não tinha isso em mim. Depois da ligação que recebi do treinador sobre minhas notas, sentei-me e reorganizei minha agenda, inclusive nos fins de semana. Uma agenda organizada e apertada é fundamental nos próximos meses, se não quiser estragar nada.

Gemendo, levanto-me e vou sobre o meu negócio. Banheiro, shake de proteína, academia. Foi assim que passei as primeiras duas horas todas as manhãs.

Assim que cheguei ao porão, liguei a música e pulei na esteira.

O exercício sempre me ajudou a limpar minha mente e direcionar toda a energia que percorria meu corpo para algo produtivo, o que mostrava.

Cinco quilômetros depois, eu estava uma bagunça suada. Meu batimento cardíaco estava elevado, respirando com dificuldade. A pressão no meu peito que eu estava sentindo na noite anterior se foi junto com os sonhos inquietos que me assombram.

Tirando minha camisa, seco meu rosto antes de jogá-la fora e começar com pesos. Braços, tronco e, finalmente, pernas. Eu gostava de rotina, principalmente quando se tratava de exercícios. Aqui, eu não levantava tanto quanto na escola, simplesmente porque não havia ninguém para cuidar da minha bunda quando meus músculos se transformaram em geleia, mas a academia era funcional e me ajudou a acompanhar meus exercícios sem o aborrecimento de ir a uma academia real.

Quando finalmente terminei, meu corpo estava tão cansado que mal conseguia me mexer para limpar o suor que escorria pelo meu rosto, fui tomar um banho rápido. Limpo e finalmente me sentindo como um ser humano, decidi tomar café da manhã antes de começar minha lição de casa.

Desconectando o telefone do carregador a caminho da cozinha, destravo e olho distraidamente para minhas notificações. Pessoas parabenizando os Wolves pela vitória, um monte de mensagens bêbadas dos caras, tags em vídeos estúpidos, fotos da festa na noite passada... Toda essa merda regular que não me interessa. Coçando a nuca, estou prestes a desistir quando uma foto específica me chama a atenção.

Não há nada de especial nisso, um casal se beijando. Apenas mais uma foto de outra festa do ensino médio. Se eu tivesse algum interesse em continuar rolando, encontraria uma dúzia ou mais delas, mas não tenho. Ainda assim, há algo sobre isso...

A qualidade da foto é horrível, escura e meio borrada, mas o nome azul brilhante escrito na camisa branca é inconfundível.

Hill.

Agora que olho para trás, não me lembro de tê-lo visto. Eu sabia que ele estava lá; afinal era a casa dele. Mas, além de os caras mencionarem que ele estava de bom humor, algo que ficou claro na maneira como jogou ontem, não me lembro de realmente tê-lo visto ontem à noite.

Meus olhos se estreitam em fendas apertadas enquanto observo a foto com cuidado. Suas costas tiram a maior parte da foto, mas partes da garota que ele está beijando são visíveis. As mãos dele embalam o rosto dela, os dedos cravando nos cabelos dela e a segurando perto.

Cabelo inconfundivelmente curto e escuro.

— Filho da puta. — Com minha mandíbula em uma linha apertada, minha mão agarra o telefone com tanta força que eu estou surpreso que não racha na minha mão.

Eu vou matar o bastardo.

Ele é um homem morto.

Furioso, corro de volta pelas escadas, e a única coisa que consigo ver é vermelho.

É melhor ela ter uma ótima explicação para isso. De todas as pessoas, ela teve que mexer com Andrew-porra-Hill?

Não dando a mínima para a hora do dia ou qualquer outra coisa, entro no quarto de Jeanette. A porta se abre com força, colidindo com a parede, o som tão alto que a faz acordar.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — Eu grito antes mesmo de estar completamente dentro.

— O que há de errado com você? — Ela geme em protesto, jogando-se de volta ao colchão e puxando o cobertor sobre a cabeça.

— O que há de errado comigo? — Eu grito, tentando puxar o cobertor, mas seu aperto é forte. — O que há de errado com você? Andrew? Realmente?

Jeanette espia por cima da borda do cobertor. Olhos cinzentos estreitam em irritação enquanto ela olha para mim. Fumegante. Se não estivesse tão chateado com ela, provavelmente me esconderia, porque acordar Jeanette nunca é uma coisa bonita. Eu provavelmente teria mais sorte em acordar um urso da hibernação.

Para minha total surpresa, ela bufa em protesto, mas senta-se ereta, encostada na cabeceira da cama com os cobertores puxados sob o queixo.

— Andrew? — Jeanette levanta o queixo em desafio, o conjunto de sua mandíbula e o fogo queimando em seus olhos uma clara indicação de que ela está irritada. — Ele é seu amigo, se bem me lembro.

Um amigo que está saindo com minha irmã pelas minhas costas. Apenas o pensamento disso me faz querer bater meu punho em seu rosto formal.

— Então por que você está transando com ele nas minhas costas? — Eu desafio.

Seus olhos quase caem de suas órbitas com minhas palavras. Elas são grosseiras e mais severas do que deveriam, mas não tenho como jogar bem. Jeanette se recupera rapidamente, no entanto.

— Desculpe? E você pensa que é alguém para falar?

— Jeanette... — Eu rosno em aviso.

— Eu não sei do que diabos você está falando. — Ela range entre dentes.

Ela está se fazendo de boba ou o quê? Em alguns passos longos, estou na frente dela, empurrando meu telefone na cara dela, meu polegar ainda segurando a foto para que ela não desapareça. — Eu estou falando sobre isso!

Ela pisca algumas vezes, com os olhos fixos no telefone.

— Isso é o que você chama de transar? — Ela argumenta, empurrando minha mão.

— Ele beijou você, Jeanette! — Eu digo, minha mão livre correndo pelo meu cabelo, puxando as pontas em frustração. — Ele beijou minha irmãzinha.

Ela revira os olhos para mim. — Eu dificilmente sou um bebê. E ele estava bêbado.

As palavras caem de seus lábios com tanta indiferença que preciso piscar algumas vezes para ver se entendi direito, porque me parece que ela não está negando.

— Você gostou? — Eu olho para ela. Realmente olho para ela. Ela tem agido de forma estranha ultimamente, mais do que o habitual, mas eu nunca imaginei... Ela poderia gostar dele? Tipo realmente gostar dele?

A bile sobe na minha garganta.

Não pode ser. Jeanette não o suporta. Ela mesma disse isso. Em mais de uma ocasião. Mas, novamente...

— O que? Não! — Jeanette quase pula da cama, os olhos arregalados, as bochechas coradas.

— Você está mentindo! — Eu aponto meu dedo para ela, acusadoramente.

É como se alguém tivesse me dado um soco no estômago, chutando todo o ar dos meus pulmões.

— Oh, por favor! Você é louco, Max!

Ela tenta ser legal, mas...

— Eu conheço você!

Ela é minha irmã. Minha gêmea. E não importa o quão distantes estivéssemos nos últimos anos, algumas coisas nunca mudam. Algumas verdades são sempre as mesmas.

Ela realmente gosta dele.

Jeanette gosta de Andrew.

— Você não sabe nada. — Ela balança a cabeça, mas eu posso ver isso escrito em seu rosto. Não estou errado. — Eu não gosto de Andrew. O cara é o maior idiota do mundo! O que há para gostar?!

— Exatamente! — Eu grito, jogando minhas mãos no ar.

Que porra ela gosta nele?

Ele é arrogante, bruto e um jogador total. Ele tem intimidado Lia há anos, trata as pessoas, principalmente as meninas, como porcaria, ele...

— Ele é seu amigo, não meu. — Ela fala.

Desta vez eu não posso segurar o estremecimento porque ela está certa. Apesar de todos os seus erros, Drew *é* meu amigo.

— Ele não é um cara mau, Jeanette. — Suspiro. Esfregando a mão no rosto, sento-me na beira da cama. — Ele está com raiva e incompreendido. Ele está quebrado e danificado como...

O flash de seu corpo magro embalado em minhas mãos vem à minha mente, mas eu empurro-o quase tão rapidamente quanto chego lá.

Eu paro no meio da frase. As palavras que quero dizer estão na ponta da minha língua, mas não posso dizer em voz alta. Não quero dizer em voz alta.

Mas é claro que ela sabe o que eu quis dizer.

— Como eu. — Ela sussurra suavemente. — Ele está quebrado e danificado como eu.

Seu rosto cai, luta deixando seu corpo. E eu odeio isso, me odeio por machucá-la. Por causar sua dor.

Mudando de posição, me viro e a puxo em meus braços, minha cabeça tocando seu ombro. — Eu só não quero ver você se machucando, Jeanette.

Minha voz é rouca contra sua pele, entupida de tantas emoções.

Por um tempo, ela me deixa abraçá-la, meus braços envolvendo seu corpo esbelto com força, porque eu tenho medo que, se não a segurar, ela desaparecerá. Ela quase deslizou pelos meus dedos uma vez, e o medo de que isso acontecesse novamente é real. Mas logo, ela se afasta.

— Você não tem nada com que se preocupar. Não há nada entre eu e Andrew. Nada vai acontecer entre nós.

— Jeanette... — Eu tento novamente, mas ela não me deixa.

Balançando a cabeça levemente, ela sai da cama, pega as coisas dela e sem pronunciar outra palavra, se afasta. Eu a observo se retirando, a porta do banheiro se fechando firmemente atrás dela. É apenas um lembrete físico da parede emocional que colocou entre nós.

Suspirando, minha cabeça cai, e eu vislumbro aquela maldita foto novamente. Irritado comigo mesmo e com toda a situação, jogo fora a coisa ofensiva para não ter que olhar para ela.

— Pooorra!

Capítulo Quatorze

BROOK

Vozes abafadas e passos apressados me acordam do sono. A luz brilhante do dia brilha através da janela e direto no meu rosto, dificultando a abertura dos olhos. Gemendo, me viro no meu pequeno colchão, virando as costas para a janela e bloqueando a luz do dia.

Normalmente, não durmo. Não tenho o luxo de fazê-lo, mas depois do meu turno de ontem, cheguei em casa e fiz alguns trabalhos de casa. Eu não conseguia adormecer e, além disso, tinha que recuperar o atraso. Com todos os turnos extras que tenho tomado ultimamente, estava ficando para trás em estudar. Não sei ao certo quando adormeci, mas sei que era tarde ou cedo, dependendo de como você olha.

Agora provavelmente já era tarde. Eu me alongo, exercitando meus músculos cansados e rígidos à medida que palavras mais quentes são trocadas por trás das paredes finas do nosso apartamento. Não tenho certeza de quem está lá fora com Josephine; não consigo decifrar suas vozes ou palavras. Não pode ser o namorado dela, porque quando eles estão na fase de voltar e terminar, eles são barulhentos, irritantemente, e não há como parar, então tenho certeza que deve ser outra pessoa.

Talvez seja o cara da outra noite.

O pensamento surge do nada e me faz pular da cama. O movimento é tão repentino que acabo batendo o dedo contra a perna da cadeira.

— Droga. — Eu engulo a maldição, esperando não fazer muito barulho para que eles saibam que estou acordada e escondida no meu

quarto. Pulo com um pé, balançando o outro na esperança de aliviar a dor.

Quando finalmente desaparece, movo-me lentamente para a minha porta e pressiono meu ouvido contra a superfície fria e elegante. As vozes ainda estão silenciosas, mas desta vez posso ouvir do que elas estão falando.

— Eu não estou fazendo isso, Josephine. — Diz o homem. Não tenho certeza se é o cara da outra noite ou não, desde que eu não ouvi sua voz naquela noite. Talvez se o visse eu soubesse, mas não correria o risco de abrir a porta.

— Como diabos você não está! — Josephine resmunga com raiva.

— Eu já te dei mais do que concordamos. Já é suficiente!

— É o suficiente quando digo que é o suficiente! — Desta vez, ela nem tenta ficar quieta. — Dezoito anos, John. *Dezoito anos*. Você me deve.

Arrepios sobem na minha pele. *John*. Esse é o nome dele. Mas John quem?

— Nós concordamos. — Ele assobia.

— E mudei de ideia. Mas fique à vontade para ignorar meu pedido. Eu te desafio. — Josephine ri, sua risada fria me congelando no meu lugar. Conhecia aquela risada e não trazia nada de bom. Ela não estava blefando. Josephine tinha algo naquele cara John e, pelo que parecia, tinha que ser algo grande. — Você sabe o que está em jogo. Não tenho nada a perder, mas você, por outro lado...

O silêncio se estende atrás da porta, e eu sou tentada a abri-la e espiar para fora, a necessidade de saber com quem ela está falando e o que está acontecendo me deixando louca.

— Tudo bem. — Ele finalmente diz. — Vou pegar seu dinheiro na próxima semana.

Dinheiro? Que dinheiro?

Josephine está zombando. — Tente até o final do fim de semana.

— Eu não tenho esse tipo de dinheiro escondido debaixo da minha cama, Josephine!

Meus olhos saltam quando ele ruge para ela. Minha mão voa para cobrir minha boca para reprimir o grito de surpresa. Sua voz fria está me assustando, e não posso deixar de me perguntar. Que diabos está acontecendo aqui? Quem é o cara e o que Josephine tem dele?

Tinha que ser algo bom, porque a única outra opção era que Josephine estava brincando com fogo. Um incêndio grande e perigoso que só pode levar a uma coisa: queimar-se. Só espero que eu não esteja aqui para queimar junto com ela.

— Mas tenho certeza de que você o guardou em um de seus belos cofres naquela sua mansão. Fim de semana, John. — Sua voz fria não deixa espaço para discussão.

Um longo silêncio se estende atrás da porta, tanto tempo que quase me faz duvidar se eu imaginei tudo isso junto.

— Tudo bem. — O cara finalmente concorda.

— Estou feliz que chegamos a um acordo. — Há passos, seguidos pelo ligeiro rangido da porta da frente. — Vejo você no domingo à noite.

O que diabos aconteceu?

Dando as costas para a porta, deslizo até minha bunda tocar o chão. Meu cérebro está trabalhando horas extras para entender o fato de que acabei de ouvir minha mãe chantagear algum, pelo som, cara rico. Por quê? Não faço ideia, mas tenho que descobrir.

Não porque eu particularmente me importo com o que acontece. Ela fez sua própria cama e agora pode dormir nela. Mas porque suas ações têm um jeito de me puxar para baixo da toca do coelho junto com ela, uma vez que tudo desmorona.

Respirando fundo algumas vezes para acalmar meus nervos, levanto-me. Não demorou muito tempo para encontrá-la, primeiro porque o nosso apartamento é do tamanho de uma caixa de sapatos e segundo porque com ela você sempre sabe onde encontrá-la.

Inclinando-me contra a porta da sala, eu a vejo derramar dois dedos de vodka em seu copo. Nem mesmo o tipo barato.

Quem quer que seja o cara, ele deve estar pagando muito dinheiro para manter a boca fechada.

— Quem é John? — Eu pergunto, olhando para o meu esmalte lascado.

Pelo canto do olho, eu a vejo pular, assustada com a minha pergunta repentina.

— O que diabos você está fazendo aqui?

Imperturbável por sua animosidade, levanto meu olhar para o dela. Suas pupilas estão dilatadas, as bochechas coradas. Ela não está completamente bêbada, mas também não está longe disso.

— Até onde eu sei, ainda moro aqui.

Infelizmente.

Através dos anos, pensei em fugir uma dúzia de vezes, mais ainda. Mas tudo voltou ao fato de que, por pior que fosse viver com Josephine, morar sozinha nas ruas seria cem vezes pior.

— Você não precisa me lembrar. Fui eu quem pagou a sua merda.

Sim, certo.

Risos saem da minha barriga. — Você ou é o misterioso John? — Não que seja um dos dois, eu não sei. Eu me cuido há tanto tempo que esqueci como é ter alguém cuidando de mim.

— Qual deles, *mãe*? — Eu provoco.

Raramente conversamos, principalmente fazendo questão de evitar uma a outra o máximo possível. Fico fora de casa - escola, trabalho, casa da Lia - não importa, desde que não esteja aqui, mas mesmo quando estou, me tranco no meu quarto e não saio a menos que seja absolutamente necessário. É o mesmo jogo antigo que jogamos há anos. Desde então... tento engolir o nó na garganta enquanto as lembranças que tranquei tentam sair, mas as empurro de volta sem piedade.

— O que você sabe sobre John? — Seus olhos brilhantes se estreitam para mim enquanto toma um gole do copo, bebendo vodka como se fosse água.

— Além do fato de que você tem algo do cara e quer dinheiro para ficar quieta? Não muito. — Eu a observo atentamente, esperando qualquer deslize que revele algo mais. — O que você tem com ele, Josephine? Ou é apenas um blefe?

Olhos escuros e vidrados endurecem quando ela olha para mim.

— Fique fora disso, Brook! — Ela levanta o dedo ossudo e o enfia no meu peito com tanta força que eu tenho certeza que isso deixará um machucado. — Isso não tem nada a ver com você.

— Nada a ver comigo? Você é quem está trazendo o cara aqui! Você é... — Mas eu não termino porque a palma da mão se conecta à minha bochecha, fazendo minha cabeça estalar com o movimento.

A picada familiar se espalha por um lado do meu rosto, o sangue correndo para a superfície e colorindo minha pele. Lambendo meu lábio seco, sinto um sabor metálico leve na minha língua.

— Você não pode me julgar, garotinha. — Ela assobia. Sua mão agarra meu cabelo enquanto puxa minha cabeça para o lado, olhos nebulosos me encarando. — Você não viu ou ouviu nada. Se eu ouvir você mencionar o nome dele, vai se arrepender.

Com essas palavras, ela se vira como se nada tivesse acontecido e volta ao seu dia bebendo.

Minha mão toca minha bochecha, sentindo o calor irradiando sob o meu toque. Raiva e vergonha queimam dentro de mim enquanto trabalho minha mandíbula, engolindo o assobio de dor. Eu já podia sentir a contusão se formando.

O que estava acontecendo com esse cara John tinha que ser importante, ou então ela não seria tão secreta sobre isso. E vou descobrir o que é. Mas, por enquanto, tenho que sair daqui se não quiser ser tentada a estrangulá-la.

Eu engulo, a sensação enjoada no estômago crescendo a cada segundo que passa, mas me forço a pressionar a campainha da porta, independentemente. O som ecoa dentro da mansão, embotado pela forte chuva lá fora.

Quando peguei minhas coisas e saí correndo do apartamento, a última coisa que esperava era chuva. Eu provavelmente teria notado isso se não estivesse com raiva de Josephine por me dar um tapa e, ao

mesmo tempo, ponderar todas as conexões possíveis que ela poderia ter com o mistério John, mas mesmo que tivesse notado, isso não teria me parado de sair. Eu precisava de espaço. Precisava respirar ar fresco para poder limpar minha mente e pensar.

Somente quando saí, percebi que estava chovendo e não tinha um destino em mente. No começo, pensei em ir à casa de Lia. Era o que eu costumava fazer, mas então, a meio caminho da casa dela, lembrei que ela mencionou ir ao Derek para cuidar dele, já que os pais dele estavam trabalhando no turno da noite. Se aparecesse assim, molhada e com uma contusão no rosto, ela cancelaria e essa era a última coisa que eu queria.

A porta se abre, me tirando dos pensamentos.

— O que você está fazendo aqui? — Os olhos tempestuosos de Jeanette me levam da cabeça aos pés, notando tudo, desde o meu cabelo molhado e emaranhado até as roupas ensopadas coladas ao meu corpo trêmulo.

Estamos no meio de novembro e está ficando mais frio a cada dia. Em breve a neve começará a cair e será inverno em Michigan. Por enquanto, o tempo ainda é suportável. Bem, desde que você não acabe na chuva sem um guarda-chuva e seja forçado a andar até finalmente decidir seu destino.

Isso foi um erro.

Não é como se você tivesse outra opção agora, tinha?

Eu mudo meu peso de uma perna para a outra, me sentindo desconfortável, mas não querendo mostrar-lhe.

— Isso foi um erro. — Eu digo em voz alta as palavras que estava pensando segundos atrás. Balançando a cabeça, me viro para sair.

Este foi o último lugar que eu pensei que iria acabar de bom grado. Meu relacionamento com os gêmeos Sanders é complicado, na melhor das hipóteses, mas este foi o único lugar que me veio à cabeça quando estava vagando pelas ruas. Não é como se eu tivesse muitos amigos para escolher.

Uma mão envolve meu pulso, me parando no momento do trovão. — Entre, Brook. — Ela abre mais a porta, seu gesto completamente oposto ao seu tom agudo.

Eu me viro, assustada com a voz determinada dela, e nos encaramos por um tempo. Não sei o que ela está pensando. Por mais que tentasse, nunca conseguia entender os gêmeos Sanders. Sim, eu podia ver através da máscara que eles usam para o mundo ver, mas não tinha certeza do que estava escondido embaixo.

Eu sei que deveria me virar e encontrar outro lugar para ficar, talvez até ir para casa, mas algo em seu rosto teimoso me faz virar e entrar na casa.

Está quieto dentro, com pouca luz iluminando o espaçoso corredor.

— Eu não quero me intrometer. — Eu digo, olhando em volta.

Ela está sozinha nesta mansão?

— Você vê mais alguém aqui além de mim? — Jeanette pergunta, mas na verdade não me deixa tempo suficiente para responder antes de continuar. — Tire os sapatos e a jaqueta. Você tem algo para mudar? Ficará com pneumonia se não tirar essas roupas molhadas.

— Eu não preciso... — Eu tento contestar, mas é claro, ela não escuta. Ela não seria Jeanette Sanders se o fizesse.

— Você deixará uma trilha molhada por toda a casa e destruirá os preciosos móveis de design da mãe. E embora eu gostaria de ver o rosto dela, se fizesse, ela não está aqui e não será tão divertido sem você por

perto, então... — ela fala, sem me deixar espaço suficiente para discutir. — Vamos lá. Vou te dar algo meu para mudar.

— Você não precisa fazer isso. — Repito teimosamente. — Eu não sou um caso de caridade.

Jeanette revira os olhos. — Eu não estou fazendo isso por você.

Meu queixo se inclina para cima. — Então por que você está fazendo isso?

O silêncio se estende entre nós, mas então seus lábios se curvam em um sorriso irônico. — Você não ouviu o que Max disse quando nos conhecemos? Por baixo de todo esse exterior frio talvez esteja um coração.

Dou a ela um olhar exagerado, mas tiro meus sapatos e a sigo lá em cima. Enquanto caminhamos, os únicos sons que podem ser ouvidos são meus pés molhados pressionando o chão e a tempestade feroz lá fora.

É meio assustador se você pensar sobre isso. A tempestade, a casa escura, a calma... E não posso deixar de me perguntar se essa é a sua vida cotidiana.

Quando chegamos ao quarto de Jeanette, ela pega uma muda de roupa e me empurra para o banheiro.

Acendendo a luz, ela se vira para mim. Eu posso ver o momento exato em que percebe meu rosto. Seus lábios se separam, um suspiro inaudível deixando seus lábios enquanto seus olhos percorrem as marcas no meu rosto.

A sensação de desconforto e vergonha retorna com força total.

Passando de uma perna para a outra, corro meus dedos pelos cabelos, na esperança de que um fio caia e cubra o machucado. — Eu queria ir para a Lia, mas ela está na casa de Derek desde...

— Entendo... — Ela acena com a cabeça, mas seus olhos ainda me observam atentamente.

O que ela vê? Uma garotinha branca do lixo que entendeu o que vinha lhe ocorrendo o tempo todo? Uma criatura lamentável que não pode cuidar de si mesma? Uma garota nervosa que mora no lado errado da cidade?

— Você ganhou isso em casa? — Ela inclina o queixo na direção do meu rosto.

Eu deveria saber que ela não deixaria passar tão facilmente. Jeanette não é assim. Não, ela gosta de pegar e sondar até conseguir sua resposta.

— Se você não me quiser aqui, eu vou. — Digo, cruzando os braços sobre o peito.

Não importa. Ficar ou ir, eu vou ficar bem, como sempre estou.

Um batimento cardíaco passa. Dois. Três.

Nós apenas olhamos uma para a outra, e não pela primeira vez eu me pergunto o que ela vê quando olha para mim, porque quanto mais a olho, mais semelhanças encontro.

É uma pílula difícil de engolir, admitindo, mesmo que seja para mim, que nós duas, apesar de todas as nossas diferenças, possamos ter algo além de nossa obstinação e inteligência em comum.

Suspirando exasperada, paro nosso olhar. — Eu não tenho tempo para essa merda.

Eu ando em direção à porta, mas mais uma vez seus dedos se enrolam no meu pulso.

— Você não vai a lugar nenhum. — Jeanette diz, soltando meu pulso. — Vou pedir comida para viagem.

Com isso, ela se vira e começa a se afastar.

Eu quero suspirar de alívio, mas seguro. Ainda assim, não posso deixá-la ir assim. Ela poderia ter me jogado na rua, mas em vez disso, estava me fazendo um favor. O mínimo que posso fazer é jogar bem.

— Jeanette?

— Hmm... — Ela inclina a cabeça para o lado, deixando-me saber que ela está ouvindo sem se virar.

— Quer assistir *Teen Wolf*?

Nós assistimos na última vez que nos reunimos na Lia, e parecia que ela estava gostando do show quase tanto quanto eu.

— Claro. — Jeanette encolhe os ombros com indiferença. — Desça quando terminar.

Capítulo Quinze

BROOK

Eu me viro para deitar de costas, inquieta.

Eu me sinto inquieta.

A escuridão me cerca, misturada com o perfume almiscarado de sua colônia. Não é esmagador, mas o suficiente para eu saber que estou no quarto dele, cercado pelas coisas dele, deitada na cama *dele*.

Como eu acabei assim?

Eu deveria ter voltado para casa. Ou para a casa de Lia. Qualquer coisa teria sido melhor e menos embaraçosa que isso.

Suspirando alto, fecho meus olhos com força e a dor latejante na minha bochecha me lembra por que estou aqui e não na minha própria cama.

Com as pontas dos dedos, traço a pele sensível, sibilando baixinho.

Assim que terminei o banho e troquei para roupa limpa, desci as escadas em busca de Jeanette. Eu a encontrei na cozinha fazendo chá. Sem uma palavra, ela foi ao freezer e pegou um saco de ervilhas congeladas para colocar no meu rosto. Eu aceitei, grata por aliviar a dor que tinha completamente desligado até aquele momento. Passamos a noite vendo *Teen Wolf* e comendo comida chinesa.

O tamborilar suave da chuva na janela me traz de volta para aqui e agora. Eu me viro para o meu lado, aconchegando-me mais no edredom enquanto afago o travesseiro. Tento me concentrar naquele som

monótono e calmante na esperança de finalmente adormecer, mas meus pensamentos continuam se perguntando.

Não sei quanto tempo se passou - acho que adormeci - antes que o som de passos suaves se aproximasse e me acordasse.

Meu corpo inteiro endurece quando meu coração começa a galopar no meu peito.

Alguém chegou em casa? Ou é Jeanette indo ao banheiro?

Meus dedos seguram o cobertor enquanto ouço quem está lá fora no corredor. Ou pelo menos tento, já que não tenho certeza de que posso ouvir algo acima da batida frenética nos meus ouvidos.

As tábuas do assoalho rangem.

Eu inspiro bruscamente, meus olhos colados na porta. Mesmo na escuridão da sala, posso ver a maçaneta girar.

Flashes do passado retornam com força total, me paralisando.

O rangido das tábuas do assoalho enquanto os passos se aproximavam.

A porta se abre lentamente.

Uma grande sombra em pé na porta.

Perto da cama.

A cama desceu do peso quando a pessoa se sentou.

Não, agora não. De novo não.

Suor frio lava sobre mim quando eu fecho meus olhos. Meus dedos agarram o cobertor com mais força, mas mesmo o aperto da morte não pode impedi-los de tremer.

Faz tanto tempo. Eu estou melhor. Eu sou mais forte. Eu não vou por esse caminho. De novo não.

Nunca mais.

Eu nunca serei a vítima novamente.

Abro os olhos bem a tempo de ver a porta abrir e fechar sem problemas. Meu corpo inteiro ainda está alerta, sensível a tudo ao meu redor. Com o meu olhar, sigo a sombra se mover pelo quarto escuro.

A pessoa se move sem esforço, como mesmo na escuridão, sabe onde está tudo e como não fazer muito barulho. Quando a batida do sangue nas minhas veias desaparece, percebo que é porque ele *sabe* onde está tudo. Ele conhece esse espaço porque é o espaço *dele*. O quarto dele.

Não tenho certeza se quero suspirar de alívio ou começar a entrar em pânico novamente.

Ele não deveria estar aqui.

Max ainda não me vê. Ele está de costas para a cama, e vejo seus dedos agarrarem as costas do capuz e tirá-lo sobre a cabeça, junto com a camiseta por baixo.

Mesmo na escuridão, ainda noto sua pele bronzeada. Ele tem uma dessas tezes de oliva que faz parecer que tem um bronzeado o ano todo. Seus músculos se movem, apertando e relaxando naquele movimento clássico. Você sabe de qual eu estou falando. Quando pegam a camisa da base do pescoço e a tiram no que parece ser o mais lento dos movimentos, apenas para que a população feminina possa apreciar a vista por mais alguns segundos.

O capuz cai no chão com um *baque* suave, e antes que eu perceba, suas calças seguem o exemplo.

Eu posso sentir meus olhos arregalados quando olho para sua bunda firme abraçada no par mais apertado de cueca boxer preta. Minha boca fica seca, a língua correndo para molhar meus lábios repentinamente secos.

Maximillian Sanders é um filho da puta irritante, mas ele também é um filho da puta irritantemente bonito. Mesmo eu não posso negar isso.

Seu cabelo escuro é uma bagunça desgrenhada. Negro como a noite, destaca seus olhos prateados e claros. Seu nariz é reto, maçãs do rosto proeminentes. Sua mandíbula quadrada e, por causa de sua barba escura, geralmente é coberta por restolho leve antes da escola terminar o dia. E seus lábios, tão carnudos e avermelhados que você pensaria que a única coisa que esse cara faz é beijar.

—... Que porra?! — O grito abafado me assusta e me faz pular da cama.

— Shhh! Você vai acordar a casa inteira!

— Parece que eu me importo? — Ele cruza os braços sobre o peito, os bíceps flexionando com o movimento e fazendo a tinta preta se destacar. — Diabos, Brook? O que você está fazendo aqui?

Ele olha para mim com expectativa, me deixando nervosa. Suspirando, fico na posição sentada e puxo o cobertor firmemente em volta de mim. Ao contrário de Max, que parece confortável, mesmo estando praticamente nu, quero manter todas as barreiras possíveis entre nós.

— Eu estava tentando dormir antes de você invadir e acordar todo o bairro.

Seus olhos se estreitam para mim. — Na minha cama? O que você está fazendo na minha cama, Brook?

— Jeanette me deixou passar a noite aqui. — Resumo os fatos. Ele não precisa saber mais do que isso. — Ela disse que você estaria fora e avisaria, no caso de você voltar para casa, que sua cama está ocupada. Aparentemente, ela esqueceu.

— Aparentemente. — Ele concorda estoicamente.

O silêncio cai sobre nós. Eu o encaro, em parte porque não sei o que dizer, mas uma pequena parte de mim não consegue desviar meu olhar de seu corpo.

Deus, ele é lindo.

Enquanto a maioria da nossa turma é composta por meninos, Max é todo homem. Ele é alto, tem mais de um metro e oitenta e se ergue sobre mim. Seu corpo é tonificado e magro, cada músculo esculpido com perfeição.

Imponente.

Assim como a atitude dele.

E não vamos esquecer a tinta preta que adorna seu braço. Geralmente está coberto, mas agora posso ver as linhas tênues de sua tatuagem tribal.

— Tanto faz... — Seus braços desembaraçam e caem para os lados enquanto ele caminha para o outro lado da cama. Ou qual seria o outro lado da cama se eu não dormisse no meio.

— O-o que você está fazendo? — Minha voz gagueja quando o vejo puxar os cobertores para o lado e sentar na beira.

— Como o que eu estou fazendo? Indo dormir.

— Aqui?

— É a minha cama.

— Mas eu estou dormindo nela. — Aponto.

Olhando por cima do ombro, seus olhos cinzentos encontram os meus na escuridão. — Foguete, é minha cama. Ou você dorme aqui, comigo, ou vai procurar outro lugar para ficar.

Minha boca se abre, mas nenhuma palavra sai. Ele está falando sério? Aparentemente sim, porque ele se deita, puxando o cobertor para cobrir seu corpo quase nu.

Pulando, eu me movo, deixando uma grande lacuna entre nós.

— O que vai ser, Brook? — Ele se vira para o lado, encostado no antebraço. — Você vai ficar ou vai embora?

Um desafio brilha em seus olhos. Sopro um pouco de ar, puxo mais do cobertor para me cobrir.

— Eu vou ficar. — Digo, deitada. — Mas só porque já estou quente e aconchegante.

— Claro, querida. — Max sorri. — Qualquer coisa que você diga.

Eu o encaro, embora não tenha certeza se pode ver, antes de fazer uma observação e virar as costas para ele. Afofando o travesseiro, mais uma vez, deito minha cabeça e fecho os olhos.

É estranho, dormir ao lado dele. Mesmo com todo o espaço entre nós, posso senti-lo lá, atrás de mim. Eu posso sentir o calor do corpo dele irradiando e me aquecendo. O cheiro dele, que era apenas um lembrete fraco da cama em que estou dormindo, agora me envolve, entrando em todos os meus poros.

Estou preparada para passar a noite em sua cama, acordada, apenas para provar um ponto. Provar a Maximillian Sanders que ele não me afeta nem um pouco, mas, surpreendentemente, consigo adormecer.

Capítulo Dezesseis

MAX

Murmúrios suaves entram na minha mente induzida pelo sono. No começo, acho que é tudo um sonho, mas quando me viro para voltar a dormir, meu corpo colide com outro, me acordando.

Brook...

— Vá embora... Por favor, vá... — Seus gemidos são baixos, quase inaudíveis, seu corpo se debatendo no colchão, inquieta.

— Brook? — Eu chamo o nome dela, mas não responde. Ela está muito profunda. Perdida em seus sonhos. Perdida em seus *pesadelos*.

O que diabos aconteceu com você, Brook?

Esta não é a primeira vez que me faço essa pergunta, mas não estou nem um pouquinho mais perto de descobrir isso. Eu sempre soube que a garota tinha um chip no ombro. Eu conhecia partes da história dela - lado errado da cidade, vida familiar problemática, não muitos amigos -, mas vê-la assim me faz perceber que é apenas a ponta do iceberg, e algo muito, muito pior, está escondido embaixo.

Envolvendo meus braços em volta dela, eu prendo seu corpo no meu. Só que não a acalma como pensava. Ela resiste ao meu toque, lutando para sair do meu alcance.

— Não! Por favor não! Me deixar ir. Me deixar ir!

Meu estômago aperta, seu medo é palpável e fica mais forte a cada apelo, mas eu não o solto. Se fizer, sei que ela estará perdida para mim.

— Shhh, está tudo bem. Você está segura.

Entrelaço minhas pernas com as dela para impedir que ela me chute, e meus braços seguram os dela pressionados contra seus lados.

— Está tudo bem, Brook. — Balançando uma das minhas mãos, eu tiro uma mecha selvagem do cabelo dela do rosto. — Você está segura.

Eu canto essas palavras repetidas vezes, minha voz baixa e suave.

Suas costas estão pressionadas contra a minha frente com tanta força que posso sentir cada curva suave e esbelta de seu corpo.

Tão pequena.

Tão vulnerável.

Minhas próprias lembranças lutam para voltar à minha mente.

Jeanette - pequena e quebrada, deitada no chão inconsciente enquanto eu a segurava em meus braços, esperando a ambulância chegar e buscá-la porque não a via. Porque eu não conseguia ver os sinais de que minha irmã estava quebrando bem na frente dos meus olhos. Não até que fosse tarde demais.

Fechando a tampa da caixa firmemente, aperto os braços em volta dela. Ela é a âncora que me mantém no chão. Mantendo-me são.

Brook precisa de mim. Ela precisa de alguém calmo e composto, não um garotinho assustado, então eu empurro essas memórias de volta e me concentro aqui e agora. Concentro-me nela.

— Por favor... — ela choraminga baixinho, com a voz embargada. — Não faça isso...

Quebrando algo dentro de mim.

Algo molhado cai na minha mão. Minhas sobrancelhas franzem em confusão até eu olhar para o rosto dela e ver as lágrimas escorrendo por suas bochechas.

Ela parou de brigar comigo e agora está completamente imóvel. Resignada com o que seu cérebro acha que vai acontecer a seguir, seu corpo se enrola em posição fetal, protegendo-se do que a está machucando.

Eu a viro para passar a mão sobre ela. Minha mão segura sua bochecha, o polegar limpando as lágrimas.

— Brook baby, acorde. — Eu sussurro o mais calmo e suavemente possível. A última coisa que quero fazer é assustá-la. Ela já teve o bastante disso. — Está bem. Você está segura.

Ninguém vai machucá-la, não se depender de mim.

Mas eu não digo essas palavras em voz alta. Não posso fazer essa promessa, porque já fiz. Fiz essa promessa à minha irmã e falhei com ela. Miseravelmente.

Depois de mais alguns movimentos suaves, seus olhos finalmente se abrem. Eles são vermelhos e inchados, seus cílios longos e escuros colados.

— Olá, aí... — Meu polegar passa por sua bochecha e eu a vejo estremecer de dor. — O que é que...

Mas não termino minha pergunta porque a vejo. Um hematoma roxo escuro em sua bochecha. Eu abro minha boca, mas ela me para.

— Não é nada. — Brook vira a cabeça para o lado para que eu não possa ver a carne danificada. Ou talvez ela esteja tentando esconder o olhar manchado de lágrimas? De qualquer maneira, não vou deixá-la fugir. Eu não vou deixá-la se esconder.

— Obviamente não é *nada*. Você tem uma contusão do tamanho do Texas na sua bochecha, Brook. E você estava tendo pesadelos.

Ela tenta sair de baixo de mim, mas eu não a deixo ir. Se deixar, nunca vou conseguir respostas. Nunca encontrarei uma maneira de ajudá-la.

— Eu disse que não é nada. Me deixe em paz.

— É alguma coisa, tudo bem.

— Foi um acidente. — Ela range entre os dentes cerrados. — Feliz?

Meus olhos estreitam quando olho para ela. Eu não acredito nela nem um pouco. — É por isso que você está tendo pesadelos?

Seu corpo estremece, mas ela ainda levanta o queixo em desafio.

Forte. É isso que Brook Taylor é. Tão foda forte.

Mesmo depois de reviver seus pesadelos, ela encontra forças para enfrentar gente como eu e me diz onde empurrá-la.

— Meus pesadelos não dizem respeito a você, Sanders.

— Eles fazem se você os tiver na minha cama.

Eu sei que isso é um golpe baixo assim que as palavras saem da minha boca, mas não há como recuperá-las agora.

Olhos verdes estreitam em fúria, seus lábios pressionando em uma linha apertada enquanto ela me afasta. — Eu terminei com essa merda.

Embora ela seja pequena, a ação repentina me jogou pelas minhas costas.

— Você não pode simplesmente fugir!

— Ah não? Me observe!

Ela fica em pé, pronta para fugir, mas o movimento rápido a faz tropeçar, provavelmente por causa das roupas que deixei espalhadas no chão. Eu avanço, minha mão envolvendo seu braço enquanto tento salvá-la da queda.

Eu a puxo para mais perto, seu corpo colidindo com o meu, e nós dois caímos na cama.

Brook se vira para mim. — O que você quer, Max? — Ela parece exasperada, mas também cansada.

Eu posso ver nos olhos dela.

Cansada de fingir.

Cansada de estar constantemente com raiva.

Cansada de lutar contra isso.

O que quer que seja essa coisa entre nós.

Colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, deixo as costas da minha mão roçarem suavemente sua bochecha.

— Eu quero ajudá-la. — Murmuro baixinho.

E eu quero dizer isso. Eu quero ajudá-la. Quero protegê-la, não que tenha o direito de fazê-lo ou que ela precise de proteção. Brook Taylor é uma durona. Pequena, mas feroz, tem o coração e a atitude de uma leoa. O círculo de pessoas que ela deixa entrar é extremamente pequeno, mas as ama e as protege com ferocidade. E a questão da proteção é que talvez você não precise disso porque é forte por conta própria, mas talvez quem queira protegê-la precise que ela fique sã.

Eu sempre fui protetor de Jeanette. Podemos ser gêmeos no papel, mas nasci primeiro, era o homem, então sempre a olhei como minha irmãzinha. Garantia que todos os outros a olhassem como minha irmãzinha, para que não mexessem com ela.

Veja o que isso fez de bom.

E essa necessidade de proteção só aumentou nos últimos anos, portanto, não é de surpreender que, quando vim para Greyford e conheci Amelia, a mesma necessidade de proteção tenha surgido mais uma vez. Lia me lembrou, e ainda o faz, da minha irmã quando era mais jovem. Inocente. Sua alma é completamente pura, seu coração cheio de bondade e amor. E então havia Brook.

A melhor amiga de Lia.

Estourada.

Fodona.

Uma garota com os olhos verdes mais maravilhosamente quebrados e assustadores.

Olhos que viram muita feiura no mundo.

Olhos que, com um único olhar, veem direto na minha alma.

— Então me faça esquecer.

Ela se acomoda no meu colo, as pernas de cada lado de mim. As pontas dos dedos dela roçam minha bochecha, traçando as linhas do meu rosto quando o dela se aproxima.

Olhá-la tão perto me deixa sem fôlego. Brook não é uma pessoa sensível, nem mesmo com Lia, que é como uma irmã para ela, para que ela inicie o toque...

— O que você está...

— Shhh... — A ponta do dedo dela pressiona contra os meus lábios.

Ela se inclina para frente, sua testa tocando a minha. O cabelo castanho claro que estava escondido atrás da orelha se solta e cai,

mechas longas e onduladas tocam meu rosto. Aqueles olhos de gato olham nos meus.

Esperando.

Avaliando.

— Faça-me esquecer, Max. — ela implora quase desesperadamente.

Seus lábios roçam os meus timidamente. Um golpe de sua boca, tão suave que quase parece surreal. Imaginário. Mas não há nada imaginário sobre a garota sentada no meu colo. Minhas mãos seguram seus quadris, puxando-a para mais perto.

Quando ela me beija de novo, não a deixo pendurada. Minha boca se conecta com a dela, devolvendo seu beijo.

Ela geme baixinho, com os olhos fechados. Seus dedos cavam no meu couro cabeludo, inclinando minha cabeça enquanto sua língua sai e traça meu lábio inferior, cutucando a entrada. O que eu dou a ela. O controle que ela está procurando.

Eu dou tudo para ela.

Tudo o que ela quer é dela para ser tomado.

A língua de Brook desliza na minha boca, esmagando, dançando. Eu gemo em aprovação, minhas mãos deslizando para cima e para baixo em seus lados sobre sua blusa, sentindo a curva de sua cintura e quadril.

Uma das mãos dela desliza pelo meu pescoço, por cima do meu peito até chegar ao meu estômago. Seus dedos traçando as linhas dos meus abdominais.

— Eu preciso de mais... — Ela respira, quebrando o nosso beijo.

Seus olhos são vidrados, necessidade e paixão se misturam com determinação. Ela rola seus quadris contra os meus, sua cabeça caindo para trás quando seu calor encontra minha dureza.

Isso é tão bom.

Tê-la em meus braços.

Tocar sua pele.

Isso é tão bom.

Tão *certo*.

Eu beijo o oco do ombro dela, minha língua deslizando sobre a pele macia e provo-a. Provando o mel e o leve brilho de sal na pele, misturada com flores silvestres e o perfume da chuva em seus cabelos.

Selvagem e intoxicante.

Isso é o que ela é.

Ela continua moendo contra mim, seus lábios devorando os meus.

Minhas mãos cavam debaixo da blusa dela, tocando sua pele macia e pálida. Encontrando seu sutiã, murmuro em aprovação contra sua boca, minhas mãos deslizando pelos lados e pela frente, segurando seus peitos pequenos e alegres, polegares roçando contra picos duros.

Seus dentes raspam meu lábio inferior quando ela interrompe o beijo, afastando-se o suficiente para remover sua blusa.

Deixo meus olhos percorrerem seu peito nu, bebendo a pele de marfim iluminada pela ligeira luz da lua que espreita pela janela.

Suas costas estão arqueadas, pequenos botões rosados implorando por minha atenção. Inclinando-me para frente, puxo um mamilo na boca, chupando levemente até sentir Brook derreter completamente em meus braços. Seus dedos cavam no meu cabelo, agarrando com força

enquanto eu belisco a ponta sensível, a língua girando, os dentes mordiscando.

— Max... — Meu nome é um suspiro sem fôlego caindo de seus lábios.

Um canto.

Um apelo.

Ela empurra seu peito mais no meu rosto, seus quadris pressionando mais forte em mim, movimentos mais ásperos, mais frenéticos.

Meu pau está pulsando em sintonia com suas moagens, implorando para ser libertado.

— Mais... — Ela arfa, e eu murmuro em concordância.

Minha mão desliza por sua espinha, empurrando contra sua parte inferior das costas, ajudando-a a navegar pelo movimento. Eu deixei o mamilo sair da minha boca, vermelho e brilhante pelo meu ataque.

— Eu vou te dar mais, foguete. — Ofego com força contra sua pele. — Muito mais.

Um pequeno sorriso curva seus lábios.

Malvado.

Quase brincalhão.

Ela se levanta do meu colo apenas o suficiente para poder puxar minha cueca. Um pequeno puxão de seu pulso e meu pau se solta. Eu quero suspirar de alívio, mas não tenho chance, porque a mão dela está em volta de mim.

— Brook. — Eu assobio, meu corpo inteiro ficando tenso com seu toque.

Seus dedos são tão pequenos, tão delicados, que nem conseguem me envolver adequadamente, mas seu aperto é firme, confiante. Ela trabalha o meu comprimento com movimentos certos, o polegar passando sobre a minha cabeça de vez em quando.

— Eu preciso de você... — Ela sussurra, traçando minha pele com beijos rápidos de boca fechada. — Eu preciso tanto de você que dói.

— Pegue o que você precisa. — Murmuro baixinho, deixando-a assumir o controle, porque é disso que ela precisa. Quero que mate todos os demônios que a assombram em seus sonhos, fazendo-a sentir-se impotente, fazendo-a sentir-se pequena e com medo quando não tem mais nada. Então eu dou a ela o que precisa.

Eu gosto do seu toque, minhas mãos roçando sua pele.

Brook beija o caminho do meu peito, sobre a clavícula e no pescoço até nossos lábios se tocarem novamente. Bocas esmagadas, línguas entrelaçadas.

Dou um tapinha cego para o lado até meus dedos encontrarem a gaveta. Abrindo, pesco um pacote quadrado. Quebrando o beijo, Brook me observa, paralisada, enquanto eu coloco a camisinha.

Juntos, movemos a calcinha para o lado.

Ela paira sobre mim, tão perto que posso sentir seu calor, mas muito longe.

Sua testa toca a minha, nossas respirações ofegantes se misturam. Pego a base do meu pau, a ponta roçando contra sua umidade. Seus dedos roçam minhas bochechas, cavando meus cabelos enquanto seus olhos brilhantes olham para os meus.

Paixão e desespero se misturam.

— Faça isso ir embora. — Seus lábios roçam nos meus. — Faça tudo ir embora.

Nós aprofundamos nosso beijo, os olhos se fechando enquanto ela afunda lentamente em mim, nós dois gemendo enquanto seu corpo se estica para acomodar o meu tamanho.

— Puta merda...

Ela é tão apertada, segurando meu pau firmemente. Sua boceta envolve em torno de mim, encaixando como uma luva. Quente e molhada e muito acolhedora.

Suas mãos seguram meus ombros enquanto ela encontra equilíbrio. Seu corpo se levanta lentamente, liberando o aperto mortal que tem em mim, e eu quero chorar de frustração, mas então ela está se abaixando, me puxando para dentro, desta vez mais profundo.

A cada golpe, seus movimentos crescem mais rapidamente e ela afunda mais fundo.

Nossas respirações agitadas enchem a sala escura e silenciosa. O som da chuva e de pele suada deslizando contra pele suada formando a perfeita harmonia ao fundo.

— Eu não acho que posso aguentar muito mais. — Ofego entre beijos.

Ela está afundando quase completamente agora, todo o meu comprimento empurrando dentro dela.

— Tão perto...

Minha mão desliza entre nossos corpos, meus dedos encontram seu clitóris. Apenas um toque dos meus dedos e ela me aperta com mais força.

— Ee... — Começo a esfregar com mais força, circulando o botão sensível. — Eu p-preciso...

Sua cabeça cai para trás, seus dedos cravando mais forte nos meus ombros. Inclino-me para a frente, minha língua saboreando seu pescoço salgado enquanto ela me monta, dentes mordiscando sua pele lisa.

Ela desliza pelo meu comprimento, me engolindo inteiro, e eu belisco o pequeno nó, empurrando nela. Repetidamente.

— Ma...

Meus lábios batem nos dela enquanto todo o seu corpo treme, sua boceta apertando firmemente quando onda após onda de prazer a lava, fazendo seu corpo estremecer em meus braços.

Agarrando seus quadris com força, eu persigo minha própria libertação, empurrando mais fundo, empurrando com mais força até que seu corpo trêmulo me puxe sobre a borda junto com ela.

O nome dela é um grito caindo dos meus lábios, enterrado na cavidade de sua pele.

BROOK

Que diabos eu fiz? Olho para o lado no corpo esticado ao meu lado. Max está dormindo, com a mão sobre a minha cintura, seu peito se movendo enquanto ele respira suavemente, totalmente inconsciente do meu surto interno.

Por que continuo fazendo coisas assim? Só por que?

Este foi um grande erro, mas não havia como parar. Não quando o pesadelo ainda estava vívido em minha mente. Não quando o pensamento do passado estava me assombrando e eu sabia que havia apenas uma maneira de fazer tudo desaparecer. Apenas uma maneira que me faria esquecer.

Você disse que tinha acabado com essa merda, uma pequena voz me lembra, mas eu a afasto. Sei que o que estou fazendo está errado. Fodido em tantos níveis, e se alguém entendesse, eles teriam um dia de campo tentando descobrir, mas o que está feito está feito. Não é como se eu pudesse voltar no tempo e mudar isso.

Você mudaria isso? Realmente?

Engulo em seco, ignorando a consciência que está me consumindo. Esta é a última vez. Isso não vai acontecer novamente. Isso *não pode* acontecer novamente.

Realmente?

Oh, foda-se já!

Frustrada, deslizo lentamente a mão do meu estômago para não incomodá-lo. Espero um pouco, praticamente sem respirar apenas para ter certeza de não acordar Max antes de finalmente expirar aliviada e deslizar para fora da cama.

Pego a primeira camisa que encontro, puxando-a para esconder minha nudez e, quando termino, levanto meu olhar para ele.

A suave luz da manhã que entra pela janela ilumina sua estrutura. Max está deitado de bruços com uma mão debaixo do travesseiro. Um cobertor está cobrindo sua metade inferior apenas o suficiente para ser considerado decente, deixando suas costas musculosas completamente expostas.

Meus dedos coçam para tocá-lo, traçar a pele macia. Eu ainda podia sentir suas mãos no meu corpo, seus lábios roçando nos meus em um beijo fervoroso.

Lia…

A maneira como ele disse o nome da minha melhor amiga na primeira vez me lembra. Não há razão para isso, na verdade não. Não é como se Max me chamasse pelo nome dessa vez. Mas não é como se meu cérebro se importasse com isso; apenas gentilmente me lembra o fato. Max ainda a quer. Ainda a ama, mas ele dormiu comigo.

Ele pensou nela esta noite também?

Meu coração aperta no meu peito. Apenas o pensamento faz bile subir na minha garganta.

Pressionando a palma da minha mão no meu peito, eu a esfrego, mas a dor não desaparece. Se muito, meu peito aperta, tornando impossível respirar.

Eu tenho que sair daqui. Não posso estar aqui quando ele acordar. Não posso estar aqui se quiser respirar normalmente novamente.

Capítulo Dezessete

MAX

Eu resmungo alto, empurrando a barra em minhas mãos. É segunda-feira de manhã e, como todos os dias, temos que estar aqui para o treino antes da aula, mas hoje cheguei mais cedo. Era isso ou ficar virando na minha cama, e eu ficaria louco se ficasse fechado dentro de casa mais um segundo. Ontem fiz isso o dia todo e já foi suficiente.

Cansado de jogar e girar.

Cansado de me questionar.

Chega.

Foi ela quem fugiu, *mais uma vez*, se for o caso, não eu. Tentei ligar para ela. Tentei procurá-la, mas não a encontrei e, quando voltei para casa, fui recebido pelo cheiro dela. Ainda permanecia no espaço - mel, flores silvestres e chuva - me deixando louco. Não só ela está mexendo com a minha cabeça quando não preciso, mas a presença dela está em todo lugar que eu me viro.

Como alguém pode passar quase algum tempo no meu quarto, mas fazer parecer que está lá desde sempre?

Meus lábios pressionam em uma linha apertada, as mãos apertando a barra de metal com mais força. Meu peito está queimando, braços trêmulos parecendo geleia enquanto o suor escorre pelo meu rosto.

Três.

Para cima e para baixo.

Dois.

Outro gemido alto enquanto empurro a barra.

Um.

Meus olhos se fecham. Eu me concentro em firmar meus braços trêmulos e tento dar um último empurrão para colocar a barra de volta no suporte.

— Que porra você pensa que está fazendo?

O peso é retirado das minhas mãos e eu posso ouvir o tilintar familiar de metal contra metal. Ainda deitado de costas, tento o meu melhor para equilibrar minha respiração. Com as costas da minha mão, limpo o suor dos meus olhos antes de finalmente abri-los para enfrentar meu companheiro indesejado.

De todas as pessoas...

— Eu senti vontade de colocar algum trabalho extra.

— Sim, certo... — Andrew joga uma toalha em mim e eu a agarro antes que caia no meu rosto. Sem outra palavra, ele se vira e caminha para a esteira.

Esfrego o suor e só então me endireito lentamente na posição sentado no banco. Eu o vejo começar, corrida lenta se transformando em uma corrida completa.

Qualquer outro dia, eu pediria que Drew viesse me encontrar. Nós brincávamos e atirávamos na merda, mas não hoje. Não depois deste fim de semana.

Nós não conversamos desde que dei um soco na cara dele no sábado. Embora minha briga com Jeanette me tenha deixado esgotado,

eu simplesmente não podia deixar isso de lado. Ele foi atrás da minha irmã pelas minhas costas. Você não faz nada assim com a irmã do seu amigo.

Eu sei que Jeanette tentou ser legal, mas não estava comprando por um segundo. Ela simplesmente não era esse tipo de garota. Ela poderia fingir que é uma durona tudo o que quiser, mas eu sabia a verdade. Seu coração estava sensível e já havia sido quebrado muitas vezes.

E Andrew... Ele não era o cara para ela. Era muito frio e cansado, e Jeanette precisava de mais do que isso.

Correndo meus dedos pelos meus fios úmidos, suspiro alto. Os músculos de suas costas enrijecem, e eu posso ver seu queixo trabalhar, mas ele não diz uma palavra.

Ambos disseram que não era nada, apenas um deslize, mas por algum motivo, eu não acreditei neles. Sim, eles estão constantemente na garganta um do outro, mas não tenho tanta certeza de que tudo o que há entre eles é ódio, não depois de ver a foto. E isso simplesmente não poderia acontecer. Ambos estão tão danificados, e se Andrew foder com ela e partir seu coração... Não tenho certeza se Jeanette seria capaz de se recuperar disso, não com todo o resto.

— Andrew...

— Me poupe. — Ele resmunga. — Você disse tudo o que tinha a dizer.

— Não é nada pessoal. — Tento, mas quem estou enganando? Claro que é pessoal. Ele está brincando com minha *irmã*. Seria absurdo, fingir que nada afeta sua irmã com o coração mais sensível, que já passou o suficiente. Se ele fosse um cara diferente ou se ela não tivesse passado pelo que tinha passado... mas esses são apenas pensamentos desejosos, porque a realidade é o que é, e não podemos mudar isso.

— Claro que não.

Abro a boca para dizer algo; eu nem tenho certeza do que, mas a porta da academia se abre, nossos colegas de equipe ocupam o espaço com o treinador logo atrás.

— Vamos rapazes. Hora de suar.

Quando o treinador termina conosco, eu mal posso suportar. Com a temporada de hóquei em pleno andamento, ele estava nos trabalhando duro dentro e fora do gelo. Até agora, esta temporada parecia realmente promissora. Até agora, vencemos todos os jogos, mas tudo isso poderia mudar em um piscar de olhos se não fôssemos focados.

Por isso, assim que o treino terminou, tomei um banho rápido, agarrei minha merda e fui procurar minha distração. Brook podia se esconder apenas por certo tempo, e nós dois sabíamos disso.

Meus músculos protestaram todo o caminho até a sala de arte, mas eu não deixei isso me atrasar. Mesmo depois de um treino excruciante, eu ainda estava tão chateado com ela e com o que fez. Irritado com ela por fugir e fingir que nada aconteceu.

Eu não a peguei. Pensei que ela finalmente se abriu para mim, mas então vai e faz algo para me mostrar que aquelas paredes que ela construiu em torno de si são tão fortes, tão impenetráveis, como sempre. Que não importa o quanto eu tentasse chegar até ela, sempre me empurraria para trás, sem se mexer nem um pouco.

Entro na sala de arte pronto para finalmente encarar Brook e falar com ela de uma vez por todas, mas é claro, a única vez em que preciso que esteja sozinha é tudo menos isso. Duas outras pessoas, um garoto e uma garota, estão na sala trabalhando em suas próprias coisas. Suas

cabeças se levantam quando a porta bate contra a parede com a minha entrada abrupta, seus olhos se arregalam quando me veem na porta.

A única pessoa que parece composta é Brook. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo, seus olhos verdes olhando nos meus do outro lado da sala com a ponta do pincel entre os dentes. Ela parece casual e legal pra caralho. Quase entediada, até. O que me irrita ainda mais.

— Saia. — Inclino meu queixo para o lado, mas quando eles não se movem rápido o suficiente, repito, desta vez mais alto: — Saia daqui!

Eles pulam de surpresa, mas começam a se mover e, em trinta segundos, os dois deslizam para fora, tomando cuidado para não roçar em mim enquanto passam.

Lentamente, fecho a porta atrás deles antes de me virar para encarar Brook.

— Muito dramático? — Uma sobrancelha escura se levanta zombeteira para mim.

Eu estreito meus olhos para ela. Com os braços cruzados sobre o peito, estou na frente da porta, bloqueando qualquer um que queira entrar, mas mais importante, impedindo Brook de sair. — Nós vamos conversar, e eu não vou deixar você fugir dessa vez.

Espero algum tipo de reação, mas o melhor que recebo é um tique na mandíbula. — Não vejo o que temos para falar.

— Oh, eu não sei. — Lentamente começo a caminhar em sua direção. — Que tal o fato de termos feito sexo e depois eu acordar em uma cama vazia no dia seguinte?

Eu pareço uma boceta maldita, mas nem me importo. Por alguma razão, acordar sem ela enlouqueceu com minha mente mais do que jamais admitiria em voz alta. Estamos dançando tudo isso há semanas, e preciso saber onde estamos, porque não tenho tempo para jogar.

Seus lábios pressionam em uma linha apertada, a irritação saindo dela em ondas. Bem-vinda ao clube, querida. Fingindo indiferença, ela encolhe os ombros. — Foi só sexo.

Meus olhos estreitam para ela. — Isso foi vingança?

Ela revira os olhos para mim e depois se vira, me bloqueando de vista. — Não se iluda.

Minhas mãos fecham os punhos ao meu lado. — Foi, não foi? Você ainda está chateada com o que aconteceu na festa de Halloween!

Seus ombros endurecem, mas ela não se vira. — Não tem *nada* a ver com o Halloween.

— Não tem? — Eu desafio. — Porque para mim, parece que tem tudo a ver com isso. Eu já disse que estava arrependido. Estava bêbado naquela noite e nem sei por que...

Brook se vira de repente, seu dedo apontado para mim, a fúria brilhando em suas íris. — Não se atreva a mentir para mim, Max. Nós dois sabemos muito bem por que você fez o que fez. Você está apaixonado por ela, mas não pode tê-la, então foi para a próxima melhor coisa. De qualquer maneira, o que aconteceu foi apenas sexo. Um grande erro, mas apenas sexo.

— Não existe só *sexo,* Brook. — Suas palavras atingem algo dentro de mim. Eu ando mais perto, tão perto que a única coisa que nos separa é a tela dela. — Especialmente o que aconteceu no sábado à noite. Foi por isso que você fugiu? Foi demais? Olhando nos meus olhos quando estava tão fundo dentro de você, eu poderia sentir seu interior?

Suas bochechas coram com as minhas palavras, me dando satisfação. Eu escovo as pontas dos meus dedos contra suas bochechas, e quando minha pele toca a dela e um zíper de eletricidade percorre meus membros, posso ouvi-la inspirar profundamente.

Inclinando-me para frente, para que minha respiração toque sua pele, eu sussurro baixinho: — Foi demais gozar sabendo que eu estava lá assistindo? Sabendo que fui eu quem fez isso? Fui eu quem fez você perder o controle, mesmo que por apenas alguns segundos?

— Max... — Brook respira, todo o corpo estremecendo com as minhas palavras, os olhos fechando quando ela vira a cabeça, tentando quebrar o nosso contato. Sua garganta palpita quando engole audivelmente. — Eu não posso. *Nós* não podemos.

Meus dedos disparam sob o queixo dela, forçando-a a se virar.

— Nós não fizemos nada de errado. — Digo, mas minhas palavras não têm efeito nela. Eu aumento meu aperto em seu queixo um pouco. — Olhe para mim, Brook.

Ela tenta desviar o olhar, mas não a deixo ir, então, no final, obedece. Suas pálpebras se abrem, e aqueles penetrantes olhos verdes olham nos meus, me deixando sem fôlego. Há muita coisa escondida nessas profundezas. Mágoa e angústia se misturam e me puxam, envolvendo minha garganta até que seja difícil respirar.

Um passo para frente, dois passos para trás. É a mesma dança antiga que temos repetidamente.

— O que tivemos foi incrível, e...

Brook balança a cabeça. — O que aconteceu não deveria ter acontecido.

— Mas aconteceu...

— E foi errado. — Ela se afasta, mas não vira as costas para mim. Não, seus olhos me encontram diretamente, e pela primeira vez, eu gostaria que ela desviasse o olhar. Porque eles estão quebrados. Completamente e totalmente destruída. Não há lágrimas, apenas vazio e pedaços de sua alma.

— Eu não posso fazer isso... sem saber... — Ela balança a cabeça mais uma vez, uma mecha de cabelo deslizando para fora do seu rabo de cavalo e roçando sua bochecha.

— Brook...

— Eu posso ser sua amiga, Max. Eu posso estar lá quando você precisar de mim. Você pode vir aqui e estudar, se quiser. Ajudarei se precisar, mas não posso lhe dar mais. Eu simplesmente não posso.

Minha mão se move para frente, a necessidade de tocá-la com tanta força que tenho que me impedir fisicamente de estender a mão. A dor no meu peito é esmagadora. É como se ela estivesse apertando meus pulmões com aquelas pequenas mãos, sem deixar o ar passar.

Brook me oferece um pequeno sorriso, assim ajudará a tirar a dureza de suas palavras.

Abro a boca para dizer algo, qualquer coisa, mas nenhuma palavra sai.

Ela assente - entendendo? aceitando? Foda-se, se eu sei - e começa a se virar, mas minha mão dispara, parando-a instantaneamente. Seus olhos se arregalam, como se apenas o pensamento de eu tocá-la traz dor física.

Minha mão paira sobre a dela. Não tocando. Nunca tocando. Bem ali.

— Apenas amigos. — Eu grito. — Se essa é a única coisa que você pode oferecer, que assim seja.

Capítulo Dezoito

BROOK

— Você nunca vai me mostrar no que está trabalhando?

— Huh? — Eu levanto minha cabeça, assustada. Estava tão perdida no que estava fazendo que demorei um pouco para registrar suas palavras.

Empurrando uma mecha de cabelo que só agora percebi estava no meu rosto, encontro aqueles olhos cinzentos me encarando. Um arrepio percorre meu corpo como acontece toda vez que ele está olhando para mim, mas ignoro. Um lado de seus lábios se inclina para cima naquele meio sorriso dele, mas finjo que não sei para que serve.

— Sua arte. — Max repete. — Você nunca vai me deixar ver?

— Você faz essa pergunta pelo menos uma vez por dia. — Reviro os olhos para ele. — A resposta é sempre a mesma.

Após nosso confronto, semanas atrás, nesta mesma sala, pensei que Max se afastaria de mim, mas como sempre, ele fez algo completamente diferente do que eu esperava. A amizade que tão casualmente lhe ofereci, não pensando que ele pegaria? Ele definitivamente pegou.

No dia seguinte ao nosso confronto, quando o vi parado na porta, quase molhei as calças de surpresa. Com os olhos arregalados, vi-o entrar na sala de arte, fechar a porta atrás dele e descer ao seu lugar habitual. Ele pegou seus livros e começou a trabalhar no que diabos precisava trabalhar. Olhei para ele, procurando as palavras certas para dizer, mas quando elas não vieram e ele ficou em silêncio, peguei minha

mandíbula no chão e continuei com meus negócios. Ou tentei pelo menos, porque os meus olhos? Eles tinham vontade própria. E de vez em quando eles davam uma espiada em sua direção.

Naquele primeiro dia, não dissemos uma palavra. Ou no segundo. Ou no terceiro.

Mas todos os dias, como um relógio, ele vinha para a sala de arte e passava o primeiro período estudando enquanto eu estava pintando.

Novembro se transformou em dezembro, e o silêncio tenso finalmente se tornou confortável. Mas então um dia as marcas de preocupação começaram a aparecer em seu rosto, e o silêncio foi finalmente quebrado. Fizemos um teste de espanhol e ele estava lutando com o material, então deixei meu cavalete e me sentei para ajudá-lo.

— Talvez um dia desses você mude de ideia. — Max encolhe os ombros, tirando-me das memórias e me trazendo de volta ao presente.

Ele fica de pé, com as mãos no ar enquanto estica o corpo. A barra da camisa preta se levanta, revelando seu estômago forte e o V levando ao jeans. Meus olhos se voltam para o pedaço de pele revelada, minha boca fica seca.

— Ou talvez eu tenha que fazer você mostrar para mim.

Com os olhos ainda colados ao estômago, quase não o vejo chegar mais perto. Só me bate quando ele está tão perto que eu posso sentir seu cheiro limpo e sabão com apenas uma pitada de colônia preenchendo meu espaço pessoal.

— O-o que você pensa que está fazendo? — Eu gaguejo, meus olhos finalmente levantando da parte inferior do corpo para o rosto. Max ri levemente.

Droga, você poderia ser mais óbvia em seu olhar, Brook?!

— Viu algo que você gosta, Foguete?

Engulo em seco. O apelido sai da sua língua com tanta facilidade que você nunca imaginaria que ele não o usa há tanto tempo que eu quase esqueci que ele existe.

Educando minhas feições, certifico-me de lhe dar um olhar uniforme. — Buscando elogios?

— Apenas afirmando o óbvio.

— Não se iluda, Estrela. — Eu atiro de volta. — Já vi melhor. Beeem melhor.

Algo brilha em sua íris cinza. Não sei o que, mas elas ficam mais escuras quando ele se aproxima ainda mais.

Mordiscando meu lábio inferior, posso sentir meu batimento cardíaco subir.

Estúpido, coração estúpido.

Ele está tão perto que nossos peitos estão quase se tocando. Quase, mas não exatamente. Nós não nos tocamos desde aquela noite. A noite que não mencionamos. A noite em que tento o meu melhor para não pensar, mas na maioria das vezes falho miseravelmente. Especialmente na escuridão da noite, quando não consigo dormir, porque os demônios escondidos em meu coração estão parados, prontos para sair. Prontos para me assombrar e me arrastar para a escuridão.

Eu olho para frente e, por causa da nossa diferença de altura, estou olhando diretamente para o peito dele. A camisa preta se encaixa muito bem nele. Não muito apertada para parecer que ele tem a necessidade de mostrar seus músculos, como alguns ratos de academia, mas apertada o suficiente para elogiar a forma do seu corpo. Ombros largos, cintura estreita e os abdominais escondidos embaixo. Eu assisto seu peito subir e descer, seu hálito quente tocando minha pele.

Algo faz cócegas na minha bochecha. Minha respiração vacila quando levanto meus olhos para cima, para cima, para cima, inalando seu perfume profundamente em meus pulmões.

— Você já agora? — Olhos tempestuosos olham para mim com uma intensidade que eu não vejo neles há um tempo. Desde...

Fecho os olhos, afastando as lembranças.

Você não seguirá esse caminho, Brook. Eu canto. *Você é mais forte que isso.*

Engulo em seco e, quando estou prestes a assumir o controle e recuar, algo molhado toca meu nariz.

— O que... — Eu abro meus olhos abruptamente, bem a tempo de sentir algo molhado tocar minha bochecha. Meus dedos se fecham e percebo o que estou perdendo. *Pincel.* Ele roubou meu pincel.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — Eu grito, esfregando a mancha que ele deixou, mas a única coisa que estou fazendo é espalhar a cor por todo o lado.

Olhando para os meus dedos coloridos, solto um suspiro frustrado. Max ri da minha consternação, me irritando ainda mais. Quem diabos ele pensa que é?!

— Seu bastardo! — Eu tento pular nele para pegar o pincel de volta, mas ele o segura no ar e fora do meu alcance. *Por que ele é tão alto?*

— Você não é uma artista? — Ele pensa. — Você deveria tentar ser mais criativa. Bastardo é tão exagerado.

— Max, estou falando sério. Devolva isso.

— Não, acho que vou mantê-lo. Toda vez que você me irritar, eu o puxo e adiciono um pouco de cor a você. Deve manter as coisas interessantes.

Eu tento alcançar o maldito pincel, só por uma questão, mas falho mais uma vez. — É assim que você quer jogar?

— É assim que eu quero jogar. — Confirma Max. Seu sorriso é tão grande quando ele vê minha irritação crescer. Eu provavelmente pareço uma bagunça. E nem mesmo uma bagunça gostosa. Cabelos selvagens, tinta em todo o meu rosto, e o resto é provavelmente vermelho de todos os pulos. — O que você vai fazer sobre isso?

Fico parada por alguns segundos, tentando recuperar o fôlego quando o vejo. Um sorriso curva meus lábios, e eu estou agradecida por minha cabeça estar inclinada para que ele não entenda. Idiota pagará pelo que ele fez.

— Nada. — murmuro, virando as costas para ele. — Isso é bobo. Você está agindo como um...

— Ei, você está... — Sua mão envolve meu pulso quando eu pego a paleta sentada na mesa de trabalho ao lado da minha tela. Ele me gira um pouco antes que eu possa pegá-la, mas meus dedos rasparam a cor empilhada na superfície.

Eu colido em seu peito, o impacto me deixa sem fôlego por um segundo. Seus dedos levantam meu queixo, preocupação colorindo seu olhar, mas isso se transforma em confusão assim que ele vê meu sorriso.

Sem lhe dar tempo para reagir, estendo minha mão e toco seu rosto. Ele está tão surpreso que a mão que está ao redor do meu pulso se solta. Eu afasto seu aperto e pego o pincel.

Mas é claro, não pode ser assim tão fácil. Apenas quando eu posso sentir a madeira sob as pontas dos dedos, ele a puxa para fora do meu alcance, me fazendo tropeçar nele. O acidente é tão repentino, tão inesperado, que por um segundo estou preparada para cair no chão.

Mas no último momento, as mãos de Max me envolvem, me puxando para seu peito.

Nós colidimos no chão, todo o ar sai dos meus pulmões quando caímos, e eu posso ouvir um som estrangulado saindo dele.

— Você está bem? — Eu levanto, olhando para o rosto dele enrolado em uma careta. Nem tenho certeza de como ele fez isso; é o único deitado no chão quando deveria ter sido eu.

Mordo meu lábio preocupada, minhas mãos segurando seu rosto.

— Estou bem. — Ele range entre os dentes, e parece quase doloroso.

— Você não parece bem. — Inclino o queixo para trás, olhando por cima do rosto com preocupação. Suas íris parecem estar um pouco dilatadas. Talvez ele tenha uma concussão. Provavelmente seria a primeira vez. Nocauteado por uma garota desajeitada de cinquenta quilos.

Max pega minhas mãos, puxando-as do rosto. — Não mais.

— Não é tão engraçado agora, não é? — Eu pergunto, um sorriso se espalhando pelo meu rosto. Tento tirar minhas mãos de seu aperto, mas ele não se mexe.

— Não se atreva. — Ele me adverte.

— Você começou isso. — Eu me inclino para frente, tão perto que nossos narizes estão praticamente se tocando. — Dois podem jogar este jogo, Estrela.

Ele respira fundo, seus olhos ficando mais escuros. Sua língua se lança para a frente, hidratando os lábios enquanto seus olhos se lançam entre os meus e a minha boca.

— Brook... — Ele respira. Parece quase doloroso.

Sua cabeça se inclina para frente e eu paro de respirar. *Ele não...* nossos lábios roçando... quase lá...

— Ei, Brook... — As palavras são tão inesperadas que nos fazem pular para cima e para longe um do outro. Como dois garotos travessos pegos com as mãos no pote de biscoitos antes do jantar ser servido.

Meu coração, que mal batia segundos atrás, agora está galopando a toda velocidade com tanta força que acho que vai sair do meu peito.

— Jeanette... — Max diz, mas parece mais uma maldição do que uma saudação.

Nós olhamos um para o outro por um segundo, e eu posso ver seus olhos arregalados, assim como eu assumo estar os meus. Minhas bochechas ficam vermelhas de vergonha de ser pega fazendo o que exatamente? Eu não faço ideia.

Para quem você está tentando mentir? O diabo no meu ombro está rindo tanto que eu quero dar um tapa nele.

— Esta é obviamente a hora errada.

Meus olhos disparam para minha melhor amiga, que está parada na porta. Ambas parecem estar presas no meio do caminho e não têm ideia se devem entrar ou sair daqui. Há um sorriso brincando nos lábios de Lia. Ela e Jeanette trocam um olhar de conhecimento antes de se voltarem para nós.

— Podemos conversar depois da escola...

— Agora está bem. — Ofereço com pressa, alisando a mão sobre o cabelo para tentar ganhar algum senso de compostura.

— Não precisa! — Desta vez é Lia me interrompendo. Ela já está empurrando uma Jeanette atordoada para fora da sala. — Você está obviamente ocupada; conversaremos depois da escola.

Com isso, elas estão fora da sala, porta firmemente fechada atrás delas.

Que diabos aconteceu aqui?

Sem olhar para Max, eu me viro. — Acho que é melhor sairmos daqui. A próxima aula começará em breve.

— Então... — Jeanette fala, seus olhos grudados na TV. — Você e Max?

Eu quero gemer de frustração, mas de alguma forma consigo segurar. Estou surpresa que demorou tanto tempo para trazê-lo à tona.

Depois da escola, Lia, com Jeanette a reboque, me encurralou. Aparentemente, Derek pediu que ela fosse a sua casa para um jantar antes do Natal. Os pais dele trabalham em um hospital, um médico e uma enfermeira, e um deles estará trabalhando no feriado, então eles estão comemorando mais cedo em família e convidaram Lia para se juntar a eles. Claro que ela aceitou. A garota estava tão irremediavelmente apaixonada que faria qualquer coisa por ele, mas agora estava estressada com o que vestir. Ela legitimamente virou todo o armário de cabeça para baixo, mas o que quer que lhe sugeríssemos, ela achou que não estava bom. No final, nos fez prometer que iríamos fazer compras com ela no fim de semana.

— Não sei do que você está falando. Eu nem sequer a agradeço com minha atenção. — Meus olhos estão colados ao Tyler Hoechlin seminu na tela.

Assistir compulsivamente a *Teen Wolf* se tornou o nosso tempo favorito. Todos aqueles caras sem camisa devorando era o nosso prazer secreto, não tão secreto. Não havia dúvida de que, quando

terminássemos de ajudar Lia a limpar seu armário explodido, ficaríamos um pouco e assistiríamos juntas. Os biscoitos da Sra. C eram apenas um bônus a mais para adoçar o acordo.

Agora eles estão rolando no meu estômago desconfortavelmente, e eu me arrependo lentamente da minha decisão de ficar aqui até o meu turno começar mais tarde nesta noite.

Lia me dá uma cotovelada de lado, me dando um sorriso malicioso. — Não parecia nada de onde estávamos. Você estava praticamente transando com ele no meio da sala de aula!

— Eu não estava! — Protesto ao mesmo tempo em que Jeanette geme alto. Sua cabeça cai para trás, tocando as costas do sofá, a mão cobrindo os olhos.

— Você tinha que dizer isso?! Estamos falando do meu irmão. Você não pode dizer nada assim. Agora, a única coisa que posso ver... — Ela balança a cabeça, presumivelmente para limpar a mente da foto de seu irmão e eu... Sim, você entendeu. — Alguém me passa o alvejante antes de eu engasgar.

Lia começa a rir, e eu não posso deixar de participar. — É isso que você recebe por fazer perguntas que não deveria estar fazendo.

— Touché.

O rosto de Jeanette ainda está enrolado de nojo, e eu não consigo parar a risada que sai. Infelizmente, Lia não é tão fácil de se afastar do assunto.

— Não vejo qual é o problema. Eu posso ver totalmente vocês dois juntos. Não é como se gostassem de alguém ou algo assim.

Os olhos de Jeanette pousam em mim, mas não consigo segurar seu olhar pesado por muito tempo, então me afasto. Eu amo Lia, mas às vezes ela é tão ignorante, e é por isso que tudo isso dói ainda mais.

— Certo. — Eu concordo sem entusiasmo, ficando de pé. — Eu devo ir. Tenho coisas para cuidar.

Lia faz uma careta. — Que coisas?

Puxando minha mochila por cima do ombro, dou de ombros, me afastando. — Coisas. — Olhando para elas, dou uma tentativa fraca de sorrir. — Vejo vocês na escola.

Capítulo Dezenove

MAX

A tela preta do meu telefone chama minha atenção pela enésima vez. Suspirando, empurro minhas anotações para o lado e o agarro, passando o polegar pela tela apenas para encontrar algumas notificações e um monte de vídeos idiotas em uma mensagem de grupo de equipe.

Eles não têm nada melhor para fazer?

Jogando o telefone de volta na pilha de papéis, eu me recosto na cadeira, minhas mãos passando pelo meu cabelo, puxando os fios finos.

Jeanette ainda não chegou em casa, mas pela primeira vez, não era com ela que eu estava preocupado. Era com Brook. Eu vi Jeanette e Lia tirá-la da escola depois da aula, e elas estão desaparecidas desde então. E depois de tudo o que aconteceu hoje na sala de arte...

Eu ainda não conseguia entender. Um minuto estávamos em lados opostos da sala, como em qualquer outra manhã de aula, e depois não estávamos. Eu estava no chão, e Brook estava sentada no meu colo, mexendo sua bunda pequena até o ponto em que minhas calças ficaram embaraçosamente apertadas, só que ela não tinha noção disso, imersa em vingar-se de mim por deixar uma pequena mancha de tinta. Na cara dela. E então ela estava tão perto que eu podia sentir sua respiração quente tocar minha bochecha, tão perto que seu cheiro de mel me envolveu como um casulo. Tão perto que podia sentir seus lábios nos meus, mas então as duas entraram e foi como se um balde de água gelada fosse derramado sobre nós.

Meu corpo inteiro estremece com a lembrança de tê-la tão perto.

Brook só queria ser amiga, mas eu não tinha certeza se poderia fazê-lo, não depois de hoje. Não tenho certeza do que somos exatamente, mas seja o que for, preciso descobrir. Esse pequeno passo em falso trouxe de volta todas as memórias daquela noite. Não havia mais me enganado. Eu a queria. E nenhuma quantidade de fingimento mudaria isso.

Incapaz de aguentar mais o silêncio, levanto-me e pego minhas coisas.

Se ela não vai responder às minhas mensagens, eu a visitarei.

Pulando dois degraus de cada vez, desço as escadas. Não faz muito tempo, mamãe fez o check-in antes de sair com as amigas, então a casa estava agora escura e silenciosa. No momento em que calço os sapatos, ouço as chaves sacudindo e a porta se abre. Virando-me, estou preparado para ver minha irmã, mas não é ela.

— Ei, pai. — Eu cumprimento.

— Oi, filho. — A maleta cai com um *baque* alto, e ele começa a tirar o equipamento de inverno. Seus olhos cansados me olham. — Indo para algum lugar?

Ele trabalha muito desde que nos mudamos para cá. Bem, dias mais longos que o normal. Estávamos acostumados a não tê-lo por perto, com ele sendo médico e tudo, mas parece que desde que ele veio para Greyford, está trabalhando loucamente por longas horas, e com a mãe saindo a maior parte do tempo, éramos apenas Jeanette e eu.

— Só preciso respirar um pouco de ar.

Ele olha com ceticismo através da janela para a neve caindo lentamente. Passando uma mão pelo rosto, ele diz: — Apenas tome cuidado.

— Vou fazer.

Papai se abaixa para pegar sua maleta enquanto eu coloco minha jaqueta.

— Alguém em casa? — Ele pega o telefone do bolso.

— Jeanette saiu com as amigas. E mamãe está em uma ou outra coisa dela. Não tenho certeza.

Ele acena com a cabeça, ainda imerso no que está acontecendo em seu telefone. — Certo, eu esqueci. Acho que vou cair na cama. A noite passada foi brutal. Vejo você pela manhã?

— Claro. — Eu guardo minhas coisas nos bolsos e pego minhas luvas.

Ele se vira para sair, mas para. — Ah, e Max? Por favor, não se esqueça do evento de caridade de Natal que estamos participando. Você sabe o quanto isso significa para sua mãe.

— Certo. Não se preocupe; nós estaremos lá, pai.

— OK. Noite.

— Noite.

— Eu pensei que tivesse desistido de suas tendências de perseguição, Sanders.

Eu rio, acelerando meus passos para alcançá-la. Brook nem se virou, mas sabia que eu estava lá. Ou era tão ruim em “perseguir” como ela gostava de dizer, ou ela tinha algumas habilidades ninja supersensíveis.

— Acho que gosto mais do termo 'vigiando suas costas'. Perseguir parece invasivo.

— Então parece correto.

— Bem, talvez eu não precisasse persegui-la se você verificasse seu telefone de vez em quando.

— Eu estava trabalhando. — Brook encolhe os ombros, seus pequenos ombros levantando sob a jaqueta de couro muito grande.

Por que diabos ela está usando aquela coisa no meio de dezembro em Michigan? Sim, eu posso ver um suéter espreitando por baixo, e há um grande cachecol fofo em volta do pescoço e ombros, mas apenas a ideia disso está me fazendo tremer até os ossos. Está frio lá fora, e as pessoas estão dizendo que só vai piorar com o inverno. Mesmo agora, a neve está caindo do céu escuro e posso sentir minhas bochechas queimarem com o frio.

Enfiando mais as mãos nos bolsos, pergunto: — Por que você trabalha nesse lixão?

Embora ela esteja de costas para mim, obscurecendo seu rosto, posso ver seu corpo inteiro enrijecer com minhas palavras.

— Nem todos nós temos pais ricos que pagam nossa mesada. — Ela joga por cima do ombro sem parar. — Alguns de nós precisam realmente trabalhar se quisermos... você sabe, viver?

Parando no caminho, inclino a cabeça para trás. Será que algum dia vou dizer algo que não a irrite? Por que, toda vez que penso que estamos avançando, algo acontece para nos separar?

Esfregando a mão enluvada no rosto, eu gemo alto. — Brook, me desculpe.

Mas é claro que ela não fica para ouvir. Não, ela está correndo pela rua colocando essa distância entre nós de volta.

— Brook, espere! — Corro atrás dela, quase escorregando no gelo. Amaldiçoo, recuperando meu equilíbrio, e consigo alcançá-la em tempo recorde. Envolvendo minha mão em seu pulso, eu a puxo de volta. Seu corpo colide com o meu, o topo de sua cabeça vem logo abaixo do meu queixo. Frustrado, respiro fundo, pequenas nuvens brancas saindo da minha boca.

— Isso foi uma coisa idiota para dizer. — Eu apoio meu queixo no topo de sua cabeça. — Eu sinto muito.

O silêncio desce sobre nós. Seria quase pacífico se não fosse por essa tensão crescente entre nós. Seu corpo está rígido contra o meu, nós dois olhando para frente, mas ela não tenta romper com o meu toque e fugir novamente, então tomo isso como uma bênção.

— O que você quer, Max? — Ela suspira, quebrando o silêncio.

— Você não respondeu minhas mensagens. — Dou de ombros, embora eu saiba que ela não pode me ver. — Eu vi você sair da escola com Lia e Jeanette. E depois do que aconteceu...

— *Nada* aconteceu! — Brook protesta, batendo o pé. — Não vejo por que todo mundo está fazendo uma coisa tão grande sobre isso.

Suas palavras fazem meu estomago apertar, mas eu empurro o caroço subindo na minha garganta. Afrouxando meu aperto em seu pulso, o deixo deslizar até que sua mão se fecha na minha.

— Para alguém que se considera inteligente, às vezes você é completamente ignorante.

— Estou apenas declarando os fatos.

— Ou ignorando o óbvio.

— Max...

Brook tenta se afastar, mas eu não a deixo escorregar pelos meus dedos. Literalmente.

— OK. OK.

Ela olha para cima, olhos verdes implorando para mim. — Amigos, lembra?

Eu engulo em seco. Olhá-la, de perto como ela é, dificulta a concentração.

Difícil de respirar.

— Eu me lembro de tudo. — Murmuro baixinho.

Toda palavra. Cada toque. Todo beijo. E ela sabe disso; não preciso dizer em voz alta para que me entenda. Não importa o quanto eu tente esquecer, as memórias continuam voltando à superfície, de volta à minha mente.

Brook quer que eu seja um bom garotinho e siga suas regras, e em qualquer outra ocasião que eu ouça, mas algo nela desperta um rebelde em mim e ele quer quebrar todas elas.

Seus olhos se fecham, uma careta estragando sua testa.

— N-nós... — Sua voz é trêmula enquanto ela tenta dizer as palavras, mas ela não precisa terminar para eu saber o que quer dizer. Ela já disse isso várias vezes.

— Não. — Eu pressiono meu dedo contra seus lábios. Olhos verdes crescem impossivelmente arregalados quando olha para mim. Sua boca se parte levemente sob o meu toque, seu hálito quente fazendo cócegas na minha pele, seus lábios macios e carnudos.

Brook assente, seus lábios pressionando em uma linha tensa.

Faço o mesmo, puxando minha mão com relutância, mas não muito longe. Sem quebrar nosso contato visual, estendo minha mão entre nós. — Deixe-me levá-la para casa?

Ela morde o lábio, sugando a carne entre os dentes apenas para deixá-la sair lentamente, rosada e brilhante.

Lentamente, ela levanta a mão livre e a coloca na minha. Meu olhar cai, olhando para sua mão muito menor e delicada na palma da minha mão e, pela primeira vez, percebo que ela não está usando luvas. Seus dedos estão tensos, juntas vermelhas e cruas.

Amaldiçoando baixinho, tiro minhas luvas e as coloco em suas mãos. A censura está na ponta da minha língua, mas de alguma forma eu consigo engoli-la. Apertando minha mão sobre a dela, coloco as duas dentro do meu bolso enquanto lentamente começamos a caminhar em direção a sua casa.

A caminhada é curta, muito curta, mas pelo menos passamos em um silêncio confortável. A neve continua caindo lentamente, grudando no chão. Brook quase escorrega algumas vezes, mas meu aperto nela a impede de cair.

Quando chegamos, não consigo deixá-la ir. Eu paro no meu caminho, mas ela não percebe até que minha mão puxa a dela, ainda entrelaçada na minha.

Ela se vira, olhando para mim com confusão escrita em todo o rosto. — O que há de errado?

— Eu... — Engulo, mas nenhuma palavra vem à mente.

Que porra você está fazendo, Sanders? Recomponha-se!

— Max?

Finalmente, balanço minha cabeça. — Não é nada. Eu apenas me perdi em meus pensamentos.

Continuamos andando em direção ao prédio dela, mas então vejo a porta aberta. Uma grande figura sai, parando do lado de fora da porta. Sem pensar muito, eu a puxo para trás de mim.

— Ai. — Brook puxa sua mão da minha, e desta vez eu deixo. Estou muito concentrado em olhar para o cara saindo do prédio dela. — Se você não parar de fazer isso, irá deslocar meu ombro.

— Shh...

Brook espreita ao meu redor. — Não diga shh para mim, Maximillian Sanders, ou... — Cubro sua boca com a mão, abafando o resto de sua frase.

— Tem um cara saindo do seu prédio. — Eu sussurro, olhando para ele com olhos estreitos.

O cara é alto, os ombros largos cobertos com um casaco. Ele para por um segundo na porta, olhando para a esquerda e para a direita, antes de finalmente descer o resto do caminho.

As luzes da rua são uma merda nesta parte da cidade, tornando difícil ver claramente o rosto dele, mas...

— Ei, esse não é o pai de Andrew?

Capítulo Vinte

BROOK

Colocando minhas botas na porta da frente, não posso deixar de dar uma espiada na forma dormindo no sofá na sala de estar. A garrafa vazia de vodka deixada esquecida no chão ao lado do sofá.

Não poderia estar... poderia? Ela não seria tão louca a ponto de chantagear...

Balançando a cabeça para clarear minha mente, eu me levanto.

Não importa o quanto eu tentei jogar, a pergunta de Max está me assombrando desde a noite passada. Ele estava certo? Mal tivemos um vislumbre do cara. Tentei conectar aqueles pedacinhos do homem saindo do meu prédio e brigando com Josephine com o cara do jogo de hóquei há algumas semanas, mas, sério, poderia ter sido qualquer outro homem alto e bem vestido. Ainda assim, fiz Max prometer não dizer nada sobre isso a ninguém.

Ela não estaria chantageando alguém tão importante como o pai de Andrew.

Mas é claro que ela faria. Josephine chantagearia o presidente dos Estados Unidos da América se pensasse que conseguiria o que precisava e poderia se safar. A única pergunta é: o que ela tem com ele?

Eu a teria confrontado, mas quando cheguei ao nosso apartamento, estava vazio. Josephine deve ter escapado logo depois que o homem foi embora. Não é como se eu pudesse ter feito algo a respeito. Tinha que ter certeza de que Max não diria uma palavra sobre isso a ninguém.

Nunca falei sobre minha vida por um motivo e não estava prestes a começar agora.

Dando uma olhada final para Josephine desmaiada, eu visto meu casaco e cachecol e saio. Não faz sentido tentar acordá-la agora, e tenho coisas mais urgentes a fazer. Descobrir o que diabos minha mãe está fazendo terá que esperar. Só espero que não seja tarde demais quando tiver a chance de enfrentá-la.

— Então, eu estava pensando que no Natal poderíamos... — Lia passa o braço com o meu enquanto caminhamos pelo movimentado corredor da escola. Ou, no caso de Lia, pulando. Sim, ela realmente *pula*. Lia é uma Sra. Claus para o meu Grinch.

Você pode sentir a vibração do feriado no ar, e com as aulas terminando na próxima semana, Lia está cheia de energia e agora tenho que quebrar sua bolha.

— Ehh... — Eu me encolho. — Acho que não vou conseguir esse ano.

Ela para em seu caminho, me puxando para uma parada também. Meu ombro, o mesmo que Max puxou ontem, dói em protesto, me fazendo fazer uma careta. Eles realmente querem puxar meu braço ou o quê?

— Como assim, você não vai conseguir esse ano? — Lia franze a testa em confusão.

Puxando minha mão do aperto dela, esfrego o local dolorido. — Eu vou estar ocupada.

Olhos castanhos se estreitam para mim. — Fazendo o que exatamente? É Natal!

— Bem... — Eu começo, mas Lia não me deixa terminar.

— Isso é sobre Derek e seu pai? Porque se for, pare com isso. Você é da família, Brook. Você *tem* que estar lá. Mamãe e papai estão esperando você.

— Não tem nada a ver com Derek e seu pai. — Suspiro. Isso é mais difícil do que eu esperava.

Os pais de Derek trabalham no hospital, e este ano sua mãe precisa trabalhar durante as férias. Eles tiveram sua própria festa de Natal mais cedo e convidaram Lia para se juntar a eles, então, é claro, os pais de Lia estenderam o convite a Derek e seu pai para se juntar a eles no feriado real. Eu estava feliz por Lia e Derek não estar juntos há tanto tempo, mas serem sérios. Todo mundo pode ver isso, até seus pais. Se passar férias juntos não grita 'sério', não sei o que faz. E não importa o quanto Lia insista que eu sou da família, não quero me intrometer, não em algo assim.

— Então o que é isso? — Os ombros de Lia caem. — Tem que ser alguma coisa. Eu fiz...?

— Você não fez nada. — Eu me aproximo, colocando minha mão em seu ombro e dando um aperto tranquilizador. — Tem um monte de coisa acontecendo...

— Como o quê? — Olhos castanhos imploram para que eu me abra e diga alguma coisa, qualquer coisa realmente. Engolindo o caroço que se formou na minha garganta, balanço minha cabeça.

— Apenas coisas.

— Brook, se você estiver com algum tipo de problema...

— Eu não estou. Sério. — Eu a tranquilizo rapidamente. — Fiz alguns turnos durante as férias para ganhar algum dinheiro extra. Você sabe como minha mãe pode ficar.

— Ela está bebendo de novo?

— Isso significaria que ela parou em algum momento. — Eu digo secamente, acenando para ela. — Então, não. Mas ela está em uma de suas fases, e eu preciso desse dinheiro.

— Se você precisar…

— Não. — Eu agarro suas mãos nas minhas para suavizar a dureza do meu tom. Não é a primeira vez que Lia ou seus pais se oferecem para ajudar. Sei que também não será a última vez, mas não posso confiar neles mais do que já confio. — Você sabe que eu te amo, mas a resposta é não.

— Você sabe que a oferta está em pé. — Suas palavras ditas suavemente aquecem meu coração.

— Eu sei, assim como você sabe que não vou aceitar.

— Um dia você terá que aceitar que existem pessoas ao seu redor nas quais pode confiar e acreditar, Brook. Pessoas com quem você pode se abrir e elas não vão partir seu coração.

Solto suas mãos, rindo levemente. É engraçado como ela pensa que eu não me abro para as pessoas quando, ao mesmo tempo, acho que já dei muitos pedaços de mim para as pessoas ao meu redor. Tanta coisa quase não resta.

— Eles já fizeram.

MAX

— Quão ruim é? — Tento espiar a leitura do papel de Brook, mas ela afasta e sai do meu alcance, cantarolando baixinho.

Eu gemo. Encostando na parede atrás de mim, inclino a cabeça para trás e olho para o teto.

Minha aula de história está me deixando louco. Não importa quanto tempo ou quanto tentei estudar, nada, e quero dizer que *nada* ficou no meu cérebro.

Eu devo ter suspirado muitas vezes, porque uma manhã Brook deixou o que ela estava trabalhando para se sentar ao meu lado e me ajudar a fazer anotações que realmente faziam sentido para mim, em vez de me levar ao ponto de arrancar meu próprio cabelo.

Só não estou preparado para isso. Dê-me um par de patins em qualquer dia da semana e, por mais difícil que seja um desafio ou um oponente, darei o meu melhor para vencê-lo. Mas estudar? Essa é uma história completamente diferente.

Mesmo com toda a ajuda de Brook, não tenho certeza se vou passar neste exame. E preciso fazer isso, minhas notas estão um pouco melhores, mas isso é apenas o suficiente para me manter elegível para jogar. Se eu não passar, terei o treinador na minha garganta novamente, e não tenho certeza de que teria tanta sorte desta vez quanto na última. Com a temporada progredindo como está, a última coisa que eu precisava era ser ajudado, porque eu não conseguia minhas notas de merda em ordem.

Brook rabisca algo e posso sentir meu estômago revirar. Como o exame é amanhã, ela quer que eu faça um teste prático para ter uma

ideia de como tudo ficará. Mas ela também insistiu que seria bom praticar minha escrita. Eu nem queria perguntar o que quis dizer com isso.

— Você pode me dizer; eu sou um garoto grande. Além disso, não é a primeira vez que eu falho em um exame. — Corro os dedos pelos cabelos para mantê-los ocupados. — Pelo menos esse é um treino, então não é como...

— Você está pronto. — Brook me interrompe no meio da frase.

— Eu... o quê? — Minha boca fica aberta.

Escrevendo mais algumas palavras, ela levanta a cabeça para olhar para mim. — Você está pronto, Max.

— Sério? — Eu pareço cético até para meus próprios ouvidos.

— Você conseguiu 82. — Um sorriso curva seus lábios, e eu posso sentir meus olhos se arregalarem.

Um 82? Eu?

— Você tem certeza? — Pego o exame que ela ainda está analisando.

Ela tem que estar errada. Não me lembro da última vez que obtive uma pontuação tão alta em história. Inferno, em qualquer coisa. Enquanto minha matemática era decente o suficiente, todo o resto era uma tempestade de merda constante.

Eu olho para o exame na minha mão. Demoro alguns segundos antes que a bagunça de letras comece a fazer algum sentido. Minha caligrafia é horrível a ponto de me perguntar como ela consegue entender.

Eu examino as respostas, observando uma marca vermelha aqui e ali na escrita elegante e curvilínea de Brook, corrigindo parte da gramática. Mas as respostas... elas estão realmente corretas.

Quando chego ao fim, minhas mãos caem no meu colo. Eu levanto meu olhar para olhar para Brook, que estava esperando pacientemente que terminasse de ler o teste. Ela ainda está sorrindo, uma luz cintilante brilhando em suas íris verdes. — Você estava certa.

— Claro que sim. — O sorriso dela se amplia ainda mais.

— Eu fiz 82.

— Você fez. Você pode fazer isso, Max. Há mais para você do que ser um jogador de hóquei.

O exame, agora deitado no meu colo, chama minha atenção. Olho para baixo mais uma vez, ainda não acreditando. Mas quanto mais olho, mais real parece.

As palavras de Brook soam nos meus ouvidos repetidamente, enquanto um sorriso se espalha lentamente nos meus lábios.

— Eu posso fazer isso.

Capítulo Vinte e Um

MAX

— Mais tarde! — Grito por cima do ombro para os poucos caras que conheço, antes de sair correndo da sala de aula. Meu coração bate violentamente no meu peito, minhas mãos suadas segurando o papel na minha mão.

O corredor está lotado. E enquanto tento romper a massa, meus colegas me cumprimentam; garotas flertando, garotos querendo discutir os próximos jogos, mas eu os ignoro porque minha mente está em encontrar apenas uma pessoa.

Com a mão livre, tiro meu telefone do bolso, mas a única coisa que me cumprimenta quando acendo a tela é a minha mensagem não respondida.

Onde você está?

Como diabos essa garota não atende o telefone?

A decepção toma conta de mim, mas empurro-a quase tão rapidamente. Então, novamente, é sobre Brook que estamos falando. A garota provavelmente tem o telefone mais antigo conhecido pelo homem. Estou surpreso que esteja funcionando.

Acho que vou ter que encontrá-la eu mesmo.

Virando a esquina, tento pensar onde ela pode estar. É meio-dia e, embora ela goste de passar o máximo de tempo possível na sala de arte, costuma fazer isso antes ou depois das aulas. Durante o dia, ela

normalmente está escondida na biblioteca. Estou prestes a mudar de direção quando um flash vermelho chama minha atenção.

Parando, sigo a cabeça dos meus colegas de classe, tentando ver se aquela era realmente a cabeça de Lia saindo ou não. Porque as chances são de que, se essa é Lia - não é como se eu já tivesse visto muitas outras garotas com aquele tom de cabelo vermelho em Greyford - Brook estará em algum lugar por perto.

Como se eu a chamasse, as pessoas que estavam entre nós se movem, revelando-a para mim. Ela ainda não me vê, mas eu a vejo. Todos os seus um metro e meio vestindo jeans rasgados e uma camiseta preta. A mão de Lia está presa à sua enquanto caminham. Lia deve ter dito alguma coisa, porque a cabeça de Brook se inclina para trás, pescoço exposto, seu rabo de cavalo balançando com o movimento enquanto ela ri. E embora o corredor seja barulhento, eu posso ouvi-la. Um som levemente rouco, despreocupado e real, rola no ar, deixando os cabelos finos do meu pescoço arrepiados.

Engolindo o nó que de repente se formou na minha garganta, começo a me mexer. À distância, posso ouvir meu nome sendo chamado, mas é embotado pelo sangue bombeando em minhas veias.

Lia é a primeira a me ver, mas antes que ela possa dizer alguma coisa, envolvo Brook por trás. Seu corpo está tenso quando eu a puxo em meus braços, suas costas batendo no meu peito. Posso ouvir seu suspiro surpreso, mas então seu corpo relaxa como se reconhecesse o meu. Não querendo pensar demais, eu a levanto no ar e giro nós dois.

Sua cabeça se inclina para trás, inclinando-se contra o meu ombro, seus olhos encontrando os meus. — O que diabos você pensa que está fazendo, Sanders?

Eu rio com seu grito alto, mas nos dou outra rodada apenas por uma questão de antes de colocá-la de volta no chão e girá-la para me encarar.

— Um 85. — Eu digo, empurrando o papel na cara dela.

Sua respiração ainda está forte, uma expressão confusa entre as sobrancelhas. Ela pega o teste das minhas mãos, endireitando as páginas amassadas, os olhos examinando as palavras.

Estou zumbindo com energia mal contida. Quando o professor retornou os exames, Brook foi a primeira pessoa em que pensei. A primeira com o qual eu queria compartilhar isso.

O sulco desaparece lentamente, e eu posso ver o momento em que ela percebe o que está segurando. Sua cabeça se levanta e só vejo um sorriso antes que ela grite novamente, pulando em mim.

Estou tão surpreso que quase perco a cabeça. Seus braços envolvem meu pescoço, pernas penduradas no ar acima do chão enquanto ela aperta com força.

— Eu sabia que você poderia fazer isso!

O caroço que pensei ter empurrado está de volta. Eu a puxo para o meu peito para que ela não caia, retornando seu abraço. Lutando com todas as emoções que entopem minha garganta, eu ouço sua risada suave.

Brook realmente *ri.*

Eu nunca pensei que ouviria, mas caramba, isso soa bem. É leve e ressonante, mostrando-me um vislumbre da garota que eu sei que está escondida em algum lugar dentro dela, a garota que ela mantém trancada longe de todos. Até agora.

Soltando o aperto, Brook se afasta apenas o suficiente para que ela possa ver meu rosto. Sua mão afasta uma mecha de cabelo descontrolada. — Estou tão feliz por você, Max.

Seu toque é suave, as pontas dos dedos correndo pelos meus cabelos suavemente. Seu sorriso é tão grande que eu posso ver seus dentes brilhando sob a luz fluorescente, a respiração mentolada tocando minha pele.

Eu pisco, percebendo o quão perto estamos, seu corpo colado contra o meu, seu rosto a poucos centímetros de distância. Esses lábios grandes e rosados me chamam. Meus olhos se concentram nessa boca carnuda, minha língua espreitando para molhar meus lábios repentinamente secos enquanto forço meu olhar a retornar ao dela. Só que eu a pego fazendo o mesmo. Suas bochechas coram ao ser pega, íris dilatando ainda mais.

— Eu não poderia ter feito isso sem você. — Eu finalmente digo, quebrando o súbito silêncio entre nós.

Minha mão arqueia para frente, os dedos mal roçando seu rosto quando nossa bolha explode.

— Isso é incrível, Max! — Lia diz, levantando a folha de papel amassada do chão. Deve ter caído da mão de Brook em algum momento na hora em que ela se jogou em mim.

Nós dois nos soltamos como se estivéssemos queimados, subitamente conscientes de nosso ambiente. As bochechas de Brook ficam mais vermelhas, se isso é possível, mas ela tenta se acalmar, embora Lia não a compre. Seus olhos conhecedores disparam entre nós, um sorriso malicioso curvando seus lábios.

— Brook estava ajudando você com isso? — Lia me oferece o exame.

Pego e coloco de volta na minha mochila, evitando seus olhares intrigados. — Uma ou duas vezes. — Dou de ombros.

Eu nem sei ao certo por que estou agindo assim, tentando parecer indiferente. Brook me ajudou muito. Passar nesta aula teria sido

impossível sem a ajuda dela, mas obter 85... eu nunca sonhei em marcar tão alto. Com a ajuda de Brook, nada parecia tão difícil; por alguma razão, ela sabia o que fazer e dizer para tornar tudo muito mais fácil de entender.

Esfregando a nuca, pergunto: — Vocês duas vão pegar algo para comer?

Elas acenam em uníssono, Brook evitando me encarar, enquanto os olhos de Lia me dizem tudo o que preciso saber. Eu posso tentar mudar de assunto, mas isso - seja o que for - está longe de terminar.

Juntos, vamos ao refeitório, nossa discussão anterior esquecida.

Lia me conta tudo sobre seus planos de férias enquanto pegamos algo para comer e vamos para a nossa mesa onde nosso grupo habitual já está sentado.

— Ei, o que houve? — Deslizo ao lado de Anette, que está tão concentrada no que quer que ela esteja digitando em seu telefone, minha pergunta repentina a assusta, fazendo-a pular em seu assento.

— Porra, Max. — Jeanette olha, sua mão subindo, cobrindo seu coração batendo rapidamente. — Você sempre tem que se aproximar assim das pessoas?

Eu divertidamente puxo uma mecha de seu cabelo. — Eu não estava tentando assustar ninguém. Se você não estivesse tão preocupada com o telefone, teria me visto. Para quem você está mandando uma mensagem?

— Ninguém. — Ela diz rapidamente. Muito rápido.

Com os olhos estreitos, olho entre a tela escura do iPhone, que ainda está no colo, e o rosto muito casual.

Me ignorando, ela começa a pegar sua comida. Suspirando, eu me viro para os caras, que estão discutindo nossa agenda de hóquei durante as férias. Mesmo que não tenhamos oficialmente jogos até depois do intervalo, o treinador ainda quer que pratiquemos todos os dias para acompanhar nosso regime de exercícios e ficar em forma.

— Para quem você está mandando mensagem, cara? — Desta vez, a pergunta vem do outro lado da mesa e é direcionada para Andrew, chamando minha atenção. Eu olho para ele em seu assento, seu telefone apertado em uma de suas mãos.

— Sim, para quem você está mandando mensagens? — Eu desafio, olhando para ele atentamente. Jeanette se mexe na cadeira e não posso deixar de olhar para ela antes de voltar minha atenção para Drew.

Não sei ao certo o que aconteceu durante o baile de caridade. Mamãe marcou para Jeanette um encontro com o filho de um amigo da família, e nos deparamos com Andrew no evento. Por um tempo agora eu sabia que algo estava acontecendo entre eles. Quando o beijo se tornou viral, os dois tentaram me garantir que não era nada, mas não o comprei. O evento de caridade só confirmou isso porque Andrew ficou balístico. Não em direção a Anette, mas o cara com quem ela estava. Ele parecia ciumento até, não que eu alguma vez pensasse que veria esse cara se importar com uma garota o suficiente para agir dessa maneira, mas não havia outra palavra para descrevê-lo.

— Apenas uma garota. — Ele encolhe os ombros, e eu posso sentir meus olhos estreitarem.

— Você está saindo com aquela garota líder de torcida de novo?

— Não, definitivamente não é a líder de torcida.

Os caras riem como se não acreditassem nele, e espero que ele esteja dizendo a verdade.

— Cara. — Isso vem de Derek, que tem se concentrado em Lia desde que chegamos aqui. — Como ele teria a mesma garota duas vezes. Isso provavelmente significa que ele está noivo dela!

Sua declaração causa uma sinfonia de risos, mas mesmo isso não apaga o som de uma cadeira raspando no chão.

— Já terminou? — Olho para o almoço meio comido de Jeanette antes que meu olhar de desaprovação encontre o dela. Não dizemos uma palavra, nossos olhos conversando.

Eu pensei que concordamos, digo, olhando para a comida que ela mal tocava.

Está bem. Eu não estou com fome.

Jeanette, eu rosno.

Não se preocupe, Max, então ela diz em voz alta: — Sim, tenho alguns estudos para fazer antes do meu exame de matemática. Vejo você mais tarde.

Abro a boca para protestar, desta vez em voz alta, a preocupação me consumindo, mas ela já está de pé e está indo embora. Observando-a, não posso deixar de pensar em tudo o que foi trocado, analisar cada palavra dela, cada olhar em seu rosto.

Há algo acontecendo de novo? É por isso que ela não está comendo? Ela disse que terminou com essa merda. Ela *prometeu*. Ela não faria nada assim novamente.

Mas e se ela estiver?

Capítulo Vinte e Dois

BROOK

Eu tremo enquanto ando por um beco escuro. Agora é inverno, e minha jaqueta de couro não está esquentando. Meu corpo inteiro está tremendo violentamente com o vento forte. Meu rosto está vermelho, assim como meus dedos. Já sei há algum tempo que em breve terei que ceder e conseguir algo mais adequado para o inverno, mas ainda não. Todo o dinheiro que recebi no meu trabalho de merda foi para um lugar seguro, onde poderei usá-lo mais tarde.

Esse era o meu dinheiro garantido, e eu não conseguia usá-lo nem um segundo antes que fosse absolutamente necessário.

Sugando, esfrego minhas mãos juntas para afastar o frio do gelo. A neve está caindo lentamente do céu escuro e grudando no chão. Pelo que parece, amanhã acordaremos com pelo menos alguns centímetros de neve que precisarão ser limpos. Não é como se alguém se importasse com coisas desse tipo nesse bairro.

Suspirando, enrolo meus braços em volta de mim. Com os olhos fixos no chão para não escorregar e cair, continuo caminhando para casa.

É tarde e estou completamente cansada, mas não tenho certeza do que me espera quando chegar lá.

Talvez eu devesse ter ido à casa de Lia.

Então, novamente, se eu tivesse, ela teria encontrado um motivo para me pedir para ficar durante as férias, e eu não poderia fazer isso.

Consegui pressionar Joe a me dar esses turnos extras, e Lia gostaria de saber para onde estou desaparecendo todos os dias.

É melhor assim, de qualquer maneira. Eu tenho que começar a recuar. O primeiro semestre está quase no fim, o que me deixa com mais um. Mais um semestre, cinco meses, e será isso. Ela vai para a faculdade e eu... vou deixar essa cidade esquecida por Deus e nunca olhar para trás.

Suspirando, levanto meu olhar quando me aproximo do meu prédio. Parece ainda mais deprimente agora do que antes, e posso sentir o nó na garganta crescendo até que seja impossível respirar.

Isso vem acontecendo cada vez mais. A realidade da minha vida desabou sobre mim, me fazendo pensar...

E se esta for a minha vida? E se eu estiver apenas me iludindo? E se não houver escapatória, por mais que eu tente? Quão duro eu trabalhe? É isso que o meu futuro reserva? Serei como minha mãe - sempre desejando coisas fora do meu alcance, mas sem esperança de alcançá-las?

Afastando os pensamentos sombrios, inspiro profundamente, uma respiração instável entrando nos meus pulmões.

Você terá sucesso, Brook. Você vai sair. Não há outra opção.

Eu mantenho isso quando entro no prédio e subo as escadas para o nosso andar. Meu corpo inteiro está tremendo de frio porque, embora eu esteja dentro, não é muito melhor do que lá fora.

Talvez se eu tiver sorte, restará água quente que ajudará a me aquecer. Minha mente ainda está envolvida com a ideia quando chego à minha porta da frente e a vejo entreaberta.

Minhas sobrancelhas franzem quando olho para aquela pequena lacuna, meu coração disparando um pouco. Josephine é muitas coisas,

mas deixar descuidadamente a porta da frente aberta assim? Dou um passo mais perto, mas pulo para trás quando ouço algo esmagar no chão.

— Eu não estou fazendo isso, Josephine! — Uma voz claramente masculina grita de dentro. — Eu já te dei mais do que suficiente.

Formigamentos correm pelo meu corpo ao som dessa voz. Eu sei disso agora. É o cara de antes. Sua voz é dura e séria. Há uma aspereza nela, um fumante, talvez?

Lembro-me da noite em que Max me levou para casa - *o pai de Andrew*? É quem está lá dentro?

— Sou eu quem diz quando chega, John!

Suas palavras histéricas são acompanhados por um outro alto *sucesso*. Eu me encolho, minha mão cobrindo meu coração batendo rapidamente. Tudo em mim quer fugir antes que as coisas aumentem ainda mais, mas é como se eu estivesse colada ao local.

— Eu te dei tudo o que você pediu. *Tudo.* E você nem me deu a prova de saber se que o que está dizendo é verdade. — Sua voz se eleva a cada palavra, a acusação óbvia em seu tom. — Pelo que sei, você pode estar mentindo apenas para conseguir o dinheiro!

Aproximando-me, abro a porta um pouco mais para poder vê-los mais claramente. Eles estão de pé na porta da sala de estar. Eles estão perto, quebrando vidro no chão entre eles, enquanto se encaram, raiva e fúria escorrendo de seus corpos.

— Você quer a prova? — Josephine pergunta, dando um passo à frente para que ela esteja na cara dele. Seu cabelo é selvagem, assim como o olhar em seus olhos. Mesmo daqui eu posso ver que ela está em alguma coisa. Bebida ou drogas, provavelmente os dois.

Não sei ao certo o que acontece a seguir. Talvez eu me mexa ou emita um som, mas aqueles olhos escuros com pupilas dilatadas estão em mim, sua boca manchada de batom se curvando em um sorriso presunçoso, uma risada alta e frenética caindo de seus lábios. Meu corpo inteiro enrijece sob seu olhar atento.

— Basta olhar para ela. — Ela inclina o queixo na minha direção. As costas do cara ainda estão viradas para mim, e eu posso ver seus ombros largos tensos. — Basta olhar nos olhos dela e você receberá sua resposta.

Como se estivesse em câmera lenta, ele se vira. Minha boca se abre quando olhamos um para o outro através da abertura na porta. Assim como antes, ele está em um terno caro e escuro de três peças que custa mais do que todo esse edifício. Mas é aí que a semelhança com o homem que vi na pista poucas semanas antes acaba. Seu cabelo escuro é um pouco mais longo e desgrenhado, como se ele passasse os dedos por ele muitas vezes. As rugas em seu rosto são mais proeminentes, revelando sua idade, e sua mandíbula está coberta por uma barba considerável. As bolsas embaixo de seus olhos são escuras, destacando-se em sua pele clara. E então há os olhos dele. Sua luz, cercada por cílios grossos e escuros, olhos *verdes*.

— Você precisa de mais provas do que isso?

Balanço a cabeça com o riso alto de Josephine. Isso não pode ser verdade. Isso não está acontecendo. *Isso não pode estar acontecendo.*

Eu quero desviar o olhar, mas meus olhos têm vontade própria. Eles estão colados no rosto do cara, assim como o dele está colado no meu. O suor frio cobre minha pele e posso sentir o cabelo fino na nuca subir.

— Você está mentindo. — Eu sussurro fracamente, minha cabeça ainda tremendo em descrença.

Isso não é verdade. Toda a minha vida... Ela não teria feito isso. Ela não teria escondido isso de mim por tanto tempo sabendo...

— Brook... — Essa voz profunda e rouca chama meu nome quando ele dá um passo à frente.

Ainda me recusando a acreditar que algo disso está acontecendo, dou um passo para trás, rejeitando seu toque ou o que diabos ele estava pensando em fazer.

Isso não está acontecendo.

— Qualquer jogo doentio que você pensa que está jogando, Josephine, acaba agora. — Eu levanto o dedo e aponto para ela, as palavras saem pelos meus dentes cerrados.

— Isso não é brincadeira, menina.

— Você está mentindo, e eu não quero participar disso.

— O que? Você não está interessada em brincar de casinha com o seu velho? — Ela ri aquela risada louca que está me deixando mal do estômago. Eu sabia que ela estava perdendo, mas isso está indo longe demais, até para ela. — Não se preocupe. Ele não quer você de qualquer maneira.

Mesmo que eu não queira acreditar nela, suas palavras são como um tapa na minha cara. Pior ainda, mas não deixo transparecer. Com um último olhar para o homem em estado de choque entre nós dois, dou as costas para eles. Se eu ficar aqui mais um segundo, vou vomitar. Mas não importa o quão rápido eu tente fugir, não é rápido o suficiente.

— Acredita em mim agora? Se você quer que isso seja nosso pequeno segredo sujo, você *vai* pagar...

Eu não espero aí para ouvir mais. Tropeçando pelas escadas, volto para fora. A tempestade de neve é ainda mais forte do que era antes. O vento gelado está soprando a neve em todas as direções, dificultando a visão, mas o frio que se instala do lado de fora não é nada comparado ao frio que cerca meu coração.

Ela sabia disso. Todos esses anos ela sabia disso, mas nunca quis me dizer.

Ele não quer você de qualquer maneira...

Ele não é o único.

Capítulo Vinte e Três

MAX

Eu me viro de costas, reorganizando o travesseiro embaixo da minha cabeça enquanto bufo de irritação. Mesmo sem olhar para o meu telefone, eu sei que é tarde, mas isso não me ajuda a adormecer mais do que contar ovelhas. Meus olhos doem com a necessidade de fechá-los, mas meu cérebro decidiu que hoje é a noite para trabalhar horas extras.

Meu quarto está escuro; eu esperava que isso me ajudasse a dormir, mas não tive tanta sorte. Desistindo, toco no meu telefone, que deixei na minha mesa de cabeceira, e destravo a tela. Uma luz brilhante me cega por um minuto, mas meus olhos se ajustam o suficiente.

Por um tempo, eu ando sem rumo pelas minhas mídias sociais. Todo mundo parece estar se divertindo ao se reunir com suas famílias extensas durante as férias, e não posso deixar de pensar no meu dia.

Vovó decidiu vir fazer uma visita, e foi bom vê-la, apesar de trazer de volta a tensão. Ela e meu avô nunca foram felizes com a escolha do marido de mamãe, mas parecia haver algo mais por trás de tudo. Ainda assim, tanto Jeanette - especialmente Jeanette desde que ela e a avó eram duas ervilhas em um lago - e eu ficamos felizes em vê-la e passar algum tempo de qualidade juntos.

Agora todo mundo estava dormindo, exceto eu.

Suspirando, estou prestes a desligar o telefone quando uma foto no Instagram chama minha atenção. Paro para olhar. Ouvi dizer que eles estavam passando o Natal juntos, mas não pensei muito até agora. Lia

e Derek estão sentados debaixo da árvore de Natal. Ela está sentada no colo dele, as mãos em volta da cintura dela. Tanto Beast - meu nome para o cachorro de Lia - quanto Ace - o cão de resgate de Derek - a seus pés. Ela está sorrindo e parecendo genuinamente feliz.

Espero que uma pontada de ciúme ou dor me assalte, mas não há nada. Apenas vazio.

Hã...

Bato na foto do perfil dela e olho seus stories, encontrando mais fotos dela, Derek e suas famílias. Mesmo na tela, você pode ver que eles estão se divertindo, mas quando os stories terminam, não consigo deixar de notar uma pessoa desaparecida. *É porque ela não tem suas próprias contas de mídia social?* Volto ao perfil de Lia, mas encontro fotos dela e Brook juntas. *Então não é isso.*

Saindo do aplicativo, olho para minhas mensagens de texto. Com todos os meus amigos em algumas ou todas as mídias sociais, minha caixa de entrada está vazia, exceto por uma pessoa. Abro a mensagem e olho para ela, sem resposta.

Feliz Natal, foguete.

É simples, e não deveria me surpreender que ela não tenha respondido, pois quase nunca responde. Inferno, não tenho certeza se, em todos os meses em que a conheço, eu a vi com o telefone na mão mais de duas vezes, mas ainda assim... A mensagem está quase me provocando.

É tão difícil responder a uma maldita mensagem? Além disso, onde ela está? Eu pensei que ela e Lia estavam conectadas pelo quadril. Você esperaria que elas passassem as férias juntas, exceto...

Mordiscando meu lábio, olho para a tela, mas as palavras são um borrão na frente dos meus olhos.

Desistindo de todas as pretensões, eu acertei. O telefone toca e toca, e quando estou prestes a desligar, ele se conecta, sua voz rouca preenchendo o alto-falante.

— O-olá?

— Brook? — Eu pergunto, surpresa evidente no meu tom. Sento-me na cama, o cobertor caindo no meu colo enquanto corro os dedos pelos cabelos, numa tentativa de controlar a bagunça na minha cabeça.

Que porra é essa, cara? Não é como se ela pudesse te ver.

— M-Max? — Ela respira, meu nome saindo como uma gagueira surpresa.

Acho que não sou o único que está surpreso com essa ligação. Sim, eu queria falar com ela, mas nunca esperava que atendesse o telefone. Não com seu hábito de merda de evitar minhas mensagens. Mas inferno, talvez seja isso. Talvez ela esteja apenas evitando *minhas* mensagens.

Apenas o pensamento dói, mas eu afasto. Nunca fui a pessoa favorita de Brook; por que diabos eu deveria me surpreender com isso?

— Sim, ei.

— Umm... oi.

O silêncio se estende entre nós, e eu posso sentir minhas mãos suando de nervosismo.

Ótimo, cara. E agora?

É tão longo que eu puxo o telefone do meu ouvido para garantir que a conexão não rompeu, embora racionalmente eu saiba que não. Ainda consigo ouvir sua respiração suave do outro lado da linha.

— Então... ugh... Feliz Natal.

Bravo, Sr. Óbvio. Você pode ser mais idiota do que já é?

Sua risada suave vem do outro lado, aplacando meu coração batendo rapidamente. É sexy. Baixo e áspero, e, à medida que desaparece lentamente, eu gostaria de ouvi-la um pouco mais.

— Feliz Natal, Max.

Sorrindo, me inclino contra a cabeceira da cama. — Como foi o seu dia?

— Oh... mesmo de sempre. — Eu posso ouvi-la se mover, lençóis amassados. Ela também deve estar na cama. — E você? Você está visitando sua família?

— Na verdade, vovó veio nos visitar, então estamos em Greyford. Mas tem sido divertido. Não a vemos tão frequentemente quanto quando morávamos na Califórnia. Eu sei que Jeanette sente falta dela.

— Isso deve ser legal. — Ela sussurra suavemente, e eu posso ouvir o desejo em sua voz. Lembro das fotos de Lia, meu coração doeu por ela antes mesmo de fazer a pergunta.

— Você tem alguma família? Ou você passou algum tempo com os Campbells?

Brook ri, mas não há nada de engraçado nisso. — Sou só eu.

— Mas e quanto a...

Suspirando, ela me interrompe, seu tom gelado não deixando espaço para discussão. — Sanders, podemos não falar disso, por favor? Acho que já estabelecemos o quão diferentes são nossas vidas. Não há necessidade de esfregar na minha cara.

— Eu não estava...

— Você sabe o que? — Ela não me deixa terminar. Amaldiçoo baixinho, já a sentindo se afastando, e é exatamente isso que ela faz. — Eu tenho que ir. Tenho um turno duplo amanhã. Obrigada pela sua chamada. Boas festas.

— Brook... — Mas mesmo antes que eu consiga chamar corretamente, a linha cai. Puxo o telefone, olhando para o nome dela estampado na minha tela. Há uma sensação de afundamento e peso em meu estomago. Essa era a última coisa que eu queria, mas, como sempre, de alguma maneira consegui estragar tudo. — Boas festas. — Sussurro, embora eu saiba que ela não vai ouvir.

Amaldiçoando alto, jogo meu telefone na cama e corro meus dedos pelos cabelos novamente, puxando as pontas em frustração.

Sabendo que depois disso não poderei voltar a dormir, afasto o edredom e saio da cama. O chão está frio debaixo dos meus pés descalços, mas eu agradeço. Esfregando meu peito, ando em direção à janela. Nosso quintal está coberto de trevas, a neve branca brilhando sob a luz fraca da lua.

Eu assisto cair, meus pensamentos ainda em Brook. Por que ela não passou as férias com Lia? Não podia imaginá-la não estendendo um convite. Não que ela precisasse, porque, pelo que parece, naqueles poucos momentos em que estive na casa dos Campbells, Brook era tratada como a filha deles. Então, qual era o acordo dela?

Eu nem tenho certeza porque estou obcecado com isso, exceto que isso me incomoda. Ninguém deve passar as férias sozinho. E eu só piorei sendo idiota e enfiando o nariz onde não devia.

Suspirando, lembro-me das palavras de despedida dela. Amanhã. Vou pedir desculpas amanhã. Por mais que eu estrague tudo ao seu redor, já deveria estar acostumado, não que isso faça muita diferença.

Satisfeito com a minha resolução, começo a me virar quando os faróis chamam minha atenção. Observo atentamente enquanto eles se aproximam lentamente até o carro finalmente parar na frente da casa.

Um SUV prateado.

Eu assisto, esperando silenciosamente para ver quem vai sair dele. Quem está sentado lá dentro espera mais um pouco, até finalmente desligar o carro. A porta se abre e eu assisto Jeanette sair. Ela para, com a cabeça inclinada para trás enquanto olha para o céu. Não está vestindo sua jaqueta, então eu sei que deve estar congelando, mas ainda assim ela não tenta entrar.

Finalmente, a cabeça dela cai, os braços se curvando em volta de si, enquanto caminha lentamente para dentro.

Eu escuto seus passos enquanto ela sobe as escadas e o rangido da porta quando finalmente está em seu quarto.

Não preciso perguntar onde ela estava, porque tenho uma sensação incômoda que já sei. O que me preocupa é algo muito pior.

Ela está em espiral de novo?

Capítulo Vinte e Quatro

BROOK

— Aqui está. — Eu digo, colocando três doses de uísque na mesa. — Precisa de mais alguma coisa?

Um dos caras do grupo olha para mim, seus olhos bêbados e vidrados percorrendo meu corpo, persistindo no meu decote exposto. Não que eu tivesse escolha quando se tratava do meu uniforme. O chefe gosta que suas garçonetes sejam "sexys" se você considerar shorts ultracurtos e uma camisa muito pequena. Mas ei, está tudo nos olhos de quem vê.

Lambendo os lábios, o cara murmura: — Só se você estiver no cardápio, querida.

Minha mão aperta ao meu lado, dentes cerrados com força quando seus amigos caem na gargalhada. Eu estava acostumada a todos os tipos de caras desprezíveis vindo para cá, e confie em mim quando digo que já vi tudo. Olhos esganiçados me despindo enquanto passo, mãos errantes que oh-tão-acidentalmente roçam na minha bunda enquanto tentam me envergonhar com seus comentários desagradáveis. Não, isso não era novidade, mas hoje à noite eu estava prestes a quebrar. Graças à conversa da noite passada com Max, eu dormi como uma merda, virando na minha cama com pensamentos inquietos correndo pela minha cabeça.

Pelo menos você estava dormindo na sua cama, não como na noite anterior...

Quero apagar aquela noite da minha memória, mas não há como eu conseguir. Nem mesmo depois de gastá-lo em alguma lanchonete aberta 24 horas por dia, com mais nada além de meus pensamentos me fazendo companhia. Pensamentos que rolavam repetidamente enquanto eu tentava descobrir se o que Josephine disse era verdade ou se era algum tipo de acrobacia que ela estava fazendo para conseguir o que queria.

Não pense sobre isso. Não importa de qualquer maneira.

Ele não te quer...

Balançando a cabeça, empurro meus pensamentos errantes para trás e me concentro no grupo na minha frente. Tenho certeza que meu chefe não acharia divertido se eu desse um soco em um deles, mas havia tanto que podia aguentar, e esses garotos da fraternidade estavam testando meus limites. Quando chegaram aqui há uma hora, já estavam zumbidos; agora eles estão completamente bêbados. E nem estamos falando do bêbado e divertido meio bêbado aqui.

— Se eu fosse, seria algo desagradável, para que você pudesse engasgar com isso. — Murmuro enquanto me viro para sair, mas obviamente não estou quieta o suficiente.

— Ooooo…

— Queimou, cara.

— Ela acabou de esmagar suas bolas, cara.

Seus amigos o provocam, rindo pelas minhas costas. Reviro os olhos para o comportamento infantil deles. Você pensaria que eles seriam mais maduros, já que estão na faculdade, pelo jeito, mas não têm tanta sorte.

— Esmagar? Oh, por favor, ela é apenas uma garotinha branca.

Embora eu saiba melhor, me viro, olhando para ele através dos meus olhos estreitados. O cara é um idiota ainda maior do que os frequentadores que vêm a este lugar. Com eles, pelo menos sei o que estou recebendo. Esse cara, por outro lado, parece muito imprudente para o meu gosto.

— Não se preocupe, baby. — Ele murmura para mim. — Se você implorar bem, eu poderia reconsiderar a oferta.

Os olhos que um momento atrás pareciam bêbados e sem foco agora olham para mim com algum tipo de brilho que faz minha pele arrepiar. Não importa que tipo de fachada ele usasse para seus amigos, meu comentário e *minha rejeição* o irritavam. Acho que o menino de ouro do papai não estava acostumado com garotas colocando-o no lugar dele.

— Bem, *baby.* — Eu falo com uma voz sensual, só para irritar. — Se não calar a boca logo, acho que é você quem estará implorando por minha atenção.

Minhas palavras atingiram sua marca, transformando olhos escuros em fendas enquanto ele olha para mim e seus amigos riem alto. Eu seguro seu olhar por mais um batimento cardíaco, meus lábios se inclinam em um meio sorriso zombeteiro, e então me viro e vou embora.

— Puta. — Ele sussurra atrás de mim, mas não olho para trás. Não quero mostrar que o ouvi. Seria como admitir que me importo, o que não me importo.

— O que diabos foi isso?

A pergunta vem de Megan, minha colega de trabalho. Ela é uma garota gótica de vinte e poucos anos que se mudou para cá há cerca de um ano. Geralmente trabalhamos no turno da tarde juntas; ela cuida do bar enquanto eu sou garçonete. Não diria que somos amigas, longe disso, mas estou mais perto dela do que a maioria da minha turma.

Seus olhos escuros, cercados por maquiagem ainda mais escura, me avaliam antes que seu olhar mude para a direção de onde eu vim.

— Apenas um idiota presunçoso que pensa que é um presente de Deus para as mulheres. — Eu aceno, nem mesmo olhando para ele por cima do meu ombro.

Olhos escuros encontram os meus por cima do bar. Megan respira as bochechas, soprando sua franja rosa dos olhos. — Eles não são todos?

— Você tem certeza que não quer que eu fique e ajude você a fechar? — Olho para Megan que limpa o balcão depois de lavar o último dos copos que peguei nas mesas, mas ela me afasta.

— Você pode ir. Eu tenho isso sob controle. — Ela pisca de brincadeira. — Vou tocar uma música e terminar em pouco tempo.

— Ótimo. — Pego minha mochila, nem me incomodando em trocar o uniforme. Estou cansada e pronta para deitar. — Vejo você mais tarde.

Lamento minha decisão quase instantaneamente quando saio pela porta dos fundos. Está tão frio que meu corpo inteiro estremece quando o ar da noite toca minha pele, arrepios subindo em minha carne.

Puxando o zíper da minha jaqueta, espero que a camada extra me mantenha quente o suficiente até eu chegar para casa. Não que seja muito mais quente lá. Mesmo quando Josephine paga a conta de energia elétrica para que possamos aquecer o local, o isolamento em nosso prédio é uma merda.

O beco escuro cheira a lixo, umidade e mijo, mas isso não é novidade. Quase todo o bairro cheira assim. Pobreza e desespero. Está tão impregnado no ar que quase não percebo mais.

Suspirando, puxo a alça da minha mochila mais alto no meu ombro, o peso dela esculpindo em mim. Puxando o capuz por cima da cabeça, começo a caminhar para casa, a cabeça baixa para afastar o frio, só que não chego longe.

Mãos batem em meu peito, me empurrando de volta para a escuridão.

— Que diabos... — Assustada, olho em volta, mas o beco está escuro. Há cerca de um mês, uma lâmpada solitária morreu e Joe ainda não conseguiu consertá-la. Eu o incomodava várias vezes, mas o cara é um idiota preguiçoso.

Meus olhos examinam a escuridão, procurando a pessoa que me empurrou, o pânico subindo lentamente dentro de mim e fazendo minha respiração ofegar.

Eu posso ouvir passos em algum lugar, mas antes que possa identificar de onde eles vêm, outro par de mãos me envolve, desta vez por trás. Uma palma cobre minha boca bruscamente, sufocando meu uivo surpreso quando meu corpo bate no peito duro, chutando o ar para fora dos meus pulmões.

O pânico como eu não sinto há anos me assalta como um tsunami.

Isso não pode estar acontecendo.

Suor frio cobre minha pele trêmula e gelada. Eu tento inspirar, mas a mão que cobre minha boca está pressionada com tanta força contra meus lábios, o pouco ar que respiro fica preso na minha garganta, me fazendo engasgar.

— Gato comeu sua língua? — A voz masculina ri no meu ouvido.

Engulo em seco quando seu hálito cheirando a uísque toca minha bochecha. Suas palavras são roucas, quase lúdicas, mas não há nada lúdico em seu toque, no aviso mortal escondido atrás de suas palavras.

— Não é tão dura com as palavras agora, não é, *baby*?

Meu corpo inteiro treme. Se eu não tinha certeza antes, essa palavra que ele solta me diz exatamente com quem estou lidando: os universitários bêbados do bar.

É apenas um, ou eles estão todos aqui? Prontos para vingar o ego machucado do amigo.

Eles saíram logo após o desastre, mal deixando dinheiro suficiente para cobrir a conta. Nem mesmo nos meus sonhos mais loucos eu pensei que eles ficariam por aqui, esperando para retaliar.

A mão que está ao meu redor se move sobre o meu peito. Abrindo o zíper da minha jaqueta, ele desliza a mão por baixo, segurando meu peito e apertando com força.

Meu corpo inteiro se encolhe quando a dor dispara através dos meus membros devido à sua manipulação, mas meu assobio é abafado pela outra mão.

Eu acho que vou vomitar. Meu estômago revira com o toque indesejável, a bile subindo na minha garganta, mas não ouso fechar os olhos porque, se o fizer, as memórias virão e tornarão tudo dez vezes pior.

— Nenhum comentário sarcástico, hein? — Ele puxa minha cabeça para o lado, expondo meu pescoço. — O que vocês acham pessoal? Ela ainda parece forte ou apenas se parece com a cadela branca que é?

Eles estão todos aqui, eu percebo. Não é apenas o cara que irritei. Eles estão todos aqui, e eles me encurralaram em um beco escuro. Tudo por causa de um comentário estúpido.

Meu corpo parece estar chocado ainda, pois todas as possibilidades que passam pela minha mente em um espaço de segundos me deixam tonta. Lágrimas se acumulam nos meus olhos, mas não as deixo cair. Apertando meus olhos com força, empurro-as para trás.

Eu não vou deixar eles me verem chorar.

Eu não vou deixar eles me quebrarem.

Eu não chorei antes, e com certeza não vou chorar agora.

Memórias que eu temia começam a voltar.

A escuridão.

— Cara, ela não é tão ruim. Olhe para esses peitos.

As mãos dele no meu corpo.

— Certo? — O cara atrás de mim ri, sua mão puxando o material da minha camisa, expondo meu sutiã preto liso.

Calças quentes e trabalhadas tocando minha pele.

O cara na minha frente se aproxima, seu corpo roçando no meu, colocando-me entre os dois.

Ambos estão tão perto que posso sentir uma mistura de suor e álcool barato ao seu redor, fazendo meu estômago protestar em repulsa. Minhas pernas estão tão bambas que estou surpresa de não terem me derrubado.

O cara na minha frente estende a mão para a frente, dedos ásperos e pegajosos traçando minha pele.

— Que bonequinha. — Ele sussurra, dando um passo à frente e pressionando seu corpo com força contra o meu. O jeans brinca contra minhas pernas nuas, e tenho certeza de que posso sentir sua

protuberância pressionando minha parte inferior do estômago enquanto seus dedos descem, descem, descem...

É como se o toque dele tivesse me tirado de qualquer feitiço em que estive.

— Numph... — Meu protesto abafado faz os caras rirem. Eu tento sair do seu toque, meu corpo inteiro se mexendo com o esforço como um peixe no chão, mas suas mãos só se apertam ao meu redor quando as risadas deles ficam mais altas.

Eu não vou cair assim.

Eu não serei uma vítima.

De novo não.

— Olhe para isso. — O cara atrás de mim ri no meu ouvido. — O fogo de artifício de lixo branco está de volta. Isso será muito mais...

Meu cotovelo se conecta com seu intestino, fazendo-o perder o fôlego. Sua mão pegajosa desliza da minha boca, seu aperto ao redor do meu meio afrouxando apenas o suficiente. Com adrenalina e medo zumbindo em minhas veias, eu coloco toda a minha força para pisar em seu pé.

— Sua puta! — Ele ruge, dobrando-se.

Mas não chego longe porque mãos envolvem meus pulsos, me fazendo tropeçar. — Você não vai a lugar nenhum, vadia!

— Deixe-me ir! — Eu luto contra o cara, mas seu aperto é duro e sei que isso deixará contusões. Pergunte me se eu me importo. — Eu vou gritar, seu idiota. Me deixar ir!

Suas mãos me puxam contra seu peito, me levantando do chão. Eu chuto, frustrada, porque não importa onde ou o quanto tente, eu continuo perdendo.

Risos quase maníacos enchem o beco escuro, fazendo o sangue congelar em minhas veias.

— Continue fazendo isso, baby. Adoro quando elas resistem.

— Mantenha-a parada, Marcus. — O primeiro cara rosna. — Eu vou mostrar a essa cadela quem é o chefe.

Mesmo que eu não consiga ver seu rosto, posso sentir sua raiva enquanto sua sombra paira sobre mim. Meu coração começa a bater violentamente no meu peito, minha boca ficando completamente seca.

— Eu vou te matar! — Grito, minhas pernas ainda chutando o ar. — Eu vou te matar, seu filho de...

Quando uma mão envolve minha perna, meu outro pé consegue encontrar o objetivo, encontrando carne macia, mas ele continua rindo. Outra mão segura minha outra perna, deixando-me bem aberta, e o idiota na minha frente aproveita a oportunidade. Seus dedos deslizam sobre a minha pele, subindo, subindo, subindo até encontrar a virilha do meu short.

— Deixe-me ir. — Eu grito. Seus dedos desabotoam meu short bruscamente e deslizam sob o material. As lágrimas que eu tenho escondido retornam à superfície. De novo não. Eu não posso... — Não!

Uma mão cobre minha boca mais uma vez, abafando meus protestos quando a mão na meu short encontra seu objetivo. Meu estômago revira violentamente com o primeiro toque de seus dedos contra o meu sexo, meu corpo todo tremendo de nojo.

— Você quer isso baby. — Sua voz sussurra no lóbulo da minha orelha enquanto seus dedos traçam a linha da minha calcinha. — Você quer me fazer feliz, certo?

Não. *Eu quero gritar, mas nenhuma palavra sai.* Fique para trás.

— Você sabe o que acontece se não me faz feliz.

Me deixe em paz.

— Tire suas mãos dela, seu filho da puta!

Capítulo Vinte e Cinco

MAX

Esfrego o rosto enquanto olho para o prédio degradado do outro lado da estrada. Um sinal vermelho néon de baixa qualidade proclamando Joe's Drink n 'Drive balança levemente com a brisa fresca.

Esfregando as mãos, tento aquecê-las. Estou aqui há mais de uma hora, esperando o turno de Brook terminar, para que ela possa falar comigo. A necessidade de pedir desculpas por ontem está me incomodando desde que ela desligou.

A última coisa que eu queria era brigar, mas parece que não importa o que eu faça ou diga, todas as nossas interações levam a uma discussão de uma maneira ou de outra. É um ciclo vicioso que parece que não conseguimos quebrar.

Verifico meu telefone, a luz brilhante me fazendo estreitar os olhos. Os últimos clientes saíram há um tempo, mas eu ainda podia ver a luz fraca brilhando através das janelas imundas, indicando que havia alguém lá dentro, embora a placa *fechada* estivesse pendurada na porta.

Cansado com a espera e inquieto demais para me sentar mais, saio. A porta se fecha suavemente atrás de mim. Estou debatendo entre ligar para ela e ir direto para a porta quando ouço sons abafados vindos de algum lugar próximo.

Parando nas minhas trilhas, inclino minha cabeça para o lado, ouvindo. Quem ou o que quer que está morto, ou eu apenas o imaginei, porque a única coisa que posso ouvir agora é um zumbido vindo do

poste na rua. Balançando a cabeça, continuo andando quando um grito alto faz meu sangue congelar.

— Deixe-me ir!

Parece uma eternidade, embora provavelmente seja apenas alguns segundos, antes que eu saia e comece a correr na direção do barulho. O sangue começa a bombear nas minhas veias mais uma vez, desta vez mais rápido, e posso ouvir o eco do meu batimento cardíaco acelerado e pés batendo na calçada misturando-se com o som fraco da voz que reconheço.

Brook.

— Não...

Seu protesto é abafado, e não posso lutar contra todos os pensamentos sombrios que estão assaltando minha mente. Eu posso vê-la, pequena e vulnerável. O medo em sua voz é tão real. Quem está lá com ela a está aterrorizando. E assim, o gelo que eu estava sentindo derrete em raiva quente. Uma raiva que não sabia que era capaz de me dominar, ardendo em minhas veias, um pensamento repetindo.

Eu vou matá-los.

— Cadela, você pagará pelo...

O beco entre dois prédios, de onde vêm as vozes, é escuro, mas não preciso da luz porque os idiotas não estão tentando mantê-la quieta.

Minha respiração está dura como se tivesse corrido quilômetros, não meros metros, meu olhar colado à figura escura na minha frente.

— Tire suas mãos dela, seu filho da puta! — Eu ofego por entre os dentes, mas quando ele não se move rápido o suficiente, minhas mãos agarram seu ombro, puxando-o para me encarar.

— O que...

A raiva incandescente me impede de ouvir qualquer coisa que ele diz enquanto eu bato nele. Meu punho se conecta com osso e carne macia. Um som de estalo preenche o silêncio, e a sombra cai de joelhos.

A dor irradia através das minhas mãos fechadas, mas quase não a sinto por causa da adrenalina em minhas veias. Aproveitando a oportunidade de tê-lo de joelhos, literalmente, eu o chuto no estomago, duas vezes. Ele se inclina para frente, gemendo dolorosamente quando cai no chão.

— Não é tão corajoso agora, seu idiota? — Eu cuspo, dando-lhe um chute final no estômago. Mas minha alegria é curta porque um grito alto rasga a noite toda, fazendo minha cabeça voar.

Há mais deles, a realização amanhece em mim. *Os filhos da puta atacaram ela.*

Juro baixinho, com raiva de mim mesmo, a escuridão que está nublando minha vista, e esses filhos da puta que pensavam que se amontoar em uma mulher seria divertido. Estou tão furioso que meu cérebro se concentra em uma coisa e apenas em uma coisa - afastar Brook deles.

Meus olhos se ajustaram apenas um pouco à escuridão, então me apoio aos sentidos e deixo o som da luta me guiar. Eu posso vê-los empurrar e puxar. Eles estão tão próximos um do outro que formam uma grande sombra. Eu corro em direção a eles, agarrando a pessoa mais próxima.

Eles estão tão perdidos no que estão fazendo, que nem me ouvem chegando. O cara quase desliza pelos meus dedos, mas eu os enfio na gola da jaqueta e puxo com tanta força que ele tropeça nos pés.

— Tire as mãos dela, seu filho da puta estúpido. — Eu rosno.

Isso chama a atenção deles. *Bom.*

O cara abre a boca, mas nada sai porque minha mão cerrada o está calando. Só é preciso um balanço, e ele está de joelhos.

— Que porra é essa, cara? — A pergunta ultrajada vem de trás de mim.

Lentamente, eu me viro.

Eu voltarei a esse idiota mais tarde; Brook vem em primeiro lugar. *Ela sempre vem em primeiro lugar.*

— Se eu fosse você, tiraria suas malditas mãos dela. — Aviso, meu tom tão calmo que mal posso ouvi-lo com sangue batendo nas minhas veias. — *Agora.*

Flexionando meus dedos para aliviar a dor em minhas mãos, olho para o cara. Ele está tremendo em seu lugar, como a pequena boceta que é. *Não são tão corajosos agora, são?*

Eu ando em sua direção e, a cada passo que dou, posso ver mais claramente como ele é patético. A cada passo que dou, pareço cada vez mais sobre ele. Eu sou um bom cinco ou seis centímetros mais alto e volumoso. Ele parece uma bagunça. Seus olhos estão arregalados, as pupilas dilatadas por uma mistura de medo e álcool que posso sentir ao seu redor. Seu rosto empalidece quando eu me aproximo, e posso ver sua garganta mover quando ele engole, gotas de suor se formando em seu rosto.

Ele deve estar chocado porque não escuta. Ainda está segurando Brook.

Com os dentes cerrados, puxo-a para fora de seus braços, tentando ser o mais cuidadoso e gentil possível, ao mesmo tempo em que não me deixo realmente olhar para ela. Se fizer, vou perder-me.

— Saia daqui. — Eu coloco minhas chaves na mão trêmula dela e a empurro em direção à estrada principal, depois me viro para o cara.

— Olha, cara, eu entendi... — Ele começa com uma voz trêmula, mas não estou interessado em ouvir. O cara tenta andar para trás, mas sigo atrás dele, como um gato atrás de sua presa.

— Eu disse para você deixa-la ir. — Digo calmamente, mas minha voz é a única coisa calma sobre mim.

Suas costas batem contra a parede atrás dele, seus olhos saltando de suas órbitas com a percepção de que não há para onde ir. Eu o tenho encurralado e à minha mercê.

— P-por favor... — Ele implora. Todo o seu corpo treme de medo, e não posso evitar o sorriso louco que está curvando meus lábios.

— Ela implorou para você parar também. — Olho para as juntas machucadas antes que meus olhos encontrem seu olhar preso pelos faróis. — Você não ouviu, então não espere piedade de mim.

Então eu solto.

Ele grita como a putinha que é assim que meu punho se conecta com seu rosto, mas isso só me faz rir quando bato nele.

Nunca na minha vida fui uma pessoa violenta. O hóquei pode ser um esporte de contato, mas mesmo no gelo, tento jogar bem. Um empurrão um pouco mais difícil se alguém me irritar, ou um cotovelo no estômago, mas é principalmente isso. É brincadeira de criança em comparação com alguns jogadores de hóquei que prosperam com a violência e causam problemas.

E enquanto faço boxe ocasionalmente, geralmente sou eu contra a saco, e não outra pessoa, para deixar a raiva tomar conta...

A emoção de dar soco após soco faz o sangue correr pelas minhas veias, o som de carne encontrando carne, raspando osso contra osso, levantando os cabelos finos do meu pescoço. Divertido e louco, dois sentimentos completamente opostos, fazem a eletricidade correr pelo

meu corpo. É viciante, essa onda de adrenalina e poder que estou sentindo e, pela primeira vez, entendo por que algumas pessoas continuam fazendo isso. E apesar de me aterrorizar, não consigo parar porque ainda consigo ver o corpo trêmulo de Brook em suas mãos. Ainda posso ouvir sua voz baixa e rouca quando ela implorou para que a deixassem ir, mas eles não quiseram ouvir. A voz dela que estava pedindo ajuda, chamando meu nome...

— Max!

A voz rouca de Brook rompe a névoa e a loucura da minha mente. Eu me viro, procurando por ela. Descuido apenas alguns segundos, alguns segundos ruins quando abaixo a guarda. O punho sai do nada, conectando com minha mandíbula e fazendo minha cabeça girar para trás. Meu corpo inteiro dá um salto para trás e tropeço no cara que nocauteei que ainda está deitado no chão.

Enfurecido, volto para terminar o cara, quando mãos pequenas apertam meu pescoço com força, quase a ponto de engasgar.

— Max! — Brook chora no meu pescoço, suas mãos não soltam. — Você o matará se não parar!

— Ele tocou em você! — Eu grito, mas seguro a raiva que está me consumindo. O cara se enrola em uma bola no canto, olhando para mim através dos olhos estreitados de medo. — Eles a encurralaram em um beco escuro, e se eu não tivesse aparecido, teriam estuprado você!

Minhas palavras são duras, mas não há como evitar. A raiva ainda está queimando quente no meu estômago, os pensamentos de *e se* atacando meu cérebro. A ideia de algo acontecendo com Brook...

Meu corpo inteiro estremece quando empurro os pensamentos sombrios para longe.

Eu estou aqui. Ela está bem.

— Você não quer a morte dele em sua consciência. — Seu corpo trêmulo pressiona contra minhas costas, tão perto que posso sentir cada arrepio passando por seus membros. — Deixe ele ir. Ele não vale a pena.

— Você vale a pena. — Eu grito, mas deixo que ela me puxe para trás, embora todas as células do meu corpo protestem.

— Você já fez o suficiente. — Sua testa se apoia nas minhas costas. — Você me salvou. Se você tivesse vindo apenas um...

Sua voz quebra, impedindo-a de terminar a frase, mas eu entendo. O pomo de adão balança quando engulo, minha mente descendo a estrada escura. Se eu tivesse chegado apenas um minuto depois, ele a teria estuprado. Todos *eles* teriam.

A bile sobe na minha garganta e parece que vou vomitar.

Apenas sessenta segundos e tudo teria sido diferente.

Minhas mãos fecham os punhos e estou quase pronto para voltar a fazê-lo, mas um sussurro suave me impede.

— Por favor, me leve para casa.

Capítulo Vinte e Seis

BROOK

— Brook.

Uma mão pousa na minha coxa, me fazendo recuar. Meu coração está batendo forte no peito, e minha pele se arrepia como se alguém derramasse ácido sobre ela. Nojo e vergonha se acumulam na boca do estômago, indicando que há uma boa possibilidade de vomitar de novo, embora não tenha certeza de que sobrou alguma coisa no estômago.

Meu ombro bate contra uma superfície dura, trazendo de volta imagens do que aconteceu hoje à noite.

Carro.

Max.

Casa.

Pedi a Max para me levar para casa.

Meus olhos se abrem, examinando o espaço ao meu redor. Eu não estava dormindo; nem tenho certeza se vou conseguir. Mas quando me sentei no assento de couro aconchegante e Max aumentou o calor, a exaustão finalmente me alcançou. Meus olhos se fecharam, mas minha mente continuou trabalhando. Pensando, imaginando, se eu tivesse feito algo diferente, se não tivesse dito as coisas que disse àqueles caras, hoje à noite teria sido diferente.

— Eu sei que você queria ir para a Lia, inferno, talvez você até queria ir *para sua* casa, mas eu... — Ele para, perdido nas palavras.

Balançando a cabeça, ele puxa seu cabelo bagunçado. — Eu simplesmente não podia...

— É... — Minha voz sai rouca e baixa, então eu limpo minha garganta antes de tentar novamente. — Está bem.

Contanto que eu não estivesse lá, não me importava onde estava.

Puxando minhas pernas para mais perto do meu peito, deixo o silêncio cair sobre nós enquanto olhamos para a mansão vitoriana de dois andares coberta pela escuridão.

— Você está... — Max começa, mas eu o paro antes mesmo dele perguntar.

— Estou bem.

Suspirando, suas mãos agarram o volante, segurando com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

— Brook, o que aconteceu...

— Nada aconteceu. — Eu cerro meus dentes.

Não posso falar sobre isso. Não consigo pensar nisso. Se eu fizer... Se eu fizer isso trará à tona as lembranças que são melhores esquecidas. Memórias com as quais não estou preparada para lidar agora.

— Mas poderia! — Max grita, seu punho conectado ao volante, me fazendo estremecer. — Droga, Brook! Algo poderia ter acontecido e...

— Você acha que eu não sei disso? — Eu atiro de volta para ele, terminada com sua curiosidade. — Eu estava lá, Max! Fui eu quem foi envergonhada e violada da pior maneira que uma mulher pode ser, então não ouse agir como se soubesse uma merda. Não ouse fingir que entende, porque não pode.

Minhas mãos apertam mais minhas pernas, puxando-as para mais perto do meu peito. Pequena, me sinto tão pequena e quebrável. Se eu não me segurar, posso realmente desmoronar.

O silêncio se estende entre nós, nenhum de nós sabendo o que dizer. Ou talvez ele esteja com medo, se disser alguma coisa, eu vou quebrar. Não que possa culpá-lo. Meu corpo inteiro ainda treme com o que aconteceu, e mesmo com o menor dos sons, o menor movimento me faz reagir.

Finalmente, sou eu quem quebra o silêncio. Cedendo, apenas um pouquinho. — Eu ainda posso sentir as mãos deles no meu corpo. — Engulo o nó na garganta, o gosto velho de vômito persistindo na minha boca. Não ouso olhar para ele, com medo do que vou encontrar quando o enfrentar. — E é preciso tudo em mim para não vomitar. Minha pele ainda se arrepia com o pensamento de seu toque. Ao pensar em...

Viro minha cabeça para o lado. Fechando os olhos, luto contra as memórias que assaltam minha mente.

Agora não. Eu não posso lidar com isso agora.

— Tão bonita, Brookie. Tão bonita. — As mãos dele deslizam pela minha cintura, acariciando a parte de baixo do meu pequeno peito nu, sobre o meu estômago e mergulhando no elástico da minha calcinha. — E tão suave.

Sua cabeça se abaixa, palavras arrastadas murmuram na minha pele quando seus lábios me tocam. Seus dedos gordos e pegajosos puxam minha calcinha, me arranhando no processo. Eu grito baixinho, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— N-não... por favor...

Mas é claro que ele não escuta. Ele nunca escuta.

Cobrindo a boca, abro a porta às pressas, quase caindo no processo, mas se não sair, vou vomitar por todo o interior de couro.

— Brook! — Max grita, ele também, saindo do carro.

Caindo de joelhos, a mão que está cobrindo minha boca desliza para a base da minha garganta. Mal consigo puxar ar suficiente nos meus pulmões enquanto seco. Eu não como nada desde o café da manhã, e o pouco que estava na minha barriga, já vomitei. Não que meu estômago se importasse.

Suas mãos quentes pousam nos meus ombros e eu me retiro com força fora de seu alcance.

— Não me toque! — Eu grito, não me importando se meus gritos vão acordar alguém. Não me importo se estou fazendo um espetáculo de mim mesma.

Meu corpo inteiro treme, com choque ou frio, não tenho certeza. Minha pele gelada está coberta de arrepios e suor. Apenas o pensamento das mãos de alguém em mim, mesmo que seja alguém que eu conheça, faz o pânico voltar com força total. Meu coração bate forte no peito, um som chiado saindo da minha boca como se eu fosse engasgar.

Mas Max parece não se importar com meus desejos ou ataques de pânico.

— Você não está sozinha, Brook. — Ele cai no chão atrás de mim, seus braços fortes envolvendo o meu corpo lutando e puxando minhas costas para o peito.

— Deixe-me ir. — Eu imploro, as lágrimas que consegui conter agora caem livremente.

— Você não está sozinha. — Ele sussurra novamente com calma. Seu queixo se apoia no meu ombro, a respiração quente faz cócegas nos

fios de cabelo e a pele sensível do meu pescoço. — Você está segura. Estou aqui e nada vai acontecer com você. Eu prometo; você está segura. Eu vou mantê-la segura.

Ele repete as mesmas palavras repetidas vezes. Sua voz suave deveria ajudar a me acalmar, mas está fazendo o contrário.

— Você não pode dizer coisas assim!

Ele não tem o direito de fazer promessas assim. Coisas de merda acontecem o tempo todo. Não há como evitar feridas. Não há como evitar a escuridão quando está engolindo você inteiro.

Eu tentei uma vez e olhe para mim agora. De volta aonde comecei.

Tento me levantar e sair de seus braços, até consigo ficar de pé, mas ele me puxa para trás. Nós dois tropeçamos no chão, seu corpo amortecendo minha queda, e antes que eu possa reagir, ele nos rola, terminando em cima de mim e me prendendo no chão coberto de neve.

— Você está segura, Brook.

Mesmo na escuridão, consigo reconhecer seus olhos cinzentos olhando nos meus. Impotência e determinação se misturam naquelas poças de prata que me atraem, me mantendo refém contra minha vontade.

Um arrepio percorre meu corpo com seu olhar atento. Eu deveria estar assustada. Seu grande corpo está cobrindo o meu e pairando sobre mim, suas mãos estão na minha pele e, embora uma parte de mim odeie seu toque, a outra, uma parte muito mais profunda que tentei enterrar por semanas, anseia por isso. E não posso deixar de me odiar por isso.

— Você pode, por favor, me deixar ir? — Peço mais uma vez, sabendo que não adianta lutar.

Seus olhos suaves olham para o meu rosto, procurando apenas Deus sabe o que. — Eu deixarei você ir quando se acalmar. Ninguém vai machucá-la aqui.

— Engraçado vindo de um cara que já me machucou.

Max recua como se eu tivesse lhe dado um soco. Parte de mim instantaneamente se sente culpada, mas a outra parte? A outra parte só quer que ele me deixe ir.

Capítulo Vinte e Sete

MAX

Assim que as palavras saem da boca dela, vejo arrependimento brilhando em suas íris verdes. Mas não há como recuperá-las agora. E por que ela deveria? Ela não é a pessoa errada aqui; eu sou.

Desde a festa de Halloween, ela fez o possível para ficar fora do meu caminho. Lidando com a situação, evitando-a completamente. E me evitando no processo.

A indiferença de Brook me deixa louco, e nem sei ao certo o porquê. Não é diferente do modus operandi habitual dela. Eu costumava evitar isso, mas ultimamente a indiferença dela me irrita além da crença.

Saltando de pé, coloco uma distância necessária entre nós.

— Max, eu...

Balançando a cabeça, eu corro meus dedos pelo meu cabelo, frustrado. — Não, você está certa. Eu machuquei você, e por isso sinto muito. Não posso dizer o suficiente, Brook, mas sei que é verdade. Eu estava bêbado naquela noite...

— Max. — Ela se endireita, esperando me interromper, mas eu não deixo.

— É uma desculpa de merda, mas é a única que tenho. Eu estava bêbado; minhas emoções estavam por todo o lado e fiz uma coisa realmente de merda que vou me arrepender pelo resto da minha vida. E não estou dizendo isso para que você se sinta obrigada a me perdoar.

O silêncio cai sobre nós, ambos sem saber o que dizer. Talvez não exista?

Eu posso ver sua garganta delicada balançar quando ela engole, molhando os lábios. Suas mãos envolvem seu corpo trêmulo na esperança de se aquecer, mas não há possibilidade disso acontecer enquanto ela está assim.

Dedos azuis estão esfregando seus braços. Suas pernas estão dobradas e puxadas até o peito, arrepios cobrindo toda a pele exposta e cremosa.

Minha boca fica seca.

Por que ela está vestindo algo assim? É o meio do inverno, pelo amor de Deus!

— Vamos levá-la para dentro antes que você congele até a morte. — Eu ofereço a minha mão, mas ela recusa, levantando-se sozinha.

A rejeição dela arde, mas não é como se eu pudesse culpá-la, na verdade. A garota foi agredida nem meia hora atrás.

Mantendo uma distância saudável entre nós, subimos as escadas. A varanda da frente está iluminada, e levo um momento para encontrar minhas chaves e abrir a porta.

O piso térreo está coberto de escuridão. Não que eu esperasse algo diferente, já que são quase duas e meia da manhã. Fechando a porta atrás de mim, asseguro que ela esteja trancada antes de acender a luz da escada para que Brook não caia no caminho.

Faço um sinal para ela ficar quieta para que não acordemos a casa inteira. A última coisa que quero, e tenho certeza que ela concordaria, é ter que explicar o que aconteceu e por que Brook está aqui.

O andar de cima é o mesmo. Calmo e escuro. Quando chegamos ao topo, inclino minha cabeça na direção do meu quarto e espero que ela vá primeiro. Quando ela está em segurança, apago a luz do corredor e sigo atrás.

Fechando a porta atrás de mim, eu a encaro. Brook já acendeu a luz lá dentro, e o brilho intenso me permite ver todos os pequenos detalhes que não tinha visto antes. Minha garganta se fecha quando a observo. Bochechas pálidas cobertas de maquiagem borrada e lágrimas. O cabelo dela está uma bagunça, todo o corpo tremendo.

— N-nós precisamos aquecê-la. — Eu forço as palavras o mais calmamente possível. Indo para o meu armário, começo a procurar até encontrar o par mais grosso de moletom e capuz que possuo, junto com algumas roupas íntimas e meias.

— Eu acho que isso deve funcionar. — *Eu ainda posso sentir as mãos no meu corpo.* Suas palavras ecoam na minha cabeça, me fazendo engolir em seco. — Você quer tomar um banho?

Olhos verdes se erguem, arregalados como um cervo preso nos faróis. O alívio e a gratidão brilhando nessas íris brilhantes são tão impressionantes que meu peito aperta dolorosamente.

Minha mão coça para tocar sua bochecha, mas eu me forço a me segurar.

O que diabos está acontecendo comigo?

Ela não quer que você a toque, cara. Eu acho que ela foi bem clara sobre isso.

— Isso seria ótimo. Obrigada.

Balançando a cabeça, mais por minha causa do que pela dela, eu me viro e a conduzo ao banheiro.

BROOK

Inclino minha cabeça para trás, deixando a água quente derramar sobre mim. Eu já esfreguei meu corpo inteiro - duas vezes - mas não mudou nada. Ainda podia sentir as mãos deles em cima de mim.

Ficar no chuveiro, a salvo deles, mas exposta, só piora as coisas. Sou vulnerável, um sentimento que conheço muito bem. Um sentimento que eu odeio do fundo do meu coração, mas aparentemente não consigo escapar porque ele sempre volta para me assombrar. No entanto, não tomar banho não era uma opção. Não quando suas mãos suadas estavam na minha pele. Não quando eu podia sentir o hálito contaminado por álcool roçando minha carne.

Sua pele é tão macia, boneca. Macia e rosa.

Mesmo que o banheiro esteja cheio de vapor e a água caindo sobre mim esteja queimando minha pele, eu tremo. Memórias que tenho tentado afastar - memórias do passado misturadas com as novas impostas a mim - tentando se libertarem. Mas eu não podia deixar isso acontecer. Se a barragem quebrar, vou transbordar. Transbordar lembranças e sentimentos que não pertencem ao presente.

Não sei por quanto tempo fico ali com as mãos em volta do meu corpo nu. Tempo suficiente para que a água esfrie, forçando-me a desligar o chuveiro e sair.

Agarrando a toalha fofa cinza escura que Max deixou para mim, juntamente com uma muda de roupa, a envolvo firmemente em volta do meu corpo, aproveitando o calor suave.

— Você está segura aqui. — Eu sussurro essas palavras repetidas vezes, mas elas não podem parar meu coração ainda batendo rapidamente.

Fazendo o possível para evitar o espelho - só Deus sabe o que o reflexo me mostrará se eu o fizer - visto as roupas emprestadas, guardando as minhas na mochila já cheia.

Eu gostaria de poder queimá-las, mas a lavagem terá que ser suficiente. Joe não ficará feliz se eu lhe disser que algo acidentalmente aconteceu com o meu uniforme, e o idiota que ele é, provavelmente me pedirá para pagar pelo novo. Um luxo que eu não tenho.

Olhando em volta apenas para ter certeza de que tenho todas as minhas coisas, finalmente me forço a sair, apenas para parar quando vejo uma pessoa sentada no chão, encostada na parede oposta.

Quando a porta se abre, seus olhos se levantam lentamente, me levando para dentro. Ele parece esgotado. Pela primeira vez, noto bolsas escuras embaixo de seus olhos, e seu cabelo ainda está bagunçado por todas as vezes que ele o puxa em frustração.

— Max. — Paro no meu caminho, assustada. — Por que você ainda está acordado?

Eu estava planejando voltar para o quarto e pedir um travesseiro e um cobertor antes de cair no sofá ou algo assim, mas ele estava aqui. Sentado no chão esperando por mim. Algo quente envolve meu coração, mas empurro para longe, não pronta para lidar com mais bagagem emocional do que já estou lidando.

Enquanto eu estava no banheiro, ele também aproveitou a oportunidade para tomar banho e se trocar. Uma camisa preta desbotada cai sobre seu corpo da maneira mais deliciosa, e mesmo sentado, vejo que o suor está baixo em sua cintura. Ainda há gotas de água grudadas nos cabelos na nuca.

— Hey. — Ele sussurra, olhando cansado para a porta fechada de Jeanette antes de voltar sua atenção para mim. — Eu só queria conversar com você. Ver se está...

— Estou bem, Max. Apenas deixe em paz, está bem? — Suspiro, subitamente me sentindo cansada. Exausta realmente. Meu corpo está doendo por tudo o que passou ultimamente, e tudo que eu quero é dormir e não acordar. — Eu só quero dormir e esquecer que tudo isso aconteceu.

— Como você pode ficar bem? — A voz de Max aumenta, embora apenas um pouco, mas eu posso ouvir a raiva escondida embaixo dela. Ele se levanta, seu corpo pairando sobre mim no espaço estreito do corredor. — Depois de tudo o que aconteceu, como você pode ficar bem? Você deveria estar com raiva, magoada, assustada, *alguma coisa!* Pelo amor de Deus, Brook...

— Você vai acordar sua irmã. — Eu assobio para ele. — Eu disse para você esquecer, então pare já.

Esfregando a mão no rosto, balanço a cabeça.

Empurre de volta, Brook. Empurre todos eles de volta.

Movendo-me ao redor dele, certifico-me de empurrá-lo com o ombro a caminho de... não faço ideia. Furiosa de raiva, abro a primeira porta que vejo, rezando para que não seja o quarto dos pais dele.

Quem ele pensa que é? Me dizendo como eu deveria me sentir. Farejando, procurando respostas. Forçando à superfície todas as coisas que estou tentando desesperadamente empurrar para trás. Tentando *esquecer.* Tentando me analisar como se eu fosse algum tipo de projeto. Eu não deveria ter vindo aqui. Deveria ter...

Acendo a luz assim que estou lá dentro, dando um suspiro de alívio quando percebo que é um quarto de hóspedes. A necessidade de bater à porta é forte, mas eu a seguro porque não quero acordar metade da casa só porque um certo idiota me deu nos nervos, mas a porta nunca se fecha. Em vez disso, ela se abre, Max marchando atrás de mim.

— Eu não terminei. — Ele range com os dentes cerrados.

Ficando nas pontas dos pés para encará-lo, cruzo os braços sobre o peito. — Bem, eu sim. Agora ou me deixa em paz, ou vou sair daqui.

Sua mão esfrega seu rosto, os dedos mergulhando em mechas da meia-noite e deixando seu cabelo ainda mais bagunçado do que era antes.

— Como você pode ser tão calma? Tão inalterada?

— Estou *quase* calma! — Eu sussurro-gritando com ele.

— Você não parece! — Ele acusa, seus próprios demônios nadando em seus olhos. — Tudo o que posso fazer é pensar e se? E se eu não estivesse lá? E se eu não tivesse chegado a tempo? E se, porque eu os deixei escapar, eles fizerem o que fizeram com você com outra pessoa?

Balanço minha cabeça com arrependimento. — Você não pode salvar todo mundo, Max.

Você não pode me salvar.

— Mas esse é o ponto, Brook. — Ele se aproxima, tão perto que nossos pés descalços se tocam. — Eu não quero salvar todo mundo; só preciso que *você* esteja segura.

As mãos de Max pousam em meus ombros enquanto aqueles olhos tempestuosos olham nos meus. Uma das mãos dele roça a lateral do meu pescoço, segurando minha bochecha. Aquelas palmas grandes e ásperas que causam tanto dano quando ele está no gelo, aquelas mãos que acertaram meus atacantes sem piedade, seguram-me com uma ternura inimaginável. Pego uma delas na minha mão, olhando por cima das juntas esfoladas e machucadas.

— Isso é o que você não entende. Eu nunca estarei segura. Vivemos no século XXI, e o mundo ainda é um lugar perigoso para as mulheres.

E quando você vem de onde eu venho? Ainda mais. — Seu olhar é tão intenso que faz meu corpo tremer. Exige minha atenção. Exige uma resposta, então eu lhe dou a versão mais segura que consigo pensar. Minha escuridão é minha, e não vou manchar ninguém com ela. Especialmente ele. Tocando suas bochechas, eu o forço a olhar para mim, forço-o a entender. — Já vi coisas piores. Já passei por coisas piores e, se não deixar passar, todo o mal voltará e não tenho certeza se sou forte o suficiente para lidar com isso. Então, por favor, não faça isso comigo. Não me faça *lembrar*.

— Brook...

Sua testa cai na minha, aproximando-o de mim. Tão perto que posso sentir o cheiro do seu xampu de sândalo e sentir seu hálito quente tocar minha pele.

Meus olhos se fecham, a picada de lágrimas não derramadas queimando minhas pálpebras, mas eu não as deixo cair. Quando tenho certeza de que estão afastadas, só então os abro.

Max está olhando para mim como se estivesse provavelmente esse tempo todo. Seus cílios escuros são impossivelmente longos, o tipo de cílios que as meninas matariam para ter. Você pensaria que eles o fariam parecer mais feminino, mas é claro que não. Não com aquela mandíbula quadrada e cheia de barba e as maçãs do rosto altas.

Sua língua dispara, molhando o lábio inferior antes que ele se incline para frente.

— Não. — Eu sussurro, pressionando meu dedo contra seus lábios, mas estamos tão perto que o dedo é a única barreira entre nossas bocas se tocando.

— Por que não?

— Nós não podemos.

— Nós já fizemos. — Ele responde teimosamente. — Não é como se um beijo mudasse alguma coisa.

Eu balanço minha cabeça negando. Não podemos continuar fazendo isso. Ele não me quer, não mesmo, e eu... eu não quero ser a segunda escolha de alguém. Especialmente para a minha melhor amiga. E mesmo que não fosse esse o caso, somos simplesmente muito diferentes.

Ele é luz para a minha escuridão. Sangue azul corre em suas veias, e tem um futuro brilhante com a faculdade e provavelmente a NHL esperando por ele.

Eu por outro lado? Sou uma garota medíocre do lado errado dos trilhos, muito cansada pela vida para ver uma luz no fim do túnel. Terei sorte se sair daqui em um pedaço remendado.

— Você está me deixando louco, Taylor. — O rosnado baixo que vem dele faz meu corpo inteiro formigar. Seus dedos no meu cabelo apertam apenas um pouco. — Eu sei que você não acredita em mim, mas eu vou lhe mostrar. Isso é uma promessa.

Com um toque final do polegar nas minhas maçãs do rosto, ele dá um passo para trás. — Eu estarei no meu quarto, se você precisar de mim.

Eu aceno em reconhecimento, embora saiba a verdade.

Não irei lá, porque não posso me permitir precisar dele.

Não posso me permitir precisar de ninguém.

Capítulo Vinte e Oito

MAX

A porta do quarto de hóspedes se fecha atrás de mim e só então me permito exalar. Reviro os ombros na esperança de aliviar parte da tensão que parece permanentemente situada ali, mas a única coisa que faz é me conscientizar da dor surda em meus músculos.

— O que diabos foi isso?

Droga, é claro que ela ouviu.

Esfregando minha testa latejante, dou-me tempo para outra respiração profunda antes de encontrar os olhos conhecedores da minha irmã. Não importou o quanto tentamos ficar quietos, encontrar Jeanette me esperando na escuridão do corredor não foi realmente uma surpresa. Acho que deveria estar feliz por ela ser a única que acordamos, porque seria estranho explicar isso aos meus pais.

— Nada que precise se preocupar. — Eu digo, subitamente me sentindo cansado. — Vá para a cama, Jeanette.

— Nada que precise me preocupar? — Ela assobia, cruzando os braços sobre o peito enquanto me olha. — Pelo som do programa de gritos que você acabou de dizer, eu diria que não voltou para casa sozinho. O que diabos Brook está fazendo aqui?

— É melhor se você não souber.

Os olhos de Jeanette ficam duros. — Eu pensei que tínhamos parando de manter segredos.

Com os lábios pressionados em uma linha apertada, inclino a cabeça para o lado, ouvindo o que está acontecendo atrás da porta fechada, mas há apenas silêncio.

Ela já está dormindo? Ela *pode* dormir?

Não tenho certeza se vou conseguir, não quando ainda posso ouvi-la gritar, alto e claro. Isso me faz tremer de raiva a tal ponto que sei que se qualquer um desses idiotas estivesse na minha frente agora, eu os esmagaria no chão, e desta vez eles não teriam tanta sorte em se levantar por conta própria. Se eles se levantassem.

A mão de Jeanette agarra meu braço, me fazendo sacudir de consciência. Seus olhos me imploram para confiar nela, deixá-la entrar, mas eu não posso. Brook nunca me perdoaria se o fizesse.

Desembaraçando-me de Jeanette, dou um passo para trás. — Bem, este não é o meu segredo para contar.

Como se ela pudesse sentir a escuridão pairando sobre mim, Jeanette assente, deixando-me fora do gancho. Por enquanto. — Você está cansado. Vá para a cama e descanse.

Inclino-me e pressiono meus lábios contra o topo da cabeça dela. — Você sabe que eu diria se pudesse.

Quando finalmente me solto e dou um passo para trás, estou tão cansado que parece que vou cair de exaustão.

Desejando boa noite a Jeanette, eu me viro e vou para o meu quarto, caminhando direto para a minha cama e caindo de cara no colchão. Meu corpo inteiro dói, mas um pouco de alívio percorre meus músculos quando eles começam a relaxar.

Por um segundo, penso em tirar a roupa e ficar embaixo do edredom, mas meus olhos estão tão pesados. *Tão cansado.*

Vou fechá-los por um segundo...

Não sei ao certo o que me acorda. Um momento estou profundamente adormecido, no outro todo meu corpo treme, como se estivesse caindo em queda livre. Meus olhos se abrem enquanto eu inspiro bruscamente, o ar doce enchendo meus pulmões. Meu coração está batendo forte no peito, e eu posso sentir sua batida constante tocando nos meus ouvidos.

Sonho, é apenas um sonho.

Virando de costas, passo a mão pelo cabelo, tentando equilibrar minha respiração ainda pesada. Pego meu telefone para ver que horas são quando o movimento no fundo da minha cama chama minha atenção. Sentando reto, acendo a luz. Isso me cega temporariamente, mas depois de piscar algumas vezes, finalmente consigo ver claramente.

A pouca calma que recuperei desce pelo ralo quando vejo a pessoa parada no meu quarto.

Eu pulo da minha cama e vou até ela, mas quando a vejo tremendo, diminuo meus movimentos para não assustá-la. — Brook, está tudo bem?

Seu cabelo está uma bagunça por dormir, suas roupas amassadas. Todo o seu corpo está tremendo quase violentamente, mas não foi isso que me abalou profundamente.

Não. São as lágrimas. Grandes e feias lágrimas que escorrem por suas bochechas são o que me deixa de joelhos.

E então ela abre a boca e suas palavras são tão vazias quanto os olhos, colados a um ponto na parede.

— E-ele está lá. Quando fecho meus olhos, posso vê-lo. — Sua garganta palpita enquanto ela engole, e então pisca, fazendo mais lágrimas caírem. — Eu não posso ficar sozinha.

Capítulo Vinte e Nove

BROOK

Meus pés batem no chão enquanto corro, minha respiração agitada tão alta que tenho certeza de que eles também podem ouvi-lo, mas não importa o quanto tente, não consigo controlar. O barulho alto do meu coração está se misturando com todo o barulho, dificultando a audição. Olho por cima do ombro para ver se eles estão me seguindo, o pânico que eu sinto é tão forte e asfixiante.

Tropeço nos meus próprios pés, xingando quando caio no chão. A dor irradia dos meus joelhos arranhados, me fazendo assobiar baixinho. Eles riem em algum lugar atrás de mim, fazendo meu sangue esfriar. Eu preciso sair daqui. Pulo de pé com pressa e, de vez em quando, olho para trás para ver se eles finalmente me alcançaram.

Eles terminaram, uma pequena voz sussurra no meu ouvido, mas eu balanço minha cabeça, me recusando a aceitá-lo.

De pé, começo a correr novamente, mas não chego longe. Eu bato em alguém, o nó na garganta ficando grande e fechando a respiração. Um som estrangulado sai da minha boca enquanto eu levanto meus olhos, meu corpo inteiro tremendo violentamente.

Não. Não pode ser.

Mas é; eu sei que é. Tento dar um passo para trás, mas suas mãos caem sobre meus ombros, colando-me no meu lugar e me impedindo de me mover.

— Você pensou que poderia fugir de mim, garotinha?

Aqueles olhos vidrados encontram os meus, e todo o meu corpo fica entorpecido quando vejo aquele *brilho neles. Eu já vi isso muitas vezes, eu sei o que está por vir.*

Lágrimas queimam meus olhos enquanto tento lutar contra isso. Lutar com ele. *Mas ele é forte. Muito forte. Ele sempre é.*

— Não há como escapar de mim. — Seu sorriso cresce mais amplo quando ele me empurra de volta. Sinto algo atrás dos joelhos e, antes que perceba, estou caindo. Minhas costas batem em algo duro - um colchão - e todo o meu corpo salta do impacto.

Eu olho em volta. Sala escura. Lençóis de Minnie Mouse. Coelho branco deixado esquecido na beira do colchão. Sr. Loopy.

Não, isso não pode estar acontecendo.

Um gemido assustado interrompe meus lábios. Ele ri, um joelho encontrando o colchão, forçando minhas coxas a se abrirem mais quando ele se instala entre as minhas pernas. Minhas pernas magras, cobertas com pijama cor de rosa gasto.

Eu tento me afastar, negando com a cabeça.

Não não não não…

Mas ele não escuta; ele nunca escuta. Eu tiro o Sr. Loopy da cama na minha pressa para me afastar dele, e quando estou prestes a cair também, sua mão envolve meu tornozelo, me puxando para mais perto.

Seu grande corpo cai sobre o meu, me esmagando no colchão. Ele é tão pesado que não há como eu me mover com seu peso me esmagando. Seu hálito quente faz cócegas na minha pele, deixando meu cabelo arrepiado, enquanto meu estômago revira desconfortavelmente. Sinto o cheiro de álcool e cigarros no hálito manchado dele e sei que vou vomitar. Eu sempre faço.

Isso não é real. Isso não pode ser real.

Bile sobe na minha garganta quando seu rosto se aproxima do meu. Eu tento desviar minha cabeça, mas ele não me deixa. Seus lábios carnudos tocam os meus, e as lágrimas queimando meus olhos caem quando o afasto.

Faça parar.

Consigo me virar para o meu lado antes de começar a vomitar na beira da cama. Quando esvazio o pouco que há no estômago, esfrego as costas da mão sobre a boca, fechando os olhos com força. Eu posso sentir sua raiva irradiar atrás de mim, mas mesmo isso não impede sua obsessão louca. O desejo *dele. Eu sei porque posso senti-lo pressionado contra o meu traseiro. Uma nova onda de náusea toma conta de mim, juntamente com o desamparo.*

Deixe-me ir… Por favor, deixe-me ir.

Sua mão envolve meu cabelo, puxando minha cabeça para trás, seus lábios pressionando contra minha orelha.

— O que eu te disse sobre isso? — Ele puxa com mais força, trazendo mais lágrimas aos meus olhos e fazendo minha cabeça palpitar de dor. — Você vai pagar por isso.

Meu coração acelera com a promessa inconfundível em sua voz furiosa. Ele está sussurrando no meu ouvido, e eu aprendi há muito tempo que é quando ele é o mais perigoso. Imperdoável.

Sua mão vai entre as minhas pernas, rasgando meu pijama e empurrando-o para longe.

A realização do que ele está prestes a fazer é instantânea.

Não, *eu imploro.* Por favor, não… por favor… pare!

Meu corpo inteiro acorda, minha mão voa para cobrir minha boca para que eu possa segurar o grito. Sento-me ereta, rastejando todo o caminho de volta até minhas costas pressionarem contra a madeira fria da cabeceira da cama. Acendendo a luz, olho freneticamente pela sala.

Casa dos Sanders.

Você está bem. Você está segura.

Mas não importa quantas vezes eu cante essas palavras, o medo não desaparece. Posso sentir a umidade no meu rosto e sei que estou chorando. Eu tenho chorado esse tempo todo. Puxando minhas pernas para o meu peito, envolvo meus braços em volta delas para impedir meu corpo de tremer.

Não me lembro da última vez que as memórias *dele* me atingiram tanto. Quando os pesadelos eram tão severos, eu acordava chorando e gritando. Não faço isso em anos. Mas depois da noite passada... passo uma das minhas mãos trêmulas pelos cabelos, tentando encontrar um pouco de compostura. Mas não existe. Mesmo com os olhos abertos, o pesadelo ainda me assombra. E hoje, não há consolo na luz.

Sem esperança.

Olho para a porta fechada, mordiscando meu lábio inferior. Parece que a sala está se fechando em mim, tanto que é difícil respirar.

Tropeçando na cama, puxo a gola da minha camisa.

Eu tenho que sair daqui.

Mas quando abro a porta e olho para o corredor escuro, ela me bate. É o meio da noite e estou em uma casa desconhecida. Não há para onde ir. Jeanette está dormindo, e não é como se eu pudesse falar com ela sobre nada disso. Ela não sabe sobre o meu passado, e não vou puxá-la para a bagunça que é a minha vida.

Estarei no meu quarto, se você precisar de mim.

Eu posso ouvir sua voz rouca, como um sussurro no meu ouvido. Uma sensação de calma embota o pânico transbordante que ainda corre pelo meu sangue.

Olhando pelo corredor até onde fica o quarto dele, sei que há um desastre por todo o lado. Eu sei que provavelmente me arrependerei quando o sol nascer, mas agora não posso ficar sozinha. Consigo sentir *a* presença *dele* na sala e sei que não há como conseguir adormecer. Com medo de que, se eu fechar meus olhos, ele voltará nos meus pesadelos para me assombrar. Com muito medo de que desta vez não encontrarei a saída e ficarei presa revivendo minha escuridão repetidas vezes.

Um calafrio percorre meu corpo. Engolindo em seco, dou um passo à frente e depois outro até ficar na frente da porta de Max.

Meus dedos tocam a madeira fria enquanto peso minhas opções. Mas sério, existe mesmo uma opção? Minha palma está para baixo, os dedos se curvando em torno da maçaneta e abro a porta apenas o suficiente para entrar.

O quarto está escuro, mas posso ver a estrutura de Max dormindo na cama. Aproximando-me, eu o vejo deitado de bruços, com a mão enfiada debaixo do travesseiro, cabelos despenteados, linhas do rosto macias. Eu fico lá e olho para ele, com ciúmes de como parece pacífico.

Será que algum dia vou encontrar esse tipo de paz?

Minha mão se estende para a frente, permanecendo acima dele.

E agora, Brook? Eu fecho meus olhos, minha mão esfregando meu rosto. *Você só vai ficar aqui como um monstro? Apreciando...*

Eu amaldiçoo baixinho, mas é tarde demais. Os flashbacks estão de volta. As lembranças que afastei apenas alguns segundos atrás voltam à superfície.

Eu posso sentir alguém parado em cima de mim. Tento fingir que estou dormindo, embora saiba que é inútil. Ele sabe que estou acordada. Fico quieta, meu coração batendo forte contra o peito, a ponto de achar que ele também pode ouvir. Ele se aproxima, sua sombra caindo sobre mim. Sua mão agarra meu ombro, fazendo meu corpo inteiro estremecer quando ele me puxa em sua direção.

— Brook. — Max diz, sentando-se suavemente. — Está tudo bem?

Sua voz é suave, mas eu estou presa no meio do passado e do presente sem saber como sair. Eu olho para ele, mas não o vejo através do meu olhar nebuloso.

Abro a boca, mas nenhuma palavra sai. Com os olhos colados sobre o ombro, molho meus lábios e tento novamente.

— E-ele está lá. Quando fecho os olhos, posso vê-lo. — Pisco e sinto uma lágrima deslizar para baixo. — Eu não posso ficar sozinha.

Quando eu comecei a chorar de novo? Escovo a lágrima, mas mais a seguem. *Talvez eu nunca parei.*

A cama range quando Max se levanta, uma expressão confusa entre as sobrancelhas. — Quem está lá?

Um grito estrangulado sai dos meus pulmões quando balanço a cabeça negativamente. Não há como dizer o nome dele em voz alta. Ele é como um segredo profundo, sombrio e sujo que enterrei eras atrás. Não posso dizer o nome dele, porque, se o fizer, não haverá como voltar atrás. Seria como abrir a caixa de Pandora. E não estou pronta para enfrentar isso. Enfrentá-lo e todas as lembranças feias e dolorosas

associadas a ele. Eu não sou tão forte, e não tenho certeza de que alguma vez serei.

Max se aproxima lentamente, como se estivesse se aproximando de um animal ferido. Eu pisco algumas vezes, limpando minha visão. Suas mãos estão fechadas em punhos ao seu lado, posso ver inquietação em seus olhos.

Que diabos estou fazendo? Por que estou aqui? Max não precisa de merdas como essa em sua vida. Ele não precisa que eu o contamine.

— I-isso foi uma má ideia. — Eu gaguejo, enxugando minhas lágrimas. — Eu devo ir.

Me viro, mas não chego longe, porque suas mãos estão em mim, me puxando de volta para ele. Minhas costas para o peito, seus braços grandes me envolvem, e pela primeira vez no que parece uma eternidade, meu corpo respira aliviado. Isso é tudo o que preciso. Apenas um toque dele e sou uma bagunça derretida.

— Não vá. — Max sussurra no meu ouvido, seu hálito quente tocando meu lóbulo da orelha. Meus nervos reagem à sua proximidade, formigamentos quentes e macios se espalhando pelo meu corpo. Eu me inclino em seu toque, minhas mãos se curvando sobre as dele e segurando minha querida vida.

Devo ir; sei que deveria. Não tenho negócios aqui, mas não importa quantas vezes diga a mim mesma, meu corpo não escuta. Eu o desejo. Anseio por seu toque. Porque quando estou nos braços dele, parece que todo o mal vai embora. Parece *seguro*. O mundo inteiro fica entorpecido, e somos apenas ele e eu e nada de ruim pode me tocar.

— Não chore, foguete. — Seu aperto em mim aumenta, e eu posso sentir seus lábios pressionando contra o lado da minha cabeça. — Suas lágrimas estão me matando.

— Eu nem sei por que estou chorando. — Fungo alto. Girando em seus braços, pressiono meu rosto em seu peito.

O que diabos está errado comigo? Eu sou mais forte que isso. Vivi o inferno e sobrevivi. Só que agora, o diabo parece estar de volta e ele não está me deixando em paz.

— Shhh... — Eu não pensei que fosse possível, mas ele está me segurando ainda mais apertado, sua mão acariciando minhas costas com ternura. — Não há nada de errado com você.

Nem percebi que disse isso em voz alta, mas aparentemente eu fiz.

— É demais. Eu pensei que era mais forte que isso. Eu pensei que tinha tudo sob controle. — Minha voz quebra.

— O que aconteceu foi fodido, Brook. — Ele se afasta apenas o suficiente para que possa ver meu rosto. Uma palma áspera embala minha bochecha quando sua testa toca a minha. — Não há problema em não ser forte. Não há problema em quebrar e deixar que outras pessoas se apeguem a você por um tempo.

Balanço a cabeça. Aprendi desde o início que a única pessoa em quem você pode confiar é você mesmo. Eu não sei como deixar ir. Como confiar em alguém tão profundamente para que eles saibam meus segredos mais sombrios? E mesmo se eu soubesse, não gostaria. Não gostaria de maculá-los da maneira que esses segredos me maculam.

— Vamos. — Max se afasta e, assim que nosso contato rompe, sinto falta do seu toque. Mas então ele dá esses poucos passos e sobe de volta em sua cama, e uma vez que ele se acomoda, dá um tapinha em seu colo, me convidando para me juntar a ele.

Engolindo o nó na garganta, faço o que ele pede. Montando suas coxas grossas, me acomodo em seu colo. Max pega minhas mãos nas dele. Ele olha para elas, seu dedo traçando as linhas finas nas minhas

mãos. Há intensidade e concentração tão profundas em seu olhar, como se ele pensasse que encontrará as respostas para todos os meus segredos se se concentrar o suficiente. Finalmente, entrelaça nossos dedos entre nós, seus lábios roçando nas costas da minha mão.

— Eu sou forte o suficiente para carregar sua escuridão, Brook. — Ele sussurra, sua respiração fazendo cócegas na minha pele. — Deixe-me.

Eu fecho meus olhos. Estou realmente pensando em deixá-lo entrar? Na verdade, pensando em contar a ele? Eu só tentei confiar em alguém sobre o que aconteceu uma vez, e saiu pela culatra tremendamente. No entanto... quando ele me olha assim - com paciência e carinho escritos em todo o rosto - quero dizer a ele. Eu quero acreditar nele.

Durante anos, eu tenho guardado isso para mim. Durante anos, tentei afastar as memórias, escondê-las tão profundamente que nem eu seria capaz de acessá-las. E o que me fez de bom, porque, quer eu quisesse ou não, elas voltariam. E como um tornado, elas voltaram com força e rapidez, destruindo tudo em seu rastro, me deixando vazia e quebrada.

— Jo-Josephine... — Engulo, tentando controlar minha respiração. Eu realmente vou fazer isso? Realmente vai contar a ele de todas as pessoas? Minha língua dispara, molhando meus lábios secos. — Ela conheceu esse cara quando eu tinha oito anos. Ele não foi o primeiro dos encontros dela que trouxe para casa, nem foi o último, mas por algum motivo, ele me dava arrepios desde o primeiro momento em que o vi.

Lágrimas nublam meu olhar quando me lembro. Meu coração dói pela garotinha que eu era, a garotinha traída pelas pessoas mais próximas a ela.

— Era o jeito que ele olhava para mim. Toda vez que ele me via, seu olhar conhecedor me levava da cabeça aos pés. E toda vez, eu sentia esses espinhos desconfortáveis atravessando meu corpo, como formigas rastejando por toda a minha pele. Na época eu não entendi; apenas sabia que estava desconfortável sempre que ele estava por perto, mas agora eu sei o que ele estava fazendo. Estava me despindo com os olhos. Avaliando meu corpo como se soubesse o que estava escondido por baixo e o que faria comigo depois que tivesse sua chance.

Meu corpo inteiro estremece de nojo. Mesmo anos depois e a quilômetros de distância, ele ainda tinha esse efeito em mim. Desgostosa comigo e com ele, a humilhação que nunca desaparece se acumula no meu estômago, e posso sentir a bile subir na minha garganta.

— Brook…

Eu posso ouvir em sua voz, pena, e isso faz minha garganta fechar, mas o paro com um movimento da minha cabeça. Desvio o olhar, incapaz de encará-lo, não querendo ver o olhar em seus olhos quando ele descobrir. — Infelizmente para mim, ele não era um dos caras que estava passando por nossa casa. Não, ele esteve lá por um longo tempo. Eles usaram esse recurso por alguns anos, e toda vez que estavam no modo 'ligado' e ele estava por perto, eu tentava ficar fora do caminho deles o máximo que podia. Até uma noite, Josephine teve que ficar até tarde no trabalho e ela disse para ele esperar em nossa casa. Ela nunca fez isso. Não tínhamos muito, mas ela tinha alguns esconderijos de drogas e álcool em casa e, como não era de compartilhar com facilidade, não gostava de pessoas quando não estava lá.

— O que aconteceu? — Max pergunta. Sua voz é baixa, seu corpo rígido debaixo do meu.

— Ele não estava interessado em seu estoque… — Eu rio suavemente com o absurdo disso. Minha mãe estava sempre

preocupada em manter seus vícios em segurança, nunca pensando em sua filha que ela estava deixando com estranhos. — O quarto estava escuro. Eu deveria estar dormindo, mas sabia que ele estava lá fora, então não podia. Só que em algum momento devo ter cochilado, porque a próxima coisa que soube foi que minha porta se abriu e acordei.

— Brook... — Max tenta novamente, mas agora estou longe demais para parar.

— Eu não sei há quanto tempo ele estava lá; pareceu uma eternidade. Esperei que fosse embora depois de um tempo, mas, em vez disso, ele entrou. Cada passo que dava era como um estrondo alto em minha mente. Meu coração estava batendo tão forte que eu tinha certeza de que ele podia ouvir, mas eu continuava fingindo estar dormindo. Naquela primeira noite, ele apenas me observou, e na próxima vez novamente, e novamente, até que uma noite assistir não foi suficiente e ele ficou deitado ao meu lado. Isso durou semanas. Toda vez antes de ele ir, se aproximava, escovava meu cabelo, pressionava seus lábios contra minha têmpora e sussurrava em meu ouvido. *Este é o nosso pequeno segredo, Brookie. Você não quer irritar sua mãe dizendo a ela. Eu me pergunto o que ela faria se descobrisse.* Ele sabia que eu estava acordada e estava brincando comigo. — Engulo a dor e a bílis na garganta, empurrando as palavras condenatórias. — Até que ele não estivesse.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, mas não a enxugo.

— Eu nem tenho certeza de quanto tempo demorou. Às vezes, ele não aparecia por semanas e, às vezes, ficávamos sozinhos alguns dias por semana. Toda vez ele fazia o mesmo, e toda vez que finalmente me deixava em paz, me sentia suja e assustada, então empurrava essas lembranças em uma caixa, me fazendo esquecer. Mas *naquela* noite as coisas foram diferentes. Ele e minha mãe brigaram e ela saiu e quando ele veio ao meu quarto, foi esmagado. Ele fez sua coisa assustadora, e quando chegou na minha cama...

Um soluço sai da minha garganta tão alto que me surpreende. Eu estava tão presa nas lembranças sombrias que nem percebi. Lágrimas rolavam pelas minhas bochechas, meus dedos segurando Max com tanta força que meus nós dos dedos ficaram brancos.

— Ainda sinto seus dedos carnudos tentando me apalpar. A maneira como sua respiração quente e manchada de álcool fez meu estômago revirar quando se inclinou para me beijar. Eu tentei lutar com ele; realmente tentei. — Fecho os olhos para impedir que as lágrimas ardentes caiam, mas ele está lá. — Ele nunca foi tão longe, e uma parte de mim estava tentando argumentar com isso. Ele não estava fazendo nada de ruim, não estava me tocando... Mas, ele estava me tocando e eu não queria. Pedi para ele parar. Implorei para ele parar. Supliquei para me deixar ir. Mas não ouviu. Ele nunca ouviu.

Inclino-me para a frente, enterrando minha cabeça no peito de Max. Suas mãos me envolvem, me puxando para mais perto de seu corpo firme. Eu seguro a camisa dele como se estivesse segurando uma vida querida, meus dedos agarrando o material macio enquanto choro todas as lágrimas que eu deveria ter chorado há muito tempo.

Lágrimas de traição. Lágrimas de raiva. Lágrimas de solidão. Lágrimas que eu deveria ter chorado por aquela garotinha cuja inocência foi tirada dela.

— Shhh... eu tenho você, Brook. — Max sussurra, sua voz cheia de emoção enquanto ele balança nossos corpos. — Eu peguei você e está segura agora. Não vou deixar ninguém te tocar.

Sua mão que acaricia minhas costas suavemente só me faz chorar mais. E ele me deixa. O aperto de Max não afrouxa por um segundo enquanto me deixa chorar até que não haja mais lágrimas dentro de mim. Até todo o meu corpo ser drenado e meus sentimentos estarem abertos. Nenhuma vez reclamando. Nenhuma vez julgando.

Pela primeira vez em anos, minha história é divulgada e parece que alguém acredita em mim.

Capítulo Trinta

MAX

O corpo de Brook treme nos meus braços, e a única coisa que posso fazer é segurá-la com mais força. Minha garganta está seca e, não importa quantas vezes eu tente abrir a boca, nenhuma palavra sai. Há alguma palavra a dizer? *Ele a usou. Ele a envergonhou. Ele a ameaçou. Ele es...* Balanço a cabeça para empurrar tudo para trás, porque sei que se não o fizer, vou pular daqui para encontrá-lo e quando o fizer, ele será um homem morto. Não importa que eu não saiba quem ou onde ele está.

Ela soluça suavemente, me libertando da minha névoa induzida pela raiva. Meu corpo está tenso e tento relaxar. Brook ainda está em cima de mim, e não quero que ela pense que de alguma forma é culpa dela. Que o que ela acabou de me dizer me faz olha-la de maneira diferente, porque com certeza não. Ela ainda é a mesma garota sem sentido que eu conheci em agosto. Ainda é a garota forte e ferozmente leal que sempre foi, mesmo que ela mesma não veja.

Então cerro os dentes e empurro todos os meus sentimentos para longe. Isso é sobre Brook, e ela não precisa que eu a assuste agora. Precisa de mim para segurá-la e tirar toda a dor. *Você prometeu a ela isso. Você prometeu que é forte o suficiente para lidar com a escuridão dela...* Mas nunca em meus sonhos mais loucos eu achei que seria isso o que encontraria quando abrisse todas as camadas que fazem de Brook Taylor a mulher que ela é.

Não sei por quanto tempo ficamos assim e, para ser sincero, nem sei quem está segurando quem, porque nós dois nos agarramos um ao

outro como se fôssemos ser varridos pela escuridão se deixarmos ir. Então, nos agarramos como se nossas vidas dependessem disso e, com o tempo, seu corpo começa a se acalmar. Os tremores passam, e sua respiração lentamente volta ao normal, um soluço ocasional quebrando o silêncio.

Nem por um segundo eu paro de confortá-la. Minha mão desliza para cima e para baixo nas costas dela de forma tranquilizadora.

— O que aconteceu? — Eu falo, minha voz rouca de todos os sentimentos reprimidos. — Depois de…

O corpo de Brook fica tenso por um segundo, e quando penso que a perdi de novo, posso senti-la relaxar contra mim. Ainda assim, não posso deixar de acrescentar: — Você não precisa me dizer se não quiser.

— Eu só… — Ela suspira, virando a cabeça para o lado. — Tentei contar a Josephine. Depois… Mas ela não acreditou em mim. Assim que ele saiu, corri para o banheiro para lavar tudo. As lágrimas. O vômito. O sangue. *Ele.* Eu tive que lavar tudo, porque meu corpo estava queimando de vergonha. Me senti tão feia e pequena. Então, quando ela chegou em casa, eu estava toda limpa e ela me acusou de inventar coisas para chamar sua atenção.

Meu coração aperta tanto que estou surpreso por não estourar. Meu corpo inteiro dói por ela. Pelo que aconteceu e todas as coisas de merda com as quais teve que lidar, antes e depois. Como isso é justo? Como é justo que algo assim aconteça com uma garotinha e não haja ninguém para se importar?

Brook ri sem humor. — Como se quisesse a atenção dela. Até então, já sabia que não podia confiar nela, e se quisesse sobreviver, teria que fazer isso sozinha. Mas eu precisava dela, caramba. — Seu punho cerrado se conecta com seus lábios, olhos verdes assombrados encontrando os meus. — Eu precisava de alguém para acreditar em mim. Alguém para me *salvar*. Porque não importa o quão forte,

resiliente ou engenhoso você seja, existem algumas coisas por aí mais fortes que você. E não importa o quanto você tente, no final do dia, quando toda a armadura cai, você é apenas humano. Uma criança.

Há uma picada familiar nos meus olhos. Eu os fecho quando uma das minhas mãos emaranha seus cabelos e puxa sua cabeça para o meu peito. — Sinto muito, querida. Eu sinto muito.

Não posso dizer o suficiente e, embora saiba que nunca compensará o que aconteceu com ela, pela traição de sua mãe, repito as palavras várias vezes. Um sussurro silencioso em seu ouvido, enquanto minha mão a acalma.

— Ela nos encontrou na cama, eventualmente. Estava tão chateada, mas não porque ele estava me estuprando, é claro que não. Ela pensou que eu pedi. *Pedir.* Você sabe como é isso, Max? Minha própria mãe me encontrou na cama, coberta de suor, lágrimas e vomito com um homem três vezes mais velho que eu, um homem que era seu namorado, e achou que eu tinha pedido.

— Brook...

— Pelo menos ela o expulsou depois disso. A única coisa boa que fez por mim foi tirar esse monstro da minha vida.

Balanço a cabeça. Eu nunca quis levantar minha mão para uma mulher na minha vida, não até agora. Se algum dia eu conhecer a mãe de Brook... não que ela possa ser chamada assim. É um insulto a toda mulher que ama e cuida de seu filho, algo que Josephine Taylor nunca fez por sua filha.

— Por que você ainda mora com ela? — Não posso deixar de perguntar.

— Você está brincando comigo? — Brook empurra meu peito para olhar para mim. Seus olhos estão grandes e inchados, lágrimas

manchando suas bochechas, mas há um fogo em seus olhos que estava faltando antes. O fogo que eu acolho de todo o coração. — Para onde eu iria? Josephine é uma desculpa de merda para um ser humano, mas pelo menos eu tenho um teto sobre minha cabeça. Pensei em sair, fugir para algum lugar onde ninguém me encontraria e começar do zero. Apagar Brook Taylor desta terra e começar de novo, mas e se eles me encontrarem e me trouxerem de volta? Ou pior ainda, me colocar no sistema? E se eu, por algum milagre, conseguir fugir, mas acabar nas ruas? Eu senti a feiura do mundo em minha pele; a esculpi em minha carne, mas não sou boba o suficiente para acreditar que cheguei ao fundo do poço. Há coisas muito piores que podem acontecer com uma garota por aí, e não vou arriscar. — Sua cabeça cai para trás enquanto ela respira, os dedos segurando meus ombros com força. — Não há garantias. Racionalmente, eu sei disso, mas... se algo acontecesse de novo.... Como está, estou quebrada em muitos pedaços, esgotada além do reparo. Estou me segurando por um fio e, se algo acontecer novamente, não poderei sobreviver.

— Não diga isso. — Olho nos olhos quebrados dela, recusando-me a acreditar em suas palavras. Minha testa pressiona a dela. — Não ouse dizer isso, Brook. Eles te machucaram, mas você não está quebrada. Eu te chamo de foguete por um motivo, e não é só por causa de sua atitude agressiva. Há um fogo queimando dentro de você, mais quente e mais forte que a própria vida. Não se curvará e será extinto.

— Eu não sou a pessoa que você acredita que sou, Max.

Ela tenta balançar a cabeça e desviar o olhar, mas eu seguro suas bochechas e a forço a olhar para mim, para que não haja dúvida sobre o que penso. — Não, você é muito mais do que isso. O que aconteceu com você foi terrível, mas não deixe que isso te defina. Isso a transformou na pessoa que é, mas não deixe que isso seja seu. Eles te traíram e usaram, mas não está contaminada.

— Você não entende... — Ela tenta novamente, mas eu posso ver suas defesas enfraquecendo.

— Você não está contaminada, Brook. É uma sobrevivente, uma guerreira, e não deixe ninguém tirar isso de você.

Sua garganta palpita enquanto ela engole, lágrimas escorrendo pelo rosto. Afastando-as, pressiono meus lábios contra sua testa. — Você é digna, Brook. Digna de um novo começo. Digna de tudo de bom que aparecer no seu caminho. Digna de família e amigos. Digna de amor.

Ela respira fundo, se afastando. Aqueles olhos parecidos com pedras preciosas se concentram no meu rosto, arregalados e assustados, mas há algo mais escondido dentro, uma luz que não estava lá antes. *Esperança.* Meu coração palpita - na verdade *agita* - no meu peito, a dor que tenho sentido lentamente derretendo. Escovando uma mecha de cabelo do rosto, deixo a sensação crescer dentro de mim enquanto encaro a garota que passou pelo inferno e voltou. Uma garota que pensa tão pouco de si mesma, enquanto todo mundo pensa tão bem dela. Enquanto *eu* penso muito bem dela. E não só isso...

Quando um sorriso, suave e pequeno, curva seus lábios, percebo outra coisa. Algo que não queria pensar antes. Por ela, eu faria qualquer coisa. Até viajar para o inferno e voltar. Porque por mais louco que pareça, acho que estou me apaixonando por ela.

Estou apaixonado por Brook Taylor.

Capítulo Trinta e Um

BROOK

Lentamente, sinto meu corpo acordar quando a consciência rompe a nuvem do meu cérebro sombrio e sem sonhos. Uma coisa rara, mas sempre bem-vinda.

Cada músculo do meu corpo dói quando eu estico meus membros, apenas para esbarrar em algo. *Alguém.*

Meus olhos se abrem, o pânico transborda meu corpo, apenas para se estabelecer no rosto adormecido de Max. A ansiedade instantânea que eu estava sentindo desaparece quando as lembranças da noite passada vêm à frente e ao centro. Meu corpo inteiro estremece, mas não deixo meus olhos se fecharem. Não, em vez disso, concentro-me no agora e no homem deitado ao meu lado.

Mesmo dormindo, há uma carranca entre as sobrancelhas, e não posso deixar de me perguntar se sou a responsável por colocá-la lá. Ontem trouxe muitas lembranças feias para mim, mas sei que isso também perturbou muito o Max. Apesar de todas as suas travessuras de bad boy, ele não está acostumado a um mundo em que garotas são agredidas em becos nas ruas. Ele estava se sentindo impotente, algo com o qual estou muito familiarizada, mas ele não foi embora, nem por um segundo. Minha mão coça para suavizar as linhas de seu rosto, mas me seguro, não querendo acordá-lo.

Eu ainda não conseguia entender o fato de ter contado a ele. Disse-lhe o que aconteceu comigo, e ele acreditou em mim. Por todos esses anos, estava segurando isso porque não queria arriscar que as pessoas

não acreditassem em mim. Eu não queria que eles me culpassem pelo que aconteceu, supondo que pedi. Mas havia também essa outra parte de mim, uma parte egoísta, que não queria que as pessoas me olhassem de maneira diferente. Olhassem para mim como se fosse algo danificado, quebrado além do reparo e contaminado por causa da crueldade que experimentei. Mas Max não me olhou de maneira diferente. Ele podia ver força e beleza, mesmo nos lugares que eu não podia. Por todas as palavras e insistindo que sou a mesma, sempre soube, no fundo, que não era. O que aconteceu me mudou, me marcou e essas mudanças não são apenas superficiais; estão até os ossos. Não há como mudar isso. Eu podia aceitar e seguir em frente ou ficar obcecada com isso, procurando por uma menininha que não estava mais lá.

— O que você está pensando? — Max fala. Sua mão me alcança, me assustando por um segundo enquanto empurra uma mecha de cabelo bagunçado para fora do meu rosto.

— Só pensando. — Dou de ombros.

Sua mão cai no colchão entre nós, e eu não posso deixar de alcançá-lo. Com a ponta do dedo, traço as linhas finas na palma da mão.

— Obrigada por tudo ontem à noite...

— Você não tem nada para me agradecer, Brook. — O jeito que ele olha para mim é tão intenso que tenho que desviar o olhar. Eu posso sentir minhas bochechas corarem sob seus olhos vigilantes. — Estou falando sério. Estou ao seu lado se precisar de alguém para ouvir.

Eu sabia que ele estava falando sério, mas não ajudou a aliviar o aperto no meu peito. Contei a Max Sanders meus segredos mais profundos e sombrios, e ele não se assustou. Não, ele me puxou para mais perto e não soltou. Me abraçou e me deixou chorar até dormir em seus braços.

Agora não sei o que fazer, como agir. Max conhece segredos que nem Lia, minha melhor amiga, conhece e tudo parece diferente.

Sua mão aperta a minha, me trazendo de volta ao agora.

— Não pense demais. Nada mudou; ainda somos as mesmas pessoas que éramos.

Oh, como ele está errado. Tudo mudou. *Tudo.* Nós nunca seremos quem costumávamos ser. Mas o mais importante, nunca serei a garota que eu era. A noite passada trouxe de volta muito ruim, mas a abertura para Max me ajudou a curar. Mesmo que seja só um pouquinho. Algo que eu não tinha pensado ser possível.

— Tudo mudou. — O peso que eu estava carregando nos meus ombros não parece tão pesado quanto era antes. E quando respiro, não há pressão. Nunca imaginei que contaria para uma pessoa e ela acreditasse que eu poderia fazer a diferença, mas aconteceu. Ou talvez não seja apenas *uma* pessoa. Talvez seja o próprio Max. Porque ele é o único que pode tirar tudo isso. Um olhar de seus olhos prateados e estou perdida nele. Um toque faz toda a escuridão desaparecer. — E pela primeira vez, eu não quero apenas existir, seguir os movimentos. Eu quero *viver*. Quero ter tudo, e parece que posso fazer isso.

Meus lábios se curvam, e parece quase estranho, mas não é nada como o sorriso cheio de expressão que se espalha no rosto de Max. É tão grande e brilhante que faz meu coração doer com a necessidade de tocá-lo. Talvez, se o fizer, serei capaz de tirar parte da luz dele.

— Você pensa que não, mas já está vivendo. Vamos. — Ele sai da cama às pressas e, ao fazê-lo, sua camisa se levanta um pouco, revelando um pedaço do estômago. Toda a pele bronzeada - quem é bronzeado no meio de dezembro, afinal? - e vales profundos. Minha boca fica seca quando meus olhos se concentram em sua parte inferior do estômago, mas está coberta novamente antes que eu possa piscar.

Max ri enquanto me oferece sua mão. — Olhos aqui em cima, Taylor, ou eu acho que você está ficando suave comigo.

Eu posso sentir o calor subir nas minhas bochechas, mas levanto meu olhar para ele de qualquer maneira, tentando parecer calma. — Eu não sei do que você está falando.

— Claro que não. — Seu rosto é reto, mas eu posso ver a luz brilhar naquelas profundezas da tempestade.

— Onde você está me levando, afinal? — Sento-me na cama, olhando em volta. Quando vejo seu telefone descartado na mesa de cabeceira, verifico a hora. — Já são onze?

Não acredito que praticamente dormimos até o meio dia. Não é algo em que eu me envolvo com frequência. Meus dias são muito curtos, mas ainda não estou pronta para voltar à minha vida.

Max se aproxima e tira o telefone da minha mão, nem mesmo poupando um olhar antes de jogá-lo em algum lugar entre os cobertores empilhados no fundo da cama. — Tire sua bunda da cama e você vai descobrir. — Ele me joga uma piscadela antes de se virar e começar a procurar em seu armário.

Eu olho para as costas dele, nervosismo e antecipação se misturando. Não, definitivamente não estou pronta para ir para casa ainda e sinto esse sentimento desaparecer.

MAX

— O que é tudo isso? — Se não me engano, há admiração em sua voz enquanto ela faz um círculo completo, observando o porão.

— Este é o meu espaço.

— Eu pensei que a pista de gelo era o seu espaço.

— É. — Eu dou de ombros. — Mas para poder fazer todas essas coisas no gelo, primeiro preciso fazer muito condicionamento na academia. Correr, pesos...

Brook finalmente para de girar para olhar para mim no momento em que levanto minha perna sobre as cordas e entro no ringue.

— Boxe? — Ela pergunta, olhando para o lugar que ocupa uma parte maior do espaço do porão no meu ginásio em casa.

— Isso ajuda com resistência. — Eu rio desconfortavelmente com seu olhar aguçado e sobrancelhas levantadas. — E é o meu prazer culpado.

Eu raramente falo sobre boxe com alguém, e essa academia é para mim. E, bem, Jeanette. Não é como se pudesse expulsá-la. Tive algumas aulas de boxe quando era mais jovem, mas nos últimos dois anos, eu principalmente me treino e ocasionalmente brinco com Anette. Ela também queria ir à aula, mas nossos pais não a deixaram. Mas isso não a deteve. Um olhar suplicante para mim e eu a puxei para o ringue, mostrando-lhe alguns movimentos. Em minha defesa, realmente acho que as meninas deveriam se defender. Especialmente se essa garota é minha irmã. Acontece que ela não é tão ruim nisso.

Brook ri baixinho, balançando a cabeça. — Talvez haja mais bad boy em você do que aparenta.

Com segurança dentro das cordas, olho para ela. — Quando você coloca assim...

— O que estamos fazendo aqui, Max?

Estendo minha mão e, quando ela não a pega instantaneamente, balanço meus dedos. — Estamos trazendo você aqui para que possa chutar minha bunda.

Há um ar nervoso em torno de Brook. Ela morde o lábio inferior enquanto olha para o ringue.

— Não tenho certeza se posso fazê-lo.

Eu posso sentir seu medo e incerteza, mas não vou deixá-la sair disso tão facilmente. — Parece-me que você está resistindo, Taylor. Não te identifiquei como alguém que desiste sem tentar.

Brook levanta o queixo no ar e eu posso ver a teimosia em cada linha do rosto. Empurrando minha mão, ela coloca uma perna na beira da plataforma, pega as cordas e entra. Tirando o pó das mãos nas laterais das pernas, ela levanta o olhar para mim.

Eu sorrio tranquilizadoramente. — Vamos ver com o que estamos trabalhando.

Eu ando em volta dela, avaliando sua posição criticamente. — Se você for a-atacada. — Tropeço na última palavra. Só de pensar nela sendo atacada novamente, meu estômago revira, mas esse é o ponto de tudo isso. Cerrando os dentes, empurro meus sentimentos pessoais de volta. Não posso deixar que a raiva me domine, porque não vai ajudar ninguém, muito menos Brook. Respirando fundo, tento novamente. — Se você for atacada de novo, precisará se defender.

— Eu assisti algumas aulas de autodefesa online. Depois... — Brook sussurra amargamente, olhando para baixo. — Muito bom que me fez.

Paro na frente dela, minhas mãos segurando seus ombros. Espero que ela encontre meus olhos antes de continuar. — Informar-se sempre é bom, mas não há nada como tentar se mover com outra pessoa. De preferência alguém maior e mais forte que você. Deixe-me fazer isso por

você, Brook. Deixe-me ajudá-la. — Eu seguro seu rosto, meu polegar roçando sua bochecha. — Gostaria de poder dizer que sempre estarei lá, mas seria uma mentira. Mas isso... te ensinar a se defender, é o que eu posso fazer.

O silêncio se apodera de nós e, por um tempo, apenas nos encaramos, sem dizer nada. Finalmente, depois do que parece uma eternidade, Brook assente. — Mostre-me.

E eu faço.

— Se houver alguma chance de evitar o confronto com o atacante, faça-o. Manter-se em locais bem iluminados e públicos é sempre melhor, mas não há garantias. Se você vê que não há como evitar o confronto, precisa manter a cabeça fria. Sei que não será fácil, mas se começar a entrar em pânico, todo o conhecimento que tiver desaparecerá. O objetivo é sempre ficar longe do atacante. Desarme-o e vá embora.

— Desarmar, afastar-se. — Brook acena com a cabeça em reconhecimento. — Entendi.

Dou-lhe um sorriso rápido antes de continuar. Bato no pé dela com o meu. — Tente manter os pés alinhados com os ombros. Isso ajudará no seu equilíbrio. — Ela faz o que eu digo, e eu a corrijo um pouco antes de continuar. — A ideia é manter o atacante o mais longe possível de você. Não dê socos sem sentido. Escolha os pontos fracos - rosto, garganta, estomago e virilha. Se você der um soco, jogue como quiser e depois corra.

Parando na frente dela, pego suas mãos nas minhas e cerro os dedos em punhos. — Sempre flexione os dedos dessa maneira. Primeiro os dedos e depois o polegar passa por cima deles, e não o contrário. Você não quer ferir sua mão. Vá para o nariz ou garganta e lembre-se sempre de dar um soco com a mão dominante. — Soltando as mãos dela, vou para o lado e pego um par de luvas. — Vamos lá, tente.

Brook franze a testa, olhando para as mãos cerradas e depois para mim. — Você quer que eu quebre seu nariz? — Ela pergunta cética.

Desta vez, eu rio. — Por mais que eu pense que você gostaria de fazer isso, realmente gostaria que não quebrasse nada hoje.

Coloco as luvas de treino e coloco as mãos na frente do peito. Agachando um pouco, então estamos no mesmo nível, eu digo: — Vamos lá, vamos ver esse gancho desagradável.

Suspirando, ela fica na posição. Eu a deixo dar alguns socos no seu próprio ritmo. Eles são lentos e fracos, na melhor das hipóteses, mas posso ver que o brilho teimoso em seus olhos cresce, a determinação se instala e, como acontece, seus socos se tornam mais fortes. Só então, quando sei que ela está se metendo nisso, começo a corrigi-la.

— Levante as mãos, cotovelos para o lado. Isso lhe dará mais força por trás do soco. — Ela me bate de novo e de novo, desta vez mais forte. — É isso aí, coloque tudo o que você tem nesse soco. — O suor está brilhando na testa, o cabelo de bebê enrolado em seu rosto. Dou um passo à frente, forçando-a a recuar. Isso a deixa desequilibrada por um segundo, mas depois ela volta, seus socos mais fortes, mesmo que um pouco fora. Mas não é nada que um pouco de prática não possa ajudar. Sua respiração cresce quando ela vai para mim, socando as luvas com tudo o que ela tem. — Agora mire mais alto. Você precisa nocautear o filho da puta para que possa fugir. — Com cada palavra, ela se esforça mais, colocando mais força atrás de seus socos, seu rosto uma máscara de determinação. — Vá para o...

No último segundo, coloco a luva na frente do meu rosto, impedindo-a de realmente me dar um soco no nariz.

— Nariz. — Ela diz, inclinando-se para a frente. Suas mãos seguram os joelhos enquanto tenta controlar a respiração. Erguendo a cabeça por um segundo, ela sorri para mim. — Entendi.

— Lembre-me de não irritar você. — Eu rio. — Foguete ficou um pouco mais ousada.

Brook ri também, mas quando nossas risadas morrem, a determinação volta ao seu rosto. — Me mostre mais.

E eu faço. A conduzo através de alguns dos movimentos defensivos clássicos, como golpes de calcanhar e cotovelo, bem como chute na virilha. Eu a deixo experimentá-los comigo, o terceiro com relutância, até que ela esteja confiante de que os domina, e então mostro a ela como fugir se alguém realmente conseguir capturá-la.

Brook domina cada movimento, um por um, e eu a vejo confiar e sorrir com todos os elogios que dou a ela.

— Mais uma vez? — Ela pergunta depois que estamos nisso há mais de uma hora.

Suspirando, eu concordo. — Mais uma, mas depois terminamos por hoje.

Ela vira as costas para mim e eu a agarro por trás. Ela joga a cabeça para trás, passando uma polegada do meu rosto e envolvendo minha perna entre as dela. Brook se abaixa e agarra minha perna, puxando-a quando ela se levanta do agachamento, me fazendo cair de bunda.

A respiração é expulsa dos meus pulmões, e fico colado ao chão, sem mover um músculo. Meu corpo dói com toda a prática, mas não me arrependo por um momento.

O rosto de Brook paira sobre mim, um grande sorriso se espalha em seus lábios, mas desaparece assim que ela se abaixa no chão ao meu lado.

— Obrigada. — Ela diz suavemente.

— Eu já te disse, não há nada para me agradecer. Isso é tudo você.

— Você me deixou dar um soco e jogá-lo como uma boneca de pano, mas mais do que isso, me devolveu minha confiança. Quando me pediu para me juntar a você hoje de manhã sem dizer o que íamos fazer, fiquei feliz por poder ficar. E sim, parte disso foi porque é *você*, mas agora percebo que uma parte de mim estava com medo de voltar. Se estou aqui, com você, estou segura, mas lá fora... — O resto da frase dela permanece no ar, mas ela não precisa terminar para que eu entenda. — Então sim, obrigada.

Meus dedos se enroscam nos dela e eu a aperto fortemente. — Todo mundo precisa de um pouco de ajuda e segurança de vez em quando.

Ela ri, mas não há nada engraçado em seu tom. — Você não.

Balanço a cabeça. — Até eu.

Sentindo minha garganta fechar, desvio o olhar. Eu nunca conversei com ninguém sobre isso, mas depois que Brook se abriu comigo ontem, parece errado não fazer o mesmo por ela. — Você já me ajudou mais do que pode imaginar, Brook.

Uma batida passa em silêncio, depois duas. Ela me observa com confusão, uma carranca entre as sobrancelhas, enquanto eu limpo a garganta e começo a falar.

Capítulo Trinta e Dois

BROOK

Pacientemente, espero Max explicar como exatamente eu o ajudei. Percebo que ele está desconfortável, então espero-o, dando-lhe o espaço que ele precisa, embora eu queira saber, e *agora.*

Era difícil não me sentir exposta e vulnerável depois de tudo o que aconteceu. Confiei em Max, contei a ele meus segredos mais profundos. Estou emocionalmente esgotada, mas parte de mim, em grande parte, se sente aliviada. Sim, aliviada, há alguém lá fora, que sabe o que aconteceu comigo e não me julga. No entanto, há essa outra parte que deseja que ele faça o mesmo. Ter Max se revelando para mim, significa que não sou a única me sentindo assim.

Limpando a garganta, seus olhos finalmente encontram os meus. Sua mão que está segurando a minha é pegajosa, mas nenhum de nós se afasta. É como se precisássemos dessa conexão entre nós. Precisar ter uma âncora para segurar.

— Eu tinha sete anos quando comecei a entender que não era como as outras crianças da minha turma. — Ele fecha os olhos por um segundo - envergonhado ou apenas para clarear a mente? Não tenho certeza. Mas sei que vi um lampejo de dor e frustração em seu olhar tempestuoso um segundo antes de ele desviar o olhar.

— É normal que começar as aulas, começar a aprender, seja um ajuste para todas as crianças, mas foi um verdadeiro pesadelo para mim. Tentei explicar aos meus professores e meus pais, mas eles pensaram que eu estava mentindo para cobrir minha preguiça.

Letras *dançando* na página — ele ri amargamente. — Você consegue imaginar o rosto deles quando tentei explicar? Mas não havia descrição melhor do que isso; ainda não existe.

Meu coração dói por ele, o menino incompreendido que era e o jovem sentado na minha frente.

— Você é disléxico. — Eu sussurro, apertando seus dedos para chamar sua atenção. Max levanta a cabeça, surpresa escrita nos olhos.

— O que?

— Dislexia. É um distúrbio de aprendizagem. Isso afeta sua capacidade de interpretar palavras, letras e símbolos — Explico. — E antes que me dê esse olhar assustado, não, isso não o torna burro e eu não penso em você como tal. Você é inteligente, mas seu cérebro funciona de uma maneira diferente da maioria das pessoas.

— C-como você sabe disso? — Ele pergunta, de olhos arregalados.

Ele realmente achou que eu não percebi? Depois de todo o tempo que passamos juntos estudando?

— Eu já ouvi isso antes. — Eu dou de ombros, jogando fora. Conhecia Max e imaginei que ele estava mantendo isso em segredo, porque tinha vergonha ou algo assim, então eu nunca quis fazer um grande negócio com isso. Eu tentei perguntar sobre isso uma vez, mas quando ele ficou frio, decidi deixar para lá. — Mas eu nunca vi isso em primeira mão até conhecer você.

— Então as planilhas e outras coisas?

— Isso ajuda você a aprender mais fácil. Procurei on-line quando estávamos trabalhando naquele projeto em espanhol. Lá dizia que organizar o material de maneira diferente e manter informações e palavras-chave importantes organizadas de maneira visual deve ajudar seu cérebro a formar as conexões e conclusões com mais facilidade.

— Sim. — Ele assente, um pequeno sorriso se formando em seus lábios. Ele se vira para o lado, encostado no antebraço para olhar para mim. — Obrigado, Brook.

— De nada. — Com seu olhar ardente em mim, sinto a cor subir em minhas bochechas, mas não posso quebrar nosso olhar. Sorrindo de volta, uma das minhas mãos se estica para frente e escova uma mecha de cabelo úmida que caiu em seu rosto. — Como você fez isso... antes?

— Jeanette. Minha irmã sempre acreditou em mim e fez o possível para me ajudar, mas mesmo ela não entende a extensão de tudo isso.

— Existem profissionais que podem ajudá-lo a estudar. Existem mais técnicas para ajudá-lo a organizar...

— Eu sei. — Max me interrompe, sua expressão ficando escura por um momento. — É só que... um dos meus professores tentou sugerir isso aos meus pais quando eu era mais novo, e eles não queriam ouvir sobre isso. A única coisa que eles ouviram foi "deficiência" e a família Sanders não tem defeitos.

— As dificuldades de aprendizagem são mais comuns do que as pessoas pensam, e não é para se envergonhar.

— Eu sei, mas estou me recuperando há tanto tempo...

Eu aceno com a cabeça em compreensão. Quando você está escondendo algo como nós dois temos, é difícil se abrir para outras pessoas, especialmente se você vê seu segredo como uma fraqueza.

É engraçado, porque, apesar de todas as nossas diferenças, no fim, Max e eu somos mais parecidos do que pensávamos ser possível.

Dando um aperto tranquilizador na mão dele, eu sussurro: — Eu posso ajudá-lo. Enquanto você precisar, estarei lá.

Lado a lado, nós olhamos um para o outro, a única conexão nossos dedos entrelaçados. Com nossos demônios afastados, mesmo que temporariamente, nós desencapamos nossas almas.

— Eu também, Foguete. — Max sussurra de volta. — Eu também.

Neste momento, vivemos agora. Se ao menos agora pudesse durar para sempre.

Estar com os gêmeos Sanders facilitou o esquecimento do mundo exterior esperando por mim, e decidi ficar ignorante o maior tempo possível. Assim que Max e eu conseguimos nos levantar do chão, voltamos para tomar um banho. Dessa vez, pedi uma muda de roupa para Jeanette, já que as minhas estavam sujas e as de Max eram simplesmente grandes demais.

Jeanette olhou para nós com interesse quando invadimos seu quarto, não muito feliz por ser acordada, mesmo que já passasse do meio dia. Max insistiu que é normal ela dormir e ficar mal-humorada quando acorda, mas havia algo mais nela. Não havia o fogo usual em seus olhos. Eu não conseguia identificar o que estava errado, mas a conhecia o suficiente para saber que algo estava acontecendo e ela não queria falar sobre isso, então decidi não fazer muitas perguntas.

Depois do banho, todos descemos as escadas para comer alguma coisa e depois nos enroscamos na sala de tv e passamos a tarde assistindo filmes. Fiquei surpresa que, mais uma vez, seus pais não estavam em casa. Aparentemente, o pai estava trabalhando e a mãe saiu para almoçar no clube do condado com a avó, que estava visitando

nas férias. Ainda assim, eu não conseguia me livrar da sensação de que isso era normal. Que seus pais estão sempre fazendo suas próprias coisas e deixando os gêmeos se defenderem.

Eu sempre pensei que, se você tem um lar, uma família e dinheiro, é fácil, mas estou começando a duvidar disso. Na superfície, Max e Jeanette parecem ter tudo, mas quando você olha mais fundo, pode ver as rachaduras na perfeição que retratam para o mundo exterior. Eu recebi uma mão de merda quando se trata de família e educação, mas, apesar de terem pais e tudo o que o dinheiro pode comprar, ainda estão sozinhos. Estamos todos quebrados e cansados à nossa maneira. A única diferença é que alguns de nós são melhores que outros em encobri-lo. Existem algumas exceções, como Lia e sua família, mas essas pessoas são poucas e distantes entre si.

— Eu deveria ir para casa. — Digo, olhando o pôr do sol através das janelas do chão ao teto que dão para o quintal. O brilho laranja faz a neve que caíra no dia anterior brilhar intensamente.

As mãos de Max apertam mais forte no meu meio, me puxando ainda mais em seu peito. — Não, ainda não.

— Maaax! — Inconscientemente, olho para a porta, esperando que alguém chegue a qualquer momento agora, embora racionalmente eu saiba que não há ninguém na casa. Jeanette estava assistindo Netflix conosco por um tempo, mas decidiu ir para o próprio quarto, eventualmente, e seus pais estão fora. Mas com a minha sorte, isso não significa nada. Nossos amigos já estavam nos dando olhares conhecedores, e isso foi antes de algo estar acontecendo entre nós.

Há algo acontecendo entre vocês agora?

Eu quero negar. As palavras estão na ponta da minha língua, prontas para atacar, mas algo está me segurando.

Olhando por cima do ombro, encontro seu olhar quente. — Eu devo ir antes que alguém venha.

— Ninguém virá. — Ele me tranquiliza, seus olhos ficando mais escuros, a voz rouca. — Fique.

Meu corpo inteiro estremece quando seu hálito quente toca minha pele, meu estômago apertando em antecipação com que o olhar em seus olhos traz.

Seus dedos dançam sobre minha bochecha, roçando lentamente minha pele, traçando a linha da minha bochecha e mandíbula. Seu polegar acaricia meu lábio inferior e eu não posso evitar a inspiração aguda. Mordiscando meu lábio inferior, eu assisto seus olhos caírem na minha boca.

Movendo-se em seu assento, suas mãos me ajudam a virar, então estou montando seus quadris.

Max geme com a primeira sensação de nossos corpos se tocando. Seus quadris avançam por conta própria e eu posso sentir seu comprimento duro contra o meu centro.

Ele agarra minhas bochechas, sua testa pressionando a minha.

Deixando meu lábio livre, eu sussurro: — Não deveríamos estar fazendo isso.

Nossos lábios quase, mas não muito, tocando-se. Tão perto, mas tão longe.

— Devemos totalmente. — Afirma Max.

Quero discordar mais uma vez, mas as palavras não serão divulgadas. Essa tensão constante, essa incerteza entre nós está me matando. Toda vez que estamos na mesma sala, toda vez que nossos

olhos se conectam, mesmo com a distância entre nós, parece que todo o ar é sugado do espaço. É difícil respirar.

Se ao menos fosse mútuo.

Minhas pontas dos dedos roçam sua bochecha timidamente. — Você não me quer. Não de verdade.

Gemendo, suas mãos deslizam para as minhas costas e me puxam para mais perto. Meu corpo inteiro pressiona o dele e fico sem fôlego.

Eu deveria estar assustada, realmente repugnada. Com tudo o que passei nas últimas vinte e quatro horas, não deveria querer o toque dele. Mas eu quero. Ah, como eu quero.

— Parece que eu não quero você? — Ele sussurra no meu ouvido, seus lábios roçando a pele sensível do meu pescoço.

Como se dissesse que concorda, seu pau se contrai contra mim, e eu não posso deixar de choramingar.

— Talvez meu corpo.

— Não apenas seu corpo. — Max empurra meu cabelo para trás, levantando meu rosto para olhá-lo. — Quero tudo de você, Brook. — Essa íris cinza me encara com tanta intensidade que é impossível desviar o olhar. — Quero tudo, Brook. — Ele repete. — Seu corpo. Sua mente. Seu coração. E sua própria alma. Tudo pertence a mim.

Suas palavras ecoam na minha mente enquanto sua boca agride a minha. Não há requinte, nem ternura. Hoje ele está pegando o que quer, e eu sou impotente.

Impotente para resistir a ele.

Impotente para resistir a mim mesma.

Impotente para resistir a esse desejo e necessidade que está crescendo entre nós desde que coloquei meus olhos nele.

Suas mãos grandes embalam minhas bochechas, não me deixando mover um centímetro - como se eu realmente faria isso - enquanto sua boca arrebata a minha. Sua língua procura entrada, possuindo minha boca com golpes dominantes.

Suspirando nele, minha língua retorna seus golpes, meu corpo todo tremendo de necessidade. Agarro seus antebraços, me segurando pela vida.

— Brook... — Meu nome é um rosnado baixo saindo de seus lábios, profundo e sexy como o inferno. Seus lábios pressionam com mais força, a língua mergulha mais fundo, trazendo um gemido meu. Meu corpo inteiro atende sua ligação, e eu não consigo me conter. Minhas coxas apertam mais forte em torno dele, puxando-o mais para mim.

Ele estava certo.

Ele é meu dono.

Talvez eu não queira.

Eu com certeza não gosto disso.

Mas é verdade.

Maximillian Sanders, de alguma forma, encontrou seu caminho na minha vida, no meu coração. Não importa o quanto eu tentei afastá-lo, ele encontrou uma maneira de romper.

Minha regra final quebrou com um olhar de seus olhos de aço.

Minhas mãos deslizam sobre seus antebraços e contra seu peito. O coração de Max bate violentamente, mas de alguma forma em sintonia com o meu.

Seus dedos brincam com a borda da minha camisa antes que deslizem por baixo da bainha. Pele nua tocando a pele nua enquanto meu corpo inteiro desperta em consciência. O calor do seu toque se espalhando por todo o meu corpo.

— Max... — Eu suspiro, quebrando o beijo para respirar tanto ar necessário. Aparentemente ele não precisa de ar, porque continua me beijando. Minha bochecha, minha mandíbula e meu pescoço. Com beijos suaves, ele traça minha pele, comprometendo-se a lembrar as linhas do meu rosto.

Uma das minhas mãos mergulha em seus fios, tentando encontrar uma aparência de controle. Eu quero deixar ir, realmente quero, mas não posso.

Levei tanto tempo para recuperá-lo, para me assegurar de que estou bem. Que eu estou segura e que ninguém pode me tocar. E ainda assim, tenho pesadelos.

Empurro as lembranças sempre presentes de volta, retornando a este momento.

Para isso agora.

Puxando seus cabelos, eu o paro de colocar outro beijo na cavidade do meu ombro. Max levanta a cabeça, olhos deslumbrantes e cheios de paixão, olhando para mim.

Meus dedos roçam sua bochecha, sentindo essa corrente constante vibrando debaixo da minha pele toda vez que tocamos.

Eu o puxo para um beijo.

Mais devagar.

Mais longo.

Completo.

Minha boca roça a dele em delicados beijos de boca fechada, até que não aguentamos mais.

Suas mãos apertam minhas bochechas com mais força, nossas bocas abertas, línguas deslizando juntas enquanto nós dois gememos com o toque.

— Minha, Brook. — Max sussurra entre beijos, suas palavras fazendo meu coração bater.

Um calafrio percorre meu corpo, uma sensação gelada se espalhando por minhas veias. Aquelas palavras. Essas malditas palavras...

Agora não.

Meu corpo inteiro ainda está embaixo de seus braços, todo o calor e emoção que eu estava sentindo apenas momentos antes foi embora.

De novo não. Isso não pode estar acontecendo novamente.

Mas é, e eu não consigo parar. Não consigo parar as lembranças voltando. Não posso segurar a escuridão.

Eu tento lutar contra isso. Tento empurrar tudo de volta, mas é inútil.

Ele se foi. Você está segura.

Mas eu estou mesmo?

— Minha, Brook. — E*le diz. — Você é minha.*

Os pelos finos na base do meu pescoço levantam, o suor frio lavando meu corpo. É como se eu pudesse ouvi-lo sussurrar no meu ouvido. Como se ele estivesse ali atrás de mim, sua respiração quente e manchada de cerveja tocando minha pele e fazendo a bile subir na minha garganta.

— Brook? — Max fala, quebrando o nosso beijo. Eu pisco meus olhos abertos, encontrando seu olhar preocupado. — Você está bem?

É a primeira vez que ele chama meu nome, ou ele acabou de me chamar?

Sua voz é quase inaudível, mas de alguma forma me atinge. Me encontra na escuridão e nas memórias e me traz de volta à luz.

Meus dedos agarram os dele, procurando apoio. Âncora.

— Leve embora. — Eu imploro. — Por favor, Max... leve tudo embora.

Capítulo Trinta e Três

MAX

O apelo desamparado e quase torturado de Brook paira sobre nós enquanto envolvo minhas mãos em torno dela e puxo seu pequeno corpo em meus braços. Está conosco por todo o caminho pelo corredor escuro e pelas escadas até chegarmos em segurança atrás da porta fechada do meu quarto.

Por favor, Max... leve tudo embora.

Mesmo neste momento que deveria ser todo nosso, ele ainda está à espreita em sua mente, não deixando ir. Mas não vou deixá-lo vencer. Não dessa vez.

— Você tem certeza? — Eu sussurro, meus lábios roçando sua orelha, deixando um pequeno beijo antes de colocá-la na minha cama.

Acendendo a pequena lâmpada na minha mesa de cabeceira, dou um passo para trás apenas para olhar para ela. Essa massa de cabelo escuro se espalha no meu travesseiro. Grandes olhos verdes me encarando com uma mistura de cansaço e confiança. Lábios rosados se separaram, implorando para serem beijados.

Ela é uma deusa, e nem sabe que poder tem sobre mim.

— Sim. — Ela sussurra, assim como meu joelho se conecta ao colchão, meu corpo pairando sobre o dela. — Eu confio em você, Max. Leve tudo embora.

Minha garganta está entupida por todas as emoções reprimidas que tenho medo de pensar, muito menos pelo nome, mas não tenho chance

porque suas mãos me alcançam, envolvendo meu pescoço e me puxando para baixo. Ela morde meu lábio, sugando-o na boca, sua pequena língua disparando sobre a carne antes que solte.

Gemendo em protesto, eu me inclino, pegando sua boca. Lábios devorando, dentes colidindo, línguas emaranhadas, eu não dou a mínima. Vou levar tudo o que ela tem para me dar e implorar por mais.

Minhas mãos se perdem naquelas mechas escuras e sedosas enquanto eu conquisto cada centímetro de sua boca como um homem faminto. Seu corpo arqueia do colchão, se esfregando contra o meu até que não aguento mais. Minhas mãos deslizam por seu corpo, dedos segurando seus quadris e empurrando-os para baixo quando quebramos nosso beijo, nós dois ofegando.

Os olhos de Brook estão fechados, suas bochechas vermelhas, e eu não posso deixar de passar minha mão sobre sua carne quente.

— Abra seus olhos. — Eu sussurro, pressionando meus lábios no rosto dela. O canto da boca dela. Queixo. Nariz. Bochecha.

Finalmente, suas pálpebras se abrem, esmeraldas aquecidas me olhando através de cílios grossos.

— Eu quero que você olhe para mim. — Digo, ainda a beijando. A parte de baixo do queixo. Abaixo do pescoço, da cavidade do ombro, da clavícula. — Eu quero que você mantenha seus lindos olhos abertos. — Minhas mãos agarram a borda de sua blusa, puxando-a lentamente e revelando toda a pele nua e cremosa. *Porra, ela não está usando sutiã.* Me forço a engolir, empurrando as palavras: — Quero que você me veja e saiba quem está fazendo você sentir tudo isso.

Eu deixo meus dedos deslizarem pelos lados de seu corpo, mal escovando seus seios, mas ela sente isso. Oh, ela sente isso? Seu corpo inteiro estremece com o toque leve, pequenos mamilos rosados se erguendo.

Quando ela não me dá uma resposta, paro minhas mãos de explorar mais, cutucando-a por uma resposta. — Entendido?

Olhos encapuzados olham para mim quando ela concorda com a cabeça, a ansiedade e a confiança brilhando em seu rosto, fazendo um sorriso se espalhar pelos meus lábios.

Minhas mãos roçam sobre seu estômago macio, segurando seus seios, polegares esfregando aqueles picos erguidos e fazendo-os se destacar ainda mais.

Um gemido suave rasga sua garganta, a cabeça caindo para trás. Incapaz de resistir, me abaixo, puxando um desses bicos para dentro da boca e chupo com força.

— Ma-ax. — Ela suspira, seu corpo arqueando para cima, empurrando o peito no meu rosto. As mãos dela seguram os lençóis pelos lados, amassando-os entre os dedos.

— Isso mesmo. — Ofego, passando para o outro seio para dar a mesma atenção. Sua pele corada e seu corpo contorcido fazem o sangue correr pelas minhas veias. Meu corpo inteiro queima por ela, doendo por seu toque e ao mesmo tempo querendo lhe dar isso. Dar-lhe o prazer que ela merece, prazer que foi tirado dela.

Dedos suaves deslizam sobre a minha pele, fazendo todo o meu corpo estremecer. Deixando o pobre mamilo inchado sair da minha boca, eu o limpo com as costas da mão, meu olhar encontrando seus olhos encapuzados.

— Tire... — Eu sinto seu puxão macio no tecido da minha camisa. — Você tem roupas demais.

Não preciso ser informado duas vezes. Apoiando-me nos calcanhares, chego a puxar a camisa sobre a cabeça rapidamente e depois me levanto para me livrar dos shorts. Seus olhos observam todos

os meus movimentos, a língua rosa disparando para molhar aqueles lábios carnudos.

— Agora você é quem está com muitas roupas. — Eu levanto minhas sobrancelhas em um desafio enquanto olho para a luz e a sombra dançando sobre sua pele.

Levantando a bunda da cama, ela puxa as calças das pernas, e a única coisa que a separa de mim é um par muito pequeno de calcinha preta. Gemendo alto ao vê-la, eu reajusto meu comprimento duro antes de voltar para a cama.

Meu corpo colide com o dela, pressionando-a no colchão e deixando nós dois sem fôlego. Eu reivindico sua boca sem perder uma batida, minha língua mergulhando entre seus lábios e puxando todos aqueles pequenos barulhos que amo. Mergulho cada vez mais fundo, e com cada golpe da minha língua contra a dela, meus quadris esfregam ao longo de seu centro, seu calor envolvendo meu pau.

— Você é tão perfeita. — Eu respiro, quebrando nosso beijo.

Suas mãos raspam meu couro cabeludo. — Mais, — Brook implora. — Me dê mais.

— Oh, eu estou apenas começando.

Puxando as mãos dela para fora do meu cabelo, eu beijo cada palma. Entrelaçando nossos dedos, levanto as mãos acima da cabeça. Dando um breve olhar para Brook para me assegurar de que ela ainda está bem, recuo apenas o suficiente para que possa ver seu corpo. Com as mãos levantadas assim, seu peito é levantado no ar. Destravando nossos dedos, eu traço minha mão para baixo e, em seguida, inclino minha cabeça para seguir o mesmo caminho com meus lábios.

Brook choraminga suavemente ao primeiro toque do meu hálito quente contra sua pele, o som fraco puxando um sorriso para o meu

rosto. Eu lambo e belisco seu pescoço, minha boca se movendo lentamente para baixo, traçando cada centímetro de sua pele. Minha língua desliza ao redor do mamilo empinado, dentes pastando lentamente contra a carne macia de seu estômago até alcançar a borda de sua calcinha. Todo o seu corpo está tremendo até então, e meu pau ficou tão duro que não há mais como contê-lo.

Afasto-me um pouco, minha respiração tocando a pele de seu estômago até que ela começa a se contorcer em minhas mãos, tentando me puxar.

— Max, por favor... — Eu posso sentir suas pernas tensas entre as minhas, tentando me mover para dar mais espaço para mim.

— Por favor, o que? — Eu provoco. Lambendo seu umbigo, de vez em quando minha língua se abaixa, mal espiando por baixo da calcinha antes de se afastar. Eu posso sentir o cheiro de sua excitação almiscarada misturando-se com o cheiro de mel da sua pele.

Sua cabeça se agita de um lado para o outro. — Pare de me provocar.

— Quando você me disser o que quer.

Minha mão desliza sobre seu estômago e entre suas pernas, lentamente acariciando sua boceta sobre a fina barreira de algodão. Mordo meu lábio, mas mesmo isso não impede o gemido que rasga meus pulmões. — Tão molhada. — Murmuro em aprovação enquanto meus dedos deslizam com mais força contra ela. — Tão quente. Deus, eu quase posso provar você na minha língua.

— Então faça.

BROOK

Aqueles olhos prateados levantam, brilhantes e aquecidos. Eu vejo surpresa escrita em seu rosto, e não consigo parar o rubor se espalhando por minhas bochechas e pelo meu pescoço. Mas mesmo autoconsciente, meu corpo exige mais. Mais beijos de Max, mais de suas mãos em mim, mais dele preenchendo o vazio que está dentro de mim. Minha boceta aperta, pernas tremendo de necessidade.

— Eu quero todo você, Max. — Sussurro, lambendo meus lábios secos.

Tudo o que você quiser me dar e muito mais.

Seus olhos crescem encobertos pelo desejo, aquele sorriso perverso retornando aos seus lábios.

— O prazer é meu.

Antes que eu possa piscar, Max se afasta. Meu corpo sente falta dele quase instantaneamente, mas não por muito tempo. Seus dedos cavam a faixa da minha calcinha, puxando-a para baixo e jogando-a em algum lugar atrás dele. Minhas pernas se separam, e então ele volta, estabelecendo-se entre elas. Suas mãos correm dos meus tornozelos até os joelhos, afastando minhas pernas. Ele se abaixa, seus lábios pressionando contra a pele sensível da minha coxa, mordiscando a pele macia.

— Mais pra cima. — Eu exijo, minhas mãos alcançando seus cabelos e puxando-o para o meu centro dolorido. Posso sentir minhas paredes apertarem com o pensamento dele me beijando.

— Aqui? — Suas palavras são um murmúrio contra a minha pele.

— M-mais. — Eu ofego quando ele lambe, para cima, para cima; meu corpo tremendo a cada centímetro mais perto que ele chega de onde o quero, e então ele está lá, seus lábios pressionados contra o meu monte.

— M-Max... — Eu assobio. Não sei se o puxo para mais perto ou o afasto. Ele está exatamente onde eu preciso dele, mas nem perto o suficiente, nem perto.

Suas mãos apertam, dedos cravando na minha pele, enquanto ele me puxa para mais perto. Max come minha boceta com a mesma reverência que me beijou, sua boca me envolvendo completamente, chupando minha carne enquanto sua língua desliza entre minhas dobras. Eu não posso deixar de tremer quando sua língua circula sobre meu clitóris, sugando-o em sua boca e fazendo meu núcleo apertar, procurando por algo, qualquer coisa...

— Max, eu vou...

E então ele me dá. Sua língua desliza para baixo, brincando na minha entrada trêmula antes que a empurre dentro de mim. Meus dedos puxam seus cabelos enquanto a tensão aumenta ao ponto sem retorno.

Eu chamo o nome dele. Minha cabeça cai para trás quando onda após onda de prazer cai sobre mim. Mas mesmo assim ele não o deixa ir. Max me segura, me ajudando a descer. Somente quando minha respiração volta ao normal ele se afasta.

Estou exausta demais para fazer qualquer coisa, a não ser me deitar e observá-lo, aquele brilho nos olhos dele enquanto um meio sorriso presunçoso brilha em seus lábios. — Eu tinha razão.

— Sobre? — Eu pergunto sonolenta. O vejo lamber minha excitação de seus lábios enquanto ele lentamente rasteja sobre mim.

— Você tem um gosto incrível. — diz ele, e então seus lábios pousam nos meus.

Gemendo alto, minhas mãos deslizam sobre seu torso nu, dedos entrelaçados atrás de seu pescoço. Sua língua mergulha dentro da minha boca, explorando lentamente, e eu posso me provar nele. Deveria parecer estranho, mas não. Em vez disso, o puxo para mais perto, aprofundando nosso beijo.

Seu pau duro pressiona contra minha coxa, seu comprimento quente me lembrando que, embora eu tenha tido um vislumbre de prazer, estou desejando mais.

Desembaraçando meus dedos, deixo minha mão deslizar para baixo. Meus dedos envolvem seu comprimento duro e o puxo para fora dos limites de sua cueca. Eu posso senti-lo se contrair com o meu toque, um gemido alto interrompendo o silêncio enquanto meus dedos apertam seu pau quente, acariciando-o lentamente.

Quebrando nosso beijo, o empurro de costas e o ajudo a tirar sua cueca boxer preta. Eu lambo meus lábios, olhando seu pau. Minha mão o envolve novamente, puxando-o para longe do abdômen e, quando estou prestes a me inclinar, a mão de Max agarra meu ombro.

Atordoada, eu olho para ele. — O-o que está errado?

Ele parece quase magoado, mas não o deixa ir. — Hoje é sobre você. — Diz, suas mãos cavando debaixo dos meus braços e me puxando para cima.

— Mas... — Eu tento protestar, mas quando minha pele nua roça a dele, a única coisa que posso fazer é gemer alto. Ele me da um beijo, mas há muito o que pode fazer para me manter quieta.

Estou envolta em cima dele, e parece perfeito, como se meu corpo fosse feito para ele. Eu balanço contra ele enquanto nosso beijo cresce

mais profundo, seu pau se estabelecendo mais na minha boceta. Estou deslizando sobre ele, quase desesperadamente tentando encontrar alívio. Max está coberto dos meus sucos, tornando tão fácil deslizar sobre seu comprimento. Seu pau cutuca minha entrada, fazendo minha cabeça cair e quebrando nosso beijo.

— Isso é loucura. — Max protesta enquanto suas mãos agarram meus quadris, mas ele não faz um movimento para parar.

Para cima e para baixo, desta vez a ponta dele desliza dentro de mim. Apenas um centímetro, esticando minha entrada. Nós dois suspiramos, recuando.

— Isso é tão bom.

Desta vez, quando nossas metades inferiores se encontram e ele entra em mim, eu não recuo.

— Poooorra... — Max arfa alto. Sua testa toca a minha e ele desliza dentro de mim, me enchendo centímetro por centímetro delicioso. Salpico pequenos beijos por todo o rosto enquanto tento acomodar seu tamanho intrusivo.

— Brook, temos que parar. — Max pressiona a testa no meu ombro, sua respiração alta tocando minha pele. Sua voz parece quase assombrada, não que eu possa culpá-lo. Ele parece tão bem dentro de mim. Quente e duro, me enchendo ao máximo.

— Só mais um pouco.

Meus lábios encontram os dele, nossas bocas colidem quase desesperadamente. Ficamos parados, incapazes de se mover, mas posso sentir minhas paredes se apertando ao redor dele, puxando-o mais fundo. Ele deve sentir isso também, porque a próxima coisa que sei é que estou de costas, o corpo de Max pairando sobre mim. Seus dentes cavam com força o lábio inferior, enquanto tenta recuperar um pouco

de controle, algo que eu obviamente não possuo mais, e então ele lentamente desliza para fora de mim.

— Preservativo. — Ele murmura, afastando-se. — Precisamos de um preservativo.

Max abre a gaveta da mesa de cabeceira, quase a quebrando no processo, e seus dedos trêmulos agarram o embrulho de papel alumínio. Eu o vejo abrir com os dentes. Ele joga a embalagem para o lado, embainhando-se rapidamente antes de voltar para mim.

Ele me beija com força, seus olhos prateados perfurando os meus. Com bochechas coradas e cabelos despenteados, quase parece infantil, mas não há nada de infantil no olhar aquecido que ele me dá. Seus dedos acariciam minhas bochechas com ternura.

— Você tem certeza disso?

Devolvo seu gesto, puxando-o para mais perto para um beijo suave. — Eu quero isso. Eu quero *você*. — *Só pode ser você.* Mas eu não expresso essas palavras em voz alta.

Max se instala entre minhas coxas mais uma vez. — Não se atreva a fechar os olhos. — Ele adverte em um sussurro enquanto seu pau cutuca minha entrada.

— Eu não vou. — Prometo.

Minhas mãos cavam em seus cabelos, nossos lábios se fechando quando ele lentamente entra em mim até que está me enchendo completamente.

— Tão apertada... — Ele murmura entre beijos, e então começa a se mover. Lento a princípio, mas gradualmente seus impulsos ficam mais fortes, nossa respiração mais forte. Eu posso sentir seu coração galopando contra o meu.

Meus calcanhares afundam no colchão quando o encontro impulso por impulso, minhas paredes agarrando-o, não querendo deixar ir.

— Eu não posso... — Minha cabeça cai para trás, olhos revirando nas órbitas, mas ele não me deixa desviar o olhar. Uma mão segura minha bochecha, forçando-me a olhar para ele com um olhar nublado de desejo. A outra desliza para baixo entre nossos corpos suados, procurando o lugar em que nos conectamos. Meu corpo inteiro treme com o toque dele.

— Deixe ir. — Max diz contra os meus lábios. Ele me dá um impulso forte, seus dedos beliscando meu clitóris sensível, e então eu faço exatamente como ele diz.

Meu corpo inteiro convulsiona quase dolorosamente, minhas paredes internas o seguram em um aperto rígido enquanto o mundo se despedaça ao meu redor, e a única coisa que posso ver quando tudo se desfaz é Max.

Capítulo Trinta e Quatro

BROOK

— Você tem certeza que não quer que eu a pegue? — Max se vira para mim.

Balanço a cabeça, olhando para o prédio quase caindo na minha frente. Toda vez que visito meus amigos e depois volto, parece que está em pior condição do que antes de sair.

Olho para ele - cabelos bagunçados, olhos claros e determinados e mandíbula teimosa - e não posso deixar de me perguntar. O que realmente somos? Eu sei que ele disse que queria mais, mas uma parte de mim ainda não acreditava nele. A parte de mim que o queria, mas sabia que ele queria Lia.

Quase parece destino. A primeira vez que quebrei minhas regras foi quando decidi deixar Lia entrar. Por anos, ela era a única pessoa que me conhecia. Ou pelo menos as partes de mim que eu estava confortável compartilhando com ela. E agora havia Max. Quanto mais eu o conheço, mais percebo o quanto ele é semelhante a minha melhor amiga. Ambos têm corações puros, são leais e protetores. E sei que se Lia não tivesse amado Derek desde que ela era apenas uma garotinha, teria se apaixonado por Max, como ele fez por ela, porque pessoas como eles se pertenciam.

E se isso não for suficientemente doloroso, os dois trouxeram mais pessoas para a minha vida. Pessoas que eu deveria afastar, *tento* afastar, mas de alguma forma elas estão ficando lentamente sob a minha pele.

Quando eu quebrei minhas regras, era para ser apenas ela, apenas Lia, mas como um efeito dominó, ela trouxe mais e mais pessoas.

— Não, eu estou bem. — O tranquilizo, mas não me mexo para sair do carro. — Você se esforçou para me trazer para casa. Isso é mais do que suficiente.

— A qualquer momento. — Max sorri, e tenho que morder o interior da minha bochecha para afastar a dor repentina.

— Ou você vai me perseguir em casa de novo? — Eu tento brincar, mas ele cai.

Max olha para mim, seus olhos prateados ficando esfumaçados com intensidade. Parece que todo o ar é retirado do espaço e, de repente, é difícil respirar.

— Eu vou persegui-la até o fim do mundo, se isso significa mantê-la segura, Brook. — Sua voz é baixa, perigosa, e mesmo que ele não diga isso em voz alta, de alguma forma parece uma promessa.

Um calafrio percorre meu corpo e sinto arrepios cobrir minha pele. Sem saber o que dizer sobre isso, dou um aceno rápido antes de abrir a porta e sair apressadamente.

— Falo com você mais tarde.

— Mais tarde.

Max mal consegue terminar antes que eu feche a porta e corra em direção ao meu prédio. Meu coração está batendo violentamente no meu peito, suas palavras ainda ecoam na minha cabeça enquanto dou os dois passos de cada vez.

Por que diabos eu fiz isso? Porra, Brook. Ele é apenas um amigo, um amigo que te ajudou muito nas últimas 24 horas, e você saiu do carro

dele como se sua bunda estivesse pegando fogo. Um amigo com quem você transou porque é uma mulher fraca.

Ainda frustrada comigo mesma, diminuo a velocidade para parar completamente quando chego à minha porta da frente, que está aberta.

— Que porra você fez, Josephine? — Meu sangue se transforma em gelo, e eu não posso deixar de olhar por cima do ombro.

Por que eu não deixei Max me seguir?

A pergunta vem do nada, mas eu a empurro de volta. Ele já se foi há muito tempo e, além disso, me ajudou bastante. Eu não posso puxá-lo para isso também.

Entrando, olho em volta, esperando o outro sapato cair, mas não há nada. Apenas a imobilidade absoluta que me assusta mais do que se houvesse pessoas aqui brigando.

Ela convidou o Sr. Hill aqui novamente para chantageá-lo? Ela fez algo que o irritou e ele decidiu que bastava?

Com o coração preso na garganta e batendo forte, olho em volta, tomando cuidado para não fazer barulho e chamar atenção para mim.

O corredor e a sala de estar estão uma lixeira, e exatamente quando decido voltar e verificar o quarto de Josephine, posso ouvir um gemido alto atrás de mim. Virando abruptamente, olho em volta, mas quando não vejo nada, meus olhos caem no chão. E lá está ela, deitada entre travesseiros jogados e lixo, coberta de vômito e sangue com um olho roxo.

Eu respiro bruscamente, minha mão voando para cobrir minha boca. Josephine deve ter me ouvido porque posso ver seu corpo se mexer.

— B-Brook?

— S-sou eu. — Digo, dando a volta no sofá e caindo no chão ao lado dela. Engulo o estremecimento quando a vejo mais claramente. Eu já vi Josephine em vários estados, mas isso é pior. Minha mão coça para tocá-la, mas me seguro.

Você não está fazendo isso, Brook. Você não vai voltar por esse caminho. Você prometeu. Essa é a vida dela; deixe-a lidar com isso.

No entanto, eu continuo colada ao chão. Não me aproximando, mas também não me afastando.

— O que diabos aconteceu?

— D-dan. — Ela tosse.

De repente, levanto-me. Eu quase tropeço nos meus próprios pés e caio de novo, mas de alguma forma consigo recuperar o equilíbrio. Olho em volta como se apenas a menção de seu nome o trouxesse de volta. Meu coração, que apenas alguns segundos atrás estava batendo rápido, diminui a velocidade até começar a cair na boca do meu estômago, náusea me acertando no peito.

— O que você fez, Josephine? — Eu pergunto cautelosamente.

Eu não conheci pessoalmente Dan, mas todo mundo que mora por aqui já ouviu falar dele. Todo o mundo. Incluindo eu. O cara é tão sombrio quanto eles dizem. Ele é um ex-presidiário que saiu da prisão há alguns anos e continuou com seus negócios como se nada tivesse acontecido, e se os rumores são verdadeiros, é o grande chefe do nosso bairro. Você não mexe com ele, e se sabe o que é melhor para você, fica fora do caminho dele e evita-o com muito espaço.

— Dinheiro. — Um dos olhos dela se abre quando os meus se fecham.

Eu engulo em seco. — Quanto? — pergunto calmamente, tentando me agarrar ao fio de sanidade que me resta, mas quando ela não me responde, grito: — Quanto, Josephine?!

Quão ruim pode ser? Talvez sejam apenas algumas centenas, mil no máximo... Eu tento raciocinar, mas realmente. O cara esteve em nossa casa.

— Dez. — Esfrego as mãos sobre o rosto, os dedos cravando no couro cabeludo, e puxo com força, precisando sentir algo que não seja esse poço interminável de decepção e medo. — Dez mil.

— Droga, droga, droga! — Eu chuto a primeira coisa que fica embaixo do meu pé e a vejo voar através da sala e colidir com a parede. Josephine geme alto e, na minha visão periférica, posso vê-la se mexer e sentar-se, mas não ouso me virar e olhar para ela, porque, se o fizer, vou nocauteá-la. De todas as coisas estúpidas que ela poderia ter feito... — É por isso que você está chantageando Hill?

Apenas dizer o nome dele tem um gosto amargo na minha língua, mas eu tenho que perguntar. Tenho que saber onde estou.

Josephine desvia o olhar e, mesmo antes de abrir a boca, tenho a minha resposta.

— Porra que não!

— Eu pagaria Dan. — Ela lamenta.

— E gastaria o resto pegando mais drogas e cavando um buraco ainda mais profundo embaixo de você! — Eu grito, me virando para olhá-la. *Realmente* olhar para ela. Está mais magra do que me lembro, sua pele lavada. Há bolsas debaixo dos olhos, e ela parece pelo menos dez anos mais velha do que realmente é. Seu cabelo sem vida, oleoso e caindo nas costas. E olhar sua forma lamentável no chão é como um soco no meu estômago. — Você nunca vai aprender, vai?

A pergunta é retórica, então não espero que ela responda.

Lágrimas brotam em seus olhos, grandes, feias e desesperadas. — Sinto muito, Brookie.

Eu me afasto, impedindo-a de ver. — Quanto tempo?

Ela não precisa de uma explicação. — Um mês.

Um mês.

Inclino minha cabeça para trás, exalando lentamente.

Ele deu a ela mais tempo do que eu esperava, mas se não tiver o dinheiro até então... nem queria pensar nas consequências. Não é como se eu fosse ficar tempo suficiente para descobrir de qualquer maneira.

Sem dizer outra palavra, eu me viro e me afasto. Tranco a porta assim que estou no meu quarto e só então deixo tudo o que aconteceu se estabelecer. Minhas pernas cedem em mim e eu caio no chão.

Um dia. Isso é tudo que eu tive. Um dia de esperança, e agora tudo se foi. Queimado em cinzas. Porque se Dan está atrás de Josephine para recuperar seu dinheiro, dez mil a menos, isso significa que ele fará tudo o que for necessário para obtê-lo. E isso coloca eu e todo mundo que amo em risco.

Meu telefone vibra. Suspirando, eu puxo para fora e olho para as mensagens que nem ouvi chegar antes, a boca do meu estômago ficando maior a cada segundo.

Max: Ei, só queria fazer o check-in desde que você correu de mim.

Max: Deixe-me saber quando você entrar, caso contrário eu vou me preocupar.

E o último que veio alguns segundos atrás.

Max: Brook? Se não tiver notícias suas, irei bater à sua porta. Você sabe que não estou brincando.

Tropeçando em meus pés, vou até minha janela e tento ver se talvez ele ainda esteja lá fora no estacionamento, rezando ao mesmo tempo que tenha ido. Mas é claro que não vejo nada desse ângulo. Batendo na resposta, digito de volta.

Entrei. Está tudo bem. Não volte.

Aperto enviar e desligo o telefone. Não quero ficar tentada a ver se ele enviar mais alguma coisa. Agora só tenho que garantir que ele fique longe.

Que todos fiquem longe.

Um mês.

Capítulo Trinta e Cinco

BROOK

— É melhor você me dizer que está a caminho daqui. — Diz Lia em forma de cumprimento. Sua voz soa séria e severa, e talvez eu acreditasse se não conhecesse o rosto que ela faz quando a usa.

— Lia. — Falo. — Eu já te disse…

— E eu já disse *que* não me importo. — Ela me interrompe no meio da frase. — É véspera de Ano Novo, e não quero ouvir nenhuma desculpa. Ou você chega aqui ou eu estou indo para sua casa e te arrastando para fora. Você tem trinta minutos. Se não estiver aqui, vou buscá-la. Sua escolha.

— Mas... — Eu tento novamente, mas a única coisa que me cumprimenta do outro lado da linha é o bip alto.

Puxo o telefone e olho para a minha tela, quase em choque. Minha melhor amiga, a tarefa residencial, acabou de desligar.

Durante dias, tentei ignorar todos eles. Voltei à minha rotina, esperando que isso me ajudasse a colocar uma barreira entre mim e meus amigos, mas quando liguei meu telefone hoje para avisar Lia que não iria com eles para a festa de Andrew, recebi um chute verbal na minha bunda.

Que porra é essa agora? Como devo voltar e agir como se nada estivesse acontecendo? Max já está fazendo perguntas. Lia está sendo mais barulhenta do que nunca. E o Andrew? Não há como ser capaz de

ignorá-lo em sua própria casa, e não há como ser capaz de olhá-lo nos olhos sabendo o que sei.

Olho para o telefone fechado na minha mão, percebendo que realmente não tenho escolha. Lia me quer lá e ela fará de tudo para conseguir o que quer, inclusive vir me procurar. E mais do que qualquer outra coisa, não posso deixar isso acontecer.

MAX

Onde diabos ela está?

Olho para minhas cartas, fingindo estar interessado no jogo quando a única coisa que quero é levantar, encontrar Brook e exigir algumas respostas.

Eu sabia que algo estava acontecendo assim que a deixei na casa dela outro dia. Ela correu como se o diabo estivesse a seus pés, e quando mandei uma mensagem, ela não respondeu até que eu ameacei voltar, e mesmo assim apenas para me dizer para não fazê-lo.

Então, ela vem à minha casa hoje, mas me ignora enquanto ajuda Lia a tirar a bunda da minha irmã da cama para que todos possamos ficar juntos no novo ano, fingindo que tudo é perfeito quando não é.

Estou prestes a dobrar minhas cartas quando Andrew entra na sala e vai direto para mim, completamente chateado.

— É melhor você vir e tirar sua irmã do meu bar. — Ele assobia, mal segurando. — Acho que as pessoas já viram o suficiente da calcinha rendada dela para durar anos.

Eu olho para ele, meus olhos se estreitando. Sim, ele está chateado, mas há algo mais escondido embaixo de tudo isso que me deixa desconfiado.

— O que você fez? — Eu cuspo, mas não espero a resposta dele antes de me levantar e caminhar em direção à sala de estar e Jeanette.

Ela está agindo de forma estranha há dias, se fechando no quarto a maior parte do tempo e só saindo quando precisa. Pensei que talvez ela estivesse tendo um daqueles dias, mas agora que olho para Andrew, percebo que talvez estivesse errado.

Precisando descobrir exatamente o que está acontecendo, passo pela multidão de pessoas que se reuniram na sala de estar. Buzinas e gritos são tão barulhentos que podem ser ouvidos com clareza sobre a música.

Xingando baixinho, rompo a multidão até chegar ao bar. Lentamente, levanto meus olhos, e quando as vejo, xingo novamente, minhas mãos apertando ao meu lado.

Jeanette e Brook estão no bar, dançando e rindo, completamente perdidas.

— O que diabos vocês pensam que estão fazendo? — Eu cerro os dentes. Mas ambas me ignoram. Em vez disso, elas continuam dançando, as bundas balançando no ar. Pernas que estão na altura certa para eu ver demais. — Jeanette, vá se foder.

Alguém me empurra por trás, me fazendo momentaneamente tropeçar, mas assim que recupero o equilíbrio, empurro-as para trás.

— Cara, relaxe. — Ele xinga. — Deixe as mulheres se divertirem.

Irritado, eu me viro e entro na cara dele. — Cara. — Eu o empurro de volta. — Essa é minha irmãzinha que você está olhando. Se eu fosse você, sumiria.

Mesmo no quarto escuro, eu posso ver o cara pálido, e antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele foge.

Respirando fundo para me preparar para o desastre que me espera no bar, me viro bem a tempo de ver Jeanette escorregar. Meu coração vai para minha garganta quando a vejo tropeçar apenas para se segurar no último segundo. Ela ri, nem mesmo percebendo que tirou dez anos da minha vida.

— Basta. — Dou os poucos passos que nos separam e envolvo minhas mãos em torno de sua cintura, puxando-a para fora do balcão e sobre os dois pés. Não tenho certeza se essa é a ideia mais brilhante, mas pelo menos dessa maneira ela está perto do chão se decidir cair. — Estamos indo para casa.

Eu me viro para puxar Brook também, mas ela quase cai em mim. Seu corpo colide com o meu, chutando o ar para fora dos meus pulmões e me fazendo dar um passo para trás com o impacto.

— Porra, Brook! — Eu cerro os dentes.

Quando ela está em segurança no chão, ela olha para mim, mas não posso dizer mais nada porque a risada bêbada de Jeanette me interrompe.

— Maaaaas, Max! Estou me divertindo! — Em que diabos eu me meti? Esfregando a mão no rosto, sinto a dor de cabeça se acumulando atrás das têmporas. — Casa, Agora.

Jeanette tenta protestar novamente, mas eu não estou cedendo. Envolvendo minhas mãos em torno dela, eu a jogo por cima do ombro e começo andar em direção à porta. Não dou mais do que alguns passos antes que Jeanette comece a bater nas minhas costas.

Que porra há de errado com essas garotas? Elas estão tentando me deixar louco?

— Brooooook! Salve-me, sim? — Cada palavra é acompanhada por um estrondo nas minhas costas. Não há força real por trás de seus socos, mas não ajuda com a minha dor de cabeça cada vez maior. — Podemos tomar outra bebida e depois podemos voltar a dançar.

— Sinto muito, garota. — Brook grita de algum lugar atrás de nós.

Olho por cima do ombro, dando-lhe um olhar severo. Ela está fodendo comigo? — Você deveria se desculpar! É tudo culpa sua!

— Minha culpa? — Os olhos de Brook se estreitam para mim, suas bochechas ficando rosadas de raiva. — Ela tem idade suficiente para saber o quanto pode beber. Além disso, ela teve uma noite de merda. — Ela se vira para olhar para Andrew. E se eu pensava que ela estava me dando um olhar mortal, estava errado. Se os olhares pudessem matar, Andrew já estaria longe. — Não posso culpar uma garota por ter uma bebida demais.

— Ela tomou mais do que apenas uma bebida demais! — Eu acuso. Brook se volta para mim, aquele olhar mortal agora concentrado em minha direção. Me encolho, culpa lentamente me comendo. Racionalmente, sei que a culpa não é dela, mas é demais. Brook me evitou por dias, quando finalmente pensei que tínhamos resolvido nossa merda. E toda essa cena me lembra muito Jeanette de dois anos atrás.

Eu a avisei para ficar longe de Andrew, mas ela ouviu? Claro que não. Ela tem que fazer do seu jeito, e agora está fora de controle mais uma vez.

Brook começa a dizer algo, mas o lento murmúrio de Jeanette a impede. — Minha cabeça está doendo.

— Eu sei, J. — Dou um tapinha nas costas dela suavemente, na esperança de que isso ajude a acalmá-la. — Acho que é hora de você ir para a cama.

Jeanette olha para a amiga, com o nariz franzido. — Por que você está de cabeça para baixo?

— Você é quem está de cabeça para baixo, boba.

— E-eu? — Jeanette soluça.

— Sim, você…

Mas ela não termina porque Andrew a interrompe. — Vire-a!

Ouvindo a preocupação em sua voz, corro para fazer o que disse, mas ele já está na minha frente, puxando minha irmã dos meus braços e saindo para a varanda da frente. Corro atrás deles. Jeanette alcança o primeiro vaso e vomita o conteúdo do estômago. Andrew está logo atrás dela, a mão dele acariciando suas costas enquanto ele puxa o cabelo dela para fora do rosto.

Eu paro no meu caminho, surpreso com toda a situação. Sabia que havia algo acontecendo entre eles. Sabia que eles continuavam se vendo pelas costas de todo mundo, mesmo depois de dar um soco no rosto de Andrew, mas esta é a primeira vez que os vejo juntos.

Jeanette se agita sobre o vaso por um tempo depois que esvazia o estômago, mas Andrew não se afasta. Eu vejo seus lábios se movendo enquanto ele murmura algo que só ela pode ouvir.

Não tenho certeza se devo intervir ou não. Ela é minha irmã, mas olhando para os dois me sinto um estranho. Uma parte de mim quer dar um soco em Andrew por agir pelas costas, *novamente*, mas a outra parte quer que minha irmã tenha o que ela precisa agora e se é Andrew...

Lentamente, Jeanette levanta a cabeça, seus olhares se chocando. Eu posso ver seu corpo inteiro tenso, e então ela se afasta, quase perdendo um passo e caindo.

— Não me toque. — Ela rosna, seu dedo levantado no ar em um aviso.

— Que diabos? — Ele tenta alcançá-la, mas ela se afasta mais uma vez.

— Eu disse, não me toque.

Andrew olha em volta, desamparado, mas não tenho ideia do que diabos está acontecendo. E não tenho chance de descobrir porque os olhos suplicantes de Jeanette se voltam para mim.

— Me leve para casa? — Sua voz é um sussurro suave, e ela parece pequena. Assentindo em concordância, vou até minha irmã e envolvo meu braço em volta dela. Quero perguntar a ela o que diabos está acontecendo, mas sei que não está no estado de espírito certo para falar sobre isso, então deixo para lá. Por enquanto.

— Vamos para casa.

— Brook? — Jeanette olha por cima do ombro.

O nome dela me faz parar no meu caminho. Por um momento, esqueci completamente que ela estava aqui conosco. Ela tem estado tão quieta, de pé à margem, nenhuma vez interferindo.

— Deixe-me apenas... — Brook vasculha sua bolsa que eu nem a vi carregando e levanta o telefone no ar.

Jeanette assente. — Nós estaremos no carro.

Eu não quero ir, não sem ela. Jeanette não é a única pessoa que precisa me dar algumas respostas, mas não posso estar com as duas ao mesmo tempo.

E não importa o quanto eu queira falar com Brook, Jeanette precisa de mim mais. E ela sempre virá primeiro.

Capítulo Trinta e Seis

BROOK

Que diabos estou fazendo? Estou me fazendo essa pergunta repetidamente enquanto digito a mensagem. Não porque eu estou realmente procurando uma resposta, mas porque me dará alguns momentos para acalmar meus nervos e descobrir o que diabos estava em minha mente quando decidi ficar para trás sozinha com Andrew de todas as pessoas.

Eu posso sentir o olhar persistente de Max, mas me recuso a reconhecê-lo, apenas levantando meu olhar quando não consigo sentir seus olhos em mim. Andrew e eu olhamos para as costas deles em silêncio até ficarem fora de vista.

— Bem, você estragou tudo. — Eu finalmente quebro o silêncio, colocando meu telefone no bolso antes de me virar para olhá-lo.

— Quem pediu sua opinião? — Os olhos de Andrew se estreitam para mim, mas mesmo assim eu posso ver sua cor verde penetrante. Arrepios sobem na minha pele com seu olhar intenso, mas não desvio o olhar. Não posso. Quantas vezes olhei naqueles olhos, sem saber, sem perceber quem ele realmente é? Não deveríamos ter algum sexto sentido que nos diga que estamos relacionados de alguma forma?

— Ninguém. — Dou de ombros com indiferença, rezando para que ele não veja o quão nervosa eu realmente estou. — Não significa que eu não vou dar uma.

— Bem, você pode dar a alguém que possa realmente querer isso? — Ele franze a testa para mim, e não tenho certeza se quero ficar chateada

ou chorar de alívio. Ele não vê a conexão, assim como eu não vejo há tantos anos. Mas e se fizesse? Serei a primeira a admitir que não conheço Andrew Hill; eu nunca tentei conhecê-lo, como todo mundo. Só sei o que ele mostra ao mundo. Mas acho que tem que haver algo mais, algo mais profundo nele se Jeanette se apaixonou por ele, e não posso deixar de me perguntar... E se ele soubesse que estávamos relacionados? Gostaria de me conhecer ou me afastaria como todo mundo?

— Não. Olha, eu nem vou tentar agir como se soubesse o que está acontecendo entre você e Jeanette...

— Qual é o sentido dessa conversa de novo?

Eu olho para ele teimosamente, irritada com a interrupção. — Mas é melhor você arrumar suas coisas e parar de jogar.

— Eu não estou jogando nenhum jogo.

— Não? — Eu levanto uma sobrancelha em questão. — Qual foi o esquema com Diamond então?

— Você está louca.

Andrew me acena e começa a se virar, e antes que eu possa pensar sobre isso e tentar me convencer disso, minha mão se lança para frente. Meus dedos envolvem seu pulso e o puxo de volta. — Estou mesmo? — Eu desafio, observando seu rosto.

Você está fazendo isso por Jeanette ou por si mesma? Uma pequena voz pergunta, mas empurro para trás.

Eu posso ver seu cérebro funcionando, quase posso senti-lo pensar nas minhas palavras e olhar para o que aconteceu, e enquanto ele faz isso, o observo. Existe mais alguma coisa que nos conecta? Há essa teimosia em sua mandíbula que posso jurar que vi em meu próprio reflexo mais de uma vez. O que mais? Nós dois temos cabelos

castanhos, mas é um tom um pouco diferente. Nariz, talvez? Não, eu não penso assim. Talvez lábios. Há um arco no lábio superior que pode combinar com o meu.

— Poooooorra. — Ele diz, parando o meu concurso de encarar. Andrew cobre o rosto com as mãos, esfregando com força.

— Mhmm. — Dou um passo à frente e dou um tapinha nas costas dele. — Você é um idiota, Andrew. E embora alguns hábitos nunca morram, terá que fazer melhor que isso. Pare de jogar e controle suas coisas. Então você pode ter uma chance real. Deus ajude a todos nós.

E quando as palavras morrem nos meus lábios, eu sei que é isso. Relutantemente, me afasto, minha mão caindo ao meu lado. Pressionando meus lábios em uma linha tensa para não dizer mais nada, giro os calcanhares e começo a andar atrás dos gêmeos Sanders.

Não vire. Eu canto para mim mesma, me recusando a ceder à atração. *Não diga nada.*

Mas não preciso, porque Andrew é quem me chama.

— Você acha que é muito melhor que eu? — Suas palavras me impedem, mas não me viro. Se eu fizer, direi tudo a ele, e ele não pode saber.

— Na verdade não, mas se você conseguir controlar suas coisas, talvez haja esperança para o resto de nós.

Com essas palavras de despedida, eu finalmente vou embora. Pensei que seria mais fácil se ele não soubesse, mas não poderia estar mais errada.

MAX

Parece uma eternidade antes de Brook vir para o carro. Ela olha para o banco de trás, percebendo o corpo dormindo de Jeanette. Eu posso ver o reflexo dela no retrovisor. Ela respira fundo uma vez que dá os últimos passos para mim.

Ela me olha pela janela fechada com os braços em volta dela. Inclino minha cabeça para o lado, dizendo para entrar, mas a única reação que recebo é uma ligeira inclinação do queixo no ar. Eu xingo, abaixando a janela entre nós.

— O que diabos você pensa que está fazendo?

— Ela está bem? — Brook olha para o banco de trás, ignorando completamente a minha pergunta.

— Ela desmaiou. E terá uma ressaca perversa amanhã, mas é isso.

Você espera que sim, mas e se você estiver errado?

Cerrando os dentes, eu ignoro a pequena voz que está me provocando desde que vi minha irmã dançando bêbada no bar.

Brook assente, ainda se recusando a olhar para mim. — Isso é bom. Estou feliz que ela esteja bem. Ou, tão bem quanto pode estar.

O silêncio cai entre nós. Eu a vejo mudar seu peso de uma perna para a outra, o movimento fazendo a barra da saia subir e revelar alguns centímetros extras de sua pele. Aquela pele suave e sexy da qual eu não me canso. Só de pensar nisso, pensar nas minhas mãos acariciando seu corpo, dá água na boca.

— Eu deveria pegar...

— Entre no carro, Brook. — Eu a interrompo com os dentes cerrados, terminando de jogar.

Isso resolve; ela olha para mim com fúria queimando naqueles olhos esmeralda. — Você não me diz o que fazer, Sanders.

Suspirando, inclino minha cabeça para trás. Estou chateado com Jeanette por perdê-la esta noite. Com Brook por não a impedir. *Por se esconder de mim.* De mim mesmo por atacá-la. Minha cabeça está latejando, e eu já tive o suficiente desse dia. Chega dessa semana.

Soltando o cinto de segurança, abro a porta e saio.

— Você entrará neste carro agora ou jogarei você dentro. Sua escolha. — Eu digo baixinho enquanto estou frente a frente com ela. Se fosse outra pessoa, provavelmente tropeçaria para trás, mas ela se mantém firme, sem se mexer um centímetro.

Essa é a minha garota.

— Você realmente acha que pode me intimidar para fazer as coisas do seu jeito? — Ela me cutuca no meio do peito com o dedo. — Eu tive o suficiente da sua atitude por uma noite.

— Oh, sério? — Eu desafio.

À distância, a festa ainda está acontecendo. É a única coisa que está quebrando a tranquilidade da noite. É difícil acreditar que ninguém nunca chamou a polícia para nós. Então, novamente, esta é a casa da pessoa com maior probabilidade de se tornar o futuro prefeito de Greyford.

Então o barulho fica ainda mais alto e, depois de um segundo, percebo que é quase meia-noite. Como é possível que esta noite tenha se tornado tão desastrosa antes de chegarmos à meia-noite?

Brook inclina a cabeça para trás para que ela possa me olhar melhor. Seus lábios se separam, mas nenhuma palavra sai. Seus olhos se arregalam quando ela percebe que é quase meia-noite.

Eu posso sentir meu coração desacelerar, batendo em sintonia com a contagem regressiva rugida.

Ela chupa o lábio, mordiscando a carne vermelha antes de lentamente deixá-la ir. Seus lábios brilham ao luar, e eu não consigo desviar o olhar.

Eu a beijei apenas alguns dias atrás, mas parece uma eternidade. *Isso porque ela te ignorou. Por dias, ela o ignorou, sem atender a nenhuma de suas chamadas ou mensagens de texto.* Não é como se isso importasse. Mesmo que ela me ignorasse mil vezes, eu a desejaria. Meu corpo sempre anseia mais. Mais beijos dela. Mais de seus toques. Mais *dela*.

Minhas mãos apertam ao meu lado. Uma vez. Duas vezes.

O sangue correndo pelo meu corpo toca nos meus ouvidos, mas mesmo isso não entorpece sua voz.

— M-Max?

Uma pergunta ou fundamento? Não tenho certeza se tenho que esperar e descobrir.

— Porra, Brook...

Com isso, desisto de toda pretensão de controle. Minhas mãos apertam suas bochechas enquanto eu a puxo para um beijo.

Capítulo Trinta e Sete

BROOK

Max está me beijando.

Essas palavras ecoam na minha cabeça alto e repetidas quando seus lábios roçam nos meus. Seu toque é duro, quase desesperado. Ele me cutuca para entrar, e eu dou a ele, sua língua quente deslizando na minha boca.

Eu gemo com a sensação dele, minhas mãos segurando sua camisa e puxando-o mais perto.

Max Sanders está me beijando e, mais uma vez, estou deixando.

Empurre-o para longe. Eu sei que devo afastá-lo, deixá-lo ir de uma vez por todas e acabar com isso. Afinal, foi o que fiz nos últimos dias, evitando todas as chamadas e mensagens de texto. Um dia. Eu tive um dia com ele. Um dia em que eu esperava que pudesse haver mais. Um dia em que dei tudo para ele, apenas para ter tudo rasgado em pedaços quando voltei à realidade. Minha realidade. Aquela em que Max não pertence.

Isso está errado em muitos níveis. Esse desejo que sinto por ele, essa necessidade, quando sei que nunca poderemos ficar juntos. Nós somos tão diferentes. *Ainda o mesmo.* Ele ainda está em Lia, enquanto eu não posso deixar de me apaixonar mais por ele todos os dias. Estávamos na garganta um do outro, e agora Max está me beijando como se sua vida dependesse disso. Como se não sobrevivesse se não me beijasse.

À distância, eu posso ouvir as pessoas gritando enquanto dão boas-vindas ao ano novo, mas é tudo ruído de fundo. Quando os lábios de Max estão nos meus, parece que todo o resto cai e somos apenas ele e eu.

Apenas esse beijo. Mais um beijo.

Sua língua desliza contra a minha, e posso ouvir seu gemido alto quando me sacode até o centro. Meu coração dispara, se isso é possível, e tudo o que posso fazer é deslizar as mãos em volta do pescoço dele, meus dedos emaranhados nos cabelos da nuca, puxando-o para mais perto.

Nossos corpos esfregam um contra o outro, e eu não consigo escapar do calor acumulado no meu corpo.

Eu me aproximo, tão perto que nossos corpos estão nivelados juntos.

Max geme, quebrando o beijo. Seus dentes mordiscam meu lábio inferior, sugando-o em sua boca. — Você está me matando. — Ele respira contra os meus lábios, seu hálito quente fazendo cócegas na minha pele.

— E você está me irritando, então acho que estamos quites.

Seus lábios roçam nos meus, desta vez quase de brincadeira. — Eu não sei do que você está falando.

Ele arrasta beijos no meu queixo e no meu pescoço. Murmurando em aprovação, inclino a cabeça para trás. — Isso não faz de você um idiota. — Eu sussurro baixinho no momento em que sua boca roça no espaço entre meu ombro e pescoço.

Ele morde a pele exposta, fazendo meu corpo vibrar em consciência. — E, no entanto, você me deixa te beijar. — Eu posso sentir o sorriso dele contra a minha pele.

Meus dedos cavam seu couro cabeludo, e o afasto apenas o suficiente para que eu possa olhá-lo nos olhos. — Da próxima vez, eu vou chutar você na virilha. — Aviso. Minha perna desliza entre as dele e lentamente deslizo para cima para explicar meu ponto.

— Da próxima vez, vou tentar manter isso em mente.

Que diabos estou fazendo? Não haverá próxima vez. Não *pode* haver. Inferno, não deveria haver *esta* vez também. Não tenho certeza se é a tensão reprimida que está sempre queimando entre nós ou se os restos de álcool ainda zumbem em minhas veias, mas uma coisa é certa - seja o que for, sou fraca demais para resistir. E o pior de tudo? Eu não quero.

Só essa noite. Deixe-me ter mais uma noite.

Então, quando Max se inclina para frente, seus lábios capturando os meus mais uma vez, eu retribuo seu beijo com tudo o que tenho. Nós nos beijamos por tanto tempo que meus lábios ficam dormentes, mas mesmo assim eu não quero que isso termine. E tenho certeza de que continuaríamos se não fosse por um gemido suave rompendo nossa névoa e fazendo a escolha por mim.

Nós nos afastamos, quebrando nosso beijo, mas Max pressiona sua testa na minha, sem soltar.

— Você deveria levá-la para casa. — Eu sussurro baixinho, olhando para Jeanette. Amando-a e odiando-a ao mesmo tempo por tirar isso de mim.

Max assente, seus dedos afastando o cabelo do meu rosto antes de pressionar os lábios contra o topo da minha cabeça e finalmente se afastar completamente.

— Eu vou levar vocês duas para casa.

Capítulo Trinta e Oito

MAX

Naquela noite, depois que levo Brook para casa e Jeanette está na cama dela, vou para meu quarto, mas o sono me evita. Eu jogo e viro sem sucesso. Meu cérebro está inquieto demais para adormecer, meus pensamentos também vagando.

Memórias de Jeanette de antes e agora se misturam com memórias de Brook. Meu pior medo e maior desejo aconteceram em uma noite. Eu queria levar Brook para casa comigo, mas sabia que Jeanette precisava de mim. Ainda não acredito que ela faria algo assim. Depois de tudo o que passou, tudo o que passamos. Eu sabia que mexer com Andrew seria sua ruína, e não estava errado. Agora, a única pergunta é: qual o tamanho do dano que ele deixou para trás?

Esfregando a mão no rosto, finalmente desisto de dormir quando os primeiros raios de sol começam a aparecer através das sombras da minha janela. Eu sei que tenho que falar com ela, mas quando espreito dentro do quarto dela, encontro-a ainda dormindo no meio da cama. Com a preocupação ainda me comendo, entro, tomando cuidado para não acordá-la.

Mesmo na escuridão do quarto, vejo que a pele dela está pálida, cabelos bagunçados espalhados no travesseiro. Estendendo a mão, coloco uma mecha atrás da orelha dela.

Eu posso sentir a dor familiar no meu coração. Jeanette já possuía uma parte de mim antes de nascermos. Durante anos, éramos inseparáveis, mas, quando as coisas pioraram em nossa última escola,

formou-se um fosso entre nós, que só parece crescer cada vez mais com o tempo.

Voltaremos alguma vez a como eram as coisas antes, Anette?

Suspirando, dou um passo para trás. Não há nada que eu possa fazer agora. Não até que ela esteja acordada.

Nas pontas dos pés, fecho suavemente a porta atrás de mim. É melhor usar o tempo com sabedoria até que ela acorde. Voltaremos para a escola em breve, o que significa hóquei. Eu tenho que colocar todos os meus esforços para ganhar esse troféu e, possivelmente, meu lugar em um time de hóquei da primeira divisão.

— Você está acordada. — Eu digo, abrindo mais a porta do quarto de Jeanette. Ela está sentada na cama, encostada na cabeceira. Ainda de pijama, seu cabelo está uma bagunça, as bochechas coradas.

Ela trava o telefone, deslizando-o para debaixo do travesseiro. Acendendo a luz, se senta ereta, puxando as cobertas até ficarem debaixo do queixo.

— Sim. — Jeanette murmura, sua voz toda seca e rouca. — Acabei de acordar.

Concordo, observando-a cuidadosamente da porta. — Eu fiz uma sopa para você.

Ela franze a testa com a menção de comida. — Um pouco mais tarde?

Meu coração afunda, mas não vou deixar isso passar. Não depois da noite passada. — Jeanette...

Entro, sem me preocupar em fechar a porta. Ela olha para mim com aqueles olhos arregalados, e não posso deixar de tomá-la. Realmente tomá-la. Perguntas começam a surgir em minha mente enquanto eu lentamente ando em sua direção.

Eu fiz de novo? Falhei com ela? Perdi os sinais que estavam bem debaixo do meu nariz?

Sentado ao lado dela, pego suas mãos nas minhas e olho para elas, sem dizer nada. Apenas observando. Seus dedos são longos e finos, unhas cortadas ordenadamente e pintadas em vermelho escuro. Escondida entre as minhas, sua mão parece tão pequena e frágil.

Quebrável, assim como ela.

Limpando minha garganta, levanto meu olhar para o dela, olhos prateados colidindo quando finalmente quebro o silêncio. — O que aconteceu ontem?

— Estou bem, Max.

Estou bem, Max. Não me lembro do número de vezes que a ouvi dizer exatamente essas mesmas palavras nos últimos anos. *Estou bem. Está tudo bem.* Mas ela não estava bem e nada estava bem. Ela era boa em se esconder, e eu era bom em fingir. Perdido demais em meu próprio mundo - hóquei, escola, *meninas* - para perceber o sofrimento da minha irmã. Sua tristeza literal na frente dos meus olhos.

Não dessa vez.

— Mas você está? — A pergunta sai mais forte do que eu pretendia, quase em pânico, mas não posso voltar atrás. Não quero voltar atrás porque não posso voltar há dois anos. — Você está mesmo?

Olho por seu rosto, esperando ver *alguma coisa*. Algo que me ajudará a separar a verdade da mentira. Estou ofegante, mas quando tento respirar fundo para recuperar até mesmo uma aparência de controle, a respiração fica presa nos meus pulmões.

— Eu. Estou. Bem. — Jeanette me olha diretamente nos olhos enquanto diz essas palavras, seus dedos segurando os meus. O aperto dela é forte, e isso me ajuda a me aterrar. — Realmente.

— Você não parece bem, Anette. — Eu balanço minha cabeça. — Você parece alguém pronto para sair do controle de novo. Todos esses meses eu fico olhando para você, me perguntando se estou perdendo alguma coisa novamente. Você está realmente bem ou está fingindo? Serei capaz de vê-la desta vez? Se você voltar para a escuridão, poderei vê-la? Serei capaz de retirá-la antes que seja tarde demais?

Agora estou no modo de pânico total. Eu posso sentir meu sangue bombeando nas veias e ouvir seu eco nos tímpanos. Cada palavra sai cada vez mais rápido. Todos os medos que tenho empurrado para trás, a preocupação e a mágoa que me assombram querem sair, e não há como detê-los.

— Max...

As palmas das minhas mãos estão suadas e eu quero escová-las contra a minha calça, mas, para fazer isso, tenho que me soltar. E não posso fazer isso, porque e se a deixar ir e a perder para sempre?

— Eu não posso te perder, Jeanette. — Eu balanço minha cabeça, minha visão ficando embaçada. — Eu não posso. Naquele momento você quebrou. Tão pequena. Tão pálida. Tão *frágil*. Você nunca entenderá o medo que senti quando a vi literalmente desmoronar na frente dos meus olhos. Acho que nem percebi até aquele momento quão frágil e mortal você é. O medo, o pânico... é como nada que eu já senti antes. Você e eu, Anette. Somos uma equipe. Somos uma pessoa.

Perder você seria como perder uma parte de mim. Quase te perdi uma vez e mal sobrevivi. Perder você de verdade...

Eu paro, engasgando com as palavras. Não há como dizer em voz alta. Só de pensar nisso me deixa mal do estômago.

— Max, eu estou bem.

— Mas você está mesmo? — Eu a analiso, seu rosto pálido e corpo esbelto. — Você parece mais magra do que há algumas semanas atrás. Eu já vi você mal tocar no almoço algumas vezes na escola.

Sua garganta balança com minhas palavras.

— Você sabia que eu sempre noto isso? Mesmo quando não estou olhando ou ouvindo conscientemente, sempre vejo quando você deixa algo no seu prato. Ou quando você diz que não sente fome. Toda vez que se olha criticamente no espelho, eu me pergunto - o que ela vê? Será este o momento em que o monstro voltará e a fará ver algo que não existe?

— Oh, Max... — Jeanette sussurra, e posso sentir a dor em sua voz. Lágrimas enchem seus olhos, mas antes que eu possa fazer ou dizer qualquer coisa, ela puxa as mãos das minhas e se joga em mim. Seus braços envolvem meus ombros, apertando com força.

Fico parado, atordoado. Não nos abraçamos assim há tanto tempo que esqueci como é. Quando estávamos perto antes, abraçar assim era um fato, mas como nosso relacionamento, isso também desapareceu. Enrolando minhas mãos em torno dela, eu a aperto mais forte. Ela se inclina na curva do meu pescoço e posso ouvi-la inspirar. Meu corpo inteiro relaxa, saboreando esse momento ao máximo. Eu posso sentir meus olhos queimando, e tenho que fechá-los para segurar as emoções que querem se libertar.

— Eu senti falta disso. — Jeanette sussurra suavemente.

Concordo com a cabeça, engasgado demais para dizer mais alguma coisa.

Minhas mãos correm para cima e para baixo nas costas dela em câmera lenta. — Você está mais magra.

Suspirando, Jeanette se afasta, seus olhos manchados de lágrimas encontram os meus.

— Estou tentando, Max. Eu realmente estou, mas às vezes... — Ela respira bruscamente e suas pálpebras tremem, lágrimas caindo por suas bochechas. — Mas às vezes é difícil. Há dias em que posso lutar, dias em que posso olhar para o meu reflexo no espelho e dizer: 'Dane-se' e seguir em frente, mas há dias em que nada que eu digo ou faço nunca melhorará. Dias em que tudo o que quero fazer é arrancar minha pele dos ossos e me esconder. Dias em que apenas o menor dos comentários arruína semanas de bons dias e faz com que toda a luz se submeta à escuridão que se esconde por baixo. Eu quero ser forte, Max. Eu faço. E não para você ou qualquer outra pessoa, mas para mim. Quero ser confiante, feliz e *íntegra*. E alguns dias eu posso ser exatamente isso. Mas alguns dias... alguns dias são demais.

— É Hill? — Eu tenho que perguntar severamente. Ele pode ser meu amigo, mas se ele estiver mexendo com Jeanette, então Deus me ajude, vou chutá-lo.

— Andrew? — Jeanette franze a testa. — O que ele tem a ver com alguma coisa?

Ela está me fodendo? Será que ela realmente acha que eles são tão espertos com os esconderijos que ninguém notou?

Eu dou a ela um olhar conhecedor. — Eu não sou cego, Jeanette. E suas habilidades para esconder são uma merda. Só um tolo não podia ver através de vocês dois.

Suspirando, ela se inclina contra os travesseiros e olha para o teto. — Não é Andrew.

É difícil reprimir a carranca ao som do nome dele caindo dos lábios dela, porque o que quer que ela diga, posso ver o olhar em seus olhos, ouvir o tom em sua voz. Seus sentimentos são mais fortes do que ela quer admitir, até para si mesma.

— Por um tempo, você pareceu mais feliz, contente. O que mudou?

Jeanette morde o lábio. O silêncio se estende entre nós enquanto ela pensa até que finalmente quebra. — Eu estava feliz. *Ele me fez feliz*. Talvez esse seja o problema. Talvez eu devesse começar a aprender a ser feliz sozinha.

Pego a mão dela na minha, pensando em suas palavras. — Você terá sucesso. Se alguém merece ser feliz, é você. Mas por favor, não me assuste mais assim. Eu estava falando sério quando disse isso; não posso te perder.

Ela me oferece um sorriso. É fraco, mas é alguma coisa. — Vou tentar não o fazer.

— Estou aqui. — Preciso que ela entenda isso. Preciso que ela saiba que pode confiar em mim. Que estou aqui e não a decepcionarei. — Se você precisar de alguém com quem conversar ou apenas quiser que me sente ao seu lado, eu sempre estarei aqui. Você sempre virá primeiro.

Nosso relacionamento pode estar danificado, mas não está além do reparo. Vai levar tempo, mas vamos nos curar. Juntos.

Ela assente, retornando meu aperto. — Você e eu.

Capítulo Trinta e Nove

BROOK

— Você ficou muito quieta desde que a escola voltou a funcionar. — Diz a Sra. Brown enquanto estocava o armário de arte com muita indiferença. Sua voz peculiar faz a veia na minha testa latejar.

— E isso é diferente do meu eu habitual, exatamente? — Eu pergunto, nem uma vez movendo meus olhos da tela em branco na minha frente.

A escola começou na semana passada e, desde então, tenho feito o possível para ficar longe de todos, na maioria das vezes me escondendo na sala de artes, onde tento trabalhar em alguma coisa.

A tela quase me zomba. Ofegando as bochechas, mergulho a ponta do pincel na tinta - não me pergunte qual; nem tenho certeza - e comece a bater cegamente na superfície branca.

Engane até você fazer tudo isso.

— Não é tão quieta. — Continua a Sra. Brown, sem perceber - ou provavelmente não se importando - com a minha necessidade de solidão. — Além disso, durante todo o tempo que você passa aqui, nem começou a trabalhar em uma nova peça desde que voltou.

— Você quer que eu saia?

— Eu não disse isso.

— Então o que você está tentando dizer exatamente?! — Suspiro alto, exasperada com essa conversa.

Ela para na minha frente, me forçando a olha-la. Seus braços estão cruzados sobre o peito e, embora ela esteja me dando uma olhada dura, eu posso ver a preocupação em seus olhos. — Para alguém tão jovem, você é muito irritadiça.

Abro a boca, mas a fecho quase tão rapidamente, com um gosto amargo na língua. A Sra. Brown não fez nada para merecer a minha atitude. Ela foi além para me dar um refúgio seguro quando eu preciso de espaço e solidão.

Limpando a garganta, digo: — Sra. Brown…

— Aí está você! — Lia interrompe, correndo para dentro como um tornado. Hoje, o cabelo dela está preso em uma bagunça ondulada. Sua respiração é elevada, as bochechas rosadas. — Eu estive procurando por você.

Olho entre ela e a Sra. Brown, sem saber o que fazer. Eu deveria pedir desculpas a ela, mas não posso fazer isso na frente de Lia. Então ela perguntará o que está acontecendo e terei que mentir. Novamente.

— Está tudo bem. — A Sra. Brown aperta minha mão de passagem. — Podemos conversar mais tarde.

Assentindo, eu a vejo voltar para o armário de arte, fechando a porta atrás dela para nos dar espaço para conversar.

Respirando fundo, viro-me para minha melhor amiga. — E aí?

— O que houve? — Seus olhos se estreitam para mim, e se eu não soubesse melhor, acho que ela estava chateada comigo. — O que há com *você*? Parece que não te vejo há semanas.

Então, novamente, talvez ela *esteja* chateada.

— Lia…

— Não. — Ela balança a cabeça para mim. — Você não me chame de 'Lia'. Não quero ouvir mais desculpas. Eu sei que algo está acontecendo com você.

— Foram duas semanas difíceis. — Digo, não uma mentira em si, mas tão longe da verdade completa.

Os olhos castanhos amolecem quase instantaneamente. — Você quer falar sobre isso?

— Eu não tenho certeza agora... — Ela dá um passo para trás quase como se eu tivesse lhe dado um tapa.

Talvez seja melhor assim. Faça uma pausa limpa agora antes de causar danos reais.

— Eu não posso ajudá-la se você não me deixar. — Ela sussurra.

— Lia... — Eu estremeço, a culpa que sinto por ser má com a Sra. Brown parece nada comparado a isso. Quero dizer que não é culpa dela que estou fazendo tudo isso por ela, para mantê-la segura, mas as palavras morrem antes mesmo de chegarem aos meus lábios. Não posso arriscar puxar Lia para o meu mundo. Eu não vou arriscar.

Ela balança a cabeça, não me deixando dizer mais. Um sorriso suave e melancólico brilha em seus lábios. — Eu só queria lhe contar, Jeanette e eu estaremos estudando hoje mais tarde na minha casa. Adoraríamos vê-la lá.

Com isso, ela se vira e se afasta, deixando-me de pé no meio da sala com a boca aberta e um buraco no peito.

Você está fazendo um favor a ela. Fecho os olhos, tentando afastar a dor. *Se ela soubesse a verdade, entenderia.*

Isso deveria facilitar, mas não é assim tão simples. Eu a machuquei, realmente a machuquei. A melhor e mais genuína pessoa que conheço.

Eu sei que deveria ouvir a razão. Sei que devo ficar longe, mas saber e fazer dificilmente são a mesma coisa.

Nunca acreditei que sou uma pessoa especialmente forte, mas se alguma vez duvidei disso, hoje apenas me mostrou exatamente como sou fraca.

— Você está aqui. — Lia pisca quando ela abre a porta e fica boquiaberta para mim.

— Claro que sim. — Digo, olhando por cima do ombro dela nervosamente. — Sinto muito por ser uma cadela mais cedo, Lia. As coisas estão... complicadas.

Ela me lança um longo olhar e, se eu não soubesse melhor, acharia que ela vê através da minha máscara. Inferno, talvez o faça, e estou me enganando o tempo todo porque é mais fácil.

Você deveria ter ido embora agora, então nada disso teria acontecido.

— Eu não vou perguntar, porque sei que você não vai me dizer de qualquer maneira...

— Lia...

Ela balança a cabeça, me interrompendo. — Não quero brigar, Brook. Mas preciso que você saiba que pode vir até mim quando estiver pronta. Eu sempre estarei aqui para você, não importa o quê.

Engulo em seco, emoções entupindo minha garganta.

Eu quero acreditar nela, realmente acredito, mas não posso me deixar pensar no que se passa.

Mesmo estando aqui, contra o meu melhor julgamento, sei o que está em jogo. Manter as pessoas ao meu redor seguras é minha principal prioridade.

Finalmente, dou um breve aceno de cabeça. Lia sorri, suas mãos envolvendo meus ombros. — Vamos entrar.

Vamos direto para a sala, onde Lia já montou tudo o que precisamos estudar.

— Jeanette está aqui? — Eu pergunto, tirando minha jaqueta.

— Ela deveria estar... — Lia para no meio da frase quando a porta da frente se abre e fecha.

Trocamos um olhar, e Jeanette quase voa para o quarto e cai no sofá.

— Sinto muito por estar atrasada.

— Sim, sim, a rainha nunca se atrasa. Todo mundo está simplesmente adiantado. — Eu provoco, embora não exista uma mordida usual. Para ser sincera, nas últimas semanas nós duas nos aproximamos. Não nos chamaria de amigas exatamente, mas a animosidade inicial se foi.

— Brook! — Lia repreende, mas eu a ignoro em favor de coçar Lola atrás das orelhas flexíveis. Ela balança o rabo alegremente, mas assim que percebe Jeanette, se afasta.

— Da próxima vez, vou chegar em uma carruagem para ter minha grande entrada. — Jeanette diz sem rodeios, tirando a jaqueta e o cachecol.

Eu assisto Lola quase colidir com ela, mal parando. Ela late alegremente enquanto pula no colo, dando beijos molhados por todo o rosto.

Pequena traidora.

— Nossa, relaxe. — Volto minha atenção para Lia. — Eu estava apenas brincando. J sabe disso. Certo, JJ?

O corpo de Jeanette fica tenso com as minhas palavras, e eu quero cair na gargalhada, mas de alguma forma consigo segurá-la enquanto ela lentamente levanta o olhar para mim, me dando um olhar mortal.

— Me chame de JJ mais uma vez e você pode precisar de um cirurgião plástico.

— Tão sensível. — Eu *brinco*.

Se olhares pudessem matar, eu já seria uma garota morta.

— Vamos ao que interessa, não é? — Jeanette pergunta, pegando sua mochila do chão e colocando seus livros na mesa de café. Suspirando, desisto de provocar e vou direto ao assunto. Repassamos algumas tarefas quando, de repente, Jeanette levanta a cabeça. — Lia?

Eu sigo o exemplo, olhando para a minha melhor amiga silenciosamente observando nós duas, uma pequena carranca entre as sobrancelhas. — Por que vocês sempre tem que brigar como um velho casal? Vocês duas não podem simplesmente agir como amigas normais por uma vez?

Jeanette e eu trocamos um olhar antes de voltarmos para ela, quase simultaneamente dizendo: — Inferno, não!

Lia olha para nós por mais alguns segundos, balançando a cabeça antes de finalmente dar de ombros. — Tanto faz.

Desistindo, ela se junta a nós no chão e nós três trabalhamos em espanhol. É uma das únicas aulas, exceto a sala de aula, que temos juntas. E como Señorita Rodrigues é uma pessoa durona, sempre nos dando algum projeto ou questionário pop, temos que levar isso a sério.

Não sei quanto tempo estamos nisso. Estamos cobrindo tempos passados no momento, que são confusos como o inferno. Jeanette e eu estamos no meio de uma discussão acalorada sobre se devemos usar *pretérito imperfeito* ou *indefinido* quando a campainha toca, acordando Lola de seu sono.

— Esse é o entregador. — Diz Lia enquanto se levanta para abrir a porta. — Volto daqui a pouco.

— Eu acho seriamente que *tuviera* faz mais sentido nesta frase. — Insisto, mas Jeanette já está balançando a cabeça negativamente.

— É uma descrição no passado. Algo que vem acontecendo há um tempo... Parece lógico colocar *tenía...*

— A comida está aqui. — Diz Lia em voz alta, interrompendo nossa discussão. Ela coloca o saco plástico sobre a mesa de café entre nós, forçando-nos a parar por enquanto. — Se eu ouvir mais uma conjugação, apenas uma, minha cabeça vai explodir.

— Eu acho que uma pausa para o jantar não vai nos matar. — Jeanette concorda, fechando seus livros e empurrando-os para o lado para que não fiquem no caminho, como eu faço o mesmo. Lia rasga a sacola e tira pequenas caixas brancas.

— Eu não tinha certeza do que você estava com disposição, mas tínhamos um desejo por chineses, então... — Lia diz, abrindo as caixas.

Pego um, junto com um par de pauzinhos, mas não tenho chance de abri-los antes que Jeanette se ponha de pé e corra para fora da sala.

— O que... — Eu pergunto, olhando para Lia de olhos arregalados, mas ela ficou tão sem palavras quanto eu.

Os passos altos de Jeanette ecoam pelo corredor, e logo depois uma porta se abre, e o barulho alto me faz mover. Eu pulo de pé, nem

mesmo dando um segundo olhar para a comida que deixo para trás enquanto corro atrás dela, os passos mais suaves de Lia seguindo atrás.

Não demoramos muito para encontrá-la, o som de vomitar uma oferta clara. Sinto meu próprio estômago roncar desconfortavelmente, mas não o deixo me parar.

Chegando ao pequeno banheiro no final do corredor, encontramos a porta aberta. Jeanette está caída sobre os azulejos, seu corpo inclinado sobre o vaso sanitário.

O cheiro intenso de vômito faz com que a bile no meu estômago suba, e eu tenho que dar um passo para trás, porque parece que estarei bem ao lado dela, se não o fizer. Lia, por outro lado, corre para dentro e cai de joelhos ao lado dela. Ela alcança Jeanette, uma das mãos puxando o cabelo para trás enquanto a outra se move suavemente sobre as costas de Jeanette enquanto ela entra no banheiro.

— Jeanette, você está bem? — Lia pergunta.

Mas como ela poderia estar?

As mãos de Jeanette estão segurando o assento do vaso, as juntas completamente brancas. E eu sei que se ela não estivesse se segurando por uma vida querida, seus braços tremeriam como seu corpo.

Quando ela termina, se afasta, limpando a boca com as costas da mão.

Depois de alguns momentos para se recompor, ela lentamente se levanta com a ajuda de Lia. — Sim... apenas me sentindo um pouco enjoada. É isso aí. Eu acho que é um vírus ou algo assim. Vou apenas...

Enquanto ela fala, se move em direção à pia. Ligando a água, toma um pequeno gole, lavando a boca.

— Um vírus? — Eu pergunto ceticamente da porta, ainda mantendo uma distância segura. Geralmente, o cheiro de vômito não me afeta nem um pouco; Deus sabe que eu estou aqui há muito tempo, mas meu estômago está revirando desde que cheguei aqui. — Você estava bem apenas alguns minutos atrás.

— Eu tenho me sentido mal nos últimos dias. Apenas vem e vai...

Uma pequena risada quase em pânico me escapa. — Se eu não soubesse melhor, diria que você está...

Eu paro no meio da frase, as palavras ficando presas na minha garganta enquanto a olho com os olhos arregalados.

— Brook, pare seriamente. Não vê que ela não está se sentindo bem? — Lia bufa, mas nenhuma de nós presta atenção.

Os olhos de Jeanette saltam, seu rosto ficando ainda mais pálido do que antes. Ela tropeça um pouco, mas felizmente Lia está segurando seu antebraço, impedindo-a de esmagar o rosto para a frente.

— Jeanette? — Lia pergunta preocupada.

Jeanette abre a boca, mas apenas um chiado agudo sai. Suas pupilas estão dilatadas, suor cobrindo sua testa.

— Não, você não vai. — Digo, entrando no pequeno espaço. O cheiro de vômito ainda está pairando no ar, mas afasto meu próprio desconforto.

Uma das minhas mãos cava em seu ombro, firmando seu corpo balançando, enquanto com a outra agarro seu queixo e a sacudo suavemente.

— Jeanette? — Eu chamo, entrando em pânico. — Jeanette, abra seus olhos.

Suas pálpebras tremulam fracamente, mas caem fechadas mais uma vez.

— N-não posso. — Ela sussurra, sua voz quase inaudível.

Seu corpo balança, as pernas desistindo dela.

— Droga. — Eu amaldiçoo. — Não a deixe cair, Lia.

Os olhos em pânico de Lia encontram os meus por cima do ombro de Jeanette. — O que há de errado com ela?

Quero garantir a ela que tudo ficará bem, mas primeiro temos que garantir que Jeanette esteja bem.

Engolindo em seco, meus olhos disparam entre as duas garotas na minha frente, uma quase inconsciente, a outra em pânico. Eu não posso ajudar as duas.

— Eu acho que ela está tendo um ataque de pânico. — Digo. — Me ajude a colocá-la no chão. Jeanette, abra seus olhos.

Uma vez que ela está deitada, tento bater levemente em sua bochecha, mas quando isso não ajuda, levanto-me e pego uma toalha. Umedecendo-o com água gelada, aperto o excesso antes de voltar ao chão e dou um tapinha no rosto de Jeanette.

— Por quê? Por que ela tem um vírus? — Lia pergunta, confusão e medo escritos em todo o rosto.

— Não, porque ela está grávida.

Eu vejo a boca de Lia se abrir, mas nenhuma palavra sai. Sem saber o que dizer, volto a Jeanette, mas ela ainda está fora. Mordo meu lábio, debatendo o que fazer.

— M-mas...

Frustrada, tiro uma mecha de cabelo do meu rosto enquanto olho para Lia. — Saia dessa, Lia. Ela precisa de nós. — Minhas palavras são mais severas do que o necessário, mas não posso mima-la agora. Não quando estou com medo e em pânico também. Mas não temos o luxo de desmoronar. Agora não. Tentando lembrar o conhecimento de primeiros socorros, digo: — Venha aqui; me ajude a levantar as pernas no ar. — Deveria ter mais sangue no cérebro dela, o que espero ajudar.

Lia se move para fazer o que disse. — Você acha que devemos chamar uma ambulância?

Tirando a blusa de frio e deixando-a em uma blusa, inclino o queixo para trás para abrir as vias aéreas. Enxaguei a toalha agora quente e a aplique novamente na pele recém-exposta. — Dê a ela alguns minutos. Se ela não acordar...

Balanço a cabeça. A imagem de um Max bravo e preocupado da semana passada me vem à mente. Não sei ao certo qual é o acordo, mas uma coisa é certa. Se ele descobrir isso, vai pirar. Se algo acontecer com Jeanette...

— Ugh... — O gemido é tão suave que é quase inaudível, mas eu posso sentir seu corpo se mexer.

— Ela está acordando. — Diz Lia, seus grandes olhos procurando os meus antes de olharem para a garota deitada no chão. — Jeanette?

Olhos escuros tremem algumas vezes antes de se abrirem, estreitando-se com a luz repentina. — O-o que a-conteceu? — Ela diz, piscando.

Afasto uma mecha de cabelo colada na testa dela. — Você desmaiou.

Olhos prateados encontram os meus, e eu sei o momento exato em que tudo volta para ela. Seus olhos se arregalam ainda mais do que

antes, sua pele pálida. Seus dedos seguram os meus em uma fechadura mortal tão forte que quero estremecer de dor, mas engulo.

— Ee... — Sua voz treme, quebrando com a única palavra.

— Está tudo bem. — Eu sussurro suavemente, minha mão escovando seus cabelos em um movimento constante. — Nós vamos descobrir. Mas primeiro, preciso que você se acalme, ok?

Meu coração se contrai no peito com a dor e o medo que vejo gravados em seu rosto, mas não a solto nenhuma vez. Eu continuo sussurrando, na esperança de acalmá-la, quando por dentro estou em uma bagunça em pânico.

RULES

ANNA B. DOE

Capítulo Quarenta

BROOK

— Você tem certeza de que está se sentindo melhor? — Lia encontra o olhar de Jeanette no espelho retrovisor. — Você nos assustou até a morte.

Minhas mãos apertam o volante com mais força, mas me concentro em dirigir.

Quando Jeanette estava se sentindo bem, nós a ajudamos a se endireitar e a levamos para a sala de estar. A comida foi esquecida há muito tempo, nenhuma de nós estava com fome depois de tudo o que aconteceu, e não havia como voltarmos a estudar, já que a única coisa em que pensávamos era no acontecimento na sala. Então, no final, decidimos sair e obter a resposta para a nossa pergunta.

— Talvez você não esteja grávida. — Digo suavemente, encontrando seu olhar antes de devolvê-lo à estrada.

Não tenho chance de dirigir com frequência, melhor ainda, mas quando o Sr. Campbell estava ensinando Lia a dirigir, ele também me ensinou. E como Jeanette não estava em condições de dirigir e Lia estava bastante abalada, isso me restou.

— Talvez. — Jeanette murmura, e embora eu não a veja, posso senti-la desviar o olhar.

O silêncio se estende no carro; nem mesmo o rádio está ligado para quebrar o silêncio tenso que caiu sobre nós.

No final, é Lia quem quebra primeiro. — Você está atrasada, afinal?

— Nenhuma ideia…

— Como você não tem ideia? — Eu cerro, meu aperto ficando mais apertado. Se eu não afrouxá-lo logo, vou quebrar a roda do caralho. — É a coisa mais básica que uma garota deve…

— Brook! — Lia grita. — É o bastante.

— Eu sempre tive um ciclo bastante irregular devido… — Jeanette engole alto. Meus olhos disparam para o reflexo dela por um segundo. Ela está mordiscando os lábios nervosamente, pensando. Quero perguntar a ela, - nem tenho certeza do que exatamente - mas finalmente fecho a boca, dando-a o tempo que tanto precisa.

Depois de alguns quilômetros, ela limpa a garganta e as palavras que saem da sua boca são as últimas que eu esperava ouvir, mas, ao mesmo tempo, fazem muito sentido.

— Devido ao fato de eu ter um distúrbio alimentar.

Lia engasga alto e, pelo canto do olho, vejo a mão dela cobrindo a boca. Então o silêncio cai sobre nós mais uma vez.

— Jeanette, eu… — Começo, mas o que há para dizer realmente?

— Está tudo bem. — Jeanette ri baixinho, mas não há humor no som. — Você não poderia saber. Ninguém pode. Eu nem pensei… — Ela se mexe no banco. — Quando eu estava em terapia, os médicos me disseram algumas das consequências que minhas ações poderiam causar, uma delas era ciclos irregulares e infertilidade. Mas esta é a primeira vez que não menstruo há tanto tempo, talvez mais de dois meses. Minha menstruação geralmente está atrasada, mas não *tão* atrasada. Não desde… não desde a última vez que as coisas ficaram fora de controle.

Há outra longa pausa.

— Você... — Eu limpo minha garganta, pensando profundamente em como fazer a pergunta. — Você esteve doente ultimamente?

— Eu tenho comido, você quer dizer? Você pode dizer isso. Eu sei como minha doença funciona. — Ela passa a mão pelos cabelos. — Tem sido... áspero. Alguns dias são mais difíceis do que outros, mas estou tentando comer regularmente. Saudável.

Lia se vira no banco, com a mão alcançando a de Jeanette. — Nós vamos descobrir. Juntas. Nós vamos descobrir.

As emoções incham na minha garganta, mas eu as empurro de volta. Afrouxando meu aperto, alcanço para trás, apenas por um segundo, dando-lhe um aperto forte no joelho. Então eu deixo ir, minhas mãos voltando para o volante. Nenhuma de nós diz outra palavra pelo resto do percurso.

— Então... — Lia diz demoradamente. — Como vamos fazer isso?

Nos últimos quinze minutos, nossos olhos ficaram colados ao saco de papel marrom que está sentado na mesa de Jeanette como se fosse nos morder se chegarmos muito perto.

Quando chegamos à próxima cidade e entrei no estacionamento, ficamos sentadas no carro por um tempo, quietas. Não sei o que andava vagando pela cabeça delas, mas estava agradecendo a Deus por ter nos levado lá com segurança. Depois que finalmente saímos e entramos na loja, passeamos um pouco. Eu não ficaria surpresa se as pessoas nos dessem olhares estranhos, já que estávamos andando, navegando, mas

não comprando nada até que finalmente desistimos de fingir e apenas seguimos em frente.

Tremendo, inclino o queixo na direção da bolsa. — Você vai pegar?

O rosto de Jeanette está cinza, os dedos apertados firmemente no colo. — Eu acho que não posso. Estou tão assustada.

— De estar grávida?

— Isso. — Ela respira fundo. — Mas... e se eu não estiver?

— O quê? — Eu pergunto, me afastando para olhá-la. Minha boca fica aberta de surpresa. Ela é de verdade? Ela quer engravidar? Que pessoa sã que também está no último ano do ensino médio quer engravidar?

Mas antes que eu possa tentar entender o assunto ou fazer mais perguntas, Jeanette continua. — E se eu não estiver? Não estou nem perto de ter um bebê, mas e se essa for minha única chance? Os médicos estavam bem à frente comigo; as chances de engravidar são baixas. E se essa for minha única chance e eu estragar de alguma forma?

Olho para Lia, sem saber o que dizer. Quando ela coloca assim, e sabendo do seu passado, faz sentido, mas ainda assim. Um bebê aos dezoito anos? Meu corpo inteiro estremece com o pensamento.

Sem esperar nossa resposta, Jeanette pula da cama. Eu posso ver a luta nos olhos dela. A necessidade de saber e o medo do saber. Meu coração dói por ela. Nem vou tentar fingir que a entendo, mas também não quero vê-la sofrer assim.

Respirando fundo, eu também me levanto.

— Vamos. — Eu passo uma das minhas mãos pelas dela, a outra segurando a sacola marrom como se minha vida dependesse disso.

Aqueles olhos prateados se arregalam quando a realização a atinge. — O que? O que você está fazendo?

— Nós estamos fazendo isso. E estamos fazendo isso agora. — Eu não a deixo com outra opção. Se não fizermos isso em breve, eu vou ser a única a vomitar.

— Nós? — Jeanette puxa sua mão da minha, parando em suas trilhas. — Brook, você está se sentindo...

— Nós vamos levar isso juntas. — Eu digo, meu tom final. — Deus sabe que você comprou o suficiente para toda a classe sênior da Greyford High.

Jeanette revira os olhos, mas nem mesmo a brincadeira do movimento consegue acabar com a preocupação escondida em suas profundezas. — Eu não comprei tantos!

— Mhmm... vamos lá.

— Você sabe o que está fazendo? — O ceticismo em sua voz é óbvio.

— Quão difícil isso pode ser? Você abaixa as calças, abre o palito, agacha-se sobre o vaso sanitário e faz xixi nele. Não é ciência quântica.

— Quando você coloca assim... Mas você vai primeiro.

Eu levanto meu dedo em aviso. — Você vai fazer xixi hoje no palito, quer faça por conta própria ou eu tenha que forçá-la a fazê-lo. Claro?

— Cristalino.

Concordo e depois vou para o banheiro como uma mulher em uma missão. A porta se fecha atrás de mim com um baque alto, e eu tomo um segundo para apenas respirar. Minhas costas afundam contra a porta atrás de mim. Passando a mão pelo rosto, olho para a sacola marrom fechada no meu punho.

Quando concordei em ir para a Lia, isso nem me passou pela cabeça, mas aqui estamos nós.

Eu expiro, o som do ar parecendo muito alto na sala silenciosa.

Coloco a sacola no balcão e puxo uma caixa retangular.

— Agora ou nunca, Brook. — Eu sussurro para o meu próprio reflexo no espelho. — É agora ou nunca.

Não é como se houvesse alguma chance de eu realmente estar grávida. Exceto pelas poucas vezes em que estive com Max, não estive com ninguém desde sempre. Nós sempre fomos cuidadosos... nem assim facilitava as coisas.

Cerrando os dentes, rasgo a caixa e puxo o bastão de plástico. Para algo tão pequeno e leve, essa coisa com certeza é assustadora como o inferno.

Ignorando meus pensamentos errantes, faço exatamente o que eu disse para Jeanette, e quando termino, deixo o teste no balcão, lavando as mãos e saindo da sala a tempo de pegar parte da conversa de Lia e Jeanette.

— Obrigada, mas acho que não vou precisar deles tão cedo.

— Nada como uma gravidez inesperada para enfatizar a importância do controle da natalidade. — Digo da porta. As duas se viram ao mesmo tempo. Pego os olhos de Jeanette e inclino a cabeça para trás. — Sua vez.

Seus olhos se fecham, e por um momento eu discuto se deixo isso passar. Talvez ela precise fazer isso em seu próprio tempo. Forçá-la realizará nada além de mágoa. Mas como sempre, Jeanette me surpreende. Quando seus olhos se abrem, há uma força neles que não vejo o dia inteiro. Ela assente uma vez antes de marchar em direção ao banheiro. Eu me movo, deixando-a passar.

Quando a porta se fecha suavemente atrás dela, olho para Lia e a vejo preocupada olhando para mim.

— Ela vai ficar bem, certo?

Meus dedos se enroscam nos dela e eu aperto fortemente.

— Claro, ela é mais forte do que deixa transparecer.

Lia assente, mordiscando o lábio enquanto esperamos. Eu posso ouvir um relógio correndo em algum lugar distante. O som é fraco, mas alto o suficiente para me irritar.

Esperamos no silêncio e depois do que parece uma eternidade, levanto-me.

— Eu não aguento mais isso. — Digo enquanto ando em direção ao banheiro. Sem me preocupar em bater, abro a porta e espio dentro. — Você já terminou?

— Obrigada por bater. — Jeanette diz, mas eu ignoro o protesto dela quando percebo que ela está decente e abro a porta.

Jeanette fecha o assento do vaso sanitário e se senta, olhando esperançosamente para o balcão. Eu engulo, nervosa também por algum motivo.

Não é como se você estivesse grávida. Controle-se, Brook.

— Quanto tempo mais? — Lia sussurra.

Dou de ombros, cruzando os braços sobre o peito. — Não deve demorar muito, eu acho.

Eu mordo meu lábio até que o sinal sonoro finalmente interrompa o silêncio.

Engolindo o nó na garganta, escovo minhas mãos suadas contra minhas calças. Olho para Jeanette, tentando o meu melhor para esconder meus nervos. — Pronta?

Olhos arregalados de veados nos faróis encontram os meus. E eu posso ver sua garganta balançar quando ela engole. — Podemos ver o seu primeiro?

Tudo em mim congela, mas eu passo além, dando-lhe um sorriso encorajador.

— Claro. — Eu ando até o balcão, cada passo pesado como uma pedra. Chupando meu lábio entre os dentes, pego meu teste e olho para baixo. Meus ombros caem de alívio quando sussurro: — É negativo.

Eu viro para mostrá-las antes de jogá-lo na lixeira debaixo da pia.

Lia se aproxima de Jeanette, abraçando-a por trás. Jeanette inala antes de me dar o aval. Eu me viro e pego o teste. Meu coração está galopando no meu peito enquanto o levanto lentamente.

Olho para baixo, meu olhar embaçado e tenho que piscar algumas vezes para clarear minha visão. Minha garganta engole quando levanto meus olhos para Jeanette, um olhar de incerteza em seu rosto.

Lentamente, viro o bastão para que ela possa vê-lo. — O que você vai fazer?

Capítulo Quarenta e Um

MAX

Dando um passo de cada vez, sinto meu corpo doer a cada movimento que faço. A mochila que joguei por cima do ombro, atingindo minha coxa, também não ajuda muito. Com o nosso maior jogo da temporada a apenas alguns dias, e contra o nosso maior rival, St. Jonah's High, o treinador tem forçado ao máximo nesta semana inteira.

Nesse ponto, eu estou tão cansado que, se pudesse levantar minha mão, sinalizaria minha capitulação. A bolsa de estudos e o hóquei da faculdade reprovados. Restos de suor ainda grudam na minha pele, embora a maior parte já esteja seca agora, mas eu não tinha que tomar um banho antes de sair da pista esta noite. Os chuveiros por lá são uma merda, e meu corpo espancado quer mais do que isso. Dando o último passo, suspiro de alívio. Eu já posso sentir os jatos quentes atingindo minha pele, massageando meus músculos cansados e sobrecarregados até a submissão.

Estou prestes a entrar no meu quarto quando a porta do outro lado do corredor se abre. Olhando por cima do ombro, abro a boca para cumprimentar minha irmã, mas fico surpreso ao descobrir que ela não está ali, encostada na porta.

— Max. — Brook suspira, surpresa ao me ver.

— Brook... — Olho para a porta fechada do quarto da minha irmã e depois de volta para ela. — O que você está fazendo aqui?

Dizer que estou surpreso é um eufemismo. Nós não conversamos desde a véspera de Ano Novo. Desde que a escola voltou, as coisas

ficaram tão loucas que mal tive tempo de dormir. E se havia um momento livre aqui ou ali - em algum lugar entre a escola, os estudos, as práticas de hóquei e meu próprio treinamento - e eu procurava por Brook, ela não estava em lugar algum.

Seja honesto. Você está evitando ela, tanto quanto ela está evitando você.

— Eu... — Ela lambe os lábios, olhando para todos os lugares, menos para mim. — Lia, Jeanette e eu estávamos estudando.

— Ok. — Eu digo, confuso. Ela está agindo de forma estranha.

Brook se encolhe, seus olhos finalmente se fixando em mim. — Jeanette não estava se sentindo bem, e Lia teve que ir para casa, então eu fiquei com ela.

Meu corpo inteiro enrijece quando todo cenário possível passa pela minha cabeça. Dou um passo à frente, pronto para entrar e verificar minha irmã, mas Brook me encontra no meio do caminho, me impedindo de me mover. Sua mão agarra meus antebraços, um zíper de eletricidade percorre todo o meu corpo com seu toque suave.

— Ela está bem. — Brook sussurra suavemente. — Ela finalmente adormeceu há pouco. Você deveria deixá-la descansar.

— Eu... — Minha garganta dispara quando olho por cima do ombro para a porta fechada.

Após a véspera de Ano Novo, Jeanette começou a voltar às sessões de terapia. Ela esteve com um psicólogo na Califórnia nos últimos dois anos, mas decidiu desistir antes de nos mudarmos para Greyford. Com tudo acontecendo ultimamente, ela decidiu que seria melhor buscá-lo novamente, mesmo que apenas uma vez por semana.

Ela estava em espiral de novo? É por isso que não estava se sentindo bem? Seus demônios voltaram com força total?

Os dedos de Brook tocam meu queixo, leves como uma pena, e fazem meu corpo tremer. Segurando, olho para ela.

— Ela está bem, Max. — Há um olhar de conhecimento em seus olhos.

— Eu só...

— Ela nos disse, você sabe... sobre a anorexia. — Meus olhos quase saltam de surpresa. Jeanette fez? Quando? Ela raramente fala sobre isso, mesmo comigo. Acho que a única pessoa com quem ela se abriu totalmente é o terapeuta, então se ela contou isso a Brook... — Mas não tem nada a ver com isso. Confie em mim.

Dou um último olhar demorado para a porta do quarto e finalmente aceno de acordo. — Eu acho que você está certa. Posso checá-la mais tarde.

Brook me oferece um sorriso, e seus dedos permanecem na minha bochecha por apenas alguns segundos a mais antes de ela se afastar. Meu corpo sente falta do seu toque quase instantaneamente. Realmente faz mais de uma semana?

Ela muda de uma perna para outra. — Eu deveria ir.

— Já? — Eu me encolho com a carência na minha voz, mas não há como voltar atrás agora. — Nós não nos vemos faz tempo.

— As coisas estão... ocupadas. — Ela desvia o olhar, desconfortável.

Eu estreito meus olhos para ela. Algo não está somando.

— Eu sei. Temos um jogo nesta sexta-feira, e o treinador está trabalhando duro desde que a escola voltou. Se vencermos, vamos ao Torneio Globo de Gelo.

— Isso é incrível, Max. Estou muito feliz por você.

Pego a mão dela na minha. — Fique. Vou tomar um banho rápido, e podemos deitar e assistir algo um pouco.

Por um momento, eu a vejo ponderando sobre minha oferta, mas então algo brilha em seus olhos. Ela balança a cabeça, quase como se estivesse brigando consigo mesma antes que seu rosto se feche. Dando um passo para trás, sua mão desliza para fora da minha.

— Eu realmente tenho que ir. — Ela vira as costas para mim, pronta para sair. Minha garganta fecha, mas parece que não consigo largar.

— O que realmente está acontecendo, Brook?

Ela para no topo da escada, as costas rígidas, a mão segurando a grade. — Nada, só estou ocupada.

— Mentira. — Atiro de volta. — Você provavelmente passou horas com Jeanette e agora está saindo?

— Ela não estava se sentindo bem. Eu não poderia simplesmente deixá-la sozinha.

Talvez, mas pelo tom em sua voz e pela linha dura de seus ombros, eu imploro para falar. — Essa não é a única coisa. Eu não a vi, exceto nas poucas aulas que temos juntos.

— Eu disse que estive ocupada.

— Ocupada? — Eu dou um passo mais perto. Ela deve ouvir, porque suas costas ficam mais rígidas do que antes. — Ou me evitando?

O desafio é mais do que óbvio.

Como se você fosse alguém para conversar.

Ela se vira, o fogo queimando em sua íris. — O que há com todas as perguntas?

Eu levanto minha sobrancelha para ela, nem um pouco confuso com sua atitude. — O que há com evitar?

Brook levanta o queixo, os lábios pressionados em uma linha tensa. Nós encaramos um ao outro, olhando para ver quem vai quebrar primeiro.

Não tenho certeza do que diabos está acontecendo, mas sei que preciso descobrir. E rápido.

Suspirando, eu me aproximo e minha mão segura sua bochecha. Posso senti-la recuar ao meu toque, mas ela não se afasta. Seus olhos se fecham, engolindo em seco.

— O que está acontecendo, Brook? — Eu pergunto, desta vez mais suave. — Você sabe que pode falar comigo.

Seus dentes mordiscam nervosamente o lábio inferior, enquanto ela balança a cabeça. — Eu não posso mais fazer isso.

— O quê? — Dou um passo para trás, suas palavras, um pouco mais altas que um sussurro, como um soco no meu estômago.

— Eu pensei que seria capaz de fazê-lo. O *que* quer *que* seja entre nós, mas estava errada.

— Brook... — Chamo, mas ela não escuta.

— Nós somos muito diferentes. Você tem hóquei para se concentrar, e eu... estou uma bagunça.

Olhos verdes olham para mim, implorando para que eu entenda, mas não acho que consigo entender o que ela está dizendo.

— O que você está tentando dizer?

— Temos que parar com isso.

— *Isso.* — Eu aponto para o espaço entre nós dois. — Nem começou e você já está desistindo?

— Confie em mim, é o melhor.

Abro a boca, mas nenhuma palavra sai. O que há para dizer? Ela está desistindo de nós antes mesmo de nos dar uma chance.

Virando as costas para ela, corro meus dedos pelos meus cabelos, puxando as pontas em frustração.

Foda-se.

— Brook... — Eu me viro, mas ela não está mais lá. — Porra, inferno.

— *Droga.* — Eu cerro os dentes, meu corpo ainda vibrando com o impacto.

Sem tempo a perder, volto ao jogo, perseguindo o otário que me enviou voando para o vidro e roubando o disco bem debaixo do meu nariz.

Este jogo tem sido um banho de sangue desde o primeiro segundo. Com uma vaga no torneio em jogo, ambas as equipes estavam se esforçando para ser as vencedoras assim que a campainha final soasse.

Estamos nos minutos finais do terceiro período e, se não marcarmos logo, terminamos. Raiva e adrenalina zumbem em minhas veias, me fazendo empurrar com mais força. Estive no limite nos últimos dias, e este jogo provou ser uma saída perfeita para toda a energia reprimida que tenho.

Olho em volta, meus olhos zerando na borracha preta voando sobre o gelo. Os filhos da puta estão tão confiantes em sua influência que quase preguiçosamente mudam o disco para frente e para trás.

Idiotas. Este jogo está longe de terminar.

Abrindo caminho, vejo um de nossos homens empurrando um jogador de St. Jonah. Ele tropeça, com o taco conectado ao disco, mas não há objetivo ou força real por trás dele.

Patinando com mais força, intercepto o disco antes que ele recupere o equilíbrio e vá direto para o gol.

O goleiro me vê chegando, e fica em posição, seus olhos em mim quando me aproximo. Eu posso sentir o cara se aproximando por trás, mas não ouso nem olhar por cima do ombro.

É agora ou nunca. Eu cerro os dentes quando meu taco se conecta ao disco e o envia voando.

Uma luz vermelha pisca quando a campainha sinaliza o ponto.

Tome isso, filho da puta. Apenas mais um gol. Mais um e vamos ao torneio.

Derek patina enquanto voltamos para a posição. Ele levanta o bastão e eu bato nele. Se fosse uma situação diferente, provavelmente celebraríamos o gol, mas há muito em jogo e não há tempo suficiente. Um passo em falso, é tudo o que é preciso para estragar tudo, e chegamos longe demais para isso.

O zumbido da multidão em pé e a música alta é quase ensurdecedora. Nos encontramos na fila. Eu posso ver os lábios se movendo, mas não ouço nenhuma palavra enquanto os jogadores falam mal.

Os jogadores de Jonah têm o disco e começam o ataque. No fundo da minha mente, posso ouvir o relógio bater, o tempo se esgotando lentamente. Patinamos para trás, prontos para impedir quem quer passar, porque se eles marcarem, o jogo acaba para nós.

Estou procurando uma maneira de colocar meu taco no disco quando uma comoção irrompe. Fazendo uma curva acentuada, vejo Andrew indo para o jogador de St. Jonah. Ele empurra o cara no vidro.

Pelo canto do olho, vejo Derek; trocamos um olhar e entramos em movimento. Cruzando a distância em poucos segundos, estamos lá, nossas mãos em volta dos antebraços de Andrew, puxando-o para longe.

— Pense no jogo. — Cerro os dentes.

— Precisamos que você ganhe essa coisa.

Assim como os separamos, o juiz chega até nós, observando cansado entre Andrew e quem agora percebo ser Ethan Williams. O encontro da minha irmã na festa de caridade e o rival de Andrew. O juiz avalia a situação. — Tudo bem?

— Bem. — Andrew acena com a cabeça rigidamente, e voltamos ao jogo.

Meus olhos disparam para o relógio.

Faltam menos de sessenta segundos.

Engolindo, eu me forço a desligar meu cérebro.

Jogue; não pense. Neste ponto, é o melhor que podemos fazer. Deixar de lado todas as preocupações e possibilidades e contar com a nossa memória muscular e sorte.

Se eu pensei que este jogo era intenso antes, não é nada como estes últimos segundos. Os jogadores de Jonah estão fazendo o possível para superar nossas fileiras, que felizmente se mantêm fortes.

Até que não o façam.

Um dos nossos caras é empurrado, fazendo uma abertura. Eu amaldiçoo, forçando meu corpo gritando a se mover enquanto vejo um dos jogadores do Jonah se movendo.

Eu não vou conseguir.

Ele puxa o taco para trás, se preparando para atirar.

Não há merda... Mas eu *não diminuo a* velocidade. De jeito nenhum vou cair sem brigar – *de jeito...*

O peso familiar atinge a ponta do meu taco.

Eu pisco meus olhos abertos, nem mesmo ciente de que os fechei, e vejo o disco na minha frente.

Meus lábios se curvam em um sorriso, enquanto todo o inferno se abre.

Eu faço um amplo arco, tentando evitar todos os jogadores de Jonah enquanto vou em frente.

Na maioria das vezes, nossa defesa mantém as linhas, mas alguém deve passar porque sinto que elas me alcançam. Eu as empurro, quase perdendo o disco no processo.

Escaneando o gelo, meus olhos encontram os de Andrew.

Eu sinto o movimento atrás de mim.

Reaja.

Eu envio o disco voando.

Peso cai no meu corpo, me fazendo cair no chão.

— Merda!

Eu levanto meus olhos, nem mesmo me preocupando em me levantar.

Andrew pega o disco, vê a abertura e a pega.

A campainha soa.

Fim de jogo.

Capítulo Quarenta e Dois

BROOK

A cada poucos minutos, meus olhos olham para o relógio na parede. Os minutos passam devagar, mas isso não me impede de verificar as horas novamente. Eu venho fazendo isso desde o início do meu turno, nervosa.

Hoje é o dia.

O grande jogo.

Eu não tenho ideia do hóquei, mas sei o quanto isso é importante para Max. E embora tenhamos deixado coisas pendentes como fizemos no outro dia, ainda quero isso para ele. Se alguém sabe o quanto esse cara está trabalhando, sou eu. Mesmo com um distúrbio de aprendizagem, ele está se esforçando para acompanhar seus estudos e, ao mesmo tempo, rebentando no gelo para ser o melhor jogador de hóquei possível.

Pela enésima vez hoje, eu gostaria de ter um telefone normal, como qualquer outro adolescente do mundo, para tentar encontrar a pontuação on-line, em vez de esperar a tarde toda. Então, novamente, talvez seja melhor que eu não tenha.

— O que vocês têm no relógio? — Megan pergunta enquanto caminha até mim. Ela veio há alguns minutos atrás para me cobrir até a hora de fechar.

— Isso está óbvio, hein? — Eu pergunto, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Seus lábios carmesins se curvam em um sorriso de conhecimento. — Só um pouco. E aí?

— Um amigo meu está tendo um jogo muito importante hoje, então estou meio nervosa.

— Um amigo? — Megan mexe as sobrancelhas de brincadeira.

— Pare com isso. — Eu a acotovelo enquanto passo, mas a única coisa que faz é fazê-la rir com mais força.

Tirando o avental, pego minha mochila escondida embaixo do balcão. — Sim, ele é apenas um amigo.

— Tudo o que você precisa dizer a si mesma, querida.

Reviro os olhos, mas o leve tremor da minha mochila chama minha atenção. Pegando meu telefone na bolsa, vejo o nome de Lia na telinha. — Eu tenho que atender isso. Vejo você na próxima semana! — Atendo a ligação. — Ei, Lia! E aí?

— Onde você está? — Ela grita através do ruído de fundo. — Eu tenho tentado ligar para você!

Afasto meu telefone para verificar minha tela, vendo que há algumas chamadas perdidas. — Desculpe, eu estava no trabalho. O que está acontecendo?

— Eles venceram! — O grito de Lia é tão alto que tenho que colocar alguma distância entre o alto-falante e meu ouvido, se eu quiser continuar ouvindo.

— Oh meu Deus, isso é incrível!

Meu coração dispara um pouco com a felicidade. Eles ganharam! Eles realmente venceram.

Há um barulho alto no fundo e a música é ativada ao máximo. Eu acho que a festa da vitória já começou. Não que isso me surpreenda. Andrew é notório por suas festas.

— Espere, eu não consigo te ouvir. Deixe-me sair daqui.

Eu a ouço percorrer a casa, e ela deve ter se afastado da festa porquê de repente está muito mais silencioso.

— Estou no Andrew. Ele tinha que cuidar de alguma coisa, mas Derek e os caras prepararam tudo. Você deveria vir.

Franzo a testa, puxando o zíper da minha jaqueta antes de sair de Joe. — Não tenho certeza...

— Não diga. — Lia implora. — Você tem que vir.

A explosão de ar frio me atinge assim que eu saio. Enterrando meu queixo mais fundo no meu cachecol, tento argumentar com ela. — É do outro lado da cidade, e está tão frio...

Minha voz morre quando esbarro em alguém. — Eu sinto muito. Eu não... — Levanto meus olhos para encontrar um par de íris quase pretas olhando para mim. Elas penetram em mim, frios e sem vida quando um sorriso lento e assustador se espalha sobre seus lábios.

Atordoada, dou um passo para trás.

— Brook? — Lia pergunta do outro lado da linha, mas fico sem palavras. Os arrepios cobrem minha pele, e eles não têm nada a ver com o ar frio de janeiro, fazendo meu sangue congelar.

Eu nunca vi o cara antes - ficaria bem em continuar assim, mas acho que o destino tem outros planos para mim - mas ouvi as histórias e os sussurros. De pé a poucos centímetros de mim, todo vestido de preto está Dan. O vendedor de drogas de Josephine e viciado em qualquer coisa que ele seja.

— Brook? Você está aí?

Meus dedos apertam o telefone ao ponto da dor.

— S-sim. — Eu gaguejo, e o sorriso do cara cresce ainda mais. — E-eu te ligo de volta.

— Mas... — Lia começa, mas eu não tenho tempo para ouvir, especialmente não com esse rastreamento agarrado a cada palavra, então desligo.

O silêncio se instala sobre nós, e posso sentir seu olhar percorrer meu corpo, uma sensação desconfortável e formigante deixada no caminho de seu olhar sondador. — Você se parece com sua mãe.

— Eu não sou nada como minha mãe. — Cuspo. Quase assim que as palavras saem, a realização do que eu faço me atinge. Acabei de brigar com o homem mais perigoso deste lado da cidade. Mas, em vez de se ofender, aqueles olhos sem alma brilham sob a luz da rua.

— E ela tem garras também.

Dan dá um passo mais perto, entrando no meu espaço pessoal. Inspiro profundamente, mas não movo um músculo. De jeito nenhum eu estou deixando ele ver meu medo. Só posso esperar que meu orgulho não seja o meu fim.

Minha garganta balança quando a mão dele chega para a frente, dedos roçando na minha bochecha. — O que eu faria com você...

Bile sobe na minha garganta ao seu toque. Viro minha cabeça para o lado, quebrando seu contato em mim. — O que você quer, Dan? — Eu pergunto, terminando de jogar.

— Só vim dar um pequeno aviso.

— O seu negócio é com Josephine, não comigo.

— Talvez. — Ele oferece. — Mas nós dois conhecemos sua mãe, e se ela não pagar…

O aviso - não, não um aviso, uma *promessa* - em sua voz é mais do que óbvio.

Se por um segundo pensei em sair ilesa, estava enganada. Tão errada.

Maldita seja, Josephine.

Ele se aproxima, seus lábios roçando no meu lóbulo da orelha enquanto se inclina e sussurra. — O tempo está passando, pequena Taylor. E você não quer descobrir o que acontece com as pessoas que não pagam a tempo. Eu sou mais do que generoso para começar.

Meus olhos se fecham, um arrepio percorre meu corpo. Seu aperto no meu ombro afrouxa, e posso ouvir seus passos fracos saindo.

Espero até que ele esteja fora do alcance da voz e só então abro os olhos.

Tentei evitá-lo, mas há apenas uma saída.

Eu pensei que tinha mais tempo.

Mas a dura realidade é que o tempo não espera por ninguém. E acabei de ficar sem o meu.

Capítulo Quarenta e Três

MAX

— Importa-se de me explicar por que estamos aqui de novo? — Eu pergunto, quebrando o silêncio que se estabeleceu sobre nós.

Meus olhos estão colados na casa do outro lado da rua. Não sei ao certo qual é o acordo de Andrew, mas deve ser realmente importante se ele me arrastou até aqui em vez de voltar para casa para comemorar nossa vitória e qualificação para o Torneio Globo de Gelo.

— Você poderia ter ido com Derek. Ninguém pediu para você vir. — Diz Andrew com uma voz dura, sem me dar um olhar. Todo o seu corpo está rígido; nem preciso olhar para ele para saber. Isso irradia dele.

— E vê-lo apalpar Lia o tempo todo? — Eu brinco, esperando aliviar a tensão. — Não, obrigado.

Andrew inclina a cabeça para o lado. — Com ciúmes?

Espero sentir a pontada de dor com a pergunta dele, mas não há nada.

— Sobre o que? Derek e Lia? Por favor, eu sabia que eles estavam destinados a ficar juntos desde o primeiro dia de aula. — As palavras saem da minha língua facilmente. Não há um peso usual em meu coração que costumava acompanhar todas as menções a Lia. — Acho que foi assim que Derek me encarou, como se quisesse me lançar e quebrar todos os ossos do meu corpo quando Lia e eu entramos na sala de aula. Mas não fique fora de tópico aqui. Estávamos conversando sobre você.

Andrew coça a nuca, mas fica quieto.

Quando chegamos a Greyford, a última coisa que eu esperava era que ele dissesse que precisava voltar.

Voltar para enfrentar meus demônios.

Suas palavras ecoam na minha mente. Sua expressão era tão séria quando ele disse que eu sabia que não importava o que fosse, era importante. E meus sentimentos em relação ao relacionamento dele com Jeanette à parte, não podia deixá-lo lidar com isso sozinho. Ele é meu amigo, e eu fico com eles, não importa o quê. Então, sem perguntas, entrei no carro dele e estávamos a caminho.

— Estou aqui para perguntar à minha mãe por que ela saiu e nunca olhou para trás. — Diz Andrew, quebrando o silêncio.

Eu me viro para olhá-lo, surpreso com sua confissão. Não sabia muito sobre sua família, pois Andrew raramente fala sobre eles. Seu pai é um advogado idiota que planeja concorrer a prefeito. A mãe dele não está na foto. É sobre isso. E como ele nunca fala sobre eles, meio que assumi que ele não se importa, de um jeito ou de outro, mas acho que estava errado.

— Andrew, eu... — Eu começo, mas realmente, o que há para dizer?

— Você não precisa dizer nada. Você não é daqui, e faz muito tempo, então suponho que não tenha ouvido. — Ele encolhe os ombros com indiferença. — Eu não preciso nem quero sua pena.

— Ter pena de você? — Forço uma risada, tentando aliviar o clima. — Você é muito idiota para alguém sentir pena. — Mas quando minhas risadas morrem, não posso deixar de perguntar: — Você não a visita?

Ele ri, mas não há diversão em sua expressão. — No que diz respeito a todo mundo, eu nem sei que ela está aqui.

Seu olhar volta para a casa. É como se ele não pudesse desviar o olhar.

— Você não quis...?

— Ela pegou a merda e saiu. — Ele me interrompe. Seu tom é calmo, mas posso ver a mágoa em sua expressão. Não que eu possa culpá-lo. Que tipo de pessoa deixa seu filho para trás e simplesmente vai embora? — Ela saiu e nunca olhou para trás. Descobri por coincidência mais tarde que voltou para cá.

— Por que visitá-la agora, então? Você a ofende tanto, a culpa por deixa-lo e foder sua vida, então por que agora?

— Quero saber o porquê. Por que ela foi embora? Por que nunca olhou para trás? Eu... — Andrew balança a cabeça, descartando a última pergunta. — Não importa. Eu vim buscar minhas respostas para poder seguir em frente e esquecê-la.

Abro a boca, mas Andrew nem me deixa pensar no que quero dizer antes de explodir: — Volto já.

A porta se abre e ele sai em um segundo. A fecha atrás dele, e eu o observo caminhar em direção à casa como um homem em uma missão.

Meu estomago aperta desconfortavelmente.

E agora?

Eu conheço o cara, mas não tão bem. Devo ir com ele? Tentar detê-lo? Ou apenas deixá-lo fazer o que acha certo? Quero dizer, não é como se ele fosse fazer algo estúpido. Só quer fazer algumas perguntas e acabar com isso.

Ainda assim, eu o observo atentamente, procurando qualquer sinal de problema em que Andrew possa entrar.

Assim que ele pisa na varanda da frente, aperta a campainha. É como se ele soubesse que se não o fizesse instantaneamente, mudaria de ideia, e isso não é uma opção. Alguns longos segundos se passam enquanto ele espera. O tempo todo tenho um nó na garganta. Não consigo nem imaginar como ele pode se sentir.

Por todos os defeitos que meus pais têm, pelo menos eu sei que eles estão lá, se precisar deles. Sim, eles são egocêntricos e perdidos em seus próprios mundos, em grande parte, mas como sou diferente? No hóquei e na escola, mal tenho tempo para dormir. Andrew, por outro lado, está completamente sozinho.

O ar fica preso na minha garganta quando a porta se abre e uma mulher mais velha sai. Ela provavelmente está com quarenta e poucos anos, mas ainda parece bastante bonita. Não vejo muitos dos traços dela, pois estão mais distantes. Cabelo castanho é puxado casualmente para um rabo de cavalo que me faz pensar em Brook.

Meu coração dói com o pensamento dela. O que está fazendo agora? Ela está trabalhando novamente naquele buraco na parede? Apenas o pensamento dela andando sozinha à noite faz meu estômago apertar.

Deixa pra lá, cara. Ela foi embora.

Porque você não lutou por ela.

Afasto os pensamentos de Brook, pelo menos por enquanto. Não há nada que eu possa fazer daqui e, para ser sincero, nem tenho certeza se há algum motivo para tentar.

Andrew e a mulher, que suponho ser mãe dele, conversam na varanda da frente. Ela estende a mão como se quisesse tocá-lo, mas ele se afasta rapidamente. Eu vejo seus lábios se mexendo, mas não consigo ouvi-los ou ler suas palavras. Nem tenho certeza de que quero saber. É o momento deles. O cara merece pelo menos isso. A verdade. Talvez se conseguir as respostas que procura, poderá seguir em frente.

Alcançando o rádio para me dar algo para fazer, sinto meu telefone tocar. Eu puxo para fora e verifico a tela.

Papai.

Cabelos finos na nuca se erguem.

Por que ele está ligando agora?

Papai geralmente não é de chamar do nada. Inferno, se não estiver relacionado ao hospital, nem tenho certeza de que ele saiba como usar essa coisa. Se não estiver de plantão ou aguardando uma ligação do hospital, ele deixa o telefone na porta e não pensa duas vezes.

Meus dedos apertam mais o dispositivo. Não tenho certeza do que está acontecendo, mas não gosto nem um pouco dessa sensação. Passando o polegar pela tela, respondo. — O que há, pai?

— Max... — Ele respira, e meu corpo inteiro fica em alerta.

Sento-me ereto no meu assento, meus lábios pressionados firmemente. Não tenho certeza se é a voz dele, do jeito que ele diz meu nome ou algo mais. Meu coração desacelera até que mal posso sentir isso batendo.

— P-pai? — Minha voz treme com essa única palavra.

— Max, é Jeanette...

Suas palavras zumbem, repetindo em minha mente.

— O-o que...?

— Houve um acidente...

Papai continua falando, explicando, mas suas palavras são apenas ruídos de fundo. O sangue está correndo pelas minhas veias, e a única coisa que posso ouvir é o eco do meu coração batendo freneticamente nos tímpanos.

Jeanette. Não, isso não pode estar acontecendo.

— Max... — O som do meu nome ajuda a me tirar dos meus pensamentos. — Você precisa vir. É ruim.

Porra, Jeanette.

— E-eu estou indo.

Saio tropeçando para fora do carro, meu cérebro ainda uma mistura de possibilidades do que poderia ter acontecido com ela. Ele me contou o que aconteceu? Ele provavelmente sabia, mas não tenho mais certeza de nada, minha mente também ocupada com os pensamentos de minha irmã.

Você tem que viver, Anette. Não ouse morrer sem mim. Não ouse me deixar.

Ao abrir a porta, quase caio sobre meus próprios pés. Agarrando o metal frio para me firmar, o chamo, sem me importar nem um pouco com o que eu poderia interromper. — ANDREW!

Ele se vira instantaneamente - pelo tom da minha voz ou pela urgência, não tenho certeza e não me importo. Seus olhos encontram os meus ao longe, e posso ver o momento em que ele percebe que algo está acontecendo. E não apenas isso, mas algo está terrivelmente errado.

Meus olhos ardem, mas não deixo que os sentimentos cheguem a mim. Eu preciso manter a calma para que possa chegar a Jeanette.

Andrew abre a boca, mas eu o interrompo antes que ele possa dizer qualquer coisa. — É Jeanette.

Ele balança nas pernas como se eu tivesse lhe dado um soco, a cor drenando de seu rosto.

— Eu tenho que voltar. Ela precisa de mim. — Engulo em seco. — Ela precisa de nós.

Segundos marcam lentamente. Parece que faz uma eternidade desde que recebi o telefonema. Meu mundo está se movendo em câmera lenta, mas não pode demorar mais do que alguns minutos.

Eu só quero ouvir o coração dela.

Meu telefone vibra novamente. Espero que seja papai, mas é Derek.

— Vocês estão vindo ou o quê? — Ele pergunta como forma de cumprimento. Eu posso ouvir a festa furiosa ao fundo.

Acabamos de ganhar o jogo apenas algumas horas atrás? Parece uma eternidade.

— N-não. — Eu consigo raspar através da minha garganta fechada.

Derek deve ouvir meu pânico, porque ele fica sério quase instantaneamente. Eu posso ouvi-lo se mover até que o barulho seja atenuado, mesmo que ligeiramente. — O que está acontecendo? É o Andrew? Aconteceu alguma coisa?

— Andrew está bem. — *Por enquanto.* — É J-Jeanette. Ela sofreu um acidente. Eles a estão levando para o hospital.

Olho para Andrew, ainda de pé na varanda.

— Eu tenho que ir. — Digo, nem sei a quem exatamente. Mas elas parecem as palavras certas, porque o solta de qualquer feitiço em que esteve e começa a correr.

Dez segundos no máximo, é quanto tempo leva para ele voltar ao carro. Ele não diminui a velocidade. Não olha para trás. Corre como se sua vida estivesse em risco. Talvez esteja. Eu sei que a minha é certo, porque não há mundo para mim no qual Jeanette não exista.

Eu preciso que você lute, Anette.

— Estaremos lá. — Diz Derek. Não me incomodando em responder, encerro a ligação.

Nós dois deslizamos de volta para o carro, puxando os cintos de segurança antes de Andrew pressionar o acelerador no chão.

— O que diabos aconteceu? — Andrew me dá uma rápida olhada, seus olhos arregalados antes de devolvê-los à estrada à frente. Suas mãos estão apertando o volante, as juntas brancas.

A neve está caindo, as estradas estão geladas e ele está dirigindo como se estivesse planejando ganhar um título da NASCAR ou algo assim. Não que eu me importe. Quero chegar a Jeanette o mais rápido possível.

Passo a mão pelo cabelo, puxando os fios.

O que diabos realmente aconteceu? Metade da conversa com meu pai foi um borrão. A única coisa de que tenho certeza é que ela sofreu um acidente. Que tipo? Eu não faço ideia.

— Será que ela... — A voz trêmula de Andrew me quebra da minha névoa. — Ela parou de comer de novo?

Eu me viro de lado para olhar para ele, completamente surpreso por sua pergunta. — Como você sabe disso?

— Ela me disse.

Primeiro, ela contou às meninas e agora Andrew também? Eu não tinha certeza se isso era positivo ou negativo, e agora não era a hora ou o lugar para pensar muito sobre isso.

— Você está mentindo. — Acuso.

Nem sei por que é tão difícil acreditar nisso. Eu acreditei quando Brook me disse muito bem, então por que não Andrew também? Sei que ela tem sentimentos pelo cara. Talvez esteja apaixonada por ele. Não

que eu goste muito, mas a ideia de ela se abrir para todas essas pessoas, pessoas que mal conhece quando não gostaria...

— Ela me disse logo depois... logo depois que terminou comigo.

Por que ele? Por que agora? Tudo que sempre quis fazer foi estar lá para ela, ser a pessoa que minha irmã precisava que eu fosse, mas quando ela precisava de ajuda, não confiou em mim o suficiente.

Eu sinto-me entorpecido. Emocional e fisicamente. Não sei o que pensar ou dizer, mas Andrew não está entendendo.

— Você me conta o que diabos aconteceu, Max? Eu preciso saber. Ela está bem? Ela está machucada? Ela... ela *se machucou*?

— Ela sofreu um acidente. — As palavras são apenas um sussurro.

— Que tipo de acidente?

Eu franzo a testa. — Acidente de carro. — *Eu acho. Realmente deveria ligar para o papai novamente. Tentar ouvir desta vez.*

— Ela está bem?

Eu não gostaria de saber o mesmo...

Pego meu telefone, sem saber. Mas assim que pego, ele vibra na minha mão. Quase o deixo cair no chão, surpreso.

Andrew e eu trocamos um olhar. Eu quero responder, quero saber o que diabos está acontecendo, mas a outra parte de mim nem quer pensar sobre isso.

E se... e se...

Não. Ela é forte. Ela ficará bem.

— P-pai? — Apesar de toda a segurança, minha voz quebra.

— Os médicos estão estabilizando sua irmã enquanto falamos. — Diz ele na voz de 'médico'. Eu ouço atentamente, sabendo que é melhor não interromper. Mas a única coisa em que consigo me concentrar é uma palavra - estabilizar. Ela está estabilizada. Seu coração ainda está batendo. — Ela tem um braço quebrado e costelas quebradas. Muitos cortes e contusões e provavelmente uma concussão. Teremos que esperar até que ela acorde. Preciso que você pare em casa e pegue algumas coisas para quando ela acordar.

Quando ele termina, parece que posso finalmente suspirar de alívio. — Sim. Certo. Eu vou fazer isso. Tchau.

Eu nem desliguei antes de Andrew me fazer perguntas. — O que ele disse?

Eu digo a ele o que sei, olhando pela janela. Em breve voltaremos a Greyford.

— Mas ela está viva?

— Ela está viva. — Concordo. Nós só precisamos que ela continue assim. — Papai quer que paremos em nossa casa e pegue algumas coisas dela.

— EU...

A luta nele é tão clara quanto o dia. Não é que eu queira parar especialmente em casa, mas não vi sentido em brigar com meu pai. Se ele pensasse que Jeanette estava em estado crítico, teria me dito para vir.

— Eu sei, mas ela se sentirá mais confortável quando acordar se tiver suas próprias coisas.

Depois do que parece uma eternidade, Andrew assente em reconhecimento.

Estamos chegando, Anette. Aguente.

Apenas... aguente.

Capítulo Quarenta e Quatro

BROOK

A festa está em pleno andamento quando finalmente chego à casa dos Hill. A música está tocando alto, fazendo as paredes tremerem com a batida. As pessoas estão espalhadas por todo o térreo, dentro de casa e no quintal. A maioria está tão bêbada que nem percebe o frio e a neve, ou talvez simplesmente não se importe.

Olho em volta, meus olhos examinando a multidão em busca de um flash de cabelo vermelho, enquanto acidentalmente esbarro em alguém. Virando-me, peço um pedido de desculpas, embora a garota esteja me dando um olhar fedorento.

Cadê você, Lia?

A última coisa que eu queria era ficar mais tempo do que o necessário. Com o aviso de Dan fresco em minha mente, não deixaria de pensar dele ter alguém de olho em mim.

Estou prestes a subir as escadas quando a vejo vindo dos fundos da casa.

O rosto de Lia se ilumina quando ela me vê. — Você conseguiu!

Seu corpo colide com o meu, suas mãos envolvendo a minha cintura. Não sou realmente uma pessoa sensível, mas retribuo o gesto, sabendo muito bem que essa é provavelmente a última vez. Ela se afasta quase tão repentinamente quanto veio, apenas o suficiente para poder me olhar.

— Você me preocupou tanto! O que diabos aconteceu? Por que desligou tão de repente?

— Eu... — O traficante de drogas de minha mãe me encurralou, lembrando-me do dinheiro que ela lhe deve e o que acontecerá se não pagar. Mas é claro que não digo isso. — A conexão era uma merda. Eu sinto muito.

Aqueles olhos de corça me observam por um batimento cardíaco antes que ela sorria novamente. — Estou feliz que você esteja aqui! Tem trabalhado muito e parece que nunca estamos juntas. Sinto sua falta, Brook.

— Eu... — *Eu também sinto sua falta, Amelia.* Quero tanto dizer essas palavras, mas elas estão presas na minha garganta sem uma saída.

Somos amigas há mais de uma década. Não, não apenas amigas. Lia era mais como minha irmã. A melhor de todas. Eu sempre soube que teria que sair, mas nunca me permiti pensar em como seria me afastar dela, e agora sei o porquê. A dor que sinto, o desgosto, é quase sufocante.

Mas vou aguentar qualquer dor por nunca a conhecer.

Porque, na minha história, não há príncipe encantado, nem a princesa se salva. Não havia um pequeno duende que me salvasse. Ou o pouco que restou para salvar de qualquer maneira.

Molhando os lábios, abro a boca, mas as palavras morrem na minha língua quando vejo a comoção no ombro de Lia.

Ela tem que sentir isso também porque se vira, e nós duas olhamos para Derek entrando na casa. Seu rosto está pálido, cabelos despenteados.

— É Jeanette. — Eu inspiro bruscamente, meu corpo inteiro ficando imóvel. — Temos que ir.

MAX

Andrew estaciona o carro às pressas, e eu pulo antes que ele pare completamente. Sem dizer uma palavra, corro para dentro. O corredor está iluminado e posso ver a luz saindo da sala, mas eu a ignoro enquanto subo dois degraus de cada vez.

Que merda aconteceu, Anette?

Quando subo, primeiro vou ao meu quarto pegar uma mala. Não quero perder tempo passando por sua merda tentando encontrar uma. A última coisa que eu queria era estar aqui enquanto Jeanette estava sozinha e quebrada em uma cama de hospital novamente.

Porra quebrada.

Quando papai ligou e disse que ela estava no hospital, tudo o que pude fazer foi lembrar daquele dia, dois anos atrás. Eu a vi desmoronar repetidamente. No começo, pensei que ela tivesse perdido o equilíbrio por causa do álcool, mas nunca melhorou. Durante meses depois que aconteceu, tive pesadelos. A imagem do seu corpo pequeno e frágil na grande cama do hospital ainda faz meu estômago revirar. Peguei-a nos braços e liguei para o 9-1-1.

Foi a primeira vez que percebi o quão pequena ela era, quão magra. Ela estava sempre vestindo roupas largas e, para ser sincero, eu estava preocupado demais com o que estava acontecendo em minha própria vida para perceber que ela estava murchando. Minha própria gêmea.

E agora ela está de volta lá novamente.

Por que isso continua acontecendo?

A raiva flui em minhas veias, e eu mal consigo me impedir de desmoronar. Quero enrolar meus dedos em um punho e dar um soco em algo. Qualquer coisa.

Agarrando a primeira mochila em que consigo colocar as mãos, saio do quarto e atravesso o corredor.

O quarto de Jeanette é o mesmo. A cama está bagunçada, travesseiros jogados por toda parte. Os livros na mesa dela estão abertos. Ela provavelmente estava fazendo a lição de casa. Sua caixa de violino está cuidadosamente encostada na mesa de cabeceira. Algumas de suas roupas são jogadas sobre uma cadeira e um par de botas é deixado espalhado na frente de seu armário.

Normal.

Abro o armário dela e começo a puxar as coisas. Um pijama. Pego dois. Algumas camisetas, leggings, blusas. Essa garota está sempre gelada. Jogo algumas meias e roupas íntimas, o carregador e o iPad.

Meus olhos vasculham a sala em busca de qualquer outra coisa que ela possa precisar quando acordar.

Você tem que acordar, mana.

Ainda passando pela minha lista mental de itens essenciais, entro no banheiro dela.

Há tanta merda feminina no balcão que nem sei por onde começar. Eu corro meus dedos pelos meus cabelos em frustração.

Desodorizante, shampoo, creme dental…

Começo a abrir as gavetas. Mais maquiagem, toda a merda feminina, toalhetes... Onde diabos ela mantém escovas de dentes fechadas? Eu me agacho para abrir a última gaveta e lá estão elas.

Eu jogo um na bolsa.

— Eu acho que é isso.

Começo a me levantar quando algo na lixeira embaixo da pia chama minha atenção.

Há uma caixa de papel, lenços e outro lixo e, entre tudo, um bastão branco.

Duas varas brancas.

Filho da puta.

O sangue vira gelo nas minhas veias, todo o meu corpo desistindo de mim.

Levanto-me tão rápido que quase tropeço nos meus próprios pés e caio de bunda surpreso, mas nenhuma vez olho para longe da lata de lixo.

Isso não pode ser real.

Eu me recuso a acreditar, mas nenhuma quantidade de piscada faz isso desaparecer. O bastão de plástico ainda está lá. Ainda muito positivamente lá.

Cerrando os dentes, eu cavo minha mão por dentro, meu interior se arrepia quando a bile sobe na minha garganta - quando chegar em Jeanette, vou estrangulá-la por fazer isso comigo - e arrebatá-los.

Olhando para eles, confirmo o que já sei, embora não queira acreditar que seja verdade. O teste é positivo.

Pelo menos um deles.

Minha mão agarra o plástico com força, com tanta força que estou surpreso que não o quebro pela metade, meu olhar fica vermelho quando a percepção se aproxima. Jeanette provavelmente está grávida e o pai... engulo em seco.

Filho da puta.

Mal me lembro de levar a bolsa comigo, desço correndo as escadas e saio pela porta da frente, meus passos altos ecoando na casa totalmente silenciosa.

— Seu pedaço de merda. — Grito assim que o vejo.

Andrew se vira e eu posso ver a confusão em seu rosto, mas não me importo. Não parando por um segundo, entro na cara dele. Afastando minha mão, dou um soco na bochecha dele. Uma dor aguda irradia através da minha mão, mas sei que deve ser dez vezes pior para ele.

Ele tropeça nos pés com a força do impacto, a mão cobrindo o rosto, que já começou a sangrar.

— Mas que... — Ele começa, mas não estou com disposição para ouvir.

Eu sabia que ele era um idiota, mas isso... Isso eu não esperava.

— Seu idiota... — Eu o soco novamente, e desta vez meu punho arranha sua mandíbula. Mas não é suficiente. Quero ver o filho da puta sangrar. ... porra... Outro soco ao lado.... Filho da puta.

Eu levanto meu joelho, atingindo-o no estômago. Andrew se dobra, as mãos envolvendo o estômago enquanto ele luta para respirar.

— Que porra é essa? — Ele assobia.

Ele levanta a cabeça da posição dobrada, jogando punhais em mim.

Estou ofegante, mas tem mais a ver com a minha raiva do que o esforço físico real.

— Isso é tudo culpa sua! — Eu jogo os malditos testes que ainda seguro no meu punho, mas o filho da puta consegue evitá-los. — Eu sabia! Eu disse a ela que você não era bom o suficiente, mas Jeanette me ouviu? Não! Claro que não. Ela nunca ouve ninguém.

— Lou-co. — Ele chia.

— Eu disse a ela que você a destruiria. Vocês dois estão fodidos demais por conta própria, então como diabos devem ficar juntos? Mas, em vez de me ouvir, você fez de qualquer maneira. Em vez de me ouvir, você estragou tudo. Você estragou tudo, e agora ela sofreu um acidente de carro. Você a quebrou!

— Eu quebrei ela? — Ele cospe, vindo em minha direção. Minhas mãos fecham os punhos ao meu lado, esperando para atacar novamente. Mesmo ansioso por isso. — Ela terminou comigo! Eu perguntei, não, eu *implorei* para que ela reconsiderasse, mas ela queria tempo. Então dei a ela tempo.

— Tempo? É por isso que ela está deitada em uma cama de hospital grávida? — Eu jogo de volta para ele, esperando ouvir qualquer desculpa que dê.

Ele tropeça para trás, mas não há desculpas.

— Grávida do caralho. — Repito enquanto ando em volta dele e pego o teste do chão, empurrando-o na cara dele. — Encontrei isso no banheiro dela.

— Isso é impossível. — Ele respira, toda a cor drenando de seu rosto quando fica boquiaberto com o teste.

— O teste diz o contrário. — Eu contra-ataco.

É realmente possível que ele esteja dizendo a verdade? Que não saiba?

Eu posso praticamente ver o cérebro de Andrew funcionando.

O que diabos você estava pensando, Jeanette?

— PORRA! — Andrew ruge. Ele se vira e bate com o punho fechado no carro. Estremeço quando o osso bate no metal.

Isso tinha que doer como uma cadela.

Sem dizer mais uma palavra, Andrew abre a porta e entra no carro.

Oh infernos não.

— Onde diabos você pensa que está indo? — Eu seguro a porta, não deixando que ele a feche.

Sim, Jeanette fez uma coisa de merda por não contar a ele, mas não vou deixá-lo abandonar minha irmã, minha irmã *grávida*.

— Entre na porra do carro ou saia do meu caminho.

Andrew tenta puxar a porta, mas eu não deixo. — Você não pode deixá-la sozinha, Hill. Eu juro…

— Não vou deixar ninguém. Agora ENTRE. DENTRO. DO. CARRO — Andrew range com os dentes cerrados. — Ou eu juro por Deus, vou atropelar você a caminho do hospital.

Ficamos ali, nós dois segurando a porta como se estivéssemos segurando uma tábua de salvação. Finalmente, suas palavras se registram em minha mente.

Ele não a está abandonando; ele está indo para ela.

Exalando um suspiro, lentamente solto meu aperto, deixando ir. Trocando um olhar duro, eu aceno para ele, esperando que diga tudo o que não posso colocar em palavras.

Ainda estou bravo, realmente chateado, mas também sou grato.

Grato por minha irmã ter alguém em quem confiar. Mesmo alguém que não sou eu.

Capítulo Quarenta e Cinco

MAX

Andrew dirige como um louco, tomando todos os atalhos e cortando cada curva brusca, mas chegamos ao hospital em tempo recorde. Durante todo o percurso, não falamos uma palavra, a tensão no carro é tão intensa que, se alguém acendesse um fósforo, explodiríamos no ar.

Espero que vá para o estacionamento, mas como sempre, ele tem uma mente própria. Parando em frente à saída de emergência, sai do carro ainda em movimento e corre para dentro antes mesmo que eu consiga tirar o cinto de segurança.

— Ei, você não pode estacionar aqui! — Alguém grita quando saio do carro e sigo o exemplo, mas não me viro. Se ele quer deixar o carro lá, quem sou eu para detê-lo?

Lá dentro, vasculho o espaço até ver a placa dos elevadores. Há um tempo, papai mandou uma mensagem de texto que Jeanette havia sido mandada para UTI de traumas, que fica no quarto andar.

Como sempre, o elevador demora um pouco, me deixando louco. Olho em volta algumas vezes, meu pé batendo no chão nervosamente, mas não vejo Andrew.

Para onde diabos ele desapareceu? Eu estava segundos atrás dele.

Finalmente, o elevador se abre. Mal posso esperar que todos saiam antes de entrar, pressionando o botão do quarto andar.

Se for possível, leva mais tempo para chegar à UTI, o elevador parando em cada maldito andar. As pessoas entram e saem como se estivessem em um piquenique, me fazendo querer gritar de frustração.

Rangendo os dentes, observo o número de andares subir e, quando aquele som irritante soa e a porta se abre, eu corro sem olhar para trás.

— Senhor, você não pode... — Eu posso ouvir alguém gritar pelo corredor. — Senhor!

Eu me viro na direção da voz e, como se fosse uma sugestão, posso ver as costas de Andrew desaparecendo na esquina, uma pequena enfermeira correndo atrás dele. Quando ela percebe que não vai pegá-lo, se vira para a outra enfermeira sentada na recepção. — Ligue para a segurança.

Merda.

— Não há necessidade disso. — Interrompo quando me aproximo.

Ambas me acolhem com olhos cansados. Não que eu possa culpá-las; tenho certeza de que estou uma bagunça e Andrew... bem, ele parece que acabou de sair de uma briga de bar e perdeu.

— E você é? — Pergunta a mais velha.

— Maximillian Sanders. Estamos aqui para ver Jeanette Sanders. Ela foi internada mais cedo esta noite.

Ela ainda não acredita em mim - não tenho certeza se vou ficar frustrado ou impressionado - porque ela pergunta: — Vou ter que ver uma identidade, jovem.

Gemendo, puxo minha carteira do bolso de trás e deslizo minha identidade, empurrando-a na cara dela. — Está vendo? — *Feliz agora, sua velha morcega?* É o que eu realmente quero perguntar, mas de alguma forma me seguro. — Posso ir e ver minha irmã agora?

Ela me devolve minha identificação, claramente não feliz. — Ela está no último quarto no final do corredor. Apenas família.

Eu acho que essa última parte se refere a Andrew.

— Ele é da família. — Eu garanto. De jeito nenhum vou deixar essa velha bruxa jogá-lo para fora. Não se houver uma possibilidade de Jeanette precisar dele quando acordar. Ela é a única que importa em toda essa situação. A única que pode decidir quem fica e quem sai. E se ela não quiser Andrew, eu mesmo o expulsarei.

Sem esperar pela resposta dela, me afasto. Eu corro pelo corredor, sem me importar com perturbar outros pacientes. Minhas respirações são frenéticas, coração batendo rapidamente em sintonia com meus tênis batendo contra os azulejos.

A porta está aberta e eu posso ouvir murmúrios suaves vindo de dentro. Eu paro no meu caminho assim que chego à porta.

— Eles estão bem?

Meus olhos pousam em seu pequeno corpo esparramado na cama clínica branca, grande demais para sua estrutura esbelta. Eu inspiro alto, o cheiro de anti-séptico e doença entrando nos meus pulmões.

— Anette. — Engasgo, me aproximando. Lágrimas queimam nos meus olhos. Tenho que piscar algumas vezes antes de clarear minha visão o suficiente para decifrar as linhas do rosto dela. Mas o que vejo me faz engasgar ainda mais.

Eu levanto minha mão, querendo tocá-la, mas não ousando. Ela está tão remendada que temo que até o toque mais leve a traga dor.

Seu cabelo está uma bagunça, sangue seco brilhando nas mechas curtas sob a luz fluorescente. O rosto dela é uma paleta de cores; diferentes tons de roxo e vermelho colorem sua pele em forma de arranhões e contusões, e o que não está danificado é branco pálido.

Eles colocaram um colar em volta do pescoço, impedindo-a de mover a cabeça e possivelmente causar mais lesões enquanto um dos braços está engessado e amarrado no peito para apoio.

Ela parece quebrada e machucada, e eu nunca me senti mais desamparado na minha vida.

Enrolo minha mão ao redor da grade da cama para me impedir de tocá-la.

— O que... — Eu paro, incapaz de dizer. Esfregando a mão no rosto, limpo a umidade que nubla minha visão.

Você precisa se acalmar. Ela precisa de você.

Meus pulmões se expandem quando eu respiro fundo. — Ela...

O som da porta se abrindo me faz girar, me impedindo de perguntar qualquer coisa.

— Max, você está aqui. — Diz o pai, entrando na pequena sala. Eu posso ouvir a surpresa em sua voz enquanto ele olha entre mim e Andrew com curiosidade.

Parece que ele envelheceu dez anos desde a última vez que o vi. Há rugas em seu rosto que não estavam lá esta manhã. Seu cabelo escuro está uma bagunça, e há bolsas escuras sob seus olhos que se destacam contra sua pele clara.

— Sim. — Eu posso ver seu olhar curioso na direção de Andrew, então ofereço uma introdução. — Pai, este é o Andrew. Ele é um dos meus companheiros de equipe.

Papai se aproxima, oferecendo a mão, mas Andrew mal assente com a cabeça em reconhecimento antes de toda a sua atenção voltar para Jeanette.

— E namorado de Jeanette. — Ele oferece despreocupadamente, enquanto agarra a mão dela na dele.

Não tenho certeza de como ele pode fazer isso. Com todas as máquinas e tubos conectados a ela e apenas a visão dela deitada na cama, tenho medo de que, se apenas olha-la por um segundo por muito tempo, ela desmoronará.

— Oh. — Papai me dá uma olhada rápida. — Eu não sabia que ela tinha um namorado.

Eu dou de ombros. Não é que Jeanette tenha sido aberta com alguém sobre seu status de namoro.

— Ela acordou? — Andrew pergunta ao meu pai.

— Nem um pio desde que ela chegou aqui.

Eu fecho meus olhos, deixando as palavras afundarem. Há quanto tempo? Minutos? Horas? Parece uma eternidade, mas não poderia ter demorado tanto. Se pudesse ouvir sua voz, vê-la abrir os olhos, mesmo que apenas por um segundo... Mas meus desejos são em vão, e ela ainda está dormindo. Há uma máscara cobrindo o nariz e a boca, ajudando-a a respirar.

— O que diabos aconteceu, pai? — Faço a pergunta que está me incomodando desde que recebi a ligação. Nada se soma. Se Jeanette soubesse que estava grávida, ela não faria nada imprudente que colocaria em risco sua vida. Sei exatamente como o céu é azul e a grama é verde. Ela não arriscaria seu bebê, não importa o quê.

Eu chego à frente, engolindo em seco antes de deixar meu dedo roçar sua testa lentamente. É um dos raros pontos no corpo dela que não está danificado, mas ainda estou tentando ser o mais sensível possível, afastando os cabelos dela.

— Ela perdeu o controle do carro. Tentei detê-la, avisá-la para não dirigir. Ela não está acostumada a dirigir na neve, mas você conhece sua irmã... Ela estava dirigindo rápido, e as estradas eram geladas e escorregadias. O outro carro veio da direção oposta, cegando-a temporariamente, e ela começou a deslizar. Acho que ficou assustada, porque tentou frear, mas a única coisa que fez foi fazer o carro girar para fora da estrada.

— Isso simplesmente não faz nenhum sentido. — Eu balanço minha cabeça, tentando afastar as imagens de Jeanette rolando no carro. — Jeanette não dirige rápido. E ela está sempre me incomodando para abandonar minha moto demoníaca.

Um gemido baixo chama minha atenção, me fazendo esquecer a conversa. Levanto os olhos, olhando para Jeanette.

Andrew já se inclinou, olhando atentamente para o rosto dela. — Princesa?

— Anette. — Eu digo baixinho, deixando minha conversa com papai por enquanto. — Você pode me ouvir?

Abra seus olhos, Anette. Apenas abra seus olhos, por favor.

— Abra seus olhos, linda. — Andrew expressa minhas palavras.

Jeanette começa a se mexer, e eu posso ver seus olhos se moverem atrás das pálpebras ainda fechadas. Meu coração dispara, esperando. Quero pegar a mão dela, mas Andrew já a está segurando e não quero sobrecarregá-la, então agarro a grade até que o metal corte minha pele úmida.

— Abra aqueles olhos lindos para mim, princesa. — Implora Andrew.

Há tanta emoção e vulnerabilidade em sua voz que quase não a reconheço. Parece que todo o quarto está parado enquanto esperamos

que ela abra os olhos. E então, depois do que parece uma eternidade, eles finalmente, *finalmente*, se abrem. Quase assim que vislumbramos aquelas íris prateadas, elas estão fechadas novamente, uma carranca se formando entre as sobrancelhas dela. Demora algumas vezes, a luz forte dificulta o seu ajuste, mas ela não desiste.

O tempo todo, Andrew sussurra palavras suaves de encorajamento, nem por um segundo se importando com quem pode ouvi-lo e com o que estão pensando.

— D-drew... — Sua voz é grossa e rouca. Seus olhos estão finalmente abertos, e ela olha entre nós dois com confusão escrita em seu rosto.

— Shhh... — Ele pressiona o dedo contra os lábios dela, fechando os olhos, a cabeça caindo. E então eu vejo seus ombros tremerem. É apenas por alguns segundos, um momento de fraqueza, mas pela primeira vez, eu vejo. Vejo o cara que minha irmã viu esse tempo todo. Um cara por quem ela se apaixonou, mas mais importante, um cara que a olha como se fosse o mundo inteiro.

— Como você se sente? — Eu pergunto baixinho, dando a Andrew um momento para se recompor.

— Como se... — Seu tom é gaguejante, as palavras ditas lentamente. — Como um trem me atropelou.

A declaração dela me deixa um pouco decepcionado, mas não sei por que estou surpreso. Estamos falando de Jeanette. Uma risada estrangulada sai de mim quando o alívio se instala.

— Não brinque assim. — Andrew repreende levemente. — Ou terei que amarrá-la a mim para que eu possa manter meus olhos em você o tempo todo.

Ela revira os olhos de brincadeira. Seus lábios se separam, mas nenhuma palavra sai. Todo o seu corpo fica parado.

— Jeanette? — Eu digo, mas minha irmã não está olhando para mim. Nem tenho certeza se ela pode me ouvir. Os olhos dela estão colados na beira da cama.

Olhando por cima do ombro, noto papai parado perto da porta e olhando para nós, preocupado. Ele está tão quieto que quase esqueci que está conosco no quarto.

— V-você…

— Jeanette, eu estou tão... — Ele começa, mas Jeanette o interrompe antes que possa começar.

— Fora! — Essa palavra é dita com tanta ferocidade, com tanto desprezo e raiva, que me faz dar um passo atrás. — S-sai-fora.

Olho entre meu pai e irmã, sem saber o que diabos está acontecendo. Papai balança a cabeça, chorando. Acho que nunca o vi quebrar assim na minha vida. Os olhos de Jeanette também estão cheios de lágrimas, mas ela as segura, sem recuar em suas palavras.

Que diabos está acontecendo aqui?

— Pai? — Eu pergunto, confuso. Fico estoico entre os dois, sem saber para quem procurar uma explicação, mas não tenho chance de perguntar mais, porque o olhar duro de Andrew se conecta com meu pai.

— Ela quer você fora, então saia.

Não tenho certeza de quem está mais surpreso com suas palavras, eu ou papai. Mas Andrew Hill não se importa. O que ele quer, ele recebe e, aparentemente, o que Jeanette quer, ela também receberá.

A boca do meu pai se abre. — Quem você pensa que é…

— Você a está perturbando e piorando sua situação. — Ele range entre os dentes. Eu posso ver a raiva brilhar em seu rosto, mas ele faz um bom trabalho para controlá-la. — Ela já passou por bastante. Não vou deixar você incomodá-la mais. — Então ele se vira para Jeanette, dando-lhe toda a atenção. — Eu vou chamar a enfermeira. Eles têm que verificar você.

Ainda em estado de choque em algum universo fodido em que acabei de entrar, observo a boca do papai fechar, os lábios pressionando em uma linha apertada. Espero que proteste e exija que Andrew saia, mas, para minha surpresa, ele realmente faz o que Andrew disse.

Passando a mão pelo cabelo, posso ouvir Jeanette e Andrew sussurrando. As máquinas que estão conectadas à minha irmã continuam apitando, mas tudo isso é apenas ruído de fundo para os meus pensamentos furiosos. Nada neste dia se soma. Nada.

Virando-me, deixo minhas mãos caírem ao meu lado. — Jeanette, o que...

Mas nesse exato momento, o médico e a enfermeira entram na sala. Tudo é um borrão de eventos quando eles correm para Jeanette, verificando suas máquinas e disparando perguntas para ela. Afasto-me ao fundo, observando-os trabalhar enquanto uma enfermeira, a de antes, olha para mim. — Vocês rapazes têm que sair para que o médico possa examiná-la.

Dando uma última olhada em Jeanette, aceno e me viro para sair. Espero que Andrew siga, mas a voz de Jeanette nos impede. — Fique.

— Princesa...

— Senhorita Sanders... — O médico começa, mas Jeanette o impede, desta vez mais determinada.

— Eu preciso de você aqui comigo. Fique.

Andrew. Ela precisa de Andrew, não eu.

A pontada de ciúmes é instantânea, mas empurro para trás quando saio da sala, fechando lentamente a porta atrás de mim.

Desde que me lembro, Anette sempre me pedia. Monstros debaixo da cama, mágoa ou apenas alguém para abraçá-la e dizer a ela que tudo ficará bem. Eu sempre fui quem ela chamou. Não nossa mãe. Não nosso pai. Eu. Eu era a pessoa dela.

Não mais.

Eu sempre pensei que, de alguma forma, melhoraríamos. Que, se nos esforçarmos o suficiente, seriamos quem costumávamos ser, mas agora percebo que estava me enganando o tempo todo. Jeanette e eu... não somos as mesmas pessoas que fomos. À medida que crescemos, nos separamos. Há momentos em que dói, sabendo que não sou mais a pessoa dela. E apesar de estarmos lentamente curando e aprendendo ser as pessoas que crescemos, as coisas nunca serão o que eram. Andrew agora é a pessoa dela. Então, é claro, ela quer que ele fique com ela. Ele é o pai do filho dela, pelo amor de Deus.

O filho dela... A realização é como um soco no meu estômago. *Nós nunca perguntamos o que aconteceu com o bebê.*

— Max. — Diz o pai, parando na minha frente e me impedindo de ter um ataque de pânico total.

— Pai. — Eu suspiro, minha voz trêmula enquanto tento me dizer que tudo ficará bem. Então me lembro de tudo o que aconteceu antes da chegada dos médicos, e me concentro nisso. — O que diabos aconteceu lá? Por que Anette pediu para você sair?

Sua garganta palpita quando ele engole, olhando para todos os lugares, menos para mim. — Eu já te disse; foi um acidente.

E Jeanette pirou assim por causa de um acidente? Com ele especificamente?

— É mais do que isso, pai. Eu conheço Jeanette. Ela não jogaria você fora da sala se...

— Dr. Sanders, obtive os resultados... — Uma jovem enfermeira olha para mim, as bochechas corando. — Eu sinto muito; não queria interromper.

— Você não interrompeu nada. — Papai diz docemente enquanto me dá um olhar duro que claramente diz para deixá-lo em paz. — Deixe-me olhar para eles...

Eu cerro os dentes enquanto os vejo sair.

A porta do quarto de Jeanette ainda está fechada, então decido me sentar enquanto espero, pensando sobre tudo.

Agora, mais do que nunca, eu sei que ele está escondendo algo, e seja o que for, vou descobrir. Estou farto de segredos e mentiras. Doente de fingir que está tudo bem quando claramente não está. Algo aconteceu entre ele e Jeanette, algo que a perturbou o suficiente para terminar em um acidente de carro. E vou descobrir.

Não sei quanto tempo fico sentado lá antes que a porta se abra suavemente. Andrew sai e dou um passo à frente, mas ele fecha a porta atrás dele, me impedindo de entrar.

— Ela está dormindo. — Ele sussurra como se tivesse medo de acordá-la. Dando uma última olhada por cima do ombro para a porta fechada, Andrew anda ao meu redor e cai em uma das cadeiras de plástico em que eu estava sentado. Ele parece um náufrago. Cabelos escuros uma bagunça, seu rosto um espectro de cores, sua bochecha machucada e um pouco de sangue seco grudado no canto da boca.

Suspirando, me sento ao lado dele, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— O que o médico disse?

— A mesma coisa que o seu velho. Contusões e arranhões devem desaparecer em breve, mas levará algum tempo para as costelas e a mão dela cicatrizarem. Ela terá que ir ao fisioterapeuta para recuperar toda a gama de movimentos. Eles lhe deram alguns remédios para dor que a derrubaram muito rápido.

Eu aceno com a cabeça. Nós dois sabíamos o nosso quinhão sobre contusões e ossos quebrados por jogar hóquei por anos. Tudo parecia bastante normal.

— O-o... — Eu começo, mas minha voz trava com todas as emoções que tenho mantido. Tenho que limpar minha garganta antes de tentar novamente. — E o bebê?

O corpo inteiro de Andrew fica rígido ao meu lado. Não preciso olhar para ele para saber. Está em todos os seus poros.

— Não há bebê. — Suas palavras são como um soco no meu estomago, me deixando sem fôlego. Se não estivesse inclinado para a frente, tenho certeza de que me dobraria com o impacto.

Como não há bebê? E o teste?

O corpo de Andrew cai de volta na cadeira, a cabeça batendo na parede, mas é como se ele não sentisse nada. Entorpecido. Está completamente entorpecido.

— O-o que... ? — Eu gaguejo, sem palavras. *Não pode ser* — Eles devem estar errados. O teste...

— Pode ser um falso positivo, aparentemente. — Diz ele, sem expressão, com o rosto impassível olhando para algo na parede.

Porra. Haviam dois testes nessa cesta. Um positivo. Um negativo. Mas os dois eram dela? E se ela... Não. Eu balanço minha cabeça.

— Porra, cara. Sinto muito. — Digo, mas parece que minhas palavras não são registradas porque o rosto dele está completamente vazio. O que ele deve estar pensando? Sentindo? Eu me sinto completamente vazio, e não é nem do meu bebê que estamos falando.

— Eu queria, você sabe. — Suas palavras são tão suaves que mal consigo ouvi-las. — Eu não esperava isso. Não estava pronto para isso, mas por um tempo, foi real. Aquele bebê era real e era meu e de Jeanette. E agora se foi. — Fico sem palavras, apenas ouvindo-o. Não há nada que eu possa dizer que melhore toda essa situação, então nem tento.

— Ela... — Andrew esfrega o rosto. — Jeanette está arrasada. Ela acha que essa era sua única chance de ter um bebê, e de alguma forma arruinou.

Eu fecho meus olhos, arrasado. Dor, tristeza, raiva e mágoa que estão se acumulando dentro de mim há um tempo crescem a tal ponto que não posso mantê-los dentro por muito mais tempo.

Eu pulo de pé, me sentindo inquieto e nervoso. Quero gritar de frustração. Quero dar um soco em algo para que essa dor dentro de mim desapareça, mesmo que só por um tempo, mas depois avisto Andrew. Meu amigo. Meu companheiro de equipe. O mundo da minha gêmea. Caído em seu assento, seu corpo entorpecido, rosto limpo de todas as emoções. Exceto por seus olhos. Aqueles olhos escondem toda a dor que ele está tentando segurar para que possa ser o homem que Jeanette precisa que seja.

Sem pensar, eu o coloco de pé e em meus braços.

Seu corpo está rígido, mãos ao lado.

— Não é culpa de ninguém. — Digo a ele enquanto o sinto relaxar. Uma por uma, suas paredes começam a cair. Eu posso sentir seus ombros tremerem. — Desculpe cara. Sinto muito.

Repito essas palavras várias vezes enquanto o seguro e ele chora lágrimas silenciosas, lamentando a perda de algo que nunca existiu.

Capítulo Quarenta e Seis

BROOK

— Max! — Lia chama seu nome e sai correndo.

Leva um tempo, mas finalmente o vejo. Seus ombros estão caídos, o cabelo escuro na cabeça uma bagunça por passar os dedos por ele. Jeans e camisa pretos amassados. Ele está uma bagunça, e não há como esconder a rigidez dos ombros ou o cansaço geral.

Não que eu possa culpá-lo. É tarde e estamos aqui há horas.

Lia corre para ele, abraçando-o e puxando-o para um abraço que Max retorna quase que instantaneamente, envolvendo seu corpo muito menor com o seu enorme.

Ciúme que eu não sabia que era capaz de sentir vem do nada. Está me comendo, intenso e implacável, mas faço o meu melhor para afastá-lo.

Eles são apenas amigos, eu me tranquilizo. *Lia está com Derek.*

Não é com os sentimentos de Lia que você está preocupada, o diabinho no meu ombro me provoca.

Forçando-me a mover uma perna na frente da outra, vou em direção a eles.

Seus lábios estão se movendo enquanto ela fala, e eu posso ver um leve aceno em reconhecimento da parte dele.

Lia deve ter mencionado meu nome, porque a próxima coisa que eu sei é que sua cabeça dispara, olhos cinzentos exaustos encontrando os meus à distância. Há bolsas debaixo dos olhos, e a barba por fazer cobrindo sua mandíbula é mais escura do que já vi antes.

Seus lábios se movem rapidamente, e vejo os cachos de Lia balançando em seus ombros enquanto ela acena com a cabeça. Rapidamente, ela se vira e empurra o dedo em direção ao teto, deixando-me saber que está subindo as escadas.

Ela vai ver Jeanette. Sozinha. Deixando-me lidar com Max.

Eu engulo com força, nervosismo coçando minha pele, mas aceno.

Qualquer que seja o motivo que Max tivesse para eu ficar, não precisava que ela testemunhasse.

Lia sussurra: — Te vejo daqui a pouco. — Antes que se vire nos calcanhares e vá para o elevador.

Mesmo com todos os barulhos ao meu redor, eu posso ouvi-lo *falar*. As pessoas correm para fora enquanto outras acotovelam-se, Lia sendo varrida pela corrente da multidão em movimento.

Todo esse tempo, Max e eu ficamos colados aos nossos lugares. Todo mundo está seguindo seu caminho alegre, corpos se movendo entre o espaço aberto nos separando, mas não quebramos o contato visual.

Não sei quanto tempo ficamos assim, simplesmente encarando um ao outro.

Pode demorar alguns segundos, pode demorar dias, mas não serei eu quem dará o primeiro passo.

Se estou sendo sincera, nem queria estar aqui. Eu me sinto como uma impostora, mas Jeanette se machucou em um acidente e conhecia

seu estado... bem, fiquei preocupada. Lia e eu ficamos. Jeanette já passou por tantas coisas, e agora isso está acima de tudo. Tivemos que vir e garantir que ela estivesse bem.

Finalmente, ele desiste do jogo e caminha na minha direção.

A necessidade de me virar e correr é forte, mas a empurro para baixo, forçando meus pés a ficarem colados ao chão.

— Como está Jeanette? — Eu pergunto assim que ele está a uma distância de audição.

— Viva. — Ele esfrega a mão sobre o rosto. — Concussão, braço e costelas quebrados, machucados por toda parte, mas viva.

Eu aceno com a cabeça em reconhecimento. O que há para dizer? A garota sofreu um acidente de carro. Ela tem sorte de estar viva, mas com esses ferimentos.... Eu abro minha boca, mas ele me impede antes que possa dizer mais alguma coisa.

— Você está grávida?

— O quê? — Minha cabeça se encolhe de surpresa, a boca aberta.

Seu olhar nublado se estreita quando ele olha para mim.

— Não brinque comigo, Taylor. Haviam dois testes e você estava lá com Anette no dia em que ela não estava se sentindo bem. Se você está grávida, eu preciso saber. Você não pode simplesmente me excluir...

— Eu não estou grávida! — Sussurro, me virando para ver se alguém está ouvindo nossa conversa.

— Você não está? — Ele vacila. — Mas...

Eu quero passar meus dedos pelos meus cabelos em frustração, mas percebo que ele está puxado em um rabo de cavalo alto. Meus braços caem e os cruzo sobre o peito. — De onde isso veio?

— Quando eu fui para casa pegar as coisas de Jeanette, encontrei dois testes de gravidez e desde que Andrew... — Engole em seco. — Quando ele saiu do quarto de Jeanette depois que ela dormiu... perguntei sobre o bebê, mas ele me disse que não há bebê. Jeanette nunca esteve grávida.

Meus olhos se fecham quando meu intestino se aperta com força, a tristeza me inundando.

— Eu sei que fomos cuidadosos, mas tive que perguntar. Você andou muito com Jeanette, então talvez...

— Não sou eu. — Digo, abrindo meus olhos e olhando para ele. Ainda posso ver os mesmos olhos cinzas olhando para mim com uma mistura de pavor e emoção, admiração e medo. — Nós duas fizemos o teste. Jeanette estava assustada, então eu a acompanhei. O meu era negativo e o dela...

Seus olhos se fecham, um som destruído saindo de sua garganta. Como um animal ferido. Max cobre a boca, seu corpo tremendo um pouco.

Lágrimas que eu tenho segurado até este momento se acumulam nos meus olhos. Tristeza e perda, não achei possível esmagar meus sentidos.

Meus dedos coçam para avançar.

Tocá-lo.

Para envolver minhas mãos em torno dele.

Abraça-lo e dizer que tudo ficará bem.

Oferecer a ele o conforto que obviamente precisa.

Mas algo está me segurando.

Não algo. Eu.

Eu estou me segurando.

Uma garota cansada e quebrada, com o coração cheio de escuridão.

Mas a parte de mim que dói por ele, tanto por Max quanto por Jeanette, luta contra isso. Combate a escuridão interior.

Não posso ser o que ele precisa, mas agora sou a única coisa que ele tem.

Então faço o melhor que posso.

Agarrando sua mão, eu o puxo através da massa de corpos em movimento.

Longe de todas as pessoas e de todos os barulhos, levo-nos à uma curva, escondidos.

Deslizando contra a parede, tocamos o chão e observo o garoto despreocupado que eu conheço irromper diante dos meus olhos, sem nunca soltá-lo.

— Jeanette disse que os médicos acreditam que seu teste de gravidez foi um falso positivo. — Eu mal registro as palavras suavemente ditas por Lia, mas a palavra *gravidez* me chama a atenção.

Estou emocional e fisicamente exausta. Ver Max quebrar era demais. Eu nunca senti esse tipo de dor, nunca testemunhei, mas vê-lo desmoronar era como ser puxada para um tsunami. A dor que ele

estava sentindo era simplesmente demais para uma pessoa suportar. Caindo sobre ele e puxando-o para baixo. Ele e tudo e todos os outros que estavam no seu caminho.

Depois de passar quase uma hora com Max, apenas segurando a mão dele enquanto ele chorava, eu não tinha como subir e enfrentar Jeanette também. Felizmente, Lia desceu no momento em que voltamos para a sala, dizendo que o horário de visitas havia acabado e me dando uma desculpa para ir para casa.

— O que você quer dizer com um falso positivo? — Olho para Lia, minhas mãos úmidas se fechando em punhos ao meu lado.

A pergunta de Max volta com força total. *Você está grávida?* Eu não estava grávida, mas, aparentemente, você pode ficar grávida e não estar grávida, então não poderia ser o contrário também?

Você foi cuidadosa. Eu tento argumentar comigo mesma. *Não há necessidade de se preocupar.*

— Eles fizeram o exame quando a admitiram. — Lia morde o lábio. — Não mostrou nenhum sinal de gravidez.

Meus pensamentos vão instantaneamente para o dia em que fizemos os testes. Não poderíamos ter trocado-os, poderíamos? Um foi positivo; um foi negativo. Ambos iguais. Ambos sentados no maldito balcão do banheiro esperando três minutos passarem.

Isso não pode estar acontecendo.

Minha mente está correndo 160 quilômetros por hora, zumbindo nos meus ouvidos se intensificando a cada batimento cardíaco, mas mesmo através de toda essa névoa, em algum lugar distante, eu posso ouvir Lia falar.

— Pobre Jeanette. Ela realmente queria aquele bebê. Pude ver em seus olhos o quão arrasada estava por causa das notícias. Ela mal podia falar...

— Eu tenho que ir. — eu digo, parando sua frase no meio.

Um pequeno cenho aparece entre as sobrancelhas. — Agora mesmo?

— Sim, agora. — Olho em volta para ver em que direção está o ponto de ônibus e, quando o vejo, não consigo andar rápido o suficiente. — Eu tenho algo para cuidar. Conversamos depois.

— Espere, Brook! Deixe-me dar uma... — Mas eu não estou mais ouvindo.

Virando nos calcanhares, corro em direção ao ponto. Meu coração ainda está batendo freneticamente no meu peito, minha respiração dura.

E se eu errei? E se eu troquei os testes? E se o teste não estivesse errado?

Quando chego à estação, vejo que o próximo ônibus chega em quinze minutos.

Muito tempo. Mal posso esperar tanto.

Então, sem pensar duas vezes, começo a andar.

Farmácia. Eu tenho que ir à farmácia.

Eu tenho que descobrir a verdade. E tenho que descobrir agora.

Capítulo Quarenta e Sete

MAX

— Jeanette! — Uma voz em pânico me faz pular na cadeira enquanto meus olhos se abrem. A luz brilhante da sala me cega temporariamente, mas tenho um vislumbre de nossa mãe correndo para a cabeceira de Jeanette.

— M-mãe! — Jeanette protesta. — Você está me estrangulando.

Coçando a nuca, cubro meu bocejo enquanto olho para as duas. Mamãe está esparramada sobre a cama, com os braços firmemente em volta de Jeanette, o rosto enterrado na dobra do pescoço.

— Não se atreva a me assustar assim nunca mais! — Ela repreende, mas não a solta.

Com toda a comoção, Andrew também está acordado. Ele ainda parece uma porcaria, não que eu me sinta muito melhor. Então, novamente, uma noite passada em um hospital fará isso com um cara.

Jeanette olha para nós, pedindo silenciosamente para fazer alguma coisa. Eu rio, mas me aproximo.

— Queremos que ela continue respirando, mãe. — Digo. Colocando as mãos no ombro de mamãe, eu lentamente puxo para trás até que ela separa seu corpo de Jeanette, mas não sem lutar. — Talvez você deva lhe dar um pouco de espaço.

— Dar a ela um pouco de espaço!? Tudo o que fiz foi dar-lhe espaço e veja onde isso a levou.

— Foi um acidente, mãe. — Jeanette diz calmamente.

Foi mesmo? Eu quero perguntar a ela. Realmente. As palavras estão na ponta da minha língua quando o médico e a enfermeira, diferentes dos da noite passada, entram.

— Vocês podem nos dar um momento?

Ninguém está feliz, mas nós os deixamos. Bem, todos, exceto Andrew. Não tenho certeza se saiu do lado dela, com exceção daqueles poucos minutos em que Jeanette adormeceu e ele se juntou a mim no corredor.

Assim que estamos do lado de fora, mamãe pergunta: — O que aconteceu? Quando seu pai...

— Eu gostaria de saber também. — A interrompo, sem vontade de ouvir sobre o pai. Não o vejo desde que ele saiu com aquela enfermeira. E, embora Jeanette obviamente não o quisesse no quarto dela, ele poderia pelo menos ter esperado aqui no corredor. Em vez disso, desapareceu sem dizer uma palavra.

Isso me irritou. Ele deveria estar aqui. É o nosso pai e a deixou sem se importar com o mundo depois que sua filha sofreu um acidente de carro.

Desta vez, o médico sai em poucos minutos e, assim que sai, eu volto para dentro.

Andrew está ajudando Jeanette a se sentar na cama, reorganizando os travesseiros para que ela tenha um melhor apoio nas costas.

— O que diabos aconteceu, Anette? — Pergunto, não querendo esperar mais um segundo para descobrir a verdade.

Sua cabeça se levanta surpresa. Meu tom é mais agudo do que o necessário, e ela pode ouvi-lo. Jeanette pode ver a raiva fervendo logo abaixo da superfície.

Suspirando, ela sabia que esse momento estava chegando, mas tentou empurrá-lo de volta o máximo possível. — Sente-se, eu vou te dizer. — Olhos cinzentos olham ao redor da sala, ficando colados a todos os rostos por alguns segundos. — Vou contar tudo.

Fazemos o que pedimos, mamãe e eu sentamos em uma cadeira enquanto Andrew se senta na beira da cama, a mão de Jeanette entrelaçada com as dele.

Meu estômago está inquieto e, por mais que eu tente, não consigo me acalmar, minha perna batendo furiosamente no chão.

Seus olhos encontram os meus - por segurança ou força, não tenho certeza. Minha garganta fica seca, e a dela também deve estar, porque ela limpa antes de começar a falar. — Tudo começou no primeiro ano do ensino médio...

E então ela nos conta tudo. Depois que tudo aconteceu originalmente, descobri coisas, pedaços e partes aqui e ali que me ajudaram a colar a imagem o suficiente para entender, mas agora percebo que não sabia nada. Mesmo depois que esses segredos quase custaram a vida de Jeanette, ela ainda os mantinha escondidos por dentro.

— Então, um dia, enquanto esperava que Max terminasse a prática, fui visitar meu pai no hospital. — Naquela época, ela costumava fazer isso muito. Jurou que seria médica, assim como nosso pai. Acho que não a vejo entrar no hospital há anos. Não até hoje. — E eu o encontrei... — Ela olha para mamãe, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas, assim como os de nossa mãe. — Ele estava com outra mulher.

Há um barulho alto na sala, e até que todos os olhos se voltem para mim, eu nem percebi o que fiz. Levantei-me, derrubando a cadeira no processo.

— O quê? — *Isso não pode ser verdade. Papai não.* Mas pelo olhar que as duas compartilham, eu sei, no fundo, sei que é. — Você está errada. — Eu me viro para mamãe. — Diga que ela está errada.

Mamãe soluça, balançando a cabeça. Seu cabelo escuro está balançando de um lado para o outro e, pela primeira vez, vejo como ela está desgrenhada. Não me lembro de vê-la com o cabelo preso há anos. Lágrimas caem por suas bochechas, deixando um rastro preto de sua maquiagem.

E o olhar em seus olhos... resignação. — Você sabia?

— Suspeitava. — Ela soluça. — Suspeitei por um tempo.

Eu dou um passo para trás. *Eu sou o único que não sabia? Não vi?*

Aparentemente, a resposta para isso é sim.

— E você não o chamou?

— O que eu deveria fazer, Max? — Ela pergunta, enxugando as lágrimas. — Ligar para ele e depois joga-lo fora?

— Sim! — Eu grito de volta para ela.

— Não funciona assim.

— Isso é besteira, e você sabe disso. — Eu aponto meu dedo para ela. — Se você o tivesse chamado, talvez nada disso tivesse acontecido.

Ela respira fundo, como se eu tivesse arrancado todo o ar de seus pulmões. A culpa vem instantaneamente e depois a vergonha. Racionalmente, sei que não é culpa dela. Nenhum de nós é culpado. Tudo isso é sobre papai e sua incapacidade de manter o pau nas calças,

mas estou com raiva e preciso de alguém para culpar, por isso brigo com a primeira pessoa que está no meu caminho.

O silêncio que se segue é quase ensurdecedor. A única coisa que quebra é o som de máquinas ainda conectadas ao corpo de Jeanette e a minha respiração ofegante.

— A culpa é minha. — Jeanette sussurra suavemente.

— Anette... — Eu me viro para ela, a maior parte da raiva se foi.

Mas não a culpa. A culpa que eu estava sentindo antes só fica mais forte. Nós nunca conversamos sobre o que aconteceu depois disso. Depois que Jeanette recebeu alta do hospital com um distúrbio alimentar, ela foi diretamente para a terapia e, como sempre, deixamos escapar. Nós não a pressionamos a falar sobre isso conosco, não fizemos perguntas. Talvez se tivéssemos, teríamos descoberto o papai mais cedo. Talvez se eu não estivesse tão metido na minha bunda, também saberia. Talvez se prestasse atenção nela, na minha família, veria os segredos que eles estão escondendo. Segredos que Jeanette carrega há muito tempo sozinha. Segredos que acabaram por arruiná-la.

— Você está certo, Max. — Jeanette balança a cabeça teimosamente. — Se eu tivesse contado a alguém, você ou a mãe, talvez não estivéssemos onde estamos agora. Talvez se eu tivesse dito algo antes, ele não teria feito isso de novo e eu não teria acabado nesse acidente.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto lentamente. Ela não poderia estar falando sério, porque se está...

— Ontem, mamãe me ligou para levar alguns papéis para o hospital para o papai, e eu o fiz. Somente quando cheguei aqui, o vi. Com uma enfermeira. Mais uma vez. — Ela soluça levemente, enxugando as lágrimas. A cova no fundo do meu estômago está ficando cada vez

maior. — Ele me viu sair correndo. Eu precisava de algum tempo para me reagrupar, tempo para perceber o que uma parte de mim já sabia - isso tinha que parar. Eu tinha que contar para vocês. Então esperei que ele voltasse para casa para confrontá-lo. Nunca pretendi que fosse assim. Eu...

— Não é sua culpa. — Eu seguro sua mão livre na minha, dando-lhe um aperto tranquilizador.

— Você está certo. — Minhas costas enrijecem quando ouço sua voz. — Não é culpa de ninguém, mas minha.

Lentamente, eu me viro. Minhas mãos estão cerradas ao meu lado enquanto seguro minha raiva.

— Eu acho que você deveria ir. — Sugiro calmamente. Calmo demais.

Ele está parado na porta com as mesmas roupas amarrotadas da noite passada, parecendo um acidente de trem prestes a acontecer. Meu pai me dá um olhar duro e desaprovador. Tarde demais, amigo, tarde demais.

— Não antes de dizer o que vim aqui para dizer.

— Acho que ninguém está disposto a ouvir suas desculpas egoístas em um prato de mentiras mesquinhas.

— Maximillian! — Mamãe engasga.

Eu posso ver sua mandíbula trabalhar frustrada, mas ele não recua. — Você pode não estar de bom humor, mas eu ainda sou seu pai e você *vai* ouvir.

Ele olha ao redor da sala, observando todas as pessoas lá dentro. Seu desconforto é claro. Ele mexe, deslocando seu peso de uma perna para a outra antes de se decidir por ficar ereto.

— Fiz muitas coisas egoístas e inesquecíveis. Coisas que magoam as pessoas que eu mais deveria amar na minha vida; não vou negar. Eu era um marido de merda e um pai péssimo, mas depois que você acabou no hospital na Califórnia, jurei que faria melhor. — Ele olha para Jeanette. — O que você viu no escritório outro dia foi um reflexo do passado. Não trai novamente depois que você me pegou pela primeira vez. Não culpo você por chegar a conclusões assim. Isso também é culpa minha. Eu nunca deveria ter lhe pedido para guardar meu segredo assim. Nunca. E posso entender que nenhum de vocês acredita em mim agora, mas quero que sejamos uma família novamente. Sem segredos. Sem mentiras. Uma família. Se e quando estiverem prontos.

A sala fica quieta, ninguém diz uma palavra, e ele fica parado assim na porta. Não tenho certeza se tem mais alguma coisa a dizer ou se está esperando que um de nós fale. Seja o que for, não consegue o que está procurando, então, com um aceno final, ele se vira e se afasta.

Capítulo Quarenta e Oito

BROOK

— Isso não pode estar acontecendo. — Murmuro suavemente pela enésima vez.

Correndo minha mão pelo meu cabelo, eu o encontro em uma bagunça emaranhada. Me faz desejar ter feito um rabo de cavalo, mas minha cabeça estava latejando demais. Só que agora, há uma verdadeira razão para uma dor de cabeça, e não é apenas uma noite sem dormir.

Eu cheguei na farmácia ontem à noite só para perceber que era meio da noite e a coisa estava fechada. Xingando todo o caminho de volta para casa, deitei-me, mas não consegui, pelo amor de mim, adormecer. Meu cérebro estava inquieto demais, tentando descobrir o que diabos estava acontecendo. Repassei todas as vezes que estive com Max, mas nada parecia se destacar. Nós sempre estávamos seguros. Sempre cuidadosos. Além disso, eu ainda tinha alguns dias até a minha menstruação, não tinha?

Então como? Como isso aconteceu?

Tentei me lembrar do que aconteceu no dia em que Jeanette entrou em colapso e sugeri de maneira tão irreverente que ela poderia estar grávida. Acho que a piada está em mim agora.

— Isso tem que estar errado. — Murmuro em voz alta.

Talvez se eu repetir o suficiente, isso se tornará verdade, mas as chances não estão a meu favor. *Três* testes positivos de gravidez estão me encarando de um balcão solto no banheiro.

— Como? — Pergunto com raiva, mas não recebo resposta. Frustrada, eu jogo todos eles no chão com um golpe da minha mão, batendo no balcão.

Como diabos isso aconteceu? E por que eu? Por quê sempre eu?

Minha cabeça abaixa, meus olhos se fecham com força enquanto lágrimas de raiva ardem atrás das minhas pálpebras fechadas.

O que eu fiz para merecer isso?

Uma lágrima escorre, um soluço quebrado e estrangulado saindo dos meus pulmões antes que eu tenha a chance de abafá-lo atrás da minha mão.

Inclinando a cabeça para trás, olho para o teto.

E agora? O que diabos eu vou fazer?

Eu deveria sair. Afastar-me desta cidade e nunca olhar para trás. Sair da grade era a única maneira de começar de novo. A única maneira de me afastar de Josephine e do show de merda que é a minha vida. Afastar-me de Dan e suas ameaças.

Fazer Brook Taylor desaparecer era a única maneira de proteger meus amigos, proteger Max. Mas eu sei que isso não é mais uma possibilidade. Não posso guardar isso para mim. Não posso ir embora, não depois de tudo que testemunhei ontem. Não quando ainda posso ver os olhos cinzentos e quebrados de Max me encarando como estavam ontem à noite no hospital.

Se você está grávida, eu preciso saber.

Ele parecia quase desesperado quando disse essas palavras. Tão quebrado sobre o que aconteceu com sua irmã. Eu podia sentir a dor dele como a minha.

Como eu poderia esconder algo assim dele sabendo a dor que ele sentiria se alguma vez descobrisse?

Virando, olho ao redor do banheiro surrado. Telhas quebradas. Mobiliário antigo. Molde nos cantos. Cor descascando do teto. Eu absorvo tudo até que se torne muito difícil respirar.

Josephine estava certa, afinal. A maçã não cai longe da árvore.

A imagem de Max segurando Lia hoje cedo volta para me assombrar. A maneira como ele se agarrou a ela, como se sua vida dependesse disso.

Você é minha, Brook... Tudo me pertence.

Ele diz uma coisa, mas suas ações... Suas ações constantemente provam o contrário. Max não me ama, e estou carregando seu bebê. A segunda geração de mulheres Taylors que se apaixonam por um cara muito fora de seu alcance.

Talvez se não fosse tão difícil respirar eu seria capaz de rir. Rir da ironia que é a minha vida.

Eu tentei tanto não ser minha mãe e, posteriormente, me tornei exatamente isso.

Capítulo Quarenta e Nove

MAX

Caro Sr. Sanders,

Lamentamos informar você...

O resto da carta fica borrado na minha frente, mas não preciso ler até o fim para saber o que dizem. Outra carta de rejeição.

Droga.

Amassando o papel na minha mão, eu o jogo fora antes de cair na minha cadeira. O livro aberto na minha mesa zomba de mim, a lista de coisas que se acumularam nos últimos dias cresce a cada segundo. Eu esperava boas notícias, mas aparentemente estava esperando demais. Minha vida foi uma tempestade de merda gigante, então por que isso seria diferente? E a pior coisa? Eu nem consigo me importar.

Recostando-me na cadeira, fecho meus olhos, meus dedos esfregando lentamente minhas têmporas latejantes.

Não consigo me concentrar em nada. Não consigo dormir. Eu não consigo *respirar.*

Eu não sou capaz há dias.

Parece que tudo o que posso é refazer tudo o que aconteceu recentemente. O acidente, ver Jeanette tão quebrada quanto estava, deitada naquela cama, quebrar nos braços de Brook. Por que ela está sempre lá quando estou no meu nível mais baixo?

As coisas deveriam voltar ao normal agora que Jeanette está segura em casa, mas é como se meu corpo não entendesse o memorando e estivesse apenas esperando o outro sapato cair.

Quando chegamos em casa do hospital, papai já estava fora, junto com suas coisas. Ninguém disse nada sobre isso, pois continuamos com nossas vidas como se nada tivesse acontecido. Essa era a maneira dos Sanders de lidar com as coisas. Eu queria ficar com Jeanette enquanto ela se recuperava, mas então o treinador ligou.

Quando Andrew e eu não fizemos o treino matinal na segunda-feira, o treinador fez questão de ligar e ver o que diabos estava acontecendo e onde estavam seus dois jogadores.

Com os playoffs se aproximando, eu não podia culpá-lo por ser um idiota, mas com tudo acontecendo, não tinha interesse pelo hóquei ou qualquer outra coisa. Antes do acidente, eu gostaria de começar a me preparar para os playoffs, mas agora isso não importa. Como posso pensar em hóquei quando minha irmã quase morreu?

No entanto, Jeanette não queria ouvir. Ela praticamente nos jogou para fora de seu quarto, ameaçando que nos pegaria pelo ouvido se não fôssemos por nós mesmos.

Mesmo que os médicos a tenham dispensado do hospital, ela ainda precisa ficar em casa por pelo menos uma semana até estar curada adequadamente. E mesmo depois disso, ela terá que usar gesso por no mínimo três semanas. Ainda assim, não passei por ela para realmente cumprir suas ameaças.

Então, sim, além da minha exaustão total e uma dor de cabeça real por falta de sono, eu sofro da cabeça aos pés pela prática cansativa que o treinador nos fez passar, e nem tenho certeza se vale a pena. Não com o quão incerto meu futuro é.

Se eu achava que ele seria mais fácil comigo e com Andrew por causa do que aconteceu, estava errado. Ele foi ainda mais duro conosco, porque perdemos o treino. Exceto por nossa própria morte, não acho que o velho considere uma desculpa válida para perder um treino.

Suspirando alto, olho a cama com saudade. Tudo o que consigo pensar é cair e dormir, embora sejam apenas oito horas. Mas não importa o quão cansado eu esteja, estou tão atrasado nos trabalhos escolares que dormir não é uma opção.

Você acha que os professores nos deixariam em descanso desde que a escola terminaria em alguns meses, mas eles continuam insistindo que estão nos preparando para a faculdade e a vida real. Todo trabalho de casa que eu concluo, todo ensaio que escrevo, há apenas mais um na espera para terminar.

Estou discutindo se quero me levantar e descer as escadas para pegar algo para beber e um lanche rápido antes de começar a estudar quando meu telefone vibra sobre a mesa.

Sem olhar, pego na mão e atendo a ligação. — Sim?

— Max?

As pernas da frente da minha cadeira caem no chão enquanto eu pulo no meu assento.

Ele parece surpreso. Bem, isso faz dois de nós.

Por que diabos não verifiquei o identificador de chamadas? Se eu soubesse que era *ele*, rejeitaria a ligação, como fazia todas as vezes que ele tentava entrar em contato desde o acidente.

Eu cerro os dentes, irritação tanto para mim quanto para ele. Quando estou prestes a encerrar a ligação, ele se apressa: — Não desligue.

Meu polegar passa sobre o botão de finalizar, hesitando.

— O que você quer? — Levanto-me, esfregando o rosto em cansaço.

Eu não deveria, sei que não deveria ter feito isso, mas uma parte de mim queria saber o porquê. Por que ele fez isso? Por que traiu a mamãe? Por que traiu nossa família?

Quando Andrew foi visitar sua mãe, eu não entendi. Por que ele queria conhecê-la? Depois de todo esse tempo. Depois que ela o deixou. Por que ele simplesmente não deixou passar e seguiu em frente com sua vida? Mas agora eu sabia. Agora podia entender essa inquieta necessidade de encontrar a resposta. Para saber o porquê.

Papai continua, aceitando meu silêncio como uma abertura para conversar. — Quero falar com meu filho. Isso é pedir muito?

— Você deveria ter conversado comigo antes de decidir enfiar seu pau em algum lugar aleatório.

— Maximillian Sanders! — Sua voz cresce perigosamente baixa, e se ele estivesse na minha frente agora, tenho certeza de que seria capaz de ver a veia em sua testa latejando. — Eu ainda sou seu pai e você vai me respeitar...

— Respeitar? — Uma risada maníaca me escapa. — Eu te respeitei! Te admirei! Todas as coisas que você realizou. Mas tudo se foi no momento em que descobri o que você fez.

— Eu disse que estava arrependido!

— E você acha que isso é suficiente?! — Eu rugi para o telefone, andando pelo meu quarto como um leão em uma gaiola. — Você acha que um 'desculpe' compensará sua traição? Aquele 'desculpe' vai mudar o que você fez com Jeanette? Você a fez ficar quieta. A fez engarrafar toda a culpa que a fez finalmente quebrar.

— Eu a fiz ficar quieta e sou a razão pela qual ela nutria toda a culpa, mas suas ações são o que a fez estalar. Então não jogue toda a culpa em mim, Max!

As palavras do papai são como um soco no meu estômago. Ele não precisa me lembrar da parte que tomei na queda da minha irmã. Eu mesmo sei tudo muito bem. Não passa um dia em que não me sinta culpado. Um dia em que eu não daria tudo para voltar e mudar o que aconteceu. Talvez se estivesse mais vigilante, teria percebido isso antes. E talvez então, a vida de Jeanette seria mais fácil, em vez de nublada na escuridão.

O silêncio se estende entre nós, mais alto e mais ameaçador do que qualquer palavra poderia ser.

— Max, eu sou... — Ele começa, mas não o deixo terminar.

— Você não precisa me lembrar dos meus pecados; estou ciente deles. — Olho pela janela, o céu escuro quase tão sombrio quanto me sinto. — A diferença é que eu não quero o perdão dela. Não mereço isso. Eu só quero vê-la feliz. E continuarei fazendo tudo ao meu alcance para seja.

Não espero a resposta dele antes de desligar. Eu aperto a maldita coisa na minha mão, tentando acalmar minha respiração furiosa e mãos trêmulas, mas não adianta. Conversar com meu pai nunca foi fácil porque, ao contrário de Jeanette, não temos nada em comum. E depois de tudo o que aconteceu, as coisas só foram piores.

Ele pode tentar ligar e falar o quanto quiser, mas eu sei melhor do que acreditar nele. Ele não está arrependido, não mesmo. O que ele quer é absolvição. E com certeza não serei o único a dar a ele. Não há nada que ele possa dizer para mudar minha mente. Para mudar a maneira como me *sinto*.

Cedendo à minha raiva, jogo o telefone e o vejo bater contra a parede. Mas mesmo isso não é suficiente para domar a fera. Suas palavras trazem de volta as memórias que são melhores esquecidas, mas não importa o quanto eu tente afastá-las, elas continuam ressurgindo. E desta vez, não há como impedi-las.

ANTES - ANO DE CALOURO

— Max, ei!

Levanto os olhos do meu telefone, surpreso ao ver uma das amigas da minha irmã na minha frente. Há pouco tempo, eu me separei dos meus colegas de equipe, e este era o último lugar que imaginaria vê-la. Ou qualquer outra pessoa nesse caso.

Levantando meu queixo em sua direção, tranco e embalo meu telefone. — O que há, Maddaline?

Os caras e eu queríamos desabafar, então fizemos corridas de bicicleta. Eu não consideraria esse um dos lugares habituais de Maddy. Ela é mais uma garota de compras e manicure. Tão polida e *feminina.*

Os cabelos castanhos de Maddy estão enrolados naqueles cachos grandes que ricocheteiam em seus peitos enquanto ela caminha. Seu rosto está sempre todo brilhante e maquiado. E nem me deixo começar por aquelas saias curtas e blusas apertadas que ela usa. Essa garota pode ser amiga da minha irmã, o que a deixa fora dos limites, mas não sou cego. Nenhum homem em sã consciência poderia ignorar uma garota como Maddaline Adams.

Por outro lado, estou uma bagunça. Minhas roupas estão todas empoeiradas e sujas após horas de corrida sob o forte sol da Califórnia. Minha camiseta suada se apega à minha pele e tenho certeza de que estou fedendo.

— Só... andando por aí, eu acho.

— Mhmm... — Eu aceno com a cabeça sem compromisso.

Ficamos no meio da estrada, sem saber o que dizer. Jeanette começou recentemente a sair com Maddy e sua equipe. E embora eu os tenha visto de passagem, nunca conversamos muito.

Vou ser sincero e dizer que fiquei aliviado. Minha irmã é tão tímida e retraída. Sempre foi. Tentei incluí-la no meu grupo de amigos, mas desde que começamos o ensino médio, ela se afastou mais. Mas então um dia, Maddy se aproximou dela e elas estão penduradas desde então.

Eu foco meu olhar no dela. Olhos azuis cristalinos são cercados por cílios grossos e escuros.

— Obrigado. — Cílios longos tremulam, confusão escrita em seu rosto, então eu explico. — Por se aproximar de Jeanette.

— Oh, não é um problema.

— Ela é tão tímida, mas não há uma pessoa melhor por aí...

Maddy sorri, seus lábios carnudos e rosados se curvando. — Ela é... muitas coisas.

Meu sorriso cresce ainda mais. Se há uma coisa que eu amo neste mundo mais do que hóquei, é minha irmã. — Sim ela é. Você está indo para casa? Por que eu não te acompanho?

— Maddy. — Meu gemido abafado é parado com outro beijo fervoroso.

Nossas mãos vagam livremente. Seus dedos cavam no meu couro cabeludo, arranhando levemente meu pescoço e me fazendo tremer. Minha mão está entrelaçada em seus longos cachos, enquanto a outra toca sua bunda, apertando a carne macia na minha palma e puxando-a para mais perto de mim.

— Cale a boca e me beije. — Sua voz quebra no final, interrompida por um gemido trêmulo.

Nossas metades inferiores escovam, meu pau dolorido pressionando tanto nela que posso sentir seu calor.

— Devemos parar. — Murmuro entre beijos.

Mas nós não paramos. É a mesma velha história que sempre contamos.

Não devemos fazê-lo. Está errado. Deveríamos parar. E se alguém nos ver? E se Jeanette descobrir?

Tantas desculpas. Tantos *e se*.

Maddy prende uma das pernas em volta da minha cintura, nos aproximando. Nossos quadris lentamente começam a moer juntos em sintonia com nossas línguas. Mergulhando mais fundo, acariciando com mais força.

Meu pau está dolorosamente duro no meu jeans, pressionando contra o zíper, que mal o mantém contido. O pensamento de entrar e encontrar o primeiro quarto disponível me vem à mente. Minha mão desliza por baixo da blusa dela, acariciando a carne macia.

— Vamos. — Beijo — Leve-me. — Beijo. — Isso. — Beijo. — Dentro. — Beijo.

No momento em que estou prestes a concordar, uma porta bate em algum lugar. O som é tão forte que pode ser ouvido através do som alto que faz as paredes da casa tremerem, nos libertando da nossa névoa de tesão.

— O que foi isso? — Maddy pergunta, sem fôlego. Ela enterra o rosto na curva do meu ombro. Nós olhamos em volta, mas estamos sozinhos no quintal da casa de Maddy.

— Alguém provavelmente deixou a porta aberta e o vento a fechou. — Passo a mão pelo meu cabelo bagunçado.

— Provavelmente. — Ela se afasta um pouco, só para que possa olhar no meu rosto. Seus olhos azuis brilham para mim, o brilho familiar e perverso neles. — Vamos entrar.

Rindo, escovo uma mecha de seus longos cabelos atrás da orelha. — Daqui a pouco. — Prometo. — Eu realmente queria falar com você sobre alguma coisa.

— O que é isso?

Sua perna desliza pela minha e ela dá um passo para trás.

— Inverno formal.

Ela suspira, bom humor se foi. — O que tem isso?

— Temos que contar para Jeanette.

— Você não pode fazer isso?

— Seria melhor se fizéssemos juntos.

— Ela vai me odiar.

Pego a mão dela na minha. — Ela não vai te odiar. Ela provavelmente ficará chateada por estarmos escondendo isso dela por tanto tempo.

Maddy bufa infeliz. — Você é quem entrega as notícias.

— Ei! Você viu Anette ou Maddy? — Olho para o meu grupo de amigos jogando ping-pong de cerveja. Todos balançam a cabeça.

Onde diabos elas estão?

Estive procurando por elas pela última meia hora e ainda nada.

Eu queria contar a Jeanette sobre mim e Maddy. Esta noite. Mas parecia que continuamos sentindo falta um do outro a noite toda.

Na verdade, eu queria contar a ela há um tempo atrás, mas Maddy está adiando. Segundo ela, nunca era a hora certa.

Suspirando, eu faço um círculo completo, meus olhos procurando por ambas as meninas.

Jeanette estava de mau humor antes de sairmos para a festa. Ela estava muito temperamental ultimamente. Fechada ou atacando. Não tenho certeza do que está acontecendo com ela. Entre o hóquei, acompanhar minhas aulas e me escondendo pelas costas de todo mundo com Maddy, estava com as mãos cheias.

Ainda assim, eu deveria me esforçar mais. Talvez peça para Anette passar a noite assistindo a um filme de comédia comigo. Nada como uma comédia ridícula para animá-la.

No momento em que estou prestes a me virar para verificar a cozinha e o quintal novamente, vejo um lampejo de longos cabelos negros correndo pelas escadas.

Meu estomago aperta instintivamente, um sentimento ruim se espalhando pelo meu corpo. Minhas pernas começam a se mover por conta própria, seguindo atrás de Jeanette.

Eu chamo o nome dela, mas a sala é muito barulhenta para me ouvir.

Sua cabeça está abaixada, cachos soltos escondendo o rosto, e ela não está assistindo por onde anda, por isso não é surpreendente quando se choca com um cara. Jogando algo rapidamente por cima do ombro - provavelmente um pedido de desculpas - ela continua sem parar.

— Anette!

É como se ela não pudesse me ouvir. Consigo agarrar seu ombro, fazendo-a parar em suas trilhas.

Jeanette se vira, erguendo os olhos cheios de lágrimas para encontrar os meus. Meu estomago aperta mais forte. É como se uma mão invisível estivesse dentro de mim, espremendo a vida dos meus órgãos.

Algo está errado. Algo está *realmente* errado.

Meu aperto em seu ombro fica mais apertado.

— O que aconteceu? — Eu exijo, minha voz soando muito mais forte do que realmente me sinto.

Se alguém a machucou...

A princípio, seu corpo fica rigidamente imóvel, depois do nada, os tremores começam, sacudindo seu corpo inteiro enquanto lágrimas feias e grandes escorrem por suas bochechas.

A dor no meu peito fica mais forte quando o medo se espalha através de mim. Meus dedos coçam para apertar, mas eu não quero machucá-la.

Filho da puta. Se eu encontrar a pessoa que fez isso com ela...

— Jeanette, me diga o que aconteceu. — Repito lentamente, uniformemente.

Ela tenta resistir a mim, sair do meu alcance para que possa fugir, mas eu não a solto. Dura alguns minutos, embora pareça mais horas, mas se encaixa e começa a *me* atacar. Seus dedos delicados formam punhos, e ela bate em mim. Meu peito. Meus braços. Meus ombros. Onde quer que possa alcançar suas mãos.

— É tudo culpa sua! — Jeanette grita, acentuando cada palavra com um soco. Surpresa por sua explosão repentina, meu aperto afrouxa, mas apenas um pouco. — Pensei que era diferente. Eu pensei que você se importava. Mas é igual a eles. Assim como todo mundo. Deveríamos sempre ter ficado juntos, Max. Você é meu gêmeo! Em vez disso, me traiu.

Sua voz está ficando mais alta a cada palavra, chamando a atenção para nós. Eu posso sentir o olhar curioso das pessoas na nuca, mas a única coisa em que posso me concentrar é na minha irmã.

Minha irmã à beira de perder a cabeça.

— Que diabos você está falando?

Mais lágrimas enchem seus olhos. — Você e Maddaline fodendo nas minhas costas, é disso que estou falando. Minha melhor amiga.

Meu coração para e afunda. Parece que estou em queda livre, e não há nada e ninguém que possa me salvar.

— Anette... — Eu engasgo com o nome dela.

— Você sabia que ela realmente me odeia? Ela só andou com sua irmã feia e gorda para poder entrar nas suas calças! Mas não se preocupe; você não é o único cara que ela anda transando. Acontece que Patrick também é um dos brinquedos dela. Acho que não sou a única Sanders com quem ela fodeu.

Minhas mãos caem de seus ombros com suas palavras dolorosas. Quero negá-las - meu cérebro, meu corpo, meu coração - todos querem negar, mas uma parte de mim não pode deixar de pensar.

Ela está certa? Jeanette está me dizendo a verdade? Eu falhei tanto com ela, quanto comigo?

— Jeanette... — Eu tento novamente, alcançando-a, mas ela dá um passo para trás.

— Não me toque. — Seus braços envolvem seu meio, mantendo-se juntos. — Não ouse me tocar!

Isso dói. Sua rejeição dói. Um joelho na minha virilha doeria menos do que suas palavras, mas eu as mereço.

Por que eu escondi isso dela? Por que não fui claro desde o começo?

— Eu estou indo para casa. — Ela finalmente sussurra.

Jeanette toma cuidado para não me tocar enquanto dá alguns passos ao meu redor. Prendo a respiração, chocado.

Como eu perdi tudo isso? Estava acontecendo bem debaixo do meu nariz. Minha irmã estava sofrendo debaixo do meu nariz, quebrada e degradada, e o que eu fiz? Dormi com o inimigo! Eu a deixei entrar na minha pele. Acreditei nela. Acreditava na história dela. Nas *mentiras* dela.

Rompendo com a quietude, eu me viro, pronto para parar Jeanette. Ir atrás dela. Seja lá o que diabos eu preciso fazer para corrigir isso.

Só que ela não está andando.

Suas pernas tremem e ela tropeça nos pés.

Parece que perdeu o equilíbrio, mas Jeanette nunca o encontra.

Em vez disso, ela cai.

Corro para pegá-la, o nome dela é um grito saindo dos meus pulmões.

Um aviso.

Só que ela não ouve, porque já se foi.

Meus dedos a envolvem no último momento, mal segurando-a. Também perco o equilíbrio quando o peso do corpo dela bate em mim, fazendo-nos cair no chão.

— Anette, por favor... — Eu imploro, meus dedos trêmulos escovando seu cabelo bagunçado para fora de seu rosto. — Abra seus olhos. Por favor!

Eu a puxo para mim, minhas mãos envolvendo seus ombros esbeltos. Posso sentir seus ossos cavando em mim.

O que...

Minhas mãos deslizam sobre seus ombros e mãos, mergulhando na cavidade de sua cintura estreita. Muito estreita. Seus ossos se destacam e, pela primeira vez, percebo como seu rosto está encovado. As bolsas sob seus olhos. Tanto o cabelo quanto a pele perderam o brilho natural.

— O que aconteceu com você, Jeanette? — Eu pergunto baixinho, mas não há resposta.

— Max, o que diabos aconteceu, cara?

Alguns dos caras da equipe se reúnem ao meu redor. Eu nem tenho certeza de quem está lá ou quem fez a pergunta. Não consigo desviar os olhos de Jeanette, porque se o fizer, e ela desaparecer?

As pessoas começam a me empurrar. É sufocante. Quero gritar para que eles se mexam, para dar a ela algum espaço para respirar, mas tento controlar minha raiva.

Socorro.

Preciso obter ajuda para Jeanette melhorar.

— Ligue para 9-1-1. — Eu digo, minha voz baixa e vazia, exatamente como me sinto. — Ela desmaiou.

De algum lugar ao fundo, ouço um dos caras chamar uma ambulância.

Meu coração ainda está acelerado como um louco, mas eu faço o meu melhor para me acalmar. Não serei útil para Jeanette se não controlar minhas coisas.

— Max... — O sussurro hesitante de Maddy me atinge através de toda a comoção, e minhas costas ficam rígidas. — O que está acontecendo?

— É verdade? — Eu pergunto, minha voz mortalmente calma.

— O que é verdade, querido? — Ela tenta me alcançar, mas eu recuo. — O que está acontecendo?

— Você fez isso? O que Jeanette me disse é verdade?

Ela estremece, surpresa evidente em seu rosto.

— Max, eu...

— Pare! — Eu a paro antes que ela possa dar qualquer desculpa. O que fez é indesculpável. — Não quero mais ouvir suas mentiras.

— Mas…

— VÁ PARA O INFERNO!

Pelo canto dos meus olhos, eu posso ouvir suas amigas conduzindo Maddy para longe. Bem a tempo da sirene da ambulância ecoar à distância.

Meu polegar desliza sobre a bochecha molhada de Jeanette. — Espere, a ajuda está a caminho.

AGORA

Piscando para longe as lembranças, tento inspirar profundamente, mas a respiração fica presa na minha garganta. Queimando. Parece que as paredes estão se fechando em mim e não há espaço suficiente para respirar, muito menos pensar com clareza.

Ofegando, pego as chaves do carro.

Eu preciso sair daqui.

Agora.

Quando saio do meu quarto, a campainha toca. O som ecoa pela casa, tornando o latejar na minha testa ainda mais doloroso.

Droga.

— Estou indo! — Eu grito, descendo dois degraus de cada vez. Corro antes que quem esteja do outro lado da porta pressione a campainha novamente.

Normalmente, eu seria menos idiota, mas depois da ligação com meu pai, tudo o que quero é ficar sozinho.

Ofegando um pouco, abro a porta.

— O que você está fazendo aqui? — Minha voz é mais dura do que o necessário quando vejo a pessoa parada na varanda da frente, mas não consigo me conter.

Ela é a última pessoa que quero ver agora.

— Eu... — Brook dá um passo para trás como se tivesse lhe dado um tapa, e por um segundo eu me sinto mal, mas então toda a irritação e raiva voltam. Foi ela quem quis terminar as coisas apenas alguns dias atrás, e agora está aqui.

Eu saio também, fechando a porta atrás de mim. — Se você veio falar com Jeanette, ela está dormindo, mal saiu do hospital, e seria melhor deixá-la descansar.

Brook engole audivelmente antes de levantar o queixo um pouco no ar. — Eu preciso falar com você.

Claro que sim. Eu passo minha mão pelo meu cabelo. *E de todos os momentos, ela escolhe agora, quando eu não suporto o pensamento de estar ao lado dela.*

Estar ao lado de alguém, realmente.

— Este realmente não é o melhor momento.

Eu preciso sair daqui. E rápido. Antes de dizer algo que vou me arrepender.

Levantando o queixo um pouco mais alto, Brook dá um passo mais perto, com a mão em volta do meu antebraço. — Max, isso é...

Fecho os olhos, engolindo ar, mas a única coisa que faz é ficar preso na garganta.

— Agora não, Brook! — Com força, afasto minha mão, rompendo seu toque. — Outro dia. Eu realmente não posso lidar com o que você tem a dizer agora.

— M-mas... — Aqueles olhos arregalados olham para mim como se eu tivesse matado seu filhote. Seu lábio inferior treme, mas ela chupa na boca enquanto dá um passo para trás, não querendo me mostrar sua fraqueza.

Boa garota, vá embora antes que eu te destrua também. Afinal, é no que nós Sanders somos os melhores.

Sem lhe dar um último olhar, me viro e corro para o carro. Eu posso ouvi-la chamando meu nome, mas não diminuo a velocidade, porque se fizer, vou me arrepender.

Capítulo Cinquenta

BROOK

Eu suspiro por ar enquanto tropeço pela porta do meu prédio e subo as escadas. Lágrimas correm pelo meu rosto, embaçando minha visão completamente.

Ele me jogou fora.

De todos os cenários que meu cérebro tem evocado nos últimos dias, nunca em meus sonhos mais loucos eu pensei que Max me daria as costas sem sequer ouvir o que tinha a dizer. Mas foi exatamente o que ele fez.

Mal me olhando, ele me deixou em pé na varanda da frente e nunca olhou para trás.

Eu sou realmente tão indigna? Não sou amável?

Você é minha, Brook... Tudo me pertence.

Mais lágrimas vêm aos meus olhos, mas eu as enxugo furiosamente. Tanta coisa para o meu tudo.

Nos últimos dias, tenho tentado encontrar uma solução para resolver a bagunça que Josephine me meteu antes de contar a Max a verdade sobre o bebê. E quando finalmente consegui, a solução para tirar Dan das minhas costas, mesmo que isso significasse me deixar vulnerável, ele não me quer.

Como se isso fosse algo novo. Ninguém te quer. Não sua mãe. Não seu pai. Não seu irmão. E com certeza não, Max.

Cada frase é como um soco direto no meu coração. Cubro meus ouvidos, tentando entorpecer a voz que soa nos meus ouvidos, mas não adianta. Gritando silenciosamente, eu puxo meus cabelos.

— Eu não posso mais fazer isso. — Digo, embora não haja ninguém para ouvir.

Eu não posso continuar me colocando lá fora. Essa loucura tem que parar. E só há uma maneira de fazer isso...

Determinada, corro o resto do caminho para cima. Procurando minha chave, entro no apartamento, sem me preocupar em acender as luzes enquanto ando pelo corredor. Pego a chave do meu quarto, minha outra mão envolvendo a maçaneta da porta quando ela se abre.

— O que...

Com o coração na garganta, pego e ligo o interruptor. Meu coração está batendo rápido, uma sensação de desgraça abrindo um buraco debaixo de mim para me engolir inteira. Mas mesmo o medo que estou sentindo não me prepara para o que está na minha frente quando pisco para longe o brilho repentino.

— Não... — Minha mão trêmula cobre minha boca porque a necessidade de vomitar é tão forte que acho que não vou conseguir dar um passo antes que me dobre.

Isso não pode estar acontecendo. Ela não faria isso... Ela não faria...

Eu mal consigo pegar uma cesta de lixo antes de me dobrar, esvaziando meu estômago. O cheiro de vômito é forte, misturando-se com o ar viciado da sala e perturbando meu estômago ainda mais do que já está.

Com quem estou tentando brincar? Claro que sim. Josephine pega e destrói tudo à sua maneira.

Depois de ter certeza de que esvaziei o conteúdo do meu estômago - não que houvesse muito desde que fiquei nervosa demais para comer o dia todo - limpo a boca com as costas da mão enquanto tento avaliar a bagunça que é meu quarto.

Engulo em seco, o gosto de vômito ainda fresco na minha boca.

— Ela não poderia ter encontrado tudo. — Murmuro, indo direto para meus esconderijos. Sim, *plural.* Como em mais de um. Aprendi minha lição bem cedo na vida, quando se tratava de minha mãe. Roubar não estava abaixo dela, e se eu escondesse todo o dinheiro que tenho em um só lugar e ela conseguisse encontrá-lo...

E não estamos falando de meras centenas de dólares aqui. Esse dinheiro deveria ser minha saída. Era o dinheiro que eu estava disposta a dar a Dan para tirá-lo de minhas costas antes de cortar meus laços com Josephine e dar a esse bebê e a mim uma nova chance na vida. Um novo começo. Era o dinheiro que deveria manter meus amigos, *Max*, seguros.

E agora tudo se foi.

— Isso não pode estar acontecendo. — Murmuro essas palavras repetidamente enquanto vasculho a sala.

O compartimento escondido em uma das gavetas da minha mesa? Vazio. Piso solto embaixo da minha cama? Vazio. O buraco que fiz no colchão? Vazio.

Está tudo vazio.

— Ughhh... — Jogo o pouco que resta do colchão em um acesso de raiva. — Ela pegou. Todo o dinheiro que eu tinha, todos os anos de economia. Tudo se foi.

Eu me viro pela sala, meus dedos cravando no meu couro cabeludo, as lágrimas que caíram recentemente, agora uma bagunça seca no meu rosto.

Talvez ela tenha pagado Dan. Talvez não fosse...

Eu posso ouvir a chave girar na porta da frente. Xingando, corro para o corredor assim que a porta se abre e Josephine balança para dentro, acendendo a luz.

— O que diabos você fez?! — Eu grito, apontando meu dedo trêmulo para ela. Estou com tanta raiva que poderia estrangulá-la com minhas próprias mãos. — Diga-me que isso é uma loucura e você não teve nada a ver com isso...

— Brookie. — Ela ri, na verdade *gargalha*, suas mãos me alcançando como se estivesse prestes a me abraçar. Eu dou um passo para fora, saindo do seu alcance. Seus olhos escuros estão vidrados, pupilas dilatadas.

Meu coração começa a afundar antes que ela abra a boca. Porque eu sei. No fundo, sabia antes mesmo que ela chegasse em casa, mas eu queria segurar o pouco que restava do meu amor por ela.

Patético.

— Diga-me que você não fez isso! — Eu grito. — Diga!

Todos os sonhos, toda a esperança que eu estava abrigando de uma nova vida... Eu posso vê-la se dispersar como pedaços de vidro levados pelo vento. Se foi.

Meus joelhos cedem em mim e caio no chão em frente à mulher que me deu à luz.

Minha ascensão e minha queda.

Os passos suaves de Josephine se aproximam. — Eu precisava do dinheiro.

— O que você fez com ele? — Minha pergunta é um sussurro quase inaudível. Vazia e quebrada, não há força em mim para lutar. — Você deu a Dan?

Se tudo estiver perdido, pelo menos terei o conforto de saber que estou segura, que meus amigos estão seguros...

— Não exatamente...

Um caroço se forma em uma pedra e cai na boca do meu estômago.

— Você gastou tudo em drogas, não foi? — Eu pergunto, risos frenéticos saindo de mim. No começo, é lento, mas depois começa a construir até que eu não consiga mais conter. Alto, quase histérico. — Você gastou tudo no seu próximo conserto, nem mesmo parando para pensar em pagar a dívida que deve. A dívida que terminará com nossos corpos jogados em alguma vala! Pelo amor de Deus, Josephine!

Eu me levanto com minhas pernas bambas, empurrando-a para longe quando tenta me alcançar. Se ela me tocar, eu estou acabada. Vou quebrar, e a pouca sanidade que me resta desaparecerá. Eu não posso quebrar. Ainda não.

Algo cai no chão, meus olhos zerando. Um saquinho de pó branco.

— Você nunca vai mudar, vai? — Eu grito, agachando-me para alcançá-lo. — Você sempre será uma cadela egoísta que age antes de pensar, e quando pensa, é sempre você, você e mais você!

Passando a mão livre pelo meu cabelo solto, empurro-o para fora do meu rosto. Olho para o apartamento em que morei desde que me lembro. Eu não posso mais fazer isso. Não posso viver assim. Se ficar aqui, não haverá nada além de escuridão e desespero. E terminei. Cansada de ouvir Josephine reclamando. Cansada com a limpeza da

bagunça que ela faz. A bagunça que ela me puxa para o fato de me querer ou não.

Fazendo um círculo completo, eu encaro minha mãe novamente. Ela foi metade mulher durante toda a minha vida, mas agora não é nada. Pele, ossos e drogas percorrendo seu sistema. Durante muito tempo, uma parte de mim - por menor que fosse - quis acreditar que havia esperança, mas agora vejo como estava errada. Não há como salvar Josephine Taylor, e cansei de tentar.

Meus olhos caem, olhando para o pacote em minhas mãos. — Cansei.

Ela deve ouvir algo na minha voz, talvez uma resolução, porque seus olhos se arregalam. — Brook…

Virando nos calcanhares, vou direto ao banheiro.

— Brook! — Josephine grita atrás de mim, mas eu sou mais rápida. Assim que estou no espaço pequeno e apertado, rasgo o saquinho, vendo a poeira branca cair no banheiro. — NÃO!

Suas mãos ósseas me afastam, me fazendo tropeçar, meu rosto colidindo com o armário. A dor se espalha pela minha bochecha, mas não é nada comparado à angústia emocional que está girando dentro de mim.

— Não, não, não! — Ela canta, tentando, de fato, *tentando* pegar o pó do vaso, nem mesmo me poupando um olhar.

Eu dou descarga, assistindo o desespero crescer em seu rosto. — Tudo acabou agora e não há como recuperá-lo.

Apenas como eu.

Virando nos meus pés, volto para a bagunça que é o meu quarto. Agarro uma mochila velha, pego tudo o que minha mão toca sem dar

uma olhada adequada e enfio dentro até que esteja cheia. Então eu faço o mesmo com a outra mochila. Não tenho ideia do que coloco lá dentro; nem me importo.

Pronta, pego as duas bolsas na mão e, sem olhar para trás, saio da sala.

Não vejo Josephine, mas, a julgar pelo som de vomitar, diria que ela ainda está no banheiro.

Não querendo ter outra chance, aperto mais minhas malas e vou embora. Quando a porta se fecha atrás de mim, de alguma forma parece o final.

Eu deveria ter feito isso há séculos, mas estava com mais medo do que me esperava do lado de fora do que do monstro com o qual vivia dentro dessas paredes. Mas agora não tenho escolha, porque querendo ou não, não estou sozinha.

Querendo ou não, meu bebê precisa de mim. E eu tenho que fazer o certo por ele, porque sou a única que ele tem.

— Brook! O que aconteceu? — Os olhos de Lia se arregalam quando ela me vê em pé na varanda da frente. Meu telefone morreu, então mesmo que quisesse ligar para ela, o que, vamos encarar, estava fora de questão, eu não poderia.

Eu gostaria de ter desaparecido, mas sem dinheiro, isso também não era uma opção. Essa é a razão pela qual estou aqui em primeiro lugar. Enquanto eu escondia a maior parte do dinheiro em minha própria casa - pouco de bom que fiz - havia um pouco de dinheiro aqui

também. Não muito, mas o suficiente para me levar até eu descobrir o que diabos fazer a seguir. Onde ir.

— Deixei algo em sua casa. — Digo, entrando. Deixo minha mochila na porta e começo a subir as escadas dois de cada vez.

Eu provavelmente pareço uma lunática, mas não tenho tempo a perder. Tenho que sair daqui - desta casa, desta maldita cidade - o mais rápido possível.

— O que está acontecendo, Brook? — Lia pergunta, correndo atrás de mim.

A porta do quarto dela está aberta, mas Lola não está em lugar algum. Eu acho que ela deve estar do lado de fora porque, caso contrário, já estaria aqui, latindo na minha orelha.

O quarto está impecavelmente arrumado, como sempre. Tantas lembranças escondidas atrás dessas quatro paredes que eram minha casa mais do que minha casa real. Será estranho nunca pisar aqui novamente. A nostalgia me bate forte, mas eu a afasto.

Indo direto para o armário, retiro todos os suéteres e jeans empilhados na última prateleira para poder puxar o compartimento escondido.

Quando éramos mais jovens, este era o nosso esconderijo, mas ao longo dos anos paramos de usá-lo. Bem, Lia fez. Mas eu decidi esconder algo de minha autoria.

— O que há com o dinheiro? — Lia ofega surpresa de algum lugar atrás de mim. — Por favor, diga-me que você não roubou de alguém e escondeu em minha casa.

Eu sei que o comentário dela é inocente, e ela não está falando sério, mas não posso deixar de sentir uma pontada de dor. — É

legítimo. Eu trabalhei duro para ganhar e economizar o máximo possível nos últimos anos.

— Por que esconder isso então? Aqui de todos os lugares? E o que aconteceu com seu rosto?

Colocando tudo de volta onde estava, levanto-me e enfio o dinheiro no bolso de trás, e só então olho para ela. — Porque eu sabia que o encontraria aqui quando precisasse.

Lia morde o lábio, se aproximando. — O que está acontecendo, Brook?

Inclino minha cabeça para trás, tentando afastar a sensação de queimação nos meus olhos. Eu não posso chorar, não de novo. — Eu tenho que ir.

— Ir para onde? — Eu posso ouvir o pânico em sua voz, mas não tenho tempo para aliviar suas preocupações. Quando não respondo rápido o suficiente, Lia segura minha bochecha, forçando-me a olhá-la. Seu toque é leve, mas não posso evitar o suave assobio de dor de escapar. — Ir para onde, Brook? Você não pode sair!

— Você não entendeu, Lia! — Eu protesto, tentando sair do seu alcance, mas ela não me deixa.

— Então me ajude a entender! — Ela grita comigo. Acho que nunca a ouvi gritar comigo antes. — Droga, Brook! Eu não posso estar lá para você se não me deixar!

— Esse é o ponto, Lia. Você *nunca* vai entender! — Eu grito.

— Não diga assim... — Agora ela está chorando também. Tocando suas bochechas, uno nossas testas. Eu não quero machucá-la. Ela é como uma irmã para mim, mas se não a afastar, sei que ela nunca me deixará ir. Eu preciso que ela solte.

— Você tem uma vida perfeita, Lia. Você tem uma família que te ama. Você tem Derek, que é louco por você. Jeanette, Andrew, *Max*... Eles são atraídos pela sua luz. Você irá para a faculdade com Derek e terá o seu perfeito feliz para sempre. Eu sei disso.

— Você também é minha família, Brook. — Ela soluça suavemente, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Jeanette, Andrew, Max, eles são...

— Eles não são nada... — Eu nos aproximo por uma fração de segundo antes de me afastar. — Como você não vê, Lia? — Eu pergunto, empurrando meu cabelo para fora do meu rosto. Alguns fios estão tão molhados de lágrimas que grudam nas minhas bochechas. — Como você não vê que isso está me matando? No ano passado, vi você florescer, enquanto morria lentamente por dentro.

— B-Brook...

— Eu assisti você se apaixonar. Eu assisti você abrir seu coração para as pessoas e formar amigos. Amigos que pertencem ao seu mundo. E assisti as pessoas se apaixonarem por *você*.

— Por que você não disse nada?

— Porque eu não queria partir seu coração.

— Então por que agora? — Sua confusão, seu desespero, sua *dor* estão me matando. Mas eu sei que esse é o único caminho. — Por que trazer tudo isso agora?

Porque eu não tenho outra escolha. Mas não digo isso em voz alta. — Porque você quebrou o meu.

Sua boca se abre quando ela dá um passo para trás, as mãos se curvando ao redor do meio.

— Quer saber como? — Eu pergunto, limpando as lágrimas das minhas bochechas. A olho direto nos olhos. — Eu o vi primeiro, você sabe.... — Meu pequeno segredo sujo. — O vi primeiro, mas depois ele te salvou, e era como se eu nunca existisse.

ANTES - AGOSTO, ULTIMO ANO

Só mais um ano. Eu canto essas palavras repetidamente enquanto lanço minhas pernas com mais força, fazendo o balanço subir mais alto no ar. Com os olhos fechados, deixo o ar quente tocar minha pele enquanto meu cabelo balança atrás de mim. *Só mais um ano deste inferno e depois estarei livre. Eu só tenho que sobreviver a isso.*

Ao som de um motor acelerando meus olhos se abrem. Viro a cabeça para o lado, procurando a fonte de todo esse barulho. Este parque era meu santuário, meu esconderijo quando eu precisava de um pouco de paz e sossego longe de todos. Na periferia da minha cidade natal, foi abandonado há séculos, a única coisa que ainda funciona é o conjunto de balanços em que estou atualmente.

Franzo a testa quando olho para a moto preta e elegante que começa a desacelerar até que ele para. O motociclista, vestido com trajes igualmente pretos, tira o capacete e olha em volta.

Meu coração começa a acelerar, mas empurro meus nervos.

Ele ainda não me viu, então eu tomo um momento para analisa-lo. Acho que nunca o vi, mas, novamente, não sou conhecida por prestar muita atenção às pessoas em geral. Ele é alto, com mais de um metro e oitenta, com certeza. E mesmo a jaqueta de couro que veste não pode esconder o quão amplo são seus ombros. Seu cabelo negro está

despenteado por usar o capacete, dando a ele um tipo de aparência desleixada.

Sinto minhas mãos suarem, então aperto as correntes do balanço com mais força. Não sei quem é esse cara, mas não consigo desviar o olhar.

Sua mandíbula é quadrada, coberta por uma leve barba, e seus olhos... *caramba.* Seus olhos claros - azuis ou cinza, não tenho certeza - agora estão olhando de volta para mim. Pisco algumas vezes, assustada com a intensidade deles.

Um sorriso presunçoso cresce seus lábios, e eu posso ver aquelas írises claras brilhando em diversão. — Gostou do que está vendo?

Assim como sua aparência, sua voz também é sexy como o inferno. Profunda, com aspereza suficiente para fazer os cabelos finos dos meus braços subirem.

— Eu não sei do que você está falando. — Digo, propositadamente olhando para longe.

Sua risada suave preenche o espaço. — Agora, eu não achei que você fosse um gato assustado.

Virando-me para olhá-lo, suspiro baixinho quando o encontro em pé na minha frente, com uma distância quase insuficiente para não bater nele com as pernas enquanto o balanço avança. De perto, ele é ainda mais bonito do que à distância, com maçãs do rosto salientes, nariz reto e o par mais grosso de cílios escuros ao redor daquelas írises cinzas.

— Você não sabe nada sobre mim.

Novamente, há aquele brilho maldito.

Ele leva o balanço ao meu lado, seus pés empurrando contra o chão. — Talvez, mas isso não significa que eu não possa descobrir.

Eu dou um suspiro, irritada com a suposição dele. Como ousa vir ao meu parque e interromper meu silêncio com suas perguntas barulhentas. — Você deveria sair. — Eu digo, parando o balanço para poder encará-lo sem interrupção. — Este é o meu parque.

Ele olha em volta por um tempo, e então seu olhar se volta para mim mais uma vez. Aqueles olhos intensos parecem ver dentro da minha alma. — Não vejo nenhum sinal dizendo isso.

— Ugh, você é irritante! — Eu o encaro, mas ele parece achar divertido. Não querendo esperar mais por seus comentários pertinentes, levanto-me, mas sua mão dispara, me impedindo de sair.

Olho para ele, para a mão dele cobrindo a minha, sua palma áspera aquecendo meus dedos frios e espalhando formigamentos através da minha mão e em todo o meu corpo.

— O sentimento é mútuo, pequeno foguete. — Seu sussurro suave me quebra fora da névoa.

Puxando minha mão da dele, como se seu toque me queimasse, eu me viro nos calcanhares e me afasto, nenhuma vez olhando para trás.

AGORA

Eu pisco, afastando as memórias. Estava certa naquele dia. Ele pode ter sido o cara mais bonito que já vi na minha vida, e eu poderia ter sentido a atração entre nós, mas sabia que não devia abrir meu coração. Se ao menos meu coração tivesse escutado.

— Max não está apaixonado por mim... — Ela balança a cabeça, mechas vermelhas saltando sobre os ombros. — Ele teria dito algo... ele...

Eu fecho meus olhos, deixando mais uma lágrima escorregar. — Ele só quer que você seja feliz.

Quero que você seja feliz também, mesmo que eu não esteja lá para vê-la.

— Nós duas estávamos nos enganando, Lia. — Aproximando-me, eu limpo suas lágrimas. — Eu não pertenço ao seu mundinho perfeito. A única coisa que posso lhe trazer é escuridão e dor.

Deixando minha mão cair, começo a andar para trás. Seu lábio treme quando ela me vê sair.

— Nós podemos resolver isso. — Ela implora uma última vez.

— É tarde demais agora. — Eu a admiro, aquele cabelo vibrante e aqueles olhos de corça cheios de tanta tristeza. Me odeio por fazer isso com ela, mas não tanto quanto eu me odiaria se algo acontecesse. — Adeus.

Capítulo Cinquenta e Um

BROOK

A casa está em silêncio enquanto desço as escadas, mas ainda dou o meu melhor para ficar o mais quieta possível enquanto pego minhas coisas e saio em disparada. Ando rapidamente pela rua vazia do bairro de Lia. A neve está caindo lenta, mas firmemente, e eu puxo o capuz da minha jaqueta por cima da cabeça. Parte disso é para não me molhar, mas a outra parte é simplesmente para me esconder.

Eu fungo suavemente quando o ar frio atinge meu rosto. Não importa o quanto enxugue as lágrimas, ainda posso sentir a umidade em minhas bochechas. Só consigo imaginar como estou com olhos grandes e inchados e nariz vermelho. Felizmente, eu não estou usando maquiagem, porque se estivesse, teria cachoeiras negras escorrendo pelas minhas bochechas agora.

Sem destino em mente, eu ando por aí. Em algum momento, sei que vou ter que me sentar e descobrir minhas coisas, mas não estou pronta para isso. Ainda não.

Eu odiava machucar Lia assim. Odiava empurrar meus medos e inseguranças em seu rosto e culpá-la por eles, mas não havia outro jeito. Se ela pensava que havia algo que poderia salvar nossa amizade, eu sabia que faria isso. Ela faria qualquer coisa para me encontrar, e não poderia tê-la procurando por mim.

Depois que sair Greyford, não há volta.

Paro e tiro o maço de dinheiro do bolso, junto com a identificação. Uma identidade falsa que fiz há alguns anos, só por precaução.

Quando eu sair de Greyford, Brook Taylor será varrida da existência.

— Brook? — Uma voz hesitante me assusta. Empurro o dinheiro e a identificação de volta no bolso antes de me virar e ficar cara a cara com a Sra. Brown. Ela está toda vestida de inverno: paletó fofo, gorro de tricô e cachecol no pescoço. — O que você está fazendo aqui?

Olho em volta, sem nem saber onde estou ou há quanto tempo estou aqui. Minhas mãos estão geladas, dedos rígidos. Eu só precisava andar para clarear a cabeça, então digo isso, mas o olhar desconfiado que ela me dá me faz querer fugir e me esconder.

— Com sua mochila? — Uma de suas sobrancelhas se levanta em questão.

Não há como enganar a Sra. Brown - ela sempre liga para você - então dou de ombros.

Suspirando, olho para a professora que esteve lá por mim nos últimos quatro anos de mais maneiras do que posso contar. — Estou indo embora.

Espero que ela proteste, até tente me impedir, mas a única coisa que faz é aceitar, considerando minhas palavras com cuidado. — Algum destino em mente?

— Você não vai tentar me parar? — Tenho certeza que minha boca está aberta de surpresa.

— Eu pensei que você já tinha decidido. — Ela desafia.

— Eu decidi.

Não é como se tivesse escolha. Não tenho dinheiro para pagar Dan e sei que ele virá atrás de mim depois que terminar com Josephine. E enquanto eu poderia ir a John Hill e pedir dinheiro a ele, isso é apenas

um remendo temporário de uma ferida muito maior. Porque Josephine continuará seu caminho e nos endividará ainda mais do que desta vez, e não posso viver assim. Sem saber quando alguém vai bater na minha porta exigindo dinheiro que eu definitivamente não terei. Me colocando e...

Não. Eu balanço minha cabeça. Definitivamente, não posso viver assim.

— Então não importa de uma maneira ou de outra. — Diz a Sra. Brown, me tirando dos meus pensamentos. — Vamos. Você está congelando.

Ela inclina a cabeça para o lado e começa a andar, mas deve saber que não estou seguindo porque, depois de alguns passos, para e olha por cima do ombro. — Apresse-se, sim? Você não quer que eu congele esses ossos mais do que eles já estão.

Como se essa fosse uma explicação completamente normal, ela começa a andar novamente, e desta vez eu a sigo. Não sei exatamente por que, exceto que, embora esteja indo embora em breve, não quero ficar do ruim com ela. Além disso, não é como se eu tivesse algum lugar para estar, ou alguém me esperando de qualquer maneira.

O calor quente explode em meu rosto assim que entramos na casinha aconchegante da Sra. Brown. Ela tirou as botas e o casaco rapidamente, indo para os fundos da casa sem me dar uma segunda olhada.

Não tendo certeza do que fazer, eu sigo o exemplo. Tirando minha jaqueta, esfrego minhas palmas formigando e as trago para a boca,

esperando que meu hálito quente ajude a derreter o frio que se instalou no fundo dos meus ossos.

— Que tal um pouco de chá? — Sigo o som da voz da Sra. Brown para encontrá-la na cozinha. Uma sacola de compras é deixada em cima da mesa e ela já coloca uma daquelas chaleiras à moda antiga no fogão.

— Eu poderia usar algo quente para me aquecer. — Digo, aparecendo na porta.

É como se eu tivesse andado no tempo e terminado nos anos 80. Armários marrons escuros com bancadas amarelas. Uma grande ilha no meio da sala com banquetas vermelho cereja cuidadosamente dobradas embaixo.

— Sente-se. — Ela oferece, desembalando o conteúdo da bolsa. — Isso estará pronto em breve, e então podemos nos aquecer com o chá.

Achando que não há mais nada a fazer, faço o que me disseram.

Silencio toma conta de nós quando a Sra. Brown desembala as compras e as guardam rapidamente a tempo de a chaleira ferver.

Eu a vejo preparar o chá com movimentos lentos e deliberados, o silêncio me deixando nervosa. Minha perna salta nervosamente debaixo da mesa.

— Eu pensei que você teria perguntas. — Digo, incapaz de demorar mais um segundo.

Por que eu estou realmente aqui? Eu nunca deveria ter concordado em vir.

A Sra. Brown se senta do meu lado oposto, colocando as duas xícaras na mesa. — Você vai me dar as respostas se eu fizer as perguntas?

Ugh, essa mulher é irritante, mas ela me conhece melhor do que eu acredito.

— Provavelmente não. — Eu respondo honestamente, envolvendo meus dedos em volta do copo e puxando-o para mais perto do meu rosto. — Por que você me pediu para vir então?

— Parecia que você poderia usar alguma ajuda.

Inclino minha cabeça para o lado. — Oferece um lugar para ficar para todos os seus alunos, Sra. Brown?

— Somente os necessitados.

Eu olho para ela, chamando de besteira, mas simplesmente dá de ombros. — Só porque esta é a primeira vez que algo assim acontece, não significa que eu não faria isso por mais um dos meus alunos. Agora você terminou, ou vamos continuar jogando esse jogo de gato e rato?

Chupando meu lábio inferior, deixo que suas palavras se instalem. Abrindo-me para outras pessoas, deixa-las entrar, isso era tão estranho para mim quanto o chinês. Na maioria das vezes, sinto que há algo errado comigo, que uma parte de mim, uma parte essencial, se foi e eu nunca recuperaria. Cortesia de minha querida mãe e minha educação.

— Não é como se dizer em voz alta fosse mudar tudo.

— Mas compartilhar seus encargos com outras pessoas ajudará você a ter uma perspectiva. — Movendo sua xícara para fora do caminho, suas mãos alcançam as minhas através da superfície de madeira. — Você tem que aprender a deixar as pessoas entrarem antes que toda essa escuridão que você carrega a engula por inteiro.

Se sobrar alguma coisa para engolir.

Olho nossas mãos entrelaçadas.

Lia é minha melhor amiga - *era* minha melhor amiga, já que agora ela provavelmente me odeia - e nunca achei em mim uma forma de contar a ela o que aconteceu. Eu nunca lhe disse como as coisas estavam ruins em minha casa, nunca confessei o que aconteceu comigo, nunca contei meus verdadeiros sentimentos...

Ela não é Lia.

Levantando o olhar, encontro os olhos pacientes da Sra. Brown. Há um conhecimento da vida escondido nas rugas que adornam seu rosto.

Mas o ponto principal é: resta algo a perder? Tudo o que tinha foi tirado de mim ou tive que desistir para salvá-los. Nada do que ela diz ou faz pode mudar quem eu sou.

— Versão curta? — Eu mal noto seu aceno sutil antes de continuar. — Minha mãe é viciada em drogas e uma alcoólatra que está fora de controle. Ela deve dinheiro. Muito dinheiro para algumas pessoas realmente perigosas que sabem como chegar até mim se ela não pagar. E ainda por cima, acabei de descobrir que estou grávida. Carrego o filho de um cara que não quer nada comigo, nem queria me ouvir quando fui contar a ele e, por todas as suas palavras, tenho certeza de que está apaixonado pela minha melhor amiga. — Eu a encaro com um olhar duro. — Então me diga, ensine, qual é a sua perspectiva sobre *isso*?

Meu coração bate forte no peito enquanto espero que ela diga alguma coisa. Não, não alguma coisa. Eu espero pelo seu julgamento e descrença.

Não importa o quanto eu tente me tranquilizar de que não importa o que as pessoas pensam de mim, é tudo besteira. Todo mundo se importa com o que os outros pensam. Eu incluída. Todos nós queremos ser percebidos como dignos. Digno de confiança, digno de amor, digno da vida que nos foi dada. E apesar de toda a minha armadura, não sou diferente do resto.

Você é digna.

Muito bom que me fez.

Enquanto eu a encaro, esperando a unha que selará meu caixão, posso jurar que vejo uma névoa em seus olhos. Mas se é real ou apenas um jogo de luz, num piscar de olhos, se foi.

Suas mãos, ainda segurando as minhas, me dão um aperto firme. — O que você vai fazer?

Meus lábios se separam em um suspiro suave. Eu esperava muitas coisas, mas isso com certeza não era uma delas. Atordoada em silêncio, sinto a agora familiar sensação de queimação nos meus olhos.

Inclinando a cabeça para trás, fungo, piscando o umidade.

Eu não vou quebrar.

E então digo a ela o meu plano.

Capítulo Cinquenta e Dois

MAX

— Que diabos foi isso, Sanders? — Paro no final da linha, ofegando. — Minha avó se move mais rápido que você, e ela foi enterrada na última década! Novamente.

Eu vejo os olhares que os caras me dão quando volto para o início da linha. Tomando um disco de lado, fico na posição inicial e repito, me esforçando mais do que antes.

Existem três cones de plástico no gelo. Eu circulo cada um deles e depois mudo para fazer um círculo completo do lado de fora para chegar ao gol do outro lado. Jack, nosso goleiro, está parado na rede, nossos olhares travam. Eu balanço e atiro.

— Droga. — Levanto minhas mãos exasperado. Se eu não soubesse que os olhos vigilantes do treinador estavam em mim, jogaria o maldito taco.

— Se você continuar atirando assim, teremos que avisá-los para elevar a rede por cima da pista. Os home runs não contam no gelo. — O treinador diz secamente, mas não sinto falta do olhar de decepção em seus olhos. Felizmente, eu não preciso olhar muito mais, porque ele se vira e grita: — Que diabos vocês estão esperando? Nós não terminamos. Hill, você está de pé.

— O que diabos há de errado com você, Sanders? — Derek desliza ao meu lado quando eu fecho a porta do meu armário com mais força do que o necessário, o metal chacoalhando com o impacto.

— Apenas um dia ruim. — Digo. Parece mais como uma semana ruim, não que eu vá admitir isso em voz alta.

Como se eles precisassem de uma explicação. Todos eles têm olhos.

Colocando a última das minhas coisas na minha mochila, eu a jogo por cima do ombro, pronto para sair daqui.

O vestiário está quieto. A maioria dos caras decidiu sair sem tomar banho, já que o treinador nos manteve uma hora a mais que o normal. Fizemos exercícios até que nossos músculos gritavam por liberação e o suor pingava no gelo sob nossos pés. Mesmo assim, ele nos deixou ir com relutância, certificando-se de que sabíamos as repercussões se perdêssemos o treino da manhã seguinte. Com o maior jogo de nossas vidas ao virar da esquina, eu pude entender de onde ele está vindo. Mas o fogo que tinha em mim por isso, a necessidade de vencer tudo, se foi.

Tento me virar para ir embora, mas a mão de Derek se conecta ao armário ao lado da minha cabeça, impedindo-me de sair.

— Eu sei que muita coisa aconteceu...

— Você não sabe nada, King. — Eu digo, olhando por cima do ombro para não ter que encontrar seu olhar. — Então, por que você não me deixa?

— Eu não vou deixar isso acontecer. Sei que você está com medo. Sei que o que aconteceu com Jeanette mexeu com sua cabeça, mas

preciso de você lá fora. — Ele aponta na direção da pista agora vazia. — Toda a equipe precisa de você, se queremos ganhar essa coisa.

— É apenas um jogo!

Como ele não pode ver isso? No grande esquema das coisas, o hóquei é irrelevante. É apenas um jogo que jogamos para manter as massas entretidas por algumas horas. Dar a eles algo para tirar a cabeça de como a vida cotidiana é uma merda.

— É o nosso futuro! — Seu punho se conecta ao armário, fazendo o metal chocalhar na sala silenciosa. — Droga, Max!

Ele dá alguns passos para trás, passando os dedos pelos cabelos em frustração. — Se você não se controlar nos próximos dias, poderá dizer adeus à sua posição titular.

Eu estreito meus olhos para ele, uma pontada de irritação brotando dentro de mim. — Isso é uma ameaça?

— Sou eu quem sabe como o cérebro do treinador funciona. Ele não vai se arriscar a colocar uma bala de canhão em um jogo que possa nos consagrar ou quebrar.

Eu sei que ele está dizendo a verdade. Com toda a honestidade, não me colocaria no jogo agora; não posso culpar o treinador por fazer o mesmo.

— Coloque sua cabeça no jogo. Nós *precisamos* que você esteja lá, Max.

Nós nos encaramos na sala, sem dizer nada. Sei que ele tem boas intenções, mas não tenho certeza de que tenho em mim a pessoa que ele precisa que eu seja.

— Derek?

Nós dois nos viramos na direção de uma voz hesitante.

— Lia?

Ela está parada na porta, a cabeça vermelha mal espiando, a mão cobrindo os olhos. — Vocês todos estão decentes? Acho que vi a maioria da equipe partir, mas não tenho certeza.

Percebo uma pequena carranca entre as sobrancelhas antes que Derek fique no meu caminho, protegendo-a da minha vista.

— Nós estamos decentes. O que diabos você está fazendo aqui? Está tarde.

— Eu esperei. Preciso falar com você. — Ela espreita Derek para me olhar. — Com vocês dois.

O jeito que ela diz, tem o cabelo fino na minha nuca em pé.

— O que está acontecendo? — As palavras saem de mim rapidamente. Todos os cenários que passam pela minha mente fazem meu coração bater furiosamente. Jeanette? Aconteceu algo de novo?

Os olhos tristes de Lia olham para mim e, pela primeira vez, vejo como estão inchados e vermelhos. Ela esteve chorando.

— É Brook... — Eu inspiro bruscamente, minha respiração ficando presa na garganta. Lágrimas frescas se acumulam nos olhos de Lia. — Ela se foi.

Não sei o que estava esperando, mas isso com certeza não era.

— O que você quer dizer com 'ela se foi'? — Posso ver Derek franzir a testa para ela. Mas eu não. Estou completamente parado. Incapaz de mover um único músculo.

Brook se foi? Foi para onde?

— Ela veio à minha casa hoje cedo e disse que esqueceu alguma coisa. — Olhos castanhos se fixam nos meus, quase implorando. — Eu não sabia. Juro que não sabia.

A mão de Derek segura sua bochecha, chamando a atenção de Lia para ele. — O que aconteceu? O que ela esqueceu?

— Dinheiro. Ela estava escondendo dinheiro debaixo da tábua solta no meu armário. Disse que precisava de um local de segurança em caso de emergência.

— Que emergência?

Minha cabeça está latejando com todas as possibilidades, incapaz de pensar com clareza. O que diabos está acontecendo? Onde ela está?

Lia balança a cabeça. — Ela não quis me dizer. Tivemos uma briga e ela se foi.

Ela olha para mim mais uma vez. — Max... — Seu lábio treme quando vem até mim. — Eu sinto muito. Não sabia. Eu nunca quis te machucar... Eu-eu...

Engolindo em seco, fecho os olhos para não precisar ver seu rosto. Mesmo sem dizer as palavras, sei que ela sabe. Brook deve ter dito.

Droga, Brook. A quietude estranha se transforma em raiva, lenta, mas certamente fervendo dentro de mim.

Ela não tinha o direito. Não tinha o direito de ir até Lia e dizer qualquer coisa. Não era da sua conta.

As mãos pequenas de Lia envolvem meu corpo imóvel, suas lágrimas umedecendo minha camisa enquanto ela chora.

— Eu não sabia. — Ela soluça. — Eu nunca quis te machucar; você tem que acreditar em mim.

Afastando a raiva, puxo Lia em meus braços, minha mão acariciando seu cabelo bagunçado enquanto ela soluça baixinho, suas mãos segurando minha camisa. — Shh... está tudo bem. Você não fez nada errado.

— Eu deveria saber. Deveria ter visto... — Outro soluço de partir o coração sai de sua garganta. — Me desculpe.

— Eu entendo.

Levantando meu olhar, vejo Derek olhando para nós. Seus ombros estão tensos, lábios em uma linha tensa. Eu não posso nem imaginar o quão difícil deve ser para ele não vir e arrancá-la dos meus braços. Se fosse ele, não tenho certeza se seria capaz de manter o controle enquanto o cara que já esteve apaixonado por sua namorada agora a tem em seus braços, mas ele faz isso. Porque isso não é sobre mim ou ele; é sobre Lia e sua dor. A dor que sua melhor amiga a colocou propositalmente.

Ela se afasta, suas mãos ainda me segurando. Seus longos cílios estão colados, olhos brilhantes de lágrimas não derramadas. — Eu amo você, Max. Como amigo, e se por um segundo suspeitei...

— Está tudo bem. — Enfio uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. — Eu sei disso. Sempre soube disso. Então você não precisa se arrepender de nada, porque não fez nada de errado.

— Você é um bom homem, Max.

Eu rio, mas não há humor nisso. — Eu não acho que as pessoas concordariam com você agora.

— Elas são tolas. — Lia sorri, mas está perdendo sua luz habitual. — Eu sempre pensei que fosse Brook.

Meus olhos se fecham, o coração apertando com força, enquanto imagem após imagem de Brook assalta minha mente. Todos os

sentimentos que eu não queria nomear se misturam com raiva por causa do que ela fez. Raiva e *preocupação.*

O que diabos aconteceu, Brook? Onde você está?

Lembro-me dela vindo para mim outro dia. Aconteceu alguma coisa? Ela precisava de mim e eu a afastei?

— Brook e eu... as coisas são complicadas.

Uma tosse alta nos interrompe.

— Agora que resolvemos todas as coisas piegas, por favor, solte minha namorada? — Derek se aproxima, abraçando-a e puxando-a para longe de mim, mas não antes de disparar uma ameaça em meu caminho. — Antes que eu quebre seus braços, mesmo considerando tocar em algo que é meu.

Nós nos olhamos por cima da cabeça de Lia. Seu olhar é duro, me dizendo tudo o que preciso saber.

Fique longe da minha garota.

Eu aceno com a cabeça em reconhecimento, deixando minhas mãos caírem e dando um passo para trás. Quaisquer sentimentos que já tive por Lia se foram. Eles já se foram há um tempo. O que eu não previa era esse sentimento *vazio* dentro de mim. Posso sentir isso crescendo, escuro e avassalador.

— O que vamos fazer? — O sussurro suave de Lia me tira dos meus pensamentos. — Estou preocupada com ela.

Olho para o rosto perturbado dela. — Você quer ir procurá-la?

Ela balança a cabeça. — Eu não saberia por onde começar. Brook não é muito próxima quando se trata de seu paradeiro. Mesmo comigo e sou a melhor amiga dela.

— Nós vamos descobrir. — Os lábios de Derek pressionam contra sua testa. — Ela não poderia ter simplesmente desaparecido da face da terra.

Meu peito aperta dolorosamente. Preocupação - um sentimento que agora se tornou meu companheiro constante, especialmente quando se trata de Brook. Mesmo quando ela me deixa louco, mesmo quando eu quero estrangulá-la por sua teimosia, não posso deixar de me preocupar com seu bem-estar.

Ela partiu para sempre? Ou está apenas escondida naquele buraco na parede onde pensa que pertence?

De qualquer maneira, conhecendo Brook? Eu não admiro por ela fazer exatamente isso.

Como se pudesse ler meus pensamentos, Lia expressa minhas preocupações. — Ela é boa em se esconder. Ela passou por tanta coisa que ficou boa nisso. Boa demais. Se quer desaparecer...

O medo se instala nos meus ossos. Lia não precisa terminar sua frase para entendermos.

Se Brook quiser desaparecer, não a encontraremos.

Que diabos estou fazendo aqui?

Está escuro e a neve está caindo pesadamente. Mesmo que eu apenas desliguei o motor para não chamar atenção desnecessária para mim, o frio começou lenta e seguramente a rastejar dentro do meu carro.

Meu estômago ronca alto e, quando me mexo na cadeira, sinto meus músculos rígidos doerem.

Eu deveria ir para casa, pegar algo para comer e tomar um banho quente para lavar a dor nos meus músculos se planejasse jogar amanhã, mas não conseguia escapar dessa sensação incômoda dentro de mim.

Sim, eu ainda estou chateado com Brook por fazer o que ela fez, mas a preocupação que senti por sua segurança era esmagadora.

Assim que me sentei no meu carro, a memória de Brook em pé na minha varanda no outro dia me atingiu.

Eu preciso falar com você.

Eu podia ver o desespero em seus olhos, o *medo*, mas a afastei sem ouvir. Sem sequer lhe dar um segundo para explicar.

Eu era parte da razão pela qual ela foi embora?

Talvez se eu não estivesse tão preso na minha bunda, talvez se tivesse lhe dado uma chance de explicar...

Uma sombra tropeça na rua. Está muito escuro para ver quem é, mas posso sentir meu sangue vibrar em antecipação enquanto observo a pessoa próxima.

Talvez seja Brook. Talvez ela não tenha saído, mas apenas escolheu ficar longe...

Mas não demoro muito para perceber que não é ela. É uma mulher, mais velha pelo que parece. Ela sobe as escadas do prédio de Brook, quase tropeçando nos próprios pés ao subir. A única coisa que a salva é o fato de que está segurando a grade instável como se sua vida dependesse disso. Eu acho que sim.

Em absoluto silêncio, observo o prédio, tentando descobrir qual das janelas é a de Brook.

A vergonha se instala no meu intestino. Nem sei em que andar ela mora. Do que mais eu sentia falta? O que mais eu não me incomodei em perguntar e ela guardou para si mesma?

Cadê você, Brook?

Não quero aceitar que ela se foi, mas o sentimento de afundamento dentro de mim implora para diferir.

Onde você está?

Capítulo Cinquenta e Três

BROOK

Entrando no elegante prédio de tijolos, paro um momento para olhar em volta de mim. Paredes ricas de cor creme são cobertas com pinturas que, mesmo de longe, parecem reais e não uma cópia barata. Móveis de mogno caro estão enchendo o pequeno saguão: recepção de um lado com dois sofás de couro e uma pequena mesa de café do outro. Um lustre delicado está pendurado no teto, dando a toda a sala uma aparência acolhedora, embora eu não possa senti-la. Tudo aqui é demais. Refinado, intimidante. Até os vasos de plantas parecem ter sido criados especialmente para que pudessem ser colocados neste escritório de alta classe que pertencia ao futuro prefeito desta cidade.

Respirando fundo, minha mente começa a debater se essa foi uma boa ideia enquanto caminho em direção à mesa da recepcionista, mas a desligo antes que ela fique fora de controle.

Esta é a *única* ideia que tenho. A única opção. Eu não estaria aqui se houvesse mais alguma coisa para fazer.

A jovem sentada atrás da mesa levanta o olhar para encontrar o meu. Ela está entre os 20 e os 30 anos, provavelmente. Seu cabelo loiro está enrolado em espirais frouxas, o rosto coberto de maquiagem que provavelmente levou uma hora para ser aplicado e é mais apropriado para ir ao clube do que trabalhar no escritório. Sua blusa branca, a única coisa que posso ver atrás de uma mesa alta, está desabotoada, mostrando seu amplo decote.

— Como posso ajudá-la, senhorita? — Ela emite um sorriso em seus lábios vermelhos, mas eu posso ver como seus olhos me absorvem, me julgando. Com um golpe de seus olhos sobre o meu corpo, ela me considera indigna, um incômodo que não pertence a este luxuoso escritório.

Querida, se você soubesse...

— Estou aqui para conversar com o Sr. Hill. — Digo logo, recusando-me a deixar uma vaga para me mandar embora facilmente.

Olhos castanhos saem da minha voz rápida e sem sentido. Ela abre e fecha a boca algumas vezes, mas nenhuma palavra sai. Finalmente, ela o fecha e olha para o computador. Eu posso ouvi-la digitando rapidamente, provavelmente verificando sua agenda. — Sinto muito, mas a agenda do Sr. Hill está cheia no momento.

Eu estreito meus olhos para ela. — Então eu acho que ele terá que arrumar tempo...

Sem esperar pela resposta dela, me viro e ando pelo corredor.

— Senhorita, você não pode...

Ela começa a correr atrás de mim. Eu sei por que posso ouvir o som de seu salto alto seguindo atrás, mas sou mais rápida. Envolvendo minha mão em torno da maçaneta de metal, abro a porta.

Ele está sentado atrás de sua grande mesa de mogno, o telefone colado no ouvido enquanto examina alguns papéis. Assim que a porta se abre, sua cabeça se levanta. Seus olhos verdes se estreitam de raiva, mas quando ele percebe quem está parado na porta, eu posso vê-los se arregalarem de surpresa.

— Precisamos conversar. — Eu digo, cruzando os braços sobre o peito e encostada na porta casualmente. Na realidade, senti tudo,

exceto casualidade, de pé no lado oposto da sala do homem que é meu pai. Não, não meu pai, meu doador de esperma.

Nos meus dezoito anos neste planeta, nunca estive mais perto dele, e se não precisasse, provavelmente nem estaria aqui agora.

Sua garganta balança quando ele engole em seco antes de falar com quem está do outro lado do telefone. — Sinto muito, George. Vou ter que ligar mais tarde. — Então ele desliga sem esperar por uma resposta.

— Sinto muito, Sr. Hill. — Sua secretária arfa atrás de mim. — Tentei detê-la, mas... vou acompanhá-la para fora imediatamente.

A mão dela envolve meu braço, mas eu a puxo para fora de seu toque no momento em que ele diz: — A senhorita Taylor ficará. Você pode nos deixar agora, Natasha.

Olhando por cima do ombro, dou a ela o meu melhor sorriso presunçoso, antes de entrar na sala e fechar a porta na cara dela. O sorriso cai assim que ela se foi, a ansiedade retornando a todo vapor. Que diabos estou fazendo? Isso foi um erro. Um imenso, estúpido...

— Por que você está aqui?

Respirando fundo para me recompor, viro nos meus pés e encaro o homem que vim ver. Ele está encostado na cadeira de couro preto, com as mãos entrelaçadas no estômago. Sua máscara está de volta no lugar enquanto se senta em seu traje de três peças. Seus cabelos castanhos escuros, riscados de cinza, ainda são ricos e bem arrumados. Um sorriso casual brilha em seus lábios quando aqueles olhos verdes me observam com cuidado, quase como um predador.

Observando-o assim, de perto, posso ver alguma semelhança.

Eu teria notado antes? Se tivesse tido a chance de estar perto dele, saberia que ele é o cara que me gerou? O cara com quem eu compartilho DNA? Ou vejo a semelhança agora porque sei quem ele é?

— Preciso da sua ajuda.

Uma sobrancelha arqueia. — Diga.

— Eu... ouvi sua conversa com Josephine. — Afasto uma mecha de cabelo do meu rosto, olhando para longe. — Eu sei que ela está chantageando você. Ameaçando dizer a todos que você a fodeu e a abandonou. Ameaçando dizer ao mundo que sou sua filha e sua carreira política está apenas começando...

As palavras permanecem pairando no ar, o silêncio se esticando até que eu finalmente levanto meu olhar.

— O que aconteceu com o seu rosto? — Seus olhos fixos no lado direito do meu rosto.

Levantando meus dedos, traço o corte na minha bochecha, sentindo a pele macia por baixo, e isso me faz assobiar suavemente. Eu quase me esqueci disso, tanto quanto você pode esquecer um olho roxo.

— Eu fui uma idiota. — Digo, dando de ombros com indiferença. — Bati em uma porta.

— Mhmm... — Ele não acredita em mim, não que eu espere que acredite, mas não investiga mais. — Então o que você quer? Seu próprio pedaço de torta? Porque mamãe querida já está pegando a dela, e manter a boca fechada não é barato.

Claro que não é. Financiar seus vícios é tudo menos barato.

Aproximando-me, paro em frente à sua mesa. — E se você não precisasse pagar um centavo a ela mais?

Isso chama a atenção dele.

Inclinando-se para a frente, ele coloca os cotovelos na mesa, o queixo apoiado nos dedos entrelaçados. — E como isso aconteceria?

Eu o observo, olho naqueles olhos verdes que parecem tanto com os meus. Um milhão de pensamentos passam pela minha mente, um milhão de possibilidades, mas sei que há apenas uma opção. Uma opção, uma escolha, que eu deveria ter tomado anos atrás. Uma escolha que eu estava destinada a fazer, mas tudo o que aconteceu, especialmente nos últimos meses, me fez acreditar que talvez, apenas talvez, houvesse esperança para mim.

Mas eu estava enganada.

Existe apenas uma opção.

Um só caminho.

— Me ajude a desaparecer.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — A Sra. Brown me pergunta mais uma vez. Parei de contar o número de vezes, nos últimos vinte minutos.

Eu aceno com a cabeça, sem deixar escapar a dúvida que sinto. — Isso é o melhor.

— Muito bem. — Ela concorda. Eu posso ver as palavras que ela está pensando, mas se recusando a dizer.

Você está cometendo um erro.

Eu sei porque tenho pensado a mesma coisa. Andei pensando e analisando todas as possibilidades possíveis, todos os resultados possíveis, mas tudo voltou à estaca zero. Enquanto Josephine estiver

em Greyford, enquanto estiver viva, não posso ficar aqui. Não há como me retirar dela. Querendo ou não, ela é minha mãe e, no mundo em que vivemos, isso significa que seus pecados são meus, suas dívidas, minhas dívidas. E Deus sabe que ela tem mais do que um punhado de ambos.

As pessoas passam em torno da estação de ônibus, o desconforto que eu estava sentindo o dia inteiro agora me atingindo no peito, dificultando a respiração.

— Você não precisa ficar aqui. — Digo a minha professora, sem desviar os olhos do cara que joga nossas malas no depósito do ônibus. Em breve será a minha vez de entregar minhas coisas a ele, e antes que perceba, terei ido.

— Eu sei.

Inclino minha cabeça para trás, gemendo. Eu nunca fui boa em dizer adeus, e a última coisa que quero era que alguém me testemunhasse desmoronar.

— Você pode gemer o quanto quiser, mocinha, mas eu não vou embora. — A Sra. Brown repreende levemente. Seus olhos escuros encontram os meus, um sorriso suave se espalhando por seus lábios. — Você não está sozinha, não importa o que pensa. Existem pessoas neste mundo que amam e cuidam de você.

O rosto choroso de Lia brilha na minha mente.

— Não mais.

— Bobagem! — Ela diz no momento em que dão a chamada final para entregar nossa bagagem e entrar no ônibus.

A Sra. Brown inclina o queixo na direção do ônibus. — Você não quer se atrasar.

Mas ouço o desafio na voz dela. Ela está me desafiando a entrar naquele ônibus. Me desafiando a ir embora. Me desafiando a *ficar*.

Pressionando meus lábios em uma linha apertada para engolir o protesto que quer sair, eu aperto mais a alça da minha bolsa.

Vou para o ônibus, mas não consigo deixar de acrescentar: — Não tenho escolha.

Ela *chora*. — Todos nós temos uma escolha, mas é o risco que temos que estar dispostos a correr. — Com essas palavras finais, ela me deixa ir.

Respirando trêmula, sigo em frente. Entregando minhas malas ao motorista, dou um passo para dentro do ônibus. Minha mão segura a grade, segurando firme. Uma perna para dentro, uma perna para fora.

Este deveria ser o meu destino desde o início. Eu estava me enganando pensando que poderia ser de outra maneira. Aquele breve momento de esperança, o momento de ilusão, realmente me mostrou o contrário. Eu tinha um plano por um motivo e vou cumpri-lo.

Engolindo em seco, empurro todas as inseguranças para longe e entro. Encontro meu assento e caio, meus olhos fechados o tempo todo.

Eu posso sentir o ônibus roncar à vida, as rodas começam a se mover, mas não é até ter certeza de que estamos longe da rodoviária que abro meus olhos. Eles queimam, as lágrimas não derramadas nublando meu olhar e dificultando a visão clara, mas faço o meu melhor para segurá-las.

Eu não vou quebrar.

Repito essas palavras uma e outra vez enquanto envolvo meus braços em volta de mim, me segurando pela vida querida, enquanto as lágrimas caem.

Minha mão desliza sobre o meu estômago, um soluço sai da minha garganta assim que o sinal “Greyford Saída” passa.

Era a coisa certa a se fazer. Agora somos só você e eu, pequenino.

Capítulo Cinquenta e Quatro

MAX

Não sei bem como acabei aqui, mas agora que estou, não posso voltar atrás. Como a música de uma sirene, a sala está me chamando. Me desafiando a dar um passo para dentro.

Eu tenho tentado evitar o departamento de arte desde que ouvi que ela foi embora. De alguma forma, sei que, no momento em que entrar na sala e não a encontrar lá trabalhando em qualquer pintura que ela estivesse criando no momento, isso me atingirá. *Realmente* me bater que ela se foi.

Mensagens não respondidas e telefonemas não eram nada incomuns. Não ver sua forma caída na sala de aula lendo o livro que ela está interessada no momento ou vendo-a me encarar do outro lado da mesa do almoço, eu poderia lidar. Mas não encontrá-la aqui, isso é inimaginável.

Respirando fundo e trêmulo, eu abro a porta. Minhas costelas doem com a tensão, o machucado do jogo de ontem me matando. Eu sabia que os playoffs seriam intensos, mas nada poderia me preparar para isso. Todo mundo estava dando o melhor de si, cada um de nós se esforçando ao máximo para aproveitar o gelo e marcar os gols que nos levariam ao jogo do campeonato.

Olho diretamente para a estação dela no fundo da sala. Meu coração cai quando o encontro vazio, embora eu não esperasse nada diferente.

— Posso ajudá-lo de alguma forma? — Uma voz suave me assusta. Eu me viro, observando a senhora mais velha sentada à mesa na frente da sala. Ela mal olha para mim antes de voltar ao que está fazendo.

— Eu estava procurando por alguém.

Alguém que aparentemente se afastou, sem olhar para trás.

— As aulas só começam no final da tarde.

— Ela costumava vir aqui de manhã. — Dou outro olhar desejoso em direção a sua estação. Nem sei ao certo por que estou dizendo tudo isso a essa mulher, mas preciso contar a *alguém.* — Ela me deixava estudar enquanto trabalhava em suas coisas artísticas.

Isso parece chamar sua atenção. — Você está falando sobre Brook?

Meus olhos se estreitam. Há algo em seu tom... — Sim. Você falou com ela ultimamente?

— Não desde que ela partiu. — Ela encolhe os ombros com indiferença, mas por algum motivo, eu não compro por um segundo. Aquela senhora sabe alguma coisa.

— Você a conhecia bem?

— Assim como qualquer um dos meus alunos. Ela preferia guardar para si mesma. Uma solitária, aquela. Mas uma artista incrível. Não tenho ninguém tão talentosa quanto ela há muito tempo.

Concordo, sem saber o que dizer. Brook sempre foi muito reservada sobre sua arte. Em todo o tempo que passamos nesta sala, eu nunca tive um vislumbre do que ela estava trabalhando. Nem uma espiada. Mas as palavras da professora me fazem pensar.

O que é que ela está escondendo esse tempo todo? Se eu olhar para a arte dela, descobrirei outra camada que faz de Brook Taylor a garota - mulher realmente - que ela é?

— Você está pensando em ficar? — Ela se levanta, roçando as mãos contra o jeans. — Eu adoraria continuar com nosso bate-papo, mas realmente preciso empacotar essas pinturas e enviá-las para minha amiga. — Ela me dá um olhar avaliador. — Eu poderia usar sua ajuda.

Há uma dúzia de coisas que eu deveria estar fazendo, mas estar aqui me faz sentir mais conectado a Brook do que em dias.

Eu preciso falar com você.

Este não é realmente o melhor momento.

Não que eu tenha algum direito.

Engolindo em seco, concordo. — Eu posso te ajudar.

Os lábios dela se curvam em um pequeno sorriso. — Venha, eu vou te mostrar.

Eu sigo atrás dela, meus olhos percorrendo a sala, absorvendo tudo. O espaço de luz, todos os materiais de arte, as cores infinitas... Por todas as vezes que estive aqui, nunca prestei muita atenção à própria sala. Sempre foi Brook. A razão pela qual eu vim. Aquela que prende toda a minha atenção.

O jeito que ela inclinava a cabeça para o lado, mordiscando o pincel enquanto observava seu trabalho, seu rabo de cavalo balançando. Manchas de cores diferentes no rosto. A luz que apareceria em seus olhos na primeira vez em que ela se permitia abri-los e ver o que estava criando.

Sempre foi ela. Brook. Meu foguete.

— Geralmente deixamos as pinturas secarem, e então eu as guardo, mas como enviarei para a minha amiga que trabalha na galeria, as puxei para fora. Está...

Mas não ouço o resto porque as vejo. Pinturas de Brook. Não preciso que ninguém me diga que são dela porque eu sei. Eu vejo, realmente, eu vejo *ela*.

Tenho certeza que minha boca está aberta, mas não me importo nem um pouco.

Virando-me devagar, eu pego cada uma delas. Não sei nada de arte, mas essas... são lindas.

— Isso é... — Eu olho para as pinturas. As páginas de seus preciosos livros colados à tela e imagens vívidas pintadas sobre elas. Tantas cores, tantas emoções.

— Incrível, não é? — A Sra. Brown ri atrás de mim.

Eu aceno distraidamente, mas não desvio o olhar. Silhuetas de pessoas, principalmente meninas - em um balanço, meninas de mãos dadas no campo, um perfil de choro, se escondendo, um casal se beijando, e isso é... uma festa? Uma garota olhando para um cara que está olhando...

— Esse sou.... eu? — Pergunto, me aproximando e encontrando mais deles.

Pintura sobre pintura sobre pintura de mim. Sem saber o que dizer, o que pensar, o que *sentir,* apenas olho para elas.

Feliz, confuso, pensativo, irritado... ela capturou tudo. Há até uma pintura minha jogando hóquei. Foco, determinação para marcar o gol escrito em todo o meu rosto. Determinação que não sinto desde o acidente de Jeanette.

— Essas são as últimas pinturas dela.

Ela sabia. — Foi por isso que você me chamou aqui? — Eu não consigo me impedir de perguntar. — Para me mostrar o trabalho dela?

— Bobagem. — Ela me acena, puxando o papel de seda. — Eu só precisava de um homem jovem e musculoso para me ajudar a arrumar tudo isso.

— O que você vai fazer com elas? — Eu pergunto, olhando em volta. A ideia de embrulhá-las e enviá-las para algum lugar me perturba mais do que quero admitir.

— Ela queria que eu os vendesse.

— Você fala com Brook? — Meu coração começa a bater mais forte. Se essa professora está falando com ela, deve saber onde Brook...

— Não mais. Ela me pediu para fazer isso antes de sair da cidade.

A esperança que eu estava sentindo apenas alguns segundos atrás esvazia.

— Agora, você vai me ajudar ou apenas ficar aí?

Suspirando em derrota, olho para as pinturas. Um último traço de Brook que em breve desaparecerá. Apagado como sua própria existência.

Enquanto examino as pinturas, paro na do casal, estreitando os olhos enquanto observo com mais cuidado.

— Você tem que enviar todas elas? — Eu me viro e pego uma de suas sobrancelhas prateadas levantando em questão.

— Você tem algo em mente?

Aponto para a pintura. — Eu quero esta.

— Isso parece bom, Max.

Eu me viro na minha cadeira para encarar Jeanette. Ela está sentada de pernas cruzadas no meio da minha cama, uma bola de pelo preto aninhada no colo, cochilando. Eu ainda não conseguia acreditar que Andrew deu a ela um cachorro louco. E menos ainda que nossa mãe deixou Jeanette mantê-lo na casa.

Eu acho que parte disso é porque ela se sente culpada. Culpada, por perder os sinais de que algo estava errado com Jeanette, não uma, mas duas vezes. Culpada, por ignorar seu casamento, afogando suas mágoas nas compras e no dia em que bebia. Ignorou a traição de papai até que tudo se desfez e, como uma bola de demolição, nos derrubou.

— Você acha?

Com tudo o que está acontecendo, fiquei para trás nos meus estudos e, como a pessoa que geralmente me ajudou está desaparecida, tive que incomodar Jeanette. O treinador está chateado comigo. Nós mal conseguimos passar pelo primeiro jogo dos playoffs, e se minhas notas caírem novamente, ele realmente vai me colocar no banco. Algo que não posso arriscar.

Ver as pinturas de Brook, me ver através dos olhos dela, despertou algo em mim que dormia por um tempo. Olhando para elas, eu sabia que ficaria decepcionada se decepcionasse meu time. Se eu me decepcionar depois de tudo pelo que trabalhamos.

— Sim, acho que você entendeu os conceitos e os aplicou corretamente ao assunto.

A pressão que eu estava sentindo em volta da minha garganta diminui um pouco.

— Obrigado, Anette. — Eu sorrio. Levanto-me, pego os papéis da mão dela, observando as marcas vermelhas - erros gramaticais e outros ajustes que precisarei passar antes de entregá-los amanhã.

Uma coisa de cada vez - esse é o mantra que repito quando as coisas se tornam demais.

Termine a lição de matemática.

Revise as conjugações em espanhol.

Faça uma revisão da Guerra Civil.

Reescreva o ensaio.

Descobrir onde diabos Brook-porra-Taylor está se escondendo.

Uma coisa de cada vez.

Pelo canto do olho, eu a vejo massageando o pulso. — Como você está indo?

Após seu acidente de carro, Jeanette teve alguns ferimentos bastante desagradáveis. E, embora os machucados e arranhões externos tenham sarado, o pulso dela ainda dói e tem problemas para respirar. Ah, ela tentou esconder, mas não é possível esconder sibilos fortes toda vez que você sobe um lance de escada.

— Estou bem. — A mão dela cai, pousando no topo da cabeça do cachorro e coçando levemente atrás das orelhas.

— Anette... — Há uma nota de aviso na minha voz.

Eu amo minha irmã, mas está sempre tentando assumir o peso do mundo, e isso pode acabar com ela em algum momento. E essa é a última coisa que eu quero. Quase a perdi *duas vezes* e não vou fazer de novo.

Ela levanta a cabeça, revirando os olhos para mim. — Estou *bem*. Realmente. Eu posso sentir a dor maçante, mas isso é normal. A coisa maldita estava quebrada e engessada por semanas, e não posso continuar tomando os analgésicos. Vai melhorar com a fisioterapia.

Realmente espero que ela esteja certa. Jeanette é um gênio musical. Toca violino e escreve sua própria música. Eu sei que ela não quer ir para Julliard ou qualquer escola de prestígio semelhante. Ela nunca quis estar no centro das atenções, mas não quero que esse acidente a roube de algo que ela ama e é querida. Minha irmã já passou por bastante.

— Quer que eu vá com você?

Não tinha certeza de onde eu encaixaria isso entre todos os estudos que tinha que fazer e praticar, mas, para ela, faria qualquer coisa.

— Nah, Andrew vai comigo. — Seu telefone toca. — Falando no diabo.

Um sorriso se espalha por seu rosto enquanto ela verifica seu telefone. É grande e brilhante, tão brilhante que dói olha-la. Quero ser feliz por ela - estou feliz por ela - mas, ao mesmo tempo, não consigo escapar da pontada de ciúmes que sinto toda vez que a vejo sorrir assim.

— Ele está vindo? — Eu pergunto despreocupadamente quando me levanto, dando-lhe espaço.

— Mhmm... Se você quiser, todos nós podemos assistir filmes juntos ou algo assim.

— Não, obrigado. — Eu forço um sorriso, mas é fraco na melhor das hipóteses. — Eu não sinto vontade de segurar vela.

— Você não vai segurar vela. — Jeanette agarra Lady - é assim que ela chamou o pequeno monstro preto - e vem até mim. — Eu posso até convidar Derek e...

— Não. — Eu a paro, desembaraçando de seu toque. — Você não precisa. Estou bem. Além disso, tenho coisas para fazer.

— Mas...

Tudo o que ela queria dizer morre quando a porta do meu quarto se abre.

— Aí está você! Eu estive te procurando!

Mamãe para na porta, olhando para nós dois. Ela está vestida casualmente, bem, tão casualmente quanto Jane Sanders sabe como se vestir.

Jeanette e eu não somos os únicos que o acidente e tudo o que se seguiu afetou. Mamãe também está diferente. E não apenas fisicamente, mas mentalmente também. Ela está mais presente, passando mais tempo em casa e menos tempo com as amigas, comprando e bebendo.

O acidente de Jeanette, a possibilidade de perdê-la, a sacudiu bastante, e por semanas ela mal saiu do nosso lado. E ela colocou mais interesse em nossa escola, atividades extracurriculares e apenas... nós. É estranho. Antes ela mal ficava em casa, e agora, se algum de nós ficar um pouco mais de tempo, ela estará sobre nós.

— Algo está acontecendo? — Jeanette pergunta, mudando o cão de um braço para outro.

— Eu só queria checar. — Seus dedos brincam com as pérolas em volta do pescoço. Algumas coisas podem ter mudado, mas outras ainda são as mesmas. As socialites podem amolecer nas bordas, mas no final

do dia, ela ainda terá sangue azul correndo em suas veias. — Antes de eu sair.

Eu estreito meus olhos para ela, olhando-a com mais cuidado, tentando descobrir a causa de seu nervosismo repentino. — Indo a algum lugar especial?

— Na verdade, eu vou. — Olhos azuis olham para mim. — Estou encontrando seu pai.

Eu recuo como se ela tivesse me dado um soco. Meu estômago aperta desconfortavelmente, e o aperto de aço em volta da minha garganta está de volta, dificultando a respiração.

— Você está fazendo o que? — Eu quase grito com ela, lívido. A mão de Jeanette envolve meu bíceps, seus dedos cavando minha pele enquanto me puxa para trás.

Mamãe levanta o queixo no ar. Eu posso me elevar sobre ela, mas ela ainda tem um ar de superioridade ao seu redor enquanto olha para mim.

— Não levante a voz para mim, jovem! Eu ainda sou sua mãe.

Cerro os dentes, mas abaixo a voz. — Por que diabos você o encontraria?

Mamãe coloca uma mecha de cabelo inexistente atrás da orelha. — É hora de nos sentarmos e conversarmos.

— O que há para conversar? Ele é um bastardo traidor.

— Max!

— Ele ainda é seu pai!

As duas mulheres gritam ao mesmo tempo.

Eu olho para elas, sem recuar nem um pouco. — Só estou falando a verdade! Não ouse esquecer isso. Você deveria estar do meu lado, Jeanette. Se não fosse por ele, não acabaria no acidente.

— Não há como saber disso. — Os olhos da minha irmã amolecem.

— Talvez, e eu acho que nunca saberemos com certeza, agora vamos? — Volto minha atenção para minha mãe. — Além disso, pensei que essa coisa de separação era temporária até que as coisas se acalmassem e então você pedisse o divórcio.

Não falo com ele desde que atendi acidentalmente sua ligação logo após o acidente. E se dependesse de mim, eu não falaria com ele nunca mais.

— Não é tão simples assim.

— Parece muito simples para mim.

Suspirando, ela olha para mim. — Estamos juntos há tanto tempo. Nós dois cometemos erros; isso não é culpa apenas do seu pai. Nós dois somos culpados. Deveríamos ter feito melhor por vocês. Feito melhor por nós.

— Então você está indo para o que... perdoar e esquecer? Agir como se nada tivesse acontecido e seguir em frente? — Pergunto acusadoramente.

Uma parte de mim entende que não é apenas culpa dele. Somos todos responsáveis. Cada um de nós participou do que aconteceu com nossa família. Ignorando nossos problemas e nos concentrando em outras coisas quando deveríamos estar lá um para o outro. Talvez se tivéssemos, talvez se tivéssemos notado algumas coisas antes, tudo isso não teria acontecido.

Mas papai foi o que mais prejudicou. Ele traiu e mentiu. Tentou encobrir seus pequenos segredos sujos, para que não descobríssemos, ao mesmo tempo em que fingíamos que tudo estava bem.

Não posso perdoá-lo.

Não consigo esquecer.

Sua traição ainda corre quente no meu sangue. Como ela pode simplesmente deixar para lá? Ela deveria estar chateada. Deveria ser a pessoa que mais se sentiria zangada e enganada.

— Isso se chama vida, Max. Você não pode simplesmente desistir ao primeiro sinal de problema. Veja o que aconteceu quando tentamos ignorá-los. Estou machucada? Sim, eu estou. O perdoei? Não tenho certeza de que algum dia serei capaz de fazer isso. Mas o que *estou* pronta para fazer é sentar e *conversar.* Algo que deveríamos ter feito anos atrás.

Seus olhos azuis se enchem de lágrimas não derramadas quando ela olha entre nós dois, e uma parte de mim me odeia por ser tão duro com ela. Por ser a razão de suas lágrimas. No entanto, uma parte de mim não pode deixar ir.

Tomando uma respiração instável, ela pisca as lágrimas.

— Eu não vou forçar você a falar com ele até que esteja pronto. Não vou lhe dizer se você deve perdoá-lo ou não. Essa é sua decisão. Mas com certeza não vou deixar você ditar o que devo fazer também. Agora, se me der licença...

Eu a vejo silenciosamente sair com as costas retas, aquelas duas partes de mim ainda lutando por dentro.

Algo molhado toca meu braço. Olho para baixo e olhos castanhos piscam para mim com amor. Bufando um sorriso, eu desisto e coço o monstro atrás de suas orelhas macias. Ela parece mais um brinquedo

do que uma criatura viva e respiradora. Isto é, até que ela o sufoque com sua necessidade de atenção.

Suspirando, levanto meu olhar para Jeanette. Ela morde os lábios e posso vê-la travando a mesma batalha que eu. Ele a machucou muito. De nós dois, ela sempre foi a pessoa mais próxima dele. Princesinha do papai. Inteligente e brilhante, como ele. Ela sempre quis seguir seus passos, ir para Harvard para estudar medicina. Passar a vida ajudando pessoas. Mas ela não fala sobre isso há anos.

— Bem, isso aumentou rapidamente.

Não brinca.

— Você tem que deixar ir, Max. Deixar de lado todos esses sentimentos desagradáveis que estão assombrando você.

— Eu não sei se posso. — Eu balanço minha cabeça. — Muita coisa aconteceu. O acidente, todos os segredos, *Brook...*

Jeanette concorda com a cabeça. — Alguma palavra sobre ela?

Brook se foi há cerca de um mês, e ninguém ouviu nada dela. No começo, eu estava chateado. Irritado, ela foi pelas minhas costas e contou a Lia sobre meus sentimentos. Irritado com ela por sair. Mas mais do que tudo, irritado comigo. Porque eu não conseguia escapar da sensação de que fui a pessoa que a levou embora. Afinal, ela veio até mim, e a empurrei sem sequer lhe dar um momento para explicar.

Parecia surreal, como se a qualquer momento ela poderia voltar, só que nunca voltava, e finalmente ir para a sala de arte e não a encontrar lá confirmou o que uma parte de mim não aceitou por dias. Brook realmente se foi, e ela não vai voltar.

— Nada.

— Se ela foi tão inflexível em se afastar, deve haver uma boa razão para isso.

Só espero que não seja eu o motivo.

Meus olhos disparam para a pintura que coloquei em cima da minha cama. Se você olhar para ela, verá apenas um casal comum se beijando, até chegar mais perto. As mãos dele estão cerradas pela cabeça dela, ajudando-o a pairar sobre ela. Há quase um desespero na maneira como seus lábios se tocam, como a mão dela agarra a camisa dele. Puxando-o para mais perto ou afastando-o? E então há uma lágrima. Uma lágrima solitária desce por sua bochecha quando o idiota diz o nome de sua melhor amiga enquanto a beija. Eu deveria saber; estava lá.

— Você sabe. — Jeanette interrompe meus pensamentos enquanto ela fica ao meu lado, olhando para a pintura. Eu escondi a parte final dela, um lembrete do que fiz. Não disse a ela que é Brook, mas acho que não precisava. — Para você, sempre foi ela.

— Eu gostaria que isso fosse verdade. — Sussurro, meus olhos ainda colados na parede.

Se fosse, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Talvez ela ainda estivesse aqui e não sabe Deus onde. Pelo que sei, ela já poderia estar do outro lado do país, inferno, até do mundo. Em vez disso, ela se foi, e não tenho certeza se vou descobrir o que exatamente precisava naquele dia. Nunca poderei dizer a ela o quanto sinto muito por todas as coisas estúpidas que fiz. Nunca direi a ela como realmente me sinto...

— É aí que você está errado. Você apenas *pensou* que estava apaixonado por Lia.

— Eu amei Lia muito tempo. — Resmungo, não gostando nem um pouco da direção em que esta conversa está indo.

— Você amou a *ideia* de Lia, mas não ama como *sua*. Não é do jeito que você ama Brook.

— E como é isso? — Olho para minha irmã.

— Como se ela fosse a peça que você está perdendo. Como se você não pudesse respirar se ela não estiver por perto e a vida tivesse perdido toda a sua cor.

— Eu nunca te achei uma romântica, Anette. — Tento provocar, mas tudo cai.

— Eu nunca te achei covarde, Max. Coloque suas coisas em ordem e encontre sua garota.

Capítulo Cinquenta e Cinco

ANDREW

Arrastando meus lábios em sua pele, eu mordisco a carne macia de seu pescoço. Jeanette murmura em aprovação, a cabeça inclinada para trás e me dando mais acesso a toda aquela pele gloriosa. Seus dedos correm pelo meu cabelo, me puxando para mais perto.

Um sorriso presunçoso enrola meus lábios quando seus quadris arqueados, roçam nos meus. Meus olhos se abrem, querendo ver seu rosto enquanto minha mão desliza por seu estômago macio e...

Olhos castanhos redondos olham para mim, piscando suavemente, e eu pulo para trás como se tivesse sido queimado.

— Que porra é essa?!

— Andrew? — As mãos de Jeanette me alcançam, mas eu não desisto. Confusa, ela abre os olhos. Apoiando-se no antebraço, se endireita para olhar para mim. Seu cabelo preto está bagunçado, seus lábios inchados, bochechas coradas. Se não estivesse tão assustado, levaria um momento para apreciar como ela é linda e minha. — O que há de errado?

— Ela está me encarando! — Eu acuso, apontando para a pequena bola de pelo sentada no travesseiro e olhando para nós.

— Quem está olhando?

— Seu cachorro! É quem olha. — Meus olhos se estreitam em pequenas fendas quando olho para o pequeno bloqueador de pênis.

Jeanette olha para o travesseiro onde seu cachorro está enrolado, todo inocente e a coça atrás das orelhas.

— Pobre bebê. — Ela murmura, inclinando-se para escovar o nariz contra o do cachorro. — Você não quer ser deixada sozinha no chão, não é? E esse homem mau está te assustando.

— Ela tem uma cama de cachorro *cor-de-rosa* e um cobertor realmente confortáveis no chão. — Eu indico sem graça. — Não acho que ela fique mal.

Mas não é como se Jeanette está ouvindo. Em vez disso, ela a pega nos braços e a aconchega no peito. Desde que eu peguei o cachorro para ela, o carrega como um acessório. Se pudéssemos levar cães para a escola, tenho certeza de que faria isso também.

— Ela está sozinha!

Reviro os olhos para as duas. — Eu também me sinto sozinho quando você me troca por ela!

— Não seja tão...

Há um estrondo alto que a faz parar no meio da frase. Nós dois nos olhamos, ouvindo o que está acontecendo.

Eu sabia que papai estava em casa, mas não é como se isso mudasse alguma coisa. Mesmo quando está aqui, ele está preso em seu escritório e eu fico no meu quarto, nenhum de nós interessado em conversar ou até mesmo ver o outro.

Tivemos uma grande briga, ainda maior que o normal, quando o confrontei sobre minha mãe. Ele me ameaçou para não vê-la novamente, e eu lhe disse exatamente o que penso sobre suas ameaças. Ele não pode fazer nada. Tenho dezoito anos e, assim que me formar no ensino médio, terei acesso total ao fundo fiduciário que meu avô me

deixou, então ele não tem nada comigo. Apenas ameaças vazias e sabe disso.

— Seu pai está em casa, certo? — Jeanette pergunta cansada, passando a mão pelo cabelo.

— Sim, ele está trabalhando em seu escritório.

O silêncio que se estende é praticamente sinistro. Parece que dura para sempre e a qualquer momento algo acontecerá. Algo que não tenho certeza se vou gostar.

Agarrando minha camiseta do chão, coloco-a de volta enquanto corro em direção à porta. Assim que eu a abro para ouvir melhor, há outro estrondo.

— Seu filho da puta estúpido! — O grito alto me faz dar um passo para trás. Olho por cima do ombro para uma Jeanette igualmente surpresa. — Onde ela está, hein? O que você fez com ela?

O que diabos está acontecendo lá em baixo?

— Eu tenho que... — Eu aceno na direção da porta, nem mesmo sabendo o que devo fazer.

Felizmente, não preciso dizer muito, porque Jeanette já está pulando da cama. Levando um segundo para deixar o cachorro no travesseiro, ela se vira, pega minha mão e começa a me puxar para fora da sala.

Juntos, descemos as escadas apressadamente em direção ao escritório do meu pai, que fica nos fundos da casa, de onde todos os gritos vêm.

— Eu sei que você teve algo a ver com o desaparecimento dela! — A mulher grita novamente. — Onde diabos ela está?

— Agora você está preocupada com ela? — Isso vem do meu pai. — Quanto tempo você levou para descobrir que ela se foi, hein? Quanto tempo, Josephine?

Um grito quase animalesco vem dessa garota Josephine, assim que chegamos à porta. Ela passa as mãos sobre a superfície de mogno da mesa, jogando tudo o que está nela.

Jeanette engasga alto, e eu a puxo para trás de mim, não a querendo em qualquer lugar perto dessa loucura.

— O que diabos está acontecendo aqui? — Minha pergunta faz os dois virarem a cabeça em nossa direção.

Papai está sentado em sua cadeira, recostando-se como se não tivesse uma preocupação em mente, mas posso ver traços de desconforto em seu rosto. Cansaço e pavor.

A mulher, Josephine, quem quer que seja, está completamente fora disso. Ela tem a idade de papai, se não mais. Seu cabelo oleoso e emaranhado é selvagem, as pupilas dilatadas. Suas roupas estão sujas e enrugadas como se não trocasse há dias. E não me deixo começar a cheirar. Uma mistura de álcool, cigarros, suor rançoso e Deus sabe o que mais é tão forte que preenche toda a sala.

— Nada. — Diz papai secamente. — Taylor estava prestes a sair.

Meu pai nem consegue terminar, e ela já está voltando para ele. — Eu não vou a lugar nenhum até que você me diga onde está minha filha!

— Senhorita Taylor... — O sussurro suave de Jeanette me fez virar a cabeça para olhá-la.

— O que isso tem que...

— Esse é o sobrenome de Brook, Andrew. — Os olhos cinzentos se arregalam, seus dedos envolvendo meu braço e cavando minha pele. — Essa é a mãe de Brook.

Brook desapareceu semanas atrás e ninguém mais ouviu falar dela desde então. Aparentemente, ela e Lia brigaram pouco antes dela abandonar a cidade. Todo mundo tentou ligar para ela, mas seu telefone estava desligado e ela não tinha nenhum perfil de mídia social, então estava desaparecida. Mas se você me perguntar, acho que a pessoa que mais se esforçou foi Max. Primeiro tudo o que aconteceu com Jeanette, e então Brook desaparece pouco depois. Isso iria foder com alguém. O cara era uma bomba esperando para explodir.

— É o bastante! Você está saindo daqui, mesmo que eu tenha que te expulsar. Já cansei das suas besteiras, Josephine!

A veia em sua testa está latejando visivelmente, e é assim que eu sei que ele está realmente chateado.

Ele se levanta e agarra o braço dela, puxando-a em direção à porta. Ela tenta sair do seu toque, mas não adianta. Seu domínio é implacável, e não ficaria surpreso se deixasse um machucado. Ela tropeça para frente, mas a mão dele a impede de cair de cara primeiro. Jogando a cabeça para trás, seus olhos pousam nos meus.

A princípio, ela parece surpresa, como se tivesse acabado de perceber que estávamos ali, mas então um tipo diferente de brilho preenche essas profundezas sem fundo. Uma risada histérica irrompe dela, fazendo todo mundo congelar.

— Ele não sabe, sabe? — Ela ri um pouco mais, e agora tenho certeza de que essa mulher é louca.

Porra, não estou nem surpreso que Brook tenha desaparecido. Estou surpreso que ela tenha conseguido ficar o tempo que ficou com essa mulher louca em primeiro lugar.

— Cale a boca! — Papai range os dentes, puxando-a de volta para a posição de pé.

— Eu não sei o quê? — Minha pergunta é tão baixa, que estou surpreso por eles ouvirem.

— Andrew, saia daqui. — Ele mal me olha de relance antes de voltar para o rosto dela. — Você está saindo daqui e não vai voltar. Se eu te vir em qualquer lugar perto de mim e da minha família, vou jogá-la na cadeia e você nunca sairá.

— Oh, não, você não! — Desta vez, quando Josephine tenta tirar o braço de suas mãos, ela realmente consegue se libertar. — Você tirou tudo de mim e agora vou fazer o mesmo com você. — Seus olhos loucos encontram os meus. Os braços de Jeanette se enrolam com força no meu meio, me puxando para trás. — Você sabia que seu pai gosta de foder ao acaso? Enquanto ela estiver disposta, ele não liga muito para quem é.

— Cale a boca!

Olho entre os dois, confuso. Não com a declaração propriamente dita, mas com o motivo de ela mencionar agora. E por que isso o irritou tanto que ela o fez?

— O que você está dizendo? — Olho por cima do ombro para o meu pai. — O que ela está falando?

Minha cabeça está girando, e eu não sei mais o que diabos está acontecendo aqui. Essa garota louca é a mãe de Brook e ela está aqui... por quê?

Que porra você fez, John?

— Seu pai tem uma bastarda do outro lado da cidade que ele abandonou e nunca perguntou sobre. — Ela ri, balançando a cabeça. —

Uma irmãzinha. Enquanto você estava aqui jantando em uma bandeja de prata, ela estava vasculhando o lixo para encontrar algo para comer.

Suas palavras são como um soco no estômago, me fazendo dar um passo para trás. A única coisa que me mantém em pé é o firme aperto de Jeanette em mim.

Isso não pode ser verdade. Ela tem que estar mentindo. Ela é louca, não pode...

Olho para meu pai, esperando encontrar uma resposta em algum lugar em seu rosto, mas sua máscara de advogado está de volta no lugar. Tomando controle sobre Josephine, ele empurra eu e Jeanette para que possa arrastá-la para fora. Mas mesmo isso não a impede de gritar.

— Pergunte ao seu pai onde ela está e como fugiu! — Com a mão livre, ela tira algo do bolso e joga em nós. — Talvez ele até a tenha ajudado a se livrar de seu pequeno problema, como ele tentou fazer comigo. Afinal, a maçã não cai longe da árvore.

Depois disso, John a afasta, ameaçando chamar a polícia, mas mesmo isso não a impede. Acho que quando você não tem mais nada a perder, ameaças como essa não têm muito poder.

Meus olhos ficam colados no chão, na coisa que ela jogou aos meus pés.

Eu posso ouvir Jeanette murmurando algo ao meu lado, mas suas palavras são um ruído de fundo, pois tudo o que Josephine Taylor me disse continua se repetindo em minha mente.

Isso não pode ser verdade. Ela tem que estar mentindo. John é um péssimo pai, mas ele nunca...

Esfrego a mão no rosto, riso estrangulado se libertando.

Claro que ele faria. John não se importa muito comigo, seu filho legítimo que teve quando casado, então por que se importaria com uma filha do lixo branco? Alguém que ele fodeu quando precisava de um pouco de diversão, mas nunca levaria a sério?

— Andrew? — Os dedos de Jeanette tocam meu ombro timidamente. — Você está bem? Você não acredita que é verdade, acredita? Isso significaria...

Correndo meus dedos pelos meus cabelos, eu me viro para olhar para Jeanette. Seus olhos cinzentos estão arregalados, medo e confusão se misturam em suas profundezas, enquanto ela olha para mim com um cansaço que não vejo há algum tempo.

Tocando seu rosto, eu escovo meu dedo sobre sua bochecha na esperança de acalmá-la. — Isso significaria que Brook Taylor é filha do meu pai. Minha... — Eu engulo em seco. — Irmã.

Quão fodido é isso? Toda a minha vida... eu a conheço toda a minha vida. Fomos à escola juntos. Eu a via todos os dias e nunca soube. Nunca *suspeitei*...

— Talvez ela esteja mentindo. Você a viu. Essa mulher não é estável...

Eu posso ouvir passos se aproximando, com tanta relutância, que a deixo ir. Agachando-me, agarro a ficha que Josephine deixou para trás antes de me endireitar a toda a minha altura bem a tempo de John voltar.

— Ela não estava mentindo, estava, John?

Ele levanta a cabeça, surpreso ao nos encontrar ainda de pé no corredor.

— Ela estava, John? — Repito, desta vez um pouco mais severo.

— Eu disse para você deixar para lá e sair daqui. — Ele tenta passar por mim, me afastando, mas fico no caminho dele, sem recuar. Não até eu receber minhas respostas.

— Não até me dizer que tipo de relacionamento você teve com Josephine Taylor e por que ela acha que você teve alguma coisa a ver com o desaparecimento de Brook.

Suas palavras ainda me assombram.

Enquanto você estava aqui jantando em uma bandeja de prata, ela estava vasculhando o lixo para encontrar algo para comer.

Todas aquelas vezes em que brincava com ela sobre as roupas velhas e desagradáveis. Todas as vezes que ela "pulava" o almoço na escola. Aquela jaqueta de couro muito grande que ela usava mesmo no inverno porque não tinha mais nada para vestir.

Todas aquelas lembranças que eu nem sabia que tinha começando a voltar uma a uma, a culpa que não sabia que era capaz de sentir me comendo.

E agora ela está lá fora em algum lugar sozinha de novo. Minhas mãos seguram firmemente em punhos, e então me lembro da coisa em que estou segurando. Soltando meus dedos, olho para baixo.

Bastão branco.

Foda-se não.

Não pode ser.

Eu quero rejeitar, quero negar, mas é como déjà vu.

— Onde ela está? — Dou um passo à frente, então estamos frente a frente. Fúria e medo rodopiam dentro de mim como um tornado, e uma vez que se soltar, não haverá nada que possa parar a destruição.

Eu pensei que havia apenas uma pessoa que poderia trazer todas essas emoções dentro de mim, mas acho que estava errado.

— Andrew, esse assunto está encerrado. Eu já te disse…

Deixando o bastão cair da minha mão, eu seguro sua camisa e o levanto no ar.

— Andrew! — Eu posso ouvir o grito surpreso de Jeanette quando empurro meu pai contra a parede, mas não me importo. Ela faria o mesmo se soubesse.

— Onde diabos ela está?! — Eu grito em seu rosto, batendo seu corpo mole na parede mais uma vez por uma boa medida.

Eu terminei com seus jogos e mentiras estúpidas.

— Andrew…

— Se as próximas palavras da sua boca não me derem informações sobre como Brook fugiu ou onde encontrá-la, você vai se arrepender. Não estou brincando. — E para mostrar a ele que estou falando sério, meu aperto em sua garganta aumenta.

— Ok, ok, ok! Ela veio até mim. — O pomo de adão dele treme na garganta. — Algumas semanas atrás.

Meus olhos estreitam para ele. — Ela sabia, não sabia?

— Ela sabia. — Ele assente. — Brook viu Josephine e eu uma vez. Brigando. Josephine queria mais dinheiro. Quando ela engravidou, veio até mim, pedindo ajuda. Dei-lhe dinheiro e disse-lhe para cuidar disso, mas ela nunca o fez. E agora comigo concorrendo à prefeitura, é claro que ela viu uma oportunidade perfeita para conseguir mais dinheiro.

— O que Brook queria?

John ri. O filho da puta realmente ri.

— Dinheiro, o que mais? Tal mãe tal filha.

Droga, Brook.

— Ela lhe disse por que precisava do dinheiro?

Ela não faria...

— Ela queria que eu 'a ajudasse a desaparecer'. As palavras dela, não minhas.

— E você fez isso?

— Eu dei a ela alguns milhares de dólares. Ofereci mais, mas ela não quis aceitar, depois se foi.

— E você nem pensou em perguntar para onde ela estava indo ou por que precisava do dinheiro?

— Queria que ela fosse embora, assim garantiria que Josephine não causasse muitos danos à minha campanha. Seria a palavra dela contra a minha, e todos nós a vimos. Ninguém acreditaria nela, mesmo que tentasse, não sem provas.

Soltando minhas mãos, eu o deixo cair do meu alcance sem delicadeza. Virando, olho para Jeanette atrás de nós, com a boca aberta e lágrimas nos olhos. Seus braços estão em volta dela como se estivesse tentando se proteger, e ela nem sabe a pior parte.

— Isso é o melhor, Andrew. Se Brook ficasse aqui, apenas arruinaria a reputação de nossa família e colocaria a campanha em perigo. Nós trabalhamos demais para que tudo isso seja arruinado por uma vida baixa.

— Você se ouve?! — Um segundo, é tudo o que preciso para eu voltar à sua garganta. — Que reputação? Que família? Você jogou fora minha *irmã.* Você a deixou morar com aquela maluca e agora pagou a

ela para ir embora. Ela é uma adolescente em pânico, e está em algum lugar sozinha e grávida e você a deixou ir!

Jeanette suspira suavemente, mas eu não me viro. Desta vez, nem Deus seria capaz de me parar. Recuando, deixo meu punho se conectar com o rosto dele. O som de rachaduras e minha respiração pesada enchem a sala silenciosa.

— Você vai contratar esses investigadores particulares extravagantes para encontrá-la, e vai fazer isso AGORA. E se algo lhe acontecer, juro por Deus que *vou* arruiná-lo. Você já não tem família e, quando eu terminar com você, sua reputação será destruída em tantas partes que não restará mais nada para colar.

Ele olha para mim do chão, com o nariz ensanguentado e machucado. — Isso é uma ameaça, garoto?

— Não, *pai.* — eu cuspo. — Essa é uma promessa.

— Isso é tudo tão louco. — Jeanette diz mais uma vez quando finalmente estamos de volta ao meu quarto. Ela pega a pequena bola de pelo que estava esperando por nós no meio da minha cama e a abraça com força no peito.

Ela tenta fazer uma cara forte, mas posso vê-la quebrando por baixo da superfície.

— Bem-vinda à família. — Digo secamente. Suspirando, eu vou até ela, envolvendo meus braços em volta dela e puxando-a para mais

perto. Meus lábios roçam o topo da sua cabeça, encontrando conforto em seu cheiro familiar.

— O que você vai fazer? — Ela sussurra suavemente.

— Vou conversar com um detetive particular. Tem que haver uma maneira de encontrá-la. Ela não poderia simplesmente desaparecer no ar. Se o teste for verdadeiro, deve ter ido a um médico ou algo assim, certo?

Jeanette se afasta, sua garganta balançando enquanto engole. — Temos que contar a Max.

— Talvez não seja dele.

Ela balança a cabeça teimosamente. — É dele. Se ela está grávida, é o bebê de Max.

— Droga. — Eu belisco a ponte do meu nariz, a dor de cabeça crescendo a cada segundo. — Tudo bem, vamos contar a ele, mas não antes do jogo.

— Andrew, eu não posso esconder isso dele!

— Ele é uma bomba que está prestes a explodir. Amanhã é a segunda rodada dos playoffs. Estamos a dois jogos de vencer tudo, e não importa o que ele diga, isso é importante para seu irmão. Olheiros estarão lá, e essa é sua chance de garantir uma vaga em uma das equipes da primeira divisão. — Eu tento argumentar.

Eu não gosto disso mais do que ela faz, e já sei que ele ficará feroz quando descobrir, e *vai* descobrir, mas agora precisamos priorizar.

— Além disso, talvez se esperarmos, poderemos dar-lhe algo útil, como onde diabos Brook foi em primeiro lugar.

— Tudo bem. — Jeanette incha as bochechas. — Eu não gosto nem um pouco, mas tudo bem. Vamos esperar até depois do jogo.

Capítulo Cinquenta e Seis

BROOK

Olho em volta de mim, o cheiro de anti-séptico fazendo meu estômago revirar. Não é nem o cheiro - até agora tive muita sorte quando se trata de náusea - são os nervos que não me deixam em paz.

Estou adiando esse momento o máximo que pude - afinal, se não houver confirmação do médico, não é real ou continuo me dizendo isso - mas não havia razão sadia para adiar novamente o médico. Eu não podia me dar ao luxo de ser descuidada assim, então marquei minha consulta na Planned Parenthood assim que cheguei ao meu destino.

A Sra. Brown tem uma irmã na Virgínia e ela concordou em me deixar ficar aqui por enquanto. Após nossa conversa, a Sra. Brown não quis ouvir uma palavra em protesto quando sugeriu. Tentei dizer que não, realmente, mas a mulher teve uma boa discussão e, quando ela puxou a carta do bebê, não pude forçar o protesto.

Entre o pouco que havia escondido na casa de Lia e o dinheiro que John Hill me deu, eu tinha o suficiente. Por enquanto é isso. Não era tola o suficiente para acreditar que duraria muito. Não com um bebê a caminho. Os bebês precisam de muitas coisas, algumas das quais nem sabia antes de começar a prestar atenção em tudo.

Mais de uma vez, me peguei em pânico. Porque realmente, como diabos eu devo fazer tudo isso? Sozinha não menos. O pensamento de que em breve terei a vida de outro ser humano, a vida do meu bebê, dependendo de mim, é aterrorizante. Eu não tinha certeza de que era capaz de me cuidar sozinha. Essa foi a principal razão pela qual rejeitei

a ideia de sair em primeiro lugar, e agora não era apenas a minha vida que eu estaria arruinando se errasse.

Minha respiração tenciona, e posso sentir meu coração acelerar. Agarrando a borda da mesa, me forço a respirar lenta e profundamente.

Quanto tempo tenho que esperar?

A espera, a incerteza, me matando um pouco a cada segundo que passa.

Assim que cheguei à clínica, a enfermeira tirou um pouco de sangue e fez as medições habituais e, depois de um tempo, fui chamada para a sala para esperar o médico chegar.

Há algo de errado com o bebê? É por isso que está demorando tanto?

Assim que outro ataque de pânico se aproxima, a porta se abre e uma jovem médica entra na sala.

— Senhorita Barnes? — Ela sorri suavemente para mim, usando o nome da identidade falsa que dei a eles quando me registrei.

Ela é bonita, provavelmente com trinta e poucos anos. Sua pele bronzeada é livre de maquiagem, seus longos cabelos escuros presos em um rabo de cavalo para mantê-lo longe do rosto. Vestida com as roupas azuis de sempre, ela se senta em uma cadeira ao lado da cama.

— Meu nome é doutora Perez e estarei ajudando você hoje. — Concordo com a cabeça, sem saber o que dizer. — Como esta se sentindo?

Limpando minha garganta repentinamente seca, forço as palavras. — Bem. Nervosa.

— É normal para as mães de primeira viagem.

Tenho a sensação de que ela também queria adicionar *jovens* à mistura, mas manteve isso para si mesma. Então, novamente, eu tenho certeza que ela já viu de tudo.

— Obtivemos os resultados do laboratório, o que confirmou o que você já sabia. Suponho que esteja entre sete e nove semanas de gravidez. — Minha mão voa para o meu estômago, meu coração batendo forte nos meus ouvidos, fazendo o resto de sua frase abafada. *Um bebê.* — Eu gostaria de fazer um ultrassom transvaginal para ver se tudo está se desenvolvendo como deveria e determinar exatamente quanto tempo você está.

Estou realmente tendo um bebê.

— Claro. — Eu aceno com a cabeça. Se ela me dissesse para pular pela janela, provavelmente faria isso também. Sem perguntas.

— Por favor, deite-se na cama.

Faço o que ela diz, colocando minhas pernas nos estribos enquanto a Dra. Perez aperta alguns botões da máquina, ligando-a.

— Isso pode ser um pouco desconfortável. — Adverte ela. Pegando uma varinha, ela a cobre com algo antes que desapareça por baixo do vestido que estou usando.

Eu assobio suavemente com o toque, meu estômago contraído. Parece estranho e meio delicado.

Ela nem está olhando para mim, sua única atenção na tela escura. Também olho para tela, uma carranca entre as sobrancelhas e uma sensação perturbadora no estômago, como se mil pequenas borboletas estivessem dando uma festa dentro de mim. É estranho, mas não é indesejável.

Algo muda na tela. Ainda está muito escuro, mas não completamente preto, como era antes. A médica pressiona alguns botões, aumentando a imagem em preto e branco.

— Isso... — Finalmente, ela aponta para a tela. — Este é o seu bebê.

Lágrimas caem quando olho para a pequena sombra em forma de amendoim na tela.

— E isso. — Ela se vira para mim, com um sorriso suave nos lábios. — Este é o batimento cardíaco do seu bebê.

Um *baque* rápido*, baque, baque* enche a sala. Meu coração começa a acelerar até que esteja quase no mesmo ritmo do som estridente que me rodeia. Minha mão voa, cobrindo minha boca. Eu posso sentir a umidade das minhas bochechas, mas não me preocupo em enxugar as lágrimas. São lágrimas felizes.

— Incrível, não é?

Concordo, sem palavras. Como isso é possível? Como algo tão pequeno e intangível pode me fazer sentir tanto, mas não o suficiente ao mesmo tempo?

— De acordo com suas medidas, eu diria que você está grávida de nove semanas.

Eu tento pensar em retrospecto, identificar o momento em que tudo aconteceu, mas na verdade meu cérebro está mole. A única coisa em que posso me concentrar é no som do coração do meu bebê batendo. Não é como se isso importasse. Max é a única pessoa com quem eu faço sexo desde...

— Gostaria de uma foto? — Pergunta a médica, tirando-me dos meus pensamentos sombrios. Não vou manchar esse momento pensando *nele*.

Mais uma vez, concordo com a cabeça, meus olhos ainda colados na tela. Ela aperta alguns botões e, quando termina, desliga a máquina e lentamente puxa a varinha.

Eu quero implorar para ela me deixar ouvir um pouco mais, mas seguro minha língua. Levantando-me da cama, vou para o vestiário para vestir minhas roupas antes de me encontrar com a médica mais uma vez.

— Ok, aqui estão alguns panfletos com todas as informações que você pode precisar.

Pego os papéis, vasculhando o conteúdo, quase ouvindo-a falar.

Tudo o que você precisa saber antes de seu bebê chegar.

Alimentação saudável.

Preparando-se para o bebê.

Explore Suas Opções Aqui

Eu suspiro alto quando suas mãos cobrem as minhas.

— Eu sei que isso deve ser avassalador, mas há opções. — Ela me diz suavemente.

Ela não quer dizer...

Lentamente, levanto meu olhar até encontrar seus olhos. Eles são gentis. Não julgadores. Mas não ajudam a remover a sensação desconfortável que cresce no meu estômago.

— Eu sei que isso deve ser difícil para você. Ter esse bebê sozinha, em uma idade tão jovem... Olhe para tudo isso e, se tiver mais alguma pergunta, sempre poderá vir aqui. Não há vergonha em admitir que não pode fazer isso.

Engolindo o nó na garganta, olho para baixo. O panfleto ainda está aberto. Uma palavra se destacando como um farol no escuro.

Aborto.

Minha mão agarra em torno dele, amassando o papel no meu punho. Forçando-me a levantar o olhar, dou-lhe um último olhar. — Obrigada pela ajuda.

E então eu corro.

Capítulo Cinquenta e Sete

MAX

— Ok, rapazes. — Grita o treinador, chamando todos nós. Ele olha ao redor da sala, seus olhos encontrando o olhar de cada jogador do time. — É isso. Eu sei o quão duro cada um de vocês tem trabalhado para isso. Quanto trabalho, suor e sangue foram dedicados a fazer dessa equipe o que é. O que quer que aconteça hoje no gelo, quero que saibam que tenho orgulho dos homens que vocês se toraram e de tudo que realizaram. Foi um prazer trabalhar com vocês.

Finalmente, eles pousam em mim. Sinto os nervos subirem no meu corpo. Afinal, é isso que eu tenho esperado a vida toda. Tudo me levou a este momento, este jogo.

Eu gostaria que a Brook estivesse aqui para ver isso.

O pensamento surge do nada, mas em vez de afastá-lo, eu o abraço.

— Agora vamos esmagar algumas bundas.

Todos os jogadores gritam de acordo, nossas vozes e tacos ecoando nos ladrilhos do vestiário.

— Wolves em três. — Derek chama ao meu lado. — Um. Dois. Três…

— Wolves!

É o terceiro período, e o placar está empatado com dois pontos para cada time e dois minutos e cinquenta e um segundos no relógio. Os falcões têm o disco com eles por dois bons minutos, e todas as tentativas de recuperá-lo foram infrutíferas.

Xingando baixinho, assisto quando uma das asas manda o disco para o centro, que o devolve, e o cara atira no gol.

Meu estômago está preso na minha garganta até ver nosso goleiro parar a maldita coisa de entrar em nossa rede.

— Isso foi muito perto. — Diz Derek, quando nos encontramos na linha para o confronto.

— Dois minutos. — Murmuro, mais para mim do que qualquer outra pessoa. O tempo está passando e precisamos colocar esse disco na rede.

Como sempre, sintonizo todos enquanto insultos voam para a direita e para a esquerda, meus olhos grudados no disco, vendo-o cair no gelo. Desta vez, Derek consegue arrebatá-lo primeiro e, no momento seguinte, nossa linha está se movendo pela pista.

Ele manda o disco para Andrew à esquerda, que atira para o jogador quase instantaneamente porque um dos jogadores do Hawk o ataca, seu taco fica entre os patins de Andrew, fazendo-o tropeçar.

O árbitro está entre eles quase imediatamente, anunciando a penalidade. Obrigado, porra. Hawks tenta argumentar, mas o juiz não deixa passar.

O suor escorre pela minha testa enquanto andamos sobre a linha azul e em direção ao goleiro do Hawk. Johnson, nosso homem, ainda

está nas nossas costas. Ele manda o disco para mim, e eu o pego com Hill à esquerda, ficando entre dois dos jogadores do Hawks bem a tempo de pegar o disco de Hill e atirar.

A campainha soa, sinalizando o gol.

Um minuto e trinta e sete segundos. Se conseguirmos manter as mãos no disco por pouco mais de um minuto, seremos campeões.

Se a casa de Andrew não cair hoje, nada será capaz de derrubá-la. A música está tocando tão forte que tenho certeza de que os moradores da próxima cidade podem nos ouvir. Toda vez que um Wolve entra em um dos quartos, ele é recebido com vaias e gritos tão altos que faz as paredes tremerem.

Campeões do caralho, baby.

Mesmo horas depois, ainda era difícil envolver minha cabeça em torno disso.

Decidindo que poderia respirar, saio pela porta da cozinha e entro no terraço. O ar é bom na minha pele, fresco e refrescante. A casa está cheia de gente, metade das quais nem tenho certeza se vai para Greyford.

Inclinando a cabeça para trás, respiro fundo, uma sensação de desejo me cobrindo. Puxo meu telefone do bolso de trás, olhando para minha caixa de entrada vazia. Abrindo a mensagem de Brook, começo a digitar, mas vozes abafadas chamam minha atenção.

— Temos que contar a ele!

— Vamos, mas dê a ele hoje.

Lentamente, sigo as vozes pela lateral da casa e pelos fundos.

— Eu já estou escondendo isso há muito tempo, Andrew! — *Andrew?* — Ele precisa saber.

Chegando ao terraço dos fundos, encontro Andrew e Jeanette por perto. Eu posso ver a irritação no rosto da minha irmã enquanto ela olha para o namorado.

— Ele precisa saber o que? — Eu pergunto, quebrando o joguinho deles.

Os dois se viram abruptamente, surpresos ao me ver. O pânico no rosto de Jeanette é evidente, mas ela o reprime rapidamente.

— Max! O que você está fazendo espiando as pessoas?

— Eu vim pegar um pouco de ar fresco. Está pior do que os poços do inferno lá dentro. Mas isso não vem ao caso. — Olho entre os dois, os cabelos finos na nuca subindo a cada segundo de silêncio que se estende entre o nosso pequeno grupo. — De quem você está escondendo segredos? E que segredos você está guardando?

— Max, eu... — Jeanette começa, mas Andrew a impede. Ele está na frente dela, levantando as mãos no ar.

— Foi ideia minha. Sei que deveríamos ter contado a você, mas não lamento não ter contado. Se você soubesse, teria explodido e a equipe precisava de você. Hoje mostrou isso.

Eu olho para ele, esperando por mais. — No que diz respeito a desculpas, essa é uma merda, Hill. Que porra está acontecendo?

Sua garganta palpita quando ele engole, mas não desvia o olhar. — Algumas semanas atrás, a mãe de Brook veio à minha casa.

— Mãe de Brook? — Minhas sobrancelhas franzem. O que diabos ele está falando? O que a mãe de Brook tem a ver com alguma coisa?

— Longa história, resumindo. — Ele passa a mão sobre o rosto. — Ela e meu pai transaram no passado, e agora ela está chantageando ele.

— Eu não entendo.

— Brook é o resultado do caso deles. — Explica Andrew. — Brook é minha meia-irmã.

Sinto minha boca se abrir de surpresa. Parece que eu entrei em outro universo. Brook é... a irmã de Andrew?

— Eu... eu ainda não vejo como isso tem algo a ver comigo.

— Aparentemente, meu pai ajudou Brook a desaparecer. Ele lhe deu o dinheiro, e é por isso que sua mãe estava chateada. Sem Brook, ela não pode chantageá-lo por mais.

— Mas essa não é a única coisa. — Isso vem de Jeanette. Ela dá um passo em torno de Andrew, segurando a mão dele.

Eles trocam um olhar longo e preocupado antes de voltar sua atenção para mim. E eu sei, simplesmente sei o que eles estão prestes a dizer que vai mudar tudo.

— Brook está grávida, Max.

Todo o ar sai dos meus pulmões. — Isso é impossível. — Digo, balançando a cabeça. — Ela teria me dito. Perguntei a ela, depois do acidente, ela teria me contado.

Jeanette se aproxima, com tristeza e preocupação escrita em seu rosto. — Quando ela veio à casa de Andrew, Josephine entregou um teste. Era positivo.

Eu tropeço para trás, minha cabeça pulsando enquanto ofego por ar.

Eu perguntei a ela e me disse que não. Eu perguntei a ela, e ela... Brook *mentiu* para mim.

Capítulo Cinquenta e Oito

BROOK

Mordiscando meu lábio inferior, olho para o papel ofensivo colocado no fundo da minha cama de solteiro. Afastei-me o mais longe possível sem realmente cair da cama, minhas costas pressionadas contra a cabeceira de madeira.

Eu deveria ter jogado fora.

Então por que você não fez?

Eu gostaria de saber.

Ah você sabe. Você é covarde demais para admitir.

— Ugh. — Passando a mão pelo meu cabelo solto, deixo minha cabeça cair para trás. A dor irradia através de mim quando se conecta à parede, mas eu a ignoro, feliz por calar as vozes irritantes na minha cabeça.

Suspirando, olho ao redor da sala. É um pequeno quarto de hóspedes com apenas uma cama de solteiro coberta com roupa de cama branca, uma mesa de cabeceira e um pequeno closet com espelho por cima. Não que eu precise de muito mais que isso.

Mas seu bebê sim.

E aí está, o pensamento mais aterrorizante de todos. É fácil não precisar de muito quando você está acostumada a ter tão pouco, mas e o bebê? Ele vai precisar de mais. Inferno, ele *merece* mais. E eu...

engulo em seco, com a tensão nos meus ossos. Não tenho certeza se posso dar a ele.

Levantando minha camisa um pouco, deixo minha mão deslizar por baixo, tocando a pele quente e macia do meu estômago. Ainda era difícil entender que há um bebê crescendo dentro de mim. Alguém que precisará de mim para sobreviver. Alguém que vai depender de mim para cuidar dele. Como devo fazer isso quando não consigo nem cuidar de mim? Quando eu mal estou sobrevivendo? Vivendo sob o teto de outra pessoa.

O panfleto amassado zomba de mim, me desafiando a pegá-lo.

Existem opções.

Meu corpo inteiro estremece, mas não desvio o olhar. Lentamente, eu desembaraço meus membros, minha mão pegando o papel.

Há um peso no estômago pesado e inquietante, mas mesmo isso não me impede.

Não há vergonha em admitir que você não pode fazer isso.

Abro o pequeno folheto, minhas mãos tremendo tão vigorosamente que é difícil de ler. Aumentando meu aperto no papel, meus dentes cavam na carne macia do meu lábio a ponto de sentir dor enquanto forço meus olhos a absorver as palavras na minha frente.

Quando a Dra. Perez disse que eu tinha opções, sabia o que ela queria dizer. Só porque não pensei nelas a princípio não significa que não tenho noção. Mas ouvir as palavras dela trouxe os pensamentos que eu empurrei para o fundo da minha mente.

Aborto.

Adoção.

Uma risada estrangulada arranca dos meus pulmões.

Quem teria pensado que toda a minha vida poderia caber nessas duas palavras. Minhas *opções.*

Por que não existe uma opção para ser feliz? Ser capaz de ter esse bebê e dar a ele tudo o que ele precisa? Por que sempre tem que ser tão difícil ter o que eu quero? Verdadeiramente, profundamente?

Limpando minha bochecha, sinto a umidade da minha pele.

Há palpitações no meu estômago, tão suaves que mal são perceptíveis, mas não posso deixar de esfregar minha mão sobre ele.

Meu bebê.

— Eu quero te dar tudo o que você merece. — Eu sussurro, olhando pela janela para a escuridão da noite. — Quero te dar tudo, mas acho que nunca vou conseguir. E você merece mais.

Sem fôlego, olho para o prédio de tijolos à minha frente, a placa branca e azul me provocando.

Engulo em seco, um tremor percorre todo o meu corpo, embora minha pele pareça corada. Meu peito aperta dolorosamente, e quando coloco minha mão no meio para afastar a dor, posso sentir a batida irregular do meu coração.

Thump. Thump. Thump.

Imponente e avassaladora, ressoa nos meus ouvidos, dificultando o pensamento.

Fechando os olhos, tento recuperar o controle. *Concentre-se em uma coisa de cada vez.* Mas quando meu mundo nubla-se na escuridão, a única coisa que sinto é o calor.

Estava tão quente há um minuto atrás?

Puxando a gola da minha camisa, tento respirar.

Respira e inspira. Agradável. Firme. Respira e solta.

Tudo vai dar certo, mas primeiro você tem que se acalmar. Respire, Brook. Apenas respire.

Mas não importa quantas vezes eu tente dizer a mim mesma que tudo ficará bem, isso não muda nada porque sei a verdade. Nada nunca vai ficar bem. *Nunca.*

Lágrimas queimam nos meus olhos. Parece que hoje em dia é a única coisa que posso fazer: chorar. Lágrimas de desespero, raiva, solidão. Lágrimas de coração partido. Para mim. Para Max. Mas acima de tudo, para este bebê que não fez nada para merecer a vida que foi dada.

Feito isso, eu abro meus olhos, mais uma vez olhando para o prédio na minha frente. Uma a uma, lágrimas começam a cair pelas minhas bochechas, um soluço trêmulo rasgando meus pulmões.

Minha mão desliza para baixo, pousando no meu estômago ainda plano.

Isso não está bem. Não é justo.

Mas a vida nunca é justa. E eu deveria saber disso melhor do que ninguém. Era bobagem acreditar que poderia ter sido diferente. Ansiando esperar encontrar minha felicidade. Como sempre, a vida me deu uma amostra, apenas para tirar tudo e esmagar tudo o mais no processo.

Sem me preocupar em enxugar minhas lágrimas ou esconder minha dor, ando em direção à entrada. Se nada mais, vou fazer isso direito, mesmo que isso me rompa no processo.

Eu gostaria que as coisas pudessem ser diferentes.

Mas a dura verdade é que elas não são.

Capítulo Cinquenta e Nove

MAX

Caro Sr. Sanders,

Temos o prazer de informar que você foi aceito...

Eu pisco, e depois pisco mais um pouco, pensando que, se piscar o suficiente, as letras olhando para mim de alguma forma mudarão, mas não importa quantas vezes o faça, elas permanecem as mesmas.

Deixando a carta cair no balcão da cozinha, esfrego a mão no rosto, os dedos cravando no couro cabeludo.

— O que você está fazendo?

Lentamente, eu me viro, encontrando Jeanette encostada na porta, aquele pequeno animal dela escondido em seus braços.

Sem dizer uma palavra, inclino o queixo na direção da carta que deixei descartada. Dando-me um olhar curioso, ela entra, pegando o papel na mão. Eu posso ver seus olhos se moverem sobre a página com uma velocidade que só consigo imaginar. Cinco segundos depois, ela grita alto e se joga - e o cachorro - em mim com tanta força que preciso envolver as duas mãos em volta dela para impedir que nós três caiamos.

— Oh meu Deus, Max! Isso é incrível! Universidade de Boston. — Ela se afasta apenas o suficiente para poder me olhar, seus olhos cinzentos brilhando de lágrimas. — Eu sabia que você poderia fazer isso! Eu simplesmente sabia disso.

— Ei, não chore...

— Eu não estou chorando. — Ela protesta, mesmo que as lágrimas agora estejam escorrendo por suas bochechas. Rindo desconfortavelmente, Jeanette sai do meu alcance, limpando as lágrimas com a mão livre. — Isso apenas... Isso me atingiu. Não estaremos juntos no próximo ano.

Eu aceno com a cabeça em compreensão. Apenas algumas semanas atrás, ela recebeu outra de suas cartas de aceitação e finalmente decidiu a Carnegie Mellon School of Music, onde poderá continuar fazendo o que ama e ao mesmo tempo estar perto de Andrew, que foi admitido em Penn State. E comigo indo para Boston, será a primeira vez em dezoito anos que nos separaremos.

Colocando minhas mãos em seus ombros, eu a aperto de forma tranquilizadora. — Eu sempre estarei a um telefonema de distância.

— Eu sei. — Ela sorri através das lágrimas. — Me ignore! Devíamos celebrar. Eu vou pegar...

Suas palavras cessam quando ela corre para pegar o que quer que esteja pensando. Meus olhos caem na carta de aceitação.

Eu tenho trabalhado para isso a minha vida inteira. Forcei minha bunda o ano todo, malabarismo com hóquei e escola. Eu deveria estar feliz. Em êxtase mesmo. Mas tudo o que sinto é vazio.

Vazio porque a única pessoa que queria correr e contar, a única pessoa que é basicamente responsável por eu entrar na faculdade, não está aqui. E não sei onde encontrá-la. Todas as mensagens que enviei foram deixadas sem resposta; todas as ligações foram direto para o correio de voz. Buscar no Google o nome dela mostrou-se inútil, assim como chamar todas as Brook Taylors na lista telefônica.

O buraco no meu estômago cresce.

Puxando meu telefone, olho para a série de mensagens não respondidas que enviei a ela desde que se foi. De preocupado a zangado de volta a preocupado, finalmente, implorando. Minha vida tem sido uma montanha-russa de emoções, e ainda não tenho certeza de que dei um jeito nelas, mas neste momento, só quero vê-la. Quero abraçá-la e preencher esse vazio que só cresce desde que ela partiu. Nada mais importa.

A dor no meu coração toma conta quando me lembro de cada momento que passamos juntos. Meus olhos caem para a carta novamente, e posso vê-la claramente pulando nos meus braços quando disse a ela que obtive minha pontuação mais alta desde que ela me ajudou, meus dedos coçando para enviar outra mensagem.

Ela ficaria feliz por mim. Orgulhosa.

— Encontrei! — Jeanette diz, triunfantemente erguendo a garrafa de uísque. É um dos melhores do nosso pai.

Olho por um segundo, guardando meu telefone. — Que diabos.

Se não consigo apagar esse vazio, posso pelo menos entorpecê-lo com álcool.

ANDREW

Um zumbido constante me tira do meu estupor. Eu respondo a maldita coisa com um grunhido quase inteligível.

— Eu a encontrei. — As palavras que estou esperando ouvir há semanas me fazem pular da cama com mais eficiência do que um balde de água fria jamais poderia.

Ele a encontrou.

— Envie-me o endereço por texto. — Murmuro, já vestindo algumas roupas.

Estou prestes a desligar para terminar de me arrumar quando suas próximas palavras me param completamente. — Há um problema.

Passando a mão pelo rosto, suspiro. — O que agora?

— Demorei um pouco, mas descobri por que ela desapareceu.

— Por quê? — Eu grito, realmente não me importando. Ele sabe onde está Brook e, de um jeito ou de outro, vou para lá, onde quer que *esteja*, e a traga de volta.

— Parece que sua mãe, que por sinal é um acidente de trem esperando para acontecer, acumulou uma dívida bastante pesada. O cara foi para Brook e fez alguns comentários.

— Você quer dizer ameaças. — Eu esclareço, minha mão cerrando um punho ao meu lado.

— O cara garantiu que ela entendesse que ele estaria coletando o dinheiro de uma maneira ou de outra.

Porra, inferno.

Não é de surpreender que ela tenha decidido fugir. Não depois do que vi da mãe de Brook.

— Lide com isso. — Digo. Eu não estou tendo aqueles filhos da puta no caminho de levar Brook de volta para casa. Não depois que a encontrei. — Ambos.

Não me incomodando em esperar por sua resposta, desligo. Segundos depois, meu telefone emite um bipe com o endereço.

É hora de fazer uma visita à minha irmã.

MAX

— Eu realmente não acho que é... — Eu posso ouvir a voz fraca de Jeanette do corredor. Ela não consegue terminar a frase antes que a porta se abra, Andrew entrando com minha irmã nos calcanhares.

Pelo canto do olho, posso ver o rosto cansado de Jeanette, mas eu os ignoro, concentrando-me nos meus movimentos.

— Se limpe.

Uma toalha cai na minha cabeça, obscurecendo minha visão. Irritado, eu tiro com tanta força que voa para o outro lado da academia.

— Que porra é essa, cara? — Eu pergunto, ainda irritado com ele por guardar segredos.

Olhos verdes e duros olham para mim, determinação escrita em todo o rosto. — Eu preciso te escrever um convite especial? Mexa sua bunda, Sanders.

— Onde está o fogo? — Olho entre os dois antes de pegar a toalha para secar meu rosto suado.

— Nós a encontramos. — Andrew sussurra como se dizer essas palavras mais alto iria estremecer. — Encontramos Brook.

— Você acha que ela... — Engulo em seco, incapaz de fazer a pergunta que está me incomodando desde que Brook saiu.

— Ela foi embora porque achou que não tinha outra escolha, Max. — Andrew está se concentrando na estrada à sua frente, mas posso ver seus dedos apertando o volante com mais força. — Entre a mãe dela tentando usá-la para conseguir dinheiro para mais drogas e, ao mesmo tempo, acumulando dívidas, e meu pai não dando a mínima para ela...

Ela deveria ter ficado por mim. Não a mãe ou o pai dela, *eu.*

Mas o pensamento deixa um gosto ruim na minha boca. Não tenho o direito de exigir nada, esperar algo dela, porque não sou melhor que os pais dela. Desde o início, a única coisa que fiz foi tornar a sua vida ainda mais complicada. Usando-a para esquecer Lia, empurrando e pegando até que não houvesse mais nada para dar. Eu exigi e tomei, nem uma vez me perguntando o preço que ela tinha que pagar por me ajudar. Como isso a afetava. E quando ela precisou de mim, a afastei porque não era homem o suficiente para enfrentar as consequências de minhas ações.

— Eu deveria ter feito alguma coisa. — Digo, nem mesmo capaz de olhar para ele. *Irmão* de Brook. Eu dei a ele tanta merda quando descobri sobre seu relacionamento com Jeanette. Advertindo-o para ficar longe. Se isso não é justiça divina, não sei o que é. — Mas eu estava muito preso no meu próprio mundo para perceber que ela precisava de mim.

Ele balança a cabeça. — Sim, você foi um idiota, mas não é só você. Todos nós erramos. Nunca pedimos mais, nunca quisemos saber o que estava acontecendo em sua vida. Pelo amor de Deus. — Ele passa os dedos pelos cabelos. — Josephine pegou o dinheiro dela, então Brook teve que ir *pedir* a John que lhe desse o que deveria ter sido dela para começar. Ela nem quis levar a quantia que Josephine exigia para ficar quieta, apenas o mínimo necessário para que pudesse sobreviver.

Sobreviver... Brook está sempre sobrevivendo, nunca vivendo. Ela estava bem? E o...

Afasto o pensamento, não querendo pensar nisso. Eu joguei esse jogo de adivinhação desde o momento em que ela saiu, há semanas, já não aguentava mais, então me concentrei em outra coisa.

— Ainda não está falando com o seu velho?

Seus lábios pressionam em uma linha tensa, uma expressão dura se estabelecendo em seu rosto. — E eu não pretendo. O que ele fez foi fodido. Ele sabia como era Josephine, mas ainda assim, tentava encobri-la para salvar sua própria bunda. Ele pagou sua própria filha para desaparecer para que pudesse deixar sua imagem completamente limpa e prosseguir com sua campanha política como se nada tivesse acontecido.

Andrew saiu da casa do pai no mesmo dia em que ele e Jeanette vieram me contar o que descobriram. Ainda é difícil acreditar que Brook e Andrew sejam irmãos. Bem, meio-irmãos. Quais são as chances disso, realmente? Vivendo a vida inteira na mesma cidade, frequentando a mesma escola, mas sem saber...

Essa revelação colocou muitas coisas em perspectiva. Como o fato de a mãe de Andrew realmente ter razões para se livrar da bunda do Sr. Hill. De acordo com Jeanette, o relacionamento de Andrew com sua mãe ainda estava tenso, mas eles estão lentamente trabalhando nisso. Ela chegou a oferecer para Andrew ficar em sua casa, mas ele não aceitou.

— Você ainda está no Derek?

Derek e seus pais ofereceram a Andrew um lugar para ficar até que as coisas se resolvessem. Jeanette queria que ele ficasse em nossa casa, mas é claro, mamãe não estava com ela. Desde o acidente de Jeanette, mamãe está mais presente em nossas vidas e isso significa disciplina e

limites. E isso não incluía ter o namorado da filha dormindo no quarto de hóspedes no corredor.

— Sim, mas agora que Brook está voltando...

Ele disse isso com tanta certeza, como se não houvesse outra opção. Na sua cabeça, Brook está voltando para casa conosco. Mas e se ela não voltar? E se ela encontrou uma vida, encontrou a felicidade em algum lugar longe de Greyford, longe de todo o drama, longe de *mim*?

Meu peito aperta dolorosamente, e Andrew tem que sentir isso de alguma forma, porque ele me dá um rápido olhar de segurança.

— Ela está voltando para casa conosco. Ela pensou que não havia motivo para ficar, que não era procurada, mas é. Todos nós a queremos de volta. Lia e Jeanette, eu, você... Nós apenas temos que mostrar a ela. Mostrar que há mais esperando por ela em Greyford do que o maldito drama que aconteceu no ano passado. Mostrar a ela que não está sozinha em tudo isso.

— Você acha que ela realmente está...

Não preciso terminar a pergunta porque ele já sabe. Se alguém sabe como estou me sentindo, é ele.

— Eu não sei, cara. — Eu posso ver a dor em seu rosto, mas assim que pisco, ela se foi. — Depois de tudo que houve com Jeanette... eu simplesmente não sei.

Bem, acho que isso faz dois de nós.

— Para quem você está indo: Brook ou o bebê?

— Eu... — Abro minha boca, mas nenhuma palavra sai.

— Porque se é só por causa do bebê, porque quer fazer a coisa *certa*, vou abandonar sua bunda agora e buscá-la sozinho. Brook merece mais

do que um idiota a forçando a fazer algo apenas para ser um herói. Se você não é o homem que ela precisa...

Andrew não termina sua frase; ele não precisa. De um jeito ou de outro, Brook merece alguém melhor que eu. O que não tenho certeza é: estou disposto a deixá-la ir?

— Você tem certeza que é aqui? — Olho para Andrew por cima do capô do carro.

Foi uma viagem longa de Greyford até o meio do nada, na Virgínia. Quem diabos corre para a Virgínia de todos os lugares? Brook fez.

Andrew olha para o telefone antes de levantar o olhar para encontrar o meu. — Este é o lugar onde o detetive particular de John disse que a encontraríamos.

Ele inclina o queixo na direção da casa do outro lado da rua. Eu penso, tentando descobrir por que ela viria aqui. Não há nada de especial nisso. É apenas uma casa comum de dois andares em uma pequena cidade de Virginia Beach. A varanda da frente é coberta de flores e há um balanço movendo lentamente com a brisa do oceano.

— Acho que só há uma maneira de descobrir.

O som da porta do carro se fechando ecoa pela rua silenciosa. Andrew trava o carro e caminhamos lentamente até a porta da frente.

A cada passo, posso sentir meu coração acelerar um pouco, até que fique totalmente debilitado. Meu peito aperta até o ponto em que é difícil

respirar. Seco minhas mãos suadas contra os lados das minhas pernas, apertando os dedos.

É isso. Mais alguns passos, logo atrás daquela porta...

Andrew vira a cabeça para o lado e os olhos verdes que agora conheço combinam com o olhar de Brook para mim. Suas pupilas estão dilatadas, então eu sei que ele deve sentir algo semelhante também. Desde que descobriu, ele fez sua missão encontrar Brook e trazê-la de volta para casa, e agora ela está aqui, logo atrás daquela porta, e tanto quanto eu quero vê-la, *tocá-la*, também estou receoso.

E se esta não for a nossa Brook? E se for outra pessoa e essa viagem foi por nada? Mas um pensamento ainda mais aterrorizante me pega... E se essa for a nossa Brook, mas ela não quiser voltar?

Com a respiração presa nos pulmões, eu observo Andrew levantar a mão e pressionar a campainha. O som ecoa na minha cabeça repetidamente, uma repentina onda de calor passando pelo meu corpo. Mudando meu peso de uma perna para a outra, puxo a gola da minha camisa na esperança de que isso me ajude a respirar mais facilmente.

Um som fraco de passos se aproxima do outro lado da porta. Leve e sem pressa.

Por que diabos leva tanto tempo?

A porta se abre.

— Como posso ajudá-los?

Capítulo Sessenta

BROOK

Com a ponta do pincel enfiada entre os dentes, olho criticamente para a tela à minha frente. Inclinando a cabeça para o lado, esfrego o pescoço rígido, na esperança de aliviar a pressão. Os últimos dias eu tenho dormido uma merda, e isso mostra. A pressão para terminar essas peças e enviá-las para a Sra. Brown está me afetando.

Por que diabos eu concordei com isso de novo?

Porque ela era a única pessoa que poderia ajudá-la e você não estava em posição de barganhar.

Antes de me deixar partir, a Sra. Brown me fez prometer ficar na casa da irmã pelo tempo que eu precisasse, até que pudesse ficar de pé e deixá-la vender minha arte para me ajudar com o dinheiro. Dizer que eu era cética é um eufemismo, mas a sua amiga da galeria conseguiu vender as peças que enviou e agora queria mais.

Estreitando os olhos, mergulho a ponta do pincel em uma paleta e bato suavemente na tela, adicionando um pouco de cor aqui e ali até ficar satisfeita com o resultado final. Dando um passo para trás, dou uma última olhada na pintura. Assentindo em aprovação, deito a paleta e guardo, olhando pela janela aberta.

Era tão fácil me perder na minha arte e perder a noção do tempo. E como não havia um relógio no ateliê e meu telefone estava desligado desde que deixei Greyford, poderia levar horas.

Meu estômago ronca quando olho o sol do final da tarde. Rindo, esfrego minha testa suada antes de minha mão pousar no meu estômago.

Eu acho que é hora de comer.

Ao descer as escadas, penso em todas as coisas que ainda tenho que fazer antes de enviar as pinturas para a Sra. Brown. Ela insistiu que eu os enviasse para que ela pudesse participar da competição. Não que eu me importasse muito. A única razão pela qual concordei em primeiro lugar é por causa do possível dinheiro que poderia obter com isso. O dinheiro de que tanto *preciso,* porque trabalhar em meio período em uma livraria não está ajudando. Por enquanto, tive a sorte de poder ficar com a irmã da Sra. Brown, mas sei que não posso ficar aqui para sempre. Esta é apenas mais uma parada na estrada. Para onde exatamente, não tenho certeza.

Você poderia voltar. Você poderia ligar para Lia e...

Balanço a cabeça, descartando o diabo sussurrando no meu ouvido. Não há como voltar para Greyford, não do jeito que deixei as coisas. Não com todos os segredos e...

— E quem você é? — Ouço a Sra. Perry, irmã da Sra. Brown, perguntar lá de baixo.

Eu continuo descendo, ainda meio imersa em meus pensamentos.

— Eu sou irmão dela e isso é...

Aquelas palavras, essa *voz*, me tiram disso. Eu levanto minha cabeça, parando no ponto ao qual tenho uma visão clara da porta da frente, mas então uma das escadas range alto, não importa o quão suavemente eu pise nela.

Todas as cabeças se viram para mim, mas *ele* é o único que vejo.

Max.

Eu paro morta no meu caminho, minha mão segurando a grade e segurando-a por uma vida querida enquanto minha boca fica aberta de surpresa.

O que diabos ele está fazendo aqui?

Meu coração está batendo tão alto, o som ecoando em minhas veias quando meus pulmões se fecham, impedindo-me de inalar. Um som sufocado sai quando tento respirar.

Ele não deveria estar aqui. Ele deveria estar de volta a Greyford, terminando o último ano do ensino médio e fazendo as malas para ir para qualquer universidade em que entrou, onde ele terá uma carreira estelar de hóquei e sairá para jogar hóquei profissional como sempre quis.

Então por que ele está aqui?

Nossos olhos ficam colados um ao outro. Não estamos piscando. Nem respirando.

É como se estivéssemos presos.

Preso no tempo e no espaço, incapaz de se mover. *Não querendo se mover.* Porque no momento em que o fizermos, o feitiço será quebrado, nossas vidas serão destruídas e nada será o mesmo novamente.

Então nós bebemos um ao outro dessa maneira, é a última chance que teremos.

Então seus lábios se movem, um sussurro doloroso saindo deles. Apenas uma palavra, apenas um som, carregando muita dor de cabeça, muita dor. O meu nome.

— Brook.

Ele ondula através do meu corpo, me sacudindo até o centro. Faz semanas. *Semanas* desde a última vez que olhei para ele. Semanas desde que ouvi o som de sua voz. Semanas desde que senti seu toque. E é como se uma palavra desencadeasse tudo dentro de mim. A *dor* é tão forte, que consome, e se eu não me segurar na grade, me deixara de joelhos.

Todos os sentimentos que tenho lutado, sentimentos que pensei ter conseguido me afastar e esconder em algum lugar dentro de mim - porque não sou tola o suficiente para acreditar que eles realmente se foram - agora estão de volta com força total.

Tanta coisa para fazer melhor.

— O-o que você está fazendo aqui? — Eu gaguejo em voz baixa.

Quando deixei Greyford naquele dia, deixei-me chorar todas as lágrimas, mas depois decidi que tinha terminado. Chega de chorar. Pare de pensar demais. Pare de desejar que as coisas sejam diferentes. Elas são o que são, e não há como mudar isso. Então, quando a última lágrima caiu, eu limpei minhas bochechas e empurrei todos esses pensamentos e sentimentos para longe. Tranquei-os na caixa, desliguei o telefone e não me aproximei de nenhum deles. Foi melhor assim. Mais seguro.

Embora meus olhos estejam colados aos de Max, pelo canto do olho, posso ver a Sra. Perry olhar entre nós.

— Vou dar a vocês um momento.

Concordo com a cabeça distraidamente, ainda tentando entender o que está acontecendo aqui. Max está aqui. Na Virgínia. Na casa da Sra. Perry. Ele veio aqui me procurar. Não havia outra explicação.

Ele veio aqui *me* procurar.

A porta nos fundos da casa se fecha, sinalizando que estamos sozinhos.

Eu engulo, forçando meus dedos a se soltarem do aperto da morte para que possa descer as escadas, embora prefira correr de volta e me trancar no meu quarto. Mas isso não é realmente uma opção.

Logo quando chego ao chão, meus olhos captam a visão da segunda pessoa.

— Andrew, o que...? — Minhas sobrancelhas franzem em confusão.

Eu sou o irmão dela.

As palavras que ouvi finalmente fazem sentido, me atingem. *Ele sabe*. Andrew sabe sobre seu pai e Josephine. Provavelmente sabe da chantagem de Josephine e do dinheiro que seu pai me deu.

Minhas mãos fecham os punhos ao meu lado enquanto eu desvio o olhar. Não posso olhar para ele, porque se o fizer, verei o que pensa e não estou pronta. Não estou pronta para enfrentar a verdade. Não estou pronta para enfrentá-lo. Meu *irmão*.

Deus, isso é uma bagunça. Uma bagunça grande e feia. Tudo o que tentei evitar que acontecesse saindo se tornou realidade e agora tenho que lidar com as consequências.

Eu posso ouvir passos se aproximando, mas não olho para ver quem é. Andrew ou Max, não importa, porque não havia uma escolha segura. Os dois meninos são igualmente perigosos para mim, apenas de maneiras diferentes.

Ele para na minha frente e uma mão desliza por baixo do meu queixo, me cutucando para levantar a cabeça e encará-lo.

Não seja covarde, Brook.

Engolindo em seco, eu me forço a fazê-lo. Olhar para a pessoa diante de mim.

Olhos verdes encontram os meus. Os mesmos olhos que eu tenho visto no espelho a vida toda, mas nunca sabendo de onde eles vieram. Até recentemente. Mas sendo forçada a olhar para eles agora, fico pasma.

Como eu não vi isso antes?

Nenhum de nós diz nada. Ele está me bebendo, quase com fome. Espanto e admiração se misturam em seu rosto enquanto observa cada centímetro meu e me pergunto se o olho da mesma maneira.

O silêncio se estende entre nós quase desconfortavelmente, enquanto apenas nos encaramos, procurando outros pequenos detalhes que poderíamos ter perdido ou simplesmente ignorado, descartando-os como desnecessários.

Seu polegar roça minha bochecha e, quando ele a afasta, vejo uma mancha de tinta verde nele antes que caia de volta para o lado dele.

— Eu sei. — Ele murmura, finalmente quebrando o silêncio, sua voz carregada com tantas emoções que parece um soco no meu estômago. — Gostaria de ter sabido antes, mas sei agora.

— Você acha que isso teria mudado alguma coisa? — Eu sussurro.

Não há ressentimentos, acusações, apenas admiração. Fiz a mesma pergunta repetidamente desde que descobri. Teria mudado alguma coisa se ele soubesse? Se nós dois soubéssemos? Andrew mudou muito nos últimos meses, mas o cara que ele era naquela época... não tenho tanta certeza. A menininha de cinco anos que ainda mora em algum lugar dentro de mim queria que as coisas tivessem terminado de maneira diferente, mas a mulher adulta que sou agora sabe que não faz

sentido pensar no passado. A situação se desenrolou do jeito que aconteceu, e a única coisa que podemos fazer é seguir em frente.

Andrew passa a mão pelo rosto e pelos cabelos. — Eu... eu não sei, Brook. — Meus olhos se fecham por um segundo enquanto absorvo suas palavras. — Quero acreditar que as coisas teriam terminado de maneira diferente. Que eu teria feito a coisa certa.

Diante dele, ofereço um pequeno sorriso de entendimento. — Eu também quero acreditar nisso. — Digo baixinho, apreciando sua honestidade.

— Mas eu vou fazer direito por você agora, Brook. — Suas mãos se unem, travando os dedos juntos. A respiração fica presa nos meus pulmões enquanto encaro seu rosto intenso e determinado. — Venha para casa conosco. Me dê uma chance de ser o irmão que você merece.

— Eu... — Minha garganta balança quando tento engolir todas as emoções aninhadas dentro. — Eu não estou...

Meus olhos disparam sobre seu ombro e se fixam em Max. Ainda lá. Ainda observando. Ainda esperando.

Andrew percebe minha distração, um sorriso conhecedor curvando seus lábios.

— Acho que devo deixar vocês dois para conversar, mas, Brook? — Suas mãos apertam as minhas suavemente, atraindo minha atenção de volta para ele. — Não importa o que aconteça entre vocês dois, você *está* voltando para casa comigo. Não aceito não como resposta.

— Andrew... — Eu falo, não pronta para me render. — Voltar a Greyford... — Balanço minha cabeça, nem mesmo sabendo por onde começar. Quando saí de Greyford, a merda estava prestes a atingir o ventilador. — Isso vai irritar muita gente, começando com seu pai. Mais do que isso, nem tenho certeza de que posso fazê-lo. Não com...

— Não importa. — Ele insiste teimosamente. — Que ele fique chateado. O imbecil merece isso. As meninas sentem sua falta, e eu... não quero ter mais arrependimentos na minha vida. Eu *quero* você de volta, e te prometo, nunca estará sozinha novamente. Seremos você e eu, mana. Você e eu.

Lágrimas se acumulam nos meus olhos com suas palavras. A esperança, aquela cadela traidora, floresce no meu peito. Eu posso ver que Andrew é honesto; está escrito em todo o rosto dele. E uma parte de mim quer, tudo o que ele disse, mas a outra parte, a parte *razoável,* sabe de maneira diferente. Porque quando ele descobrir, quando os dois descobrirem meu segredo, minha *traição*, não pensarão o mesmo.

Balançando a cabeça para acalmá-lo, mas sem dizer nada, deixo meus olhos vagarem mais uma vez para o cara parado atrás das costas.

Andrew quebra nosso vínculo. — Eu estarei lá fora.

Mas antes que ele saia, ele se inclina para mais perto, para que apenas eu possa ouvi-lo. — Dê uma chance ao cara. Ele tem sido um desgraçado miserável desde que você se foi.

Sem esperar pela minha resposta, ele caminha ao meu redor e para os fundos da casa na direção em que a Sra. Perry desapareceu. O som da porta se fechando atrás dele de alguma forma soa final, deixando-me sozinha com a última pessoa que eu pensei que veria novamente, mas a que mais queria ver, no entanto.

Capítulo Sessenta e Um

MAX

A porta se fecha atrás de Andrew, me deixando sozinho com Brook.

Minha Brook.

Vê-la pela primeira vez em semanas trouxe de volta tantas emoções, fiquei sem palavras. Fiquei realmente feliz por Andrew estar comigo, tomando a iniciativa de falar com ela primeiro e me dando tempo para entender o fato de que *nós encontramos ela.* Depois de pensar demais e ficar preocupado, ela estava aqui, e eu não conseguia tirar os olhos dela porque, se o fizesse, ela poderia desaparecer mais uma vez.

Quando o pai de Andrew contratou o detetive particular e nós nos encontramos com ele, fornecendo todas as informações que poderiam ajudá-lo a encontrar Brook, ele foi brutalmente honesto conosco, dizendo que as chances de encontrar uma garota fugitiva como Brook eram escassas. Ela desligou o telefone, não usou cartão de crédito e não tinha família para falar. Era praticamente impossível de rastrear.

Mas Andrew nunca perdeu a esperança, algo que não posso dizer por mim. Quando ela saiu, eu estava com raiva. Com raiva dela, com raiva de mim mesmo, com raiva da vida. Jeanette acabara de sofrer um acidente, e pensamos que ela estava grávida, apenas para saber que não estava, de fato, grávida. Algo sobre um teste de gravidez falso positivo. Como diabos é possível algo assim no século XXI? E então tudo sobre o papai foi revelado. A traição, ele pedindo a Jeanette que ficasse quieta, como tudo isso a afetou por acabar no hospital. E em

toda essa bagunça, lembro-me de Brook ter vindo falar comigo, mas estava muito entorpecido para prestar atenção nela, e então ela foi embora. Não que eu possa culpá-la por isso. Quando precisei dela, ela estava lá, mas quando ela precisou de mim, lhe dei as costas. Quem faz algo assim? Aparentemente eu.

E algumas semanas depois, a merda atingiu o ventilador novamente. Josephine Taylor invadiu a casa de Hill, gritando e causando confusão, exigindo saber onde estava Brook e revelando mais segredos. Entre os Hills e Sanders, tivemos segredos suficientes para encher o Atlântico. Era isso, ou havia mais coisas, mais segredos, dos quais não tínhamos conhecimento?

Afastando os pensamentos sombrios, deixo meus olhos vasculharem seu corpo. Ela parece bem. Todo aquele cabelo escuro puxado sobre a cabeça em um coque bagunçado. Seu rosto sem maquiagem, coberto de traços de tinta, tem um brilho natural. Ela está usando um vestido branco que também tem tinta. É muito grande e cai até o meio da coxa com perneiras pretas espreitando por baixo.

Linda e definitivamente *não* grávida.

— Você parece... — Eu começo, mas minha voz soa toda estridente, como a de um garoto de doze anos, então limpo minha garganta antes de continuar. — Bem. Você parece bem.

Eu me encolho com minhas palavras. Ótimo, Casanova, ótimo. Você pode ser mais óbvio?

Mas ela não deveria estar grávida? Andrew disse que viu o teste. Foi positivo. Talvez seja muito cedo para aparecer? Eu tento fazer matemática mental, mas a verdade é que eu não tenho ideia de quando a mulher deve crescer a barriga. Talvez seja muito cedo. Ou talvez o teste dela estivesse errado como o de Jeanette...

Para quem você está indo: Brook ou o bebê? Porque se é só por causa do bebê, porque quer fazer a coisa certa, vou largar a sua bunda agora, e busca-la sozinho... Brook merece mais do que um idiota a forçando a fazer algo apenas para ser um herói. Se você não é o homem que ela precisa...

As palavras anteriores de Andrew ecoam em minha mente. Forçando-me a respirar fundo, afasto minhas preocupações. Ele tem razão; Brook merece melhor. E com bebê ou não, eu estou aqui por ela.

As bochechas de Brook ficam vermelhas sob meu olhar atento, e é preciso tudo o que tenho para não estender minha mão e escovar a mancha vermelha de sua bochecha.

— As coisas estão... melhores desde que cheguei aqui, mais calmas.

Eu aceno com a cabeça em compreensão, embora tudo em mim se revolte com a ideia. Mais calma? O que diabos isso significa? Ela quer ficar? Quer ter sua vida calma e sem drama longe de Greyford? Longe de todos nós? Ela está feliz aqui?

Quero bombardeá-la com todas as perguntas, mas me contento com um simples: — Você gosta daqui?

— É bom. — Ela encolhe os ombros, o delicado movimento de seus ombros fazendo a roupa muito grande balançar com o movimento. — Sra. Perry tem sido muito gentil em me deixar ficar até eu descobrir o que fazer a seguir.

— Então você não vai ficar?

Ela não vai ficar. Eu quero expirar aliviado. Se esta é apenas uma parada na estrada, talvez possamos realmente...

Diferentes possibilidades começam a passar pela minha mente. Possibilidades do que poderia ser se Brook voltasse conosco. Ela levanta

a mão, provavelmente para passá-la pelos cabelos, apenas para perceber que está amarrado no topo da cabeça, então deixa cair.

— Isso nunca fez parte do plano, mas aprendi há muito tempo que não há certezas na vida e você precisa se adaptar ao que a vida lhe lança. Eu tinha um monte de dinheiro economizado para poder começar do zero em algum lugar depois dos dezoito anos, mas quando Josephine roubou... — Brook balança a cabeça, como se ainda não pudesse acreditar no que sua mãe fez. Eu sei *que* não posso. Que tipo de mãe rouba da própria filha? — Dez mil se foram em um piscar de olhos. Meu futuro se foi.

Seu rosto é impassível, como se ela tivesse feito as pazes com o que sua mãe fez. E ela provavelmente fez. Eu nem podia imaginar como deve ter se sentido quando descobriu. Talvez eu não a conheça tanto quanto os outros, mas conheci Brook nos últimos meses. Conheci partes dela que geralmente esconde de outras pessoas. Brook é extremamente trabalhadora e determinada. Se ela se decide por algo, não havia como não conseguir, e nada a impediria.

E aqui estava eu, sentindo pena de mim mesmo porque meu pai era um idiota. Um idiota mentiroso e traidor, mas no grande esquema das coisas, por que isso importava? Meu futuro, minha vida estava segura, enquanto Brook havia perdido tudo. A pouca segurança ela tinha, um lugar para ficar, seus amigos... perdeu tudo.

— Sinto muito, Brook.

— Você sabe a parte engraçada? — Um sorriso triste aparece em seus lábios. — Eu teria dado a ela.

— O quê? — Ela não pode estar falando sério, pode? Mas quando eu a vejo lentamente, percebo que ela está. Porque é exatamente quem é Brook.

— Josephine devia dinheiro a algumas pessoas muito ruins, e eles fizeram questão de que eu soubesse, que eles o receberiam se ela não pagasse, o que, sejamos honestos, era o resultado mais provável. Mas após o acidente de Jeanette, tudo mudou e eu precisava de um plano. Levou alguns dias, mas eu tive. Tinha um plano que poderia me dar tudo o que eu nem sabia que queria.

Eu engulo o nó na minha garganta. — O que aconteceu?

Os olhos de Brook ficam distantes. — Ela arruinou. Como sempre ela estraga tudo. Eu fui falar com você e, bem... — Ela encolhe os ombros.

— Sinto muito. — Eu forço as palavras. — Eu sei que nunca vai mudar como as coisas acabaram, mas é verdade.

— Você não tem nada para se desculpar. Tinha seus próprios problemas para lidar.

— Eu deveria ter ouvido!

— Você fez o que achou melhor na época, e não posso culpá-lo por isso.

— Eu basicamente fechei a porta na sua cara. — Imagens do dia em que ela veio à minha casa me atormentam. Elas estão passando pela minha cabeça há semanas, me assombrando. — Se decidisse nunca mais falar comigo de novo, não culparia você.

— Você estava chateado com seu pai e sua família precisava de você. *Jeanette* precisava de você.

Isso me irrita. Como ela pode ser tão legal com tudo isso? Tão imperturbável? Ela deveria estar chateada comigo. Jogar algo na minha cabeça. Qualquer coisa, menos ser essa pessoa resignada na minha frente.

— E você não precisava? — Dou um passo à frente, trazendo-nos de igual para igual. — Você precisava de mim tanto quanto qualquer outra pessoa, mas a coisa sobre você, Brook, é que não espera ajuda das pessoas. Está acostumada a lidar com coisas difíceis sozinha. Mas eu deveria estar lá.

Seus olhos verdes se arregalam quando eu chego mais perto, minhas mãos segurando suas bochechas.

— Max...

Balanço a cabeça, impedindo-a de dizer o que ela quer dizer. — Eu deveria estar lá por você, Brook. Você merece muito mais do que um idiota egocêntrico, mas não sou um bom homem e não posso deixar você ir. Eu *não vou* deixar você ir.

Lágrimas enchem seus olhos, brilhando como diamantes sob o sol da tarde. Brook fecha as pálpebras, um aperto doloroso fazendo seus lábios tremerem.

Meu peito aperta, e parece que estou me afogando.

Inclinando minha cabeça, toco sua testa. — Não chore, Brook. Por favor, apenas não chore.

Eu não acho que posso aguentar as lágrimas dela. Já vi garotas chorarem antes, mas algo nessa garota forte e orgulhosa me quebra. Fecho meus olhos também, inalando seu doce perfume. Flores silvestres e mel, como eu me lembro. O cheiro muito familiar me envolve, tão intoxicante como sempre.

— Você não dirá o mesmo quando ouvir o que eu tenho para lhe dizer. — Ela soluça suavemente.

Eu balanço minha cabeça teimosamente. — Não há nada que você possa dizer que mude a maneira como me sinto.

— Isso vai mudar *tudo*.

— Olhe para mim, Brook. — Minhas mãos apertam seu rosto com mais força. — Olhe para mim.

Ela pisca os olhos abertos, uma lágrima solitária escorrendo por sua bochecha. Eu golpeio com o polegar, não deixando cair.

— Estou apaixonado por você, Brook. Meu pequeno foguete.

Mais lágrimas enchem seus olhos, e ela vira a cabeça para o lado para não precisar olhar para mim, a mágoa brilhando em suas íris. — Você está apaixonado...

— Por você. — Eu a paro prontamente, forçando seus olhos de volta para os meus. Sei o que ela queria dizer, mas não vou deixar. Eu preciso que ela veja que estou falando sério. Precisa que ela saiba a verdade, veja com seus próprios olhos. — Por você. Só você. Você é meu tudo, Brook.

— Max, eu não posso passar por isso de novo. — Ela implora para mim, mais e mais lágrimas enchendo seus olhos.

— Brook. — Eu tento segurá-la, mas ela foge do meu alcance. Lágrimas caem pelas bochechas quando ela olha para o teto, piscando os olhos na esperança de que parem. E se meu coração não tivesse quebrado até esse momento, olhando-a agora, eu podia senti-lo quebrar em milhares de pedaços.

— Toda a minha vida, eu nunca fui boa o suficiente. — Ela olha para mim, aqueles olhos quebrados colados aos meus. De pé ali, a apenas alguns passos, com lágrimas escorrendo pelo rosto, as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo, ela está mais bonita do que nunca. — Nenhuma vez. Minha mãe nunca me amou. Para ela, eu era principalmente um incômodo até me tornar um meio para um fim. Meu pai não me queria. Para ele, eu era apenas um erro que precisava ser

enterrado no fundo para que não estragasse sua vida perfeita. E você... a única pessoa que eu me permiti egoisticamente, embora soubesse melhor, não me queria.

— Brook, isso é...

— Eu não posso fazer isso de novo, Max. — Ela me interrompe. Fechando a distância entre nós, suas mãos seguram minha camisa. Desespero como eu nunca tinha ouvido claramente em sua voz. — Eu não posso. Não me *faça* fazer isso de novo. Eu não posso ser a segunda melhor. Não quero ser a segunda escolha de alguém. Um prêmio de consolação.

Minhas mãos a envolvem, puxando-a para mais perto, enquanto seus pequenos punhos batem no meu peito. Brook repete essas palavras repetidas vezes. Murmúrios suaves e quase inaudíveis sussurrados na curva do meu pescoço enquanto eu a agarro.

— Shhh... — Eu enterro minha cabeça em seus cabelos, inalando seu doce perfume. — Tudo vai ficar bem, querida.

Brook tenta resistir ao meu toque, mas não há como eu largar. Agora não. Nunca.

Deixando-a recuar apenas o suficiente para que eu possa ver seu rosto manchado de lágrimas claramente, seguro suas bochechas, nos aproximando.

Neste momento, eu sei que se não estivesse apaixonado por ela, me apaixonaria agora. Acho que estou me apaixonando por ela neste exato momento. Tudo de novo. Apaixonado por todas as peças maravilhosamente quebradas que fazem de Brook Taylor a mulher que ela é.

— Me escute. Eu sei o que você pensa, mas entendeu tudo errado. Inferno, eu entendi tudo errado por um tempo também. Pensei que

estava apaixonado por Lia, mas estava errado. Estava apaixonada pela ideia de uma pessoa como Amelia. Alguém que precisava de mim. Deus sabe que você é forte por conta própria, e depois de tudo o que aconteceu com Jeanette e ela se afastando e se afastando de todos, inclusive eu, seu *irmão gêmeo*, precisava de alguém para precisar de *mim.* Eu sei que parece fodido, mas é verdade. Desde que me lembro, éramos Jeanette e eu, mas, do nada, ela não precisava mais de mim. Não me queria. E lá estava ela. Lia, doce e inocente Lia. Me lembrando muito da garota que Jeanette foi e a conexão foi instantânea.

— Você se apaixonou por ela.

Há tanta tristeza nas palavras de Brook, mas preciso que ela entenda como está errada. Quão errado eu estava desde o começo. — Sim, gostei muito de Lia, mas esse desespero, essa necessidade, avassaladora e intensa que me domina, é tudo Brook. Ninguém pode virar meu mundo de cabeça para baixo como essa garota.

— Ela precisava de mim e eu precisava de alguém para salvar, mas depois as coisas com Derek se resolveram e fiquei chateado porque ela o tinha, e onde diabos isso me deixou? Voltando à estaca zero, porque essa necessidade dentro de mim não desapareceu como pensava. E então você veio.... Você era tudo o que eu não suportava, mas tudo em que conseguia pensar. Tão errado... Estávamos tão errados e confusos, fizemos tudo ao contrário de como deveria ser. Nós brigamos e machucamos um ao outro, mas acabei, Brook. Eu terminei de lutar com você. Terminei de lutar comigo mesmo porque te amo e quero estar contigo. Você é meu tudo. *Meu tudo*. Todo o resto, descobriremos eventualmente.

Mais lágrimas escapam dela, tantas que não há como pegar todas.

— Mas é isso. Não sou só eu, Max. Não existe 'eventualmente'. Não posso mais pensar assim. Existe aqui e agora, e se eu não descobrir minhas coisas, mais de uma vida será arruinada para sempre.

Engulo o nó na garganta, forçando a palavra a sair. — O que?

As mãos, que estavam apenas momentos atrás, penduradas ao seu lado, endireitam a blusa muito grande sobre o meio. Emplastrado contra seu corpo, posso finalmente ver o que não podia antes. Uma pequena protuberância quase imperceptível.

Tropeçando para trás, meus olhos ficam colados no ventre dela. Com meu coração galopando no peito, olho para as mãos quase protetoras em volta de si, uma segurando a parte inferior da barriga, enquanto a outra é colocada suavemente em cima dela.

Em algum lugar no fundo, ouço um som chiado e, depois de um tempo, percebo que sou eu. Sou a pessoa que está respirando com tanta força que parece que um animal está morrendo, o zumbido nos meus ouvidos tão alto que mal consigo ouvir suas palavras.

— Estou grávida.

Eu sabia que era uma possibilidade, mas nada poderia ter me preparado para todos esses sentimentos que se chocaram comigo quando a vi, esbarrando e tudo. Nada.

Medo e emoção tão intensos que era difícil pensar.

Difícil de respirar.

— Como?

Capítulo Sessenta e Dois

BROOK

É como se ele tivesse visto um fantasma. Seu rosto está tão pálido que é quase transparente. O cinza de sua íris é engolido por pupilas largas, um brilho de suor cobrindo sua testa.

De certa forma, ele provavelmente viu um fantasma mostrando exatamente como as coisas vão ficar hoje. Eu com certeza vi o meu quando vi o sinal de positivo no teste de gravidez.

Eu nunca estive tão assustada em toda a minha vida. Estava me afogando e não havia uma saída. Parecia que tinha sido punida, punida por algo realmente ruim que eu deveria ter feito na minha vida anterior, por que qual era a outra opção? Por que a vida sempre foi tão difícil? Foi demais. Ir a Max para contar o que estava acontecendo, apenas para ser empurrada. Josephine roubando todo o dinheiro que eu havia economizado para o meu novo começo. Lutando com Lia e derramando tudo o que estava escondendo há meses.

No período de horas, eu perdi tudo, então fiz a única coisa que pude - fugi.

— C-Como? — Seus olhos ainda estão fixos no meu estômago. O solavanco é quase invisível, mas sei que logo não poderei ver meus pés.

— Acho que eles não estão brincando quando dizem que nenhuma proteção é cem por cento infalível. E com a minha sorte... — Deixo o resto da frase no ar. — Eu queria te contar, mas quando cheguei na sua casa...

Ele fecha os olhos, e posso ver sua garganta tremer enquanto engole, dor e arrependimento lavando seu rosto. — Eu mandei você embora.

— Você tinha suas próprias coisas para lidar, e eu percebi que não podia colocar isso em suas costas também. Não porque não acreditei que você faria a coisa certa - eu sabia que faria - mas não poderia ser a responsável por destruir seu futuro. Não poderia ser...

— A segunda melhor da minha vida. — Ele termina para mim conscientemente. — Um prêmio de consolação.

Eu aceno com a cabeça, deixando as palavras se estabelecerem. O silêncio se estende entre nós, e só posso tentar adivinhar o que está em sua mente.

— Como você acabou aqui? — Ele finalmente pergunta.

— Venha. — Eu aceno para ele em direção à sala de estar. Sento-me na poltrona, puxando minhas pernas debaixo de mim enquanto o vejo se sentar ao meu lado.

Depois conto tudo o que aconteceu desde que saí da casa dele. Sobre mamãe, minha briga com Lia e a Sra. Brown me encontrando e me deixando ficar na casa dela. Percebendo que não podia ficar, não com Dan atrás de mim, e indo ao pai de Andrew pedir dinheiro para que pudesse sair. Sobre a Sra. Perry e meu acordo com a Sra. Brown para vender minha arte, para que eu pudesse economizar algum dinheiro. Tudo isso. Eu conto tudo a ele, sem esconder nada. Ele merece isso, pelo menos.

— Quando cheguei aqui, eu tive uma consulta na Planned Parenthood. — Engulo em seco, me preparando para a pior parte. — Depois de Jeanette, eu sabia que não podia confiar apenas no teste e tinha que ter certeza, então fui para lá. Eles fizeram um check-up de rotina, confirmando minha gravidez, e depois me deram minhas opções.

As palavras são sussurradas tão baixinho que temo que ele não as ouça, mas é claro que sim.

— Que opções? — Eu posso sentir seu olhar intenso para o meu perfil, mas não posso encará-lo. Não enquanto estou dizendo isso. A dor, a *vergonha* que eu estava sentindo naquele dia ainda estão muito vivas em minha mente, mas sei que preciso contar a ele. Eu tenho que fazê-lo entender como estava me sentindo.

— Minhas opções. Eu poderia ter o bebê e ficar com ele, ou eles poderiam me ajudar a encontrar uma família para adota-lo depois que ele nascer, ou... poderia fazer um aborto.

— Eles fizeram o que?! — A intensidade, a *raiva,* escondida por trás dessa pergunta simples, me faz recuar de surpresa.

— Sou uma adolescente, Max. Uma adolescente grávida que praticamente vive na rua. O que você esperava?! — Eu jogo de volta para ele. Sem dar-lhe tempo suficiente para responder, dou as costas para ele, para não ter que olhá-lo enquanto continuo. — Até aquele momento, eu nem pensei nisso. Não *queria* pensar nisso. Tudo era demais, sabia? Você, Lia, meus pais, ir embora... eu nem tive tempo suficiente para processar a coisa toda, muito menos pensar nas possibilidades, mas quando eles sugeriram...

Fecho os olhos, impedindo que mais lágrimas caiam. Um caroço do tamanho do Texas entope minha garganta tanto que é difícil respirar. Inspirando bruscamente, solto um suspiro trêmulo.

— Quando eles sugeriram, eu sabia que seria a coisa certa a fazer. Para todo mundo. Você teria sua bolsa de estudos e carreira de hóquei para pensar, e eu... eu não estava pronta para ter o bebê sozinha. Seria como a história se repetindo. Por um tempo, brinquei com a ideia de desistir dele para adoção, mas não consegui. Como eu poderia carregar esse bebê, meu bebê, por nove meses, dar à luz, abraçá-lo e depois dar a algum estranho? Andar nesta terra pelo resto da minha vida sabendo

que uma parte de mim, parte de *nós*, está lá fora e não posso estar com ele?

— Brook...

A mão de Max pousa no meu joelho, me fazendo sacudir. Olho para baixo e o encontro aos meus pés, me segurando. A maneira como ele disse meu nome era quase como se estivesse sufocando de emoções. Eu sabia porque me sentia da mesma maneira, mas tinha que dizer.

— Sou uma pessoa horrível e egoísta, Max. — Inclinando a cabeça para trás, olho para o teto através dos meus olhos embaçados. — Nós não estávamos prontos. Apenas alguns momentos roubados... Tivemos apenas alguns momentos roubados que se transformaram em algo que poderia destruir vidas.

Uma lágrima cai, mas eu nem tento enxugá-la.

— Marquei uma consulta. E quando chegou o dia... — Outra lágrima escorre. É como se eu estivesse revivendo aquele dia novamente. Minha respiração é difícil, palavras saindo em gaguejos dolorosos enquanto todas as emoções voltam com força total. As mãos de Max apertam minhas pernas. — Fui ao consultório médico e, quando vi a placa no prédio, havia um sentimento na boca da barriga. Não dor, mais como vibrações que me pararam. Eu apenas fiquei lá. É como se finalmente me atingisse, o que eu ia fazer. Iria lá e os deixaria matar meu bebê. *Meu amor, Max.*

Suas mãos me envolvem, me puxando para o chão e em seu peito enquanto um soluço doloroso rasga meus pulmões. A culpa que estou sentindo desce sobre mim com força total, me derrubando.

— Shhh... está tudo bem agora. — Max sussurra no meu ouvido. Minhas mãos envolvem minha barriga de forma protetora, acariciando a pequena protuberância, como fizeram naquele dia. E suas mãos cobrem as minhas. — Você não fez isso.

— Racionalmente, eu sabia que essa era a melhor opção. Eu sabia que nunca poderia dar a esse bebê tudo o que ele precisa, mas simplesmente não consegui. Eu não consegui. Não poderia matar nosso bebê.

Agora estou chorando, e não consigo me importar. Eu sempre fui capaz de me esconder atrás de uma máscara, mantendo minhas emoções sob controle, mas com meus hormônios em fúria e Max estando aqui, estou em todo lugar. Em um minuto eu poderia estar rindo histericamente, e no próximo soluçando.

Max me balança nos braços, sussurrando enquanto eu choro, deixando as lágrimas lavarem a culpa e a dor na esperança de que um dia eu encontre forças para me perdoar.

Capítulo Sessenta e Três

MAX

Brook chora até que não haja mais lágrimas a derramar. Eu a seguro o tempo todo, meu coração doendo pela menina quebrada em meus braços.

— Shhhh. — Murmuro uma e outra vez, meus lábios pressionados contra o topo de sua cabeça.

Depois de ouvir tudo isso, a culpa que sinto é mais forte do que nunca. Eu fiz isso com ela, conosco. Se não tivesse agido da maneira que agi, se não a tivesse expulsado, ela não estaria tão completamente sozinha. Ela provavelmente nem teria pensado em fazer um aborto, muito menos quase seguir em frente.

— Como devo olhar meu bebê nos olhos? — Brook soluça suavemente. — Como eu devo ser sua mãe, sabendo que quase o matei?

Suas palavras fazem meus joelhos ficarem fracos. Fecho os olhos, respirando fundo, antes de puxá-la para longe para que eu possa ver seu rosto. Minha garganta está rígida, as palavras mal saindo de todas as emoções que passam por mim. — Mas você não fez isso. Mesmo quando você estava enfrentando um dos seus maiores medos, mesmo sabendo que seria mais fácil assim, você não fez isso. — Minhas mãos seguram suas bochechas, polegares enxugando as lágrimas. — É por isso que você vai ser uma mãe incrível, Brook. Você já viu o pior e sobreviveu. E este bebê será o bebê mais feliz do mundo, sabendo que você deve amá-lo e protegê-lo. Você e eu.

— Max, você não precisa...

Eu pressiono meu dedo contra seus lábios. — Isso não muda nada.

— Como não?

— Porque eu quero você, Brook. Eu queria você antes e ainda quero. O que disse anteriormente não muda. Isso. — Olho para o solavanco pouco visível. Meus dedos coçam para tocá-lo, mas me seguro. — Isso não muda nada. Quando estávamos dirigindo até aqui, Andrew me perguntou por que eu estava vindo. Se era por sua causa ou por causa do bebê.

Brook arfa, sua boca se abrindo de surpresa.

— Nós sabíamos. Josephine foi à casa de Andrew exigindo saber onde você estava. Ela encontrou o teste e ficou feliz em esfregar na cara deles. Então sabíamos que, vindo aqui, poderíamos encontrá-la grávida. Na hora, eu não tinha a resposta. Como poderia escolher realmente? Eu te amo, mas também amo esse bebê. Real ou não, adorei. Mas quando vi você em pé naquela escada tão bonita como sempre e sem realmente estar grávida, para ser sincero, sabia que era você. Aconteça o que acontecer, com bebê ou não, não importa. Eu sempre vou escolher você. Porque eu amo você, Brook Taylor. Amo sua teimosia e amo sua boca inteligente, embora na maioria das vezes isso me irrite. Eu amo ser uma das raras pessoas que podem fazer você rir. Eu amo que conheço partes de você que esconde de todo mundo. Você vê o cara que está escondido atrás da máscara e não tem medo de me chamar de idiota. Eu amo como você me desafia e me faz querer ser um homem melhor.

— Max... — Outra lágrima escorre.

— Venha para casa comigo. — Peço. — Venha para casa comigo e deixe-me mostrar como isso pode ser bom. Como *podemos* ser bons.

— Não é tão fácil.

— Por que não?

— Brook Taylor morreu quando eu saí, e foi o melhor. Não sei o que está acontecendo com Josephine, mas tenho certeza de que ela não devolveu o dinheiro que devia. Inferno, ela pegou meu dinheiro e gastou em mais drogas, em vez de pagar suas dívidas. Se eu voltar, as pessoas vão bater na minha porta cobrando, e não tenho esse dinheiro. Além disso, prometi ao pai de Andrew que desapareceria se ele me desse o dinheiro. — Sua garganta balança quando ela engole. — Então há Lia. Eu errei bastante com ela antes de sair.

— Lia quer você de volta, Brook. Todos nós queremos. E quanto ao resto... foda-se John Hill. — Se eu ver o bastardo, provavelmente o estrangularia com minhas próprias mãos. — Ele não tem voz nisso. Ele nunca deveria ter deixado você sair. E toda a bagunça de Josephine? Vamos dar dinheiro ao cara, se necessário, e acabar logo com isso.

Brook balança a cabeça, afastando-se. — Ela sempre vai querer mais. Ela sempre terá algum tipo de problema, e eu ficarei limpando tudo.

— Eu não vou deixar isso acontecer. — Dou um passo à frente, colocando as mãos nos ombros dela. — Mas não é isso que está incomodando você, na verdade...

— Estou com medo. — Admite Brook, olhando para longe. — Estou com medo de que algo dê errado e terei meu coração partido novamente.

Tocando sua bochecha, eu a faço olhar para mim. — Não posso prometer que não vou estragar, mas tentarei o meu melhor para não fazê-lo. O que *posso* prometer é que farei o meu melhor para fazer você feliz. Você e esse bebê sempre serão amados, sempre terão uma família e um lar. Me dê uma chance, Brook, por favor. Me dê uma chance de provar a você que poderíamos estar juntos.

— Você vai para a faculdade no outono.

— Como você se sente sobre Boston? — Sorrio, roçando sua bochecha. — Porque eu com certeza espero que você venha comigo.

— Max, eu...

— Se você não sabe, está tudo bem. Ou se você não quiser ir. A escolha é sua, e o que você decidir, eu apoiarei. Vir comigo para Boston ou ficar em Greyford. Eu farei o meu melhor para estar lá. Posso fazer o meu primeiro ano e tentar me transferir para um lugar mais próximo para que possa estar com você. Existem possibilidades, e você pode escolher o que achar que a fará feliz.

— Eu acho que... — Sua língua se lança para umedecer os lábios, e posso sentir meu corpo reagir ao movimento. — Eu acho que preciso de tempo para pensar. É tudo demais.

— Então é isso que você terá. — Eu digo, embora me doa. Mas Brook está certa. Viemos aqui hoje e colocamos tudo sobre ela. Não é certo exigir que nos dê todas as respostas agora. — Mas, por favor, volte conosco. Venha para casa.

Eu posso ver sua incerteza, seu medo. Está vivo, quase palpável. Não está piscando, não está respirando, e eu também não, enquanto espero que ela tome uma decisão. Para ter uma chance em mim, em nós. Sei que se ela me der uma chance, farei tudo ao meu alcance para mostrar o que poderíamos ser.

Finalmente, ela assente. É pequeno, quase invisível, mas com meus olhos colados no rosto dela, não há chance de eu perder.

Um sorriso se espalha no meu rosto instantaneamente. Não espero mais um segundo, me abaixo e pressiono meus lábios nos dela. Algo que estou morrendo de vontade de fazer desde que a vi.

Eu posso ouvir seu suspiro suave ao primeiro toque, sua respiração quente fazendo cócegas na minha pele. Gemendo, minha mão desliza

para a sua nuca, puxando-a para mais perto, meus lábios deslizando sobre os dela suavemente. A última coisa que quero é assustá-la, mas não importa o que ela pense, Brook Taylor não é tão facilmente assustada.

Suas mãos pressionam contra o meu peito, dedos cavando na minha camisa e me puxando para mais perto. Nossos corpos batem juntos, pressionados contra o outro enquanto ela abre os lábios. Eu aceito, minha língua deslizando em sua boca quente e molhada. Brook geme alto, chegando ainda mais perto, se possível. Posso sentir uma pressão contra o meu estômago, uma sensação de consciência percorrendo todo o meu corpo com o impacto.

Inspirando bruscamente, quebro nosso beijo e me afasto, olhando para nossos corpos ainda se tocando.

— O-o que há de errado? — Brook gagueja, confusa. Não que eu possa culpá-la.

— E-e... — Movo minhas mãos, deixando-as deslizar sobre seus ombros e para baixo de seus lados, parando em sua cintura. Afastando-me, eu olho para ela. Seus lábios estão vermelhos do nosso beijo, as bochechas coradas. Ela morde o lábio inferior enquanto absorvo seu corpo, meus olhos parando em seu estômago.

Brook ajeita a blusa conscientemente. — Acho que não sou mais o que costumava ser.

Minha cabeça se levanta instantaneamente, bem a tempo de pegar um lampejo de vergonha no rosto dela. Escovando uma mecha de cabelo atrás da orelha, digo: — Você está linda, Brook. Sempre foi e sempre será. Não foi por isso que parei.

— Por que você parou então?

— Posso... — Meus olhos disparam, mas eu os forço, coçando a nuca. — Posso tocar em você?

Minha mão, ainda colada à cintura dela, a segura um pouco mais. Olhos verdes se arregalam de entendimento, com a boca aberta. Desta vez, sou eu quem me envergonho. Depois de toda essa conversa que estou aqui por ela, não posso deixar de me perguntar sobre o bebê. Desde o momento em que ela me mostrou sua barriga, queria tocá-la, sentir essa vida que criamos, e tê-la em meus braços apenas intensificou esse sentimento.

Tomando minha mão livre na dela, lentamente a abaixa. Meu coração está batendo tão forte que eu tenho medo de explodir. Olho para Brook, sem quebrar o contato visual uma vez que ela abaixa minha mão, colocando-a no estômago e colocando a sua em cima.

Engulo em seco, todas as emoções me atacando ao mesmo tempo. Espanto, medo, preocupação, todas estão girando dentro de mim. Meus olhos ardem, a visão se torna nebulosa, mas mesmo assim eu não desvio o olhar. Abrindo meus dedos, minha mão inteira envolve completamente a pequena protuberância.

— Incrível, não é? — Brook sussurra, e eu só posso acenar com a cabeça. — Ainda não consigo acreditar que em breve poderei senti-lo se mexer e, em alguns meses, segurarei meu bebê.

— V-você... — Minha garganta está tão seca que tenho que limpá-la antes de continuar. — Você sabe o que estamos tendo?

Eu pude ver claramente. Uma garotinha que se parece com ela. Uma massa de cabelos castanhos ondulados, olhos impossivelmente verdes e aquele pequeno sorriso que me envolverá em seu dedo.

Brook balança a cabeça. — Ainda é muito cedo. O médico disse que talvez na próxima consulta, embora eu ache que quero que fique em segredo. Mas tenho a sensação de que é um menino.

Uma risada trêmula sai de mim. — Engraçado, eu estava pensando que teríamos uma garotinha.

Brook sorri, e eu posso sentir meu coração pular uma batida. Não faz muito tempo, daria qualquer coisa por um de seus sorrisos reais, e agora que o tenho, sei que farei tudo o que estiver ao meu alcance para mantê-lo.

Não, ela ainda não me disse que me ama, embora eu saiba que sim. E tudo sobre nós é tão novo, tão frágil. Mas não vou deixar isso me parar. Brook está me dando uma chance, e vou provar a ela que não há nada a temer.

Ela é minha e eu sou dela. Só precisava que Brook percebesse isso.

Capítulo Sessenta e Quatro

BROOK

— Engraçado, eu estava pensando que teríamos uma garotinha. — Max ri, e não posso evitar as vibrações se espalhando pelo meu estômago.

Nós. Não é a primeira vez que ele usa a palavra quando se refere ao bebê, mas toda vez que o faz, minhas defesas diminuem cada vez mais, meu sorriso se amplia. Para alguém que pensou que faria tudo sozinha, estou caindo muito rápido.

Seus olhos suavizam quando ele olha para mim, o cinza em sua íris brilhando. Eu nunca o vi me olhar assim antes, e não pude deixar de tocar seu rosto, a barba por fazer cobrindo sua mandíbula raspando suavemente as pontas dos meus dedos.

Meu dedo roça seu lábio inferior, e eu posso ouvi-lo sugar o ar, o sorriso morrendo em seus lábios enquanto formigamentos se espalham pela minha mão. Começo a me afastar, mas Max não me deixa. Ele gentilmente chupa a ponta do meu dedo e gemo baixinho, incapaz de segurar.

Ao ler alguns livros sobre gravidez, soube que algumas mulheres são mais excitadas sexualmente durante a gravidez e, pela primeira vez, entendo. Ter Max tão perto me deixa excitada, e quando ele coloca as mãos em mim, não consigo evitar. Eu quero ele *todo* em cima de mim. Apenas o pensamento faz minha boceta apertar e umidade se acumular entre minhas pernas.

Max morde meu dedo, o brilho suave em seus olhos ficando nebuloso. Minha mão que ainda está cobrindo a dele no meu estômago aperta um pouco, minha boca fica seca. Ele deixa meu dedo sair de sua boca, sua língua correndo para umedecer seus lábios.

Meu estômago aperta em antecipação. Por mais que gostei do beijo anterior, quero mais. Muito mais e, pelo que parece, ele está pronto para me dar. Aproximando-se, desliza a mão em volta da minha nuca. Seus lábios roçam nos meus suaves, provocativamente. Eu gemo em protesto, pronta para me jogar nele, se ele não me der mais, assim que a porta se abre.

— Vocês já terminaram? — Andrew grita nos fundos da casa. Podemos ouvir seus passos altos se aproximando. Pulando à parte, tropeço para ficar em pé, mas a mão de Max agarra meu braço, me firmando.

— Por favor, diga-me que você não fodeu minha irmã. — Diz Andrew assim que nos vê.

Tenho certeza que devo estar uma bagunça. Minhas bochechas estão coradas e meus lábios ainda estão inchados.

— Você fode minha irmã o tempo todo. — Max aponta quando sua mão desliza pelo meu braço, dedos entrelaçados com os meus.

— Isso não é o mesmo. — Argumenta Andrew, curiosamente nos olhando.

— Eu não vejo a diferença.

Revirando os olhos, Andrew inclina o queixo em nossa direção. — Você resolveu sua merda?

Max olha para mim, seus dedos apertando os meus. Esperando minha resposta.

Respirando fundo, olho entre os dois. O garoto que eu amo, embora tenha medo de admitir isso em voz alta, e o garoto que compartilha meu sangue. — Será uma grande bagunça. — Eu os aviso.

Andrew se aproxima, colocando as mãos nos meus ombros. — Eu não ligo. Já te disse, somos você e eu, Brook.

Meu coração amolece um pouco, outro tijolo caindo da parede que eu construí ao meu redor. Quando descobri minha conexão com a família Hill, nem sequer me atrevi a pensar em como seria se Andrew descobrisse. Ou que, ou se, teríamos algum tipo de relacionamento, mas estaria mentindo se dissesse que não gostava disso. Ter alguém no meu canto, alguém que ficará nas minhas costas, não importa o quê.

— Bem... — Meu olhar se volta para o de Max antes de voltar para o meu irmão. Meu *irmão*. — Na verdade, não somos apenas você e eu.

Seus olhos se arregalam instantaneamente, percebendo. Tocando no meu estômago, a camisa contra a minha barriga. O inchaço ainda é muito pequeno, mas sei que é apenas uma questão de tempo até que não haja maneira de ocultá-lo.

— Você está grávida... — Ele respira, olhando entre o meu rosto e meu estomago. Dor brilha em suas íris. Andrew empurra para longe, deixando o sorriso se espalhar em seus lábios, mas eu já vi e não posso deixar de me perguntar como ele deve se sentir. Depois de tudo o que ele e Jeanette passaram... — Você está grávida.

— Quinze semanas.

Andrew abre a boca, mas nenhuma palavra sai. Balançando a cabeça, ele dá um passo mais perto e me puxa para um abraço.

Nos abraçamos, provavelmente mais do que o necessário, mas não me importo nem um pouco. Afinal, temos muito o que recuperar.

— Pronta para ir para casa?

Eu posso sentir meu corpo inteiro tenso. Não estou pronta para voltar - não tenho certeza se alguma vez vou estar - mas posso ver o desejo nos seus olhos. Eles me *querem de* volta. Eu nunca fui desejada antes, nunca soube como é ter pessoas ao meu redor e me amando, apesar de tudo.

Ficar na Virgínia seria tão fácil. Eu poderia ser quem quisesse ser sem carregar o fardo das trevas do meu passado, mas sei que não posso fazer isso. Não agora, quando tive um vislumbre de como poderia ser se eu decidisse deixar as pessoas entrarem.

Eu poderia ter uma família. Pela primeira vez na minha vida, poderia ter uma família de minha própria autoria. E não apenas eu, mas meu bebê também. Seria egoísta roubá-lo do pai e tio só porque estou com medo.

Mas mesmo isso não facilita as coisas.

Inspirando, dou um passo para trás.

— Vamos para casa.

Capítulo Sessenta e cinco

BROOK

— Eu não tenho certeza se essa foi a melhor ideia. — Repito mais uma vez. Meus olhos grudados na estrada à nossa frente. Estamos a alguns minutos do nosso destino final e meu ataque de pânico interno está atingindo o seu pico.

Os meninos não queriam esperar e, para ser completamente honesta, eu tinha certeza de que ficaria louca se não saíssemos o mais rápido possível. Então, depois que lhes disse que voltaria a Greyford, fui procurar a Sra. Perry para explicar o que estava acontecendo. Nós praticamente expulsamos a mulher de sua própria casa para que eu pudesse lidar com meus problemas.

Quando terminei, ela assentiu, mas ainda ofereceu, mais uma vez, que eu ficasse. Recusando sua oferta, subi as escadas para arrumar as pequenas coisas que tinha e, depois de combinar com a Sra. Perry enviar minhas pinturas para a irmã, estávamos no nosso caminho alegre.

A viagem que parecia tão longa na primeira vez parecia passar rapidamente, agora que estávamos voltando. Meus nervos estavam por toda parte, porque, aparentemente, Andrew agora estava morando com Derek. Um pequeno detalhe que eles me disseram quando já estávamos no carro, e eu concordei em ficar com ele.

— Vamos verificar alguns apartamentos amanhã. — Promete Andrew mais uma vez.

Eu não tinha nada contra ficar no Derek particularmente. Simplesmente não gostava da ideia de ser um fardo para alguém, mas como não havia como voltar para a casa de Josephine - como eles me deixassem mesmo assim - eu não tinha muita escolha. Na verdade, estava com medo de ver Lia. Vi Andrew enviando uma mensagem para alguém quando paramos para comer e, conhecendo-o, era para Derek ou Jeanette. De qualquer forma, as notícias chegarão a Lia.

— Você sempre pode ficar na minha casa. — Diz Max.

Suspirando, viro minha cabeça para olhar para ele. Em vez de pegar o lugar na frente, ele decidiu sentar ao meu lado atrás. Ele não estava particularmente feliz quando disse que ficaria na casa de Andrew, mas ele também não insistiu muito.

— Eu preciso de tempo. — O lembro suavemente. — Tudo isso está acontecendo tão rápido. Quando acordei esta manhã, estava sozinha, pensando em como me sairia e agora estamos de volta a Greyford. Além disso, você ainda precisa contar à família sobre o bebê.

Essa era apenas uma das coisas que me preocupavam. Eu não tinha ninguém para contar - bem, exceto nossos amigos - mas não havia ninguém para decepcionar. O mesmo não se aplicava a Max. E enquanto ele insistia que não se importava com o que seus pais pensavam - no caminho de casa, ele me contou tudo o que havia acontecido enquanto estive fora - eu sabia que era a raiva dele falando.

— Eu sei. — Seus lábios roçam contra o lado da minha testa. — Eu só quero que você saiba que me tem. Tudo o que você precisar, estou aqui. Quanto aos meus pais, acho que quanto antes contarmos, melhor.

Escovo minha mão sobre meu estômago, a blusa preta colada ao meu corpo. — Não é como se pudéssemos esconder isso por muito tempo.

— Nada de se esconder. — Max balança a cabeça. — Eu sei que dissemos devagar, mas quero que todos saibam que você é minha.

— Por que você simplesmente não escreve seu nome na minha testa e acaba com isso?

Max inclina a cabeça para o lado, fingindo pensar sobre isso. — Não, acho que seria muito condescendente. Mas talvez eu possa lhe dar uma das minhas camisas de hóquei.

— Eu não sou um dos seus coelhos de disco! — Golpeio seu ombro, empurrando-o para longe.

— Gosto de pensar que não. Nenhum coelhinho pega minha camisa. — Max ri.

Eu levanto minha mão novamente, mas ele levanta os braços, as palmas das mãos esticadas em sinal de rendição. — Está bem, está bem. Eu entendo, sem camisa.

— Eu odeio quebrar sua bolha, mas estamos aqui. — Diz Andrew, o carro parando.

Meu estômago cai quando me viro de frente para a casa de dois andares à nossa frente. Não há recuo agora.

— Vai ficar tudo bem. — A mão de Max aperta a minha antes que ele saia. Empurrando o medo, agarro a maçaneta e abro a porta. Eu mal saio antes de ouvir a porta da frente se abrir, seguida de passos correndo.

Minha cabeça se levanta bem a tempo de ver um flash de cabelo ruivo selvagem, e então minha melhor amiga bate em mim, com os braços em volta do meu pescoço.

— Você nunca, nunca, nunca mais fará isso comigo de novo! — Ela chora na dobra do meu pescoço.

Por um segundo, fico chocada, mas sinto meu corpo relaxar em seu abraço familiar. Envolvendo meus braços em volta dela, eu retribuo seu abraço, meus olhos se enchendo de lágrimas. *Deus, eu odeio hormônios.* — Sinto muito, Lia. Por todas as coisas horríveis que eu disse.

— Eu não me importo. — Ela funga, afastando-se. Suas mãos seguram minha cabeça. — Você não pode me deixar. Prometa-me neste momento. Você não está saindo novamente sem se despedir. Inferno, você não vai me deixar, nunca.

Limpando minhas lágrimas, aceno com a cabeça. — Eu prometo.

— Eu vou te segurar nisso. — Lia adverte. Ela tenta manter uma cara dura, mas cai rápido, uma risada saindo de seus pulmões. — Eu senti tanto a sua falta!

Com isso, ela me puxa contra si mesma mais uma vez. Olhando por cima do ombro, vejo que nossos amigos se reuniram ao nosso redor. A mão de Andrew está envolvida em torno de Jeanette. Derek está de pé atrás de Lia com Max por perto.

Eu estava com tanto medo de voltar, mas deveria saber melhor. E embora essa cidade nunca tenha parecido um lar para mim, olhando para as pessoas ao meu redor, percebo que encontrei minha casa. Minha família. Não é tradicional, mas é minha. E eu não poderia estar mais feliz em tê-la.

— Eu ainda não posso acreditar que você está grávida! — Lia diz, seus olhos colados no meu estômago. Ela está jogando esse jogo há um tempo, e embora odeie ser o centro das atenções, não posso culpá-la por isso.

— É melhor você se acostumar com isso, porque ele está chegando em breve. — Eu rio, minha mão deslizando sobre o meu estômago.

Jeanette se mexe na cadeira, chamando minha atenção. — Você tem certeza que está bem com isso?

Depois que as coisas se acalmaram um pouco, entramos, onde eles não me deixaram em paz até eu contar tudo a eles.

— Não seja boba! — Jeanette me dá um sorriso suave. — Mal posso esperar para você ter esse bebê. Será a coisinha mais mimada do mundo.

Não duvidei nem por um segundo. Até o susto da gravidez de Jeanette, eu nunca percebi que ela queria filhos. Simplesmente não combinava com a versão dela que conhecia, mas agora a vejo. Ela realmente quer isso, uma família própria. E embora eu possa ver a dor persistindo em seu olhar, também posso ver a felicidade.

— E ele ficará feliz em ter você. — Coloco minhas mãos em cada uma das minhas melhores amigas, apertando-as levemente. — Vocês duas.

Nós compartilhamos um sorriso antes que eu me afaste e cubra minha boca com a mão para esconder o bocejo alto. Olho para o relógio na parede, notando que já são dez e dez da noite.

— Cansada?

— Foi um longo dia. — Concordo. — Além disso, aparentemente é preciso dormir mais para desenvolver um ser humano.

— Vai saber.

— Onde estão os caras? — Lia se levanta e vai olhar pela janela.

— Eles só foram pegar nossas coisas do carro.

Fico de pé no momento em que a porta da frente se abre e ouço suas vozes suaves vindo do corredor. Desistindo de esperar, eu vou até eles.

— O que levou... — As palavras morrem nos meus lábios quando vejo o rosto preocupado de Andrew. — O que há de errado?

Sinto Lia e Jeanette atrás de mim, mas não tiro os olhos do rosto do meu irmão.

— Eu acho que você deveria se sentar. — Diz Andrew suavemente, mas mesmo antes de terminar, balanço minha cabeça negativamente. Mãos seguram meus ombros por trás enquanto ele acena com a cabeça. — O detetive que encontrou você?

— O que tem ele? — Pergunto, embora uma parte de mim já suspeite, já *sabe*.

— Você sabe que eu o mandei de volta, para cuidar daquele Dan? Bem, disse a ele para verificar Josephine, só por precaução. — Concordo com a cabeça, mordiscando o lábio. Esperando. — Ele a encontrou. Ela está morta, Brook. Ela teve uma overdose.

Capítulo Sessenta e Seis

MAX

— Todo mundo está olhando. — Brook protesta ao meu lado, mudando seu peso de um pé para o outro. Ela puxa, mais uma vez, a barra da camisa, mas realmente não há muito que ela possa fazer para esconder a barriga, já que a camisa está colada à pele.

— É porque você esteve fora por semanas, e agora de repente está de volta. — Lia oferece diplomaticamente enquanto caminhamos pelo corredor.

Brook olha para outro de nossos colegas de classe que a observa, seus olhos ficando um segundo muito longo em seu estômago. — Acho que isso não tem nada a ver com a preocupação deles com a minha educação e tudo a ver com o impacto que estou causando.

— É um impacto muito bonito, você tem que admitir.

— O mais fofo. — Eu concordo, deixando minha mão roçar sua cintura, dedos roçando a curva de seu estômago. Sim, estávamos recebendo olhares curiosos, e alguns também desagradáveis, a partir do momento em que entramos nos corredores, mas ninguém se atreveu a se aproximar ou comentar algo em voz alta, e é melhor que não. Inclinando-me, sussurro em seu ouvido: — Ainda contra usar minha camisa? Eu acho que seria do tamanho certo para manter isso escondido por mais algum tempo.

Brook olha por cima do ombro para mim. — Eu pensei que você não queria se esconder.

— De jeito nenhum. Mas também não quero que você se sinta desconfortável. Além disso, ter meu nome estampado em suas costas dificilmente é estar se escondendo.

Revirando os olhos, ela me afasta, mas posso ver um vislumbre de felicidade lá.

Foi difícil deixá-la para trás ontem, especialmente depois que Andrew jogou a bomba nela. Brook insistiu que ela estava bem com a morte de Josephine, mas eu não tinha cem por cento de certeza. Como ela poderia estar? Sim, Josephine era uma desculpa triste para uma mãe, mas era sua família. Dissemos a ela para tirar o tempo que precisasse, mas disse que estava bem e pronta para voltar à sua vida normal, e foi isso que fizemos. Demos a ela o normal enquanto esperávamos que estivesse pronta para conversar conosco, se quisesse.

— Quando você vai conversar com seus pais? — A pergunta sussurrada de Brook me leva de volta aos corredores da escola.

— Depois da escola.

Ontem, quando Jeanette e eu chegamos em casa, mamãe ainda estava acordada, então disse que precisava contar alguma coisa a eles. Eles significam ela e meu pai. Nós não conversamos desde o telefonema, mas sabia que ela estava vendo ele. Decidiram tentar a terapia de casal e até sugeriram terapia familiar, mas até agora consegui me livrar dela. Eu não estava pronto para falar com ele, mas com tudo acontecendo, não tive muita escolha. Não queria esconder Brook ou nosso bebê. Não da minha família e de mais ninguém.

— Quer vir comigo? — Eu pergunto. Não tenho certeza de como meus pais reagirão, então não quero trazê-la para o fogo cruzado, mas também não quero que ela se sinta excluída.

Sua mão aperta a minha. — Se você me quiser também.

— Pode ficar confuso. — Eu aviso, usando suas palavras de ontem. Foi ontem? Parece que faz muito tempo considerando todas as coisas que aconteceram.

— Eu sou uma especialista em confusão.

Eu a puxo para uma parada, minha mão roçando sua bochecha. — Que par fazemos.

Brook segura meu olhar por um tempo, então seus olhos caem nos meus lábios. Eu não a beijei desde a interrupção de Andrew ontem, e meu corpo está morrendo de vontade de corrigir isso.

— Aí está você.

Falando do diabo, eu gemo, inclinando minha cabeça para trás. Porra bloqueador de pau. Vou voltar para ele eventualmente.

Andrew me dá um sorriso malicioso, mas não comenta. Em vez disso, ele fica entre nós dois, sua atenção em Brook. — Tudo resolvido. Você tem a mesma programação que tinha antes. Terá que verificar com seus professores como recuperar o atraso, mas eles prometeram deixar você terminar o ano, mesmo que tenha perdido os últimos três meses.

— Como diabos você conseguiu fazer isso?

Andrew se encolhe. — Eu posso ter que pedido a John para puxar algumas cordas.

— Eu pensei que você não estava mais falando com ele. — O rosto de Brook fica sério.

— Ele te deve isso e muito mais.

— Eu não quero nada dele, Andrew. — Protesta Brook. — Eu poderia ter conseguido meu programa e evitado esse circo.

Ela acena com a mão para os alunos ainda boquiabertos para o nosso pequeno grupo.

— Eu sei, mas não vou deixar esse filho da puta fora do gancho tão facilmente. Além disso, faltam apenas algumas semanas e você merece um pouco de normalidade em sua vida. Queremos que termine o último ano conosco. Por favor?

— Tudo bem. — Ela suspira. — Eu farei isso por vocês. E agora, se você me der licença, vou pegar meus livros e ir para a aula. Aparentemente, tenho algumas coisas a fazer.

BROOK

— Mãe, você está aqui? — Max chama assim que entramos em sua casa.

Olho em volta, os nervos tirando o melhor de mim. Você pensaria que esta foi a minha primeira vez aqui, mas mesmo que não seja, eu nunca conheci os pais deles. E com todas as coisas pelas quais a família Sanders está passando, definitivamente não acho que agora é a hora certa.

Considerando que eles também são a família do seu bebê, não vejo como você tem uma escolha.

— Na cozinha. — Ela grita de volta enquanto Max me ajuda a tirar a jaqueta. A maioria das minhas roupas ficaram apertadas nas últimas semanas, e sei que em breve terei que fazer algo a respeito, mas, por enquanto, as legins são minhas melhores amigas.

Olhando para o meu reflexo no espelho, ajeito minha camisa e desejo pela centésima vez que fui mais inteligente e usei uma das minhas camisas soltas hoje de manhã.

A mão de Max pousa na minha, cobrindo meu estômago, seu olhar cinza encontrando o meu no espelho. — Você parece bem.

— Eles vão ficar chateados, não vão? — Eu posso sentir meu corpo inteiro estremecer com o pensamento. A última coisa que quero é causar mais problemas para Max e seus pais.

— Provavelmente. — Ele concorda, e de alguma forma sua sinceridade me faz sentir um pouco à vontade. — Mas deixe eles. — Seus dedos se espalharam sobre meu estômago, esfregando um pouco, e as vibrações agora familiares se espalham debaixo da minha pele. — Eu te amo, Brook. Quero você e esse bebê e nosso futuro.

Olhando para aqueles olhos tempestuosos, posso ver a verdade em suas palavras que aquecem meu coração. Abro a boca, as palavras na ponta da língua, mas não as digo em voz alta.

— Pronta?

Balançando a cabeça, deixo que ele segure minha mão e me leve à cozinha para conhecer seus pais. Jeanette decidiu nos dar um tempo a sós para contar a eles e, em vez disso, foi com Andrew procurar alguns apartamentos.

No começo, fiquei preocupada com a forma como conseguiríamos um apartamento, mas, como se viu, Andrew teve acesso parcial ao fundo fiduciário que seu avô o deixou quando ele completou dezoito anos. Prometi que devolveria minha parte assim que encontrasse um emprego, mas ele não queria ouvir. Não é assim que vai me parar.

— Aí está você! — Diz uma mulher que é a imagem cuspida de Max assim que entramos na sala. Embora ela esteja vestida casualmente,

jeans de grife e um suéter de cashmere com pérolas no pescoço, tudo nela grita de riqueza. — Você me preocupou quando... — Seus olhos cinzentos se arregalam quando ela me vê espiando ao redor de Max. — Oh, você trouxe companhia.

Minhas bochechas coram instantaneamente, mas Max não me deixa recuar. — Eu queria que você conhecesse alguém. — Ele puxa a minha mão que está segurando, me trazendo para o lado dele. É quando vejo o homem sentado no banquinho olhando para nós com interesse - o pai de Max. Eu o vi passar algumas vezes depois dos jogos de hóquei, mas nunca troquei mais do que uma saudação educada com o cara. — Mãe, pai. — Os olhos de Max disparam para o homem por um segundo. Eu posso ver a dor neles, sua mão segurando a minha com mais força, antes que empurre a emoção indesejada. — Esta é minha namorada, Brook.

O silêncio morto que cai sobre nós é quase palpável. Eu discuto se devo ir e apertar as mãos deles, talvez me apresentar, mas quando não vejo nenhuma indicação de que eles aceitariam isso de mim, então fico com um pequeno aceno.

— Que diabos é isso? — Pergunta Sr. Sanders, o primeiro a quebrar o silêncio enquanto seus olhos me observam. — Você engravidou uma garota?

Suas palavras são afiadas e, embora sejam dirigidas a Max, não posso escapar da queimadura de sua desaprovação.

— Agora, Samuel. — Diz a mãe, o dedo torcendo a linha de pérolas em volta do pescoço. — Acho que devemos deixá-los explicar.

— Explicar? O que há para explicar? Ele teve uma foda aleatória e arruinou seu futuro antes mesmo de começar!

— Chega! — Max grita, suas mãos caindo no balcão. Ele olha entre os pais. Seu rosto está vermelho de raiva, respirando pesado. Meus

instintos gritam para fugir, mas eu os ignoro. Dando um passo mais perto, coloco minha mão em suas costas, esfregando a tensão.

— Brook não é uma foda aleatória. Estamos juntos há meses, mas mantivemos isso em silêncio. De qualquer maneira, não estamos aqui para sua aprovação.

Um pouco esticado, mas...

— Oh. Isso é rico. — Diz Sr. Sanders, mas sua esposa lança um olhar mortal que o cala instantaneamente.

Max franze a testa para eles, mas continua. Estou surpresa com a calma que sua voz soa, considerando a veia latejando em sua testa.

— Estou aqui para dizer que estamos juntos e que sim, ela está grávida e estamos tendo esse bebê.

— E onde exatamente você está tendo o bebê? Não tenho certeza se o seu novo treinador ficará muito feliz com o craque distraído por sua família.

— Por uma questão de fato. — Max range entre os dentes. — Liguei para o treinador e expliquei a situação.

Um suspiro surpreso parte meus lábios. Eu posso sentir o olhar curioso da Sra. Sanders em mim, mas a ignoro, atordoada demais pelas palavras de Max para me importar com o que ela pensa. Eu sabia que Max disse que queria que fosse com ele para Boston, mas nunca pensei que isso pudesse ter consequências na bolsa de estudos ou na equipe. Nem sabia os termos de sua bolsa de estudos, muito menos que ligou para o treinador para contar sobre mim.

— O treinador concordou em me deixar ficar fora do campus se Brook decidisse morar na universidade comigo. Caso contrário, farei o meu ano como prometido e depois tentarei me transferir para algum lugar mais perto de casa. — Ele olha por cima do ombro para mim,

aqueles olhos cinzentos suavizando, embora eu ainda possa ver a raiva queimando dentro deles. — Ele também disse que vai puxar algumas cordas se você quiser se matricular lá quando o bebê nascer, dado o fato de que até agora a sua nota foi estelar.

— Como você sabia disso? — Eu respiro.

— Lia. — Ele diz como um meio de explicação.

Quero fazer mais perguntas, mas o pai dele interrompe o nosso momento.

— Isso tudo parece incrível, mas você está ciente de quão trabalhoso é ter uma família?

O corpo inteiro de Max está tenso. — E você é quem fala? — Ele joga de volta para o pai, virando-se para encará-lo. — Você, que destruiu nossa família. Você, que nunca esteve em casa porque tinha que trabalhar. Você quer me ensinar como é difícil ter uma família? Eu não sou idiota, *pai*. Estou disposto a tentar e dar tudo de mim. Não espero que seja fácil, mas sei que Brook vale a pena. Minha família, *nossa* família, vale a pena. E se for o caso, prefiro desistir do hóquei do que desistir dela.

Lágrimas caem bem nos meus olhos. O hóquei é sua vida, seu futuro, eu deveria saber, porque estava lá ajudando-o a alcançar seu sonho no ano passado. E quando ele me disse que conseguiu, eu não poderia estar mais orgulhosa dele. E agora ele diz que está disposto a desistir de tudo por mim. Como se precisasse de outro motivo para me apaixonar ainda mais por ele.

— Agora, se você terminou de lançar acusações contra nós, vou levar minha namorada para comer.

E com essas palavras, ele me puxa para fora da sala e longe de sua família.

Capítulo Sessenta e Sete

BROOK

— Como você está se sentindo? — Eu pergunto a ele, tomando um gole de água.

Max quase me arrastou para fora da casa dele. Eu podia sentir todas as emoções girando dentro dele, então o deixei. Pensei que ele me levaria para casa, mas em vez disso, parou em uma lanchonete para pegar algo para comer para nós e depois continuou dirigindo até chegarmos ao parque, o mesmo onde nos encontramos pela primeira vez.

Parecia déjà vu, mas estávamos tão distantes das crianças que se conheceram há um ano neste mesmo lugar.

— Está tudo bem em ficar decepcionado? — Ele pergunta, balançando levemente no balanço ao lado do meu.

— Claro. Eu acho que eles precisam de tempo para se adaptarem — Ofereço. Não tenho certeza se estou dizendo a verdade ou não; não conheço os pais dele do jeito que ele conhece. Inferno, com o quão disfuncional meus pais são, eu deveria ser a última a dar conselhos a alguém.

— Talvez. — Ele concorda, e eu posso ver que terminou de falar sobre seus pais, então deixo para lá. Há algo mais sobre o qual eu queria falar de qualquer maneira.

— Então. — Falo devagar. — Você conversou com seu novo treinador.

Isso traz um pequeno sorriso tímido ao rosto. — Talvez. — Quando eu dou a ele um olhar severo, ele suspira. — Eu queria ter todos os fatos antes de conversarmos sobre isso novamente. O que disse aos meus pais é verdade. Não sou o primeiro aluno a vir com uma família. Não quero te apressar, mas preciso de uma resposta o mais rápido possível, para que saiba se queremos a ajuda deles para encontrar moradia. Mesmo que você não decida vir, provavelmente encontrarei um apartamento fora do campus. Não quero que você pense que não é bem-vinda a qualquer momento que quiser.

Eu olho para ele, minha mão estendendo para tirar uma mecha de cabelo do rosto. — Você realmente quer isso, não é?

— Quero que você seja feliz, Brook. Essa é a única coisa que importa.

— Eu sou. Você me faz feliz.

Inclinando-me mais perto, deixo meus lábios roçarem os dele. É lento e doce, e faz meu corpo inteiro implorar por mais. Mais beijos. Mais das mãos de Max em mim. Mais dele.

Quando pisco meus olhos abertos, vejo a mesma necessidade que sinto dentro de mim refletida em seus olhos. A fome mal está contida sob a superfície, e não posso deixar de me perguntar quanto tempo até o controle que ele tem sobre si mesmo se romper.

— Eu vou fazer isso. — Seus olhos se arregalam com as minhas palavras sussurradas. — Eu vou com você para Boston.

Um sorriso tão grande que você pensaria que eu apenas o presentei com o mundo inteiro se espalha em seu rosto. Ele pula e me puxa em seus braços. A garrafa de água que eu estava segurando cai das minhas mãos quando ele me gira no ar, e não posso deixar de rir. Parece libertador estar aqui com ele; parece libertador e certo. Como se finalmente encontrasse meu lugar sob o sol.

— Você não vai se arrepender. — Ele me coloca no chão, suas mãos segurando minhas bochechas enquanto seus lábios caem nos meus. Ele me beija, longo e duro. Sua língua desliza sobre o meu lábio inferior, e o deixo entrar, gemendo ao primeiro toque.

A necessidade ondula através de mim, então eu me aproximo, meus braços envolvendo seu pescoço e trazendo nossos corpos colados um contra o outro.

— Humpf. — Max assobia, quebrando o beijo.

Gemendo em protesto, eu olho para ele. — E agora?

— Você não sentiu isso?

— Senti o que? — Eu franzo a testa, olhando para ele. Suas mãos vão para a minha barriga, bem a tempo de outro pequeno chute no meu ventre. Meu coração acelera como todas as outras vezes que senti o bebê se mover.

— Oh, ele tem feito isso de vez em quando ultimamente, mas nunca tão forte.

Max se agacha na minha frente, suas mãos pressionando mais forte contra o meu estômago enquanto espera. Olhos cinzentos disparam para o meu rosto, cheios de admiração. — Você ainda acha que é um menino?

— Eu posso senti-lo chutar, e ainda é muito cedo.

— Talvez seja uma garota. — Max sorri quando sente outra, embora desta vez chute mais leve contra o meu estômago. — Jeanette tem um gancho de direita desagradável, basta perguntar ao seu irmão. Provavelmente é de família.

Família.

Eu nunca tive uma família real. Nunca pensei que *queria* uma, mas só estava me enganando. Fazendo o meu melhor para proteger o pouco que restou do meu coração. A velha Brook seguiria suas regras, condenando-se a uma vida solitária de sua própria autoria, mas esta Brook... Ela é mais forte. E, olhando para trás, percebo que as regras que eu pensava que deveriam me proteger acabaram me machucando. Elas me deram um motivo para me esconder, mas cansei de me esconder.

Correndo minhas mãos pelos cabelos de Max, olho para ele, a alegria e o amor brilhando em seus olhos. Ele veio atrás de mim. Ele repreendeu seus pais por mim. Desistiria de tudo por mim. Para a nossa família.

Ele não merecia nada menos.

— Max. — Eu chamo o nome dele em um chiado de ar que mal consegui empurrar para fora dos meus pulmões. Esses olhos cinzentos levantam para os meus quando sinto o tijolo final cair. Este é o garoto que conhece meus segredos mais profundos e sombrios. O garoto que me viu no meu nível mais baixo, ainda me ama, apesar disso. Talvez eu deva fazer o mesmo. — Eu te amo. Eu me apaixonei por você no momento em que nos conhecemos neste mesmo local, e acho que não parei de cair desde então.

— Brook... — Ele se levanta, suas mãos segurando as minhas. — Você não...

— É verdade. Eu tentei resistir; tentei resistir a *você*. Mesmo quando você veio me buscar, parte de mim estava lutando contra a atração que de alguma forma sempre me traz de volta para você. Mas eu parei de lutar. Quero isso. Eu quero *você*. Quero nossa família e amigos e o futuro que me mostrou que poderíamos ter. Eu quero que a gente vá para a faculdade e quero sentar na arquibancada, torcendo por você. Quero domingos preguiçosos na cama e férias em família com nossos

amigos. Eu quero ver você segurar nosso bebê. Amo você e quero que sejamos uma família.

— E nós seremos. — Max sussurra, sua testa tocando a minha enquanto ele me puxa para um abraço. — Nós vamos ter tudo.

— Eu sei que as probabilidades não estão a nosso favor.

— Dane-se as probabilidades. Se eu fiz você se apaixonar por mim, nada é impossível.

— Você me fez quebrar minhas regras.

— E eu faria você quebrá-las novamente só para tê-la em meus braços. Você é minha, Brook Taylor. Toda você pertence a mim, e não vou deixar você ir. Nem agora nem nunca.

Com isso, seus lábios selam os meus em um beijo que me deixa sem fôlego, parando todas as possibilidades de protestar. Não é como se quisesse. Porque tudo o que ele disse era verdade.

Tudo de mim pertence a ele, assim como tudo nele pertence a mim.

Para sempre.

Epílogo

BROOK

— Brook, você terminou? Já estamos atrasados! — Andrew chama da sala, onde está andando pela última meia hora. Eu não sei o que tem em sua cueca uma reviravolta assim. Afinal, estamos nos formando hoje.

Depois de algumas semanas agitadas que eu passei a maior parte do tempo estudando para que pudesse ser considerada como formada, finalmente estávamos atravessando esse estágio e terminando. Não é a maneira mais emocionante de pensar, mas terminei com a Greyford High.

— Vamos! — Eu grito de volta, pegando minha toga e colocando-a na minha cabeça.

Dando-me um último olhar no espelho, mal reconheço a garota - mulher, realmente - que está olhando para mim. Sua maquiagem é leve, mas de bom gosto, seu cabelo enrolado em mechas soltas que caem pelas costas. Ela cresceu, apesar de um pouco irritadiça e muito mais gostosa.

A túnica de poliéster azul escuro que estou usando não ajuda muito em nenhum dos meus problemas, mas eu a suporto porque prometi a Andrew e Max que faria isso.

Feliz, por mais que eu possa ser, com meu reflexo, saio do meu quarto e vou em busca de Andrew.

Fiel à sua palavra, ele encontrou um apartamento para nós na mesma semana em que voltei a Greyford. Era totalmente mobiliado, o que era uma grande vantagem, e facilitava muito a mudança, porque só tínhamos que arrumar nossas roupas e nossos poucos pertences e estávamos prontos para ir. E embora as coisas com Max estavam incríveis, eu apenas preferi ficar com Andrew. Não apenas porque sabia que os pais de Max ainda estavam se adaptando à coisa toda de seu filho ter uma namorada grávida, mas também porque queria passar um tempo com Andrew antes de sairmos para a faculdade no final do verão. Nós ficamos muito próximos nas últimas semanas, e sentiria falta dele quando não morássemos mais na mesma cidade.

— Você está bonita. — Diz Andrew assim que eu entro na sala de estar.

— Obrigada. Você não está tão ruim também. — Digo, acolhendo-o. Como eu, ele está vestido com um manto azul combinando, calça e sapatos escuros espreitando por baixo. — Pronto para ir?

— Na verdade. — Andrew me para antes que eu consiga me virar. Franzindo a testa, olho para ele puxar a gola.

— Algo está errado? — Não é bom quando Andrew começa a ficar nervoso como está agora.

— Eu queria falar com você sobre algo antes de sair.

— Okaay... — Eu falo esperando que ele continue. O que era tudo isso? Ele não disse que estávamos atrasados?

Esfregando a nuca, ele suspira. — John está vindo para a formatura.

— Não vejo como isso tem algo a ver comigo.

John Hill e eu não conversamos desde que me deu o dinheiro para me ajudar a desaparecer. Não tive nenhum contato com ele desde

então, e também não queria. Ele não era um assunto que Andrew e eu discutimos, e preferia assim. Ter Andrew e meus amigos na minha vida era mais do que suficiente para mim. Eles eram minha família e, embora não fôssemos perfeitos, era uma família dez vezes melhor do que meus pais biológicos poderiam me dar.

— Eu sei que você disse que não quer nada com ele...

— O que é isso, Andrew? — Eu pergunto, decidindo que é melhor ir direto ao ponto.

— Isso. — Ele suspira, colocando uma pasta nas minhas mãos.

— O que é isso? — Olho para baixo, minhas mãos trêmulas demais para abri-la.

— É um fundo fiduciário.

— Andrew...

— Brook... — Ele repete no mesmo tom. — Ele te deve. Eu sei disso e você sabe disso. Não há razão para ficar sem dinheiro. E embora eu saiba que Max cuidará de você, quero que tenha algo seu.

— É dinheiro sujo de uma pessoa que me abandonou. Alguém que nunca me quis.

Ok, talvez eu não fosse tão indiferente quanto queria ser. Mas você pode me culpar?

As mãos de Andrew cobrem as minhas, que ainda estão segurando a pasta. — Use o dinheiro para algo bom. Pague seu diploma quando estiver pronta para a faculdade ou guarde-o para o seu bebê. O que quiser fazer, mas prometa que vai usá-lo.

Ele olha para mim, seus olhos implorando. Engolindo em seco, forço-me a concordar. — Se isso lhe dará paz de espírito.

— Dará. — Ele escova a palma da mão sobre a minha bochecha. — Eu não estarei lá todos os dias para mantê-la segura, mas posso lhe dar isso. Agora vamos. Estamos realmente atrasados.

Andrew não estava brincando; nós realmente estávamos atrasados. Tanto que ele teve que dirigir como um maníaco, e mesmo assim, logo que chegamos ao campo de futebol onde a formatura estava sendo realizada, fomos conduzidos a nossos lugares e a cerimônia começou.

Puxando minha gola, olho em volta, procurando por meus amigos. Max e Jeanette estavam sentados na minha frente, mas Lia, Derek e Andrew estavam perdidos nos rostos da nossa turma de formandos, uma vez que estavam mais perto do pódio.

Eu vislumbro o olhar preocupado de Max em mim.

Você está bem? Ele fala, e eu lhe dou um polegar.

Está mais quente do que o típico no final de maio, e toda essa corrida não ajudou. Eu podia sentir o suor se formando na minha testa, e o vestido que usava por baixo da túnica estava grudado no meu corpo.

Felizmente, nosso orador oficial não teve um discurso longo, então tudo estava acontecendo mais rápido do que o esperado. As pessoas começaram a se levantar, indo ao pódio para obter seus diplomas. Bati palmas educadamente com todo mundo, apenas demonstrando verdadeira emoção quando um dos meus amigos pegou o dele.

Depois de mais ou menos trinta minutos nossa linha foi orientada a se levantar. Eu senti um chute nas minhas costelas quando estava me

levantando. O bebê estava mais ativo agora, e não havia mais como esconder que estava realmente grávida. Minha barriga ficava maior e mais redonda a cada dia, e sinceramente, não sabia como sobreviveria a três meses ou mais assim. Embora eu deva admitir que ter Max comigo, com as mãos ou os lábios tocando minha barriga, compensou todas as coisas ruins, como o fato de que não consigo parar de suar e que minhas articulações estão inchadas 24 horas por dia.

— Jeanette Sanders. — Ouço o chamado, me tirando dos meus pensamentos. Um aplauso alto soa pela sala. Eu posso ouvir Andrew assobiando e Lia aplaudindo. Então tudo acaba, quando a próxima pessoa é chamada.

— Maximillian Sanders.

A torcida é ainda mais alta agora, se possível. Há vaias e gritos vindos do time de hóquei, sua família e nossos amigos.

Eu o assisto atravessar o palco, meu coração batendo forte no peito. Ele fez isso, e não poderia ter mais orgulho dele se tentasse.

Assim que ele aperta a mão do diretor e pega seu diploma, se vira, seus olhos encontrando os meus.

Dando-me uma piscadela brincalhona, ele desce.

A fila continua se movendo e, com cada pessoa que obtém seu diploma, meu coração está batendo mais rápido.

Por que eu concordei com isso? Hoje não há ninguém aqui para mim, exceto meus amigos. Estou obviamente grávida e vou me envergonhar...

— Brook Taylor.

Eu mal posso ouvi-lo através do som do meu batimento cardíaco.

Inspirando bruscamente, levanto meu queixo. Não há recuo agora. Forçando minhas pernas a se moverem, subo a escada final e caminho até o diretor. Ele me oferece sua mão com um sorriso educado. — Parabéns.

— Obrigada. — Eu aperto a mão dele, pegando o diploma e indo embora enquanto aplausos e aplausos me acompanham pelo palco.

Assim que estou fora, sinto mãos fortes em volta de mim. — Você fez isso!

— Nós conseguimos. — Eu digo, devolvendo seu abraço.

Dando um passo para trás, Max olha para mim com o mundo inteiro nos olhos. — E este é apenas o começo.

— Sim, é apenas o começo.

Levantando nas pontas dos dedos dos pés e pressionando minha boca contra a dele, eu o beijo sem sentido. Marcando-o como meu na multidão de pessoas, porque tudo de mim já pertence a ele.

Fim

Agradecimentos

Não acredito que é isso! Por dois anos, vivi e respirei o mundo de Greyford High, e agora é hora de dizer adeus. Esses livros, esses personagens, cresceram muito mais do que eu jamais poderia imaginar, cada história individual me levando na jornada de uma vida. Não posso nem começar a explicar como estou orgulhosa do que todos eles realizaram e como mudaram e amadureceram desde o início da série. Pode parecer estranho para você, mas não é para mim. Eu posso ser a autora dessas histórias, deste mundo, mas são meus personagens que lideram a história na direção que ela deveria seguir. Sim, tenho algumas ideias, mas são principalmente elas que me corrigem e me levam na direção certa. Às vezes eu não gosto, na maioria das vezes nem concordo, mas aceito de qualquer maneira porque sei que devo aos meus personagens contar *a* história *deles*. Somos todos imperfeitos, mas essa é a beleza de ser humano.

A história de Brook e Max foi a mais difícil de escrever. Eu sabia desde o começo. Isso me destruiu, emocional e mentalmente, mas realmente acredito que há uma mensagem bonita, embora comovente, escondida por trás dela.

Como sempre, eu adoraria agradecer à minha linda equipe. Nina, obrigada por sempre ouvir meus discursos, mesmo quando eu me repito uma e outra vez. Quando te enviei uma mensagem, do nada, eu não sabia que amigo incrível teria, e agora não consigo imaginar minha vida sem você. Aos meus belos leitores beta - Andrea, Stephanie, Melody, Carrie e Casie - obrigado por me ajudar a oferecer a meus leitores a melhor versão possível deste livro.

Para minha equipe dos bastidores - Tricia, Najla, Abi - este livro não seria o que é sem vocês. Estou muito feliz por poder trabalhar com pessoas tão talentosas.

Aos meus adoráveis Bookmantics e Supergirls - obrigada a vocês por todo o apoio que constantemente me dão. Não posso dizer o suficiente, mas vocês são demais.

Aos meus leitores - obrigada por dar uma chance a este livro (e séries)! Eu realmente espero que vocês tenham gostado da conclusão da série Greyford High.

Até o próximo livro...

Com amor,

Anna